FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

Identidade(s) Científica(s): o património documental de Fernando da Silva Correia (1893-1966)

Joana Cristina Beato Ribeiro

Tese de Doutoramento em História (área de especialização: Arquivística Histórica)

Versão corrigida e melhorada após defesa pública

VOLUME 1

Janeiro, 2025

DECLARAÇÕES

Declaro que esta Tese é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

Declaro ainda que tomei conhecimento do Código de Ética da Universidade NOVA disponível na intranet e que foram respeitados os seus termos no decorrer do presente trabalho de investigação.

O candidato,

Assinado por: **JOANA CRISTINA BEATO RIBEIRO**
Num. de Identificação: 14382194
Data: 2025.01.19 18:12:27+00'00'

..., ... de ..... de .....

CARTÃO DE CIDADÃO

Declaro que esta Tese se encontra em condições de ser apreciado pelo júri a designar.

Declaro ainda que tomei conhecimento do Código de Ética da Universidade NOVA de Lisboa disponível na intranet.

O(A) orientador(a),

Assinado por: **MARIA DE LURDES PEREIRA ROSA**
Num. de Identificação: 06934980
Data: 2025.01.19 19:14:33+00'00'

Maria de Lurdes Rosa

Lisboa, ... de ..... de .....

Declaro que esta Tese se encontra em condições de ser apreciado pelo júri a designar.

Declaro ainda que tomei conhecimento do Código de Ética da Universidade NOVA de Lisboa disponível na intranet.

O(A) orientador(a),

Assinado por: Paula Alexandra Ochôa de Carvalho Telo
Identificação: BI06221583
Data: 2025-01-20 às 07:24:08

_____

Lisboa, ... de ..... de .....

Declaro que esta Tese se encontra em condições de ser apreciado pelo júri a designar.

Declaro ainda que tomei conhecimento do Código de Ética da Universidade NOVA de Lisboa disponível na intranet.

O(A) orientador(a),

_____

Lisboa, ... de .....

Assinado por: Maria de Fátima Nunes Ferreira
Identificação: BI05037559
Data: 2025-01-19 às 21:30:16
Local: LISBOA
Motivo: PARECER CIENTIFICO

Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em História realizada sob a orientação científica das Professoras Doutoras Maria de Lurdes Rosa, Paula Ochôa e Maria Fátima Nunes.

Apoio financeiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia através de uma Bolsa de Doutoramento (SFRH/BD/149075/2019, DOI 10.54499/SFRH/BD/149075/2019), cofinanciado pelo Fundo Social Europeu.

Para a minha família, em especial à Josefa, à Marília e à Lolita

Ao Professor João B. Serra (1949-2023)

AGRADECIMENTOS

Neste momento, não há forma de reunir todos os nomes que mereciam agradecimento, todos os autores e momentos que inspiraram as próximas páginas.

Em primeiro lugar, um agradecimento à Fundação para a Ciência e a Tecnologia que, através da Bolsa de Doutoramento, tornou possível o desenvolvimento deste trabalho, em especial as longas horas de descrição de documentos e de leitura de milhares de cartas (com letra de médico).

É, depois, imperativo agradecer às Professoras Maria de Lurdes Rosa, Maria Fátima Nunes e Paula Ochôa pelo desafio lançado e pelo acompanhamento ao longos destes anos de investigação.

Segue-se um profundo agradecimento e uma palavra de grande admiração à Doutora Natália Correia Guedes e a toda a família Correia. Se já vai longe o tempo em que o arquivo de Fernando da Silva Correia foi aberto aos investigadores, o complemento reunido através do arquivo familiar abriu novas perspetivas sobre a história custodial e as práticas arquivísticas de todos os envolvidos na preservação do objeto de estudo.

Igualmente fundamental é um largo agradecimento à Dra. Isabel Xavier, que tem sido uma amiga presente neste percurso, ajudando-me em todos os momentos e esclarecendo dúvidas básicas sobre a história local. Desejo que continuemos a trabalhar em prol da valorização patrimonial e do PH!

No seio da associação PH, tenho de destacar a Dra. Paula Cândido e a Doutora Dóris Santos, com quem desabafei sobre temas arquivísticos e doutorais e cujo trabalho é um exemplo que sigo.

Esta Tese é dedicada ao Professor ao Dr. João B. Serra, que nos deixou em 2023. Precocemente na minha opinião, pois havia muita história a contar e eu contava que pudéssemos ainda discutir muito do que se seguirá nas próximas páginas. As Caldas da Rainha ficaram mais pobres, tem faltado substância histórica e cultural em quase tudo, mas continuamos na esperança de que o seu legado perpetue.

Um agradecimento à Doutora Teresa Silva e ao Dr. Hélder Machado, pelas conversas sobre Serviço Social e Ciência da Informação.

De entre todos os investigadores e autores que referencio ao longo desta Tese, tenho de destacar o Doutor Fernando da Silva Correia, a quem deixo a minha singela homenagem pela sua intensa produção intelectual e pela clara sede de conhecimento, que me parece estar acima de quaisquer outras questões na sua vida.

Dirijo o meu obrigado a todos os arquivistas e demais funcionários que me acompanharam sempre atenciosamente em Portugal e no estrangeiro.

Os grupos ARQFAM e VINCULUM, aqui incluo todas as doutoradas em AH, foram uma excelente companhia, dando um toque casual, mas sempre de alto vigor intelectual e científico a este percurso, agradeço a todos a partilha sempre profícua. O mesmo se aplicando ao IHC e ao grupo de História da Ciência, onde conheci excelentes investigadores e pessoas.

Agradeço a todos os amigos, a maioria apenas cruzou uma parte deste percurso – o que se justifica talvez pela incapacidade de tirar o foco deste trabalho absorvente -, mas destaco a que tem sido a melhor de todos: a Valérie, inesperada e consistente, uma alegria constante na minha vida!

E, por último, mas sempre os primeiros no meu coração. Agradeço a toda a minha família, em especial às minhas avós Josefa e Ofélia e aos meus avôs Francisco e Paulino, que hoje sei serem aqueles que cultivaram em mim este bichinho da História. Aos meus pais, cujo apoio incondicional tem sido sempre a minha força. À minha irmã que me obriga a elevar a fasquia diariamente. Ao David, o meu consultor informático particular e apoio incondicional desde esse ano convulso de 2020. E à Lolita, a companheira de todas as horas!

> “Depois desta longa e fastidiosa leitura V. Ex.as dirão, como os ingleses: - Words, Words!...O que nós precisamos é de obras.” (Correia, 1934, p. 79).

Identidade(s) científica(s): o património documental de Fernando da Silva Correia (1893-1966)

Joana Cristina Beato Ribeiro

RESUMO

O arquivo pessoal e familiar Fernando da Silva Correia, produzido entre 1850 e 1970 e doado por Natália Correia Guedes à associação Património Histórico – Grupo de Estudos (Caldas da Rainha) em 2015, é aqui analisado enquanto património documental do seu produtor principal. Os treze mil documentos que o compõem testemunham a vida e o percurso profissional do médico, higienista e historiador da Medicina Fernando da Silva Correia (1893-1966), constituindo um importante registo da cultura e da ciência em Portugal durante a primeira metade do século XX. O tratamento arquivístico conjugou um aprofundado conhecimento da(s) biografia(s) do(s) produtor(es) informacional(is), da história custodial deste conjunto e do contexto de produção informacional, aliando os métodos seguidos pela Ciência da Informação (para os arquivos pessoais) aos da Arquivística Histórica para melhor constituir o quadro orgânico-funcional, que garante um maior entendimento do conjunto documental para o utilizador. Este processo de tratamento arquivístico foi acompanhado da definição das tipologias documentais que compõe o arquivo, destacando-se a correspondência (recebida). Esta, pela sua relação com a produção intelectual de Fernando da Silva Correia, pelo contributo para o conhecimento biográfico e contextual da sua vida e das suas funções profissionais, afigurou-se o principal objeto da análise historiográfica. Nesta análise, este tipo documental é entendido como parte do contributo deste arquivo para o avanço do conhecimento da História da Ciência e da Medicina, no período em que este foi produzido. A correspondência, tal como se procurou demonstrar, permite enquadrar Fernando da Silva Correia entre os atores participantes na edificação de uma memória e património científicos e, por isso, de identidade. A relação estabelecida entre o tratamento arquivístico e a análise historiográfica da produção informacional de Fernando da Silva Correia, assume-se como o trabalho necessário para a definição do património documental deste médico, que pode assim ser apresentado ao utilizador e à(s) comunidade(s) nele interessada(s) de forma mais completa, acessível e contextualizada.

PALAVRAS-CHAVE: História; Ciência; Arquivística Histórica; Património documental; Fernando da Silva Correia

Scientific(s) identity(ies): the documental heritage of Fernando da Silva Correia (1893-1966)

ABSTRACT

The personal and family archive of Fernando da Silva Correia, produced between 1850 and 1970 and donated by Natália Correia Guedes to the Património Histórico – Grupo de Estudos association (Caldas da Rainha) in 2015, is analyzed here as part of the documentary heritage of its primary creator. The thirteen thousand documents that make up the archive testify to the life and professional career of Fernando da Silva Correia (1893-1966), a physician, hygienist, and historian of Medicine, and constitute an important record of culture and science in Portugal during the first half of the 20th century. The archival arrangement and description combined in-depth knowledge of the biography(ies) of the informational creator(s), the custodial history of the collection, and the context of its creation, blending methodologies from Information Science (for personal archives) with those of Historical Archivistics to more effectively establish the organic-functional framework. This approach ensures a deeper understanding of the documentary collection for the user. This archival arrangement and description process was accompanied by the identification of the documentary typologies that make up the archive, with particular emphasis on the correspondence (received). Due to its relationship with Fernando da Silva Correia's intellectual production and its contribution to the biographical and contextual understanding of his life and professional roles, this correspondence emerged as the primary focus of historiographical analysis. In this analysis, this documentary typology is viewed as part of the archive's contribution to advancing knowledge in the History of Science and Medicine during the period in which it was produced. As we have demonstrated, the correspondence allows Fernando da Silva Correia to be classified among other actors involved in constructing scientific memory and heritage and, so, also identity. The relationship between the archival arrangement and description and the historiographical analysis of Fernando da Silva Correia's informational production is considered essential for defining this physician's documentary heritage, which can thus be presented to users and interested communities in a more comprehensive, accessible, and contextualized manner.

KEYWORDS: History; Science; Historical Archivistics; Documentary heritage; Fernando da Silva Correia

ÍNDICE

Introdução..... 1

Parte I – Tratar o arquivo pessoal e familiar Fernando da Silva Correia: adversidades e soluções.....4

Capítulo 1 - O caminho até aqui: história custodial e pegada arquivística.. 5

Capítulo 2 - A Ciência da Informação, a Arquivística Histórica e os arquivos pessoais – um estado da arte..... 13

2.1. História e Arquivística, História da Informação e dos Arquivos e Arquivística Histórica..... 17

2.2. Os arquivos pessoais e familiares entre a Ciência da Informação e a Arquivística Histórica..... 31

2.3. Entre os arquivos pessoais, os de cientistas e médicos..... 34

2.3.1. Arquivos de médicos em Portugal: análise 41

2.3.1.1. Alguns exemplos à lupa 43

2.3.1.2 O que sabemos e o que não sabemos – estado do tratamento e estudo..... 49

Capítulo 3 – Organizar, classificar e descrever – o arquivo como laboratório 54

3.1. Problemas e métodos do tratamento arquivístico 57

3.2. Preservar documentos num contexto rico..... 61

3.2.1 O quadro orgânico-funcional..... 67

Capítulo 4 – Dar acesso – a descrição online e ferramentas pensadas para o utilizador 75

4.1. Em primeiro lugar: as tipologias documentais..... 79

4.1.1 Documentos e livros: produção intelectual/ científica, apontamentos (de leituras), cadernos, agendas… 83

4.1.2 “Mais cem, cem assuntos!” : a correspondência (recebida)86

4.1.3 Fotografia..... 96

4.2 Representação da informação e do conhecimento: informação, conhecimento, descrição, acesso, IDD’s e utilizador 96

Parte II - Identidade(s) Científica(s): Fernando da Silva Correia no seu tempo pelo olhar do seu arquivo 108

Capítulo 1 – Fernando da Silva Correia – entre a biografia e o contexto (científico) 109

1.1. Fernando da Silva Correia na historiografia..... 114

Capítulo 2 – “Até qualquer dia, epistolarmente falando” : a correspondência, redes e identidade(s) nas décadas de 1910 a 1960 120

A. “Cartas não são papéis velhos”: produção informacional epistolar e práticas arquivísticas..... 122

B. Contextualizar a correspondência (e a vida) de Fernando da Silva Correia 126

2.1. “Dar uma ideia da alma da mocidade académica do seu tempo”: a correspondência de lentes e condiscípulos..... 131

2.1.1 “Sei que o Fernando é bem visto pelos professores”: primeiros anos e primeiras letras..... 131

2.1.2. “Encontra-se ali toda a Coimbra do nosso tempo”..... 140

A. A *República Transatlântica* ou dos *Pra-Kys-tão*: “um monumento mais a visitar” 146

B. “Chamam a isto democratização do ensino!” 146

C. A “despedida da vida descuidosa de rapazes”: récitas, fado, teatro e caridade 151

D. “Album familiar de saudades de antanho”..... 157

2.2. Registar a *Vida Nova* numa Europa em guerra..... 162

2.3. “Assistente da rainha D. Leonor”: saúde, desenvolvimento e História nas Caldas da Rainha..... 186

A. “A minha grande satisfação não é dinheiro - é curar os meus doentes.” 189

B. “Os homens de sciência tem um feito” – a ação dos delegados de saúde..... 191

C. “Casas de bem-fazer” nas Caldas da Rainha..... 203

D. Fazer “das termas caldenses as mais celebradas do País”220

2.4. *Mens Sana in Corpore Sano* 232

A. *Auto da fundação da medicina escolar*..... 234

B. “Quando tenciona vir Tomar a borla e o capelo?” 251

C. Da *Ordem na Medicina* à “liberdade ferroviária” 253

2.5. Assistência Social: propaganda no Estado Novo..... 259

A. A Misericórdia das Caldas da Rainha 260

B. Estudo da “actividade leonorina”..... 261

C. Bolseiro do Instituto para a Alta Cultura..... 267

D. “Então êsse Boletim Oficial de Assistência?” 274

E. “A primeira escola de Serviço Social em Portugal”..... 281

2.6. "Será que andas a pensar numa higiene nova?” : Ricardo Jorge, o culto da figura e do Instituto..... 283

A. "Querido Mestre": os cursos do Instituto..... 291

B.“Mestre de sanitaristas portugueses, Môdelo de sanitaristas mundiais.”..... 295

C.“Só pelos jornais vou sabendo que se agita na sua vida profissional e literária.” 297

Conclusão 305

Referências Bibliográficas 310

LISTA DE ABREVIATURAS

ADB – Arquivo Distrital de Braga

ADLRA – Arquivo distrital de Leiria

AFCT – Arquivo da Fundação para a Ciência e Tecnologia

AFLUC – Arquivo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

AH – Arquivística Histórica

AHM – Arquivo Histórico-Militar

AHMC – Arquivo Histórico Municipal de Chaves

AHMCR – Arquivo Histórico Municipal das Caldas da Rainha; BMCR – Biblioteca Municipal das Caldas da Rainha

AHMRM - Arquivo Histórico Municipal de Reguengos de Monsaraz

AMAV - Arquivo Municipal de Albergaria-a-velha

AMO – ARM - Arquivo Municipal de Olhão António Rosa Mendes

AMP – Arquivo Municipal do Porto

AMS - Arquivo Municipal de Sines

AMSMB – Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner

AMVC - Arquivo Municipal de Viana do Castelo

ARBPM - Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira

AtoM – Access to Memory

AUC - Arquivo da Universidade de Coimbra

BGUC - Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

BNP – ACPC – Biblioteca Nacional de Portugal – Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea

BPARLSR - Biblioteca Pública e Arquivo Regional Luís da Silva Ribeiro

BPARPD - Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada

BPMP - Biblioteca Pública Municipal do Porto

CALP - *Corps Artillerie Lourde Portugais*

CAPI – Corpo de Artilharia Pesada Independente

CDBB – Centro de Documentação Bissaya Barreto

CEP – Corpo Expedicionário Português

CI – Ciência da Informação

CMAG - Casa Museu Anastácio Gonçalves

CMAS Casa-Museu Abel Salazar

CMCR – Câmara Municipal das Caldas da Rainha

CMEM - Casa Museu Egas Moniz

CMFN – Casa-Museu Fernando Namora

CPF – Centro Português de Fotografia

CRSIQS - Casa Reinaldo dos Santos e Irene Quilhó dos Santos

EICEL 1920 – EICEL 1920 Associação para a Defesa do Património Mineiro, Industrial e Arquitetónico

FAO - Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura

FCG – Fundação Calouste Gulbenkian

FLUL – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

FLUP – Faculdade de Letras da Universidade do Porto

FLUP – SDI - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Serviços de Documentação e Informação

FMS – Fundação Mário Soares

FMUP – Faculdade de Medicina da Universidade do Porto

IAC – Instituto para a Alta Cultura

ICA – International Council of Archives

ICPD – Instituto Cultural de Ponta Delgada

ID-AHD – Instituto Diplomático – Arquivo Histórico Diplomático

IDD – Instrumento(s) de Descrição Documental

IHC – Instituto de História Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

IHMT – Instituto de Higiene e Medicina Tropical, Biblioteca

INSA – Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge

ISAAR-CPF - *International Standard Archival Authority Record for Corporate Bodies, Persons and Families*

ISAD-G - *General International Standard Archival Description*

ISCTE – Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa do Instituto Universitário de Lisboa

ISDIAH - *International Standard for Describing Institutions with Archival Holdings*

ISHRJ – Instituto Superior de Higiene Doutor Ricardo Jorge

LNEG – Laboratório Nacional de Energia e Geologia

MA - Museu de Arqueologia

MAH - Museu de Angra do Heroísmo

MHMML – FMUP - Museu de História da Medicina Maximiano Lemos, Faculdade de Medicina da Universidade do Porto

MHNC – UP – Museu de História Natural e da Ciência, Universidade do Porto

MNA – Museu Nacional de Arqueologia

MNR – Museu do Neorrealismo

MP – Museu de Portimão

NMA – BDMJD - Núcleo Museológico de Arada – Biblioteca Dinisiana do Museu Júlio Dinis

ODA - *Orientações de Descrição Arquivística*

OMS - Organização Mundial de Saúde

PH – Património Histórico – Grupo de Estudos

RiC-CM - *Records in Context*

SCMCR – Santa Casa da Misericórdia das Caldas da Rainha

TT – Arquivo Nacional Torre do Tombo

INTRODUÇÃO

A presente Tese de Doutoramento surge como principal resultado do projeto de investigação desenvolvido em torno do arquivo pessoal e familiar Fernando da Silva Correia. A escolha deste tema de Tese ou mesmo deste objeto de estudo – o arquivo (ou sistema de informação) pessoal e familiar Fernando da Silva Correia – parece já tão antiga e longínqua que não é fácil identificar um princípio, mas a sua descoberta ocorreu em maio de 2017. Todas as primeiras fases de contacto com o mesmo foram já mencionadas no trabalho de projeto *"Há correias que imprimem movimento": o espólio de Fernando da Silva Correia (1893-1966*), referido adiante.

O trabalho em torno do arquivo pessoal e familiar deste médico juntou várias áreas de investigação que se consideram fundamentais para conhecer e valorizar o património documental em causa. Foi no cruzamento de métodos da Arquivística Histórica, da História da Ciência e da Medicina e dos Estudos de Património que se procurou responder a uma série de questões que foram surgindo e que se encontram plasmadas nas duas partes que compõem esta Tese.

Após um longo trabalho de contacto com o arquivo e a sua envolvência – pensado aqui na família e na associação PH – tornou-se claro que este estudo, além de integrar problemáticas atuais da investigação nas áreas mencionadas, como a que a AH preconiza relativamente à necessidade de produzir novos entendimentos sobre os arquivos e as práticas arquivísticas ou histórias custodiais que lhe estão associadas, também precisava de um renovado tratamento arquivístico. Este devia imperativamente alcançar a correspondência, um conjunto de c. 9 mil cartas ainda por desvendar e (nalguns casos) reabrir ao mundo. E, mais do que isso, devia repensar o arquivo não só tendo em conta os tratamentos anteriores, mas procurando na biografia e atividade de Fernando da Silva Correia a resposta para entender e relacionar a documentação dispersa fisicamente.

Este processo desenvolveu-se em dois sentidos. Por um lado, a partir da pesquisa sobre outros arquivos pessoais e de cientistas ou médicos, especialmente em contexto nacional, que pudessem representar estudos de caso semelhantes ao deste trabalho. Entre esta pesquisa houve também a intenção de compreender possíveis formas de

tratamento arquivístico. E, por outro lado, foi na reunião de possíveis cruzamentos com a documentação em estudo noutros arquivos nacionais, no estudo da biografia e atividade de Fernando da Silva Correia (e nalguns momentos da sua família), assim como na recolha bibliográfica em torno da História da Ciência e da Medicina, que se encontrou um ténue fio condutor para a primeira tarefa deste trabalho: o tratamento do arquivo pessoal e familiar.

Pode assim dizer-se que a grande pesquisa empreendida nas próximas páginas é em busca de contexto e identidade, elementos que cruzam as várias áreas de investigação em que a presente Tese se alicerça. Isto porque, como está indicado em ambas as partes, os contextos de produção informacional e científico foram dois aspetos fundamentais para o tratamento de cada documento do arquivo, em diferentes fases. Por outro, a noção de identidade está presente tanto na Arquivística, como na História ou nos Estudos de Património, como forma de dar (ou de entender a preexistente) coesão entre diferentes grupos ou entre os elementos de um mesmo grupo. Neste caso, o tratamento arquivístico definiu-se como forma de ajudar a aceder aos diferentes contextos de construção identitária de Fernando da Silva Correia ao longo da sua vida. É no reconhecimento da pertença a uma identidade própria do cientista, médico, historiador e professor e na confirmação dessa identidade a partir do seu património documental, que se pode dizer que este é também um património científico, por revelar aspetos menos conhecidos da prática científica de um determinado contexto.

Os objetivos propostos inicialmente foram: 1) tratamento do arquivo pessoal e familiar Fernando da Silva Correia; 2) a análise da correspondência de Fernando da Silva Correia, enquanto elemento principal da sua produção informacional e fundamental para a definição da(s) sua(s) identidade(s) científica(s) e 3) a valorização deste património documental. Todos estes elementos continuam a compor o presente trabalho académico, mas foi necessário reequacionar em que medida as problemáticas 1) e 2) não constituíam suficiente trabalho de valorização patrimonial, especialmente pensado na dimensão e tempo disponíveis.

Nesse sentido, a presente Tese é então composta por uma primeira parte que procura responder à necessidade de tratar o arquivo pessoal e familiar Fernando da Silva

Correia. Começando por uma abordagem teórico-metodológica do problema a solucionar, apresenta-se em seguida a resposta dada através de uma (re)classificação da informação, segundo o modelo sistémico e a proposta de quadro orgânico-funcional previamente elaborada e assente, entre outros aspetos, na definição e caracterização das tipologias documentais e no contexto de produção informacional.

Na segunda parte é desenvolvida uma análise centrada na correspondência (recebida) pelo principal produtor do arquivo, Fernando da Silva Correia, à luz da História da Ciência e da Medicina, numa abordagem que demonstra a relação existente entre esta tipologia documental e as restantes que compõem o arquivo, na medida em que o arquivo, de facto, funciona como um sistema em que existe uma relação entre a documentação. Nesta parte, destaca-se ainda a pesquisa em torno da biografia, enquanto abordagem historiográfica, e da contemporaneidade na História da Ciência e da Medicina, como forma de mostrar o contexto atual de investigação e a sua influência no conhecimento sobre Fernando da Silva Correia e o seu arquivo.

PARTE I – TRATAR O ARQUIVO PESSOAL E FAMILIAR FERNANDO DA SILVA CORREIA: ADVERSIDADES E SOLUÇÕES

O primeiro objetivo definido para a presente Tese de Doutoramento foi, como o próprio título indica, tratar o arquivo pessoal e familiar Fernando da Silva Correia.

Este é um objetivo simples, no entanto, a sua concretização, como se verá, foi um processo sinuoso, que contou em particular com a análise aprofundada do objeto de estudo, em parte devido às suas especificidades, mas especialmente devido ao volume de documentação e de informação que este arquivo encerra. O que, por um lado, nos permite ter acesso a uma grande fatia da informação e documentação produzida pelo médico Fernando da Silva Correia ao longo da sua vida – e por isso (e não somente) introduzimos o conceito de património documental no título desta Tese, ao invés de espólio[1] como foi utilizado anteriormente ou somente de arquivo (que também utilizaremos ao longo do texto) - , mas que, por outro, representa maiores dificuldades no trabalho minucioso que é apreender os contextos de produção e igualmente compreender as lógicas de organização ou acumulação e recuperação, assim como os propósitos de produção da informação/ documentação existente.

Nesta Parte 1, acompanha-se o processo de tratamento, assim como o trabalho em torno da descrição da documentação, pensando num triângulo muito importante: Arquivo-Entidade detentora-Utilizador. Este triângulo afigurou-se fundamental para tomar algumas decisões ao longo deste processo, tanto no que diz respeito ao tratamento da informação, como relativamente à respetiva divulgação e disponibilização.

Como foi referido na introdução, parte deste processo foi iniciado no trabalho de projeto *"Há correias que imprimem movimento": o espólio de Fernando da Silva Correia (1893-1966*) (2018), daí que o primeiro capítulo procure resumir e mencionar as várias conclusões desse estudo e desse primeiro contacto com o arquivo. O segundo

[1] Como já se procurou deixar claro, este termo foi utilizado para fazer referência à posição arquivística e custodial que esteve subjacente aos processos de tratamento anteriores. No entanto, é evidente que espólio tem sido utilizado no contexto nacional (Carvalho, 2018, pp. 18-19).

capítulo constitui um estado da arte e a apresentação de algumas das problemáticas relevantes para esta Tese, baseadas (também) na bibliografia consultada, sobre arquivos (privados) pessoais e familiares e a forma como têm sido entendidos (analisados e tratados) pela Ciência da Informação e pela Arquivística Histórica, contando a sua relação com a História. Os terceiro e quarto capítulos ajudarão a perceber os vários passos para a descrição do arquivo e os critérios que foram adotados para a elaboração da mesma, através do cumprimento das normas internacionais e da sua adaptação a uma descrição multinível a partir do quadro orgânico-funcional elaborado previamente e alterado durante este período, mediante a observação e "organização" mais aprimorada da informação.

De uma forma geral, nesta fase do processo de tratamento procedeu-se a uma (re)classificação da informação, segundo o modelo sistémico. Esta tarefa esteve dependente do desenvolvimento do conhecimento sobre os diversos produtores informacionais deste arquivo, assim como do aprofundamento da sua história custodial. A descrição, os registos de autoridade dos produtores ou recetores/acumuladores da documentação, assim como os registos das entidades detentoras estão disponíveis no software em *open-source* (ou software livre) *AtoM* através da página que está associada aos doutoramentos em História, especialidade de Arquivística Histórica da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa[2].

Capítulo 1 – O caminho até aqui: história custodial e pegada arquivística

Neste primeiro capítulo, é apresentado o objeto de estudo da Tese: o arquivo ou sistema de informação pessoal e familiar Fernando da Silva Correia. Considerou-se importante caracterizar este arquivo e também mostrar os dados reunidos e as conclusões do trabalho de projeto *"Há correias que imprimem movimento": o espólio de*

[2] O registo de autoridade do produtor informacional Fernando da Silva Correia está disponível através do link: http://www.arquivisticahistorica.fcsh.unl.pt/index.php/correia-fernando-da-silva; e o registo da entidade detentora (a associação Património Histórico – Grupo de Estudos) também: http://www.arquivisticahistorica.fcsh.unl.pt/index.php/patrimonio-historico-grupo-de-estudos [Consult. 19 de outubro de 2020]. Durante a investigação também se procurou que a descrição arquivística fosse divulgada também através do *AtoM* pela Câmara Municipal das Caldas da Rainha, ou seja, a partir do lugar onde está a documentação e onde é possível consultá-la, até à data sem efeito.

Fernando da Silva Correia (1893-1966). Esse trabalho centrou-se na identificação dos produtores e dos seus percursos (individuais) influenciadores da informação reunida e preservada no arquivo; na análise dos lugares de custódia e das suas intervenções na documentação existente e nos primeiros passos do seu tratamento, através da elaboração de uma proposta de quadro orgânico-funcional.

O conceito ou expressão "pegada arquivística" pode ser considerado como a intervenção do cientista da informação no arquivo e na sua documentação. À partida este não engloba tanto o estudo aprofundado da sua história custodial, da produção informacional ou de outros aspetos, no entanto pareceu apropriado introduzi-lo neste capítulo da Tese, em que se resume e aborda o trabalho desenvolvido até ao início do projeto de doutoramento. Para saber mais, cf. (Nóvoa, 2016a, pp. 9–10, 73, 261 e 298; Sousa, 2017, p. 110; Gomes, 2019). Rita Sampaio da Nóvoa introduz o conceito a partir da ideia de Terry Cook (Cook, 2011, p. 617) (o mesmo artigo que o autor publicou em 2009 na *The Canadian Historical Review*), optando por estratégias capazes de diminuir a pegada dos arquivistas sobre o arquivo. Ao mesmo tempo que Maria João da Câmara Andrade e Sousa procura deixar clara essa pegada.

Ainda antes de passar a essa caracterização e resumo do trabalho de projeto referido, é relevante acrescentar que, de acordo com as opções teórico-metodológicas adotadas nesta Tese, dever-se-ia nomear o conjunto documental como sistema de informação, no entanto, tendo em conta a interdisciplinaridade com que se pauta este trabalho e a relação arquivo-comunidade (tanto a sua detentora, como a comunidade interessada no acesso e preservação do mesmo), considerou-se mais pertinente chamar-lhe arquivo[3], já que é o termo que produz maior entendimento junto do público em geral do conteúdo e formato informacional abordado.

[3] A definição de arquivo é simples, mas também complexa se se considerar a forma como evoluiu no tempo e a variedade de abordagens que passou a integrar. Em 2005, no *A glossary of archival and records terminology,* é definido como "Materials created or received by a person, family, or organization, public or private, in the conduct of their affairs and preserved because of the enduring value contained in the information they contain or as evidence of the functions and responsibilities of their creator, especially those materials maintained using the principles of provenance, original order, and collective control; permanent records." (Pearce-Moses, 2005, p. 30). Já em 2015, Adrian Cunningham, na *Encyclopedia of Library and Information Sciences*, oferece uma definição mais dinâmica e abrangente das atuais abordagens da ciência arquivística: "Common dictionary definitions of «archives» state that they are

O trabalho de projeto *"Há correias que imprimem movimento": o espólio de Fernando da Silva Correia (1893-1966)* foi desenvolvido para obtenção do grau de mestre em Património na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Durante a frequência do referido mestrado entre 2016 e 2018, e apesar da imensidão de áreas e âmbitos em que se pode subcategorizar o património, talvez tendo como motivação a formação académica de base em História, o património arquivístico ou documental foi sempre um dos principais interesses para trabalhos académicos e, assim, se percebeu o ainda longo percurso a desbravar para que um documento seja equiparado a um monumento. A grandiosidade e a visibilidade inequívoca de que um monumento constituí um testemunho único e irrepetível do passado, faz com que mais facilmente estes sejam classificados como património de interesse e a preservar. No entanto, a verdade é que tal só acontece se os arquivos não forem subestimados, já que grande parte do que podemos saber sobre esses mesmos monumentos e um largo conjunto de informações que lhes estão associadas chegam até nós através de documentos, ou seja, através da escrita, uma das formas mais correntes de transmissão da informação. O que significa que sem a preservação dos documentos, a sua descrição e o seu estudo, uma parte importante do passado, dos testemunhos que dele ainda existem em diferentes âmbitos e com diversas proveniências, está incompleta, o conhecimento fica truncado.

---

either places where historical records are kept or the organizations responsible for collecting and storing such documents. Beneath such seemingly simple, straightforward, and innocuous definitions lies a fascinating and far more interesting terrain of complex, contestable and dynamic views of archives and their role in society." (Cunningham, 2018, p. 179). Em 2021, a norma ISO, dedicada às estatísticas internacionais de arquivos, oferece também a(s) sua(s) definição(ões) de arquivo, que não destoa(m) muito das que têm sido apresentadas: "organization or part of an organization responsible for selection, acquisition, preservation, and availability of one or more archives" e ainda "materials, items, records or documents created or received by a person, family or organization, public or private, in the conduct of their affairs and preserved because of the enduring value contained in them or as evidence of the functions and responsibilities of their creator, especially those materials maintained using the principles of provenance, original order and collective control". As normas ISO apresentam também definições para diferente tipologias de arquivo – nacionais, regionais, locais, de departamentos, universitários, de corporações, audiovisuais, familiares e religiosos (*ISO 24083. Information and documentation - Internation archives statistics*, 2021, pp. 1–3). Ainda no caso português, afigura-se importante trazer uma das definições de arquivo, desenvolvida por Armando Malheiro da Silva (e restantes autores), no âmbito de uma transformação operada no campo das Ciências documentais e da Ciência da Informação na viragem para o século XXI (e que será abordada adiante): "um sistema bidimensional e nunca unidimensional" em que "se projecta com maior ou menor expressão a entidade produtora/ receptora de informação e nele se condensa, obviamente, o tratamento técnico e eficaz da mesma informação", em que se abre espaço para um "sistema patrimonial complexo" (Silva et al., 1999, pp. 39–40).

A preservação documental permite não só diversificar a informação disponível para o trabalho dos investigadores de todas as áreas, mas também cumpre um dos objetivos mais prementes dos estudos de património e de outras entidades que veem a sustentabilidade como fundamental para a manutenção da vida humana e do planeta tal como o conhecemos, já que nos ajuda nos processos de valorização patrimonial, na definição de identidades que fixam as comunidades aos territórios e lhe dão sentido e permite que o desenvolvimento da ciência e do conhecimento tenham uma forte ligação com este processo, numa estratégia que deve ser estratificada de forma nacional e global, não apenas local.

Estas foram algumas das preocupações que levaram a encontrar no arquivo, apresentado como pessoal, de Fernando da Silva Correia, um excelente caso de estudo para aprimorar as formas da valorização patrimonial dos arquivos. A relevância da descrição e do estudo da sua documentação só se revelaram elementos fundamentais nesse processo de entendimento dessas formas de valorização. O que ajuda talvez a perceber o percurso da investigação e também as conclusões que levaram ao trabalho que agora se desenvolve.

É também relevante dizer que, nesta fase, o objeto de estudo principal não se cinge ao núcleo documental do espólio de Fernando da Silva Correia, depositado por Natália Correia Guedes na associação Património Histórico – Grupo de Estudos (PH) entre 1993 e 1999, mas sim, ao que diz respeito à produção informacional deste médico. Daí que além deste conjunto documental que será descrito e trabalhado de forma mais sistemática, também se procure permitir o acesso ao arquivo que está ainda na posse da família, assim como promover um estudo que ajude a pensar a produção informacional desta família Correia e de Fernando da Silva Correia, em particular, e não apenas os vestígios que dela existem.

No referido trabalho de projeto, empreendeu-se a tarefa de conhecer os vários produtores informacionais, como um dos únicos meios para compreender o arquivo, ou não fosse ele uma janela para as profissões, atividades, relações e interesses dos vários produtores e das alterações que nestes aspetos da vivência pessoal, familiar e profissional se foram operando. Para tal, foi elaborado um trabalho mais aprofundado no que ao

conhecimento de Fernando da Silva Correia, definido como principal produtor informacional, diz respeito. Já que a seleção e doação deste conjunto documental teve um propósito muito definido e, principalmente, definidor da natureza da informação que o compõe. Propósito esse que deve ser atribuído a uma das anteriores e atuais entidades custodiais, a família, na pessoa de Natália Correia Guedes, e que de forma sumária nos leva a reconhecer entre a documentação um maior volume correspondente às atividades profissionais de Fernando da Silva Correia. É também importante referir que a doação a uma associação com uma forte atividade na época, e com sede nas Caldas da Rainha, pretendia servir de incentivo não só para a manutenção dessa atividade, mas também como uma forma de permitir a valorização da relação entre este médico e a cidade das Caldas da Rainha, que, segundo esta sua sobrinha, lhe era muito especial (Ribeiro, 2018, p. xxxvii). Os percursos dos produtores informais[4] já foram mencionados no trabalho de projeto (Ribeiro, 2018, pp. 41–69) e pode ser consultados nos Apêndices 4 a 10.

Aí, o conjunto documental que se assume como objeto de estudo foi identificado como uma parte dos bens que Fernando da Silva Correia e outros elementos da família Correia foram constituindo ao longo da sua vida, em atividades que promoveram a produção, receção e conservação da documentação que este encerra. Daí que, como já foi dito, aqui se considere o seu património documental e não somente o seu arquivo ou espólio. Após a morte de Fernando da Silva Correia, a 19 de dezembro de 1966, houve uma fragmentação desse património, já que a sua biblioteca foi leiloada pela viúva, Maria Aurora Baptista Ribeirete da Silva Correia (Oliveira, 1969); o que restou - o espólio, como foi atribuído inicialmente - foi recuperado pela sobrinha, que depositou a sua quase totalidade na sede da associação PH, doando-o oficialmente em 2015 (Ribeiro, 2018, pp. 69–91).

É a partir de 1993 que o percurso deste arquivo integra uma nova entidade custodial: a associação PH. Nesse ano, foi organizada uma exposição biobibliográfica para evocar o

[4] Além de Fernando da Silva Correia, foram identificados o seu pai, Joaquim Manuel Correia (1859-1945); a sua mãe, Carlota Filomena da Silva Correia (1873-1954); os seus irmãos: Maria Luísa da Silva Correia (1895-1981), Filomena Augusta da Silva Correia (1898-1974) e Joaquim Manuel da Silva Correia (1910-1979). Além da família nuclear, no seio da qual nasceu e cresceu Fernando da Silva Correia, ao longo da sua vida, este produtor informacional, acabou por estar também integrado noutros núcleos familiares, constituídos através dos seus casamentos com Mariana Benedita Arnoud Ferrari de Melo da Silva Correia (1895-1943), com quem casou a 21 de fevereiro de 1924 (NGC/AFSC/FSC/14/005). Mais tarde, após o falecimento desta primeira esposa, Fernando da Silva Correia contraiu segundas núpcias com Maria Aurora Baptista Ribeirete da Silva Correia a 24 de janeiro de 1945 (NCG/AFSC/FSC/4/028).

centenário do nascimento de Fernando da Silva Correia; iniciou-se uma primeira fase de tratamento arquivístico, desenvolvida por Paula Cândido e, em 1995, foi publicada a obra inédita *Pergaminhos das Caldas*, encontrada durante o tratamento (Serra, 1995a). Até 1999, o trabalho de Paula Cândido contemplou a organização, limpeza, numeração, acondicionamento da documentação e a sua respetiva descrição em Filemaker Pro da Mackintosh. O quadro provisório de classificação elaborado a partir do modelo sistémico centrou-se em dois momentos da vida do produtor: a infância/ adolescência e a idade adulta (Cândido, 1999).

Depois deste período inicial de grande atividade da associação, as iniciativas diminuíram e o arquivo em análise sofreu com isso, não se incrementando o seu tratamento ou a sua divulgação até 2015. Nesse ano, a associação mudou de instalações e este voltou a ser alvo de tratamento, desta vez empreendido por Joana Vitorino, que desenvolveu uma nova descrição da documentação que, apesar de bastante completa, significou um retrocesso em relação ao trabalho classificativo anterior (em grande parte perdido).

A reunião destes dados relativos 1) à vida do(s) produtor(es) informacional(is) e 2) à história custodial do arquivo serviu principalmente para ajudar a constituir um primeiro elemento de tratamento e descrição da informação que o compõe: o quadro orgânico-funcional. Na proposta apresentada, o subsistema Fernando da Silva Correia materializa uma ligeira adaptação das "quatro etapas evolutivas" - infância, adolescência, juventude e adultez/ velhice - de Armando Malheiro da Silva; já que nesta análise se definem apenas três secções: A) adolescência e juventude, B) idade adulta e C) velhice (Silva, 2004, p. 79). Cada subfundo (ou subsistema) representa um dos elementos da família Correia, dando-se principal destaque a Fernando da Silva Correia, cuja divisão em secções e subsecções é aprofundada, pois constitui o subfundo mais extenso do arquivo (Ribeiro, 2018, pp. 92–105).

Como características técnicas mais relevantes do arquivo pessoal e familiar Fernando da Silva Correia, entendidas nesse período, deve salientar-se a sua extensão, contém c. 13 mil documentos e compreende um vasto período cronológico, indo de 1850 à década de 1970. A maior parte da documentação foi produzida em três âmbitos: académico/ científico; profissional e literário, com origem geográfica em dois locais essenciais e mantidos por mais tempo: Caldas da Rainha e Lisboa, aos quais se podem acrescentar outros, como por exemplo: Coimbra, Óbidos ou várias localidades em França, neste caso entre 1918 e 1919, quando participou na Grande Guerra (1914-1918) (Ribeiro, 2018, pp. 69–105).

Algumas destas características advêm do trabalho prospetivo desenvolvido em torno do arquivo que, além desta análise da história custodial e dos instrumentos de descrição documental (IDD), também incluiu um verdadeiro conhecimento empírico da sua documentação e da forma como ela ligaria com a vida do seu principal produtor. Trabalho esse, que também surgiu especialmente esplanado na proposta de quadro orgânico-funcional apresentada para o tratamento do arquivo pessoal e familiar Fernando da Silva Correia.

Esta proposta foi, por sua vez, entendida como o corolário da investigação desenvolvida inicialmente, mas procurou-se também evidenciar que esta tarefa constitui um dos momentos mais importantes do processo de valorização deste arquivo, em particular, enquanto património documental. Isto porque se deve, e na presente Tese mantém-se essa intenção, olhar para o processo de tratamento, através das suas tarefas de organização e descrição, assim como para a garantia de acesso à descrição e ao próprio arquivo, como elementos que contribuem para esse processo de valorização.

A construção do quadro orgânico-funcional teve por base o trabalho prévio mencionado, por isso o trabalho de Paula Cândido, mais do que um elemento a ter em conta, surgiu como uma referência para a investigação, pois permitiu confirmar algumas dúvidas e avançar na reconstituição da documentação/ produção. No âmbito do seu trabalho, o tratamento deste arquivo "revelou-se um desafio face à complexidade e heterogeneidade que o constituí." (Ribeiro, 2018, p. cxxxvi). A partir desta afirmação – muito comum no âmbito do tratamento deste tipo de arquivos -, o que o referido trabalho de projeto procurou consolidar foi a ideia de que os métodos seguidos antes e agora (também na presente investigação) podem obter resultados favoráveis para o que constitui a salvaguarda e a valorização do arquivo pessoal e familiar Fernando da Silva Correia.

Muitas das conclusões a que Paula Cândido chegou foram, igualmente, percetíveis ao longo da investigação conduzida até aqui. Um dos aspetos mais interessantes não só deste caso de estudo, mas do tratamento da informação de forma mais lata, é que é sempre passível de sofrer alterações de acordo com o aparecimento de "outras soluções mais viáveis", desde que, como neste caso se tentou garantir, seja possível compreender

as opções tomadas ao longo do processo. Paula Cândido estava totalmente certa quando considerou que "a riqueza e quantidade de informação" (Cândido, 1999, p. 11) deste arquivo, estariam na origem da morosidade do seu tratamento. E também esta cientista da informação se viu confrontada com a necessidade de promover um tratamento que não assentasse na ordem da documentação aquando do depósito, mas sim na sua ordem original, ou seja, baseada na produção informacional e no contexto que lhe está associado, o que deu origem ao já mencionado quadro de classificação.

No entanto, é preciso mencionar que o trabalho exploratório empreendido permitiu chegar a algumas conclusões diferentes das de Paula Cândido, que, de certa forma, estão espelhadas no quadro orgânico-funcional desenvolvido. Uma delas é o entendimento deste arquivo não somente como pessoal, mas mantendo também uma relação com a restante documentação da família, tanto no seu contexto de produção, como no que diz respeito à sua própria existência neste conjunto documental. Esta classificação (por assim dizer) assentou ainda num aspeto comum a muitos arquivos deste período, alvos de uma "atitude habitual (…) que tende a negligenciar, a eliminar, a vender e a fragmentar" (Silva, 2004, p. 61) a documentação familiar, em função de um ou mais indivíduos[5].

Nesse sentido, a proposta de quadro orgânico-funcional apresentada procurou representar a organicidade da informação pertencente aos vários subfundos (ou subsistemas) do arquivo pessoal e familiar Fernando da Silva Correia. E, apesar de alguns destes subfundos serem muito diminutos, considerou-se que esta era a melhor forma de manter uma relação entre a informação e os próprios produtores informacionais (familiares). Esta solução é também claramente reconhecida por Armando Malheiro da Silva, que lhe chama "situação sistémica híbrida" e em que compreende a possibilidade de destacar um indivíduo dentro do coletivo (família) em que este está inserido (Silva, 2004, p. 79 e 81).

[5] Por se ter reconhecido essa fragmentação de uma forma bastante evidente neste arquivo, também se optou, inicialmente, pela utilização do termo "espólio", que constou precisamente no título do trabalho de projeto apresentado. Esta opção refere adequadamente a ideia de que este conjunto documental se constituiu como um resquício da produção informacional de Fernando da Silva Correia, sabendo desde essa altura que este não constituía o nome apropriado a dar a este conjunto documental.

Esta conceção do arquivo enquanto híbrido, em que o subfundo Fernando da Silva Correia se assume como o principal e mais extenso, ajuda também a explicar uma possível relação com a preservação da informação, já que se depreende que uma boa parte da documentação existente possa ter sido integrada por este médico no seu próprio arquivo, mesmo que a sua origem e produção se possa atribuir a outro contexto ou produtor[6].

A proposta de quadro orgânico-funcional assumiu também uma "sequência geracional", partindo dos dois produtores mais antigos – Joaquim Manuel Correia e Carlota Filomena da Silva Correia –, seguindo então para os outros elementos da sua família nuclear e, posteriormente, para as esposas de Fernando da Silva Correia, incluindo, nalguns casos, os familiares destas, que pelo matrimónio se ligaram à família Correia.

Ao longo da presente Tese serão feitas outras referências a este trabalho de projeto, assim como, em muitos aspetos, se desenvolverão algumas das temáticas e abordagens referidas inicialmente ou se desenvolverão algumas das propostas indicadas no último capítulo desse trabalho (Ribeiro, 2018, pp. 106–113). Na verdade, este juntamente com os seus avanços e conclusões é agora encarado como determinante para o presente momento da investigação, que assim se concebe como um todo.

Capítulo 2 – A Ciência da Informação, a Arquivística Histórica e os arquivos pessoais – um estado da arte

> "What connections are there between the history of records and archives, and the archivists' daily work? Is history an afterdinner entertainment at best or does its pursuit contribute real value to archival missions and everyday work? What methods are best suited to the development of a history of records and archives? Who should do this work? What themes do people see in archives history? What has been done? What remains to be done?" (Craig et al., 2005, p. 3)

[6] Veja-se o Apêndice 4 sobre Joaquim Manuel Correia.

Neste segundo capítulo, procurar-se-á entender como é que a Arquivística/ Ciências Documentais e, hoje, Ciência da Informação (entre a qual, num cruzamento com a História, se encontra a Arquivística Histórica) têm evoluído e como é que os arquivos – privados – pessoais e familiares se tornaram um dos elementos de investigação na atualidade. Neste âmbito, têm sido distinguidos, entre outros, os arquivos de cientistas e médicos, como ilustrativos das áreas profissionais dos produtores informacionais e, consequentemente, como estudos de casos a desenvolver interdisciplinarmente.

A verdade é que a Ciência da Informação (CI) tem uma origem tão antiga como a própria escrita ou produção informacional, no entanto, foi, especialmente, no século XX, num processo altamente influenciado pelos avanços científicos e tecnológicos, que as práticas para o tratamento e estudo da informação receberam um cunho científico. Neste processo evolutivo, sempre estiveram presentes diferentes conceções da informação, com origem na natureza altamente variada da sua produção, tanto no que diz respeito aos seus contextos e proveniência, como aos seus conteúdo e formato. O que leva alguns cientistas da informação a apontarem a interdisciplinaridade como uma das bases do seu trabalho. As definições e subáreas ou problemáticas de investigação da CI são por si só um indício da sua evolução e caracterização, tornando possível o aparecimento da Arquivística Histórica (AH).

Muitos autores se têm debruçado sobre a evolução da CI, como é o caso de Lilian Alvarez e Rogério Araújo Júnior que definiram os seus "Marcos históricos" num artigo que demonstra a grande relevância do século XX nesta área e nas alterações de que tem sido alvo, mas situam o aparecimento da CI em 1802 e do termo inglês *Information science* em 1960 (Araújo Júnior & Alvares, 2010, p. 195).

Neste processo é relevante analisar algumas definições de CI, começando pela de Harold Borko (1968)

> "(…) Ciência da informação é a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que regem o fluxo informacional e os

meios de processamento da informação para a otimização do acesso e uso. (…)" (Borko Apud Araújo Júnior e Alvares, 2010, p. 201).

Desde a década de 1970 ligado à CI, em 2009, Tefko Saracevic define CI da seguinte forma: "Information science is the science and practice dealing with the effective collection, storage, retrieval, and use of information. It is concerned with recordable information and knowledge, and the technologies and related services that facilitate their management and use. (…)" (Saracevic, 2009, p. 2570).

Mais recentemente, em 2014, Carlos Araújo escreveu sobre a evolução da CI, reunindo também alguns elementos para a sua definição. O autor indica que 1) a CI não se preocupa "com a custódia, a posse de documentos, mas com a sua circulação, sua disseminação, a promoção de seu uso da maneira mais produtiva possível" e 2) mantém "o foco não propriamente nos documentos (registro físico) mas em seu conteúdo ou, dito de outro modo, na informação contida nos documentos". Assim sendo, a CI

> "fincada numa dimensão bastante diversa daquela presente em outras áreas/disciplinas também voltadas para o estudo, o manuseio, a preservação e a promoção do uso desses registros (tais como a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia). Essa distinção é por si só significativa para marcar tanto a especificidade de cada uma das áreas como a novidade representada pelo surgimento da CI, e desde seu surgimento e ao longo das três décadas seguintes a Ciência da Informação buscou sua própria identidade e uma certa autonomia em relação às demais áreas de conhecimento." (Araújo, 2014, pp. 10-11).

Um outro artigo de Carlos Araújo, mais recente, analisa as chamadas "viragens" da CI identificadas a partir da análise de outros autores: "(…) uma crescente ampliação do significado do conceito de informação: de uma perspectiva restrita (sinônimo de sinal, de dado) a uma ampla (relacionado a conhecimento) e enfim a uma ainda mais ampla (integrada à ação humana e a um contexto)." (Araújo, 2022, p. 25). Esta viragem, em particular, revê-se nos paradigmas físico, cognitivo e sociológico, indicados pelo autor, necessários para repensar a área face aos (novos) desafios da pós-verdade (Araújo, 2022, pp. 26–27).

Ainda em 2015, Armando Malheiro da Silva definiu assim CI:

> "Social science which investigates the problems, issues and cases related to the info-communicational phenomenon, perceptible and knowable through confirmation or denial of inherent properties to the genesis of the flow, informational organization and behavior (…). It is also the science that, keeping alive the documentary and practical tradition which it inherits from previous subjects as librarianship, documentation and archiving, studies the informational cycle in its fullness and transversality: origin, collection, organization, storage, retrieval, interpretation, transmission, processing and use of information." (Silva, 2015, p. 9).

Estas quatros definições de CI possuem elementos comuns, mas complementam-se ao refletirem a base identitária da área, tal como as modificações que foi sofrendo. Assim sendo, é claro que a CI se apresenta como capaz de acompanhar as várias fases de produção e utilização (e reutilização) da informação, procedendo ao seu estudo, já não somente como dado, mas sim enquanto conhecimento ou fenómeno comunicacional. E, já mencionadas a partir da referência a Carlos Araújo, as subáreas da CI têm surgido e gerado enorme discussão entre os cientistas da informação e outros investigadores – algumas delas serão abordadas adiante.

No entanto, existe uma de entre as problemáticas referidas, em especial por Carlos Araújo, que merece algum destaque: a existência de um crescente afastamento ou distinção entre o que é a *Information Science* e a *Archival Science*. Isto porque, e aqui é possível aproximarmo-nos da origem da Arquivística Histórica, se tem testemunhado, por um lado, um peso crescente da informação produzida e disponível em função do desenvolvimento da Era da Informação, mas tendencialmente mais baseada nas tecnologias digitais, e, por outro lado, é possível salientar algumas correntes mais "documentalistas"[7], que procuram uma relação mais aprofundada e próxima do documento/fonte (para o historiador).

[7] David Bawden e Lyn Robinson falam do paradigma "neo-documentary" centrado na forma como a informação é fixada nos documentos e "in the nature and types of documents, in their significance and

No caso português, o trabalho desenvolvido a partir do Porto foi especialmente relevante para caracterizar a evolução da Arquivística (e da CI). Fernanda Ribeiro, na sua Tese de Doutoramento, explora precisamente a viragem para uma Arquivística, enquanto disciplina científica mais teorizante. Este período (final da década de 1990) reflete uma procura de identidade da Arquivística perante a emergente CI e a necessidade de demarcar a sua metodologia e práticas, o que, na opinião da autora, era beneficiado pela análise da história da disciplina (Ribeiro, 1998, pp. 23–24). Numa "breve evolução da Arquivística", Fernanda Ribeiro deixa claro o peso da História na primeira fase da disciplina, cuja "concepção historicista" se manteria até à Segunda Guerra Mundial. Altura em que, como se verá adiante através do arquivo em estudo, se assistiu a um "aumento da produção documental" (Ribeiro, 1998, pp. 29-32). Integrada nas Ciências Sociais e "confinando o respectivo âmbito de estudo" com a CI, a autora considera que "(…) a Arquivística evoluiu numa linha coerente e muito própria" que lhe conferiu cientificidade." E permitiu manter relações interdisciplinares com várias áreas, tendo como objeto de estudo comum a informação, entendida como "produto da actividade social" (Ribeiro, 1998, pp. 44-45).

2.1. História e Arquivística, História da Informação e dos Arquivos e Arquivística Histórica

"Constat : l'archivistique est en manque d'histoire" (Granger, 2015, p. 55).

"Lastly and at last, historians have begun an archival turn by turning their attention to the agency of the archive." (Gilliland et al., 2017, p. 235).

Tanto pensando na natureza interdisciplinar da CI[8], como na relevância da História na presente investigação, afigurou-se fundamental compreender melhor a relação destas duas áreas.

use within society, and in the processes of documentation (authorship, annotation, preservation, retrieval, etc.)" (Bawden & Robinson, 2022, p. 67)

[8] Carlos Araújo considera a interdisciplinaridade uma "característica «natural» da área desde as primeiras definições", servindo inicialmente "para justificar a atuação, no campo, de pessoas provenientes das mais variadas disciplinas científicas". Mais recentemente, a CI faz "dialogar, dentro dela, as contribuições das

Em jeito de introdução à sua atual situação no contexto português, é pertinente partir de uma entrevista realizada a Madalena Garcia, arquivista, que levou à estampa a transcrição dos vários diários de António de Oliveira Salazar existentes no seu arquivo pessoal no Arquivo Nacional Torre do Tombo. Tal como é identificado na entrevista, a autora da transcrição foi ao longo da sua carreira a principal responsável pelo tratamento desse arquivo pessoal e já antes, pelo largo conhecimento que detinha sobre o mesmo, era contactada por investigadores. Nesta entrevista, Madalena Garcia dá inúmeras pistas sobre a relação entre os cientistas da informação e os historiadores e, mais do que isso, estabelece os limites da atividade de cada um destes profissionais. Segundo a arquivista, os jornalistas e historiadores é que devem "ser os intermediários" do conteúdo dos diários para o "grande público", ao invés dos próprios cientistas da informação, já que essa "não é a função do arquivista". Considera que fez "um trabalho útil para os historiadores" (Gonçalves, 2021). Resumidamente: esta entrevista permite entrever o longo trabalho e tempo dedicado a um arquivo, de tal forma que esta arquivista é quem melhor consegue compreender a caligrafia do produtor informacional, no entanto por desempenhar esta profissão e não a de historiadora ou jornalista, a entrevistada imiscui-se de análises da informação que ultrapassem aquelas que considera serem as da sua área. Ao pensar nas várias problemáticas que têm vindo a ser abordadas relativamente à evolução da CI e das alterações das competências que tal pode acarretar para o cientista da informação e a própria interdisciplinaridade da

diferentes áreas de conhecimento", utilizando "conceitos oriundos de áreas díspares como Psicologia, Linguística, Computação, Sociologia", que, "num processo de apropriação" desenvolvem uma "dinâmica interdisciplinar da área." (Araújo, 2014, p. 14). Um dos autores mais relevantes para pensar a questão da interdisciplinaridade no âmbito da CI é Tefko Saracevic, que defendeu que esta área tem uma natureza, interdisciplinar, já que os problemas que procura solucionar têm de ser pensados numa abordagem que privilegie a relação com outras áreas científicas. E, na sua opinião, não pode ser excluída uma relação mais estreita entre a biblioteconomia, a ciência da computação, a ciência cognitiva (incluindo a inteligência artificial) e a comunicação, campos que compõem a própria CI (Araújo Júnior & Alvares, 2010, p. 203) (Saracevic, 1995). No contexto brasileiro, destaca-se o trabalho de Lena Pinheiro que, em 1997, considera que interdisciplinaridade da CI se manifesta pelo facto de esta área incorporar "muito mais contribuições de outras áreas do que transfere para elas". Desta relação a autora infere que a CI se vai transformando e, ao adquirir "novas configurações, exige para o seu entendimento novas disciplinas e cria subáreas que exigem soluções de outras áreas." (Araújo Júnior & Alvares, 2010, p. 196) (L. V. R. Pinheiro, 1997). David Bawden e Lyn Robinson estabelecem relações entre a CI e: "Collection disciplines", "Digital humanities", "Technology disciplines", "Data science", "Social science disciplines", "Comunication and media disciplines", "Management and policy disciplines" e "Domain disciplines – subject specialism" (Bawden & Robinson, 2022, pp. 6–8). Adiante procuraremos dar conta da relação interdisciplinar com uma destas últimas disciplinas/áreas: a Medicina.

ciência, será assim tão simples definir e impor estas barreiras ao trabalho destes profissionais?

Colocar esta questão, mais ou menos retórica, serve para introduzir 1) a forma como o(s) arquivo(s) têm sido (ou precisam de ser) repensados e 2) o papel dos arquivistas/ cientistas da informação[9] – e também dos historiadores – nesse processo. Dois dos arquivistas/ cientistas da informação que mais têm desenvolvido a *Archival science*[10], também se têm interessado pelas alterações nas práticas e, por vezes, nas missões (e seu entendimento) dos profissionais desta área.

"Archivists don't practise their profession for the sake of it, but to fulfil their mission in society." Eric Ketelaar considera que a missão do arquivista se tem vindo a alterar e que no século XXI, este "(...) has to ensure not only that records are created and managed as evidence to serve accountability and memory, but also that archives are preserved, so that society can be confident of the future". Para tal, o arquivista precisa de ter presente os vários significados, valores e até contextos que levaram à criação, manutenção, reutilização e arquivamento de um determinado documento, pois só assim, este profissional faz chegar à sociedade um documento confiável (Ketelaar, 2004, pp. 2-3).

Terry Cook vai um pouco mais além, pelo entendimento que faz do papel do arquivista e não somente pela forma como este deve olhar para a documentação, captá-la e entregá-la à sociedade, já que deita por terra a imparcialidade da Arquivística (científica),

[9] A profissão de arquivista/ cientista da informação não tem sido encarada como estática, tendo sofrido algumas alterações ao longo do tempo, cf., a título de exemplo, (Ochôa & Pinto, 2019).

[10] Algumas definições de *Archival Science*: 1) "Archival science is an academic and applied discipline that involves the scientific study of process-bound information, both as product and as agent of human thoughts, emotions, and activities, in its various contexts."(Thomassen, 2015, p. 84); 2) "A systematic body of theory that supports the practice of appraising, acquiring, authenticating, preserving, and providing access to recorded materials." (Pearce-Moses, 2005, p. 28); e 3) "Archival science is the academic and professional discipline concerned with the theory, methodology, and practice of the creation, preservation, and use of records and archives. It encompasses the creation, preservation, and use of records in their functional context, whether organizational or personal, and the wider social, legal, and cultural environment within which records are created and used." (Shepherd, 2017, p. 166).

> "Archivists inevitably will inject their own values into all such activities, as indeed they will by their very choice, in eras of limited resources and overwhelming volumes of records, of which creators, which systems, which functions, which transactions, which descriptive and diffusion mechanisms, indeed which records, will get full, partial, or no archival attention. Archivists have therefore changed over the past century from being passive keepers of an entire documentary residue left by creators to becoming active shapers of the archival heritage." (Cook, 1997, p. 46).

O autor recomenda aos arquivistas aceitarem a "sua própria historicidade (…), sua própria participação no processo histórico. Não são historiadores, mas fazem parte do processo histórico, em vez de dele estarem distanciados." (Cook, 1998, p. 142).

Parece assim que nem sempre foi fácil ou é fácil a relação entre historiadores e arquivistas/ cientistas da informação. Tal pode advir, como indica Terry Cook, das diferenças existentes na forma como olham para o(s) arquivo(s), no entanto, este arquivista considera que deveriam ser aliados naturais (Cook, 2011, pp. 600-601). O que parece ser dificultado pela proposta de que "the archive(s) is a foreign country" para os historiadores. Isto porque, não estabelecendo diálogo com os arquivistas, estes não entendem que "As archivists appraise records, they are doing nothing less than determining what the future will know about its past: who will have a continuing voice and who will be silenced." (Cook, 2011, pp. 605–606). Para o autor, pode ser dada voz aos arquivistas através, por exemplo, das novas abordagens no âmbito da história dos arquivos, especialmente de "an intelectual history of their own profession, from the inside out and the outside in: a partnership, respectively and ideally, of archivists and historians, for they both have much to teach each other." (Cook, 2011, p. 623).

Francis X. Blouin Jr. e William G. Rosenberg, na introdução da obra *Processing the past: contexting authority in history and the archives* (2011), descrevem precisamente o encontro entre historiadores e arquivistas, mencionando, também, a dificuldade que ambos têm em entender as suas diferenças: "The historian uses the materials to process historical information and understanding; the archivist processes the materials to allow this information and understanding to be 'uncovered'." (Blouin Jr.

& Rosenberg, 2011, p. 3). Nesta introdução, os autores mencionam aquelas que julgam ser das questões mais pertinentes para pensar esta relação na atualidade: “And indeen, how have scholars and archivists - history and the archives - actually intersected in the past? How, in other words, have the practices of archival instituions shaped historical knowledge? What will these interactions be like in the archives of the future?” (Blouin Jr. & Rosenberg, 2011, p. 4). E reconhecem como os historiadores, motivados pelas correntes pós-modernas, têm procurado olhar para os documentos de outra forma, atendendo a que “new concepts like social memory have changed historians' understanding of how the past can be processed analytically.” (Blouin Jr. & Rosenberg, 2011, pp. 6–7).

Este “’new archival calling’” (Núñez Pestano et al., 2020, p. 13) ou nova forma de olhar para o objeto de estudo – os arquivos -, teve como principal alteração que estes deixassem de ser vistos como “static physical objects” para passarem a “dynamic virtual concepts (…) active agents themselves in the formation of human and organisational memory” (Cook, 2001, p. 3). Assim, os arquivistas devem atender a um contexto muito alargado que acompanha o próprio documento, “Nothing is neutral. Nothing is impartial. Nothing is objective. Everything is shaped, presented, represented, re-presented, symbolised, signified, signed, constructed by the speaker, photographer, writer, for a set purpose.” (Cook, 2001, p. 7)[11]. Citando Eric Ketelaar, o autor conclui que estamos perante o aparecimento da “functional archive science”, capaz de, através de "a functional interpretation of the context surrounding the creation of documents, can one understand integrity of the funds and the foundations of dear carvel documents in their original context.” Acrescentando ainda que esta nova Archival science será “historical, virtual, and postmodern” (Eric Ketelaar Apud Cook, 2001, p. 21).

[11] Alexandra Walsham, no âmbito da história social do arquivo, acrescenta que “They are not static arsenals of information, but sites in which a variety of contemporary and later actors have exercised and negotiated agency, identity and power.” (Walsham, 2016, p. 10). Markus Friedrich considera que “Archives thus became sites of social placement and (moderate) social mobility. (…) Archives have been (and are) made useful by people in more than one way, and archival history should explore as many of them as possible. Put even more generally: There is no 'natural’ or ‘inherent’ function of archives. Their function is determined by the ways in which they are ‘activated’ by their users, as Eric Ketelaar has written.” (Friedrich, 2015, p. 471).

Ainda sobre os documentos, Francis X. Blouin Jr. e William G. Rosenberg consideraram que os arquivos passaram de "locus of social and historical authority" a "privileged locations for determining historical truth", assim como “figurative monuments to nacional pasts and future purpose” (Blouin Jr. & Rosenberg, 2011, pp. 7–8). Resumindo, a relação entre o que é o interesse histórico do documento de arquivo ou do arquivo e a forma como tal se determina, seja da perspetiva do historiador, seja da do arquivista, levou a que os arquivos, de uma forma geral, transitassem de “a place of enquiry to a subject of enquiry, from a locus for research to an object of research.” (Blouin Jr. & Rosenberg, 2011, p. 9).

Na introdução ao número da revista *Archivaria* dedicado a “Archives and Social History” (14, 1982), Terry Eastwood considerou que a "new social history is a manifestation of intellectual activity in the historical profession and allied disciplines over the last two decades or so.” O arquivista aproxima a ação dos seus colegas da dos historiadores, por considerar que ambos “are subject to the subtle influences of social change”, residindo aí o valor que a história social pode acrescentar às investigações em curso e aos arquivistas em particular (Eastwood, 1982, p. 3). Também Eric Ketelaar considera que a “Socio-historical research in the «history of the record», to use Nesmith's phrase, can provide insights into the evolution of information and communication in society” (Ketelaar, 1996, p. 37)[12].[13]

Richard Cox, no âmbito da “Archival History”, considera que “History is an essential tool for understanding archives”, especialmente num momento em que “the profession’s focus on digital records has absorbed much of the intellectual vitality of the field since then”. Nos trabalhos desenvolvidos, o autor denota “a decline of historical knowledge and an interest in the historical context of records and recordkeeping systems”. Assim como outros autores mencionados, destaca a International Conference

[12] Um desses âmbitos é o da História social dos arquivos, desenvolvido entre outros por Alexandra Walsham (Walsham, 2016, pp. 45–47). Outros exemplos são a Arquivística histórica, a história social do conhecimento, a antropologia histórica e a história da cultura escrita (Núñez Pestano et al., 2020, p. 15).

[13] Na senda da história dos arquivos, Eric Ketelaar (e outros) contextualizou a produção do Manual holandês, encarado frequentemente como um “starting point of archival.” (Horsman et al., 2003, p. 249). Ver também (Ketelaar, 1996) (Ketelaar, 2014).

on the History of Records and Archives (I-CHORA)[14], iniciada em 2003, e o Archival Education Research Institute neste contexto, "introducing new archival history research." (Cox, 2019, pp. 5-8).

Em simultâneo têm-se afirmado a "information history", impulsionada por Toni Weller (Weller, 2008) (Weller, 2010) e Alistair Black (Black, 1999). James Cortada escreveu na revista *Information & Culture* sobre a concepção da "Information History as an Intellectual Discipline", o autor considera que na última década têm surgido vários trabalhos, mas que a discussão em torno da definição da (sub)área tem diminuído (Cortada, 2019, p. 95). Para este autor, existem "three problems to address from the historian's perspective": 1) definir informação; 2) "document information's role in society, how it has been used, and its consequences" e 3) "do historical research by explaining the context in which information has flourished and existed." (Cortada, 2019, p. 108). David Bawden e Lyn Robinson classificaram a "Information history" enquanto uma nova sub-disicplina, centrada nos documentos "which convey information and how people have produced and used these." (Bawden & Robinson, 2022, p. 20).

No caso português, algumas destas ideias, relativas à relação entre o arquivo e a construção social do passado, já foram abordadas por José Mattoso, medievalista, em 1988 (Mattoso, 1988). Mais recentemente, num trabalho a que se voltará mais adiante, Maria de Lurdes Rosa aborda várias temáticas relacionadas com a história social do arquivo. Para a historiadora, a proposta de Eric Ketelaar "tem como objeto de estudo as práticas sociais que influenciam a criação de documentos e de arquivos, bem como, em sentido inverso, a forma como estas duas áreas influenciam a sociedade." Caminhando esta a par da história social da escrita (com outros objetivos), mencionando ainda a relação entre a informação e o conhecimento e a antropologia histórica dos arquivos (Rosa, 2024, p. 238).

[14] O número 60 da revista *Archivaria* é dedicado ao primeiro encontro e, além dos variados temas que foram abordados – "(…) archives and material literacies, record-making in specific juridical contexts, comparative and case-study methods for use in further research, uses and users over time, and the possibilities for future inter-disciplinary enrichment." - é também importante mencionar que as questões do contexto e, em particular, o "metacontexto da história" foi considerado um aspeto central, "Participants in I-CHORA repeatedly observed that contemporary issues were better addressed by professionals who were skilled at «reading» record as information artefacts that achieve their meaning only within their many contexts."(Craig et al., 2005, p. 2).

Em todas estas abordagens é de importância vital o contexto (de produção, de armazenamento, de transmissão, de reutilização…), enquanto “element of any search for truth" servindo não só para o conhecimento do arquivo, como para o trabalho do historiador e do cientista da informação (Blouin Jr. & Rosenberg, 2011, p. 167). E este será provavelmente um dos aspetos mais relevantes na relação entre a CI e a História, já que é aqui que a ajuda desta última disciplina se torna mais evidente: “All documents, however, must in some way be contextualized” (Blouin Jr. & Rosenberg, 2006, p. viii).

Foi nesta senda que a AH surgiu, firmando os arquivos como o seu principal objeto de estudo, numa relação que abarca tanto a informação que veiculam, ou seja, o seu conteúdo, como a sua história e a forma como chegaram até nós. Estas questões estão altamente relacionadas com um conjunto de outros aspetos como a intenção da história trabalhar somente com a verdade ou de os arquivos serem autênticos (Blouin Jr. & Rosenberg, 2011, p. 86).

Apenas para citar um dos exemplos que serão abordados adiante, Alice Gago indica um conjunto de autores que defendem as vantagens da relação entre historiadores e arquivistas, considerando “fundamental que se reúnam e organizem equipas interdisciplinares”, para “que se promova o diálogo construtivo e cooperante entre os vários campos de saber, arquivístico e histórico, para um melhor conhecimento do património cultural português.” (Gago, 2017, pp. 475–476). A mesma ideia é retomada em (Rosa & Nóvoa, 2018, p. 119).

Vale a pena referir um artigo recente de Mauricio Puentes-Cala, que conclui ser difícil distinguir a Arquivística da História, assim como várias outras ciências sociais, pois julga que lhe falta algum “fundamento epistemológico” e, por isso, “es inevitable que las disciplinas terminen conjugándose, transfiriéndose enfoques, conceptos y métodos, y estableciendo unidades de conocimiento.” (Puentes-Cala, 2022, p. 20).

A AH assumiu-se como um caminho no seio desta relação, em parte, influenciada, a partir da década de 1990, pelo desenvolvimento da ideia de que existe uma “ciência do fabrico dos arquivos”, cuja compreensão é a base para se entender como se “faz história” através dos arquivos e de como estes e o acesso aos mesmos estão condicionados (Anheim & Poncet, 2004, p. 3) (Anheim, 2019) (Iranzo Muñío,

2009). Tal está também relacionado como a "«nova epistemologia das fontes»", também associada ao trabalho de Anheim (Rosa & Nóvoa, 2018, p. 100). A AH cruza diferentes correntes internacionais, comprovando, como diz William Aspray, que se podem enquadrar campos historiográficos a desenvolver no âmbito da CI, "archival history, book and publishing history, communication history, computing history, information science history, and library history". (Aspray, 2015, p. 1).[15]

Baseada nesta nova visão dos arquivos, em Portugal a AH teve origem no seio de um grupo de investigadores da FCSH-NOVA tendo por base algumas correntes europeias, mas também aproveitando uma importante abertura da CI a novas tipologias de arquivos, como é o caso dos arquivos pessoais e familiares que têm sido especialmente analisados pelos investigadores reunidos no grupo ARQ.FAM[16].

Esse grupo é atualmente composto por 14 investigadores que procuram responder aos desafios que lhes são lançados e "às parcerias que estabelecem com organismos e junto de particulares", "desenvolvem atividades de qualidade científica e técnica que procuram reforçar a difusão e a formação de uma forma colaborativa, com firme envolvimento entre a Universidade e a Sociedade Civil". Como resultado têm sido desenvolvidos trabalhos académicos, encontros científicos, bases de dados e outras publicações, na maioria em formato livro. É importante referir que a criação deste grupo teve origem num projeto de investigação, intitulado *Inventários de arquivos de família, sécs. XV-XIX: de gestão e prova a memórias perdidas. Repensando o arquivo pré-moderno.*[17] Este mesmo projeto suscitou as bases para a AH, já que produziu uma "caracterização dos arquivos na Europa pré-moderna, a partir de um olhar interdisciplinar, que combinou as perspetivas da história, da antropologia histórica e da

[15] Esta relação, acrescentando ainda a computação também é referida em (Boonstra et al., 2006).
[16] Mais informações disponíveis em: https://arqfam.fcsh.unl.pt/.
[17] Ana Woodham et al. apresentaram alguns resultados do projeto "The Family Archive: Exploring Family Identities, Memories and Stories through Curated Personal Possessions", que pretendia investigar "how individual families maintain their own «archives» outside institutional structures, and the meanings with which these archives are imbued." Estes arquivos são considerados um património não explorado - quase em bruto - e em que se reconhecem mais facilmente as relações e tensões, como indicam os autoras, entre o público e privado e entre o tratado e não tratado. Na sua aproximação aos arquivos familiares, identificam um crescimento do interesse na sua exploração na década de 1960, "a parallel increase in appetite for oral history and social history, and subsequently a «history from below» approach, associated with Raphael Samuel (1996) and the History Workshop Movement (as overviewed in Schwarz 1993) have arguably also given personal family histories a new significance, and as such make a consideration of contemporary family archiving practices particularly timely." (Woodham et al., 2017).

ciência arquivística". O que permitiu "interrogar a montante a construção da História, tendo em conta a identificação do arquivo como local não neutro, ideológico e analisável, e dos arquivistas como mediadores ativos, e não simples transmissores do material do passado" (Head & Rosa, 2015).

O trabalho desenvolvido pela FCSH-NOVA tem sido conduzido por Maria de Lurdes Rosa e, como o projeto descrito anteriormente já deve ter deixado pistas, tem vindo a aproximar as duas ciências, a CI e a História. Como escreveu Rita Sampaio da Nóvoa, os desafios pós-modernos e "a Era da Informação" foram os principais responsáveis por esta aproximação, pois conjugaram-se para tornar os arquivos "objectos de estudo em si mesmos, *per se* merecedores de um esforço problematizante." Este esforço pretende questionar os processos de "preservação de fontes e de arquivos", entendidos já não "como um fenómeno *natural*, *orgânico* ou *evidente*", mas "antes" como parte de "complexos processos racionais e intencionais" (Nóvoa, 2016a, pp. 354–369) (Nóvoa, 2016b, pp. 9–10).

Assim sendo, esta área surge no seio da renovação da Arquivística de que "resultaram dois movimentos essenciais": o *archival turn*, com expressão nos EUA, Inglaterra e Canadá (Cook, 1984) (Cook, 2001) e o *tournant documentaire*, propagado pela França (Anheim & Poncet, 2004), Bélgica, Espanha (Iranzo Muñío, 2009), Itália (*Il futuro della memoria*, 1997) e Portugal (Rosa, 2012b). O primeiro de "cariz mais teórico, (…) próximo à Ciência da Informação (*Archival Science*) e com um enfoque particular no papel representado pelo arquivo e pelos arquivos numa sociedade da Informação". E o segundo "de feição mais historiográfica – isto é, mais ligado à história dos arquivos – ao mesmo tempo que recupera algumas das preocupações «tradicionais» da Arquivística como, por exemplo, o tratamento e descrição da documentação." Assim, ao contrário do que se vulgarizou até à actualidade, estes movimentos procuram questionar o "percurso de conservação" dos arquivos e "problematizar a razão da sua existência" (Nóvoa, 2016b, pp. 9–10) (Nóvoa, 2016a, pp. 354–369).

A AH assume-se assim, como uma área interdisciplinar que se forma através da relação entre História (Antropológica) e Arquivística e que pretende "estudar a produção informacional das instituições e a sua transformação em documentos e

arquivos". Desenvolve uma análise que tem em conta os seus contextos e "as múltiplas faces que os «arquivos» podiam ter (…); não apenas com os arquivos existentes, mas complementando estes com informações reunidas em fontes diversas" e "caracterizando historicamente as instituições e construindo modelos de cariz orgânico para o tratamento da documentação" (Rosa, 2017, pp. 550–551) (Rosa & Nóvoa, 2018, p. 100). Neste âmbito, tem-se aflorado também a "corrente historiográfica da «História social dos arquivos»", dando destaque ao estudo das práticas de inventariação (Henriques & Rosa, 2016, p. 91) (M. de L. Rosa, 2012c) (Head & Rosa, 2015), enquanto testemunho das "estratégias arquivísticas utilizadas para organizar, ordenar, controlar e recuperar a informação contida nos arquivos" (Nóvoa, 2016b, p. 26).

Num artigo Maria de Lurdes Rosa elabora um "percurso de investigação", particularmente relevante para entender os objetivos da AH: 1) "Questões teórico-metodológicas prévias"; 2) "Estudo das reconfigurações não-organizacionais dos arquivos" assente no "estudo aprofundado da história custodial, e levantamento preliminar das características da documentação"; 3) "Estudo dos processos de produção, documentalização, conservação e uso da informação organizacional"; 4) "Reconstituição da estrutura de produção da informação organizacional e disponibilização dos resultados" que se deve traduzir "em instrumento do tipo «quadro de classificação»"; e 5) "Questionamentos historiográficos" (Rosa, 2017, pp. 575–579). Um resumo e uma explicação mais aprofundada do trabalho desenvolvido pode encontrar-se em (Rosa & Nóvoa, 2018).

Neste contexto, vale a pena fazer referência a alguns dos trabalhos mais pertinentes. A obra *Arquivos de família, séculos XIII-XX: Que presente, que futuro?* (2012), publicada no âmbito do projeto que deu origem à área de estudo, que, ao congregar dados sobre uma série de trabalhos em torno desta temática, permite fazer uma análise do tratamento efetuado e das práticas que lhe estão associadas. Nela, a maioria dos autores destacou a importância de analisar os produtores informacionais como forma de contextualizar um testemunho que advém da "actividade humana" (Lacerda, 2012, p. 11). Após a contextualização do produtor e da própria história custodial, a maioria dos autores partiu para uma breve descrição dos arquivos em

análise, contando alguns aspetos da sua situação à época, seja no seio das famílias (suas criadoras), seja já enquadrados noutro tipo de entidade detentoras. Foram também exploradas algumas hipóteses de estudo destes arquivos, centradas essencialmente na sua História.

E ainda, direcionado para um público mais geral, Maria de Lurdes Rosa e Rita Sampaio da Nóvoa coordenaram a obra *Arquivos de Família: Memórias Habitadas. Guia para a salvaguarda e estudo de um património em risco*, que, inspirada em exemplos internacionais e adaptado às especificidades do contexto português, pretende-se que seja um "«Guia» com a contribuição de arquivistas, historiadores e profissionais do restauro e preservação", que responda "às necessidades e preocupações que ao longo dos últimos anos nos têm sido expressas pelos proprietários privados." Nesse sentido, esta obra agrega informações sobre o tratamento documental, a sua preservação e as formas de doação e de valorização (Rosa & Nóvoa, 2014).

O livro *Recovered voices, newfound questions. Family archives and historical research* (2019) foi publicado com a coordenação das principais investigadoras na área, Maria de Lurdes Rosa, Rita Sampaio da Nóvoa, Alice Borges Gago e Maria João da Câmara. Estas acreditam que, partindo dos documentos e do "silêncio" que lhes está (ou esteve) associado, a publicação com os seus vários contributos ajuda a comprovar a crescente atenção dispensada aos arquivos de família, tanto no âmbito historiográfico como através do seu potencial enquanto património capaz de relacionar com diferentes comunidades "that surround them and seek representation in them." (Rosa et al., 2019, p. 16). Por outro lado, pretende-se intensificar a possibilidade do estudo deste objeto ser um "channel of convergence" entre historiadores e arquivistas, sendo fundamentais as "tools of Archival Science" (Rosa et al., 2019, p. 20). Na primeira parte, são apresentados vários arquivos de família e algumas das problemáticas de investigação, por exemplo, através da análise de inventários (Rosa et al., 2019, p. 83). Maria de Lurdes Rosa define três aspectos que podem trazer benefícios para a investigação em torno destes arquivos, 1) "the historian should question the metaphorical status of «sources» of his materials"; 2) "the historian will have to study the information producer and the ways leading to producing/ documentalizing/conserving/using information"; e 3) "the historian should be concerned with constructing a clear manner of relating to the

working materials and with presenting them to the reader, so that an understanding exists of the extent to which the information being received reflects a complete conceptualization of the object and subject of study". (Rosa et al., 2019, pp. 90–91). A segunda parte trata da história social dos arquivos de família, partindo dos seus contextos social, político e cultural de produção, acumulação e manutenção. Rita Sampaio da Nóvoa considera que "there are multiple benefits in constructing a historiography centered on archives and in paying due attention to the historical course of archives and their producing entities. A social history of archives and archival practices of social groups can flourish at this intersection, and is made manifestly richer by building not on documents produced and preserved by third parties but on records created and received by the groups themselves, who later opted to transform them into archives." (Rosa et al., 2019, p. 197). A terceira e última parte é dedicada à salvaguarda dos arquivos de família nas instituições arquivísticas nacionais. Francis X. Blouin Jr. escreve o epílogo à obra promovendo um retorno a uma das questões já abordadas: a relação entre historiadores e arquivistas. Para o autor, o arquivo tornou-se um elemento fundamental para pensar a construção da história e salienta que os profissionais das áreas mencionadas "were working within a framework of shared authorities, shared institutional focus, and shared purpose." (Rosa et al., 2019, p. 370).

Em 2020, foi publicado o livro *Herencia cultural y archivos de família en los archipiélagos de la Macaronesia* que também integra o âmbito da Arquivística Histórica, coordenado por Juan Ramón Núñez Pestano, Maria de Lurdes Rosa e Judit Guitérrez de Armas. Os coordenadores fazem uma proposta destes arquivos como património e elemento identitário, cujo estudo numa larga escala tem a capacidade de ser transversal aos académicos de diferentes áreas e à sociedade em geral (Núñez Pestano et al., 2020, p. 9). Este partiu de um encontro científico e reúne artigos de especialistas que se situam entre a Arquivística, a História e os Estudos de Património para analisar os arquivos de família.

A maioria das teses já publicadas em Portugal nesta área faz uma análise da relação entre AH e História. No total estes trabalhos académicos já concluídos são sete: 1) em 2016, Rita Nóvoa defendeu a tese *O Arquivo Gama Lobo Salema e a produção, gestão e usos dos arquivos de família nobre nos séculos XV-XVI,* sobre o tratamento e

análise deste arquivo existente na Torre do Tombo (Nóvoa, 2016b); 2) no ano seguinte, Maria João Sousa, terminou a sua tese sobre o tratamento do arquivo da sua própria família, *O Arquivo da casa de Belmonte séculos XV-XIX: Identidade, gestão e poder* (Sousa, 2017); 3) em 2018, Margarida Leme, *Costas com Dom: Família e Arquivo (séculos XV e XVI),* que num esquema semelhante aos dos trabalhos anteriores procura fazer uma análise da produção informacional da família Costa (Leme, 2018); 4) em 2019, Alice Gago defendeu a tese *Arquivos e práticas arquivísticas de famílias de elite (Portugal, séculos XV-XVII),* em que "analisa a produção, usos institucionais e conservação de arquivos por seis famílias de elite do Portugal da baixa Idade Média/ primeira Época Moderna", "presentes no fundo conhecido como «Arquivo Almada e Lencastre Bastos»" (Gago, 2019); 5) nesse mesmo ano, Judit Gutiérrez de Armas apresentou a sua tese, *El fondo "conde de siete fuentes": La construcción de la memoria de linaje y la identidad aristocrática a través de un archivo de familia (siglos xvi-xx)*, em que se propôs fazer um "estudo aprofundado da história da instituição produtora do arquivo e da história custodial do mesmo", sendo o fundo constituído por "dois grandes arquivos" de Salazar de Frías e dos Condes de Siete Fuentes (Gutiérrez de Armas, 2019); 6) também nesse ano de 2019, Sónia Henrique concluiu o seu doutoramento, *Informar, administrar, conservar prova: circuitos e significados da correspondência no arquivo colonial (Direcção-Geral do Ultramar, 1825-1910),* talvez o único que se ocupa em exclusivo de um período cronológico mais recente e que procura tratar um arquivo institucional ao invés de um familiar (Henrique, 2020)[18] e, mais recentemente, 7) Filipa Lopes defendeu a tese *História(s) de uma Casa e de um arquivo: Os Viscondes de Vila Nova de Cerveira, da ascensão à consolidação institucional (séculos XIV-XVII)* (Lopes, 2023).[19]

Maria de Lurdes Rosa e Rita Sampaio da Nóvoa resumiram o trabalho que, de uma forma geral, tem sido desenvolvido:

[18] Ainda no âmbito do doutoramento, foram desenvolvidas outras investigações, de que é exemplo a de José Vieira Gomes sobre a história custodial dos arquivos dos juízos dos órfãos da Madeira (séculos XV-1834) (Gomes, 2019).

[19] No âmbito da recente pós-graduação em Arquivística Histórica, também foram publicados alguns trabalhos («Caminhos da Arquivística Histórica I: materialidades, contextos de produção de informação, representações documentais», 2023) («Caminhos da Arquivística Histórica II: epistemologias, práticas, propostas», 2024).

> "A metodologia seguida nestes estudos de caso começou por compreender os arquivos na sua totalidade, examinando exaustivamente a documentação neles contida. Nesse exame fez-se um primeiro esforço para detetar as ausências, (…) foi essencial o estudo dos inventários de arquivo, que permitiram determinar as diferenças entre os arquivos à data das inventariações e tal como hoje os conhecemos. De seguida, acompanhou-se em paralelo a história dos arquivos e das próprias famílias, mantendo sempre no epicentro da análise as relações orgânicas que se foram estabelecendo entre os dois numa cronologia larga. A partir daqui colocaram-se questões teóricas da História, da Arquivística e da Arquivística Histórica, (…).
>
> Esta abordagem permitiu depois avançar para a construção de uma proposta de quadro de classificação dos arquivos, para a descrição total ou parcial da documentação e para a elaboração de registos de autoridade na ferramenta *AtoM*, disponibilizando-os em linha em livre acesso à medida que vão sendo finalizados." (Rosa & Nóvoa, 2018, pp. 114–115).

Algumas dissertações de mestrado também têm aflorado as problemáticas e mesmo a área da AH, Patrícia Marques (Marques, 2013) e Margarida Costa (Costa, 2021).

2.2. Os arquivos pessoais e familiares entre a Ciência da Informação e a Arquivística Histórica

A definição, o estudo e o tratamento dos arquivos pessoais e familiares têm de ser entendidos na história e evolução de diferentes áreas das Ciências Sociais, entre as quais se destacaram, como já se demostrou, a Arquivística e a História. Como já vários investigadores salientaram, foi na segunda metade do século XX e, especialmente a partir das décadas de 1980 e de 1990, que estes arquivos entraram para o centro das questões arquivísticas e historiográficas (Gallego Dominguez, 1993, p. 33) (Pereira, 2018, p. 12).

No caso da Arquivística, tal sucedeu, como já foi referido, precisamente quando esta área se definia como Ciência da Informação, processo que implicou uma mudança algo radical do seu objeto de estudo: do documento passou a analisar a informação (Silva et al., 1999, p. 12). Mudança essa que trouxe também uma transformação na forma de olhar e pensar tanto os arquivos (e a sua informação), como os métodos de tratamento e análise (Silva et al., 1999, p. 19).

Em termos historiográficos, também novos desafios promoveram um incremento do tratamento e estudo dos arquivos pessoais nas décadas referidas (Berg, 2019, pp. 14–16). Um "interesse renovado" (Rosa, 2012a, p. 15) (Pereira, 2018, p. 14) por estes arquivos foi transversal a uma série de problemáticas que, criadas ou redescobertas, entraram para a agenda dos historiadores (Nóvoa, 2016b, pp. 354–355) (Walsham, 2016, p. 18)[20]. Francisco Borja de Aguinagalde deu o exemplo do "interés por lo próximo", um interesse em revisitar novos protagonistas, que através dos seus arquivos deixaram testemunho (Borja de Aguinagalde, 2017, pp. 599–601) (Núñez Pestano et al., 2020, p. 11)[21]. Num dos seus artigos mais recentes, Maria de Lurdes Rosa acrescentou ainda uma questão que aproxima o historiador tanto destas novas problemáticas, como da mudança de paradigma arquivístico, ao considerar que os arquivos, fontes/ "«material do historiador»", não têm sido pensados para além da sua utilidade imediata (Rosa, 2017, p. 552)[22]. É precisamente neste aspeto que a Arquivística Histórica pode ajudar os historiadores atuais a repensar a informação que tão cegamente tratam.

Como extensão da nova conceção da CI, Armando Malheiro da Silva desenvolveu uma forma de tratamento para os arquivos familiares e pessoais, postulando uma

[20] Os historiadores brasileiros Iumatti e Nicodemo consideraram que o crescente interesse pelos arquivos pessoais, em particular, permitiu o surgimento de "reflexões de cunho teórico e epistemológico", no âmbito da história da historiografia e da intelectual, entre outras, assim como identificaram inúmeras temáticas/ problemáticas exploradas recentemente, de que são exemplos, a história da ciência, a história intelectual, a da sociologia dos intelectuais e a da cultura (Iumatti & Nicodemo, 2018, pp. 97–98).

[21] Vários arquivistas reconhecem que, de uma forma mais geral, este interesse é extensível a todo o campo da história social (Blais & Enns, 1990, pp. 102–103). Tom Brown, por exemplo, escreve sobre a análise arquitetónica do Asilo de Toronto, indicando que "(…) the history of medical institutions (…) can be a rewarding área of investigation for the social historian." (Brown, 1980, p. 99).

[22] Iumatti e Nicodemo veem a utilização dos arquivos pessoais nas investigações como um exemplo da multiplicação e transformação da informação nos últimos anos, pelo que se tornou "urgente, para o historiador, o refinamento das ferramentas" (Castells *Apud* Iumatti e Nicodemo, 2018, p. 99).

distinção entre os SIF - sistemas de informação familiares - e os SIP – sistemas de informação pessoais. Esta adaptação parte de uma abordagem orgânico-funcional e não funcional-temática (Gallego Dominguez, 1993; Gonçalves et al., 1996). Num SIF, a organicidade da estrutura própria da família e da forma como esta produz a sua informação – baseando-se na "unidade familiar", na "interacção geracional" ou mesmo na relação entre variadas "trajectórias individuais". Qualquer uma das abordagens – SIF ou SIP - procura a "organicidade inerente ao ser humano", individual e coletivo, representado no quadro orgânico-funcional, por sua vez "disposto de acordo com o esquema multinível das ISAD(G)" (Silva, 2004, pp. 69–72).

Neste importante estudo, Armando Malheiro da Silva explorou também alguns aspetos da situação dos sistemas de informação pessoais e familiares, abordando uma questão particularmente importante (em parte já mencionada): a de que variadas vezes os SIP são fruto de uma fragmentação progressiva de SIF. No caso do SIP, a "organicidade pessoal (…) surge plasmada em quatro etapas evolutivas": infância, adolescência, juventude e adultez/ velhice. Propondo-se, assim, "fixar a informação de um indivíduo (…) na fase de vida ou no segmento etário em que ele a adquiriu ou produziu, guardando-a e usando-a pontualmente até ao fim dos seus dias" (Silva, 2004, pp. 77–79)[23].

Pode parecer simples, mas uma das questões que tem surgido em torno destes arquivos é a sua identificação enquanto familiares ou pessoais. Entre os autores que trabalharam esta questão podem identificar-se Luís Lima (Lima, 2015). Como indicou Armando Malheiro da Silva "Ninguém nasce de geração espontânea (…)" (Silva, 2004, p. 77), talvez por isso se mantenha estreita a proximidade entre estas duas classificações dos arquivos. Por exemplo, Francisco Borja de Aguinagalde identificou arquivos privados familiares plurigeracionais e arquivos privados familiares pessoais, neste último caso, compreendendo os "de un único individuo, y constituidos por la documentación reunida por él en el desarrollo de sus actividades profesionales y sociales o en la ocupación de funciones de cualquier tipo." (Borja de Aguinagalde, 1985, p. 211).

[23] Neste âmbito, já vários investigadores aplicaram as bases do modelo sistémico nas suas investigações ou no tratamento de determinados arquivos pessoais e familiares, por exemplo: Abel Rodrigues (Rodrigues, 2007) e Patrícia Marques (Marques, 2013).

Por seu lado, Olga Gallego Domingués identifica os "archivos de indivíduos", que além dos "documentos de carácter personal y de función", podem reunir "sin duda, documentos referentes a los familiares más directos, mujer o marido, hijos, hermanos, etc., pues es imposible desligar al hombre de la família" e em que os chamados documentos de função devem, na opinião da autora, ser considerados públicos e não privados (Gallego Dominguez, 1993, p. pp. 17, 57–58).

Aliando estes (e outros) aspetos teóricos e práticos da análise e tratamento dos arquivos pessoas e familiares, especialmente em relação com a AH, os trabalhos têm congregado uma análise alargada dos produtores informacionais, da história (custodial) dos arquivos e da sua relação com esses mesmos produtores, das opções práticas para o seu tratamento e (por vezes) divulgação e ainda da produção de conhecimento historiográfico que é possível desenvolver a partir destes elementos (Núñez Pestano et al., 2020; Rosa, 2012b).

Terry Cook também concorda com a dificuldade de classificação destas tipologias de arquivo, mas descreve algumas das semelhanças entre arquivos pessoais e públicos: "ambos são artefatos de registro derivados de uma atividade; os arquivos são evidências das transações da vida humana, seja ela organizacional, e por conseguinte oficial, seja individual, e portanto pessoal." (Cook, 1998, p. 130).

2.3. Entre os arquivos pessoais, os de cientistas e médicos

Uma abordagem ao estado da questão dos arquivos pessoais em Portugal tem de mencionar o trabalho de Zélia Pereira. A sua tese de doutoramento partiu de uma análise exaustiva da situação destes arquivos, para concluir que se tem alargado o número de estudos, na sua maioria evidenciando uma preocupação com a organização interna e com a definição de propostas de classificação, mas não tendo em conta "a análise das políticas de aquisição visando a preservação e difusão dos arquivos pessoais", que constitui uma das questões centrais (Pereira, 2018, p. 12). O insuficiente número de problemáticas analisadas, assim como a pouca atenção dispensada à "afirmação da autonomia individual" que está subjacente a estes arquivos,

especialmente prolíferos na Época Contemporânea, fazem com que a autora julgue que continuam mal estudados[24] (Pereira, 2018, p. 18).

Algumas destas ideias, já tinham sido abordadas por Fernanda Ribeiro, vários anos antes, altura em que aponta a sua quantidade "bastante reduzida", consequência da "realidade bastante recente" do "hábito e o interesse em conservar registos de actividades individuais", pelo que a maioria dos arquivos existentes à época eram de "algumas personalidades que tiveram uma notável importância social, política, diplomática ou cultural e, em tais casos, geralmente, os respectivos arquivos pessoais confundem-se (ou fundem-se mesmo) com os resultantes do desempenho dos cargos oficiais que lhes estavam adstritos." (Ribeiro, 1998, p. 283). Na sua opinião, "só modernamente se ter reconhecido o valor informativo dos arquivos pessoais também contribuiu para que não se tivessem conservado antigos arquivos, a que não era atribuída qualquer importância." (Ribeiro, 1998, p. 395). Este desinteresse terá também conduzido à situação descrita pela autora de uma quase inexistência de instrumentos de acesso à informação – o que em parte ainda se verificará adiante para o caso dos arquivos de médicos em contexto nacional (Ribeiro, 1998, p. 397)[25].

Uma das razões que pode ser apontada para a inexistência de um maior número de trabalhos sobre os arquivos pessoais é a dificuldade em desenvolver convenientemente trabalhos interdisciplinares como devem ser "por excelência" aqueles que tratam estes arquivos (Bellotto *Apud* Barcellos, 2018, p. 72). A necessidade de promover um estudo interdisciplinar dos arquivos pessoais prende-se com a impossibilidade de os conhecer e tratar sem entender o seu contexto de produção e/ou os seus produtores, daí que se tenham começado a encontrar especificidades nos

[24] Outro balanço relevante sobre a situação dos arquivos pessoais e familiares foi feito por Abel Rodrigues (Rodrigues, 2017) e, mais recentemente, Carlos Guardado da Silva escreveu sobre o lugar dos arquivos pessoais na arquivística internacional (Silva, 2020).

[25] A autora acrescentou ainda uma nota relativamente à ação do Estado, que na sua opinião se tinha "limitado, praticamente, à salvaguarda dos que são considerados como bens patrimoniais e de interesse histórico." (Ribeiro, 1998, p. 560). Talvez faça sentido deixar aqui uma pequena nota relativamente à Associação portuguesa dos Arquivos Histórico Privados – APAHP, iniciativa da sociedade civil, que pretende (entre outros aspetos) ajudar os proprietários de arquivos privados na sua preservação (Souza, sem data).

arquivos de diferentes origens, aqui interessam-nos em particular os arquivos de cientistas e médicos.

Se a questão da diversidade existente nos arquivos pessoais já foi grandemente mencionada, a verdade é que os arquivos relacionados com a Medicina podem representar casos ainda mais paradigmáticos. No prefácio de Fernanda Ribeiro à obra *A Medicina na Era da Informação* (2009) apresenta vários exemplos que podem constar neste tipo de arquivos, indicando que "(…) são uma amostra elucidativa da complexidade e da vastidão de conexões que se podem estabelecer entre a informação e o mundo da medicina e revelam a importância que um acesso rápido e eficiente à informação tem para a actividade dos profissionais e dos investigadores que operam em ligação com a área da saúde." (Duarte & Farias, 2009, p. 16).[26]

Olga Gallego Domingué z, por exemplo, chamou "archivos científicos" ao pensar nos arquivos "de sábios, escritores[27], artistas, hombres de Estado, políticos, militares, membros de la Iglesia, periodistas, obreros, profesionales, etc., que han producido y conservado documentación de sus actividades" (Gallego Dominguez, 1993, p. 17), aproximando-se desta concepção Francisco Borja de Aguinagalde (Borja de Aguinagalde, 1985, p. 211). Mais recentemente, mas também em contexto espanhol, encontram-se os trabalhos de Lúcia Fernández Granados e Juana Molina Nortes, a primeira preocupou-se especialmente com a definição de património documental destes conjuntos e deu especial destaque à sua "historia arquivística" e a segunda com a valorização do "património documental científico" (Fernandéz Granados, 2015, p. 285) (Molina Nortes, 2002). Peter Harper, diretor do National Cataloguing Unit for the Archives of

[26] Os colóquios Medinfor têm também dado espaço à discussão em torno de questões sempre presente e, talvez hoje mais atuais que nunca, da gestão de dados individuais em contexto hospitalar (ou não), como destacou Armando Malheiro da Silva (Duarte & Farias, 2009, pp. 27–56), também Fernanda Ribeiro (Duarte & Farias, 2009, pp. 111–125) e Olívia Pestana (Duarte & Farias, 2009, pp. 127–154). Este aspeto tem vindo a ser trabalho também noutros contextos (Anderson, 1997).

[27] Já noutros trabalhos académicos se analisou a chamada "arquivística literária" (Graça, 2011) e, apesar de não ser um tema a explorar aqui – mesmo que o arquivo de Fernando da Silva Correia seja também o arquivo de um escritor -, deve deixar-se esta menção, até porque muitos dos arquivos pessoais que têm sido explorados têm escritores como os seus produtores informacionais. Ver também sobre a proposta do arquivo pessoal como "evidence of «me,» but is simultaneously the ground for playing at self-representation, self-aggrandizement, self-memorialization." (Hobbs, 2001, p. 131) (Douglas & MacNeil, 2009) (Douglas, 2015) ou o arquivo como construção autobiográfica (Carvalho, 2018). E sobre outros arquivos de escritores (Hearne, 2018).

Contemporary Scientists em 2004, deu também alguns contributos para a preservação dos arquivos de cientistas contemporâneos (Harper, 2005). Em Portugal deve mencionar-se o trabalho de Liliana Rodrigues (Rodrigues, 2015) (Rodrigues & Amorim, 2018).

Os arquivos de investigadores ou "do saber"/ ciência(s)/ conhecimento podem (e devem) ser associados aos arquivos de médicos. Estes, claro, oferecem um contexto muito diferente dos arquivos clínicos (ou hospitalares) – e também podem configurar inúmeras diferenças em relação a um arquivo pessoal por excelência -, mas tal não implica que sejam necessariamente diferentes do arquivo médico, ou melhor, do arquivo de um médico, especialmente se a investigação fizer parte do quotidiano do produtor informacional. Jean-François Bert e Marc J. Ratcliff, no entanto, denotam algumas diferenças nas conceções de cada uma das tipologias destes arquivos. Por exemplo, na sua opinião, os arquivos considerados científicos "sont en grand majorité produites par des agents de l'État et tombent sous la dénomination d'archives publiques" ao invés de arquivos privados (ou pessoais) como são muitas vezes entendidos (Bert & Ratcliff, 2015, p. vii). Apesar disso, consideram que a produção informacional dos investigadores também pode integrar os seus arquivos pessoais tem vindo a despertar o interesse de novos investigadores, que estudam a ciência ou a forma como é produzida, incluindo os aspetos identitários e de construção da comunidade científica que podem estar subjacentes (Lefebvre et al., 2015, pp. 3-4). Podendo esta investigação ser feita "dans une approche contextualisée des pratiques d'écritures, comme celle développée par la sociologie du travail." (Lefebvre et al., 2015, p. 6). Na mesma obra Marc J. Ratcliff propõe "un modèle qui articule le fonctionnement de la recherche scientifique (C.R.) au fonctionnement de l'archive (C.A.)", partindo da investigação em torno do Arquivo Jean Piaget. E, por exemplo, Julie Lauvernier, à semelhança do que acontece com os arquivos pessoais, assume alguma dificuldade na classificação dos arquivos científicos e técnicos, do conhecimento ou de pesquisa Lauvernier, 2015, p. 146).

No caso brasileiro[28], revelou-se bastante pertinente o trabalho de Maria Celina Silva sobre os arquivos de cientistas. No seu artigo, com Márcia Trancoso, na revista *Manguinhos*, foi abordado "o estudo da tipologia documental em arquivos pessoais de cientistas e sua importância para a pesquisa em história da ciência e para o trabalho do arquivista." Este artigo ilustrou bem a diversidade de informação que compõe estes conjuntos, responsável pela difícil "identificação da atividade produtora do documento", um passo fundamental para a prossecução do tratamento arquivístico. Para as autoras, os investigadores de História da Ciência procuram os arquivos pessoais para "complementar as fontes oficiais" e conhecer aspetos da personalidade, do quotidiano e das relações sociais daqueles que investigam. E, normalmente, encontram as informações necessárias, pois estes arquivos representam o que os produtores "guardaram em suas residências como testemunho das atividades exercidas ao longo de uma vida", sendo mais comuns "os documentos produzidos por sua atividade científica, ou seja, fruto de seu trabalho, que os produzidos pelas atividades relacionadas à sua vida privada"[29].

No seio destes arquivos de científicos, podem localizar-se os arquivos de médicos que, tal como o objeto de estudo desta Tese, reúnem, normalmente, os seus contextos profissional e académico (Ribeiro, 2009, p. 111). Assim, seja com enquadramento institucional, seja através de uma produção exclusivamente pessoal, estes arquivos constituem uma "realidade (…) multifacetada" que é necessário analisar de forma interdisciplinar, tendo em conta o modelo sistémico, o estudo da "realidade informacional em análise", "as relações sistémicas internas e externas" ou, ainda, as tarefas de descrição e classificação desta documentação (Ribeiro, 2009, pp. 123–124).

[28] Foram identificados outros investigadores brasileiros que têm trabalhado os arquivos pessoais, aqui são apenas referidos alguns casos (Heymann, 1997) (Ducrot, 1998) (Camargo, 2009) (Campos, 2017).

[29] Consideram-se também de referência os trabalhos de (Castro, 2013) e de Paulo Santos, que "defendeu a ideia de que a atividade do cientista, independentemente do seu vínculo institucional, se enquadra na construção de uma carreira, e por isso propôs um quadro de classificação próprio", o que constitui uma "classificação funcional" (Santos Apud Pereira, 2018, p. 362). Assim como o trabalho do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), que disponibiliza online instrumentos de descrição documental sobre, pelo menos, 18 arquivos pessoais de cientistas – https://www.gov.br/mast/pt-br [Consult. 22 de junho de 2025].

Antes ainda de passar para uma breve análise dos arquivos nacionais incluída neste estado da arte, vale a pena referir alguns aspetos destes arquivos de Medicina, tal como são apresentados por Fernanda Ribeiro. Como a autora escreveu, a informação médica é essencialmente produzida em contexto institucional, mas não apenas aí "se produz, acumula e conserva", admitindo um importante conjunto de situações em que esta informação extravasa o "enquadramento institucional", por exemplo: "o caso dos consultórios médicos". E continuou dizendo que, mesmo que se desconsidere este conjunto "pela sua pequena expressão", ele pode revelar um "impacte social enorme" e congregar "informação médica" relevante. Concluiu, assim, que é possível encontrar "informação da área da Medicina, produzida, acumulada e utilizada em contextos orgânicos de natureza institucional ou pessoal" (Ribeiro, 2009, p. 120).[30]

Estes arquivos de médicos foram especialmente estudados através de uma parceria entre Portugal e o Brasil, que promoveu o estabelecimento do projecto *SiS Médicos e a Cultura*[31] e a realização dos Colóquios MEDINFOR I-VI (2008, 2011, 2014, 2017, 2020 e 2023)[32] (Duarte & Farias, 2009) (Pestana et al., 2014). Este projeto, partindo do pós-doutoramento de Zeny Duarte, tinha como objetivo "disseminar novos conhecimentos a partir do resgate e divulgação desses acervos, com inserção de dados em plataformas digitais". Nestes encontros, tem sempre sido dado lugar aos trabalhos relacionados com a preservação de memória a partir do património documental, com origem nas instituições da saúde ou dos próprios médicos. Conjugando, em sintonia com o que temos visto até aqui, os "arquivos clínicos" ou os métodos arquivísticos para o seu tratamento, assim como "alguns textos acerca da vida, obra, pensamento e acervos de

[30] Neste artigo, Fernanda Ribeiro avança também algumas informações sobre salvaguarda de arquivos em diferentes "contextos de acção médica": universitário, associativo – como é o caso da Ordem dos Médicos -, entre outros (Ribeiro, 2009, pp. 117–120).

[31] O site do projeto *SiS Médicos e a Cultura* mantém o registo de 451 médicos portugueses, em linha: http://www.medicoseacultura2.ufba.br/ [Consult. 17 de setembro de 2020].

[32] O Colóquio Internacional "A medicina na era da informação" (o primeiro Medinfor) definiu-se como um "(…) exercício da mitdisciplinaridade (multi, inter e trans) nas ciências da informação, comunicação e saúde (…)". E procurou "envolver especialistas e profissionais das duas áreas em publicações científicas; incentivar os grupos de pesquisa em informação a participar de eventos organizados por profissionais / cientistas da área da saúde; sugerir que o acervo documental da Faculdade de Medicina da Bahia amplie ações voltadas à preservação e partilha social da memória histórica e institucional da Faculdade; propor que o *SiS Os médicos e a cultura* se constitua em plataforma de recolha, organização e recuperação da informação, a partir da qual sejam potencializados estudos no âmbito das ciências da informação e biomédicas." (Duarte & Farias, 2009, pp. 11-12).

médicos que, para além das práticas clínicas, se dedicaram ou se dedicam a lançar um olhar literário sobre o homem e a sociedade" (Duarte, 2014, p. 6). Esta questão é especialmente abordada em relação ao referido projeto, no capítulo de Zeny Duarte e Armando Malheiro da Silva (Duarte & Silva, 2014), e são ainda relevantes dois artigos que sobre os acervos (pessoais) dos médicos João Barreira (Barreira, 2014) e Joaquim Gomes Coelho (Júlio Dinis) (Duarte & Farias, 2009, pp. 185–218) (Abreu, 2014).

Juntando os arquivos de cientistas e médicos teve lugar em 2014 o Encontro *Arquivos Científicos* (Lisboa), que, com a participação de vários investigadores, pretendia explorar novos campos de análise em torno destes conjuntos documentais. É exemplo desta relação, o trabalho apresentado por Assunção Júdice e Teresa Cunha sobre o arquivo de Reinaldo dos Santos[33]. Foi também dado algum destaque ao património documental da Ciência e/ou da História da Ciência no I e II Encontros dos Museus e Instituições de Ciência e Ciências da Saúde da Área Metropolitana de Lisboa (2017 e 2021)[34].

Alargando um pouco mais a extensão das referências utilizadas, há que mencionar os dois números publicados pela revista canadiana *Archivaria* com o tema "Archives e Medicine", em 1980 e 1996, especialmente dedicados aos "Medical archives" com várias referências a arquivos pessoais de médicos (Reaume & Craig, 1996). No número de 1996, Barbara Craig apresenta uma aproximação a definição dos arquivos de medicina.

> "«Medical archives» or «health care archives» - both suitable alternatives at first glance - are difficult to define precisely, referring neither to types of documents, nor to an exclusive field of research, distinct functions, or institutions. The meaning of medical or health care archives - whether conceived as documents, subjects, or provenances - shifts in response to our changing ideas about what the field comprises and who should be included. Medicine and health are elastic concepts shaped by socially-conditioned understanding. The elasticity of their

[33] Mais informações sobre o encontro e esta apresentação em: https://arquivoscientificos.wordpress.com/comunicacoes/ [Consult. a 22 de setembro de 2020]. Um outro trabalho sobre o arquivo deste médico foi elaborado por Sara Silva (Silva, 2014).
[34] Site do encontro: https://patrimoniocienciasaude2020.home.blog [Consult. a 18 de outubro de 2020].

union tolerates much diversity, but at the price of making it difficult to sustain a focus on the intricate documentary web spun around illness and wellness." (Craig, 1996, p. 41).

Christopher Booth, Julia Sheppard e E. M. Tansey escreveram em 1990 um pequeno artigo publicado no *British Medical Journal*, em que, pelos diversos avanços na Ciência e Tecnologia, consideraram o século XX como de grande interesse para a História do Homem, apesar de "there has been little professional interest in the history of recent medical science." Os autores identificam os "contemporary records": "published work and the records of public bodies", "include the valuable information contained in correspondence, diaries, and – particularly – the original laboratory notebooks of individual scientists". Além de alguns estudos de caso, ou seja, arquivos de cientistas e médicos existentes em instituições britânicas, referiram a origem do Centre for Scientific Archives[35].

2.3.1 Arquivos de médicos em Portugal: análise

Ao longo da presente investigação houve a necessidade de, como já foi evidenciado, conhecer melhor a situação dos arquivos de cientistas e de médicos, para entender a forma como têm sido encarados, estudados, analisados e tratados, arquivisticamente falando. Nesse sentido, foi feita uma análise mais centrada nos arquivos de médicos, cujas diretrizes e conclusões serão abordadas em diante. Os objetivos desta análise foram: 1) conhecer o contexto de produção, preservação e tratamento dos arquivos de médicos em território nacional e 2) perceber de que forma se estabelece a relação História-Arquivística a partir dos arquivos identificados[36].

Para tal, servimo-nos da recolha bibliográfica já apresentada, que procurou perceber em que ponto se encontram os estudos sobre arquivos pessoais e, em particular, os de médicos e cientistas. Prosseguindo-se, então, para a pesquisa e

[35] Site do Centre for Scientific Archives: http://centreforscientificarchives.co.uk [Consult. 19 de outubro de 2020]. O National Cataloguing Unit for the Archives of Contemporary Scientists, anteriormente referido, foi integrado neste Centre em 2006.

[36] Parte desta análise foi desenvolvida no âmbito da disciplina Problemáticas da História, no ano letivo 2019-2020, lecionada pela Professora Doutora Maria Fernanda Rollo.

definição de uma amostra (chama-se-lhe assim, pois já se prevê que este campo esteja ainda em aberto) de arquivos pessoais de médicos, a partir dos quais se formulou a análise. Para tal, foi necessário aceder às páginas online de arquivos nacionais, distritais e locais incluídos no Portal Português dos Arquivos, com vista a uma primeira identificação de arquivos pessoais e familiares, que tenham sido produzidos por profissionais da área da Medicina. A pesquisa localizou, inicialmente, 5 arquivos, mas este número ascendeu a 49 após a consulta da Tese de Zélia Pereira e a 53 a partir de algumas referências bibliográficas mais dispersas (incluindo os que foram descobertos no âmbito do projeto *SiS Médicos e a Cultura*)[37]. Após esta identificação procurou-se constituir uma interpretação dos dados recolhidos, atendendo, em especial, aos seguintes aspetos: âmbito cronológico, história custodial, processo(s) de tratamento arquivístico, (existência ou não de) IDD's e (existência ou não de) estudos na área da História e da Arquivística sobre os arquivos (ver a tabela no Apêndice 1, que lista os arquivos pessoais de médicos encontrados).

Apesar de a pesquisa ter principiado no Portal Português dos Arquivos, parece relevante mencionar os resultados a que é possível aceder no site do projeto *SiS Médicos e a cultura*, mencionado anteriormente. Este projeto deveria constituir um dos mais importantes contributos para esta análise, no entanto, os dados aí encontrados não foram tão surpreendentes como se esperaria. No site do projeto, fez-se uma primeira pesquisa por médicos de nacionalidade portuguesa e obteve-se 451 resultados, destes apenas 8[38] eram identificados como tendo acervo particular. A pesquisa continuou para outros termos: a identificação dos médicos que têm arquivos em instituições nacionais – 7[39] e desses arquivos aqueles com possuem IDD - 0 resultados.

[37] São eles os arquivos de: João Barreira, João dos Santos, Luís Guimarães e Virgílio Machado.

[38] São eles: Abel Salazar, António Rosário, Augusto Carvalho, João dos Santos, João Pereira, José Vasconcelos, Luís Guimarães e Ricardo Jorge.

[39] São eles: António Rosário, Armando Pombal (natural de Angola, não foi acrescentado na tabela do Apêndice 1, pois o acervo referido no site do projeto são 27 livros existentes na Biblioteca Nacional de Portugal), Augusto Carvalho, Domitília Carvalho (encontra-se na mesma situação de Armando Pombal, pois não foi encontrado o seu nome entre os espólios do Arquivo da Cultura Portuguesa Contemporâneo - http://acpc.bnportugal.gov.pt/lista_alfabetica.html), Joaquim Gomes Coelho, Ricardo Jorge e Walter Osswald (natural do Porto, também não está incluído na tabela em apêndice, pois o "acervo" referido no site - localizado na Universidade do Porto e na Universidade Católica de Portugal - parece não constituir um arquivo pessoal do médico).

2.3.1.1. Alguns exemplos à lupa

Apenas para dar alguns exemplos, e antes de prosseguir para uma análise mais generalista dos 53 arquivos, apresentar-se-ão brevemente dois arquivos de médicos provenientes de cada uma das três formas de identificação/pesquisa.

Da pesquisa *online,* selecionaram-se os arquivos dos médicos Xavier da Cunha (1840-1920) e José Francisco David Ferreira (1929-2012). Considerou-se o primeiro arquivo por se encontrar no Arquivo Nacional Torre do Tombo, cuja página de pesquisa online disponibiliza uma descrição do fundo, compatível com a norma ISAD(G)[40]. Através da referida descrição do fundo na Torre do Tombo são identificadas as datas de produção (1865-1940). Sobre o produtor, é elaborada uma "História administrativa/ biográfica/ familiar", que, brevemente, refere a sua origem (Évora) e o seu percurso académico e profissional. A reunião deste fundo só foi possível através de doações e aquisições feitas em diferentes momentos entre 1927 e 2019, pelo que representa um conjunto ainda mais complexo e difícil de interpretar e tratar. No campo "Âmbito e conteúdo" são identificados tipos documentais deste fundo, indicando-o como de "carácter pessoal e profissional", destacam-se alguns exemplos: correspondência, diferentes fases de obras suas (manuscritos, revisão de provas, etc.), diplomas de participação em diversas iniciativas e ainda documentação sobre várias personalidades que estudou – os médicos Tomás de Carvalho (1819-1897), José Tomás de Sousa Martins (1843-1897) e Rodrigo Boaventura Martins Pereira (1843-1897). A partir desta descrição, sabe-se que a documentação não está organizada e são também identificados alguns guias e roteiros que servem de instrumentos de pesquisa. Algo que é igualmente útil nesta descrição é a identificação de "unidades de descrição relacionadas", tanto na

[40] Aqui não serão referidos todos os campos, já que, apesar de todos eles serem importantes tanto para arquivistas como para potenciais investigadores, nem todos são relevantes para a análise que se pretende elaborar. O objetivo é explorar os IDD (e outros dados) para perceber se o tratamento arquivístico teve em conta a trajetória de vida do(s) produtor(es), não servindo simplesmente para o arquivista elencar um conjunto de dados objetivos sobre essa personalidade que conduziu e determinou a informação hoje consultável; e ainda se existiu alguma tentativa de produzir uma história custodial (que incluísse igualmente a produção informacional, a reutilização e a preservação da documentação até à atualidade). Estes dados além de contribuírem para os objetivos mais prementes da recente Ciência da Informação, vão permitir ao historiador/ investigador (tal como definiu Maria de Lurdes Rosa) questionar a informação que consulta e que lhe serve de fonte. Resumidamente, não serve apenas (e não é apenas, porque constitui um trabalho exaustivo) uma descrição documental bem feita, é necessário que os arquivistas identifiquem os contextos de produção ou ainda que reconstituam algumas das organizações que podem estar na base da produção informacional.

Torre do Tombo como noutras instituições, que permite ao investigador complementar a sua pesquisa. Estes dados foram introduzidos na página de pesquisa em 2006 e alterados em setembro de 2019.

O segundo arquivo de José Francisco David Ferreira (1929-2012) é descrito no Guia de Fundos do Arquivo de Ciência e Tecnologia (2018) e na página de pesquisa online. O guia de fundos identifica os vários arquivos pessoais que são mantidos neste conjunto e acrescenta ainda que "O tratamento, a preservação e a disponibilização de arquivos pessoais de investigadores ou de personalidades ligadas à vida científica nacional assume uma importância crescente". Este guia descreve os fundos em três momentos: "Identificação", "Contexto" e "Conteúdo e estrutura". Da primeira vale a pena referir as "Datas extremas" (1861-2012), na segunda somente é identificado o produtor e na terceira é reproduzida a informação do campo "Âmbito e conteúdo" da norma ISAD(G), que refere a diversidade das "tipologias documentais e suportes", reflexo das "funções e atividades desempenhadas pelo seu produtor, quer como investigador na área das ciências biomédicas - em particular, no campo da microscopia eletrónica -, quer como professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, quer ainda como dirigente académico e associativo, historiador da medicina e biógrafo."

Na página de pesquisa *online,* além dos dados já referidos, são acrescentados a "Entidade detentora", a Fundação para a Ciência e Tecnologia; uma "História Administrativa/ biográfica/ familiar" que analisa em maior pormenor o percurso académico e docente do produtor; o campo "Funções, ocupações e atividades" que contextualiza a informação deste arquivo e serve, assim, de um importante contributo para o investigador/ historiador que pretenda consultá-lo. Estes dados concorrem para o campo seguinte, "História custodial e arquivística", em que são identificadas duas proveniências diferentes para este fundo: a Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa (do gabinete de trabalho deste médico – 2013) e da residência familiar, de onde os seus herdeiros retiraram a documentação doada entre 2014 e 2015. É importante referir ainda o campo "Sistema de organização", que indica que "A documentação reunida respeita a organização original dada pelo produtor, salvo nos casos em que foi necessário proceder a reorganização da documentação, em função de: tema, assunto, evento, tipologia documental, ou instituição." Outros campos igualmente interessantes

explicam as condições de acesso e reprodução deste fundo, assim como atestam o seu bom estado de conservação e mencionam a existência de um "Pré-inventário".

Como já foi referido, a pesquisa de arquivos de médicos continuou e foi especialmente fecunda através da investigação de Zélia Pereira. Entre os 44 arquivos identificados neste trabalho académico, consideraram-se relevantes os seguintes exemplos: Joaquim Gomes Ferreira Alves (1883-1944) e Manuel Monteiro Velho Arruda (1873-1950).

O primeiro arquivo, de Joaquim Alves, consiste num interessante exemplo ao estar dividido por três instituições e, ao contrário do que possa parecer, este é um caso bem frequente. Não apenas porque durante algum tempo se considerou necessário dividir acervos[41] por diferentes instituições, mas também porque é muito comum quem herda estes conjuntos não saber bem que destino lhes dar e não se privilegiar a unidade dada pelo produtor[42]. Neste caso são atribuídos arquivos a este produtor no Arquivo Municipal do Porto (AMP), no Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner de Vila Nova de Gaia e no Centro Português de Fotografia.

O Arquivo Municipal do Porto disponibiliza informações sobre as datas do fundo/ coleção (1917-1937), incluiu uma breve nota biográfica do produtor, mencionando a sua origem (Porto) e o seu percurso académico e profissional. Tem ainda definidos três campos: "Unidades documentais", "Descrição" e "Relações". No primeiro é identificada uma série com cinco "Documentos produzidos". No segundo é feita uma breve descrição do arquivo tendo por base alguns campos da norma ISAD(G), e que apresenta esta coleção como uma doação de Joaquim Jaime Ferreira Alves (neto do médico) (Pinheiro, sem data), assim como as condições de acesso e reprodução. E o último campo procura estabelecer relações a partir deste arquivo, neste caso identificando organizações/ instituições que aí estão representadas (Associação do Sanatório Marítimo do Norte).

O Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner de Vila Nova de Gaia possui precisamente o mesmo sistema de apresentação do AMP. São disponibilizadas

[41] Apenas a Ciência da Informação que introduziu a ideia de sistema começou a travar a normal divisão dos acervos em documentos de arquivo, livros de bibliotecas e objetos de museu.
[42] Esta unidade apenas começa e ser pensada e privilegiada a partir da criação do modelo sistémico (Silva et al., 1999).

informações sobre as datas do fundo/ coleção (191?-1935), incluiu uma nota biográfica (mais extensa) do produtor. Dos três campos definidos - "Unidades documentais", "Descrição" e "Relações" - apenas os dois últimos estão preenchidos. No segundo é feita uma breve descrição do arquivo tendo por base alguns campos da norma ISAD(G): "Zona geográfica", "Funções, ocupações e actividades" do produtor e "Fonte imediata de aquisição e transferência" que menciona a doação do neto (do produtor) Joaquim Jaime Ferreira Alves a 22 de outubro de 2016. O último campo procura estabelecer relações a partir deste arquivo através das seguintes secções (temáticas): "Fotografias" ("Romarias"); "Relações" ("Correspondência"; "Ofertas" e "Diplomas") e "Viagens" ("Dinamarca"; "França" e "Suíça").

E quanto ao Centro Português de Fotografia não foi possível localizar uma descrição produzida pela entidade, por isso, recorre-se apenas a uma notícia de Susana Pinheiro no jornal *Público* de 17 de novembro de 2016, em que é mencionada uma aquisição de um "acervo de 350 documentos do fotógrafo e retratista, fundador do Sanatório Marítimo do Norte." Estes eram documentos iconográficos e textuais, de que o Centro se encarregaria do "trabalho moroso de inventariação (…) limpeza, digitalização de cada imagem e descrição na base de dados" (Pinheiro, sem data).

Segue-se, então, o arquivo de Manuel Monteiro Velho Arruda (1873-1950), que constitui o segundo exemplo escolhido de entre os arquivos de médicos encontrados no trabalho académico de Zélia Pereira. A escolha recaiu sobre este arquivo para que esta amostra ultrapassasse os limites de Portugal Continental, já que este fundo faz parte da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada – S. Miguel, Açores. Como na maioria dos casos anteriores, é possível localizar na página de pesquisa online uma breve descrição do fundo de acordo com a norma ISAD(G). Quanto aos campos, vale a pena destacar as "Datas de produção", campo que inicia em 1507, mas não indica outra data extrema. A "História administrativa/ biográfica/familiar", que dá informações sobre a vida deste médico, natural da ilha de Santa Maria, e descreve o seu percurso académico, assim como identifica alguns trabalhos da sua autoria. A "História custodial e arquivística" descreve o percurso que a documentação fez após a morte do seu produtor, sendo mantida por João Bernardo de Oliveira Rodrigues e só, posteriormente, em 1964, depositada pelos herdeiros deste na atual entidade detentora. O "Âmbito e

conteúdo" enumera algumas tipologias documentais que fazem parte deste arquivo, assim como identifica algumas instituições em que a informação foi produzida. O "Sistema de organização" descreve o arquivo como "bastante desorganizado", supondo-se que "a última tentativa de organização/reordenação seja da responsabilidade de João Bernardo de Oliveira Rodrigues" e explica o processo de numeração das unidades de instalação e a organização da correspondência - "agrupada por remetente ou destinatário, no caso dos rascunhos". Os "Instrumentos de pesquisa" atestam a existência de diferentes IDD e com diversas datações: uma "lista", uma descrição do "fundo" (?), outra do "Espólio documental e literário" e ainda uma última dos "Documentos pertencente ao…".

Foi ainda possível localizar um documento produzido pelo médico Manuel Velho Arruda no Centro de Documentação – Arquivo do Instituto Cultural de Ponta Delgada, uma fotografia com dedicatória doada em janeiro de 2018.

É chegado então o momento de fazer ainda uma breve descrição de dois arquivos localizados através da consulta de bibliografia mais dispersa, assim foram selecionados dois arquivos que direta e indiretamente foram localizados através do projeto *SiS Médicos e a cultura,* os arquivos de: João Barreira (1866-1961) e António Martinho do Rosário (Bernardo Santareno) (1924-1980).

O arquivo de João Barreira representa um caso excecional entre os arquivos de médicos identificados, pois é preservado somente pela família[43]. Assim, os dados reunidos sobre este fazem parte de um capítulo do livro *Medicina e Informação: Olhares luso-brasileiros* (2014), escrito por Catarina Fernandes Barreira. A autora começou por dizer que à data da comunicação (este livro publicou os textos das comunicações do encontro MEDINFOR IV) perfaziam oito anos desde que tinha iniciado uma investigação sobre o acervo deste médico. Prosseguiu com uma nota biográfica, que enveredou especialmente para uma tentativa de caracterizar o médico pela sua atividade intelectual, desenvolvida em diversos âmbitos. Tratou a sua "paixão por antiguidades" e terminou tecendo, então, algumas considerações sobre o acervo de João Barreira. Para a autora, o acervo "é vasto e complexo, revelador da sua personalidade

[43] Na mesma situação encontra-se o acervo do médico Virgílio da Silveira Machado.

multifacetada", por isso apresenta uma tentativa de "o circunscrever e sistematizar" em quatro áreas, que se confundem com as próprias tipologias documentais do mesmo: "1. Produção intelectual"; "2. Correspondência"; "3. Recortes jornais" e "4. Documentação complementar". Para cada uma destas áreas, a autora resumiu o conteúdo e acrescentou ainda que "é impossível reconstruir o modo como João Barreira tinha os seus papéis", devido à forma como foram manuseados após a sua morte. Importa ainda referir que deste acervo fazem também parte, documentos iconográficos e a "colecção de arte e antiguidades" deste médico (Barreira, 2014).

Segue-se, para terminar esta análise, o arquivo do médico António Martinho do Rosário (1920-1980), mais conhecido como escritor através do seu pseudónimo Bernardo Santareno. A escolha deste arquivo pretende apenas incluir entre estas poucas descrições o arquivo de um médico mais conhecido pela criação literária, assim como de um arquivo que, à semelhança do de Xavier da Cunha, esteja à guarda de uma instituição pública e de cariz nacional, como é a Biblioteca Nacional de Portugal. Nesta foi criado, em 1981, o Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea, com a intenção de aí reunir os espólios, coleções, depósitos e manuscritos avulsos (literários) "já à guarda da Divisão de Reservados"[44]. O "espólio" de António do Rosário é descrito na breve nota informativa, que acompanha cada um dos conjuntos pertencentes às quatro seções mencionadas, esta nota além de algumas referências biográficas do médico, define-o como "dramaturgo e poeta de inspiração neo-realista", cuja "colecção (1 cx.: 57 docs.) conserva apenas cartas enviadas a Maria Justina Bairrão Oleiro (1944-1951) e três impressos." O que não se pode (propriamente) considerar um arquivo pessoal, mas sim uma parte do que esse arquivo poderia conter. Este "espólio", para usar o termo empregue pela Biblioteca Nacional de Portugal, foi doado por Maria Justina Oleiro, em julho de 1988, e como instrumento de pesquisa existe um inventário.

[44] Em linha: http://acpc.bnportugal.gov.pt/arquivo.html [Consult. 20 de janeiro de 2020].

2.3.1.2 O que sabemos e o que não sabemos – estado do tratamento e estudo

Apresentados e descritos brevemente alguns exemplos dos arquivos localizados, pretende-se agora fazer uma análise interpretativa dos dados recolhidos sobre os mesmos.

Como já foi dito, os arquivos pessoais de médicos, à semelhança dos restantes arquivos desta tipologia, têm sido encarados não só pela sua diversidade característica, mas também pela complexidade da informação inerente da "função". Juntar o homem e o médico implica perceber como interligar o seu quotidiano e relações sociais ou familiares, com o profissional e até, por vezes, o escritor ou académico/ investigador. É de todas estas facetas que se fazem os arquivos pessoais e os arquivos de médicos não são exceção, talvez sejam até um exemplo mais interessante, ou não se pretendesse no projeto *SiS Médicos e a cultura* dar conta de uma relação ainda mais forte entre estes profissionais da saúde e as várias formas de criação cultural e/ou artística.

A Tese de Zélia Pereira reuniu um conjunto de dados sobre os arquivos pessoais em Portugal, já referidos anteriormente, que ajudam a perceber o impacto dos arquivos aqui em análise. Em primeiro lugar, a autora considerou que os arquivos pessoais "têm vindo a ser paulatinamente tratados, descritos, valorizados e utilizados sob as mais diversas perspetivas" sem que tal se reflita num aumento claro do conhecimento sobre esta tipologia de arquivos. Tal deve-se, em parte, às diferentes, mas prementes dificuldades por que passam as entidades detentoras no que respeita à disponibilidade ou mesmo capacidade para proceder ao tratamento destes conjuntos documentais. A título de exemplo, pode mencionar-se a possibilidade de alguns dos arquivos pessoais identificados na Tese estarem mais próximos da classificação como familiares[45]. No entanto, a sua pesquisa é impressionante, localizando 376 entidades detentoras em Portugal e 3850 arquivos pessoais (Pereira, 2018, pp. 220–240). E um dos resultados foi o de retirar do "«domínio do desconhecido»" a maioria dos casos tratados (Pereira, 2018, p. 12).

[45] Neste sentido, o caso do arquivo do médico José Rodrigues Correia é relevante. Segundo conta Zélia Pereira, este arquivo à guarda do Arquivo Distrital de Viseu, passou recentemente a ter a classificação de arquivo da família Rodrigues Correia "cujas datas de acumulação se situam entre 1853 e 1950" (Pereira, 2018, p. 224).

No início da investigação e desta análise em particular, esperava-se encontrar arquivos de médicos/ Medicina tal como são apresentados por Fernanda Ribeiro, enquadrados num âmbito institucional ou de consultório (Ribeiro, 2009, p. 120). No entanto, como é percetível, foram encontrados estes e muitos outros enquadramentos, que revelam de forma mais significativa as vertentes de académicos, escritores ou investigadores dos vários médicos identificados. A tabela do Apêndice 1 é composta por 8 campos de informações sobre os 53 arquivos reunidos, são eles: 1) **"Arquivo"**, com o nome do arquivo elaborado a partir do nome do produtor; 2) **"Entidade(s) Detentora(s)"**, identifica as entidades que detém os arquivos ou partes deles (nos casos em que estes estão dispersos por várias); 3) **"Tipo"**, que se refere ao tipo de arquivo (pessoal ou familiar) de acordo com a classificação atribuída pelas entidades detentoras; 4) **"Datas de produção/acumulação"**, que contém as datas apresentadas pelas entidades detentoras (normalmente extremas, de produção e/ou acumulação); 5) **"História custodial"**, pretende identificar os arquivos para os quais esta foi elaborada e de que forma dá acesso ao investigador a dados sobre os contextos de produção, acumulação, reutilização e preservação da informação do arquivo e, como se achou relevante, acrescentou-se neste campo informação sobre a forma de aquisição/ integração dos arquivos nas entidades detentoras; 6) **"Tratamento"**, de acordo com as entidades detentoras, menciona-se se os arquivos foram tratados e se se identificam métodos ou critérios; 7) **"IDD"**, serve para assinalar os arquivos que possuem instrumentos de descrição documental e quais os seus formatos: guias, inventários, catálogos, etc., e, por fim, 8) **"Estudos"**, identifica os trabalhos nas áreas da História e da Arquivística/ Ciências da Informação ou Documentação em que foi possível encontrar análises ou referências aos arquivos listados (poderão ser muitos mais).

É a partir desta tabela que se procurará estabelecer uma interpretação dos dados reunidos, tendo em conta as questões que estão por detrás destes vários campos de análise. Começando pelo âmbito cronológico, como já era de prever e como Zélia Pereira também salientou, os arquivos pessoais têm especial expressão no período definido

pela História como contemporâneo, por isso, os arquivos dispersam-se entre os séculos XIX e XXI, tendo como datas extremas 14-- e 2012[46].

A este campo mais simples seguem-se outros que implicam uma maior atenção e justificação. É o caso da história custodial, esta tem sido especialmente útil nas abordagens metodológicas que a Arquivística Histórica tem vindo a definir, pois dá os dados necessários 1) ao historiador para pensar as fontes e 2) ao arquivista para pensar a informação e 3) a ambos para desempenharem o seu papel profissional e social de forma mais assertiva e coerente com os seus objetos de estudo, que não são assim "obliterados pela sua utilidade" (Rosa, 2017, p. 552). Para os arquivos listados, é percetível que esta questão não é a prioritária entre as suas entidades detentoras, a maioria dos arquivos possuí uma história custodial pouco desenvolvida ou desenvolvida (para usar os termos da tabela) e verifica-se que só em casos particulares ou em estudos/ processos de tratamento mais recentes esta se encontra mais completa[47].

Relacionado com o campo anterior, está a questão seguinte relativa ao(s) processo(s) de tratamento arquivístico. Estes podem ser compreendidos como as várias fases que principiam com o "estudo do produtor" através da sua biografia, que, obviamente, implica um conhecimento relativamente aprofundado do seu percurso académico e profissional, das suas "relações sociais, familiares e/ou de amizade", das "atividades científicas e intelectuais", ou seja, todos os dados que possam auxiliar na tarefa de contextualizar a produção informacional. Para Gracinda Guedes, a ausência deste "conhecimento prévio" implica que "a classificação, ao invés de potenciar o acesso à informação", cause "entraves à localização ou, até, a sua completa ocultação" (Guedes, 2017, p. 529). Infelizmente, como é possível verificar através desta listagem, é difícil identificar normas no que respeita ao tratamento dos arquivos de médicos em Portugal. Tal será consequência da diversidade destes arquivos, dividindo-se entre os maioritariamente fotográficos (exemplo do arquivo de Joaquim Ferreira Alves), entre os que mais refletem a produção intelectual dos médicos (exemplo dos médicos escritores

[46] Dados relativos, respetivamente, aos arquivos dos médicos Manuel Velho Arruda e José David Ferreira.
[47] Fala-se dos arquivos pertencentes ao Arquivo Ciência e Tecnologia (José David Ferreira e Augusto Celestino da Costa), mas também dos arquivos de Manuel Velho Arruda (à guarda da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada), Fernando da Silva Correia (cuja entidade detentora é a associação PH) e João Barreira (na posse da família).

como Joaquim Gomes Coelho ou Ricardo Jorge) ou ainda entre os que espelham as diversas organizações em que os médicos trabalharam, assim como as várias atividades académicas, intelectuais, políticas, etc. (por exemplo os arquivos de Fernando da Silva Correia ou de Fernando Bissaya Barreto). O processo de tratamento tem de conter e organizar todos estes universos, daí que mais facilmente se possa cair na tentação de classificar tematicamente a informação, ou invés de seguir as propostas mais recentes que exploram as trajetórias de vida dos produtores (Silva, 2004). Tal revê-se nesta mesma lista em que no caso de 38 arquivos não se sabe se se encontram ou não tratados; 5 foram tratados mas não são claros os critérios que presidiram ao tratamento; 8 foram tratados a partir de critérios temáticos ou semelhantes e apenas um tem uma proposta para ser tratado a partir do modelo sistémico, adaptado por Armando Malheiro da Silva para os arquivos pessoais e familiares. Por último, chama-se ainda à atenção para a questão da divulgação online, que deverá ir além das frequentes descrições ao nível do fundo, por vezes difíceis de encontrar numa primeira pesquisa na web[48].

Em relação com os dois campos anteriores, há ainda a questão da existência ou não de IDD. Zélia Pereira, na sua Tese de Doutoramento, considerou que a "maior preocupação" da Arquivística quanto aos arquivos pessoais tem sido "com a organização interna dos arquivos e com a definição de propostas de classificação" (Pereira, 2018, pp. 220–240). No entanto, para o caso dos arquivos de médicos, há a considerar que esse esforço classificativo e arquivístico ficou talvez um pouco aquém de outros casos entre esta tipologia de arquivos. E através do exemplo dos IDD, é claro que estes são de reduzido número (apenas 16 dos 53 arquivos possuem IDD, sendo eles: guias, inventários ou recenseamentos[49]), o que é ainda mais acentuado se se procurar aceder

[48] Dos 53 arquivos de médicos listados, 22 não possuem página com descrição online, que sirva, à primeira instância, para a sua divulgação.

[49] Com guia de consulta foram identificados 6 arquivos – José David Ferreira, Augusto Celestino da Costa e Luís Dias Amado (com o guia do Arquivo Ciência e Tecnologia); e ainda de José Alberto de Faria (no Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge), Ricardo Jorge e João dos Santos (Biblioteca Nacional de Portugal (no Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea). Com inventário foram identificados 8 arquivos – João Lemos Gomes e Robert Reis Kalley (no Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira); Augusto da Silva Carvalho, Jaime Cortesão, António do Rosário e João Félix Pereira (Biblioteca Nacional de Portugal (no Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea); Fernando Bissaya-Barreto (Centro de Documentação Bissaya-Barreto); José Leite de Vasconcelos (Museu Nacional de Arqueologia). E com recenseamento foram identificados 2 arquivos – Alberto Cupertino Pessoa e João Forjaz de Sampaio (Arquivo da Universidade de Coimbra).

a estes instrumentos online (apenas 7 dispõem de IDD online). Maria Celina Silva alertou para uma outra questão neste ponto: a boa elaboração destes IDD. Para a autora, quando os investigadores de História da Ciência "se deparam com um instrumento de busca bem elaborado, com informações sobre o contexto de produção dos documentos, percebem o quanto de trabalho poupado o instrumento lhe permitiu" (Silva & Trancoso, 2015, p. 861).

A última questão a que se procurou dar resposta serve precisamente o propósito de perceber como se têm relacionado a História e a Arquivística/ Ciências da Informação ou Documentação no que respeita aos arquivos pessoais de médicos. E percebe-se que a relação é bastante ténue, ora atente-se ao seguinte exemplo: Andreia Fidalgo apresentou uma dissertação para obtenção do grau de mestre em História do Algarve sobre a ação do historiador (e também médico) Francisco Fernandes Lopes (1884-1969), em que identificou o fundo existente no Arquivo Municipal de Olhão António Rosa Mendes como um conjunto inestimável para o seu trabalho. No entanto, não teve necessidade de tecer quaisquer considerações que ajudassem a perceber de que forma questionou ou problematizou essa informação (Fidalgo, 2012).

Da abordagem mais geral que se pretende fazer a partir desta listagem, julga-se poder contar 7 trabalhos de âmbito historiográfico, 9 relativos à Arquivística e, somente 2 que reúnem dados ou métodos das duas áreas. É importante dizer que os estudos aí referidos não foram alvo de uma pesquisa exaustiva, por isso os números que revelam podem ficar muito aquém da realidade existente. É evidente o peso do trabalho em Arquivística de Zélia Pereira e dos números anteriores conclui-se que, tanto os historiadores, como os arquivistas ainda não olham para o seu trabalho de forma tão interdisciplinar como ele pode ser e como é positivo que seja, principalmente quando se trabalham arquivos pessoais e familiares[50].

[50] Os três casos de outros profissionais de saúde encontrados foram: Acácio de Paiva (Farmacêutico) no Arquivos Distrital de Leiria; José Caetano Pinto Mendes Mourão (Médico Veterinário) no Arquivo de Ciência e Tecnologia e António José Nogueira (Farmacêutico) no Centro de Documentação Farmacêutica da Ordem dos Farmacêuticos (Pereira, 2018b, p. 517).

Capítulo 3 – Organizar, classificar e descrever – o arquivo como laboratório

> "A personal fonds looks back to those past events; the fonds grows during the lifetime of its creator, but its conceptual boundaries are stabilized when the creator dies.
>
> (…) Both creation contexts and collection histories inform our knowledge of archives, but the archival profession needs descriptive systems and tools that neither confuse origins with custodial development nor privilege one above the other." (Yeo, 2009, p. 59; 61)

Como escreveu Zélia Pereira

> "Ao longo da sua vida, os indivíduos produzem e utilizam informação, e tomam decisões quanto a guardar ou descartar os diversos tipos de documentos que fixam a sua memória."

Estes processos de produção e acumulação obedecem normalmente "a diferentes necessidades, desde o cumprimento de imperativos legais, ou profissionais, a razões emocionais." E a existência de um documento e não outro num arquivo parte quase sempre de uma "decisão sobre qual a informação a guardar" dentro de uma escala de valores totalmente individual e provavelmente subjetiva (Pereira, 2018, p. 153).

Foi precisamente esta subjetividade que fez com que os arquivos pessoais e familiares fossem "frequentemente desconsiderados", não lhes sendo conferida a "organicidade" que através de "imperativos legais e quadros normativos" se reconhecia aos arquivos institucionais. No entanto, a reflexão sobre "organicidade", devidamente apoiada nos critérios que permitem a longo prazo a transformação destes 'papéis' em arquivos, fez com que se concluísse que a mesma advém do seu contexto de produção e não de critérios temáticos como aqueles que têm presidido a organização dos arquivos e que acabam por fazer desaparecer a ordem original (aquela que lhe foi atribuída pelo seu produtor) (Pereira, 2018, p. 69).

E foi também a pensar no contexto de produção e na (possível) ordem atribuída pelo produtor que se iniciou o tratamento do arquivo pessoal e familiar Fernando da

Silva Correia, que agora será o momento de desenvolver e explanar. O título deste capítulo já desvenda a forma que se deu ao tratamento: pensando o arquivo como um laboratório, em que várias experiências podem ser feitas – todas elas em contexto virtual, respeitando a ordem física dos documentos (mesmo que, como é o caso, esta nem sempre pareça fiel ao produtor).

Em teoria (e com alguns aspetos mais práticos), no capítulo anterior foi possível analisar como é que os arquivos pessoais e familiares têm sido encarados, estudados e tratados, no entanto, é importante entender como é que esses pressupostos teóricos se refletem no tratamento direto dos documentos e da sua informação, tendo em conta as tipologias documentais, o contexto de produção e quaisquer outros elementos que se afigurem relevantes ao longo desse processo. É com base nestas convicções que o presente capítulo procura mostrar as opções tomadas no que diz respeito ao tratamento do arquivo, tendo por base diferentes aspetos e sempre pretendendo justificar não só para os pares, mas também para que os interessados em consultar o arquivo ou em conhecer a produção informacional de Fernando da Silva Correia tenham aqui como que um manual ao qual podem recorrer.

A ideia de que um arquivo pode ser encarado como um laboratório não é nova, e advém também do reconhecimento da excecionalidade dos arquivos pessoais e familiares, enquanto um conjunto único, que encerra o olhar, a produção, as ideias… do seu produtor. Alexandra Walsham considera os arquivos as fábricas e os laboratórios dos historiadores (Walsham, 2016, p. 9). Maria de Lurdes Rosa remete para a histografia oitocentista, cuja "relação laboratorial" entre, precisamente, a História, "o arquivo e a Arquivística" conferia "legitimidade científica" à disciplina, já que

> "O arquivo era o local onde o historiador académico ia buscar os seus materiais, devidamente tratados por um conjunto de profissionais que dominavam um conjunto de saberes imprescindível à disponibilização das «fontes», fosse ao nível da inventariação, fosse da edição." (Rosa, 2024, p. 230).

A mesma ideia já tinha sido formulada por Fernanda Ribeiro, que indicou que, na segunda metade do século XIX, os arquivos "passam a constituir autênticos laboratórios do conhecimento histórico." (Ribeiro, 1998, p. 28).

Hoje, as fontes, ou seja, os arquivos têm de ser repensados[51], mas tal não implica que caia a ideia de que um conjunto documental é o laboratório do historiador (ou do arquivista/ cientista da informação), até porque, citando Étienne Anheim, Maria de Lurdes Rosa salienta a necessidade "de uma exposição clara, fazendo parte integrante do trabalho de investigação, dos procedimentos de construção desta, incluindo a formação da base documental e dos meios de acesso a esta" (Rosa, 2024, p. 231). Por outro lado, com maior influência foucaultiana, Lúcio Farias comparou o trabalho arquivístico a uma escavação arqueológica (Farias, 2017, p. 104).[52]

Ao longo da investigação foi possível perceber que o arquivo pessoal e familiar Fernando da Silva Correia, tal como o conhecemos hoje, partiu das ideias de muitas pessoas e foi esse entendimento que também permitiu classificá-lo desta forma. No entanto, há a considerar que, à semelhança do contexto organizacional, também aqui, o documento deve ser entendido como uma prova das transações entre diferentes indivíduos e entidades. Essa prova de alguma forma deu entrada, ou seja, chegou às mãos de Fernando da Silva Correia ou da sua família, levando a que fosse preservado e figurasse hoje no arquivo em análise. A definição destas provas de transações ou mesmo a forma como alguns dos documentos foram incorporados naquilo a que se chama o património documental de Fernando da Silva Correia nem sempre são, no entanto, claras. Daí que os contextos de produção, receção e acumulação, como se verá, nem sempre sejam explícitos; sendo nestes que incidirá uma grande parte da preocupação desta investigação e sendo sobre eles que se procurará falar, especialmente, na Parte 2 da Tese.

[51] Precisamente entre outubro de 2023 e maio de 2024 teve início, no âmbito do projeto *Vinculum*, o ciclo de conferência sob o signo "Repensar os arquivos", que originou a publicação do número 1 do volume 38 do *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, disponível em: https://doi.org/10.14195/2182-7974_38_1 [Consult. 23 de junho de 2025].

[52] Para esta conceção do arquivo como um laboratório, também teve algum peso a Tese de Doutoramento de Maria Celina Silva, em que os "laboratórios científicos e tecnológicos" são encarados como um lugar de destaque e de acrescido desafio para o arquivista que pretenda tratar os arquivos deles oriundos, sendo aí que que "o cientista passa parte de seu tempo profissional, testando, observando, analisando, levantando hipóteses, isto com certa dose de paciência, perseverança, dedicação e persistência." E por ser o lugar onde trabalha é também "onde se produz conhecimento, o cientista reina absoluto, dita as regras e os padrões e, entre outras tantas atividades, determina a metodologia, cria procedimentos, simula intervenções na natureza. O cientista é a peça principal do processo científico." (Silva, 2007, pp. 9–10). Ana Delicado destaca o laboratório como "espaço central da produção da ciência" (Delicado, 2008, p. 90).

3.1. Problemas e métodos do tratamento arquivístico

Após a consagração dos arquivos pessoais e familiares como um novo objeto de estudo, a sua análise e tratamento têm-se consolidado tanto numa perspetiva mais teórica, relacionada com a forma como estes são entendidos pelos próprios arquivistas/ cientistas da informação, seus utilizadores e comunidade(s) local(is), regional(is), nacional(is) e internacional(is) interessadas, assim como, numa outra perspetiva mais prática, relativa às tarefas de organização, classificação, descrição e acesso à informação.

No âmbito das correntes arquivísticas mencionadas anteriormente, os investigadores têm abordado, por exemplo, as "complicated relationships between archives, forms of documentation, and the ways societies remember their pasts", que levam Blouin e Rosenberg a afirmar que os arquivos produzem conhecimento e constroem identidades, sendo fundamental a sua contextualização (Blouin Jr. & Rosenberg, 2006, pp. vii-viii). Esta ideia permite compreender a importante tarefa de classificação (Lima, 2015), já mencionada, e que, no caso dos arquivos pessoais e familiares, foi sempre dificultada pela aparente ausência de organicidade (Pereira, 2018, p. 69). Foi, igualmente, nesta tentativa de repensar os arquivos e o trabalho arquivístico em geral que, em particular, o arquivista canadiano Terry Cook, analisou a evolução da relação entre arquivista e arquivo, numa tentativa de reconhecer este profissional como um "active agent in constructing social and historical memory" (Cook, 2009, p. 169).

Se se centrar a atenção no caso português e no que ao tratamento arquivístico dos conjuntos documentais pessoais e familiares diz respeito, a proposta mais generalizada é a orgânico-funcional, como premissa para diferentes práticas: a primeira a partir de critérios "temáticos, tipológicos e geográficos" (aos quais se acrescentam os cronológicos) (Gonçalves et al., 1996, p. 43) e a segunda relacionada com o modelo sistémico, adaptado ao caso desta tipologia de arquivos (Silva, 2004). Qualquer delas pretende ser uma solução para uma das características mais evidentes dos arquivos pessoais: a diversidade. Esta existe por se estar perante um conjunto informacional que revela a "singularidade inerente à condição humana" e daí "resulta o consenso [de] que o tratamento de fundos deste género constitui uma «tarefa nada fácil de realizar»".

Gracinda Guedes acrescentou ainda que a diversidade (informacional e de contextos de produção) é a principal razão para "a falta de uniformidade e de normalização das práticas e da terminologia utilizadas no seu tratamento documental" (Guedes, 2017, pp. 519–520; Pereira, 2018, p. 370).

O modelo sistémico, já adaptado aos arquivos pessoais e familiares por Armando Malheiro da Silva, que aqui interessa recordar, cria "fundamentos orgânicos" para a documentação, a partir da sua estrutura própria e da forma como foi produzida (Silva, 2004, pp. 69–71). Nesse sentido, são apresentadas várias vantagens do modelo, que é capaz de 1) combater "as práticas fragmentadoras dos conjuntos documentais"; 2) "valorizar a complexidade do que é humano e social através de análises sistemáticas, aprofundadas e interdisciplinares"; 3) "facilitar a inteligibilidade da informação" pela "contextualização originária e das sucessivas e, por vezes, sinuosas recontextualizações de produção e de uso (fluxo)" e 4) "compreender os mecanismos (…) de busca da informação" (Silva, 2004, p. 66).

Antes de avançar, vale a pena recordar, como foi abordado no primeiro capítulo desta Parte, que um dos objetivos do trabalho de projeto que iniciou esta investigação em torno do arquivo pessoal e familiar Fernando da Silva Correia foi precisamente estabelecer esta relação entre o arquivista e a biografia (geral) dos produtores informacionais do arquivo em análise, assim como com a história da produção documental e a história custodial do património documental, após a morte do principal produtor identificado.

A partir desta primeira referência aos (históricos) princípios arquivísticos - respeito pelo fundo, pela ordem original e princípio da proveniência – é necessário, ainda que brevemente, tecer algumas considerações sobre a sua evolução, com base na análise desenvolvida pelos arquivistas/ cientistas da informação.

A evolução destes princípios tem uma clara relação com o desenvolvimento de novos paradigmas, em especial da passagem do paradigma custodial para o pós-custodial através de uma redescoberta destes princípios à luz de um novo entendimento do objetivo de garantir o acesso à informação (Soares et al., 2015, p. 25). Entre os

aspetos que distinguem os dois paradigmas devem considerar-se: 1) a "informação enquanto fenómeno humano e social" materializado num determinado suporte; 2) a aceitação de um "natural dinamismo informacional" que de certa forma deve ser entendido para além do documento, a que normalmente não é associado; e 3), tal como já foi mencionado, uma crescente valorização e diversificação do papel do arquivista/cientista da informação (Soares et al., 2015, p. 27). Neste âmbito, são destacadas algumas "novas abordagens" na Arquivística, por exemplo, a arquivística funcional ou pós-moderna que se baseia na "busca por uma identidade própria, baseada no estudo dos documentos de arquivo como Fontes históricas que fomentam a criação de uma Memória coletiva" (Tognoli Apud Soares et al., 2015, p. 28).

Terry Cook procurou delinear os efeitos que o pós-modernismo traria para a Arquivística ("Archival Science"), que "should shift its research paradigm from the analysis of the properties and characteristics of individual documents or series of records, to an analysis of the functions, processes, and transactions which cause documents and series to be created." A esta conceção acrescentou sugestões para pensar as "theoretical formulations", como a proveniência ("is linked to function and activity rather than stricture and place." (Cook, 2001, p. 21); a ordem original (variável de acordo com o arquivista/utilizador); o documento (é complementado pela metainformação que "virtually combines content, context, and structure to provide evidence of some creator actvity or function" e que, por isso, pode incluir diferentes contextos de acordo com a utilização/ reutilização ao longo do tempo; o fundo (enquanto extensão da dinâmica dos documentos); a organização e descrição (que devem ser portadoras de "enriched contextual understandings of the multiple interrelationships and uses of the records creation"; a avaliação (baseada numa análise de – entre outros aspetos – as funções societais do criador); a preservação (pensada numa lógica virtual); e os arquivos (caminharem para se tornarem instituições "without walls") (Cook, 2001, pp. 22-23).

Creighton Barrett retoma o trabalho de Jennifer Douglas, que indicou, com base na análise das origens e evolução do princípio da proveniência, que este "has become «virtually indistinguishable from the notion of context» and that provenance is now viewed as «the umbrella under which an ever-expanding list of contextual factors are

gathered.» (Barrett, 2013, p. 84). Complementando que, segundo Tom Nesmith, "(…) provenance is the "overall history of the record." (Barrett, 2013, p. 85). Para Barrett parte deste contexto passa pela definição da identidade do produtor informacional, em especial a sua identidade profissional ("work identity"). Na sua opinião, uma abordagem que contemple esta esfera da vida individual (ou coletiva)

> "(…) can help archivists create a more fulsome picture of intermingled aggregations of records and possibly guide arrangement and description decisions. Postmodern archival theory has established a theoretical foundation for such a framework by exposing the limitations of provenance and questioning the boundary of the fonds, but it does not adequately address the personal and social aspects of work that must be understood before materials of this nature can be arranged and described." (Barrett, 2013, p. 86).

O autor explica que esta abordagem se deve apoiar numa relação com outros elementos identitários (Barrett, 2013, p. 87); todos fundamentais para quem, como o arquivista, pretende "reconstructing human actions based on evidence gleaned from archives and their provenance and custodial history." (Barrett, 2013, p. 89). Esta necessidade de entender a produção documental pode, numa segunda fase do tratamento arquivístico, levar a uma "retrospective description", desenvolvida por Geoffrey Yeo e baseada em *Verstehen*, que se refere ao acto de "rethink or inwardly re-live the actions of historical agents … with a view to rendering intelligible their behaviour and the products of human endeavour." (Roy Dilley Apud Barrett, 2013, p. 90).

Estes atos de reinterpretar e representar não têm, no entanto, segundo Barrett, sido fundamentais no trabalho do arquivista, que "(…) have embraced context in a relatively superficial sense". Partindo do exemplo diarístico, o autor menciona elementos que têm sido abordados noutras áreas, como a Literatura, em que se desenvolve um maior contexto da produção informacional, tendo em conta "(…) the diarist's motivation for writing, the intended audience, the implications of the diary's custodial history, and the role of the archivist in its representation." (Barrett, 2013, p. 90). Assim, a tónica da investigação muda do documento para a "experience of individuals", o que permite estabelecer uma maior relação entre o produtor e o arquivo

e, consequentemente, entre este e a "«human life.»" (Catherine Hobbs Apud Barrett, 2013, p. 91).

Assim está traçado o caminho para o próximo subcapítulo em que se mantém a atenção na contextualização dos documentos e da sua produção.

3.2. Preservar documentos num contexto rico

> "All documents, however, must in some way be contextualized. The materials in private archives create knowledge that is socially contextualized by the very fact of its collection." (Blouin Jr. & Rosenberg, 2006, p. viii)

> "Archival records need context in order to maintain their value. Indeed, value is rarely inherent. It needs to be excavated, lifted out, exposed and made explicit; andIt needs to be shared widely to take its place in broader contexts in order to grow and create value in the collective". (Moss & Thomas, 2019, p. 37)

Tom Belton referiu que a produção de documentos está associada a certas funções de determinadas entidades, que normalmente se relacionam com formas (normalizadas ou regulamentadas) de procedimentos. Ora, quando perante um documento, nem sempre está presente o seu contexto de produção, mas um melhor entendimento deste pode ter as suas vantagens,

> "Procedure does not replace provenance as the context of records creation, rather it reinforces and clarifies provenance as something more than mere organizational context."

E a proposta deste arquivista é que este tipo de estudo e os dados nele recolhidos integrem os IDD's associados a esses documentos ou arquivos, especialmente as formas normalizadas de descrição que são relativas às instituições, funções ou assuntos. Na sua opinião,

> "Archivists also have an obligation to communicate this information to users. It is first necessary to standardize terms about form and procedure in order that

> information is communicated in a consistent way. Ideally, standardized terms about procedure should appear in descriptions of all the record-creating bodies involved." (Belton, 1996, pp. 218–219).

Tom Belton leva o arquivista, mais uma vez, a reforçar o seu trabalho em torno da história dos documentos/ arquivos e, especialmente, do contexto de produção. Os encontros I-CHORA destacaram-se como tendo revestido de uma mais consolidada importância o contexto

> "Participants in I-CHORA repeatedly observed that contemporary issues were better addressed by professionals who were skilled at «reading» record as information artefacts that achieve their meaning only within their many contexts. The practical use of record keeping histories is especially pertinent to the practitioner who must appraise, build fonds and collections, describe materials, make connections across space and time, and contextualize the records within their immediate environment as well as within the broader socio-historical framework that shaped them." (Craig et al., 2005, p. 2)[53].

Lisa Darms faz também uma análise dos conceitos de proveniência, contexto, descrição ou inscrição a partir do arquivo de um escritor e artista, contendo documentos e objetos (Darms, 2009, p. 143). Além de explorar estes conceitos, a autora procura as origens das conceções pós-modernas de arquivo, baseando-se, entre outros autores, na obra de Jacques Derrida, explorando as definições de organicidade para o arquivo e esclarecendo a sua grande artificialidade, conferida muitas vezes pelo arquivista. A partir da análise efetuada, Darms considerou estar perante "(…) the loss of the organizing principle of the creator." (Darms, 2009, p. 154).

Jennifer Douglas remete para o trabalho de Adrian Cunningham que "highlights the importance of the preservation of an archive's context, which is the goal of all archivists: only when records are preserved in their full recordkeeping context can researchers make informed decisions about their interpretation." (Douglas, 2015, pp. 67–68). Com base nestes pressupostos, a autora aconselha os arquivistas a prestarem

[53] O título deste capítulo tem por base uma das frases de (Craig et al., 2005, p. 2).

mais atenção à forma como arquivam os produtores (no caso escritores), analisando vários casos em que outros têm parte ativa nestes arquivos.

A junção destas análises – do contexto de produção e do contexto de preservação ou reutilização através da história custodial – leva-nos a uma temática já mencionada, que tem sido longamente tratada e remete para a legitimidade da ação dos arquivistas, enquanto agentes[54] da informação que tratam. No primeiro encontro I-CHORA, a criação e re-criação dos documentos constituiu um tópico de discussão

> "The notion of creation emerged at many points in the discussion – when is a record created? How do the uses we have for it impinge on the idea of a point of creation? Is there a moment of creation or are there many moments of re-creation? How should these moments be understood? What kinds of theoretical frameworks lend themselves to a penetrating exploration of the multiple dimensions of records, as history and in history?" (Craig et al., 2005, p. 8)

Como já foi dito anteriormente, dar resposta a estas questões é fundamental para o tratamento arquivístico, que pode ser feito, seguindo a proposta de Geoffrey Yeo através de uma "retrospective description". Rita Nóvoa acrescenta, reforçando a posição do arquivista como agente que se devem registar todos os momentos que modificaram a informação e o arquivo, sendo também o tratamento arquivístico entendido como um "processo de reconstrução dos arquivos (…) uma «edição do passado»" (Nóvoa, 2016a, p. 360). Jennifer Douglas fala das mais recentes considerações (pós-modernas) relativamente ao "impact of archival intervention on the nature and shape of an archive has increasingly been recognized and examined", tendo em conta "the creative role of the archivist, who, ultimately, decides which records will be kept or destroyed and who, through arrangement and description, creates the representation of the archive first encountered by researchers" (Douglas, 2015, p. 82). O trabalho do arquivista, citando Heather MacNeil, é equiparado "to those of the textual critic or editor, who aims «to restore a text as closely as possible to its original, authentic

[54] Esta posição dos arquivistas/ cientistas da informação ainda não é aceite universalmente. Rita Nóvoa refere-se a estes profissionais como "mediadores" da informação que investigam e tratam (Nóvoa, 2016b, p. 360; 2016a, p. 9).

form» (Douglas, 2015, p. 83). O que Jennifer Douglas defende é a dificuldade em reconstituir a informação de forma a empreender uma aproximação psicológica do produtor, nas suas várias versões do "eu", isto pensando especialmente nos arquivos de escritores que analisou (Douglas, 2015, p. 84). O que a leva a confirmar "the need to understand writers' archives as social and collaborative texts, and to represent their social and collaborative nature more carefully to those who use them and who trust us to represent them" (Douglas, 2015, p. 88).

Sobre a forma de tratamento dos arquivos de médicos, deve referir-se novamente o artigo de Fernanda Ribeiro (2009), cuja proposta apresentada para o tratamento e estudo dos arquivos de médicos fortemente imbuída do modelo sistémico (em que também trabalhou), assentou nos seguintes pontos: "a) Eleger a *Informação* (…) como objecto de trabalho"; "b) Entender o trabalho do profissional da informação como um processo investigativo que visa conhecer e representar com rigor a realidade informacional"; "c) Aplicar o método de investigação quadripolar (…) [que] põe a tónica na análise orgânico-funcional"; "d) Procurar conhecer as relações sistémicas internas e externas"; "e) Analisar toda a componente funcional do sistema" e "f) Entender as operações técnicas de descrição, classificação e indexação como o resultado natural" (Ribeiro, 2009, pp. 121–123).

Entre as "operações técnicas" encontra-se a "Archival Representation", que, segundo Elizabeth Yakel, "more precisely captures the actual work of the archivist in (re)ordering, interpreting, creating surrogates, and designind architectures for representational systems that contain those surrogates that stand in for or represent actual archival materials." A sua perspectiva de "deconstructin of the contexts" serve a intenção do arquivista de atingir "the fluidity, the flexibility, the ultimately uncontrollable nature of the context." A autora propõe que se preparem representações abertas dos arquivos, para que se aceite que

> "each new representational artifact contributes to the knowledge base of the repository at the same time it changes it. These processes are interactive, dynamic, and interrelated. (...) Archival representation can present a creator's, an archivist's, and potentially even a user's view of the collection as well as how

> the archivist frames the underlying papers or records for the world." (Yakel, 2009, pp. 151–152).

Laureano Ascensão de Macedo propõe uma análise das "estratégias discursivas para a representação descritiva dos processos custodiais na formação de arquivos de família" a partir dos "instrumentos de acesso à informação" – equivalentes aos IDD's, termo utilizado na presente Tese (Macedo, 2020, p. 366). Na revisão de literatura efetuada, o autor salienta que, no caso dos arquivos familiares e pessoais, os "métodos para a representação da informação" acabam por ser mais "recomendações", que devem ser adaptadas a cada caso. O autor considera que são de alguma forma divergentes as opções que seguem as normas do ICA, por vezes adaptadas ao caso português, e a proposta de Armando Malheiro da Silva que, na sua opinião, depreende "uma abordagem científica que denominou por «modelo sistema interactivo», com vista à representação de arquivos na ótica da Ciência de Informação." (Macedo, 2020, pp. 371–372).

Em parte, o que a Arquivística Histórica propõe é que estes "métodos para a representação da informação", como lhe chama Laureano Ascensão de Macedo, integrem também as práticas arquivísticas que, na opinião de Maria de Lurdes Rosa, podem permitir ao historiador

> "the conceptualization of «new archives» (and/or new «evidentiary documents», «new forms of evidence») that has been put forward in the last few decades, by groundbreaking archival science which is also anthropology and anthropological history of archives and information." (Rosa et al., 2019, p. 93).

A opção por uma contextualização e representação da informação que integre a sua história custodial tem aflorado como fundamental em vários trabalhos desenvolvidos em Portugal e também no estrangeiro, especialmente no campo da Archival Science. O modelo sistémico, aqui introduzido através da referência ao artigo de Laureano Ascensão de Macedo, reveste-se de uma importância especial para explicar a forma como se desenvolveu a representação da informação do arquivo pessoal e familiar Fernando da Silva Correia, através do processo de descrição informacional e documental. Entendida por Armando Malheiro da Silva como uma

> "estilização da realidade, produzida através de organogramas e de fluxogramas, é completada, na acepção mais ampla e densa que aqui usámos, por um procedimento descritivo multinível e maleável que visa, por um lado, aproximar-nos da autenticidade do contexto de produção original da informação num espaço e tempo determinados e, por outro, tornar possível um acesso o mais interactivo e dinâmico possível."

A aproximação a esse "contexto" está dependente do

> "vector orgânico-funcional (…) modelizado com o máximo de rigor num instrumento específico – o quadro orgânico-funcional – e, paralelamente, é imperioso que surjam gradativamente vários tipos de instrumentos de pesquisa: desde o guia ao catálogo de documentos ou actos informacionais com uma poderosa panóplia de índices (antroponímico, cronológico, geográfico, ideográfico, etc.)" (Silva, 2004, p. 61).

A proposta de organização, análise e classificação da documentação do arquivo pessoal e familiar Fernando da Silva Correia tem por base não a tipologia documental (apesar de lhe fazermos referência no próximo capítulo e ter servido para organizar a documentação em fases anteriores, não se sabe se pelo próprio produtor ou se pelas entidades custodiais posteriores), mas sim a produção e a recuperação da informação ao longo do tempo. No que diz respeito à produção, a proposta baseia-se essencialmente num entendimento do que era produzido em cada fase da vida a) infância/ adolescência e juventude; b) adultez; e c) velhice. À fase da vida mais longa e produtiva, a adultez, foram associadas as funções e cargos desempenhados e, em cada um destes, será analisada a evolução da produção, seguindo-se uma análise da relação desta produção com as lógicas de recuperação da informação, que também se relacionam com as exigências das funções (profissionais) e que, como se verá, também perdem algum do ímpeto no final da vida de Fernando da Silva Correia. Excetuando-se talvez a opção mantida para destacar a correspondência relacionada com as suas obras científicas ou literárias. Estes dois capítulos e também a segunda parte desta Tese, assumem-se como um acompanhamento do trabalho de arquivo e das decisões

tomadas em torno da representação arquivística, baseada no contexto de produção/receção documental.

3.2.1 O quadro orgânico-funcional

Como já foi abordado no primeiro capítulo, já foi feita uma análise dos IDD desenvolvidos noutros momentos de tratamento arquivístico. Este momento, integrado nessas tarefas, assume-se fundamental para a intenção de que o arquivo constitua por si só um objeto de estudo "*per se* merecedores de um esforço problematizante." Este esforço pretende questionar os processos de "preservação de fontes e de arquivos", entendidos como parte de "complexos processos racionais e intencionais" (R. S. da Nóvoa, 2016b, pp. 354–369) (R. S. da Nóvoa, 2016a, pp. 9–10).

Como já se verificou, os IDD's constituem como um elemento fundamental para o estudo prosopográfico de um arquivo (Iranzo Muñío, 2009, p. 86), sendo, claro está, uma representação do tratamento/ da organização arquivística (Gallego Dominguez, 1993, p. 67), permitindo aceder à descrição e à informação dos arquivos.

Brevemente, o arquivo pessoal e familiar Fernando da Silva Correia teve duas fases de tratamento arquivístico, antes da presente:

1) Com a participação de Margarida Araújo e Helena Pinto, mas essencialmente desenvolvida por Paula Cândido (e incluído nalguns dos anexos do trabalho de projeto). Os "trabalhos de organização", decorreram entre 1993 e 1994, levaram à limpeza, à numeração da documentação e o seu acondicionamento "em pastas numeradas". Sendo usada, durante o processo, "uma base de dados no programa Filemaker Pro da Mackintosh". Apesar da dificuldade em classificar a documentação, a base de dados criada "permitia a consulta" a partir do "título e com a respetiva descrição física"[55]. Este trabalho

[55] *Arquivo Pessoal Doutor Fernando da Silva Correia – Inventário Preliminar* (1994) da autoria da Dra. Paula Cândido, contém 110 páginas e é composto por alguns dos campos existentes na base de dados criadas: "Secção", "Título", "Autor", "Data", "Nº Ord." (número de ordem) e "Cx. N" (número da caixa). Este documento foi impresso de forma a organizar cronologicamente a informação. No campo "Secções"

foi retomado em 1997, quando um novo conjunto documental foi entregue à associação PH, sendo submetido às mesmas tarefas que o primeiro, mantendo a proveniência, ou seja, a ordem dos documentos tal como foram retirados das caixas de transporte, mesmo que a própria arquivista (Paula Cândido), ou ainda outros utilizadores do conjunto tenham demonstrado incompreensão perante esta situação[56]. Num segundo momento, que decorreu entre 1998 e 1999, foi elaborado um "plano de classificação que procurou respeitar os ciclos da vida e as fases de atividade do produtor, não deixando de ter em linha de conta, o acesso à informação por eventuais investigadores interessados." Por essa altura, o núcleo documental era "constituído por 4768 registos distribuídos por 280 caixas" (Cândido, 1999, pp. 2–3). Também partindo do modelo sistémico (para arquivos pessoais e familiares) de Armando Malheiro da Silva, Paula Cândido estabeleceu duas secções, correspondentes à infância/adolescência e à idade adulta (somente) de Fernando da Silva Correia. "A Seção A refere-se à sua fase da sua vida [sic] enquanto estudante nos liceus e na universidade de Coimbra e inclui o cumprimento do serviço militar (1917-1919). A Secção B, com início em 1919 e fim 1966, pretende "abranger todas as áreas profissionais e também outras áreas de interesse do próprio."[57]

2) Entre 2015 e 2017, um novo IDD foi desenvolvido por Joana Vitorino, de forma a garantir o acesso ao arquivo após a perda de parte do trabalho anterior, representando, no entanto, um retrocesso na adaptação do modelo sistémico mencionado previamente. Partindo de uma matriz manuscrita,

foram localizadas as seguintes divisões: "Arquivo fotográfico", "Colecções", "Correspondência oficial", "Correspondência particular", "Correspondência", "Correspondência oficial e particular", "Documentos", "Documentos individuais", "Gestão Financeira", "Investigação histórica", "Publicações", "Trabalhos de investigação", "Vida profissional", "Gestão patrimonial" e "Hospital Termal".

[56] Isabel Xavier, presidente da Direção da associação PH-Grupo de Estudos deixou clara a perceção de uma ausência de ordem no arquivo pessoal e familiar Fernando da Silva Correia, o que em parte se justificava pelo "critério adoptado", que obrigava a manter "tudo espalhado, digamos, pelas caixas e não encontrava nenhum critério, nem nenhuma lógica (…) a ordem é a que vem, mesmo que esteja tudo estropiado e de qualquer maneira, nós recebemos e assim pomos." (Ribeiro, 2018, p. xxxv).

[57] Não vale a pena fazer nova menção ao trabalho de projeto, mas a partir deste é fácil estabelecer uma relação entre as várias subsecções e subsubsecções e as subsecções e séries também propostas na presente Tese. A investigação arquivística desenvolvida por Paula Cândido conduz à definição de uma proposta que procura a organicidade inerente à vida do produtor, demonstrando a arquivista alguma preocupação perante a artificialidade criada pelas "divisões que o próprio [produtor] jamais imaginaria, pois o indivíduo certamente não se dividia desta forma, não deixava de ser médico para ser escritor e conciliava ao longo da vida as diferentes actividades" (Cândido, 1999, p. 9).

foi desenvolvida uma descrição arquivística, contendo vários dos elementos normalizados pela ISAD(G), num documento Office (Excel).

Da análise destes IDD, ficou claro que o trabalho apresentado por Paula Cândido se distinguiu como um estudo de caso atualizado e adequado à redefinição da Arquivística que se vivia à época.

A elaboração de uma proposta de quadro orgânico-funcional do arquivo pessoal e familiar Fernando da Silva Correia, na sequência desta análise, assim como da que foi desenvolvida em torno dos produtores informacionais, continua a identificar-se como um elemento fundamental para o processo de valorização deste património documental. Destacando-se desde já a relevância do tratamento arquivístico enquanto garantia de acesso à informação do arquivo e, nesse sentido, dotando toda a comunidade de agentes e interessados em produzir conhecimento a partir de e para o arquivo – por exemplo, através do estabelecimento de contextos, como já se verificou. Neste âmbito, o trabalho desenvolvido por Paula Cândido foi uma referência para a investigação em curso, no que diz respeito à reclassificação da documentação a partir da nova proposta de quadro orgânico-funcional.

Este trabalho de reclassificação, pode também ser visto como uma reconstituição da documentação a partir do seu contexto de produção (e incorporando o(s) seus(s) contexto(s) de reutilização). Esta tarefa acaba por representar o papel do arquivista/ cientista da informação enquanto agente ou mediador ativo do arquivo com que trabalho e ou estuda (Nóvoa, 2016a, p. 9).

O quadro orgânico-funcional proposto no trabalho de projeto (2018) foi acompanhado de uma explicação dos princípios e razões que premeditaram a sua constituição. No entanto, ao longo deste projeto, houve a necessidade de proceder a alguns ajustes relacionados com novas considerações relativamente à informação e aos seus contextos de produção/ proveniência, especialmente pensado que, como agora será explicado, houve uma maior necessidade de analisar e tratar a correspondência – tipo documental com maior expressão no arquivo. A partir deste foi estabelecida uma forma de dar corpo ao sistema de informação de acordo com a sua produção e conservação, elementos que em conjunto com uma análise mais pormenorizada do

contexto de parte da documentação será abordada maioritariamente na próxima Parte. O próximo capítulo, no entanto, dará conta da investigação em torno das tipologias documentais e de outros elementos práticos do tratamento da informação, após a explanação do quadro orgânico-funcional, a partir de uma matriz efetuada para normalizar a descrição em curso.

Como pode ser visualizado no Apêndice 2, o primeiro subsistema de informação do quadro é também o mais extenso e o que dá nome ao arquivo/ sistema de informação: o de Fernando da Silva Correia. A secção A, Adolescência e Juventude (1904-1917) reúne a documentação produzida durante a adolescência/juventude, já que, como Paula Cândido indicou, não existe informação relativa à sua infância neste conjunto documental; apenas acedendo à documentação ainda em posse da família – arquivo familiar - é possível recuar a 1902 para aceder a mais documentação relativa a este produtor, mas, inicialmente, recebida e acumulada por outros elementos da família, ou seja, outros produtores, abordados nos Apêndices 4 a 10. Integrando esta secção c. 200 documentos compostos e simples, sendo curto quando comparada com outras secções, nomeadamente a B, não se estabeleceram as subsecções inicialmente previstas, no entanto, como se verá no próximo capítulo estas acabaram por se definir como (alguns) pontos de acesso, também aplicáveis nas restantes secções, quando tal se verificou necessário.

A secção B, Idade Adulta (1833[data de produção]/1917[data de acumulação]-1961) reúne a documentação correspondente à sua vida ativa, profissionalmente. Para evidenciar os vários contextos de produção, na maioria dos casos, associados aos diferentes cargos desempenhados, foram criadas as várias subsecções e por aí em diante, que serão indicadas em seguida.

A subsecção B-01, Oficial do Corpo de Artilharia Pesada Independente - Grande Guerra (1917-1959), reúne a documentação relativa ao percurso militar de Fernando da Silva Correia aquando da Grande Guerra (1914-1918) e posteriormente, por exemplo, à sua relação com a Liga dos Combatentes.

A subsecção B-02, Médico municipal, Subdelegado, Delegado e Subinspetor – será utilizado mais comumente a designação delegado, que teve várias alterações de

nomenclatura ao longo do tempo - das Caldas da Rainha (1833[data de produção]/1919[data de acumulação]-1950), integra a produção de Fernando da Silva Correia reunida enquanto desempenhava as funções mencionadas nas Caldas da Rainha, local onde residia. Uma vez que, neste âmbito, este médico se relacionou com diferentes entidades e esteve envolvido na criação de várias instituições, podem encontrar-se várias séries. A série B-02.1 é referente ao cargo de Diretor do Posto Médico dos Comboios de Portugal nas Caldas da Rainha (1921-1946). A série B-02.2 ao de Diretor do Laboratório Municipal Rainha Dona Leonor (1924-1931), neste caso uma função inerente ao cargo de delegado de saúde. A série B-02.3 é relativa ao cargo de Médico do Lactário-creche rainha D. Leonor (1925-1950). A série B-02.4 reúne a documentação referente ao cargo de Diretor Clínico do Balneário das Águas Santas (1927-1943), também este inerente ao cargo de delegado de saúde, mas que se manterá enquanto Fernando da Silva Correia residir nessa cidade. A série B-02.5, Médico da Misericórdia das Caldas da Rainha (1928-1944), refere-se à breve intervenção na fundação da Misericórdia local e ao desempenho de funções de médico da instituição. A série B-02.6, Encarregado do Inquérito "Higiene Municipal" (pela Direção Geral de Saúde Pública) (1927[data de produção)/29[data de acumulação]-1931), procura destacar um conjunto documental relativo ao inquérito referido, organizado pelo próprio produtor e com implicações, como se verá adiante, na sua produção documental nos anos seguintes, em especial na realização do doutoramento (defendido na Universidade de Coimbra em fevereiro de 1937). E, por fim, a série B-02.7, Fundador e Diretor do Dispensário de Profilaxia Social das Caldas da Rainha e da sua Casa de Repouso (1931-1942), relacionada com a série anterior (B-02.6), mas que revela a criação de uma (ou duas) nova(s) instituição(ões).

Em relação ao quadro orgânico-funcional previamente apresentado, denota-se a eliminação da "Subsecção B4 - Médico externo do Hospital Termal", isto porque, como se verá adiante, a documentação (e mesmo a produção documental) relativa a esta instituição fundadora da vila/ cidade das Caldas da Rainha ser variada e intensa, a investigação levada a cabo não permitiu definir um cargo (remunerado) neste caso, assim decidiu-se definir um ponto de acesso que permita mais facilmente aceder à documentação relacionada com esta ocupação.

A subsecção B-03, Inspetor da Saúde Escolar (1932-1949), remete para o desempenho deste cargo para o qual foi convidado/ nomeado. Nesta nova proposta de quadro, a subsubsecção B10.1, Redator da revista *Boletim de Saúde Escolar*, passa a estar integrada como um processo na subsecção B-03, tendo em conta que durante o processo de tratamento deste conjunto documental se revelou de menos dimensão do que o esperado. E, por outro lado, a investigação mais pormenorizada da documentação do arquivo permitiu entender que os períodos em que Fernando da Silva Correia desenvolveu o seu doutoramento e foi bolseiro do Instituto para a Alta Cultura (antes a Subsecção B15) não representaram uma desvinculação do cargo de Inspetor da Saúde Escolar, pelo que, como se verá adiante e neste último caso, a equiparação a bolseiro só era possível com autorização da Direção Geral de Saúde Escolar, pertencente ao Ministério da Educação Nacional, como aliás o próprio Instituto. No entanto, estes períodos ficam agora destacados nas séries B-03.1, Doutoramento e B-03.2, Bolseiro do Instituto para a Alta Cultura (1936-1948). Entre 1939 e 1944, talvez apenas precedido pela preparação da tese de doutoramento, encontra-se um dos momentos de maior intensidade científica de Fernando da Silva Correia, tendo sido aqui que se estabeleceu como investigador e, em particular, como investigador (reconhecido) no âmbito da história da Medicina e já não apenas da Medicina. Apesar disso, o facto de haver consistência na produção científica/ intelectual deste médico fez com que na proposta inicial se estabelecesse a subsecção "B16 – Investigador", com as subsubsecções "B17.1 – Textos, Artigos e Obras", "B16.2 – Encontros e Sociedades Científicas". A análise desenvolvida nesta fase do tratamento justificou a eliminação desta subsecção por se considerar que não informa o utilizador do arquivo do contexto de produção informacional, que se entendeu estar muitas vezes (senão todas) relacionado com a responsabilidade profissional (e oficial) do produtor, assim cada um dos trabalhos foram integrados nas secções, subsecções ou série mais adequadas. O mesmo se aplicou à anterior subsecção "B17 – Actividade Literária" e às suas subsubsecção "B17.1 – Escritor" e "B17.2 – Publicista", neste último caso com uma pequena variante, que será indicada adiante.

Por coerência cronológica e para mais facilmente entender a sequência de acontecimentos (e cargos desempenhados) na vida de Fernando da Silva Correia, a

subsecção “B14 – Professor do Instituto de Serviço Social de Lisboa (1935-1957)”, passou nesta proposta para a subsecção B-04, Professor do Instituto de Serviço Social de Lisboa (1935-1955). Como o próprio título da subsecção indica, esta reúne a documentação relacionada com a o Instituto de Serviço Social de Lisboa, instituição em que este médico foi professor entre 1935 e 1957. Através de um protocolo de colaboração estabelecido entre a associação PH-Grupo de Estudos e o Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa, Universidade Lusíada de Lisboa/ Fundação Minerva, este conjunto documental está integralmente digitalizado e poderá ser disponibilizado por qualquer uma destas instituições.

Uma vez que, nesse mesmo ano de 1935, Fernando da Silva Correia se estabeleceu também como professor do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge (que ainda não detinha este nome), a subsecção “B13 – Professor e Director do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge (1935-1936; 1946-1961)”, passou aqui a ser distinguida como a B-05, Professor e Diretor do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge (1936-1961). As subsubsecções “B13.1 – Director do *Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge* (1946-1953)”, “B13.2 – Membro do Conselho Superior de Higiene e Assistência Social (1946-1961)”, “B13.3 - Comissário das Comemorações do Centenário do nascimento do Doutor Ricardo Jorge (1958)” e “B13.4 – Comissário das Comemorações do V Centenário do nascimento da Rainha D. Leonor (1958)” também deixaram de ser distinguidas, constituindo processos que integram a subsecção.

A subsecção B-06 integra a documentação antes correspondente à subsecção “B12 – Membro do Conselho Directivo da Ordem dos Médicos (1938-1946)”, dada a frequência com que Fernando da Silva Correia era consultado pelos colegas de profissão para dar conselhos sobre as relações destes com a Ordem, esta subsecção afigura-se hoje também como o contexto adequado para destacar esta situação e, em simultâneo, dar conta da relação de proximidade deste produtor informacional com esta instituição, compreendendo assim documentação produzida entre 1937 e 1963.

Ao contrário do que estava inicialmente previsto, a subseção B-07, Membro da Comissão do Subsecretariado de Estado da Assistência (1938-1946), última da secção B, vem substituir a subsecção “B11 – Membro da Comissão do Subsecretariado da

Assistência da Direcção-Geral da Saúde Pública/ Ministério do Interior (1932-?)", que irá integrar, eliminando-a, a subsubsecção "B11.1 – Director do *Boletim de Assistência Social*". Por outro lado, de forma a melhor contextualizar estas atividades e as suas evidências documentais, as subsubsecções "B11.2 – Delegado e dirigente da secção das Caldas da Rainha da Organização Nacional «Defesa da Família»" e "B11.3 – Presidente da Subcomissão da Assistência das Comemorações Centenárias na Província da Extremadura (1940)", foram também elas descritas como um processo e integraram agora as séries B-07.1, Delegado e dirigente da secção das Caldas da Rainha da Organização Nacional Defesa da Família e B-03.2, Bolseiro do Instituto para a Alta Cultura (1936-1948), respetivamente.

Segue-se então a secção C, Velhice (1961-1966), em que foi integrada e eliminada a subsecção "C1 - Investigador aposentado", de qualquer forma, esta secção reúne a documentação produzida e acumulada nos últimos anos de vida, em que Fernando da Silva Correia manteve contactos anteriores por correspondência e também continuou algumas das investigações já iniciadas ou procurou escrever sobre temáticas novas, nunca exploradas. Ao longo da descrição e da parte 2 desta Tese também se procura dar conta de alguns casos de reutilização de documentos produzidos ou acumulados noutros momentos da vida e que, por isso, integram outras das secções apresentadas.

A secção D, Jornais e periódicos (1813-1969), reúne a descrição das publicações periódicas que integram este arquivo, procurou-se descrever alguns destes documentos com a indicação da sua utilização e também a pertença aos vários produtores informacionais, quando possível.

Um largo conjunto de correspondência sem data está a ser integrado nas várias subsecções e séries quando possível, mas surgirá no final da última subsecção (B-07) da secção B, onde se reúne a grande fatia da produção e acumulação documental de Fernando da Silva Correia.

Nesta nova proposta de quadro orgânico-funcional, à semelhança da proposta inicial, também se reservou espaço para destacar a documentação inicialmente produzida ou acumulada por outros elementos da família nuclear de Fernando da Silva

Correia. Será introduzida uma análise mais pormenorizada destes casos nos Apêndices 4 a 10, indicando aqui que se estabeleceram, neste sentido, os subsistemas a) dos pais Joaquim Manuel Correia (JMC) e Carlota Filomena da Silva Correia (CFSC); b) dos irmãos Maria Luísa da Silva Correia (MLSC), Filomena Augusta da Silva Correia (FASC) e Joaquim Manuel da Silva Correia (JMSC); e c) das esposas Mariana Benedita Arnoud Ferrari de Melo e família Ferrari (MFM) e Maria Aurora Baptista Ribeirete (MABR)[58].

No trabalho de projeto já descrito, a prévia proposta de quadro orgânico-funcional surgiu, tal como sugere Armando Malheiro da Silva, como obrigatório primeiro IDD, independente da "ordenação física dos documentos e um ou mais instrumentos de pesquisa", facilitando o entendimento da "distribuição cronológico-contextual dos documentos, pelas diferentes fases de uma trajectória de vida." (Silva, 2004, p. 74 e 80). Definido este quadro orgânico-funcional, seguiu-se o tratamento do arquivo e a sua descrição, tendo em vista garantir o acesso de todos os interessados.

Capítulo 4 – Dar acesso – a descrição online e ferramentas pensadas para o utilizador

> "Archives have two unique attributes which confer on them a special importance to the past and to its history, in other words, to the events as they took place and to our re-creations of them. First, the documents and records in an archive are characteristically the products of daily activity in the past: they may be the registers, case books, and financial records of a hospital, or they may be the subject files kept by a large department of government, or they may be diaries kept by a nursing

[58] *Vide* Apêndices 4 a 10. De forma a direcionar toda a análise que se pretende continuar na Parte 2 da Tese para o produtor principal – Fernando da Silva Correia – os apêndices referidos servem para reunir e resumir os dados referentes aos restantes produtores informacionais e, consequentemente, aos respetivos subsistemas do arquivo pessoal e familiar Fernando da Silva Correia. Deve relembrar-se que esta designação pretende "transmitir a organicidade deste sistema que reúne como produtores vários elementos da família Correia, mas que aqui se interligam somente pela relação que se estabeleceu ao longo das suas vidas com Fernando da Silva Correia", que, na maioria dos casos, reuniu/ recoletou esses documentos com o "propósito, quase sempre explícito, de se ligar com as suas actividades e interesses próprios." "Existe assim, uma "sequência geracional" entre os dois produtores mais antigos deste sistema – o Dr. Joaquim Manuel Correia e Carlota Filomena da Silva Correia – e os restantes produtores (todos elementos da família, esposas de Fernando da Silva Correia e familiares destas, que pelo casamento se ligaram à família Correia)." (Ribeiro, 2018, pp. 95-96). Estes elementos foram, em parte, utilizados para elaborar os registos de autoridades dos vários produtores de informação do arquivo.

> sister during the war. But whatever their origin in an administration, function, or a life, and whatever the subject to which we find them to be pertinent, in other words, whatever «information» they contain about a person, a place, or a subject, archival documents remain today in the same relationship to each other and to the actions they record that they had when they were created and kept in the past." (Craig, 1994, p. 240).

> "Records have content, but they also have histories linked to their origins and to their roles in the affairs of people and communities. This information is an integral part of any full archival description." (Craig et al., 2005, p. 3).

Ao passado e à informação sobre este, contida nos arquivos, nada pode ser mais necessário do que o acesso. Esta é uma temática cada vez mais pertinente no contexto da Arquivística e da CI, até porque um arquivo ao qual não se garante o acesso é um arquivo que não contribui para a sociedade (interessando aqui particularmente a historiografia), perdendo a sua função social. Algo que, durante vários anos, aconteceu, em parte, com o arquivo pessoal e familiar Fernando da Silva Correia, por não se garantir o acesso (por falta de descrição) à correspondência que este integra e que, como se verá agora, constitui o seu tipo documental mais relevante.

Após a redefinição do quadro orgânico-funcional, foi elaborada uma matriz para a descrição em *AtoM*, a partir das normas arquivísticas desenvolvidas pelo ICA e, em parte, inspirada num documento semelhante utilizado no âmbito do projeto *Vinculum*, mas adaptado a este caso de estudo, com especificidades muito (diferentes e) próprias.

Deve ainda acrescentar-se, como não será difícil de adivinhar, que esta matriz parte da conceção do arquivo definida no quadro orgânico-funcional, planeando uma descrição que percorra o arquivo do geral para o particular. Não esquecendo que o particular ajuda a definir o geral e, portanto, somente quando uma secção está plenamente descrita se obtém uma visão total (ainda que sempre parcial) da produção informacional do produtor ou da parte que foi preservada e que constitui hoje o seu património documental. Esta descrição, como será aprofundado na Parte 2, não esquece a perspetiva de que um arquivo é constituído e, por isso, precisa de ser olhado como um

objeto de estudo construído através de "complexos processos racionais e intencionais" (Nóvoa, 2016b, pp. 354–369) (Nóvoa, 2016a, pp. 9–10).

Acompanhando a matriz de procedimentos de descrição no *AtoM* (Apêndice 3), é indicado como ponto de partida a introdução no software de descrição arquivística: 1) o registo da entidade detentora (PH), de acordo com as ISDIAH; 2) o registo do produtor Fernando da Silva Correia, de acordo com a ISAAR-CPF e 3) a descrição arquivística ao nível fundo, de acordo com a ISAD-G e as ODA, adaptadas ao caso português. Uma vez que estes três elementos já provinham do trabalho de projeto desenvolvido no âmbito do mestrado, procedeu-se apenas a alguma melhoria e atualização das informações existentes. Em seguida, a matriz identifica os três principais módulos de trabalho: 1) registo de autoridade e entidades custodiais/arquivísticas, assim como de outros produtores informacionais relacionados com os outros subsistemas do arquivo pessoal e familiar Fernando da Silva Correia; 2) descrição arquivística, novamente seguindo as normas internacionais e as orientações desenvolvidas para o caso português, desta vez dos subsistema e, no caso do subsistema Fernando da Silva Correia, incluir também os níveis abaixo deste, ou seja, secções, séries e subséries e os respetivos itens – processo, documento composto e documento simples[59]; e 3) por fim, equacionou-se a criação de pontos de acesso que, apesar de serem o último elemento da descrição arquivística, foram, na maioria dos casos, criados em simultâneo com as tarefas do segundo módulo, ou seja, durante as várias descrições nos níveis série, subsérie e item, foram sendo definidos os respetivos pontos de acesso[60].[61]

[59] A descrição arquivística ao nível do Item (com ou sem digitalização) (C) partiu da folha de recolha. Chamou-se folha de recolha de dados ao ficheiro, posteriormente importado para o software *AtoM,* onde se reuniram e melhoraram ou atualizaram as várias descrições arquivísticas, a partir das descrições já existentes, de forma a fazer uso do trabalho prévio, desenvolvido durante o trabalho de projeto ou noutros momentos do tratamento arquivístico deste conjunto documental.

[60] "Entende-se por Assunto a síntese do ato ou acção que se encontra na base do documento." (Direcção Geral de Arquivos et al., 2007, p. 46).

[61] Estas mesmas indicações foram seguidas para a descrição da documentação da Doutora Natália Correia Guedes a que se teve acesso ao longo da investigação. Na verdade, já no período de preparação do trabalho de projeto acima mencionado, se tinha concluído que existia um conjunto de documentação que a família de Fernando da Silva Correia tinha selecionado para permanecer sob a sua custódia. Não deixando, no entanto, de concordar que esta documentação deveria relacionar-se com a documentação existente e doada à associação PH-Grupo de Estudos, de forma a garantir o acesso dos investigadores a estes conjuntos documentais, ao longo desta investigação o contacto profícuo com a família permitiu que, através dos equipamentos disponíveis na associação, fosse digitalizada a maioria dessa documentação familiar. Esse processo de digitalização decorreu em dois momentos distintos, um primeiro em maio de

Os pontos de acesso constam no Apêndice 3 numa grelha final, que corresponde à lista controlada definida ao longo do tratamento arquivístico do arquivo pessoal e familiar Fernando da Silva Correia. Durante este processo, pensou-se inicialmente em criar nomes (de indivíduos, produtores de informação) como pontos de acesso, no entanto, esta ideia foi abandonada dada a repetição dos mesmos já constantes noutros campos, como é o caso de "Nome do produtor" (Zona do contexto), assim como, no caso da correspondência, surgir também muitas vezes associado ao "Título" (Zona de identificação). Da mesma forma, a intenção de criar pontos de acesso associados a atividades/relações profissionais ou pessoais do/com o produtor, também foi abandonada pela repetição que podia causar com o primeiro ponto de acesso definido: assunto/acontecimento. Esta possibilidade de aceder mais facilmente a assuntos/acontecimentos advém da necessidade de associar aspetos da vida do produtor principal, Fernando da Silva Correia; mas foram incluídos também alguns pontos de acesso que correspondem a acontecimentos de um âmbito mais alargado no contexto histórico e social em que se desenvolveu a produção do arquivo. A título de exemplo, referem-se os seguintes casos: 1) "Doutoramento", relativamente ao período em que o produtor principal trabalhou neste âmbito, que permite aceder a toda a documentação relacionada com este percurso, que, como se verá, diz respeito a diferentes momentos da sua vida; 2) "Universidade de Coimbra", neste caso optou-se

2021 e um segundo em outubro de 2022. Ao longo deste processo de digitalização, foi-se, igualmente, procedendo à descrição destes documentos, pensando na proposta elaborada no Apêndice 3 para itens, tendo em conta a organização dada pela família à própria documentação. Perspetivando-se assim que, além do documento digitalizado, ou seja, em formato digital, também seja possível aceder ao documento físico, caso exista essa necessidade. Daí que, além da própria digitalização dos documentos, se tenham reunido algumas fotografias que ajudam a identificar as unidades de instalação em que estes estão acondicionados. Por outro lado, de forma a conseguir relacionar a documentação na posse da família como a documentação presente na associação PH, após a descrição com a ordem e código de referência relativo à localização física, procedeu-se a uma ordenação dessa descrição também de acordo com a cronologia da documentação e os próprios níveis de descrição definidos para o arquivo pessoal e familiar Fernando da Silva Correia. Inicialmente, ponderou-se a disponibilização desta documentação online, existindo para tal autorização da família, como se pode verificar através do Anexo 1. No entanto, dada a dificuldade em concluir, no tempo esperado, a descrição da documentação detida pela associação PH, abandonou-se para já esta ideia, de forma a dar prioridade à garantia de acesso a esta documentação, sobre a qual recaia o objetivo inicial da investigação. Tal não invalida que, no futuro, esta não seja uma proposta a que a associação PH se possa dedicar, disponibilizando assim não só o trabalho efetuado, mas ajudando também a acrescentar elementos ao património documental de Fernando da Silva Correia e, consequentemente, garantir aos investigadores e outros interessados o acesso a mais informação. Além da digitalização da documentação sob custódia da família, ao longo da investigação também se procedeu à digitalização de todas as fotografias ou documentos iconográficos do arquivo. Considerando que, à semelhança do caso anterior, estes objetos digitais podem ou não ser disponibilizados no âmbito desta investigação ou futuramente pela associação PH.

por incluir como ponto de acesso uma instituição, dada a relevância que esta teve no percurso profissional de Fernando da Silva Correia, ultrapassando os anos de frequência do curso de Medicina e do doutoramento; e 3) "Correspondência", este ponto de acesso diz respeito a um dos tipos documentais do arquivo e a sua integração foi pensada, por um lado, para permitir aceder a toda a sua extensão e, por outro, para permitir identificar outros documentos que, na sua organização física, também integram a correspondência, como é o caso de muitos dos livros recebidos pelo médico Fernando da Silva Correia, que se faziam acompanhar de cartões de visita ou outros bilhetes dos correspondentes e/ou autores. O outro caso de ponto de acesso criado diz respeito à Geografia, ou seja, a identificação dos lugares onde a documentação foi produzida ou, no caso da correspondência, dos lugares onde foi produzida e recebida, especialmente pela relevância que este último lugar tem para acompanhar o percurso do produtor principal, Fernando da Silva Correia. Neste caso, no campo onde constam os pontos de acesso foram indicados, à exceção dos lugares onde residiu Fernando da Silva Correia - Caldas da Rainha e Óbidos -, apenas os distritos ou países, podendo constar no campo "Âmbito e conteúdo" (Zona do Conteúdo e Estrutura), informações de maior pormenor sobre a localização geográfica associada à produção e receção de cada documento.

4.1. Em primeiro lugar: as tipologias documentais

"«Reading» an archive means understanding the nature of explicit practices in addition to deciphering their implications." (Blouin Jr. & Rosenberg, 2006 p. viii)

A informação é um fenómeno materializável em diferentes tipos de registo e de suporte, sendo, por isso, inevitável encontrar diversificados tipos documentais. Uma parte da documentação que compõe o arquivo pessoal e familiar Fernando da Silva Correia compreendeu um percurso bastante comum da informação: a Produção, a Publicação, o Acesso e a Disseminação, a Partilha e a Reutilização. No caso dos arquivos pessoais e familiares, a análise tipológica que, sucede à sua identificação, tem-se assumido como uma mais-valia para o tratamento arquivístico. No arquivo em estudo esta questão é tão mais importante quanto se entendeu que, numa primeira fase do tratamento, provavelmente empreendida pela família, a produção informacional foi

agrupada, julga-se, com o propósito de acondicionar e juntar diferentes tipos de suporte e, em última instância, diferentes tipos documentais.

Comummente, na arquivística brasileira, espanhola e latino-americana, a identificação e análise da tipologia documental assume-se como parte das tarefas de classificação e descrição da documentação, sendo também "essencial para o acesso aos documentos." (Oliveira & Oliveira, 2017, p. 1575-1576).

Já mencionadas anteriormente, Márcia Trancoso e Maria Celina Silva têm trabalhado as tipologias documentais nos arquivos pessoais, em especial os de cientistas que integram o Arquivo de História da Ciência do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST)[62]. Para as autoras, este tipo de estudo permite "uma identificação minuciosa do documento"[63], com benefícios para os utilizadores do arquivo, sejam eles arquivistas ou investigadores. Este estudo relaciona a forma e o conteúdo de um documento, assim como, através do seu contexto de produção, permite encontrar a melhor denominação para cada tipo documental. Como as autoras também explicam, este estudo tem uma forte proximidade com a metodologia da Diplomática (Trancoso & Silva, 2013, p. 53).

Partindo dos trabalhos da arquivista Heloísa Bellotto, as autoras inscrevem este estudo na "diplomática arquivística": "estudo mais detalhado do documento e sua caracterísitica física (formato, escrita, matéria), vinculada à atividade que lhe deu origem." (Trancoso & Silva, 2013, p. 56). Para tal, afigura-se necessário um entendimento do documento num determinado sistema de arquivo, precedendo-o um lato "conhecimento prévio das atividades e das competências" da entidade produtora, no caso dos indivíduos tal implica uma perspetiva biográfica. Ambas têm influência no

[62] Outras publicações deste Museu tratam questões relacionadas com os arquivos científicos e as tipologias documentais (Silva & Barboza, 2012).

[63] Ana Célia Rodrigues considera que esta "nova corrente teórica" está relacionada com a "diplomática contemporânea" (Rodrigues, 2011, p. 111) e que permite a avaliação e gestão de grandes massas de documentação acumulada (Rodrigues, 2011, p. 113). A autora identifica algumas das iniciativas que contribuíram para o desenvolvimento desta "identificação", destacando a publicação do *Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística* (2005) (Rodrigues, 2011, p. 117). Apesar de ser passível de adaptar aos documentos em qualquer fase da vida, a autora considera que esta metodologia serve especialmente para "investigar sobre a gênese documental", precedendo a definição de tipologias documentais, que estão dependentes de um conhecimento sobre "o funcionamento da entidade produtora dos arquivos – o que possibilitará o estabelecimento do vínculo arquivístico – e se não se conhecer os elementos externos, internos e a estrutura dos documentos que os compõem." (Rodrigues, 2011, pp. 118–119).

tipo de documento que é produzido, sendo este, por sua vez, definido "de acordo com suas [do documento] características físicas e a atividade que o gerou dentro de um determinado contexto." No caso dos arquivos pessoais, o número de tipos documentais pode variar ainda mais, na medida em que integram documentos que "traduzem valores, opiniões, preferências e hábitos do seu produtor, constituindo-se em uma fonte alternativa de possibilidades para a pesquisa."

Na proposta apresentada pelas autoras para o Arquivo Costa Ribeiro, as séries documentais já dão informações relativamente às tipos existentes, no entanto estas vão mais além, através da definição de tipos "identitários" (Trancoso & Silva, 2013, p. 64), a produção técnico-científica pretende agregar diferentes tipos documentais, entre eles os apontamentos (Trancoso & Silva, 2013, p. 66). Esta análise está relacionada com a investigação que Maria Celina Silva realizou para o seu doutoramento, em torno da relação entre os cientistas e os seus arquivos, com origem nos "laboratórios científicos e tecnológicos" (Silva, 2007, p. 9).

Renato de Mattos e Clarisse Schimidt analisaram os glossários desenvolvidos no contexto das tipologias documentais em arquivos pessoais de cientistas. O primeiro deles do MAST, partiu do projeto "Arquivos científicos: análise da produção e da preservação de registros da Ciência e Tecnologia no Rio de Janeiro", tendo em vista

> "consolidar e padronizar um vocabulário que serve de subsidio tanto para os pesquisadores do tema quanto para os profissionais empenhados na identificação, descrição e preservação de documentos constantes de arquivos de cientistas."

As tipologias documentais definidas no glossário são o resultado de "uma minuciosa pesquisa do contexto de produção dos documentos", tendo em vista compreender a produção documental dos cientistas em estudo e corroborando a ideia inicial, presente nos trabalhos de Sonia Troitiño Rodrigues, da necessidade de "reforçar a importância da elaboração de pesquisas direcionadas enquanto procedimento essencial para a identificação das funções e atividades que deram origem aos chamados documentos «discricionários» comumente encontrados em arquivos pessoais." (Mattos & Schimidt, 2017, p. 1417-1418).

No âmbito do projeto "Relação entre custódia e tratamento documental: investigação sobre procedimentos arquivísticos de incorporação de acervos", Sonia Troitiño e Gabrieli Fonsace consideram que a "Identificação Documental" se assume como uma forma de estudo e gestão de grandes massas documentais (comuns na segunda metade do século XX) de produção ou acumulação "irregular" no mundo ocidental. Tal como é descrito pelas autoras, através desta metodologia é desenvolvida uma análise do "órgão produtor, tipologia e conteúdo" (Troitiño & da Fonseca, 2016, p. 33). Esta metodologia antecede as tarefas de classificação, avaliação, descrição e planeamento dos documentos e, mais do que isso, é considerada "um meio de potencializar a contextualização informacional". Tendo em conta as, já conhecidas, características dos arquivos pessoais, a necessidade de contextualização tem-se afigurado mais necessária e fundamental (Troitiño & da Fonseca, 2016, p. 36). Ao longo deste subcapítulo serão mencionados alguns dos termos que integram o glossário do MAST, *Glossário de espécies e tipos documentais em arquivos de laboratórios do Arquivo de História da Ciência* (2014).

Num momento inicial da investigação, foram pensadas diferentes formas de tratamento do arquivo pessoal e familiar Fernando da Silva Correia, em parte motivadas por esta diferente atenção dedicada a cada uma das tipologias documentais presentes neste conjunto. Um dos problemas que surge no final do trabalho de projeto mencionado ao longo desta parte da presente Tese foi se deveriam ou não juntar-se tipologias de documentos separados e como fazê-lo. Tal como foi justificado, estas questões estavam relacionadas com a conclusão de que o arquivo estava dividido em cinco núcleos de documentação distintos e separados: Fotografias; Correspondência e postais; Periódicos e Documentos (que engloba todas as outras). Um pouco por influência da bibliografia consultada, mas também com o intuito de apreender de forma mais normalizada o arquivo/ a produção informacional de Fernando da Silva Correia procurou-se analisar as várias tipologias documentais existentes. Tal, claro está, também advém da sua organização física, que denota uma tentativa de separação por tipologias e que poderá ter origem no próprio produtor ou noutros utilizadores do arquivo.

4.1.1 Documentos e livros: produção intelectual/ científica, apontamentos (de leituras), cadernos, agendas…

> "Tout document scientifique est le fruit d'une construction, qui n'est pas seulement intellectuelle mais qui s'inscrit dans plusieurs dispositifs emboîtés: matériels, institutionnels, politiques, culturels et socio-économiques. Toute archive résulte d'une opération qui transforme le statut et le message du document qu'elle prend en charge" (Hiraux, 2015, p. 107).

O conjunto de documentos a que se chamou "Documentação" integrou a maior parte da informação tratada até ao início desta investigação, correspondendo a diferentes tipos documentais, mas estando na sua maioria relacionados com a produção intelectual/ científica de Fernando da Silva Correia.

Neste âmbito, é possível destacar em grande medida os c. 300 artigos e obras mais extensas desse médico. Alguns mais fáceis de localizar e definir, outros ainda não conhecidos na totalidade, especialmente os artigos publicados na imprensa (não especializada). Sendo assim, estes correspondem a diferentes tipos documentais - pois a forma de produção informacional deste médico era bastante variada -, mas que remete para a sua produção intelectual, científica ou literária. No âmbito desta produção, é possível também assinalar a correspondência, não apenas enquanto tipo documental presente neste arquivo, mas especialmente, e neste contexto, como um dos meios para 1) a produção; 2) a publicação ou 3) o acesso, a disseminação e a partilha. Isto porque Fernando da Silva Correia se serviu desta forma de contacto, orgânica ao século XX, para desenvolver e divulgar as suas obras, como se espera mostrar.

Sobre a produção intelectual[64] nos arquivos muito há a dizer, em primeiro lugar, deve definir-se que esta é a expressão usada para tratar o processo criativo de escrita e é também o termo utilizado no tratamento de arquivos pessoais para agregar a informação referente aos processos criativos de escritores, cientistas ou, neste caso, médicos. Assim sendo, ao longo do processo criativo, a produção informacional pode

[64] Algumas das considerações aqui feitas, têm por base a investigação conduzida para o trabalho realizado durante a parte curricular do doutoramento, para a unidade "Metodologias em História" (2019-2020).

passar por várias fases que figuram no arquivo pessoal e familiar Fernando da Silva Correia:

> 1) Rascunho – "Versão preliminar de um documento ainda sujeito a alterações e correcções. Pode corresponder a um documento que não foi transmitido ou que o foi com um conteúdo e/ou uma forma diferente." (Alves, 1993);
>
> 2) Original – "Documento onde é consignada pela primeira vez, sob a forma definitiva, a vontade expressa do seu autor, conservado no suporte e formato em que foi emitido e com os devidos sinais de validação." (Alves, 1993).
>
> 3) Cópia – "Documento resultante da reprodução, simultânea ou não, total ou parcial, de um original, obtida directa ou indirectamente e, em regra, definida pela sua função (cópia de arquivo, cópia de complemento, cópia de consulta, cópia de referência, cópia de segurança, cópia de substituição, etc.), pelo processo de obtenção (cópia manuscrita, fotocópia, microcópia, etc.) ou pela autenticidade (cópia autêntica por oposição a fac-simile, por exemplo)." (Alves, 1993); neste arquivo a facilidade da cópia que esteve associada à difusão das máquinas de escrever que, no caso de Fernando da Silva Correia, passou a ser mais utilizada no final da década de 1930, após a conclusão da sua tese de doutoramento, cuja escrita foi quase integralmente feita de forma manuscrita.

A possibilidade de através de um processo arquivístico se aceder à história de um livro (compreenda-se um elemento da produção intelectual de um produtor) afigura-se fundamental para a compreensão do arquivo e das práticas arquivísticas que lhe estão associadas, assim como a produção documental do seu autor.

Também para esta produção intelectual concorreram outros elementos que Fernando da Silva Correia procurou reunir, ainda que de forma pouco organizada, recortes de jornal sobre temas médicos ou assistenciais. Estes podem relacionar-se com os Periódicos existentes no arquivo e que correspondem a diferentes casos: 1) jornais completos que foram guardados sem qualquer indicação de existir um propósito ou uma notícia de relevância; 2) recortes reunidos e contendo uma clara identificação do

propósito dessa reunião/ do assunto em destaque ou 3) jornais incompletos e conjuntos de recortes de diferentes cronologias e assuntos, sem organicidade aparente.

E, ainda que muito residualmente, quando comparada com a biblioteca deixada à data da sua morte, o arquivo inclui ainda vários livros oferecidos ou adquiridos, com marcas de uso – dedicatórias, sublinhados e notas à margem. Todos estes documentos podem ter visíveis formas de autentificação e validação – sinais, selos, carimbos e assinaturas. O que corresponderia à biblioteca de Fernando da Silva Correia é hoje cognoscível através da relação entre os livros existentes no seu arquivo pessoal e familiar e o catálogo do leilão realizado entre 1969 e 1970 (Oliveira, 1969). Acompanhando o modelo sistémico segundo a adaptação de Armando Malheiro da Silva aos arquivos pessoais e familiares, ao longo do tratamento do arquivo procurou-se entender a relação orgânica entre este tipo documental e os restantes documentos do arquivo, de forma a aproximar a entrada de cada uma das obras nos vários momentos da vida do produtor principal.

Neste trabalho, a vertente da biblioteca não será particularmente abordada, a não ser para ajudar a explicar a história custodial do arquivo ao longo da Parte 2, no entanto não deixa de ser relevante dar conta da capacidade de apresentar novos dados sobre o produtor e sobre o seu olhar de colecionador ou de investigador (Silva, 2018). Murphy contextualiza a compra e a anotação de livros de um médico da Época Moderna, destacando a forma como essas notas podem ser convertidas em conhecimento do seu autor e forma de contextualizar esse mesmo conhecimento no seu tempo. A autora estabelece também a relação entre estas notas e as relações sociais do seu produtor, identificáveis através da correspondência e a “private experiment” da relação com os locais (Murphy, 2016, pp. 262–263).

4.1.2 “Mais cem, cem assuntos!”: a correspondência (recebida)

> “Letters have always been a temptation, as revealing signposts into the past, to historians and other scholars.” (Cox, 2010).

A correspondência cedo se afigurou como um dos elementos mais relevantes do arquivo pessoal e familiar Fernando da Silva Correia. Ao longo de todo o século XX, a correspondência, enquanto forma de contacto quase exclusiva entre pessoas, foi central no que se refere à troca de ideias entre profissionais e académicos (Silva, 2017, p. 162). Assim sendo, representa na atualidade uma fonte inesgotável para conhecer diferentes esferas da sociedade contemporânea, de tal forma que pensar a sua própria existência (ou inexistência) mostrará significados inesperados. O arquivo pessoal e familiar Fernando da Silva Correia conta com c. 9 mil cartas[65].

Desde cedo se perspetivou a suposição da correspondência nos arquivos pessoais e familiares, em parte, reflexo da sua própria situação atual: carece ainda de alguma atenção no caso português. O papel relevante que a correspondência apresenta no contexto da História e da AH, prende-se, precisamente, na definição dos contextos de produção informacional, seja ela uma carta manuscrita de cariz pessoal, seja ela um exemplar impresso de cariz institucional/oficial. Além da perda de ‘pessoalidade’ que o correio (eletrónico) implica, Richard Cox sugere que o estudo da correspondência no tempo ajudará a expandir o conhecimento sobre “the tools used to create them and the traditions dictating their form and function.” Para o autor este estudo levaria os arquivistas a criarem “opportunities for new interdisciplinary work.”. E menciona ainda alguns trabalhos de investigação a partir da correspondência, centrados na história: “of books”[66] (Cox, 2010, p. 374), da “women letter writers in eighteenth century France”

[65] O título deste subcapítulo remete para uma frase proferida pela Doutora Natália Correia Guedes, sobrinha do médico Fernando da Silva Correia e registada na entrevista realizada em 2018 (Ribeiro, 2018, p. 76). Este tipo documental e algumas ideias aqui expressas advém do ensaio realizado no âmbito do Seminário de Especialidade de Arquivística Histórica, na parte curricular do doutoramento 2019-2020 e em (Ribeiro, 2024).

[66] A história dos livros é também vista pelos organizadores do encontro I-CHORA como um dos exemplos de que a história por detrás da produção e da conservação da informação se manifestou como uma nova abordagem de interesse, que poderia também ser “a similar effort to develop an interdisciplinary approach for the study of the history of records and record-keeping practices in all their forms.” (Craig et al., 2005, p. 3).

(Cox, 2010, p. 377), a partir das cartas de imigrantes (Cox, 2010, p. 381) e da "natural history network" (Cox, 2010, p. 383).

Maria Celina Silva, na sua tese sobre os arquivos de cientistas contemporâneos, menciona a correspondência como um dos tipos documentais para os quais se deve planear a "preservação" (Silva, 2007, p. 70), tendo em conta que podem ser documentos de "carácter pessoal e institucional simultaneamente" (Silva, 2007, p. 80). Segundo a autora, "a correspondência tem sido considerada pessoal pelos cientistas e a maior parte é eliminada, salvo as julgadas [sic] importantes por eles." (Silva, 2007, p. 82).

Se pensarmos numa perspetiva histórica, a correspondência, como outras fontes de origem e conteúdo mais subjetivo, demoraram algum tempo a ser aceites pelos historiadores, no entanto este tipo documental, em particular, estes investigadores foram pioneiros (Dierks *Apud* Cox, 2010, p. 379). Em 2018, dois historiadores brasileiros fizeram um balanço da utilização dos arquivos pessoais na escrita da história, em que consideraram a correspondência "o documento privilegiado na grande maioria das pesquisas" (Iumatti & Nicodemo, 2018, p. 114). Destacando a relação que se tem estabelecido entre arquivistas e historiadores (Iumatti & Nicodemo, 2018, p. 110), os autores usam as palavras de Manuel Castells, para dizer que os arquivos pessoais têm sido encarados por ambos como "um mergulho no passado", para o qual os historiadores devem refinar as "ferramentas para a compreensão desses processos de transformação acelerada e de seu significado social" (Iumatti & Nicodemo, 2018, p. 99). Entre as propostas de investigação a partir dos arquivos pessoais, os autores destacam a "história intelectual", a "história da cultura" e a da "historiografia", em que enquadram os "temas" que analisam: "A ideia de «redes» intelectuais", "A historicidade da relação entre intelectuais e esfera pública", "Os processos de criação" e "O arquivo pessoal como memória retrospectiva" (Iumatti & Nicodemo, 2018, pp. 97–110).

Considerando que o arquivo em análise foi produzido e pertenceu a um médico, é interessante mencionar também um conjunto de trabalhos que têm explorado em particular a correspondência destes profissionais. É o caso, por exemplo, do volume 61 da revista suíça sobre História da Medicina *Gesnerus*. Hubert Steinke e Martin Stuber consideram que a correspondência não foi ainda grandemente estudada, mas que tem

vindo a despertar o interesse dos historiadores, existindo, por exemplo, investigadores que estudam "larger collections of letters as for instance the whole correspondence of a scholar". Mais do que esta ideia de que a correspondência tem ganhado o seu lugar na historiografia, é interessante perceber que estes autores dão importância ao tratamento arquivístico destes conjuntos: "an analysis of a network requires not only that the larger part of it has survived but also that it has been examined, arranged and classified in a manner sufficient to allow systematic investigation." (Steinke & Stuber, 2004, p. 139).

Estes autores consideram ainda que a correspondência, além de responder a questões relacionadas com a biografia, as atividades ou o carácter e pensamento de uma personalidade, serve igualmente "to explain manifold social aspects of his life and time" (Steinke & Stuber, 2004, p. 140)[67]. E explicam como alguns académicos entendiam a "escrita de correspondência" como parte do seu trabalho, servindo como meio de discussão sobre assuntos médicos. É tendo por base esses assuntos que os autores formulam três principais campos de discussão: "sickness and health", "science" e "public health".

Zélia Pereira mostrou como a correspondência é uma parte fundamental dos arquivos pessoais e deu conta da sua situação:

> "a correspondência expedida por determinado autor deverá figurar nos arquivos pessoais dos diversos destinatários, podendo, eventualmente, existir no arquivo dos seus remetentes/autores cópias ou rascunhos. No entanto, é comum a prática de agregação, a posteriori, de cartas em função da autoria, a conjuntos documentais onde elas não pertenceriam originalmente, ou a sua reunião artificial apenas com base no facto de constituírem autógrafos de dado autor. Embora estas reuniões possam ocorrer por diferentes motivos, impõe-se uma adequada clarificação dos contextos que motivaram tais agregações, para que os

[67] Este artigo tem ainda a particularidade de endereçar para o contexto da "Republic of letters", que constituiu igualmente um projeto da Universidade de Stanford (http://republicofletters.stanford.edu/index.html) [Consult. 26 de maio de 2020]. O projeto, apesar de responder a uma cronologia anterior à do arquivo aqui em análise, estuda e mapeia, a partir da correspondência trocada, a circulação de informações entre os académicos europeus.

investigadores interessados possam dispor de informação que sustente a adequada tomada de decisão de utilização de tais documentos." (Pereira, 2018, p. 56)[68].

Entre as várias instituições em que os arquivos pessoais têm correspondência, escolhemos o Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea, cujos inventários organizados em 6 séries contam com uma de "correspondência do autor" e outra de "correspondência de terceiros", sendo este o modelo seguido por outros lugares de custódia (Pereira, 2018, p. 129). Além de outros exemplos de tratamento de correspondência, a autora menciona a tese de Alexandra Vidal que consistiu num catálogo da correspondência do arquivo do escritor Alberto Sousa Costa (1879-1961), em que tentou "adaptar a perspetiva sistémica, mas acabou por não desenvolver a sua aplicação (...). O resultado da sua investigação cingiu-se, assim, à apresentação de uma lista resultante do «recenseamento» do arquivo, e a procedimentos descritivos mais técnicos" (Pereira, 2018, p. 137).

No que diz respeito ao tratamento da correspondência nos arquivos pessoais, Armando Malheiro da Silva, adaptando o modelo sistémico, deu já alguns indícios sobre como tratar a correspondência, dizendo que pode ser objeto de outros IDD's, além do quadro orgânico-funcional, como um catálogo (Silva, 2004, p. 75). Para o autor a correspondência devia manter-se na ordem natural ou orgânica da documentação, evitando arrumações físicas que destruíssem "a mais ténue sombra de organicidade", sugeria que se criassem "virtualmente instrumentos e pontos de acesso" (Silva, 2004, p. 76). Esta proposta, como atenta o autor, apresentou-se como uma opção relativamente ao chamado "modelo «empírico-documental»", o método mais comum e simples de agrupar e organizar um arquivo, apesar de esquecer que este deve ser olhado (e tratado) como um "conjunto orgânico" (Silva, 2004, p. 83).

[68] Zélia Pereira, à semelhança de Ariane Ducrot, considera que, na maioria dos arquivos, os conjuntos de correspondência são compostos por "cartas recebidas por quem constituiu o fundo, às quais se juntam, às vezes, o rascunho ou a cópia de sua resposta", podendo ter sido organizadas tematicamente pelo produtor informacional e nesse caso é aconselhável respeitar tal agrupamento, mas apostando fortemente numa "classificação alfabética" (acompanhada de uma classificação cronológica na ordenação interna de cada série, caso sejam assim consideradas) como forma de facilitar a pesquisa e como uma opção adequada a "correspondências volumosas" (Ducrot, 1998, p. 166).

No caso brasileiro, vale a pena voltar ao trabalho de Maria Celina Silva e Márcia Trancoso, que, a partir de um estudo de caso, definem o tratamento de correspondência tornando-a uma série única, distribuída pelas seguintes subséries: "correspondência activa", "correspondência passiva" e "Correspondência de Terceiros" (Trancoso & Silva, 2013, p. 10). Ora este artigo vem colocar em evidência a preferência, isto no caso brasileiro, do chamado "modelo «empírico-documental»" (Silva, 2004, p. 83), facto que pode ser corroborado por uma breve análise dos instrumentos de descrição documental do MAST.

No âmbito do projeto *SiS Médicos e a cultura*[69], já mencionado, encontraram-se, entre os 451 médicos portugueses identificados no site, 6 que têm "acervo particular" e que são identificados como tendo correspondência.

Foram identificados alguns trabalhos sobre a correspondência de figuras ilustres com especial destaque para os séculos XVII a XIX (Bandeira, 2017; Rodrigues & Munhoz, 2016; Vasconcelos & Barros, 2011; Araújo, 2016; Saldanha, 2012)[70]. Olhando para o exemplo de duas instituições nacionais - o Arquivo da Universidade de Coimbra e a Fundação Mário Soares -, podemos distinguir uma clara tendência para a separação da correspondência numa ou mais secções, em que os vários documentos estão organizados de forma alfabética e cronológica. No caso do Arquivo da Universidade de Coimbra, foram já produzidos alguns artigos que explicam os procedimentos seguidos, as dificuldades sentidas e que são acompanhados pelos catálogos dos arquivos em questão (Marques, 2013) (Silva et al., 2014) (Silva, 2017) (Bandeira, 2017) e Gracinda Guedes relatou-o claramente: "o critério de ordenação mais frequente poderá ser por remetente/destinatário (se o volume e a pertinência o justificarem) e cronologicamente[71], dentro de cada uma destas classes." (Guedes, 2017, p. 537). Para

[69] O site do projecto *SiS Médicos e a Cultura*; em linha: http://www.medicoseacultura2.ufba.br/ [Consult. 8 de junho de 2020].

[70] Outros trabalhos sobre correspondência, com uma perspetiva mais histórica e num período mais próximo ao da existência do arquivo aqui em análise, (Fitas & Videira, 2004) (Castro, 2015) (H. Rodrigues, sem data), por exemplo na área da Arqueologia a correspondência tem mantido algum destaque (Cardoso, 2002) (Cardoso, 2004)(Cardoso, 2008) (Cardoso, 2017) (Cardoso & Melo, 2005), o Museu Nacional de Arqueologia mantêm alguns conjuntos de correspondência organizados por ordem alfabética. O mesmo destaque podemos dar a alguns conjuntos de correspondência de escritores, muitos já deram origem a edições (Sena et al., 2013) (Leal, 2016) (Silva, 2016) (Bryant & Voss, 1975, com 6 volumes).

[71] Ao olhar para o catálogo que constitui grande parte da tese de mestrado de Alexandra Vidal, percebe-se que a correspondência do arquivo do referido escritor está organizada cronologicamente (Vidal, 2011, pp. 75–170).

ilustrar o caso da Fundação Mário Soares, basta indicar a correspondência do médico Abel Salazar (1889-1946), que integra um conjunto de 10 secções, estando-lhe uma exclusivamente dedicada, composta por uma lista de remetentes, dentro dos quais está adotada uma organização cronológica. Neste caso, deve referir-se ainda que toda esta documentação (c. 629 exemplares) estão digitalizados e disponíveis online[72].[73]

Nas duas secções do *Quadro Provisório de Classificação* elaborado por Paula Cândido, não existe nenhuma série ou subsecção de correspondência. No entanto, a arquivista mencionou a existência de correspondência na "Subsecção B1 – GERAL", onde estavam reunidos vários documentos 'inclassificados'. Acrescentou que os cartões de visita: "em maço a aguardar serem ordenados alfabéticamente". E concluiu dando conta "Das dezenas de caixotes de correspondência que recebemos na 2ª fase, limitámo-nos a separar e numerar (nº à parte do registo informático), sem proceder a qualquer outro tipo de tratamento./ A saber mais de 6.628 cartas e postais, os telegramas ainda não foram incluídos. Numa fase seguinte a correspondência irá ser ordenada alfabeticamente e cronologicamente, e registada na base da [sic] dados." (Cândido, sem data, p. 6). Entre as subsecções também foram identificados vários conjuntos de correspondência: na "Subsecção B2 – Inspector da Saúde Escolar", "não organizada, dirigida a F. Correia" e na "Subsecção B4 – Associação de Socorros Mútuos Rainha D. Leonor" (Cândido, sem data, p. 7). Acedendo ao inventário com origem na base de dados

[72] O arquivo de Abel Salazar/ da Casa-Museu Abel Salazar está disponível no *site* Casa Comum/ Fundação Mário Soares, através do link: http://casacomum.org/cc/arquivos?set=e_2839#!e_2845 [Consult. a 13 de Junho de 2020].

[73] Apesar de se considerar que a pesquisa não foi tão frutífera como a que consta nos dados anteriores, procurou-se também alargar os estudos de caso, pelo menos, aos âmbitos anglo-saxónico, italiano e espanhol. No caso anglo-saxónico, a revista canadiana *Archivaria* publicou já dois números com o tema "Archives and Medicine" (1980 e 1996), centrados nos "arquivos clínicos", existindo apenas algumas referências a arquivos ou "papers" de médicos (Reaume & Craig, 1996). Noutros números desta revista, assim como da *Archival Science*, foi possível encontrar outros artigos sobre o tratamento dos arquivos pessoais, em particular, existindo algumas referências à correspondência (Meehan, 2010) (Barrett, 2013) (Oestreicher, 2013) (Belovari, 2018) (Douglas, 2018) (Douglas & Mills, 2018). Na obra *Arquivos de Família, séculos XIII-XX: que presente, que futuro?* (2012) são-nos já apresentados alguns casos de arquivos familiares nos contextos italiano e espanhol, cuja classificação orgânico-funcional se aproxima da que se tem vindo a referir a partir do trabalho de Armando Malheiro da Silva (Rosa, 2012b). No caso italiano, devem mencionar-se as atas do *Convegno Internazionale di Studi sugli Archivi de Famiglie e di persone*, em que se definem algumas das ideias que ainda hoje são a base dos estudos destes arquivos privados, mencionando-se, nalguns casos a correspondência, e em que se consolida uma abordagem a estes conjuntos documentais pelo seu valor patrimonial (*Il futuro della memoria*, 1997). No que ao caso espanhol diz respeito, foram localizados alguns trabalhos em que os arquivos pessoais e familiares, assim como a correspondência em particular, foram estudados e tratados (Alonso et al., 2002) (Palá, 1988) (Hernández, 1998).

referida, percebemos que a correspondência fazia parte dos campos de descrição: "Correspondência oficial", "Correspondência particular", "Correspondência" e "Correspondência oficial e particular" (Ribeiro, 2018, p. 90).

Já na descrição de Joana Vitorino, no seu campo "Nível de descrição", foram identificadas as seguintes secções e subsecções contendo correspondência: a secção "Cartões", com a subsecção "Cartões de Visita"; a secção "Colecções" e as subsecções "Cartões" e "Postais"; "Correspondência", com as subsecções "Cartões", "Correspondência expedida", "Correspondência oficial", "Correspondência particular", "Correspondência pessoal", "Correspondência recebida", "Ofícios" e "Telegramas"; na secção "Documentos", com as subsecções "Correspondência" e "Correspondência, fotografias"; na secção "Postais", com a subsecção "Colónia Balnear Dr. Oliveira Salazar"; na secção "Publicações", com a subsecção "Postais" e na secção "Publicações e Correspondência" (Ribeiro, 2018, pp. 74-92).

Durante a elaboração do referido trabalho de projeto, desenvolveu-se uma descrição simples da correspondência dividida em 46 caixas e num total de 7984 documentos, em continuação dos 6628 já anteriormente numerados por Paula Cândido. Por essa altura, conheceu-se um pormenor da história custodial deste conjunto, que por exceder o âmbito do trabalho de projeto não foi mencionado, que é: na sequência do tratamento empreendido por Paula Cândido, houve também uma breve intervenção de Helena Gonçalves Pinto[74], que terá coordenado o trabalho de duas estagiárias que organizaram alguns maços de correspondência ainda por tratar e para os quais direcionaram uma organização alfabética. No entanto, em 2018 ainda foi possível encontrar maços de correspondência tal como foram deixados ou pelo produtor ou pela família aquando do depósito. É possível relatar vários casos: 1) o de maços em que não existe nenhuma tentativa de ordenação aparente, juntando correspondência desde 1932 a 1949, como são exemplo as cotas 7609 a 7785 ou 2) o de conjuntos de correspondência que parecem ter sido produzidos num mesmo período, como é o caso

[74] No momento de depósito, o Presidente da Direção da associação, o Professor João Bonifácio Serra, escreveu que o "Espólio" era constituído por "cerca de duas centenas de caixas e uma dezena e meia de volumes de correspondência", cujos "Organização e inventário" estariam "a cargo de Margarida Gouveia, Paula Cândido e Helena Pinto" (Serra, 1995, p. 7).

da cota 1747 entre a 'Documentação' com c. 150 cartas, todas das décadas de 1920 e 1930. Atualmente, a 'Correspondência' conta já com alguns dos maços numerados na 'Documentação' e está dividida em 49 unidades de instalação e descrita, atingindo o número de 8923 cartas. Por isso, pode afirmar-se com segurança que 1) a correspondência confirma a classificação enquanto híbrido e 2) que este é o principal tipo documental do arquivo.

A partir de algumas propostas de tratamento da correspondência que aqui se analisa. Primeiro, tendo em conta a descrição feita (Ribeiro, 2018, pp. 97–104) parecia seguro, no que à correspondência de Fernando da Silva Correia dizia respeito, que deveria integrar quase todas as secções e subsecções propostas para o tratamento do arquivo. Esta tarefa foi um pouco dificultada por, em muitos casos, não ser possível apontar claramente uma relação profissional ou pessoal, já que é comum a correspondência espelhar os vários problemas, assuntos, temas (etc.) que tanto o remetente como o destinatário, neste caso o próprio produtor, tinham em mãos, em qualquer âmbito da sua atividade (Ribeiro, 2018, pp. 104–105). Numa primeira fase, e uma vez que existem os envelopes de envio, pensou-se que havia a possibilidade de, quando se menciona o cargo profissional do produtor, significar que se tratava de uma carta que poderia ser associada à subsecção do quadro orgânico-funcional relativa ao respetivo cargo, mas tal não se verificou, pois em grande parte desta correspondência tratam-se diversos assuntos em diferentes âmbitos. Esta hipótese seria viável se o produtor mantive apenas um cargo, no entanto, é fácil verificar que durante a sua vida profissional Fernando da Silva Correia acabou por desempenhar várias funções e participar em diferentes atividades, acumulando ainda a sua produção intelectual, pelo que esta hipótese poderá ser castradora das dinâmicas inerentes às relações sociais e à circulação de ideias entre este produtor e os vários remetentes da correspondência.

Parte-se do princípio de que a ordenação alfabética não é a adequada quando se consegue estabelecer uma forma de ordenação/ gestão da informação próxima da do próprio produtor ou recetor. No entanto, estamos na presença de um conjunto bastante alargado e sem grandes vestígios de gestão, para além das inscrições nos envelopes sobre o conteúdo/ assunto dessa carta – esporádicas e sem relação aparente na maioria dos casos -, em que parece impossível vislumbrar qualquer tipo de organização, já que,

como foi abordado acima, na maioria dos maços (e o mesmo acontece com as caixas já numeradas por Paula Cândido), o conteúdo parece totalmente aleatório. Ora vejamos um exemplo, a caixa 35 contém as cartas numeradas entre 5601 e 5799, com datas de produção entre os anos 1933 e 1961, enviadas de vários pontos de norte a sul do país e ainda de França e direcionadas para Fernando da Silva Correia para as Caldas da Rainha, Lisboa, Óbidos e ainda para o Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge.

Antes de passar à(s) proposta(s) que se julga(m) mais adequada(s) a este conjunto, apresentamos ainda outros exemplos da informação que compõe este conjunto em análise:

1. O primeiro exemplo é o da correspondência enviada por um médico amigo de Fernando da Silva Correia, escolhemos Maximino José de Morais Correia (1893-1969), que foi seu condiscípulo do curso de Medicina na Universidade de Coimbra e entre 1943 e 1969 foi reitor da mesma Universidade[75]. Entre a correspondência recebida podem contar-se 271 documentos, enviados entre 1929 e 1966 de Coimbra, Vidago e Figueira da Foz. Entre a correspondência expedida está já identificado um conjunto de 4 documentos, enviados entre 1939 e 1966 de Caldas da Rainha e Lisboa.
2. O segundo exemplo é o da irmã Filomena Augusta da Silva Correia (1898-1974), existe já uma breve nota biográfica (Ribeiro, 2018, p. 68) (*vide* Apêndice 7) sobre esta outra produtora do sistema de informação em análise, mas a correspondência revelou alguns dados novos, de que é exemplo o período em que residiu em Évora após a formação de assistente social no Instituto de Serviço Social (Lisboa). Entre a correspondência recebida por Fernando da Silva Correia podem contar-se 101 documentos, enviados entre 1909 e 1966 de Caldas da Rainha, Lisboa, Évora, São Martinho do Porto e Maceira-Liz.
3. O último exemplo é a correspondência expedida por Fernando da Silva Correia ou o que dela chegou até nós, podem contar-se 78 documentos, para

[75] Dados sobre o médico Maximino Correia disponíveis no site da Universidade de Coimbra, através do link: https://www.uc.pt/org/historia_ciencia_na_uc/autores/CORREIAmaximinojosedemorais, [Consult. 8 de junho de 2020].

15 das cartas não é possível determinar o destinatário, enviados entre 1919 e 1966 de Caldas da Rainha, Óbidos, Lisboa e Coimbra.

Até agora, todos os exemplos fazem parte do conjunto de correspondência que está já separado da restante documentação. Por isso, é importante dar também um exemplo da correspondência que ainda está integrada no conjunto 'Documentação'. Se tivermos em conta que (à partida) estes conjuntos terão sido constituídos pelo próprio produtor (ou, em último caso, pelos seus familiares mais próximos e que tiveram contacto com o espólio que lhes foi legado), estes espelham diferentes formas da conservação da documentação. Parece, para já, evidente que a correspondência integrada entre a documentação diz respeito, na sua maioria, à informação preservada durante o desempenho dos primeiros cargos profissionais de Fernando da Silva Correia e que está agrupada segundo um critério temático, se assim lhe poderemos chamar, no entanto, tal não significa que essa 'Documentação' (enquanto conjunto) revele qualquer tendência para uma gestão criteriosa da informação. O exemplo escolhido é o da correspondência de Fernando da Silva Correia enquanto (sub e) delegado e inspector de saúde das Caldas da Rainha. Este conjunto é composto pela documentação numerada com as cotas 275, 277 (com 5 cartas), 3863, 4260 (com 12 cartas), 4261 (com 64 cartas), 4262 (com 2 cartas), 4265 (com 12 cartas), 4403 (com 5 cartas), 4416 (este conjunto inclui uma capa escrita pela mão do produtor "1935-1936/Mapas mensais dos médicos escolares e Visitadoras/ 2º período/ 3ª Área/ (Duplicado)/ Assinatura", mas a correspondência no interior não é relativa a este período. Esta correspondência tem como datas extremas 1919 e 1933 e constituí um conjunto de 241 cartas.

O tratamento seguiu baseado no correto acondicionamento da documentação tal como está e na sua descrição numa ordenação virtual tendente a aproximar do contexto de produção informacional. Outros instrumentos de descrição documental ou 'instrumentos de recuperação' podem permitir 1) facilitar a consulta deste tipo documental a partir dos seus produtores, datas de produção ou temáticas abordadas e 2) acompanhar o processo de tratamento arquivístico e as opções tomadas. Estes instrumentos serão óptimas ferramentas para futuros interessados na consulta deste arquivo ou a quem desejar analisar em pormenor o processo de tratamento arquivístico.

É igualmente importante salvaguardar que nos casos em que o autor fez referência explicita a outros documentos do arquivo na correspondência se pretende criar pontos de acesso. Desta forma, no momento da descrição final em *AtoM*, e no caso específico da produção intelectual de Fernando da Silva Correia, por exemplo, a correspondência será indexada ao processo de criação intelectual, não se perdendo uma possível organicidade que poderia existir (Silva, 2004, p. 80)[76].

4.1.3 Fotografia

O conjunto de fotografias – imagens produzidas "pela ação da luz sobre película coberta por emulsão fotossensível, revelada e fixada por meio de reagentes químicos." (Arquivo Nacional (Brazil), 2005, p. 95)[77] – que integra o arquivo pessoal e familiar Fernando da Silva Correia não é muito alargado, no entanto, conhecendo hoje melhor a sua dedicação de fotógrafo amador no contexto da Grande Guerra (1914-1918), merece aqui a sua distinção enquanto um dos tipos documentais do arquivo pessoal e familiar.

4.2 Representação da informação e do conhecimento: informação, conhecimento, descrição, acesso, IDD's e utilizador

> "Meaningful information and knowledge are part of the same conceptual family; information is converted to knowledge by being interrelated; knowledge is true information set in context. Meaningful information must also be relevant in order to qualify as knowledge, and this aspect may be formally modelled, as also the distinction between 'knowing', 'believing', and 'being informed'." (Bawden & Robinson, 2022, p. 91)

[76] Tal foi definido num trabalho anterior, elaborado no âmbito do Seminário de «Metodologias em História», com o título *A produção intelectual de Fernando da Silva Correia: proposta de tratamento para a sua multidimensionalidade.*

[77] Além de fotografia também é possível designar "documento fotográfico" (Arquivo Nacional (Brasil), 2005, p. 76).

> "Recognition of the underlying relationship between user access and the collective knowledge structures that are the bases for knowledge production indicates the dynamic role of classification in supporting coherence and articulation across heterogenous contexts." (Yakel, 2009, p. 152)

> "Descrever – importa que os arquivistas tomem consciência disto – é representar com rigor e, como é óbvio e elementar, isso só se consegue quando se conhece bem o que pretendemos seja representado." (Silva, 2004, p. 81)

A representação da informação e, consequentemente, do conhecimento é um tema já aflorado ao longo do capítulo anterior, relacionando-se com a elaboração de IDD's e com a projeção do tratamento e descrição arquivísticos, tal como já foram explicados para o caso em estudo. No entanto, neste subcapítulo explicar-se-á como é que essas mesmas tarefas de tratamento e descrição arquivísticos permitem ao utilizador procurar a informação ou o conhecimento que lhe interessa, ou seja, como é que este deve proceder para, através do IDD - da descrição em *AtoM* - chegar mais rapidamente à informação, que informação estará disponível e de que forma a presente Tese poderá complementar a descrição, acrescentando-lhe explicações e conhecimento sobre estes elementos e sobre o próprio arquivo.

Terry Cook, previamente mencionado, já se debruçou sobre a relação entre informação e conhecimento, preconizando uma aproximação entre as metodologias dos arquivistas e historiadores, sendo necessário aos primeiros desenvolver uma "history of records" no âmbito do estudo dos arquivos (Cook, 1984, p. 47).

> "The quest for knowledge rather than mere information is the crux of the study of archives and of the daily work of the archivists. All the key words applied to archival records - provenance, *respect des fonds,* context, evolution, interrelationships, order - imply a sense of understanding, of «knowledge,» rather than the merely efficient retrieval of names, dates, subjects, or whatever, all devoid of context, that is «information» (undeniably useful as this might be for many purposes)." (Cook, 1984, p. 49).

Talvez por isso mesmo o autor considere os fundos "as «an intellectual construct»". (Cook, 1993, p. 33). A partir desta premissa de que o arquivo é sempre uma construção (que quase sempre precisa de ser entendida e explicada), interessa perceber como se passa de um conjunto de documentos (com a informação que eles veiculam) para o conhecimento que dá sentido aos mesmos, que explica a razão da sua existência e da sua produção e que, em última instância, permite ao historiador partir desse conhecimento prévio para mais e novos conhecimentos.

Barbara Craig sugere que os arquivistas explorem os arquivos de forma a procurar novos conhecimentos que possam ser disponibilizados aos utilizadores:

> "We know from everyday experience in archives that many people use historical records for purposes never originally foreseen. Since the past is not fixed in content or in its bounds, but rather constitutes an expanding universe of meanings and uses, archivists should be fearless explorers of many different literatures, probing the methods of research that are being used, and seeking different modes of acquiring historical understanding and forms of knowledge." (Craig et al., 2005, pp. 6–7).

A investigadora Natália Bolfarini Tognoli (em conjunto com outros autores) tem trabalhado a questão da organização do conhecimento, partindo do modelo canadiano de arquivo total e comparando-o à ação dos arquivistas brasileiros. Com base no trabalho de Terry Cook, desenvolve uma interpretação da "abordagem pós-moderna", que considera propor uma "Arquivística Funcional", que procura a função do documento a partir da sua relação com os produtores – o que leva o arquivista, como já foi entendido previamente, para o contexto de produção. Segundo a autora, esta procura do contexto pode levar a que o "foco" seja "externo e não mais interno", além de indicar a necessidade de uma análise mais geral (Tognoli & Guimarães, 2011, p. 30). À semelhança das arquivistas brasileiras Márcia Trancoso e Maria Celina Silva, esta autora também acrescenta a presença da "Diplomática arquivística" como uma forma de consolidar a proposta de tratamento arquivístico definida, baseando-se no trabalho de Duranti (Tognoli & Guimarães, 2011, pp. 32–33).

Por outro lado, vale a pena mencionar que a dicotomia informação/ conhecimento também esteve desde sempre associada à Ciência, que, especialmente, no pós-Segunda Guerra Mundial assumiu um novo papel de destaque, que conferia ao conhecimento um importantíssimo papel para o desenvolvimento científico. Em 1958, a *International Conference on Scientific Information*[78] tinha como objetivo juntar especialistas da informação para falar sobre, precisamente, o progresso da investigação científica e procurar melhores soluções de preservação e recuperação da informação. Para Lindor Brow, secretário da Royal Society of London, nos últimos anos, tinham ocorrido grandes desenvolvimentos no âmbito da informação científica. E, acrescendo o contributo da constante especialização, o autor chamava à atenção para o facto de cada vez ser mais difícil ler com prazer e compreender os textos de diferentes áreas científicas. A sua sugestão era que os cientistas publicassem apenas um artigo de um trabalho seu, ao invés de o reproduzirem em diferentes situações; o que na sua opinião dificultava a vida aos produtores informacionais, mas também aos cientistas da informação (*Proceedings of the International Conference on Scientific Information*, 1959).

David Bawden e Lyn Ronbinson pensam a representação da informação/ conhecimento em relação com o seu contexto, o que justifica a elaboração de "special classifications and thesauri", "researching indexing and retrieval in specialist subjects" ou "studies of documents and 'genres'" (Bawden & Robinson, 2022, p. 117). A constituição destes elementos integra uma subárea da CI conhecida por information organisation (IO) ou knowledge organisation (KO) (Bawden & Robinson, 2022, p. 133)

A IO ganha forma através do processo de classificação que tem sido descrito, incluindo este a utilização de vocabulários controlados – taxonomias e ontologias. Bawden e Robinson consideram que a classificação estabelece relações entre os

[78] As sessões da Conferência organizaram-se em torno dos seguintes tópicos: 1) Literature and Reference Needs of Scientists: Knowledge now available and methods of ascertaining requirements; 2) The Function and Effectiveness of Abstracting and Indexing Services; 3) Effectiveness of Monographs, Compendia, and Specialized Centers: Present trends and new and proposed techniques and types of services; 4) Organization of Information for Storage and Search: Comparative characteristics of existing systems; 5) Organization of Information for Storage and Retrospective Search: Intellectual problems and equipment considerations in the design of new systems; 6) Organization of Information for Storage and Retrospective Search: Possibility for a general theory; 7) Responsibilities of Government, Professional Societies, Universities, and Industry for Improved Information Services and Research.

elementos de um sistema – o arquivo -, capaz de ser um "map of a subject or collection, showing the inter relation of all its parts." Essas relações estabelecem-se através de conceitos, reunidos em taxonomias, ontologias ou thesauros, apresentando os autores as suas diferenças e aplicações (Bawden & Robinson, 2022, p. 146).

Num sistema de arquivo, a taxonomia assume-se como uma

> "classification devised for a particular environment or a particular set of information; it does not necessarily cover a subject area comprehensively (…). Taxonomies may differ from the norms of classification, for example by allowing the same concept to appear more than once, at different levels, if this is helpful to the user's browsing. (…) Alternatively, taxonomies may include many specific examples – names of places, people or departments, for example, as well as general concept headings – and may have more similarity with a thesaurus than a library classification." (Bawden & Robinson, 2022, pp. 153–154).

Sendo este o modelo dos pontos de acesso estabelecidos neste processo de tratamento e já mencionados anteriormente (ver Apêndice 3).

Na sua investigação, Fernanda Ribeiro[79] concluiu existir "imperfeição" na elaboração de IDD (considerando aqui que estes também correspondem aos "instrumentos de acesso" mencionados pela autora), por não representarem "com rigor a realidade arquivística". Uma das conclusões da autora ajuda a definir estes IDD enquanto "inerentes à função serviço/uso de qualquer sistema arquivístico", tendo "a finalidade de recuperar a informação armazenada, verificando-se uma tendência para a sua maior complexidade à medida que a própria estrutura orgânico-funcional dos arquivos também se foi tornando mais complexa". A autora propõe um entendimento da classificação, descrição e indexação como estando associadas ao estabelecimento de pontos de acesso (Ribeiro, 1998, pp. 696–698).

Estes podem ajudar a recuperar a "essência, viva e dinâmica" dos documentos, que o modelo sistémico procura evidenciar e que nem sempre é cognoscível pela sua

[79] Deve referir-se que neste trabalho, Fernando Ribeiro identificou 330 arquivos pessoais existentes em Portugal (Pereira, 2018, p. 214).

localização física. Este processo é hoje, cada vez mais, facilitado pelas TIC (tecnologias de informação e comunicação), que permitem uma maior interatividade entre os documentos através dos metadados descritivos e interoperabilidade entre softwares de descrição e outros arquivos.

No caso do arquivo pessoal e familiar Fernando da Silva Correia, a proposta que se apresenta parte da manutenção da ordenação física (sendo esta localização preservada na própria descrição e tendo sido precedida por um inventário preliminar de todos os documentos), mas pressupõe um novo entendimento da sua organização intelectual que se relaciona com as partes do quadro orgânico-funcional, com os contextos de produção e preservação, assim como a própria autoria da documentação, já que uma boa parte do arquivo – correspondência recebida – tem origem noutros produtores informacionais, cuja presença tem de ser destacada nos IDD's.

Através dos pontos de acesso (identificados no Apêndice 3) também se pretende estabelecer alguma distinção entre – um dos grandes problemas dos arquivos pessoais – documentos públicos e privados, especialmente neste caso em que se fala de uma figura com cargos públicos ao longo da sua vida profissionalmente ativa. É fácil perceber que 1) grande parte da documentação aparentemente pública – dirigida ao detentor do cargo com a sua identificação – nem sempre tem informação sobre assuntos relacionados com o mesmo, já não falando dos casos em que o detentor do cargo é procurado por outras razões; e 2) mesmo quando a documentação tem todo o carácter oficial surgem por vezes assuntos que extravasam esse âmbito, encontrando-se até casos em que a informação oficial está a tinta permanente e a não oficial não. Esta separação também é assegurada através do modelo sistémico, que, segundo Armando Malheiro da Silva, permite, entre cada fase da vida, criar uma distinção entre "informação transversal" e "específica". Sendo para este arquivista claro que deve ser analisado caso a caso (Silva, 2004, pp. 80-82).

Renato de Matos e Clarisse Schimidt também se socorreram do estabelecimento de contexto para a produção documental de forma a ultrapassar a comum divisão entre as dimensões pública e privada nos arquivos pessoais, assim pensado como um "conjunto indissociável, cujas parcelas só têm sentido se consideradas em suas mútuas

articulações e quando se reconhecem seus nexos com as atividades e funções de que se originaram" (Mattos & Schimidt, 2017, p. 1418).

O trabalho fundacional de Ariane Ducrot sobre a classificação dos arquivos pessoais e familiares fala sobre esta questão da divisão entre a documentação de caráter público da de carácter privado. Na opinião da autora, o arquivista deve deixar-se "guiar pelo fundo", sendo que este representa o indivíduo produtor (Ducrot, 1998, p. 164). A autora define um "quadro de arranjo típico" que organiza "documentos pessoais", "obras", "agendas", "diários", "correspondência em geral", "diversos" incluindo documentos iconográficos e "arquivos de membros da família" (Ducrot, 1998, p. 165); o que na verdade propõe uma organização temática dos documentos dos arquivos pessoais que, pelo menos à primeira vista, não parecem dizer muito sobre o contexto de produção.

> "Archivists employ description largely in the service of providing access. To describe a collection is to create access points that enable people to locate archival materials and understand them in the context of their creation. Taxonomies convey the relationships between materials and collections, and classification provides an arrangement that can bring order out of chaos. (…) Naming happens because without it, materials in the archives have the same research value as those which were never accepted in the first place – they are inaccessible to the public. Unnamed records are effectively dead." (Darms, 2009, p. 153).

O que o utilizador encontrará é uma forma de entender os documentos no seu contexto; essa descrição, quando vista em conjunto com a presente Tese, dará conta dos dois processos de produção e de conservação/ recepção e recoleção/ avaliação e recuperação da informação, ao longo da vida do seu produtor. Foi para constituir este conjunto que se estabeleceu este arquivo como um laboratório – de pesquisa exaustiva e análise da documentação de Fernando da Silva Correia, de forma minuciosa o suficiente para encontrar tanto as suas práticas de comunicação e sociabilidade, mas especialmente de que forma estas ficavam ou ficaram (no caso do que chegou até hoje) espelhadas na documentação e na informação.

À medida que se foi desenvolvendo o conceito de Arquivo – instituição – também se foi complexificando o tipo de serviços que este deveria disponibilizar ao seu utilizador. Especialmente desde a década de 1980, que, segundo Gabrielle Blais e David Enns, tem crescido um debate intenso e profícuo, que procura adequar a ação dos arquivista e dos serviços de informação: "the role of public programmes in archives and archivists' commitment to public service". Estes autores falam especialmente da evolução em turno da missão dos *Public Archives of Canada*, que, inicialmente, eram considerados "a storehouse of national history, containing documents (and copies of documents located in foreign repositories) from both the private and public spheres." Pelo que, a sua missão era "acquiring and organizing archival records of national historical significance." Não se investindo nesse período nas "activities now known as outreach or public programming", à exceção da elaboração de "research guides and assistance to historians as they performed their research." Segundo os autores, esta foi a perspetiva dominante ao longo do século XX. No entanto, desde a década de 1980 que a tendência tem vindo a mudar, de forma a estimular o entendimento de que se fornece um serviço público ao utilizador, que deve ser mais diversificado, exatamente por querer chegar a vários públicos. Os autores mencionam também a dificuldade que se tem encontrado na integração das tarefas de programação pública no trabalho dito normal das instituições arquivística (Blais & Enns, 1990, p. 101).

Estes autores propõem como primeiro passo numa programação centrada no utilizador, a definição da programação pública como "activities that result in direct interaction with the public to guarantee the participation and support necessary to achieve an archival repository's mission". A programação pública

> "It supports the activities of the institution by creating an image of archives, promoting awareness and appreciation of archives, ensuring the education of users and the general public about the value and potential use of archives, and enabling use of the archival record." (Blais & Enns, 1990, p. 103).

Os autores indicam a proatividade dos arquivistas/ cientistas da informação como fundamental para a prossecução de uma programação que tenha em conta o utilizador e as suas exigências (Blais & Enns, 1990, p. 103). Uma das formas de ajudar os

utilizadores a utilizar os serviços disponíveis (para que possam depois ter o seu comportamento analisado com propriedade) pode passar também por explicar como é que as instituições desenvolvem a recuperação da informação (e os seus IDD's), devendo o arquivo agir como um "educador" relativamente ao trabalho arquivístico e aos IDD's e outras "intellectual tools with which to attack their research problems." (Blais & Enns, 1990, p. 106).

Ainda que não fosse feita de forma exaustiva, ao longo da presente investigação procurou-se acompanhar investigadores interessados neste arquivo, assim como entender essa procura antes do início da investigação. Nesse sentido, o estabelecimento de pontos de acesso, assim como a elaboração de alguns apêndices, como é o caso da Lista de Correspondentes – Apêndice 4, procurou ajudar a caracterizar as redes sociais de Fernando da Silva Correia em cada momento, mas também auxiliar na pesquisa - dada a impossibilidade de criar registo de autoridade de todos estes produtores informacionais – e também não esquecendo que estes, neste arquivo, perdem para o recetor da informação que é o verdadeiro produtor do arquivo.

Existem mesmo algumas medidas que permitem envolver mais as comunidades e os possíveis utilizadores do arquivo (Bawden & Robinson, 2022, p. 240), que não foram seguidas nesta investigação apesar de se terem desenvolvido alguns projetos de divulgação, especialmente aquela mais próxima da atual localização do arquivo. No entanto, podem aqui também mencionar-se os estudos do comportamento informacional dos utilizadores que se têm alargado nos últimos anos. Basta dizer que alguns dos pontos de aceso definidos pretendem responder aos interesses dos utilizadores, como, entre outros autores, Armando Malheiro da Silva sugere que se considerem (Silva, 2004, p. 75).

Os autores que mais se têm dedicado a este tema – estudo do comportamento informacional – consideram que não lhe dar qualquer crédito acaba por significar não procurar produzir serviços que efetivamente pretendem ser uma mais-valia para os utilizadores (Bawden & Robinson, 2022, p. 227). E, um pouco à semelhança das necessidades da recuperação da informação – numa perspetiva científica – que começaram por se centrar na informação/ conhecimento científico, o mesmo se pode

mencionar neste caso. Já que David Bawden e Lyn Robinson consideram que o estudo do comportamento informacional dos utilizadores teve início nos STEM (Science, Technology, Engineering and Medicine) nos anos 1950-1960, alargando-se a outras áreas científicas nos anos seguintes (Bawden & Robinson, 2022, p. 228).

Neste âmbito, os arquivistas/ cientistas da informação procuram definir a interação de um individuo com a informação, como a procura e como a utiliza, em particular (Bawden & Robinson, 2022, p. 231), sendo, na maioria dos estudos, tidas em conta a ocupação e a área académica[80] associada ao comportamento informacional (Bawden & Robinson, 2022, p. 249). O caso dos arquivos pessoais assume-se ainda mais desafiante para os utilizadores, tal como para os arquivistas (Yeo, 2009, p. 53).

Uma pequena nota sobre os *softwares* de descrição arquivística é também necessária, explicando as opções existentes e as decisões tomadas, corroborando, entre outros, Sofia Carvalho que integrou entre as perspetivas para o futuro dos arquivos pessoais a "emergente dimensão digital" (Carvalho, 2018, p. 40). O *software* selecionado para a elaboração desta descrição e a sua disponibilização ao público é o *AtoM*, que assenta numa base de dados relacional, adequada ao modelo de descrição multinível proposto pelas normas ISAD(G) e pelas ODA, adaptadas ao caso português[81]. Esta escolha surge na sequência de vários trabalhos realizados a partir deste *software* no âmbito do doutoramento em História, especialidade de AH. No entanto, o *AtoM* apresenta várias vantagens na sua utilização (Bushey, 2012). Em primeiro lugar porque, por ser um *software* livre, não tem custos de licenciamento, com normas abertas e interoperável, evitando a dependência dos fornecedores associados a *softwares* proprietários. Este funciona em conformidade com as normas internacionais e nacionais de arquivo, permitindo a pesquisa de descrições, autoridades, assuntos, localizações e criação de IDD, assim como, entre outros elementos, a integração com objetos digitais e a pesquisa de conteúdo nos documentos (com OCR). O *AtoM* permite a utilização de

[80] Maria de Lurdes Rosa identificou alguns casos de estudo do "comportamento de pesquisa informacional dos historiadores em arquivos", abordando ainda – também numa perspetiva educacional - a "iliteracia arquivística dos historiadores" (Rosa, 2021, pp. 67-72).

[81] A utilização do AtoM no contexto português pode ser acompanhada através do site do Grupo de utilizadores Portugueses de AtoM, onde são identificados 27 casos de utilização nacional do software (https://atom-pt.pt/comunidade/). E existindo muitos outros casos a nível internacional (vide https://wiki.accesstomemory.org/Community/Users).

padrões abertos (como EAD, EAC…) e, através do protocolo OAI-PMH, permite a colheita de registos de portais agregadores; estando por isso habilitado para aderir à Rede Portuguesa de Arquivos (compatível com o Portal Português de Arquivos e Portal Europe Archive)[82].

É fundamental mencionar o mais recente modelo concetual: o *RiC-CM*. Este, que assenta num modelo ontológico em que os elementos têm relação entre si, poderia servir melhor o intuito de propor uma adequação da informação de acordo com a descrição documental com base no seu contexto[83]. Dado o avanço já dado da proposta

[82] Algumas destas informações foram difundidas pelos Professores Hélder Silva e Ricardo Pinho, nos módulos sobre *AtoM* do Curso livre "Prova, informação, memória", FCSH-NOVA, ano letivo 2022-2023.

[83] Da análise da versão rascunho do "novo modelo conceptual de descrição arquivística do Internacional Council on Archives (ICA)": Records in contexts (RiC-CM), publicada em 2016, as cientistas da informação Dunia Llanes-Padrón e M. Moro-Cabero pretendem "sublinhar a importância deste modelo para a representação, o acesso, uso, preservação e interoperabilidade da informação arquivística no contexto da web semântica." (Llanes-Padrón & Moro-Cabero, 2017, p. 526). Da reflexão sobre os princípios teóricos e os propósitos do modelo, as autoras começam por explicar que a criação do Grupo de Especialistas em Descrição Arquivística tinha como objetivo integrar e interrelacionar as normas em utilização – ISAD(G), ISAAR(CPF), ISDIAH e ISDF. O RiC-CM assume, segundo as autoras, "três papéis fundamentais (…) nos contextos atuais da pós-modernidade": 1) a gestão documental; 2) a preservação de documentos; e 3) a reutilização de dados, sendo os seus princípios o respeito pelas "premissas e as necessidades dos arquivistas" e o "princípio durável da procedência", tendo como "ideia central" relacionar os documentos com os seus contextos. Esta opção permite desenvolver a sua descrição não tendo apenas por base a "relevância do agente que cria, acumula ou conserva documentos", mas também "as complexas interações (sociais e materiais)" que são intrínsecas à sua origem, mostrando como "a ordem dos conjuntos documentais é dinâmica, mutável e fluída". O RiC-CM permite, através de "boas práticas descritivas", garantir também "a preservação de informação digital", e, por sua vez, "a integridade, fidelidade, durabilidade e legibilidade da informação ao longo do tempo". Estes aspetos associados à acessibilidade, abertura e transparência, que devem permitir a utilização ou reutilização de dados na Web, podem levar à criação de novos dados por parte daqueles que pretendam reconhecer estes documentos como "evidência", constituindo assim o RiC-CM uma forma de, por um lado, melhorar o processo de "descoberta", "localização, "identificação", recuperação", "avaliação" e "compreensão dos mesmos"; e, por outro, assegurar o registo dos novos dados criados, que concorrem para aumentar a "história" dos documentos e "re-contextualizá-los". É neste sentido que o RiC-CM oferece um modelo que facilita "a participação ativa da cidadania" (Llanes-Padrón & Moro-Cabero, 2017, pp. 526–528). Num segundo momento, as autoras exploram as entidades arquivísticas, considerando que o RiC-CM "acentua a ideia de criar um modelo semântico único que facilite a representação, a relação e a interoperabilidade dos conteúdos de todas as instituições de informação no contexto Web." A comparação feita entre o RiC-CM e a ISAD(G), aponta como principal diferença a forma como a descrição é materializada e exposta, o primeiro apresenta a "forma de rede" associada a uma descrição pluridimensional, enquanto a última pressupõe uma descrição multinível, que relaciona os registos hierarquicamente (Llanes-Padrón & Moro-Cabero, 2017, pp. 528–529). Ao propor 69 propriedades para as 14 entidades, o RIC-CM agiliza substancialmente o processo de descrição, já que as normas anteriores tinham um total de 117 propriedades. O modelo é visto como "o último ingrediente de que se precisava para elaborar um modelo semântico integrador", capaz de relacionar o património cultural mundial (Llanes-Padrón & Moro-Cabero, 2017, p. 528, 532). Atualmente, a produção científica sobre o RiC-CM (do qual saiu uma nova versão em julho de 2021) e até sobre o RiC-O, já está bastante mais completa, pois, por um lado, o objetivo do ICA era precisamente propor este modelo à consideração de especialistas e, por outro, já decorreram alguns anos desde a apresentação deste modelo, pelo que diversos profissionais lhe têm dado alguma atenção

com base multinível e servindo-se do *AtoM* não se aprofundou uma alteração para o RiC-CM. No entanto, espera-se que os dados utilizando o *software* escolhido estejam interoperáveis para fazer a relação com o RiC-CM, caso a entidade detentora o pretenda de futuro[84].

(Souza & Flores, 2020) (Feliciati, 2021). ICA - *Records in contexts: A conceptual model for archival description*. Consultation Draft v 0.1. [Em linha]. Setembro de 2016. [Consult. 28 de abril de 2022]. Disponível em: https://www.ica.org/sites/default/files/RiC-CM-0.1.pdf. Esta versão é constituída por quatro partes (às quais se acrescentam os apêndices, um deles também inserido no artigo): 1) Introdução; 2) Entidades; 3) Propriedades das entidades e 4) Relações. Records in contexts – Ontology. *International Council on Archives*. [Em linha]. 22 de julho de 2021. [Consult. 28 de abril de 2022]. Disponível na internet: https://www.ica.org/en/records-in-contexts-ontology.

[84] Não sendo caso único, já que o RiC já foi explorado na tese de (Santos, 2021).

Parte II – Identidade(s) Científica(s): Fernando da Silva Correia no seu tempo pelo olhar do seu arquivo

O segundo objetivo proposto para a presente Tese é a análise do património documental de Fernando da Silva Correia, especialmente, a partir do seu arquivo, à luz da História da Ciência e da Medicina, numa abordagem que privilegie a construção de identidade e património científicos.

Assim sendo, a produção documental/ informacional deste médico será analisada, tendo por base o tratamento do seu próprio arquivo pessoal e familiar, ou seja, a sua biografia, fases de vida ou funções/ cargos profissionais, tal como estes, enquanto contexto de produção, ajudaram a definir o quadro orgânico-funcional previamente apresentado. No final desta parte espera-se obter resposta às seguintes questões: a) De que forma a vivência académica e profissional de Fernando da Silva Correia definiu as suas trocas de conhecimento científico? b) Como é que essa comunicação estabelece redes entre a comunidade científica, criadoras de uma identidade? e c) De que forma a obra de Fernando da Silva Correia reflete essa identidade científica?

Para desenvolver esta resposta foi necessária uma análise, por um lado, do papel da biografia para o estudo da vida de cientistas e médicos e, por outro, da História Contemporânea da Ciência e da Medicina, enquanto meio de contextualização da ação do médico, higienista, historiador e professor Fernando da Silva Correia entre os atores científicos, em particular, da primeira metade do século XX. Estas serão as problemáticas do próximo capítulo e no seguinte, dividido em vários subcapítulos, será abordada a produção documental e informacional de Fernando da Silva Correia em diferentes momentos, conjugando as secções e subsecções do quadro orgânico-funcional desenvolvido e adaptado ao tratamento arquivístico ao longo desta investigação.

Capítulo 1 – Fernando da Silva Correia – entre a biografia e o contexto (científico)

> "Poligrafo, aparentemente disperso, os temas que tem versado teem todavia todos, sem excepção dum só, um laço comum, verdadeiro rumo ou programa, que está afinal de acordo com a legenda do seu ex-libris: «Ubique bonum quaerito»" (Correia, 1938a).

Ao longo desta investigação, Fernando da Silva Correia foi ganhando espaço e forma, até mesmo conteúdo, através da análise do seu arquivo, da sua produção informacional, da sua correspondência, enfim, do seu património documental. À medida que se iam desbravando estes elementos, tornava-se mais clara a sua biografia e eram conhecidas novas dinâmicas da sua atividade, pela redescoberta do papel que teve em vários momentos no contexto próprio em que viveu e trabalhou, entre as décadas de 1910 e 1960. Tal como acontecia nesta investigação, nalguns momentos tornou-se claro que o percurso e a atividade deste ator científico novecentista eram pouco conhecidos, inclusive dos grupos mais ligados à Medicina e à sua história, como é percetível pelos comentários recebidos na conferência realizada a convite Secção de História da Medicina na Sociedade de Geografia de Lisboa, de que, aliás, Fernando da Silva Correia era sócio desde 1923 (o mesmo ano em que se tornou sócio correspondente da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa, segundo diplomas pertencentes à família)[85].

Neste capítulo far-se-á uma breve abordagem do género biográfico, enquanto proposta historiográfica, e procurar-se-á demonstrar como algumas das conclusões da reunião de autores e trabalhos sobre História da Ciência e da Medicina, alguns deles recorrendo à obra de Fernando da Silva Correia, permitem conhecer melhor o contexto de produção informacional caracterizado no capítulo seguinte[86].

Como já foi mencionado antes, não se pretende desenvolver uma biografia[87] ao longo desta Tese, no entanto, a reunião de informações sobre a vida de Fernando da Silva Correia foi fundamental para melhor analisar a sua produção informacional e

[85] A comunicação, "*Ubique bonum quaerito*: Fernando da Silva Correia, ação e produção informacional", ocorreu a 29 de setembro de 2022.
[86] Alguns dos elementos aqui reunidos já foram abordados em (Ribeiro, 2018, pp. 31–41).
[87] Neste campo poder-se-ia mencionar também a metodologia proposta na "história de vida", enquanto metodologia que procura repor "o indivíduo no seu vivido" (Poirier et al., 1999, p. 157).

documental. Daí que, durante a investigação se tenha procurado fazer uma revisão de literatura sobre este tema, assim como se tenha recorrido a alguns exemplos de biografias de médicos, principalmente, para conhecer as abordagens adotadas.

O género biográfico enquadra-se na necessidade de procurar o "sujeito plural (…) possuindo historias próprias no interior das grandes narrativas oficiais", contribuindo para a "redefinição de identidades" (Rosa, 2012b, p. 15). Ou, como diz Vitorino Magalhães Godinho, procurar a "inteira personalidade" (Godinho, 2011, p. 28).

Quando, em 1995, Maria Filomena Mónica começou a preparar uma biografia de Eça de Queirós, verificou "que praticamente não existiam biografias em Portugal" (Mónica, 2001, p. 8). No entanto, o género era conhecido, já que, nesse mesmo ano, numa sessão organizada pela associação PH, José Amado Mendes, indicou como objetivo da biografia "averiguar qual a função do individual e/ou do colectivo na História" (Mendes, 1995, p. 10). Atualmente, o género biográfico é considerado "consolidado, ancestral" e "atractivo", levando Diogo Ramada Curto a integrá-lo na tentativa de compreensão da "produção social dos indivíduos": "o maior desafio posto às biografias." (Curto, 2013, pp. 201–202).

A "nova biografia", para José Amado Mendes, serve para analisar indivíduos "cuja actuação e percurso tenha algum significado histórico-científico" (Mendes, 1995, p. 10 e 14). Caminhando para a biografia de carácter científico, alguns autores definiram "parâmetros correntes deste tipo de abordagem", como Diogo Vivas (Vivas, 2012, p. 8) ou Quintino Lopes - numa análise mais prosopográfica -, sendo alguns desses parâmetros: formação académica; desempenho de funções como investigadores (com bolsas de estudo), professores, funcionários públicos; organização ou participação em encontros ou sociedades científicas; colaboração na imprensa ou no meio editorial; "consagração intelectual" (Lopes, 2010, p. 9). Na sua (já antiga) tese de doutoramento, Maria de Lourdes Santos define em quatro partes elementos fundamentais para o estudo dos intelectuais portugueses na primeira metade do século XIX, baseadas nas "origens e tranjectórias sociais", "formação", "profissionalização" e "consagração" (Santos, 1988). Kostas Gavroglu destacou o papel dos atores científicos, na medida em que a História da Ciência se pode assumir como "a história dos homens que se

esforçaram por investigar e compreender a estrutura e o funcionamento da natureza.", o mesmo aplicando-se a instituições científicas (Gavroglu, 2007, p. 21).

Recentemente, é apropriado indicar os contributos da obra coordenada por Tiago Brandão para a recuperação da história biográfica e intelectual (Brandão, 2020) ou a obra editada por Isabel Burdiel e por Roy Foster (Burdiel & Foster, 2015). No mesmo âmbito, podem localizar-se vários trabalhos biográficos, de maior ou menor dimensão, como os de Jorge Fernandes Alves e Rui Costa sobre Ricardo Jorge (Alves, 2008) (Costa, 2018), Manuel Correia sobre Egas Moniz (Correia, 2013), Tiago Brandão e J. F. David-Ferreira sobre A. Celestino da Costa (David-Ferreira & Brandão, 2020), Jorge Pais de Sousa e João Pinho sobre Bissaya Barreto (Sousa, 2018) (Pinho, 2023)[88], Andrea Wulf sobre Alexander Von Humboldt (Wulf, 2016, p. 12) ou ainda os trabalhos sobre os médicos John Scott Burdon Sanderson (Romano, 2002) e Henry Head (Jacyna, 2008).

Destacando o sujeito protagonista da história, são também relevantes no género biográfico os trabalhos reunidos por José Neves e Bruno Monteiro (Neves & Monteiro, 2016).

> "A história da Ciência abre-nos, de facto, pistas e interrogações que de outro modo teríamos dificuldade em colocar e consciencializar. (...) em busca de sinais de identidade científica" (Nunes & Guelha, 2004, p. 31)

Em Portugal, o número de estudos de História da Ciência e da Medicina tem vindo a crescer e o século XX, que aqui importa especialmente, tem sido analisado de diferentes perspetivas. A evolução da História da Medicina foi analisada por Andreia Almeida (Almeida, 2017) e Isabel Amaral (Amaral, 2023), constituindo as suas investigações elementos para o conhecimentos desse mesmo período, que podem ser ladeadas pelas obras de Manuel Alves (Alves, 2014) ou Barros Veloso (Veloso, 2017; Veloso, 2008). Na obra de Barros Veloso, de 2017, participam vários investigadores, que, entre outros aspetos, procuram aprofundar o papel (e o poder) do médico em diferentes contextos sociais, políticos, culturais e assistenciais. Como contributo para a História da Medicina a partir de outras áreas, pode apontar-se, no caso da Sociologia, a obra

[88] Neste estudo, João Pinho recupera a definição de Medicina Social de Fernando da Silva Correia (Pinho, 2023, pp. 191–192).

coordenada por Raquel Varela sobre o Serviço Nacional de Saúde (Varela et al., 2019). Neste âmbito, pode ainda ser identificado um conjunto de publicações periódicas de enorme importância para o avanço do conhecimento: os *Cadernos de Cultura História da Medicina na Beira Interior*, o *Bulletin of the History of Medicine,* a revista *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* ou, recentemente criada, a *European Journal for the History of Medicine and Health*, publicado em continuação da revista *Gesnerus* já mencionada (Barras et al., 2021).

Em 2021, no contexto português, surgiu uma obra fundamental para o entendimento da evolução científica - pensando na Ciência, Tecnologia e Medicina – na história de Portugal. Em 4 volumes coordenados por Ana Simões e Maria Paula Diogo, procura-se "o enquadramento dos estudos de caso portugueses em redes e circuitos do conhecimento e práticas (científicas, tecnológicas e médicas) nacionais, internacionais e/ou imperiais, pondo a ênfase na forma activa como actores humanos (especialistas e redes) e não-humanos (objectos, livros, instrumentos, instituições e práticas) se transformam e, simultaneamente, são motores de transformação, apropriação e negociação, em dinâmicas locais e globais." (Diogo et al., 2021, pp. 13–14). No campo da "produção e circulação do conhecimento médico", deve também destacar-se a obra (Bastos & Barreto, 2012).

Jorge Fernandes Alves, no prefácio da obra de Rui Costa, considera que no caso português se está a desenvolver uma "nova história da Medicina" (Costa, 2012, p. 16)[89]. Neste âmbito, os trabalhos de Rui Costa, entre outros assuntos, têm procurado analisar a situação da classe médica, cujo "processo de afirmação" situa em 1945 (Costa, 2009, p. 9). Especialmente na caracterização do papel do delegado de saúde, foi fundamental a investigação de Ana Gato Rodrigues (Rodrigues, 2013). Alguns dos autores já mencionados, Andreia Almeida, Rita Garnel, Rui Costa e Isabel Amaral, tecem importantes considerações sobre a evolução das políticas de saúde, desde a reforma de 1899 de Ricardo Jorge ao Estatuto da Assistência Social (1944), para referir o período que mais interessa a esta investigação. O papel destacado dos médicos, especialmente durante a I República é trabalhado por Rita Garnel (Garnel, 2003, 2013, 2017),

[8989] Samuel Shortt, em 1980, falou sobre a "The New Social History of Medicine" (Shortt, 1980).

reconhecendo a autora a associação da profissão como um momento de "consolidação da identidade" (Garnel, 2013, p. 32). Para caracterizar o Estado Novo, enquanto contexto político em que Fernando da Silva Correia mais desenvolveu a sua ação profissional, é importante atentar na conclusão de Andreia Almeida de que este regime foi "herdeiro da política assistencialista, supletivista, caritativista e não universalista adoptada pelo regime monárquico e pelo regime republicano." (Almeida, 2017, pp. 724–725). Tal não deve, no entanto, ser encarado como uma total ausência de iniciativas, no campo da Saúde Pública e até sobre o ISHRJ consideraram-se os trabalhos de Luís Graça (Graça, 2015, 2018). É importante mencionar aqui os estudos sobre algumas doenças, a gripe pneumónica (Sobral, 2019; Sobral et al., 2009), a lepra (Cruz, 2009), a sífilis (Bastos, 2011) ou outras doenças venéreas e a varíola (Simões et al., 2021, pp. 403–420). Célia Pilão e Sandra Tacão, na sua análise sobre a profilaxia da sífilis, mencionam a ação de Fernando da Silva Correia entre torno desta doença posicionando-se contra a prostituição legal ou clandestina (Pilão & Tacão, 2011, p. 181), as autoras destacam ainda "os trabalhos de vulgarização" publicados pelo Dispensário de Profilaxia Social das Caldas da Rainha (Pilão & Tacão, 2011, p. 185).

Erwin Ackerknetcht considera que este vasto campo da "Medical History" oferece infinitas possibilidades e razões para o estudo, destacando a capacidade de ajudar num melhor entendimento da história em geral (Ackerknecht et al., 2016, p. XIX). Entre as leituras recentes de perspetivas internacionais da História da Medicina, deve mencionar-se a análise baseada nas especialidades médicas (Duffin, 2023) ou na temática de descolonização dos cuidados de saúde (Sowemimo, 2023).

Entre a produção historiográfica que influiu na compreensão do contexto de produção de Fernando da Silva Correia, deve mencionar-se a relativa à reforma do ensino universitário (médico) de 1911 (David-Ferreira & Brandão, 2020, pp. 48–49) (Amaral, 2017). No campo do ensino e saúde escolar, devem mencionar-se os trabalhos de Ramos do Ó (Ó, 2003) e de Carlos Abreu (Abreu, 1999), assim como outros trabalhos sobre a imprensa especializada (Nóvoa, 1993). E ainda sobre a introdução da educação em serviço social no país através do Instituto de Serviço Social de Lisboa (Silva, 2017).

Pelas especificidades da atividade científica de Fernando da Silva Correia, são igualmente relevantes os recentes trabalhos em torno da investigação científica

(Salgueiro, 2018), baseada na atribuição de apoios financeiros a bolseiros de instituições de origem estatal, que foram alvo de várias alterações ao longo do Estado Novo (Fitas et al., 2012) (Brandão, 2017) (Lopes, 2017). Tanto no caso português, como externamente, tem-se configurado a análise de atores científicos em redes, pressupondo que estas constituem uma forma, por excelência da produção científica (Nunes, 2012b) (Nunes, 2014) (Nunes & Cunha, 2005) (Nunes, 2011) (Nunes, 2012a) (Nunes et al., 2014) (Nunes, 2016) como os de alguns encontros científicos (Nunes, 2002) (Lopes, 2010).

Ao mencionar a História da Ciência e da Medicina é impossível não entender a relevância das fontes e dos arquivos para a sua elaboração. Em trabalhos recentes têm-se vindo a incorrer numa força classificativa dos objetos de estudo da História da Ciência e da Filosofia como um património científico (Sampaio, 2015) (Pereira, 2017), que inclui, naturalmente, os arquivos e, também, os arquivos pessoais e familiares. Neste âmbito, pode referir-se o trabalho desenvolvido em Portugal, em torno do "Arquivo Ciência e Tecnologia", com documentação institucional e "espólios pessoais" (Rollo et al., 2012). Barbara Craig é um dos nomes mais relevantes, por ter trabalhado a produção, armazenamento e recuperação da informação em contexto hospitalar, refletindo sobre o seu "value of heritage." (Craig, 1996, p. 41). Ana Delicado fala sobre "as exposições [nos Museus da Ciência ou com ela relacionados] como mecanismos de representação da ciência" (Delicado, 2008).

1.1. Fernando da Silva Correia na historiografia

Esta análise não é exaustiva, mas permite entender qual é, ainda hoje, o contributo da obra de Fernando da Silva Correia, a partir de autores que 1) recorreram à sua obra como referência para as investigações que conduziam ou 2) contribuíram para a biografia e conhecimento da obra deste médico através das suas abordagens. Apesar de, como já foi definido, a maioria destes trabalhos não desenvolver um estudo atento e aprofundado deste ator científico, sendo de notar um fraco conhecimento da sua extensa obra. Entre os principais biógrafos, deve mencionar-se Maria Antónia Pires de Almeida (Almeida, 2023), João B. Serra (com Paula Cândido) (Serra & Cândido, 1995)

e João Reis (Reis, 1981), cujos trabalhos permitem conhecer as suas principais ocupações e realizações. Outro trabalho de cariz biográfico pode ainda ser indicado (Diniz, 2009).

Maria Antónia Almeida apontou *Portugal sanitário (Subsídios para o seu estudo)*, a sua tese de doutoramento, como a sua obra mais significativa, em que acompanhava o que se fazia em Portugal e internacionalmente. Entre as teses aí defendidas, a autora salientou: a imunização e a salubridade como principais procedimentos da profilaxia; o ato de 'fazer praia' (expressão usada casualmente na atualidade) como forma de medicina preventiva e considerou flagelos sociais a tuberculose, a sífilis e o alcoolismo, sendo este último hereditário e uma "arma de enfraquecimento da raça". Pires de Almeida referiu igualmente a sua obra dramática e literária e atribui-lhe como área de atuação a História e a Biografia, em especial no que toca à Medicina. No caso da primeira é destacado o termalismo, as misericórdias e a vertente clínica - especialmente no diagnóstico da morte de personalidades históricas. E relativamente à segunda, são mencionados os trabalhos de investigação sobre a vida de médicos e professores de medicina, como Ricardo Jorge e Maximiano de Lemos. Maria Antónia Pires de Almeida coloca em diálogo, enquanto combatentes de epidemias, Bernardino Gomes, Sousa Martins, Ricardo Jorge, Câmara Pestana, Almeida Garrett e Fernando da Silva Correia. Nas palavras da autora, estes "principais médicos responsáveis pela transição sanitária em Portugal" foram "agentes" no "controlo das doenças endémicas e epidémicas" da transição do século XIX para o século XX. Na sua análise biográfica, reúne dados sobre o nascimento e morte, especialidades médicas, cargos desempenhados e as principais obras publicadas (Almeida, 2014, p. 309).

De facto, a obra *Portugal sanitário (Subsídios para o seu estudo)* (1937) foi uma das mais citadas e conhecidas. João Pita e Ana Pereira fizeram uma análise mais pormenorizada desta obra no que concerne à Beira Interior (Pita & Pereira, 2011, pp. 49–64). Na menção a esta obra, feita pelo sociólogo Frederico Ágoas, surge também uma breve apreciação do seu autor, considerando-o "um discreto médico higienista (…). Laborioso polígrafo, autor, entre outras obras, de duas peças de teatro (…) e de um romance (…), foi também tradutor de Júlio Verne e de obras de medicina social, área em que assinou ainda alguns trabalhos originais", é entre estes originais que enquadra

Portugal Sanitário, enquanto "extensa síntese do estado da saúde pública da nação". Analisou ainda o artigo "Esboço da história das ciências do homem em Portugal" (*Imprensa Médica,* 1956), considerando que a sua publicação numa revista especializada de Medicina era de "aparência extravagante", por, entre "o próprio elenco de saberes abordados" existir uma "perfeita indistinção entre ciências naturais e sociais". O texto, centrado no Homem e não tanto nas áreas que conjugava, apresentava assim uma "amálgama entre conhecimentos científicos e políticas sociais que o caracterizava – prática até então relativamente corrente e que nos deverá dizer desde já alguma coisa acerca da procedência compósita das ciências humanas e da potencial relevância das políticas públicas na sua constituição." (Ágoas, 2010, pp. 5–6; 221-235). Mais recentemente, Leonardo Aboim Pires, mencionou estas e outras obras de Fernando da Silva Correia (Pires, 2024).

Ana Gato Rodrigues também analisou *Portugal Sanitário* e outros artigos do seu autor, na maioria produzidos enquanto diretor do ISHRJ e que lhe permitem considerar que Fernando da Silva Correia era "um dos médicos sanitaristas com maior influência ao tempo" (Rodrigues, 2013, p. 94; 131). A obra de Fernando da Silva Correia serviu a Rui Costa para apresentar dados sobre os orçamentos e despesas dos serviços de saúde pública entre 1902 e 1928 (Costa, 2018, p. 228).

No contexto caldense, o médico Mário Gualdino Gonçalves deixou testemunho da obra de Fernando da Silva Correia na sua obra póstuma *Pergaminhos das Caldas* (1995). Atribui-lhe as posições de médico, professor e historiador, identificando as Caldas da Rainha como um enfoque dos seus estudos. À cidade teria dedicado "todo o seu sentido clínico inovador, o seu profundo saber de investigador e o melhor do seu afecto." E a rainha D. Leonor, que lhe dá nome, é considerada enaltecida nas obras de Fernando da Silva Correia que, de uma forma geral, são para Mário Gonçalves dignas de homenagem (Correia, 1995, p. XI).

Em 2012, Isabel Xavier (PH) mencionou Fernando da Silva Correia no prefácio da obra fac-símile de Augusto Silva de Carvalho, *Memórias das Caldas da Rainha (1484-1884)* de 1932. Aí, as suas obras são incluídas entre as quatros iniciativas que se destacam na bibliografia sobre a cidade, um "conjunto de estudos, crónicas,

investigações, e artigos publicados na imprensa nacional, parte dele baseado nos estudos de carácter medicinal e histórico" por si realizados sobre a vila/ cidade, o Hospital Termal Rainha D. Leonor "e a utilidade das suas águas termais na cura das enfermidades". A maioria destas investigações foi publicada pelo "emérito médico e intelectual português", a partir de 1928 (Xavier, 2012, p. VIII). Ao longo desta reedição, Fernando da Silva Correia é também citado por Augusto Silva de Carvalho, que recorre à sua obra *História da Rainha D. Leonor e da Fundação do Hospital das Caldas* (1928), assim como a uma outra investigação, desenvolvida em conjunto com Brito e Silva e António Rocha Madail, publicada no *Diário de Notícias* sobre a descoberta de uma imagem da Rainha D. Leonor "pejada".

Na 2.ª edição da obra de Fernando da Silva Correia *Origens e Formação das Misericórdias Portuguesas* (1944), promovida pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa em 1999, também são feitas considerações importantes sobre a vida e obra do autor. A provedora Maria do Carmo Romão considerou que o trabalho reeditado partia da "emblemática personalidade de um autor que pesquisou com incontestável interesse a vida e a obra da fundadora desta Instituição, a Rainha D. Leonor" (Correia, 1999, p. 7).

Na mesma obra, é importante fazer menção à nota liminar da sobrinha do autor, Natália Correia Guedes que, através de uma consulta da sua "vasta bibliografia", considerou que "a vida e obra de D. Leonor de Lencastre" e, em especial, "a fundação das Misericórdias" foram duas das temáticas que mais "lhe atraíram o espírito" entre "diversas" outras como a história da medicina e da assistência, a hidrologia, o teatro ou a pedagogia. Acrescentou que esta é uma obra conhecida e citada por investigadores e por aqueles que se interessam pelo tema e caracterizou, tendo por base a introdução do próprio autor, a condução da investigação e da sua produção: "o estudo que empreendeu foi demorado, «sempre com a preocupação constante de máximo escrúpulo e de máxima imparcialidade» e «esclarecendo dúvidas, desfazendo erros correntes e permitindo compreender claramente o que foi a instituição»" (Correia, 1999, p. 9).

José Pedro Paiva recorda que foi nesta obra de 1944, e já antes Congresso do Mundo Português (1940), que Fernando da Silva Correia propôs a elaboração das

Caritatis Monumenta Historica (Correia, 1999, p. 315). Como se verá, o projeto foi parcialmente desenvolvido nalgumas revistas especializadas, como é o caso do *Boletim da Assistência Social* e a ideia foi recuperada em 2002, quando foi iniciada a publicação dos 10 volumes da *Portugaliae Monumenta Misericordiarum*. Este autor, presidente da Comissão responsável pela obra de grande envergadura, considera Fernando da Silva Correia "um nome incontornável no panorama historiográfico deste campo de estudos" (Paiva et al., 2002, p. 12).

No que diz respeito ao estudo da Rainha D. Leonor, devem mencionar-se Ivo Carneiro de Sousa e Isabel dos Guimarães Sá (Sá, 2013), autores das mais recentes biografias. O primeiro consultou um elevado número de artigos e obras de Fernando da Silva Correia, o que lhe permitiu caracterizar como "um estranho «processo judicial»" *O Julgamento da Rainha D. Leonor* (1943). No entanto, assumiu que este "era – e continuaria longamente a ser – o principal responsável pelo alargamento das investigações em torno de D. Leonor, obrigando-as ainda a situar-se em bases sólidas, verdadeiramente documentais e históricas." Vai mais longe, ao considerar notável a obra deste médico, especialmente até 1940: "dezenas de títulos ligados à higiene pública, vários artigos sobre o termalismo, um continuado interesse pela saúde escolar, cruzavam-se com compósitos trabalhos dedicados à história da assistência e da medicina em que a actividade leonorina comparecia frequentemente investigada e discutida." Destacou ainda a "publicação da sua obra mais conhecida, a monumental história" das misericórdias portuguesas; indicando que de 1944 data também o início da publicação de *Charitas Monumenta Historica,* "colectânea de documentação que seria continuadamente editada até 1956, para ser substituída, entre 1960 e 1963 pela colecção de fontes intitulada "De Sanitate in Lusitania Monumenta Historica. Documentos para a história da saúde pública em Portugal" no *Boletim da Assistência Social*. A obra de Fernando da Silva Correia é "generosa e variada", conjugando "uma investigação primária e documental profunda", que levou Ivo Sousa a perguntar porque não surgiu pela mão deste médico uma obra de maior envergadura dedicada à rainha D. Leonor (Sousa, 2002, pp. 141–142).

Entre o leque de investigadores que consultaram ou citaram Fernando da Silva Correia encontra-se ainda Rita Sampaio da Nóvoa que, num breve artigo sobre "a lepra,

os leprosos e as leprosarias", mencionou como em Portugal alguns "«médicos-historiadores» (…) publicaram inúmeros trabalhos na primeira metade do século XX" sobre o tema, destacando entre eles Fernando da Silva Correia, Augusto da Silva Carvalho e Bissaya-Barreto, "autores de um extenso rol de obras onde a doença no contexto medieval recebeu especial destaque." Acrescentou ainda o facto de todos serem contemporâneos da inauguração da "última leprosaria portuguesa", o Hospital-Colónia Rovisco Pais. Tal inauguração decorreu em 1947 sob plano de Bissaya-Barreto, pretendendo materializar a proteção da Nação contra "tão repugnante doença", ideia que a autora destacou do artigo de Fernando da Silva Correia "A Idade de Oiro da Assistência Cristã. A Assistência na Idade Média" (*Acção Médica,* 1939) (Nóvoa, 2010) (Nóvoa, 2012, p. 78).

Rita Garnel colocou Fernando da Silva Correia entre os médicos oitocentistas e novecentistas – a par com Ricardo Jorge, Maximiano de Lemos e Maximino Correia - que "cultivaram com brilho a História da Medicina – também ela rito de memória -, não deixando esquecer, entre outros, Amato Lusitano, Ribeiro Sanches, Manuel Constâncio" (Garnel, 2017, pp. 142–143).

Priscila Silva também consultou várias obras de Fernando da Silva Correia para aludir à situação da saúde em Portugal no século XV, considerando-o um "grande especialista no tema" da assistência (Silva, 2012, p. 28). Carlos Subtil e Margarida Vieira fizeram uma breve apreciação do artigo "Subsídios para a história da saúde pública Portuguesa do séc. XV a 1822" publicado em 1958 (Subtil & Vieira, 2012). Cristina Moisão estudou os "Hospitais Medievais de Lisboa", tendo como base a obra de Fernando da Silva Correia "Os velhos Hospitais da Lisboa Antiga" (1942) (Moisão, 2012). Na obra sobre a história do pensamento filosófico em Portugal, Fernando da Silva Correia é mencionado no âmbito da História da Ciência (Calafate, 2000, p. 548).

Só Maria Antónia Almeida destacou a ação de Fernando da Silva Correia como biógrafo de Ricardo Jorge, mas Rui Costa no seu "completo estado da arte" sobre este sanitarista destacou esta atividade (Costa, 2018, p. 7).

Capítulo 2 – "Até qualquer dia, epistolarmente falando": a correspondência, redes e identidade(s) nas décadas de 1910 a 1960

> "Communication technologies have been at the heart of the shaping and networking of the modern world; and it was the new print culture in particular that drove forward the age of modernity." (Black et al., 2007, p. 11)

> "What constitutes the records of a person or function? How are these connected to human activities? (…) What motivates the making, transmitting, and keeping of information artefacts? What purposes did records serve in their contemporary environment? (…) What stories do they tell us about the past? And what ways are best suited to retelling these stories to others in the future?" (Craig et al., 2005, pp. 6–7).

A última citação, de Barbara Craig, reúne algumas das questões que foram colocadas ao longo desta investigação, com o intuito de analisar 1) a correspondência de Fernando da Silva Correia e, através dela, 2) as suas relações. Já anteriormente foi analisada a correspondência como tipo documental pertencente ao arquivo pessoal e familiar, pelo que é o momento de dar conta da sua evolução ao longo da vida deste produtor, demonstrando as redes que esta encerra e a forma como estas permitem caracterizar 1) a obra deste médico; 2) as suas atividades intelectuais e pedagógicas; 3) a sua ação como médico, higienista e historiador e 4) a sua vida pessoal e a gestão da sua produção informacional e documental[90].

Na análise produzida neste capítulo, aposta-se numa análise dos documentos e da produção baseada numa perspetiva relacional, que demonstra não apenas a relação informacional e documental, mas também contextual (do produtor e do recetor) e social, relativamente à forma como, em particular, a correspondência pode transmitir as relações sociais e o *networking* de Fernando da Silva Correia.

Numa primeira fase do tratamento atual foi desenvolvida uma descrição sumária da correspondência, composta por 8923 elementos de variada proveniência, indo além

[90] O título deste capítulo teve por base o seguinte documento: PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00109/031, [Carta de Luís Ibérico Nogueira], 1952.08.07; Viana do Castelo.

do território nacional e até europeu, abrangendo os continentes africano e americano, cumprindo os âmbitos académico/ científico; profissional e literário, situando-se também nos âmbitos pessoal, familiar e institucional. De entre estes três âmbitos (principais) em que se enquadra a documentação, devem destacar-se alguns momentos de maior afluência dos contactos – a sua maioria acontecimentos relevantes na vida de Fernando da Silva Correia: diferentes nomeações – em 1946 para diretor do Instituto Superior de Higiene Doutor Ricardo Jorge -; a defesa da tese de doutoramento ou imposição das insígnias doutorais em 1938 e 1949, respetivamente; falecimentos do sogro Manuel de Melo Ferrari, da esposa Mariana Benedita Arnaud de Ferrari Melo (da Silva Correia), do pai Joaquim Manuel Correia ou ainda a publicação de diferentes obras ou conferências[91].

O conjunto documental que a correspondência representa foi alvo da ação de familiares, em particular as irmãs do médico que, no âmbito de uma ação caritativa, recortaram selos de um conjunto alargado da correspondência[92]. Natália Correia Guedes, sobrinha do médico Fernando da Silva Correia, indicou que foi, precisamente, a leitura da correspondência que a fez doar o arquivo à associação PH, estando subjacente a intenção de que este pudesse ser tratado e estudado convenientemente

> "(...) comecei a ler a correspondência do meu tio com mais atenção até que constatei que não se referia apenas à vida… (…) Pessoal dele, mas está muito relacionada com as Caldas, tem a ver com o Instituto Ricardo Jorge, etc. Mais cem, cem assuntos! Nessa ocasião reconheci que o espólio não interessava apenas à Família, não devia ficar só nas nossas mãos; apresentei ao Dr. João Serra a proposta da Associação promover o inventário, disponibilizando-o a título de depósito temporário no PH com esse objectivo, para depois decidir qual seria o melhor destino, (…) A pouco e pouco, à medida que ia sendo inventariado, ainda

[91] Datas especiais são identificadas por Pedro Urbano como um pretexto recorrente para o envio de correspondência (Urbano, 2019, p. 297).

[92] O contacto mais próximo com a correspondência permitiu perceber que as irmãs, em particular Filomena Augusta da Silva Correia, foram também responsáveis pela organização da biblioteca de Fernando da Silva Correia quando foi transportada de Óbidos para as Caldas da Rainha em 1960. "Tenho andado a dár uma limpêza á biblioteca para ficar mais bonita com os livros mais bem arranjados, estão quasi todos em pé...", bilhete com envelope de 1960.05.29. PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00882/014, [Correspondência de Filomena Augusta da Silva Correia e Maria Luísa da Silva Correia], 1960.01.24-1960.11.28, 8 cartas; Caldas da Rainha.

mais atenção lhe davam no PH. Disse eu ao Dr. João Serra, «Quando encontrar um sítio com condições de segurança e de conservação, tenho muito gosto em o oferecer». Aí está."[93]

A. "Cartas não são papéis velhos": produção informacional epistolar e práticas arquivísticas

"At one time, paper was part of an innovative technology, with roles very similar to the Internet and e-mail today. (...) letters that do survive are only a tip of the iceberg."
(Cox, 2010, p. 373; 379)

"Ora, as cartas só podem ir aonde as levam, não têm pernas nem asas, e, tanto quanto se sabe, não foram dotadas de iniciativa própria, tivessem-na elas e apostamos que se recusariam a levar as notícias terríveis de que tantas vezes têm de ser portadores."
(Saramago, 2014)

Já anteriormente foi destacado o papel exclusivo da correspondência (antes e) durante o século XX enquanto forma de contacto entre pessoas e meio de troca de ideias entre profissionais (A. M. D. Silva, 2017, p. 162). Se, por um lado, a correspondência beneficiou do longo processo que conduziu ao aparecimento das tecnologias da informação, dinamizadoras de um forte incremento da produção informacional; por outro, também foi crescentemente preterida a favor do telégrafo, do telefone, com grande expansão ainda no século XX, e, mais recentemente, do e-mail (Castells, 2002, pp. 33–43).[94]

Ora, novas formas de produzir documentação podem (e devem) dar lugar a novas práticas arquivísticas, ou seja, novas formas de gestão da informação produzida. Atualmente, interessa, cada vez mais, a forma como os arquivos, que encerram a correspondência, são (ou foram) constituídos, sendo este um aspeto a ter em conta para entender o seu papel na definição do conhecimento histórico (Rosa et al., 2019, p. 370). Markus Friedrich considera o arquivo "a window to the past" (Rosa et al., 2019, p. 370), que pode levar o historiador o integrar novas problemáticas na sua investigação, como

[93] Entrevista realizada em 2018 (Ribeiro, 2018, p. 76).
[94] A citação deste título foi retirada do artigo de Ana Margarida Dias da Silva (Maria José Santos *Apud* Silva, 2017, p. 171).

as "theoretical perspectives on social behavior, social definition, social interaction, and the dynamics of power relationships" (Rosa et al., 2019, pp. 372–373).

Todos estes elementos – comportamento, definição e interação sociais, assim como as dinâmicas relações de poder – se tornam mais acessíveis quando o historiador (ou o arquivista) reconhece que os arquivos de hoje provêm das "práticas arquivísticas" rotineiras dos produtores informacionais. No caso deste arquivo pessoal e familiar, a correspondência é a tipologia documental que mais facilmente permite conhecer "as relações socioculturais" que estão na origem da "identidade social" do seu produtor e/ou recetor. Esta identidade é "traduzida nos documentos, ou seja, nos registros que mais tarde serão estudados" e estes podem ser encarados como o *curriculum vitae* do produtor do arquivo (Artières (1998) *Apud* Oliveira & Oliveira, 2017, p. 1574).

> "History of archives is not only about archival ideas, but also about the keeping of records, or archiving, as a larger social practice and an exercise in shaping identity and supporting and reinforcing structures of power." (Craig et al., 2005, p. 7)

Barbara Craig considera os documentos provenientes de uma "social reality" em que são "objects made by human action and by the interaction of people with others and with themselves." (Craig et al., 2005, pp. 9-10). A correspondência é, assim, o tipo documental que melhor demonstra a relação existente entre informação e comunicação, mantendo um lugar primordial na investigação das ciências sociais e, particularmente, entre a CI, estando esta associada aos "processes of documentation" (Bawden & Robinson, 2022, p. 250).

> "The centrality of importance in the writing of letters for forming character, establishing social status, and shaping personal identity suggests just how new communication technologies in any era assume significance beyond anyone's expectations." (Cox, 2010, p. 378; 375)

Essa relação informação-comunicação está na origem da sociedade da informação: "Individuals and organizations acquire and use information for a variety of purposes." (Headrick, 2000, p. 6). Entre os fatores responsáveis pela "rising demand for information", Headrick aponta o crescimento populacional e comercial/económico

(Headrick, 2000, p. 9), mas também a sua imprescindibilidade nos campos especializados associados a diversas (e, nalguns casos, novas) profissões. Ou até a mesmo a "curiosidade" (Headrick, 2000, p. 10). Aqui encontram-se duas das razões para a produção do arquivo pessoal e familiar: a profissão especializada e a curiosidade. Aspetos que estão também na origem da necessidade de comunicar

> "Humans are gifted, both naturally and culturally, at communicating face-to-face. Long-distance communications, however, require elaborate systems to convey information to its destination in a timely manner. (…) Communicating messages has always been closely tied to the exercise of power, as is evident from the efforts of kingdoms and empires to create and maintain networks, often at tremendous cost." (Headrick, 2000, pp. 182-183).

Nuno Pousinho, mais centrado no caso dos arquivos de família, define-os como "uma das fontes fundamentais para o investigador que estuda as relações sociais, políticas, as eleições, o poder de determinados atores políticos e as suas redes clientelares" (Pousinho, 2019, p. 279). Por seu turno, Pedro Urbano, destaca a maior facilidade com que se encontram "epistolary pockets" nestes arquivos. Na sua opinião, a existência destes "egodocuments (…) contradicts the idea that Portugal lacked tradition in letter-writing" (Urbano, 2019, p. 289), abrindo estes documentos à possibilidade de "reconstruction of the biographies of its authors, their daily life, their power and social networks, as well as their experiences and feelings" (Urbano, 2019, p. 292).

Ana Margarida Silva analisou a correspondência recebida por Júlio Máximo de Oliveira Pimentel e destacou as "regras" associadas à sua produção, seguindo "um protocolo ajustado ao conteúdo da mensagem, ao estatuto do remetente e posição destinatário"; sendo "cláusulas essenciais" "o destinatário ou endereço, o autor e o texto" e "cláusulas acessórias" as que "localizam no tempo e no espaço." (Silva, 2017, pp. 165-166). Ana Margarida Dias é coautora de um outro artigo sobre a correspondência de Augusto Goltz de Carvalho (Silva et al., 2014), que está relacionado com o trabalho desenvolvido no âmbito do Departamento de Ciências da Vida da Universidade de Coimbra, que deu origem ao projeto de ciência cidadã online *Cartas da*

Natureza[95] desenvolvido a partir do Zooniverse e que também beneficiou do projeto de doutoramento da arquivista (Silva, 2022).

> "The archive now is more inclined to emphasize that is the link between the record and the activity that generated the record." (Rosa et al., 2019, p. 375)

Atualmente, a análise de redes tem-se afigurado uma problemática em crescendo em várias áreas de estudos, em que a História não é exceção. Rede é entendido neste âmbito "como um conceito fluido, fundamentalmente operativo, que permite evidenciar as relações estabelecidas entre um grupo de indivíduos que partilham, ainda que informalmente, um objetivo comum" (Simões et al., 2021, p. 66). Existem vários exemplos, mas salientam-se apenas alguns dos estudos de caso que têm surgido na revista espanhola REDES. René Sigrist estudou a importância das redes sociais para "la formación de los botánicos europeos en el siglo XVIII", permitindo estabelecer semelhanças e diferenças – identidades – entre os vários atores, proveniente de "diversos contextos institucionales" (Sigrist & Widmer, 2011, p. 301). Este é um dos artigos que integram um número especial da revista em que a análise é adaptada à investigação historiográfica. Desde a década de 1990, que as análises de redes têm surgido com mais frequência, sendo o caso da História da Ciência um dos de maior destaque e apresentando a correspondência um papel fundamental (Bertrand et al., 2011, pp. 2-3). Nesta introdução, os autores consideram que os artigos reunidos demonstram as diferenças entre as análises de grandes e pequenas redes, mas

> "todos ellos comparten la convicción de que los lazos personales, las redes de relaciones individuales, dan nacimiento a formas de organización sociales que van más allá de los marcos institucionales, los grupos formales, las clases socio-económicas y a dinámicas diferentes, y que es esencial tenerlas en cuenta para comprender una formación social y, sobretodo, su evolución y su transformación." (Bertrand et al., 2011, p. 7).

José Imízcoz Beunza e Lara Arroyo Ruiz desenvolvem uma análise que privilegia a utilização da correspondência, "tanto para el análisis cualitativo de las relaciones personales como para reconstruir redes "egocentradas" (Beunza & Ruiz, 2011, p. 99).

[95] Departamento de Ciências da Vida da Universidade de Coimbra. (sem data). Cartas da Natureza. Cartas da Natureza. Obtido 15 de julho de 2024, de https://cartasdanatureza.uc.pt/.

Segundo os autores, além de ser um elemento fundamental para a análise de redes, a correspondência permite ao historiador ter resposta para um dos problemas que têm dificultado este tipo de análise: a falta de fontes (Beunza & Ruiz, 2011, p. 100). A introdução deste tipo documental é entendida pelos autores como uma forma de "superar la historia local y regional más enclavada geográficamente para buscar una «historia conectada» o «transnacional»" (Beunza & Ruiz, 2011, p. 104).

E também na Arquivística tem penetrado a noção de redes, começando pela definição de arquivo total australiana, que se afastou da conceção de um único produtor de documentos para apostar numa "descrição das múltiplas inter-relações entre numerosos criadores e várias séries de documentos, suas motivações funcionais e seus contextos mais amplos" (Cook, 1998, pp. 135-136). E tendo hoje continuidade no novo modelo *RiC*, já mencionado, que procura estabelecer relações entre os documentos.

B. Contextualizar a correspondência (e a vida) de Fernando da Silva Correia

> "A reconstrução ou identificação do contexto arquivístico em seus múltiplos segmentos, considerando as funções sociais do produtor e seus diferentes papéis, é resultado da pesquisa arquivística." (Oliveira & Oliveira, 2017, p. 1575)

> "Memories can enrich lives, affirm communities and reinforce cultures; they can inform, enlighten and endorse our identity, our family, our place and our history." (Moss & Thomas, 2019, p. 117)

Nos próximos subcapítulos desenvolve-se uma análise da correspondência de acordo com diferentes fases da vida ou cargos profissionais de Fernando da Silva Correia. Sabe-se já à partida que este conjunto terá algumas lacunas, pois, além do que se terá perdido entre as sucessivas mudanças após a morte do seu produtor, é garantida a existência de (entre outros documentos) correspondência com a família, de que a PH apenas possui fotocópias (Ribeiro, 2018, p. 75) ou, atualmente, cópia digital.

A preocupação com as ausências num arquivo, assim como a abundância de dados sobre a sua história custodial, demonstra a larga influência da AH na caracterização apresentada e na análise que se pretende desenvolver ao longo deste

capítulo. É claro que o conhecimento da produção informacional abre horizontes tanto para arquivistas, como para historiadores, que são confrontados com um percurso próprio da informação que a explica e obriga a repensar a análise que dela se deve fazer. Neste caso específico, não se afigura que o tratamento do arquivo pessoal e familiar fosse fácil sem a reunião desses dados. Sendo que, no caso da correspondência, o tratamento tem passado pelo enquadramento da documentação/ informação no contexto de vida do recetor, a partir do quadro orgânico-funcional definido e também pelo contexto de vida do produtor/ correspondente. Atendendo a uma breve caracterização do tipo de contacto estabelecido - prolongado ou pontual -, o que permite aprofundar as relações do médico Fernando da Silva Correia. Por último, é também pertinente relembrar que tanto o quadro orgânico-funcional, como este tipo documental, se configuram para uma mais complexa construção biográfica do ator, da personalidade e da obra dos produtores informacionais.

Entre a prospeção e a concretização, já se sabe, existem muitas alterações, este capítulo foi inicialmente pensado para apresentar apenas e somente a correspondência, ou seja, a troca de contactos e consequente criação de redes relacionais entre os médicos portugueses e estrangeiros entre as décadas de 1910 e 1960, a partir, claro está, do arquivo pessoal e familiar. No entanto, através da prolongada análise dos milhares de carta que este encerra (assim como, nalguns momentos, da sua obra – presente ou não no arquivo – e de outros arquivos nacionais), tornou-se claro que os seus contactos (mesmo que pensando apenas na sua vida profissional e pública, se assim é possível chamar) não se esgotam entre estes profissionais e restringir este capítulo aos mesmos reduziria as possibilidades de estudo associadas ao arquivo em análise. Assim sendo, e mesmo com a consciência de que aqui não se abordarão todos os correspondentes ou mesmo todas as áreas de ação do produtor e recetor da informação e, portanto, todos os contextos equacionáveis, procurou-se apresentar um quadro completo que, além de demonstrar o interesse desta documentação para a História da Ciência e da Medicina, permitisse mergulhar mais fundo no património documental de um ator científico.

Aqui procurar-se-á colher os frutos do trabalho arquivístico desenvolvido, na medida em que se procurará tirar partido dessa descrição e da compreensão contextual

da documentação para desenvolver uma apresentação (seletiva e limitada) da produção informacional de Fernando da Silva Correia. Nunca é demais relembrar que 1) esta produção é entendida como o património documental deste médico e 2) esta apresentação ajuda a valorizar este património, por colocar ao dispor a história que esteve na base da sua produção e que, portanto, demonstra sem sombra de dúvida o testemunho de um tempo que este património encerra. Por outro lado, ao apresentar esta produção informacional também se demonstra como este património está associado à construção de identidades.

Na produção/receção da correspondência é importante ter em conta as notas de Fernando da Silva Correia que demonstram uma ténue prática arquivística ao assinalar os autores, as suas obras mencionadas nas cartas ou outros assuntos e ainda a nota de destaque "N.B." – *Note Bene* em latim. Em casos importantes, Fernando da Silva Correia assinalava também se respondera, as datas de resposta e por vezes de receção. O produtor é acusado por alguns amigos de ser pouco ativo nas respostas, como Luís Ibérico Nogueira, assim como muitos se queixam da dificuldade em ler a sua letra, como Armando da Cunha Narciso, "Escreves ainda peor do que eu e assinas de maneira indecifrável."[96] E Américo Cortês Pinto indica que este médico tem uma "incorrigível epistolofobia"[97].

Como forma de introdução é também interessante mencionar, identificando alguns exemplos, casos recorrentes em que a correspondência permitia estabelecer outros contactos, telefónicos ou pessoais – neste caso especialmente quando o médico não residia em Lisboa e para se encontrar com alguém nessa cidade, para onde viajava com regularidade[98].

Como se referirá ao longo dos próximos subcapítulos, a correspondência era uma forma de troca de impressões sobre a vida de médico e da classe profissional. Mário Moutinho, "(…) ambos somos médicos e sabemos o que é a vida de um homem como o

[96] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00480/002. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00252/001, [Bilhete-postal de Maria Miquelina Correia], 1936.02.11; Guarda.
[97] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00133/003, [Correspondência de Américo Cortês Pinto], 1946.10.17-1946.10.23; Leiria.
[98] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00132/007, [Bilhete de António Perry de Azevedo Sousa Gomes/ Ministério do Interior], 1932.04.20; Lisboa.

meu caro colega cheio de afazeres como tambem me sucede aqui."[99] Outro caso muito comum é o de a correspondência ser um meio de apresentação de novos profissionais, candidatos a cargos laborais ou a alunos.

O subcapítulo 2.1. pretende dar conta dos primeiros anos de vida de Fernando da Silva Correia e dos seus primeiros contactos com as letras, assim como a documentação relativa à passagem pela Universidade de Coimbra e às redes mantidas ao longo da vida, como forma de compreender a identidade desenvolvida a partir de pólo universitário fundador em Portugal. Dando destaque à sua contribuição para a construção dessa identidade e a sua manutenção através, por exemplo, da peça de teatro *À sombra de Esculápio* (1917), da obra (em duas edições) *Vida errada: o romance de Coimbra* (1933 e 1960) e a participação em reuniões de antigos alunos da Universidade.

Em 2.2. será abordada a produção documental de Fernando da Silva Correia no contexto da Grande Guerra (1914-1918). O momento que inaugurou a sua vida profissional, que constituiu uma intervenção num evento histórico de escala internacional e que, igualmente, proporcionou contactos mantido ao longo da vida e a definição de uma identidade.

No subcapítulo 2.3. reunir-se-á a documentação produzida no âmbito dos cargos profissionais nas Caldas da Rainha, médico municipal, (sub)delegado e inspetor de saúde. Aqui procurar-se-á entender as relações proporcionadas pelo cargo, assim como pela institucionalização de várias formas assistenciais que conduziram à produção de documentação própria. Neste período começam a definir-se algumas das áreas de ação deste médico, como a Medicina Social e a Hidrologia. Em simultâneo, é necessário dar conta da participação cultural na vila/ cidade das Caldas da Rainha, em que, entre outros casos, integrou o grupo fundador da *Gazeta das Caldas* (1925).

Em 2.4. dar-se-á conta da intensa atividade mantida entre as Caldas da Rainha (local de residência e onde era médico do Posto dos Comboios de Portugal), Lisboa (onde se localizava a Ordem dos Médicos e a Direção-geral de Saúde Escolar), Coimbra

[99] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00195/006. Do mesmo era acusado por outros condiscípulos PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00074/013, [Correspondência de Maximino José de Morais Correia], 1950.11.09-1950.11.14, 2 cartas; Coimbra.

(onde desenvolvia a tese de doutoramento), os distritos do sul e beira interior (que visitava regularmente no âmbito da sua atividade como inspetor de saúde escolar). Neste período, foi redator da revista *A Saúde Escolar*, no âmbito da sua atividade como inspetor de saúde escolar. Aqui abordar-se-á o seu contributo para a história da Medicina e o papel da classe médica, especialmente através da produção intelectual do seu pseudónimo Velho Galeno.

Em 2.5. reúnem-se alguns trabalhos em torno das Misericórdias, em particular a sua ação para a fundação desta instituição nas Caldas da Rainha (1928), seguindo-se a sua investigação sobre a rainha D. Leonor (nos centenários de 1925 e 1958), assim como o trabalho desenvolvido enquanto equiparado a bolseiro do Instituto para a Alta Cultura, durante a II Guerra Mundial (1939-1945), que conduziu à publicação de (entre outras obras) *Origens e Formação das Misericórdias Portugueses* (1944). Esta análise sobre história da assistência encontra raízes nas aulas lecionadas no Instituto de Serviço Social da Lisboa entre 1935 e 1957. A obra publicada em 1944 estabelece também relação com o trabalho desenvolvido a partir do Subsecretariado de Estado da Assistência Social, especialmente para a publicação do *Boletim da Assistência Social*, que Fernando da Silva Correia dirigiu entre 1943 e 1946.

No subcapítulo 2.6. abordar-se-á a sua produção informacional enquanto diretor do ISHRJ, em que, entre outras iniciativas, integrou a Comissão Organizadora das Comemorações do Centenário do Nascimento de Ricardo Jorge; dirigiu a publicação do *Boletim do Instituto* e variados cursos, assim como acompanhou alunos nos seus trabalhos, viagens e estadias de estudo no estrangeiro. Este subcapítulo incluirá também uma breve abordagem à produção documental após a aposentação em 1961, período em que serão conduzidas pequenas investigações que complementam ou acrescentam temas trabalhados anteriormente.

2.1. "Dar uma ideia da alma da mocidade académica do seu tempo": a correspondência de lentes e condiscípulos

2.1.1. "Sei que o Fernando é bem visto pelos professores": primeiros anos e primeiras letras

A história da produção informacional de uma pessoa deve começar bastante cedo com os primeiros contactos com as letras, com o ensino das diferentes áreas do saber[100]. No entanto, a vida de Fernando da Silva Correia começou a ser documentada ainda antes. O seu nascimento a 20 de maio de 1893 em Alfaiates, freguesia do concelho do Sabugal, distrito da Guarda constitui uma dessas provas de vida (Reis, 1981, p. 146). Os pais, Joaquim Manuel Correia (1859-1945) e Carlota Filomena da Silva Correia (1873-1954), decidiram batizá-lo a 17 de junho, na Igreja de São João Baptista, no Sabugal. De entre os avós mencionados no auto do seu batismo, deve destacar-se o médico Fernando Maria Garcia da Silva[101], natural de Torres Vedras e residente em Peniche[102], a quem Fernando da Silva Correia dedicou a sua tese de doutoramento. Daí surge a primeira carta de Fernando da Silva Correia para o pai em que atesta a estadia de refugiados bóeres em Peniche[103]. Os avós maternos possuíam também propriedades na Columbeira (Bombarral) de onde descreve as atividades a que se dedica, com destaque para o estudo e os passeios no Bombarral, que comenta e compara com o Sabugal[104].

Os primeiros anos de vida de Fernando da Silva Correia foram passados na Guarda e foi também aí que aprendeu as primeiras letras, frequentando a instrução primária e o Liceu da Guarda (Reis, 1981, p. 146) (Correia, 1938a, p. 3), entre 1902 e 1905 (Ribeiro, 2018, p. xxxiv). A formação deste jovem passou pelo Internato Escolar (depois Instituto

[100] O título deste capítulo 2.1 teve origem no seguinte documento: PT/NCG/AFSC/FSC/6/106, [Carta de Cândido Maia Dias para Joaquim Manuel Correia], [19??.12.04]. Já o título do ponto 2.1.1. foi retirado da obra de Fernando da Silva Correia (Correia, 1960, p. 1).

[101] O avô, Dr. Pinho, mencionado na obra *Vida errada*, era advogado e não médico, sendo indicado como condiscípulo de Antero de Quental, João de Lemos, Guerra Junqueiro e Eça de Queirós (Correia, 1960b, p. 15), representado numa fotografia junto à página 24.

[102] "Certidão de edade que prova ter vinte e oito anos", entre os documentos entregues a 17 de setembro de 1921 à CMCR para o concurso a médico municipal.

[103] PT/NCG/AFSC/FSC/6/224, [Carta de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], 1901.07.25; Leiria.

[104] PT/NCG/AFSC/FSC/6/223, [Carta de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], 1903.04.20; Leiria. PT/NCG/AFSC/FSC/6/217, [Carta de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], 1903.08.04; Leiria. PT/NCG/AFSC/FSC/6/221, [Carta de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], 1903.08.24; Leiria.

Académico), que em maio de 1904 se localizava na Rua General Póvoas[105] e era dirigido por João Francisco Gonçalves, admitindo crianças até aos 12 anos, posteriormente candidatas ao Liceu da Guarda. Os alunos eram acompanhados ao liceu e o internato comprometia-se aos "mais rigorosos preceitos de hygiene, alternando regularmente as horas de trabalho com intervalos de repouso intelectual exercicios physicos, combinados com as horas da alimentação". Entre as condições de admissão, é indicado que "Nos exames e aulas do lyceu devem comparecer com o trajo académico (capa e batina)." Deviam ainda apresentar-se no internato com "cama completa (o leito deve ser de ferro), lavatório, bacia de pés, toalhas de mão e mais objetos de limpeza"[106].

Na sua procura por caracterizar o aluno liceal, Ramos do Ó aponta os "artefactos documentais" (Ó, 2003, p. 310) que melhor testemunham a vivência escolar: o caderno escolar, o cadastro individual do aluno, os exercícios escritos, o caderno diário, a correspondência inter-escolar e a imprensa académica. No caso de Fernando da Silva Correia, não foi possível localizar a maioria destes documentos, servindo a correspondência como forma de conhecer o seu percurso escolar.

No início do ano letivo 1902-1903, Joaquim Manuel Correia adquiriu livros e outro material escolar[107]. No mês de outubro de 1903, o comportamento, a aplicação e o aproveitamento de Fernando da Silva Correia são classificados como bom e regular, nos dois últimos pontos.[108] Mais tarde, em janeiro de 1904, subirá também para bom no aproveitamento[109], mantendo-se assim em 1905[110].

[105] PT/PH/AFSC/FSC/A/00001/001, [Postal ilustrado de Joaquim Manuel Correia], 1904.05.23-1904.05.25; Guarda.
[106] PT/NCG/AFSC/FSC/6/58, [Condições de admissão no Internato Escolar dirigido por João Francisco Gonçalves], [19??.00.00]; Guarda.
[107] PT/NCG/AFSC/FSC/6/100, [Nota da compra de livros por Joaquim Manuel Correia], 1902.10.20; Guarda.
[108] PT/NCG/AFSC/FSC/6/73, [Nota acerca do estado de saúde, comportamento, aplicação e aproveitamento do Instituto Académico da Guarda], 1903.10.31; Guarda.
[109] PT/NCG/AFSC/FSC/6/87, [Nota acerca do estado de saúde, comportamento, aplicação e aproveitamento do Instituto Académico da Guarda], 1904.01.31; Guarda.
[110] PT/NCG/AFSC/FSC/6/88, [Nota acerca do estado de saúde, comportamento, aplicação e aproveitamento do Instituto Académico da Guarda], 1904.03.02; Guarda. PT/NCG/AFSC/FSC/6/91, [Nota acerca do estado de saúde, comportamento, aplicação e aproveitamento do Instituto Académico da Guarda], 1904.11.03; Guarda. PT/NCG/AFSC/FSC/6/74, [Nota acerca do estado de saúde, comportamento, aplicação e aproveitamento do Instituto Académico da Guarda], 1905.05.02; Guarda.

Fernando da Silva Correia tomava nota das despesas que efetuava[111], sendo que, nesta altura, a maior parte eram comunicadas pelo próprio Internato ao pai. A título de exemplo, em outubro de 1903, além das despesas escolares, adquiriu "objectos de escriptório"; "propina anual p.ª medico", um conjunto de livros e "Um capacho para os pés/ Dinheiro para um magusto/ A um garôto que trouxe duas sacas com roupa/ Uma caixa de graxa"[112]. Estes objetos de escritório incluíam, por vezes, materiais para a escrita epistolar.

Em novembro, João Francisco Gonçalves dá notícias do aluno: "O menino é social e applicadinho, mas é creança e as disciplinas são muitas, por isso tem sido bem leccionado em todas as disciplinas, porque as simples explicações não bastam."[113] Antes do Natal desse ano, volta a escrever, informando que tinha dado ordem para Fernando da Silva Correia ir passar férias[114]. Em fevereiro desse ano de 1904, as despesas apresentadas indicam que o aluno esteve doente[115]. Nessa altura, Fernando da Silva Correia será o portador de uma carta de Joaquim Manuel Correia, à qual o inspetor responde com brevidade, dado tratar-se de uma queixa da alimentação fornecida aos alunos no internato[116]. Este não seria o único problema, já que, em carta à mãe, o aluno dá conta do seu descontentamento com o "prefeito"[117]. Poucos dias depois, Fernando da Silva Correia enviou um bilhete-postal para o pai, que se encontrava no Sabugal, informando ter "passado sem fâvor" na primeira época (do apuramento feito no liceu), nessa altura era o aluno número 20 da 1.ª classe do Liceu da Guarda[118].

---

[111] PT/NCG/AFSC/FSC/6/1, [Bilhete-postal de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], 1904.03.04; Guarda. PT/NCG/AFSC/FSC/6/4, [Bilhete-postal de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], 1904.06.03; Guarda. PT/NCG/AFSC/FSC/6/5, [Bilhete-postal de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], 1904.06.11; Guarda.

[112] PT/NCG/AFSC/FSC/6/98, [Nota das despesas de Fernando da Silva Correia no Instituto Académico da Guarda], 1903.10.31.

[113] PT/NCG/AFSC/FSC/6/67.

[114] PT/NCG/AFSC/FSC/6/61, [Carta de João Francisco Gonçalves para Joaquim Manuel Correia], 1903.12.23; Guarda. PT/NCG/AFSC/FSC/6/96, [Nota das despesas de Fernando da Silva Correia no Instituto Académico da Guarda], 1903.12.23; Guarda.

[115] PT/NCG/AFSC/FSC/6/94, [Nota das despesas de Fernando da Silva Correia no Instituto Académico da Guarda], 1904.02.29; Guarda.

[116] PT/NCG/AFSC/FSC/6/59, [Carta de João Francisco Gonçalves para Joaquim Manuel Correia], 1904.01.04; Guarda.

[117] PT/NCG/AFSC/FSC/6/211, [Carta de Fernando da Silva Correia para Carlota Filomena da Silva Correia], 1904.03.01.

[118] PT/NCG/AFSC/FSC/6/70, [Atestado de frequência no Liceu Nacional da Guarda], 1904.03.05; Guarda. Classe que concluiria com sucesso nesse ano, PT/NCG/AFSC/FSC/6/89, [Nota das despesas de Fernando da Silva Correia no Instituto Académico da Guarda], 1904.11.03.

O ano letivo de 1904-1905 teve início em outubro, sendo adquirido novo material escolar[119]. Em dezembro, Joaquim Manuel Correia recebeu uma carta de João Francisco Gonçalves indicando que o filho tinha ido para o Sabugal passar as férias de Natal, "Em relação a estudos vae bem e creio que dará boa conta de si."[120]

Em maio de 1904, a família de Fernando da Silva Correia já se estabelecera nas Caldas da Rainha, na sequência da morte do avô materno (Correia, 1995, p. XV). No final ano anterior (ou talvez antes) a família nuclear separara-se (em virtude do estado de saúde da família materna). Esta separação poderá justificar que o jovem estudante tenha passado as férias mais curtas com os tios no Sabugal, como ocorre nesse Natal[121]. Neste período, o contacto mantido com a família através de correspondência tinha como objetivo dar conta da sua atividade escolar, do seu estado de saúde e do da restante família (deslocada), assim como da necessidade de diferentes aquisições.

Fernando da Silva Correia regressou ao internato a 9 de janeiro de 1905[122], poucos dias depois Joaquim Manuel Correia recebeu uma carta de João Francisco Gonçalves comentando duas situações relacionadas com colegas do filho: 1) a suspeita do seu colega de quarto ter contraído tuberculose, infundada, mas que levaria a uma mudança de quarto do suposto doente e 2) sobre a relação com o prefeito que dera uma bofetada a Fernando da Silva Correia, consequência de estar "desassocegado" na sala de estudo e não acatar as advertências.[123] No início de fevereiro, o jovem estudante precisava de umas botas e pede informações sobre a casa que os pais iriam adquirir nas Caldas da Rainha, questionando, em particular, se tinha quintal[124], isto porque a família se instalou inicialmente na Rua Serpa Pinto n.º 31 nas Caldas da Rainha. No início do mês seguinte, nas férias de Carnaval[125], o aluno estivera na casa da tia (pelo lado

[119] PT/NCG/AFSC/FSC/6/89, [Nota das despesas de Fernando da Silva Correia no Instituto Académico da Guarda], 1904.11.03; Guarda.
[120] PT/NCG/AFSC/FSC/6/60.
[121] PT/PH/AFSC/FSC/A/00002/001, [Postal ilustrado de Carlota Filomena da Silva Correia], 1904.12.27; Leiria.
[122] PT/NCG/AFSC/FSC/6/7, [Bilhete-postal de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], 1905.01.09; Guarda.
[123] PT/NCG/AFSC/FSC/6/66.
[124] PT/NCG/AFSC/FSC/6/8, [Bilhete-postal de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], 1905.02.05-1905.02.06; Guarda. Continua interessado na casa nova, PT/NCG/AFSC/FSC/6/209, [Carta de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], 1905.03.20; Guarda.
[125] PT/NCG/AFSC/FSC/6/63, [Carta de João Francisco Gonçalves para Joaquim Manuel Correia], 1905.03.12; Guarda.

paterno) Josefa, que ainda desejava que a família regressasse ao Sabugal, a carta também pode revelar já algum interesse pela saúde pública local, pois Fernando da Silva Correia, com 12 anos, comenta com o pai os vários casos de pneumonia que o frio causara[126].

Os últimos tempos passados no Instituto Académico foram descritos nalgumas cartas do jovem estudante para os pais e irmãs, partilhando algumas impressões sobre a sua vivência estudantil, por exemplo que fora autorizado a "estudar de dia e não à noite, por causa da vista" e voltando a falar da nova casa nas Caldas da Rainha – pela sua proximidade com a Fábrica de Faianças de Rafael Bordalo Pinheiro pergunta se o pai ainda pretendia que Maria Luísa lá aprendesse alguma coisa, assim como queria saber quem era responsável pelo complexo industrial, na sequência da morte do fundador em janeiro desse ano[127]; no início de maio, pede ao pai que tome providências depois de descrever um conflito com João Francisco Gonçalves durante a explicação de latim[128].

No final de junho, aguardava a viagem de comboio até às Caldas da Rainha[129]. João Francisco Gonçalves escreveu a Joaquim Manuel Correia comprovando os bons resultados do filho, indicando que depois mandaria nota das despesas feitas[130] e procuraria comprador para os objetos que o destinatário pretendia vender[131] - cama de ferro, mesa de cabeceira, lavatório e colchão –, mas que aconselhava a receber em casa[132].

A verdade é que Fernando da Silva Correia continuou a frequentar a Ruvina, o Sabugal e a Guarda ao longo da vida, mantendo especialmente contacto com vários

[126] PT/NCG/AFSC/FSC/6/215.
[127] PT/NCG/AFSC/FSC/6/204.
[128] PT/NCG/AFSC/FSC/6/208.
[129] PT/NCG/AFSC/FSC/6/9, [Bilhete-postal de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], 1905.06.29; Guarda. PT/NCG/AFSC/FSC/6/97, [Telegrama de João Francisco Gonçalves para Joaquim Manuel Correia], 1905.07.01; Guarda.
[130] PT/NCG/AFSC/FSC/6/57, [Nota das despesas de Fernando da Silva Correia no Instituto Académico da Guarda], 1905.08.30; Guarda. PT/NCG/AFSC/FSC/6/65, [Carta de João Francisco Gonçalves para Joaquim Manuel Correia], 1905.08.30; Guarda. PT/NCG/AFSC/FSC/6/68, [Carta de João Francisco Gonçalves para Joaquim Manuel Correia], 1905.10.24; Guarda. PT/NCG/AFSC/FSC/6/76, [Nota das despesas de Fernando da Silva Correia e do despacho de mobília], [19??.00.00]; Guarda.
[131] PT/NCG/AFSC/FSC/6/62, [Carta de João Francisco Gonçalves para Joaquim Manuel Correia], 1905.07.01; Guarda.
[132] PT/NCG/AFSC/FSC/6/64, [Carta de João Francisco Gonçalves para Joaquim Manuel Correia], 1905.08.05; Guarda.

beirões[133]. Entre eles alguns colegas do Instituto, como Teles de Vasconcelos e Manso[134].

No ano letivo 1905-1906, Fernando da Silva Correia passou a frequentar o Liceu de Leiria, em que andou até 1908[135]. Um maior domínio da escrita poderá justificar o aumento das cartas que Fernando da Silva Correia envia para a família neste período, sendo comum agradecer o apoio financeiro para o prosseguimento de estudos[136]. Em novembro, escreveu ao pai sobre a mobília recebida em Leiria e outras aquisições, por exemplo, livros[137]. No início do ano letivo sofria de dores de cabeça[138]. No final de 1905, Joaquim Manuel Correia recebeu informações sobre o desempenho do filho por Cândido Maia Dias

> "Abriu finalmente o Lyceu e os pequenos encetaram os seus estudos um pouco atrapalhadamente por falta de livros, ausencia de professores, um dos quaes ainda não apareceu, e alteração de programmas./ O Fernando tem um comportamento irreprehensivel, é muito attencioso e submisso e procura satisfazer as suas obrigações escolares./ Trouxe pouco cabedal de conhecimentos em desenho o que de certo o prejudicaria immenso se os programmas do 3.º anno d'esta disciplina não tivessem sido muito reduzidos, o que lhe permitte revêr as materias do anno anterior."[139]

[133] Especialmente os familiares, que o contactavam, por exemplo, para falar sobre intervenções sanitárias como a construção de um chafariz, PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00061, [Cartas de Albertino da Cruz Cardoso e Cândida Augusta Correia Cardoso], 1934.10.18-1942.06.25, 6 cartas; Guarda.

[134] PT/NCG/AFSC/FSC/6/59, [Carta de João Francisco Gonçalves para Joaquim Manuel Correia], 1904.01.04; Guarda.

[135] A passagem por Leiria ficou também eternizada no romance *Vida errada*, especialmente pelo facto da personagem principal, Luís Augusto, ser dessa cidade. Desse período recorda personalidades que serviram de inspiração a esta personagem: Ivo Xavier Fernandes, Luís Charters de Azevedo e Miguel Leitão. A referência a Cortes liga-o também a Marques da Cruz, autor dos versos *Liz e Lena*; assim como aos poetas Afonso Lopes Vieira e Américo Cortês Pinto (Correia, 1960b, p. 275).
Texto sobre Marques da Cruz, PT/PH/AFSC/FSC/A/00019, [Vários textos e recortes de jornal], 1908.11.08-1910.11.24; Caldas da Rainha e Coimbra.

[136] PT/PH/AFSC/FSC/A/00005, [Rascunho de carta de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], 1906.04.29; Leiria.

[137] PT/NCG/AFSC/FSC/6/218, [Carta de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], 1905.11.08; Leiria. PT/NCG/AFSC/FSC/6/126, [Conta dos livros de Fernando Correia], 1905.12.04; Leiria.

[138] PT/NCG/AFSC/FSC/6/12.

[139] PT/NCG/AFSC/FSC/6/102.

Em abril de 1906, Fernando da Silva Correia estava a terminar a "terceira classe", sendo o melhor aluno[140]. Em junho, escreveu à mãe dizendo empregar o tempo a fazer exercícios de desenho ou a estudar as lições[141] e, ainda nesse mês, lamentou, o falecimento do avô paterno[142]. Nesse ano letivo foram adquiridos novos livros, incluindo *Os Lusíadas*[143].

No ano letivo seguinte, 1907-1908, Fernando da Silva Correia já faz uso dos seus conhecimentos de francês para escrever ao pai, solicitando a ajuda deste para uma visita de estudo pela região oeste[144]. Por essa altura, tirar uma fotografia ainda era um acontecimento, mas começavam a tornar-se mais frequentes as fotografias de grupo[145].

Parece ser em Leiria que Fernando da Silva Correia começa a acumular livros, nem todos de estudo, já não tendo espaço e indo para as férias de Natal com a "mala quasi cheia"[146].

Em março de 1908, Fernando da Silva Correia descreveu as suas notas

> "Soube hontem as minhas notas que não foram más. (…) Fui, felizmente quem teve melhor média. Tive: 12 – português, latim e desenho; 13 – a sciencias naturaes e matemática; 10 – a francês; 11 - em inglês; 14, 5 a história."[147]

Uma das visitas de estudo ficou plasmada numa primeira incursão de Fernando da Silva Correia pela escrita, através das "Primícias literárias de um académico", artigo publicado n'*O Distrito de Leiria* (junho de 1908)[148]. 30 Alunos da 5.ª classe do Liceu de Leiria, acompanhados dos professores João Correia Mateus e António de Sousa Monteiro, visitaram Tomar. Além da descrição da viagem, o autor dará conta dos seus conhecimentos históricos sobre o local e procurará descrever o rio Nabão, o Convento

[140] PT/PH/AFSC/FSC/A/00005, [Rascunho de carta de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], 1906.04.29; Leiria.PT/NCG/AFSC/FSC/6/105, [Carta de Cândido Maia Dias para Joaquim Manuel Correia], [19??.01.23].
[141] PT/NCG/AFSC/FSC/6/203.
[142] PT/NCG/AFSC/FSC/6/207.
[143] PT/NCG/AFSC/FSC/6/123, [Conta dos livros de Fernando Correia], 1906.11.30; Leiria. PT/NCG/AFSC/FSC/6/124, [Livro(?) de geometria], 1907.04.25; Leiria.
[144] PT/NCG/AFSC/FSC/6/189.
[145] PT/NCG/AFSC/FSC/6/190, [Carta de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], 1907.11.20; Leiria. PT/NCG/AFSC/FSC/6/191, [Carta de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], 1907.11.26; Leiria.
[146] PT/NCG/AFSC/FSC/6/192.
[147] PT/NCG/AFSC/FSC/6/199.
[148] Todos os alunos da turma foram convidados a descrever "as suas impressões do passeio", tendo sido premiado o aluno n.º 2, Fernando da Silva Correia.

de Cristo e outros lugares com o melhor engenho e consciente da complexidade da tarefa, já empreendida por outros autores, não deixando de fazer comparações com Leiria e destacando a sua preocupação com a preservação patrimonial.[149]

Cândido Maia Dias continua a dar notícia das notas de Fernando da Silva Correia, "melhor aluno do quinto ano": teve média anual de 13[150].

De 1907 data o primeiro contacto (via postal conhecido) com (?) Vaz Sacadura, de Castelo Branco, nessa altura Fernando da Silva Correia residia, em Leiria, na Rua de D. Fernando, número 16[151]. De Leiria recebeu a fotografia de Joaquim Cardoso e Brito[152]. Em data incerta, recebeu uma carta de Miguel Teixeira Leitão, presidente da Academia de Leiria, sobre a admissão aos exames[153]. Será em Leiria que Fernando da Silva Correia começa a interessar-se por esperanto[154]. A passagem por esta cidade ficará também associada a alguns contactos que se manterão por toda a vida, tendo também sido convocado, em 1931 e 1937, para uma Reunião dos Antigos Alunos[155]. Isaac Levy, das Caldas da Rainha, seria um dos amigos mais próximos neste período[156] e, em 1921, já estabelecido em São Tomé e Príncipe, descreve a alegria que era receber uma carta deste amigo[157]. Em 1930, Isaac Levy era médico na Farmácia Central de Luanda (Angola) (e talvez proprietário?), daí pedia "literatura do assumpto" sobre puericultura e obras do destinatário[158]. Também das Caldas da Rainha, o farmacêutico João Branco Lisboa

[149] PT/PH/AFSC/FSC/A/00014, [Texto Primicias literárias de um académico], 1908.06.20-1908.06.27; Leiria.
[150] PT/NCG/AFSC/FSC/6/107.
[151] PT/ PH/AFSC/FSC/A/00007.
[152] PT/PH/AFSC/FSC/A/00034.
[153] PT/PH/AFSC/FSC/A/00165.
[154] PT/PH/AFSC/FSC/A/00141, Chave do Esperanto, [19??.00.00]; Leiria.
[155] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00593, [Circular da Comissão Executiva da Reunião dos Antigos Alunos do Liceu Rodrigues Lobo], 1931.08.16; Leiria. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00095/016, [Correspondência de António Montês/ Museu José Malhoa], 1937.06.20-1937.07.06, 3 cartas; Portalegre.
[156] PT/PH/AFSC/FSC/A/00067/001, [Bilhete-postal de Isaac Levy], 1911.11.03; Leiria. PT/PH/AFSC/FSC/A/00067/002, [Bilhete-postal de Isaac Levy], 1911.11.04; Leiria. PT/PH/AFSC/FSC/A/00067/003, [Bilhete-postal de Isaac Levy], 1915.11.16; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/A/00067/004, [Bilhete-postal de Isaac Levy], [19??.00.00].
[157] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00182/001, [Carta de Isaac Levy], 1921.12.13-1922.01.18; São Tomé e Príncipe. É também identificado como um dos rapazes com quem passava a época balnear nas Caldas da Rainha em PT/NCG/AFSC/FSC/1/3/16, [Texto Descrever a vida nas Caldas da Rainha durante os meses de maior animação…], [19??.00.00]; Caldas da Rainha.
[158] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00182/003.

será um amigo próximo[159]. E Vicente Cymbron, filho do diretor do Hospital Termal, era também estudante no Liceu de Leiria e colega da época balnear[160]. Os interesses literários de Fernando da Silva Correia e, provavelmente, as viagens de Afonso Lopes Vieira às Caldas da Rainha[161] terão tornado o contacto entre ambos possível[162].

Enquanto estudava em Leiria, passava as suas férias nas Caldas da Rainha[163]. Essas estadias periódicas foram o suficiente para estabelecer uma relação de proximidade que levaria a sobrinha Natália Correia Guedes a considerar a cidade uma das aurículas do seu coração (Ribeiro, 2018, p. xxxvii). As atividades a que se dedicava nestes períodos eram variadas. No verão de 1907, participou numa corrida de burros, representada numa fotografia que a sua mãe lhe enviou para Leiria[164]. No ano seguinte, terá participado no Concurso Hípico das Caldas da Rainha (1908.09.05-08) e poucos dias depois na festa dedicada ao Conde de Fontalva (1908.09.10). Em 1909, integrou o coro da zarzuela "Pobre Valbuena" e representou Roque Pacheco na peça "Filha para casar" de António Feliciano de Castilho na Récita do 1º Raid Hípico nas Caldas da Rainha (1909.09.15) no Teatro Pinheiro Chagas[165] e numa Regata da Lagoa de Óbidos (1909.08.16)[166].

Nestes últimos anos, já frequentava o Liceu de Coimbra, mas as atividades mantinham o teor, vivendo com intensidade a época termal, através dos seus

[159] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00740/001, [Correspondência de João Gomes Branco Lisboa], 1933.09.23-1933.11.14; Guarda. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00740/002, [Carta de Gomes João Branco Lisboa], 1934.07.04-1934.07.05; Lisboa; fala sobre os seus nervos e a realização de exames no liceu (de Leiria?).

[160] Mencionado em várias notícias de *O Círculo das Caldas*, tal como Fernando da Silva Correia. PT/NCG/AFSC/FSC/1/3/16, [Texto Descrever a vida nas Caldas da Rainha durante os meses de maior animação…], [19??.00.00]; Caldas da Rainha.

[161] Promoveu um concerto no Parque do Visconde de Sacavém, PT/PH/AFSC/FSC/A/00102, Concerto no Parque do Visconde de Sacavém, 1915.09.12; Caldas da Rainha.

[162] PT/PH/AFSC/FSC/A/00121, [Carta de Afonso Lopes Vieira], 1916.10.27-1916.10.28; Leiria. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00630, [Bilhete-postal de Afonso Lopes Vieira], 1932.01.12-1932.01.13; Lisboa.

[163] O jornal local *O Círculo das Caldas* utilizava a sua rubrica "Carteira do Círculo" para mencionar as últimas chegadas à vila. Fernando da Silva Correia passou as férias do Carnaval e verão em 1906, "Carteira do Círculo" In *O Círculo das Caldas,* 524, 1906.03.04, p. 3; "Carteira do Círculo" In *O Círculo das Caldas,* 537, 1906.07.10, p. 1. Esteve também na vila nas férias de Natal e de verão de 1907, "Carteira do Círculo" In *O Círculo das Caldas,* 554, 1907.01.01, p. 2; "Carteira do Círculo" In *O Círculo das Caldas,* 573, 1907.07.10, p. 2. E nas férias de Natal de 1908, "Carteira do Círculo" In *O Círculo das Caldas,* 589, 1908.01.01, p. 2.

[164] PT/PH/AFSC/FSC/A/00002/002.

[165] PT/PH/AFSC/FSC/A/00033, Récita no Teatro Pinheiro Chagas, 1909.09.15; Caldas da Rainha.

[166] PT/PH/AFSC/FSC/A/00030, Regata da Lagoa de Óbidos, 1909.08.16; Caldas da Rainha.

concertos[167]. O programa da época podia também incluir quermesses, saraus, matinée-concerto (no Salão Ibéria) ou sessões cinematográficas e espetáculos do animatógrafo Lumière no Parque D. Carlos I[168]. Neste contexto escreveu, em 1913, notas para a peça de teatro "Louça das Caldas", em que representava os reais intervenientes locais com uma crítica refinada, na sua natural labuta para resolver os problemas da época termal e as (des)afinidades políticas[169].

2.1.2. "Encontra-se ali toda a Coimbra do nosso tempo"

"Tudo, por isso, estava disposto (…), para criar no seu espírito uma admiração sem limites por Coimbra" (Correia, 1960b, p. 14)

"A festa que ides ver, imaginaes talvez
Que vae meter pomadas, drogas, que num mez
Vos deixariam, enjoados de a ter visto
Como enjôa a um extranho alguém a abrir um quisto.
Sobre isso descançae. Uzamos de prudencia//
O que se esconde ali, atraz d'aquele pano,
É coisa para ver qualquer olhar profano…" (Correia, 1917, pp. 11–12)

A última época do ensino liceal de Fernando da Silva Correia decorreu em Coimbra, para o enquadrar cedo na cidade em que frequentaria a Universidade, aí estudando entre 1908 e 1917[170]. Em setembro de 1908 solicitou ao reitor do liceu a inscrição no 6.º ano do curso complementar de Ciências e Língua inglesa, "sendo encarregado da sua educação literária"[171]. Chegou a Coimbra a 17 de outubro e aí, com

[167] PT/PH/AFSC/FSC/A/00050, [Concertos no Clube de Recreio], 1910.08.02-[19??.00.00]; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/A/00083, [Festa Artística do Sexteto no Salão da Convalescença], 1913.09.13]; Caldas da Rainha.
[168] PT/PH/AFSC/FSC/A/00139, [Folhetos de atividades nas Caldas da Rainha], [1909.08.02-1917.10.07].
[169] PT/PH/AFSC/FSC/A/00019, [Vários textos e recortes de jornal], 1908.11.08-1910.11.24.
[170] O título deste ponto 2.1.1. surge da seguinte carta: PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00545/044, [Carta de Manuel Carlos Martins], 1933.03.22-1933.02.24.
[171] PT/NCG/AFSC/FSC/12/001, [Rascunho de carta de Fernando da Silva Correia para o reitor do Liceu Central de Coimbra], 1908.09.00; Coimbra.

os seus condiscípulos, constituiu uma "«republica»."[172] Nesse ano, Fernando da Silva Correia levava calças, batina e capa novas do alfaiate Emygdio das Caldas da Rainha[173].

Os principais momentos da vivência em Coimbra ficaram resumidos na obra que (escreveu a partir de 1931 e) publicou em 1933, *Vida errada: o romance de Coimbra,* "crónica da vida académica coimbrã" como lhe chamou.

Apesar de não ter chegado a Coimbra, como Luís Augusto – personagem principal de *Vida errada* - acompanhado pelo pai, Fernando da Silva Correia recebeu-o nessa cidade e, tal como a personagem, este acompanhou-o na aquisição da mobília, que incluía "uma estante de pregar na parede"[174] (Correia, 1960b, p. 18), que levaria para a dita "república que pertencia ao primo" Álvaro Augusto Dinis da Fonseca do Sabugal (falecido precocemente) e onde residiam também Joaquim Dinis da Fonseca (primeiro Subsecretário de Estado da Assistência Social), primo do anterior; Álvaro e Luís Catalão da Covilhã; Fernando Carvalhosa de Torres Vedras (com quem terminou a 7.ª classe)[175]; Vítor Monteiro Simões; Miranda Guedes e Emídio Pereira dos Santos, na Rua das Flores número 15[176] (Correia, 1960b, pp. 275–276).

Talvez Joaquim Manuel Correia também tenha apresentado ao filho todos os lugares fundamentais de Coimbra (Correia, 1960b, pp. 30–31) e é provável que, também este, já tivesse uma boa bagagem de conhecimento sobre a cidade, tirada do "velho Guia do Dr. Simões de Castro" – datava de 1867 a edição que pertencia à biblioteca de Fernando da Silva Correia (Oliveira, 1969, p. 230).

[172] PT/NCG/AFSC/FSC/6/18, [Bilhete-postal de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], 1908.10.17-1908.10.18; Leiria.
[173] PT/NCG/AFSC/FSC/3/008, [Fatura de Emygdio Alfaiate nas Caldas da Rainha], [1908.10.19]; Caldas da Rainha.
[174] Essa estante onde se encontrariam os livros de Luís Augusto teria, talvez, algumas semelhanças com a de Fernando da Silva Correia, que também guardaria as obras de Eça de Queirós – a maioria das que compunham a biblioteca deste médico datam da década de 1920 (Oliveira, 1969, pp. 115–117) -, Oscar Wilde (A. H. de Oliveira, 1969, p. 380), Gabriele d'Annuzio (A. H. de Oliveira, 1969, p. 103), Paul Bourget (A. H. de Oliveira, 1969, p. 44) ou Marcel Proust (A. H. de Oliveira, 1969, p. 287) (F. da S. Correia, 1960b, p. 195), entre outros.
[175] PT/PH/AFSC/FSC/A/00029, [Postal ilustrado de Fernando Carvalhosa], 1909.06.27; Caldas da Rainha.
[176] No final do ano de 1909, Fernando da Silva Correia recebeu correspondência na Rua do Loureiro 26 Coimbra. PT/PH/AFSC/FSC/A/00042, [Postal ilustrado de Maria Amélia de Almeida Correia], 1909.11.30-1909.12.02; Guarda.

Nesta nova cidade, continuou a informar o pai das suas despesas e das vicissitudes educativas/ académicas.[177] Joaquim Manuel Correia teria particular interesse pela menção a antigos colegas seus[178] que o filho ia encontrando, assim como pelos acontecimentos (políticos e as suas implicações) mais relevantes, como a passagem do rei pela cidade[179] ou a realização de comícios republicanos[180] e o desastre de Afonso Costa[181].

A correspondência familiar ainda reserva espaço para alguns comentários sobre o ensino, indicando, por exemplo, que a primeira "chamada" era sempre a mais difícil[182] ou o funcionamento escolar: "Se estudassemos só o que nos passam nas aulas não

[177] PT/NCG/AFSC/FSC/6/205, [Carta de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], 1908.10.26; Coimbra. Em outubro surgiram despesas com louça, gorjeta para Alfredo ("nosso criado por livros"), material de escritório e epistolar, jornais, carregador (para o transporte da mobília), dois copos de papel (que usava para beber água no liceu), drogas, animatografo falante e livros - obras de Molière (vol. 2) (Oliveira, 1969, p. 235), *Quo vadis* (Henryk Sienkiewicz), *Paul et Virginie* (Bernardin de Saint-Pierre) em francês, *Saudades* (Bernardim Ribeiro). PT/NCG/AFSC/FSC/6/148, [Lista de despesas], 1908.11.02; Coimbra. As despesas de novembro contemplaram livros de Aritmética da 6ª classe, de inglês, de Geografia, o romance *D. Quixote de la Mancha* (Miguel de Cervantes) (Oliveira, 1969, p. 74), um quadro negro e giz. Queixando-se ainda do custo do barbeiro em Coimbra, "Os géneros são caros cá em Coimbra." PT/NCG/AFSC/FSC/6/138, [Lista de despesas], 1908.12.01; Coimbra. PT/NCG/AFSC/FSC/6/198, [Carta de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], 1908.12.03; Coimbra. Provavelmente no último ano letivo adquiriu um livro para Álgebra, um caderno de apontamentos, *Origin of species* de Charles Darwin (adaptado ao ensino liceal) – este poderá ser a edição de 1906, leiloada em 1969, *vide* (Oliveira, 1969, p. 104) - e outro de Zoologia (em 2.ª mão). PT/NCG/AFSC/FSC/6/135, [Lista de despesas], [19??.10.??]. Informava o pai das suas classificações, especialmente da média com que passaria de ano e conta que o professor de Matemática tinha ficado com boa impressão da sua lição, mas existia outro problema: as faltas, PT/NCG/AFSC/FSC/6/194, [Carta de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], 1909.04.18; Coimbra. Talvez o interesse literário tenha constituído uma das razões para que se avolumassem as faltas. Fernando da Silva Correia tentou justificá-las: uma dor de cabeça, tempo empregue para responder a um telegrama do pai ou para estudar para outras disciplinas, PT/NCG/AFSC/FSC/6/187, [Carta de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], 1909.12.01; Coimbra. A situação levou João Celestino da Costa Frazão a escrever a Joaquim Manuel Correia sobre o caso, PT/NCG/AFSC/FSC/12/002, [Carta de João Celestino da Costa Frazão para Joaquim Manuel Correia], 1909.12.06; Coimbra.

[178] Ou reuniões de antigos cursos, PT/NCG/AFSC/FSC/6/155, [Carta de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], [19??.00.00].

[179] PT/NCG/AFSC/FSC/6/206. Momento descrito em *Vida errada* (Correia, 1960b, pp. 63–66).

[180] PT/NCG/AFSC/FSC/6/21. Momento descrito em *Vida errada* (Correia, 1960b, pp. 67–68; 282). Convite da Comissão Municipal Republicana de Coimbra, sobre a chegada de Bernardino Machado, António José de Almeida e João de Meneses para uma reunião no Centro Eleitoral José Falcão, de 1908.11.21. PT/PH/AFSC/FSC/A/00004, [Poemas, folhetos, mapas, "Os bandidos da Bicholândia", "A pevide" e outras notas], [1887.01.28] [1905.12.08-1917.00.00].

[181] PT/NCG/AFSC/FSC/7/008. O desastre em questão foi a queda de um elétrico em Lisboa, que originou um traumatismo craniano; é importante relembrar que Afonso Costa era amigo de Joaquim Manuel Correia, conhecendo também o seu filho (Trancoso, 2009, p. 68).

[182] PT/NCG/AFSC/FSC/6/198.

chegavamos por este andar a pegar em livros./ Mudanças constantes de professores, de hora//rios, de turmas, eu sei lá. Já chegam a aborrecer!"[183]

Em março de 1911, na 7.ª classe, as notas de Fernando da Silva Correia foram as seguintes: 14 a Matemática, Inglês e Geografia; 10 a Ciências Naturais e 13 a Química e a Filosofia.[184] Em junho seguinte, Joaquim Manuel Correia solicitou a ajuda do filho para proceder à análise de águas caldenses, ficando assim desvendado o conhecimento entre este jovem e o químico Paul Charles Lepierre.[185] Fez provas orais do curso complementar de ciências, com inglês em 1911.08.17[186].

Dos escritos de Fernando da Silva Correia que terão precedido a vivência universitária coimbrã podem destacar-se o "Duelo", em que descreve uma sessão de espiritismo terminada em discussão, que deu origem a um duelo. Em dezembro de 1909, escreveu sobre um suposto rapto em Coimbra e, em maio seguinte, sobre a passagem do cometa Halley. Em setembro terminou a tradução de *Um drama na Livónia* de Júlio Verne[187], na nota que escreveu sobre esta obra, considera o autor um exímio "contador" de histórias e salienta a "unidade da sua obra"[188]. O jovem estudante também se dedicou à poesia[189], sendo, por exemplo, o poema *Estio* (1911.07.15) sobre a "febre anual e prostradora".

Deste primeiro percurso por Coimbra, Fernando da Silva Correia reunirá também um grupo de amigos, em que se pode mencionar Condorcet Pais da Cunha e Sá, de Avis[190]. Trocava correspondência com Alfredo de Sousa Barbosa, com quem se encontrava na Academia de Amadores de Música[191] ou ainda Cristiano Cruz, ligado à

[183] PT/NCG/AFSC/FSC/6/206.
[184] PT/NCG/AFSC/FSC/6/182, [Bilhete-carta de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], 1911.03.13; Coimbra.
[185] PT/NCG/AFSC/FSC/6/181.
[186] Arquivo da Universidade de Coimbra, IV-1ªD-15-4-2.
[187] PT/PH/AFSC/FSC/A/00019, [Vários textos e recortes de jornal], 1908.11.08-1910.11.24; Caldas da Rainha e Coimbra.
[188] PT/PH/AFSC/FSC/A/00051, [Cópia de carta de Fernando da Silva Correia para Editora Lisboa], 1910.09.22; Caldas da Rainha.
[189] PT/PH/AFSC/FSC/A/00058, [Poemas], 1911.00.00-1911.10.21; Coimbra e Caldas da Rainha.
[190] PT/PH/AFSC/FSC/A/00021. PT/NCG/AFSC/FSC/6/205.
[191] PT/PH/AFSC/FSC/A/00041.

Koimbra Esperantista Uno como indica o carimbo da carta enviada, em que informa que, passando, iria estudar para Lisboa[192].

Apesar da relevância do ensino liceal, parece ter sido o percurso académico a marcar de forma mais indelével a vida de Fernando da Silva Correia. A relação que é possível estabelecer entre *Vida errada* e a Secção A (do quadro orgânico-funcional do arquivo pessoal e familiar) permitem aprofundar o conhecimento sobre 1) a vida coimbrã e académica deste jovem estudante; 2) a presença da cultura e da criação dramática neste período (1909-1917); 3) a relação que iniciou e desenvolveu com vários condiscípulos e professores/ "lentes"; e 4) a importância de Coimbra na sua vida e a forma como este centro da identidade científica portuguesa influenciou e conduziu a sua produção informacional sobre ou ligada a esse local[193].

> "Ou você ainda é dos que acreditam na lenda absurda que se criou em volta desta espelunca que é a sede do primeiro estabelecimento científico do país? (…) Reputação arranjada com cantigas feitas por estudantes emborrachados, publicadas por editores indígenas para sustentar o fogo sagrado…" (Correia, 1960b, pp. 48–49)

Natália Correia Guedes relembra como Coimbra era para o tio Fernando da Silva Correia "o paraíso", o local das "grandes partidas (…) tudo, tudo era Coimbra, até morrer. Era qualquer coisa que ficava no sangue dos alunos de então." (Ribeiro, 2018, p. xxxvi). Ainda que esta seja uma memória que alia saudade e emoção, a mesma que a escrita de uma obra como *Vida errada* tem de representar, a verdade é que as primeiras impressões desiludiram quem, como Luís Augusto, tinha como "missão única na vida (…) ir para Coimbra".

Muitas das lendas, ou mesmo dos elementos simbólicos e verdadeiros da academia, encontravam-se, na altura, em debate e em crescente descrédito. No início

[192] PT/PH/AFSC/FSC/A/00053.

[193] Uma vez que o grande destaque será dado a uma das habitações em que Fernando da Silva Correia residiu, é pertinente indicar os outros lugares que deram origem à produção documental neste período: em primeiro lugar a Rua do Museu 1 (PT/PH/AFSC/FSC/A/00002/004), depois na Rua Sá de Miranda 20 (PT/NCG/AFSC/FSC/6/153) e, finalmente, na Rua das Esteirinhas.

do ano era o momento dos alunos fugirem das "*troupes* temerosas" de veteranos (Correia, 1960b, pp. 22–23). Maravilhado com Coimbra, Luís Augusto fica, no segundo ano, à "«récua com os caloiros»" (Correia, 1960b, p. 85), o que o obrigou a moderar os divertimentos,

> "(…) o pobre *Cócegas* – virgem-mártir da ciência, obrigado pelo juramento a frequentar as aulas, aturar os lentes e a decifrar as frases propositadamente sibilinas das sebentas, adrede feitas muitas delas para deixarem boquiabertos os caloiros" (Correia, 1960b, p. 86).

Além do estudante - "magna besta, a massa anónima da academia (…) inconsciente, porque são selvagens, porque pertencem à enorme classe dos pobres de espírito" (Correia, 1960b, p. 53), duas "entidades" de Coimbra eram o lente e o futrica[194]. A relação de Fernando da Silva Correia com os lentes foi variada, existindo alguns que admirou particularmente, mantendo prolongado contacto e outros com quem o mesmo não sucedeu, um destes parece ter sido Filomeno da Câmara.

> "Fiz hontem acto agora estou livre de mais um grupo. Como já calculava aconteceu-me o que o Filomeno da Câmara[195] costuma fazer a quem se lhe não recomenda nem lambe os pés./ Tive treze valores, sabendo tanto ou mais do que meninos bonitos que tiveram melhores notas. Fiquei aborrecidíssimo, como pode calcular porque o Filomeno me fez um acto que todo o meu curso classificou de indecente e desleal."[196]

O futrica (Correia, 1960b, pp. 15–16) era o principal responsável pelos resacatos locais

[194] São "descendentes, mais ou menos longínquos, de estudantes… têm todos os defeitos deles, corretos e aumentados, tanto mais que por ignorarem os nomes dos pais, por aí alguns que são filhos incestuosos" (Correia, 1960b, p. 56)

[195] Era professor das cadeiras da 2.ª classe: Fisiologia geral e especial, Histologia e Embriologia e Nova cadeira de Química biológica, Anuário da Universidade de 1914-1915, UCBG-8-118-2-1914-1915_0029_23_t24-C-R0120.

[196] PT/NCG/AFSC/FSC/6/177.

"Naturalmente viram nos jornaes que foi ferido um rapaz com tiro, pelos futricas. (…) Hontem houve questões na rua Larga, tiroteio, ficando um polícia em perigo de vida e outro muito ferido."[197]

Deve ainda acrescentar-se a Dona Glória Engomadeira, tricana, a quem foi dedicado o *Fado das engomadeiras* (Correia, 1960b, pp. 68–73).

A. A *República Transatlântica* ou dos *Pra-Kys-tão*: "um *monumento* mais a visitar"

"Instalada naquela bela casa quinhentista conhecida pelo nome de *Cruzador*, a que devia o nome, e forma o ângulo situado entre a rua das Esteirinhas e a última parte da rua do Correio, a *república* era como um grande verdadeiro cortiço, onde viviam, como a mais exemplar das famílias, doze rapazes das mais variadas Faculdades, das terras mais diversas, com os temperamentos mais diferentes e com os hábitos e psicologias mais antagónicos." (Correia, 1960b, p. 35).

Também conhecida por navio ou casa do bico, esta (ainda não) república foi a residência de Fernando da Silva Correia durante 3 anos[198]. Descreve no livro, a visita que lhe fez em 1957, durante uma reunião do curso, altura em que esta se tinha, de facto, tornado uma "*república* típica – a *República do Pra-Kys-tão*, museu de recordações e amostra do melhor espírito coimbrão" (Correia, 1960b, pp. 277–278)[199].

B. "Chamam a isto democratização do ensino!"

"A Academia vivia num estado de tensão espiritual grande, profundamente dividida por lutas políticas." (Correia, 1960b, p. 59).

"A Proclamação da República, vendo pôr fim a um regime tradicional de mais de sete séculos de existência, ia abolir profundamente na mais praxista e

[197] PT/NCG/AFSC/FSC/6/165.
[198] Uma parte do título deste ponto encontra-se em *Vida errada* (Correia, 1960b, p. 35).
[199] Durante a investigação, uma visita a esta casa demonstrou a necessidade urgente de reconhecer o valor patrimonial das repúblicas coimbrãs no seio da história da instituição e do ensino superior em Portugal, promovendo a conservação destes lugares. Esta casa particular não se encontra em bom estado.

tradicional das suas cidades e na velha Universidade, tão especialmente visada pelos ataques dos corifeus do regime triunfante." (Correia, 1960b, p. 119)

Implantada a República no país, mas não produzindo ela, de imediato, os efeitos - entenda-se as mudanças - desejados em Coimbra, o clima de "efervescência política" só aumentava

> "As manifestações contra o Ministro do Interior eram cada vez mais intensas.
>
> No princípio dos actos a *falange demagógica* invadiu os Gerais para impedir que aqueles se fizessem. Como os lentes não acedessem ao seu plano, foi invadida uma das aulas em grandes manifestações subversivas tendo havido tumultos."

Que conduziram à prisão de vários manifestantes (Correia, 1960b, pp. 165–167)[200].

Os 3 núcleos políticos existentes em Coimbra - Centro Republicano Académico, Centro Monárquico e Centro Académico de Democracia Cristã – "eram suficientes para abrir profundos abismos na vida académica." Apesar de o autor considerar que

> "(…) a maior parte dos estudantes eram indiferentes a estas lutas, pensando apenas em divertir-se e arrumar o mais depressa possível e com o menor esforço imaginável, na memória, a bagagem científica que a universidade lhes fornecia…" (Correia, 1960b, p. 60).

Esperava-se uma "revolução inevitável", que seria posta em prática por António José de Almeida, autor da *Desafronta* e Ministro do Interior do Governo Provisório (Ramos, 1994, p. 446), que dissera antes que "a universidade precisava «ser destruída pedra a pedra»." (Correia, 1960b, pp. 119–120). Todos aguardaram ansiosamente aos primeiros decretos reformadores, que eram discutidos abertamente, nos jornais ou nos manifestos espalhados pela cidade. A reação coimbrã foi especialmente "organizada, veemente" relativamente à questão do desdobramento da Faculdade de Direito, entendida como "«a ruína da universidade»", por colocar em causa o meio de subsistência de quem vivia "«à custa dos estudantes»." (Correia, 1960b, pp. 122–123).

[200] O título deste ponto teve origem na seguinte carta: PT/NCG/AFSC/FSC/6/153, [Carta de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], 1911.11.04; Coimbra.

O descontentamento destes conduziu à realização de um auto de fé à *Desafronta* e à invasão da Universidade (Correia, 1960b, pp. 124–125).

O autor identifica todos os elementos que tinham sido alvo das "catilinárias dos jornais republicanos" e que davam conta da sua oposição ao "«regime fradesco» da universidade" e "O governo, no entanto, ia desfazendo, em decretos, toda a velha engrenagem universitária tradicional." Extinguiu a Faculdade de Teologia, passando os seus lentes para a Faculdade de Letras; a capa e a batina deixaram de ser obrigatórias; foi abolido o *foro académico* e os juramentos e orações; "os cursos foram declarados livres" e deixou de tocar o toque da cabra, sendo-lhe feito um enterro (Correia, 1960b, pp. 127–130).

Ao frequentar o curso de Medicina, Fernando da Silva Correia acompanhou de perto estas mudanças do ensino universitário coimbrão e integrou a "Geração de 1911", que, segundo Isabel Amaral, protagonizou uma viragem na educação médica, que "transitou de um universo livresco para uma erudição assente na investigação científica" de forma a constituir uma "elite intelectual esclarecida, na construção de um Estado moderno, onde a vocação científica assumia um papel de relevo" (Amaral, 2017, p. 157).

No entanto, aquilo que era apelidado de um processo de "democratização do ensino" não é visto da mesma forma pelos estudantes e pais, que continuaram a contribuir com avultadas "maquias" (Correia, 1960b, p. 37), necessárias ao estudo. Além do elevado preço das propinas[201], Fernando da Silva Correia mencionava com frequência a compra de livros[202], especialmente na Livraria Moura Marques[203]. No início do ano letivo 1911-1912, comentava com o pai

[201] PT/PH/AFSC/FSC/A/00076, [Correspondência sobre a nova reforma], 1912.07.01; Cópias das cartas dirigidas ao presidente da Câmara dos Deputados relativa às altas taxas de exames por causa da Nova reforma; Coimbra. PT/PH/AFSC/FSC/A/00115, [Carta de Fernando da Silva Correia para o Presidente do Ministério], 1916.07.22-1916.07.25; Coimbra.

[202] PT/NCG/AFSC/FSC/6/183.

[203] Algumas das obras adquiridas durante ou para o curso: *Monographies cliniques sur les questions nouvelles en Médecine en Chirurgie, en Biologie: Le mécanisme de l'immunité, anticorps, antigènes et déviation du complément* de P.-F. Armand-Delille (1910) (PT/PH/AFSC/FSC/A/00070); *Profilaxia da raiva* de J. Marques dos Santos (PT/PH/AFSC/FSC/A/00156); "um livro de Pharmacologia (2.º vol.)" (PT/NCG/AFSC/FSC/6/178). Na resenha bibliográfica da biblioteca de Fernando da Silva Correia surgem, igualmente, alguns livros cuja aquisição deviria remontar à frequência do curso de Medicina. Atentem-se os seguintes exemplos: *Anatomia geral: histologia do tubo nervoso e das terminações nervosas nos músculos voluntários da rã* de Eduardo Abreu (1881); *Précis de Médecine Légale* de V. Balthazard (1911); *Précis de PatholóGie Générale* de Paul Courmont (1911); *Traité de Médecine Légale de Jurisprudence et*

> "A regulamentação da reforma é que continua um chaos. Não se sabe de nada, dividem cursos semestraes em annuaes, eu sei lá.../ Em anatomia estão matriculados// 115 rapazes! É medonho/ A reforma no fim de contas parece que não fez grandes diferenças de preço ás propinas, em medicina. O peor são os livros. (…) Um dinheirão infame. (…) Acabaram as sebentas anachronicas vêm os livros caros. Chamam a isto democratização do ensino!"[204]

O clima de instabilidade fazia-se também sentir na lecionação das aulas, pelo que Fernando da Silva Correia comentava com a mãe, a 5 de abril de 1912, que tivera "as aulas todas"[205].

No ano seguinte, dá conta da manutenção das antigas sebentas - fotogravuras para Anatomia Patológica - e necessidade de outras materiais, como 2 casacos brancos, que compraria com o dinheiro da venda dos "aventaes que cá tenho a algum rapaz de anatomia"[206].

Na época de atos do ano 1913-1914, preparava a matrícula do segundo semestre,

> "Custa-me a escrever porque calcule ainda augmentaram mais as propinas! É uma pulhice, tivemos reuniões mas a faculdade não nos atendeu. Querem-nos obrigar a pagar mais 1500 por cada semestre e cadeira para os… gastos dos laboratórios, dizem eles. Estamos resolvidos quase todos a// frequentarmos a cadeira só 1 semestre e ao segundo não o encerrarmos (…). Cá parece que só se consegue justiça como a conseguiu a «falange», à bomba, triste é dizê-lo."[207]

de Toxicologie… de Georges Berryer Daulle e Gabriel Puchet (1886); *L'hygiène Prophylactique* de Dujardin Beaumetz (1889); *Clinique Thérapeutique du Praticien* de H. Huchard e Ch. Fiessinger (1912); *Traité d'Anatomie Humaine* de (1911); *Traité d'Anatomie Topographique* de L. Testut e O. Jacob (1909); *Petite Chirurgie Pratique* de Th. Tuffier e P. Desfosses (1914) ; ou *Précis de Thérapeutique Clinique et de Pharmacologie* de Zilgien (1914) (Oliveira, 1969, p. 1, 27, 97, 114, 176, 360, 365, 382).

[204] PT/NCG/AFSC/FSC/6/153.

[205] PT/NCG/AFSC/FSC/6/184.

[206] PT/NCG/AFSC/FSC/6/154.

[207] PT/NCG/AFSC/FSC/6/170.

O descontentamento era geral e culminou com greves nas várias cidades "universitárias" do país[208]. As mudanças impostas pela nova Reforma poderiam deixar os mais distraídos com a impressão que "se forma[va]m sem cá vir…" (Correia, 1917, pp. 65–69), mas Fernando da Silva Correia apresenta uma perspetiva diferente "(…) tenho estudado bastante como preciso."[209]

No ano letivo 1913-1914, Fernando da Silva Correia passava o tempo "nos laboratórios, aulas e Hospital"[210], assim como "a fazer relatórios de trabalhos práticos para as aulas e a preparar-me para os atos o que já me ocupa muito."[211]

Através da correspondência é possível conhecer alguns dos trabalhos a que Fernando da Silva Correia se dedicou ao longo do curso

> "- Ando a fazer um trabalho em Medicina legal sobre tatuagens como meio de identificação.// Já arranjei uma colecão regular. Ando a lêr coisas e peço ao Papá para ahi procurar no Lubock "L'homme prehistorique" ou outros livros a ver se trazem alguma coisa sobre o assunto".[212]

Este trabalho terá sido realizado no ano letivo 1914-1915, quando, em simultâneo, o estudante também andava "a tombos" com o "trabalhão" que lhe estava a dar Psiquiatria[213].

O mesmo acontecia com Anatomia, cadeira lecionada por Basílio Freire que dava "muito que fazer", fazendo desistir 20 dos seus condiscípulos, apesar de Fernando da Silva Correia o considerar "um ótimo professor. Eu estou contente. Já nas aulas práticas falei 4 vezes, 2 sobre ossos e 2 sobre músculos e satisfiz."[214]

[208] PT/NCG/AFSC/FSC/6/159, [Carta de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], [19??.00.00].
[209] PT/NCG/AFSC/FSC/6/184.
[210] PT/NCG/AFSC/FSC/6/46.
[211] PT/NCG/AFSC/FSC/6/170.
[212] PT/NCG/AFSC/FSC/6/174.
[213] PT/NCG/AFSC/FSC/6/155.
[214] PT/NCG/AFSC/FSC/6/159, [Carta de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], [19??.00.00].

Durante o percurso académico, realizou vários trabalhos[215], o arquivo reúne também notas tiradas nas aulas de algumas cadeiras[216], o registo clínico de pacientes que terá acompanhado[217], uma vez que passava parte do tempo no Hospital, onde assistia a operações e mandava correspondência para a família[218], sendo a "trabalhos de clínica"[219] que se dedicava enquanto aguardava mobilização para a Grande Guerra, em 1917.

C. A "despedida da vida descuidosa de rapazes": récitas, fado, teatro e caridade

Em *Vida errada* são frequentes as referência às récitas a que os estudantes assistiam, particularmente apreciadas por Luís Augusto, que vendeu alguns dos seus livros para pagar os ingressos (Correia, 1960b, pp. 57–58)**[220]**. A "vida descuidosa" desta personagem era facilitada pelo "alívio trazido pelos cursos livres" que lhe permitiam ir ao cinema; a Lisboa, onde contratava bailarinas; e ao Buçaco[221]. O fado[222] era outro dos seus passatempos, cuja relevância em Coimbra era grande (Correia, 1960b, pp. 198–202).

Em março de 1911, Fernando da Silva Correia enviou um postal ilustrado do Porto para si próprio (em Coimbra), de forma a recordar a participação numa récita em Aveiro, ter pernoitado em Bragança com Marques da Cruz e passeado na Ribeira com o Rosa e

[215] PT/PH/AFSC/FSC/A/00086, Existência de (?) de Löffler na faringe de creanças supostas saudáveis, [1914.00.00-1915.00.00]; Coimbra.
[216] PT/PH/AFSC/FSC/A/00088, [Notas da cadeira de Toxicologia], 1914.11.21-1914.12.10; Coimbra.
[217] PT/PH/AFSC/FSC/A/00110, [Registo clínico de pacientes], 1916.01.25-1916.05.26; Coimbra.
[218] PT/NCG/AFSC/FSC/6/164.
[219] PT/PH/AFSC/FSC/A/00140, [Carta de Artur de Azevedo Leitão], 1917.11.19; Coimbra.
[220] O títulos deste ponto provem de *Vida errada* (Correia, 1960b, pp. 244–245).
[221] Um desses passeios terá sido organizado pela Civilidade e Etiqueta. PT/PH/AFSC/FSC/A/00073, [Carta do Secretário da Civilidade e Etiqueta], 1912.02.12; Coimbra. [Este grupo existia em 1912, dele fazia parte Fernando da Silva Correia, e tinha como alguns dos seus objetivos, corresponder a preceitos de sociabilidade com os lentes nas épocas festivas e outras ou preparar encontros no Buçaco.] Outra visita ocorreu a 29 de maio de 1915. PT/NCG/AFSC/FSC/6/174, [Carta de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], 1915.05.28. Sobre o Buçaco, Fernando da Silva Correia também guardava um guia de Augusto Simões de Castro (1908) (Oliveira, 1969, p. 230).
[222] O *Fado de Coimbra* teve particular relevância neste período, sendo tocado na peça *À sombra de Esculápio*. Ouvir em "Um fado da récita de medicina 1917" In Galáxia Sonora Coimbrã, 2020.02.12, disponível em: https://galaxiasonoracoimbra.blogspot.com/2020/02/um-fado-da-recita-de-medicina-1917.html [Cons. 20 set. 2024].

o Hipólito[223]. O estudante tomou parte em várias ações de caridade[224], como é o caso da que foi organizada no Teatro Circo (Coimbra) a favor das vítimas dos terramotos de Messina (Itália).

> "(…) à volta do animatógrafo da Trindade, ali ao descer das Escadinhas dos Grilos; metera o nariz num ensaio da Tuna, reconhecendo logo a impossibilidade de jamais vir a aprender qualquer instrumento; inscrevera-se no Orfeon do Joyce, como barítono, não faltando a um único ensaio" (Correia, 1960b, p. 58).

Depois de perder o primeiro ano, Luís Augusto tinha como "únicas extravagâncias e distrações" os ensaios do *orfeon* e a preparação do (jornal) *Sansão* (Correia, 1960b, p. 88). Nesses ensaios, na Igreja de S. Bento, juntavam-se

> "rapazes de todas as províncias, de todas as ideias políticas, de todos os credos religiosos ou sem credos alguns, de todas as faculdades ou dos últimos anos do liceu, davam a Coimbra e ao País um exemplo único de união fraterna e de disciplina moral que serviria por certo a muitos pela vida fora." (Correia, 1960b, pp. 89–92).

Na ida a Lisboa, o *orfeon* atuou no Teatro de São Carlos, onde, apesar das contradições políticas "contra os estudantes de Coimbra", recebeu uma "colossal ovação" (Correia, 1960b, pp. 98–101). No entanto, foi a viagem a França que provocou maior sensação, apesar de ter começado monótona e (literalmente) acidentada. "Em Paris, os rapazes estavam deslumbrados. (…) encantados, de arte, de tradição, de requinte e de civilização." "Passar um dia inteiro no *Louvre*", outro em *Versalhes* e visitar outros lugares, "foram 10 dias de delírio naquela Paris de encantos tão variados, que lhes trazia surpresas constantes. (…) as noites eram passadas nos *cabarets*. Aos teatros poucos iam, receosos de não entenderem bem os actores." Mas "o centro de reunião era a" *Association Générale des Étudiants de Paris*, sendo também identificados outros restaurantes e lugares onde os coimbrãos iam, não passando despercebidos entre os

[223] PT/PH/AFSC/FSC/A/00064.

[224] PT/PH/AFSC/FSC/A/00032, [Notas e Saraus em benefício dos órfãos da Madeira], 1909.09.09-1911.04.02; Programa do Sarau e entrada para o sarau no Teatro Avenida.

franceses que, segundo o autor, ficaram espantados por estes nunca trazerem nenhum adereço na cabeça, ficando assim conhecidos por *les sans chapeau* (Correia, 1960b, pp. 156–164)[225].

Em 1911, Fernando da Silva Correia participou num dos momentos também descrito em *Vida Errada*: a inauguração de um Jardim-Escola João de Deus em Coimbra, sendo um dos autores de *Homenagem a João de Deus*, com o poema "Escola Maternal"[226]. A "obra social requintada e moderna, civilizada e dignificante" fora promovida pelo *orfeon* (Correia, 1960b, pp. 139–141). Posteriormente, em 1955, participou na edição comemorativa das bodas de diamante do *Orfeon*[227].

Além do *Orfeon*, Fernando da Silva Correia era o sócio 122 da Associação Académica de Coimbra, tendo concorrido para os seus corpos gerentes[228]. Um dos elementos da Associação com quem manteve contacto foi (?) Mendes Carneiro[229].

A expressão dramática foi outro dos interesses que Fernando da Silva Correia manteve ao longo da vida, mas em especial durante a sua permanência em Coimbra, escrevendo até sobre a história do teatro em Portugal[230]. Em *Vida errada*, Coimbra e Lisboa são os lugares em que Luís Augusto frequenta o teatro, mantendo relações com atrizes estrangeiras (Correia, 1960b, pp. 110–112).

De entre as várias peças de teatro que Fernando da Silva Correia escreveu neste período, apenas duas foram publicadas. Sabe-se, no entanto, que outras foram representadas por Tomás Vieira da *Troupe Guignol*[231] e da *Troupe Tomás* (fundada para uma *tournée* na África do Sul), que em 1921 estava a ensaiar a peça deste autor "Zé

[225] PT/PH/AFSC/FSC/A/00065, [Visita do *Orfeon* a França], 1911.04.07-1911.04.16; França.
[226] PT/PH/AFSC/FSC/A/00048, [Festa em benefício do Jardim-Escola João de Deus], 1910.04.16.
[227] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/01109/001, [Bodas de Diamante do *Orfeon* Académico de Coimbra], [1955.01.00-1956.06.11]; Coimbra.
[228] PT/PH/AFSC/FSC/A/00004, [Poemas, folhetos, mapas, "Os bandidos da Bicholândia", "A pevide" e outras notas], [1887.01.28] [1905.12.08-1917.00.00]; Coimbra. PT/PH/AFSC/FSC/A/00106, Bilhete de identidade da Associação Académica de Coimbra, 1915.10.31-1916.03.31; Coimbra.
[229] PT/PH/AFSC/FSC/A/00056/003, [Bilhete de (?) Mendes Carneiro/ Associação Académica], 1916.05.13 Coimbra. PT/PH/AFSC/FSC/A/00056/004, [Bilhete de (?) Mendes Carneiro/ Associação Académica], 1916.06.06; Coimbra.
[230] PT/PH/AFSC/FSC/A/00006, [Contas, textos, folhetos de teatro e desenhos], 1907.03.22-1917.00.00; Leiria, Caldas da Rainha, Coimbra e Guarda.
[231] PT/PH/AFSC/FSC/A/00114, [Carta de Tomás Vieira], 1916.07.04; Madeira.

cavalaria"[232] e gostaria de ter outras do mesmo género, sendo-lhe apresentada "Fogueiras de São João", que iria ensaiar[233]. Algumas destas peças de Fernando da Silva Correia[234] foram ainda apreciadas por Maria Matos[235].

Em 1915, a Tipografia Literária (Coimbra) publicou *A máscara*, ato em prosa que decorre num baile de máscaras em que as amigas Inês e Maria Inácia falam sobre vários aspetos da condição feminina e em que Luís Duarte suscitará uma história amorosa (Correia, 1915)[236].

A outra peça levada à estampa foi *À sombra do Esculápio* (1917) de 4 atos pela Editora Moura Marques[237], a "Revista de costumes de Coimbra, ligados com a vida de estudantes de Medicina de 1911-1917", dedicada aos condiscípulos do autor e, na introdução, este explica as razões para a sua produção. Antes das férias de Natal, Carlos Figueiredo e Elias da Costa tinham-no entusiasmado para a sua escrita, mas não esperava que fosse tão apreciada, estando já aprovada a 16 de janeiro seguinte, tendo o lente Artur de Azevedo Leitão[238] feito "uma critica sincera e conscienciosa" e sido escolhido para os "ensaiar e dirigir". Todos os condiscípulos contribuíram para o sucesso da peça e assumiram a responsabilidade de "fazer uma coisa que não era da praxe".

A estreia ocorreu no Teatro Sousa Bastos e, sempre que os atores se reuniram, celebrando o final do curso, a peça foi evocada. A correspondência entre Fernando da Silva Correia e a família, quando este tinha tempo para a escrever[239], está repleta de

---

[232] PT/PH/AFSC/FSC/A/00124, [Peça Zé cavalaria], 1917.02.00; Coimbra.

[233] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00165, [Correspondência de Tomás Vieira], 1921.02.07-1921.04.07; 2 cartas; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/A/00129, [Peça Fogueiras de S. João], 1917.05.00-1917.05.20; Coimbra. *Fogueiras de São João* terá inspiração nas festas decorridas em Coimbra em honra do mencionado santo e descritas pelo autor na sua correspondência familiar e em *Vida errada* (Correia, 1960b, p. 81).
PT/NCG/AFSC/FSC/6/32, [Bilhete-postal de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], 1915.07.05-1915.07.06; Coimbra. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00822, [Correspondência de Tomás Vieira], 1941.12.28-1942.02.25; Moçambique.

[234] (Correia, 1960b, p. 125). PT/PH/AFSC/FSC/A/00099, [Peça A obsessão], 1915.08.11-1916.03.05; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/A/00108, [Peça Ganha fama…], 1915.12.31-1917.01.26; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/A/00111, [Peça A terceira página], 1916.04.28-1918.05.06; Coimbra e Caldas da Rainha.

[235] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00719, [Carta de Maria da Conceição de Matos Ferreira da Silva], 1933.05.30-1933.06.03; Lisboa.

[236] PT/PH/AFSC/FSC/A/00089, [Sobre a peça A máscara], [1914.10.06-1915.12.29]-1916.01.28; Coimbra, Caldas da Rainha, Lisboa e Leiria.

[237] Que não requereu quaisquer lucros e que ofereceu dois dos cenários para a representação.

[238] PT/PH/AFSC/FSC/A/00125/002, [Cartão de visita de Artur de Azevedo Leitão], [19??.00.00]; Coimbra.
PT/PH/AFSC/FSC/A/00125/003, [Cartão de visita de Artur de Azevedo Leitão], [19??.00.00]; Coimbra.

[239] PT/NCG/AFSC/FSC/6/158.

referências aos ensaios, tal era o entusiamo geral. Nas férias de Carnaval ensaiaram as músicas[240], algumas orquestradas pelo maestro Barros[241]. Nos ensaios participaram Maria Serrão Burguete[242] e os atores-condiscípulos que avisavam quando não podiam comparecer. Depois dos ensaios, os cafés foram lugar de discussão da representação (Correia, 1960b, pp. 235–239).

> "Era uma *charge* nos lentes, nas reformas do ensino, a variarem constantemente, na Academia, nas figuras então mais em destaque na cidade." (Correia, 1960b, pp. 235–239).

Em abril, Fernando da Silva Correia ansiava pela presença da família[243]

> "Na noite da récita, com a casa apinhada de gente, os camarotes do *Sousa Bastos*, adornados de colchas e flores, cheios de famílias dos rapazes, com muitos lentes da Faculdade na plateia, mostrando não se escandalizarem com uma crítica, (…) conseguiram todos fazer da peça o que ouvindo-a ler, ninguém julgava: uma fonte de gargalhadas, prolongando-se até ao fim do último acto." (Correia, 1960b, pp. 244–247).

A peça começa com uma conversa, num restaurante, sobre o traje, a praxe e a sua representatividade, invocando o *Palito Métrico* (Correia, 1917, pp. 15–19). Aí chegam Zé[244] e Chico Faria, ambos de Abrantes, o último caloiro de Medicina (Correia, 1917, pp. 23–31). Entra ainda o Dr. Holmes, "mestre na sciência da policia scientífica", que informava alguns pais das ocupações e gastos dos filhos (Correia, 1917, pp. 32–34), um futurista e a *Nova reforma,* "Uma «cocotte», de «lorgnon»", que encanta com Chico

[240] PT/NCG/AFSC/FSC/6/176, [Carta de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], [19??.00.00].
PT/NCG/AFSC/FSC/6/171, [Carta de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], [19??.00.00].

[241] PT/PH/AFSC/FSC/A/00126, [Texto Coimbra - a praxista], 1917.03.20; Coimbra. PT/PH/AFSC/FSC/A/00148, [Músicas Lembrança e Dança macabra], [19??.00.00]. PT/NCG/AFSC/FSC/6/55, [Nota de músicas], [19??.00.00].

[242] PT/PH/AFSC/FSC/A/00125/007, [Cartão de visita de Maria Serrão Burguete], [19??.00.00].

[243] PT/NCG/AFSC/FSC/6/54, [Bilhete-postal de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], 1917.04.18-1917.04.18; Coimbra.
PT/NCG/AFSC/FSC/6/167, [Carta de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], [19??.00.00].

[244] As personagens da peça, em especial Zé Fária (1937), foram recorrentemente utilizadas nas reuniões do curso ao longos dos anos seguintes.

Faria. Tal enamoramento preocupa o pai e o veterano explica “Quem hoje quizer seguir medicina, em Portugal ha-de por força unir-se áquela dama…” (Correia, 1917, pp. 52–63). O segundo ato, na Livraria Moura Marques, encena a abertura de um caixote com livros de onde saem os anatomistas de renome (Correia, 1917, pp. 71–77), ao falar da *Nova Reforma* explora-se a relação do professor Bissaya-Barreto, que considerava ser necessário “democratizar o ensino, tornando-o só acessível aos ricos…”. (Correia, 1917, p. 88). Um “chilique” de Zé Faria, mostra a fraca capacidade dos estudos de Medicina em “estabelecer terapêutica” (Correia, 1917, pp. 78–99) e leva-os ao Hospital, dando, pelo caminho, com os manifestantes que iam para a “Faculdade na Novolandia.” Na portaria do Hospital, acompanha-se a frequência diária de doentes e visitantes (Correia, 1917, pp. 101–118), terminando a peça no dia da formatura de Chico Faria (Correia, 1917, pp. 143–154)[245]. O êxito foi assinalável, dando origem a uma repetição da peça na Figueira da Foz[246]. César Pontes felicitou o autor por fazê-lo rir durante a leitura da peça, em França[247].

É difícil definir com precisão quanto esta obra terá de autobiográfica, assim como muitos outros escritos, não só de ficção, mas também enquanto publicista, mas a verdade, é que a “veia poética de estudante” está bem representada no arquivo de Fernando da Silva Correia (Correia, 1917, p. 20). A memória da récita de 1917 faria o seu caminho, pelo que, em 1920, Artur de Azevedo Leitão menciona que a "tropa de pacóvios" constituída pelos quintanistas desse ano, na impossibilidade de preparar uma peça, tinha pensado em pedir uma ao destinatário[248].

Os textos (avulsos) em prosa deste estudante, como já foi aflorado, tinham, neste período, assuntos bastante variados; temas científicos, aspetos da vida quotidiana, eventos mais escabrosos, romances, havendo também alguma queda para a representação da pobreza, doença e a caridade, como resposta. No texto "Enfim", de

[245] PT/PH/AFSC/FSC/A/00125/001, [Sobre a peça À Sombra do Esculápio e a récita dos quintanistas], 1917.01.17-1917.05.30; Coimbra e Lisboa.
[246] PT/NCG/AFSC/FSC/6/39, [Postal ilustrado de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], 1917.05.24; Coimbra. PT/NCG/AFSC/FSC/6/53, [Bilhete-postal de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], 1917.06.04-1918.06.05; Coimbra
[247] PT/PH/AFSC/FSC/A/00135, [Carta de César Pontes], 1917.07.27-1917.08.03; França. Fernando da Silva Correia recebeu outros comentários à peça, da mãe que o felicitara e indicara que o pai [que tinha assistido à peça] tinha vindo "satisfeitíssimo", PT/PH/AFSC/FSC/A/00002/008, [Carta de Carlota Filomena da Silva Correia], 1917.05.09.
[248] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00125/002.

1909, descreve a ação caridosa de uma jovem com um mendigo, que era na verdade seu pai. Em "Dia de Natal", também desse ano, fala sobre um encontro entre um homem numa pastelaria e a uma criança maltrapilha – "personificação da miséria, de fome e de tristeza" -, que pede ajuda, dizendo ter a mãe doente. E *Eram rivais* descreve uma ida à morgue de um estudante de Medicina com um amigo[249].

Outro formato que Fernando da Silva Correia utilizou bastante foi o jornal (informal), possivelmente desenvolvido com os colegas do momento, uma vez que foram produzidos em vários âmbitos e com o intuito de documentar a situação vigente, incluindo um constante comentário político. Em 1909 surgem *O Sinapismo*[250] e *O Carneiro*[251]. A 15 de maio de 1915 estava "nas bancas" *A revolução triunfante,* jornal revolucionário com redação na Rua das Esteirinhas[252]. Do mesmo género é o "diário da manhã conservador" *O cruzador*, propriedade do Dr. Anselmo e editado pelo Dr. Saira. Faz referência ao jornal *Gazeta do Hospital*, iniciado por esses dias; na rubrica "Partidas e Chegadas" surge uma referência a Fernando Correia que ia para o "sétimo ano de Epicuro (hospital)"[253].

D. "Album familiar de saudades de antanho"

> "Em cada geração, com efeito, os factos variam, mas as saudades que ficam deles assemelham-se." (Correia, 1960b, p. 9).

Em julho de 1917, *O Círculo das Caldas* noticiava a conclusão do curso de Fernando da Silva Correia com 18 valores, evidenciando os "superiores dotes intelectuais" do jovem médico, a "excelencia do seu caracter" e a "sensatez pouco vulgar na sua idade."[254] Recebeu felicitações várias[255]. Foi, nessa altura convidado para 1.º Assistente da Faculdade de Medicina, pelo "Lente da Cadeira de Medicina Legal, Dr. Fernando da

[249] PT/PH/AFSC/FSC/A/00062, [Texto Eram rivais…], 1911.01.25-1911.01.26; Coimbra.
[250] PT/PH/AFSC/FSC/A/00023, [O Sinapismo com desenhos de Tira-linhas], 1909.00.00-1909.01.12; Coimbra.
[251] PT/PH/AFSC/FSC/A/00024, [O carneiro], 1909.01.10; Coimbra.
[252] PT/PH/AFSC/FSC/A/00096, [Jornal A revolução triunfante], 1915.05.17; Coimbra.
[253] PT/PH/AFSC/FSC/A/00105, [Revista Cruzador], 1915.10.29-1917.02.02; Coimbra.
[254] "Dr. Fernando Correia" In *O Círculo das Caldas*, 1917.07.26.
[255] PT/PH/AFSC/FSC/A/00134, [Cartão de visita de Isabel Maria Correia Dinis], [1917.07.00]; Guarda.

Almeida Ribeiro" (Correia, 1938a, p. 3), cargo que rejeitou para ser mobilizado para a frente ocidental da guerra[256]. Tal como adiou a defesa da sua "tese de formatura" (Correia, 1938a, p. 1) até 1919, ano em que regressou a Portugal. Esta viria a intitular-se *Profilaxia das febres tifóide e paratifóide A e B pela vacinação* (Correia, 1919), fazendo parte do júri os médicos João Serras e Silva, Elísio de Moura e Alberto Moreira da Rocha Brito (Correia, 1938a, p. 8), obtendo 18 valores na defesa. A tese[257] constitui um primeiro contributo para o campo da Higiene e da Medicina Preventiva. Conjugando a sua participação na Grande Guerra, momento do século XX que, na sua opinião, tinha "entravado os estudos laboratoriais" (Correia, 1919, p. 8). A análise desenvolvida teve origem numa das exigências do exército francês, em que a vacinação antitífica era obrigatória, pelo que o CAPI – a que pertencia o jovem médico - foi vacinado. Enquanto participava nessa tarefa, Fernando da Silva Correia descreveu o que viu e fez notas e observações de autores autorizados e noções gerais (Correia, 1919, pp. 9–12).

Da vida académica e da vivência na frente ocidental da guerra, destaca-se o contacto com Tello de Azevedo Gomes, que introduz as alcunhas (talvez já em circulação) de "João Semana" e "Careca"[258]. Afonso Duarte, poeta e pedagogo[259]. António Perry de Sousa Gomes, médico, condiscípulo e camarada, que conhece bem o "pigarro"[260]. Bernardo Vieira Ribeiro, médico, condiscípulo e camarada[261]. Maximino Correia, reitor da Universidade de Coimbra e que daria nome ao curso – o "curso do Maximino"[262].

[256] O título deste ponto teve origem em *Vida errada* (Correia, 1960b, p. 4).

[257] Fernando da Silva Correia apenas estava dispensado da tese de formatura para serviço militar, pelo que este era necessário "para poder exercer clínica de forma civil" (Correia, 1919, p. 7). O prefácio, assinado em França a 14 de setembro de 1918, demonstra como parte da obra foi escrita em contexto bélico, ainda que nem sempre a mesma lhe tenha sido associada. A abundância de obras de autores franceses pode igualmente ser um fator de relação, constando no arquivo uma dessas obras: PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00128, *La vaccination antityphoïdique présentée au public* de A. De Saint-Vincent de Parois e J. Michaux, 1914.00.00.

[258] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00135/001, [Postal ilustrado de Tello de Azevedo Gomes], 1920.02.17; China. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00135/002, [Carta de Tello de Azevedo Gomes], 1920.08.01; China. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00135/003, [Postal ilustrado de Tello de Azevedo Gomes], 1921.08.04; China.

[259] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00509/001, [Bilhete-postal de Afonso Duarte], 1930.06.11; Leiria. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00509/002, [Envelope de Afonso Duarte], 1931.06.08-1931.06.09; Coimbra.

[260] PT/PH/AFSC/FSC/A/00098.

[261] PT/PH/AFSC/FSC/A/00100.

[262] PT/NCG/AFSC/FSC/6/172, [Carta de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], 1917.06.08; Coimbra.

Entre os lentes – professores – com quem Fernando da Silva Correia manterá relações, encontram-se Artur de Azevedo Leitão[263], cujo falecimento em 1925 privará o jovem médico de algumas notícias de Coimbra[264] e que, durante a sua estadia em Coimbra, terá estabelecido correspondência direta com os pais do estudante, quando, em janeiro de 1915, esteve internado com um problema na garganta[265]. Ou os professores Ângelo da Fonseca e Bissaya Barreto.

> "Só voltaremos a ser rapazes quando, depois de todos desaparecidos, ressuscitarmos na memória dos autênticos rapazes de cada geração. É assim que ordena a velha praxe coimbrã…" (Correia, 1958)

> "- Ó menino, faz-lhe mal tanta lamechice e recordar-se tanta coisa ao mesmo tempo!..." (Correia, 1960b, p. 222)

Já na obra *Vida errada,* as reuniões do curso eram assinaladas e celebradas (Correia, 1960b, pp. 78–79). A primeira reunião de curso ocorreu no 20.ª aniversário da formatura em 1937[266]. Seguindo a reunião das bodas de prata (1942), convocada pelo Futurista, Maximino Correia, Fernando da Silva Correia não tomou parte nesta reunião por estar doente, o que descontentara os condiscípulos que consideravam ter na sua peça "a coesão, a unidade, (…) a estrutura moral do Curso."[267] Raros eram os anos em que a formatura não era assinalada ou celebrada, repetindo-se a reunião em 1943[268]; no 27.º aniversário de *À Sombra de Esculápio,* com uma reunião a 1 de julho de 1944 no Luso; em 1946, 1947, 1951, 1957.

Terá Fernando da Silva Correia passado o tempo a recuperar da "vida errada"[269] (ou errante) de Coimbra? A obra que tem vindo a ser mencionada e até seguida é,

---

[263] Em *Vida errada* o doutor Veiga representa este lente (F. da S. Correia, 1960b, p. 43).
[264] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00125/003.
[265] PT/PH/AFSC/FSC/A/00025/002, [Carta de Filomena Augusta da Silva Correia], 1915.01.15; Caldas da Rainha.
[266] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00344/001, [Documentos relativos à reunião do Curso de Medicina aos 20 anos], [1937.02.03-1937.05.20].
[267] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00863/001, [Documentos relativos à reunião do Curso de Medicina aos 25 anos], [1942.05.23-1942.05.25]. Correia, Fernando da Silva – "Reünião do Curso Médico de 1916-1917: «Bôdas de Prata»" In *Gazeta de Coimbra*, ano 31 número 4396, 1942.05.23, p. 1.
[268] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00944/001, [Reunião do curso de 1943], 1943.05.25-1943.06.27, 3 cartas; Coimbra.
[269] O título da obra é explicado quando Luís Augusto toma consciência da vida mal aproveitada, "estranha" que vivia em Coimbra, indicada por Júlia Maria como "errada" (Correia, 1960b, pp. 228–229).

simultaneamente, um ponto final na vida coimbrã e um elemento fundamental para mergulhar nesse mundo mais profundamente, especialmente como forma de entendimento das relações do autor.

No prefácio de 1933, o autor descreve a obra como crónica que procura registar "os principais factos que a Academia viveu desde 1908 a 1917" (Correia, 1960, p. 1). Já em 1960, Fernando da Silva Correia descreve a receção "com simpatia e franca generosidade" da obra em 1933[270], apesar de reconhecer que a crítica tinha, aparentemente, incompreendido o equilíbrio entre romance e crónica. É também nesta edição que é expressa a intenção de concretizar o tríptico da vida de Luís Augusto, tendo o segundo volume como tema "a Grande Guerra de 1914" e o terceiro Portugal (Correia, 1960b, pp. 7–8). "Entre as cartas que ao autor foram mandadas contam-se algumas de quem viveu lá precisamente naquela época e assim confirmou com a memória segura e implacável os factos". O autor declarou ter ficado sensibilizado com os "aplausos" - versão inicial do manuscrito -/ as "palavras" dos seus contemporâneos e "escolares de Coimbra" (Correia, 1960b, pp. 9–10). Aqui residiram duas posições diferentes relativamente à obra: 1) aqueles que tinham vivido e partilhado este tempo, por isso tinham enorme facilidade em encontrar e apontar os erros, omissões e/ou ficções praticadas, como Luís Ibérico Nogueira[271]e 2) aqueles que ou conheciam os factos superficialmente ou somente apreciavam a obra pela sua qualidade literária ou simbolismo da representação coimbrã, de que é exemplo José Lopes Dias[272].

A primeira edição não foi um sucesso de vendas e, em 1937, as dificuldades financeiras da Coimbra Editora, Lda. colocavam em causa o pagamento dos direitos de autor a Fernando da Silva Correia, caso a obra não fosse escoada. Uma das circunstâncias que terá agravado esta situação foi o elevado número de exemplares que o autor solicitara para envio a antigos condiscípulos, amigos e outras entidades. A maioria dos comentários recebidos é proveniente desse conjunto de ofertas, sendo que

[270] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00545/005 a PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00545/019, Correspondência de Francisco França da Coimbra Editora, Lda., 1932.08.09; Coimbra. O primeiro exemplar do livro foi enviado em 1933.02.11. A pedido do autor foram enviados 15 exemplares para Castelo Branco ao cuidado de José Lopes Dias. Em maio de 1933, esperavam destacar a obra no boletim bibliográfico da editora. Em junho de 1937, solicitam o pagamento dos exemplares oferecidos para além do acordado em contrato, 464$00; indicando que a edição custou 7.900$00, dos quais somente saldaram 3.962$00.
[271] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00545/057.
[272] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00545/032. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00545/033.

muitos ficaram bastante surpreendidos por testemunharem esta (nova) vertente literária do autor. Entre os correspondentes identificam-se vários médicos: Egas Moniz, que considera um "romance de todos os tempos, em que nós todos nos revemos na neblina do passado"[273]; José Salinas Calado, que considerou uma "generosa lembrança"[274]; Samuel Domingos Maia de Loureiro[275]; Horácio Paulo Menano[276]; António Emílio de Magalhães[277]; Ramiro Barros e Silva[278]; Fausto Lopo Patrício Carvalho[279]; Augusto de Esaguy, autor das críticas publicadas na *Gazeta dos Caminhos de Ferro* e, em 1960, na *Imprensa Médica*[280]; Mário Moutinho que, à semelhança de António Emílio de Magalhães, reconhece a relevância dada pelo autor à psicologia do estudante de Coimbra[281]; Maximino José de Morais Correia[282]; Sebastião Cabral da Costa-Sacadura[283]; Francisco António Gonçalves Ferreira[284]; Américo Cortês Pinto[285].

A estes podem acrescentar-se Afonso Duarte, que recebeu uma primeira versão da obra, partilhada com Martins de Carvalho[286]; Afonso Lopes Vieira[287]; Alfredo Pinto (Sacavém), autor da crítica publicada no *Correio do Minho*, em que considerava que na obra "toda a ação" era "descrita com realismo admirável[288]; António Montês[289]; Alfredo de Kennedy Falcão[290]; Domingos de Figueiredo, colega do *Orfeon* Académico de Coimbra[291]; António Gomes da Rocha Madail[292]; José Hipólito Vaz Raposo, que elogiou o facto da obra ser um "romance-cronica" e não um "romance histórico", que passara

[273] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00545/020.
[274] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00545/023.
[275] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00545/025.
[276] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00545/035.
[277] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00545/037.
[278] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00545/038.
[279] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00545/042.
[280] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00545/048. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00545/049.
[281] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00545/056.
[282] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00545/058.
[283] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00545/059.
[284] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00545/060.
[285] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00288/003.
[286] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00545/002.
[287] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00545/003.
[288] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00545/024. "Momentos da Vida (crónicas de Lisboa)", *Correio do Minho,* 2063 de 26/03/1933, p. 1.
[289] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00545/029.
[290] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00545/030.
[291] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00545/031.
[292] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00545/045.

de moda, vendo-a como "uma peça a mais na bibliografia coimbrã."[293]; Alfredo Augusto Lopes Pimenta[294]; José Tomás da Fonseca, que reconhecia como um dos "melhores guias espirituais de Coimbra."[295]; Fidelino de Sousa Figueiredo, considerou "uma pagina sympathica da chronica da vida académica, bohemia, intellectual e sentimental" e solicita um exemplar para Evelyn A. Eyring, professora americana interessada nos costumes portugueses[296].

2.2. Registar a *Vida Nova* numa Europa em guerra

"A sua vida até ali tinha sido descuidosa, sem ralações algumas que não fossem as das cólicas por ocasião dos exames, sem pensarem a sério no futuro, embora cada um tivesse um vago projecto"[297]

O arquivo pessoal e familiar demonstra como a carreira militar de Fernando da Silva Correia começou antes do deflagrar da Grande Guerra (1914-1918)[298], no entanto, foi na frente ocidental que tomou parte neste conflito. Ao longo da vida, recordou, por várias vezes, este período, sendo assunto dos seus escritos memorialísticos, momentos de confraternização ou contacto com antigos camaradas, alguns deles seus condiscípulos em Coimbra[299].

A participação na Grande Guerra constituiu também o primeiro cargo profissional deste jovem médico, que, acompanhado de um pequeno grupo de amigos,

[293] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00545/046, [Carta de José Hipólito Vaz Raposo], 1933.03.30; Lisboa.
[294] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00545/050. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00545/051.
[295] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00545/054.
[296] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00725/001.
[297] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00107, Vida nova: o romance da guerra, 1963.07.29, p. 3.
[298] A carreira militar antes da guerra, de acordo com a sua Caderneta Militar, começou em julho de 1913, sendo integrado em janeiro de 1914 no 2º Grupo de Companhias de Saúde, no quartel em Coimbra – nalguma correspondência descreve o quotidiano aí (PT/NCG/AFSC/FSC/6/180). Chegou mesmo a realizar uma conferência "Jogos de azar e sua influência no indivíduo e na sociedade" no Hospital Militar de Santa Teresa (PT/PH/AFSC/FSC/A/00077), até que a 4 de dezembro de 1915 foi julgado "incapaz de todo o serviço" (PT/PH/AFSC/FSC/A/00079).
[299] Este subcapítulo serve-se do título de uma obra inacabada de Fernando da Silva Correia, *Vida Nova: o romance da guerra* (Correia, 1960b, p. 8). Para mais informações sobre a participação de Fernando da Silva Correia na Grande Guerra, consultar: (Ribeiro, 2018) e (AA.VV., 2018). Rubrica "Um médico das Caldas na Grande Guerra" In *Gazeta das Caldas*, entre fevereiro e setembro de 2018, em: https://gazetacaldas.com/ e http://phcaldas.pt/.

se predispôs a integrar os contingentes que seguiam para França[300]. Partiu como alferes médico miliciano[301], sendo promovido a tenente a 28 de fevereiro de 1918[302]. O seu boletim individual do CEP conta que foi mobilizado do 2º Grupo das Companhias de Saúde, integrando a 1.ª Bateria do 1.º Grupo do CALP – nome francês do CAPI.

Este Corpo, menos conhecido e analisado na historiografia nacional, provavelmente pela diminuta participação efetiva no conflito, foi constituído na sequência de um pedido de apoio da França para completar o seu corpo de artilharia. Os militares do CAPI recebiam assistência médica dos serviços de saúde franceses, mas cada bateria tinha um médico "português" (Pereira, 2012, pp. 8–10; 78-79).

À parte a correspondência e outros documentos – cadernos, notas e manuscritos; livros[303] e periódicos adquiridos em França[304] ou que lhe foram enviados[305]

[300] Em França estará com António Sousa Gomes, Bernardo Vieira Ribeiro, Cândido Ferreira e Carlos Figueiredo, condiscípulos, "O meu curso é que creio cá tem mais gente." PT/NCG/AFSC/FSC/3/031, [Postal ilustrado de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], [1919.01.09]; França.

[301] Fora promovido de alferes a 29 de outubro de 1917 (Correia, 1938a, p. 3).

[302] PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/91, [Carta de Maria Luísa da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.02.03]; Caldas da Rainha.

[303] PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/1, [Postal ilustrado de Fernando da Silva Correia para Filomena Augusta da Silva Correia], [1918.04.04]; França. Quanto aos livros sobre este período, não é possível saber se a sua aquisição ocorreu em simultâneo com o conflito mundial e a estadia em França ou posteriormente. Por exemplo, um dos números da *Revista de Artilharia*, que faz parte do arquivo foi publicado em 1924, por isso foi adquirido por Fernando da Silva Correia noutro momento da sua vida, PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00074, Revista de Artilharia, 1924.00.00, Número comemorativo da acção da artilharia portuguesa na Grande Guerra.. Algumas publicações francesas terão sido adquiridas neste contexto, PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00003, Les gaz sulfureux de Lépinay, Vigel e Chollet, [1917.07.10-1918.00.00], oferecido a Fernando da Silva Correia por Lépinay. PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00072, A vizinha do lado de André Brun, 1922.00.00. PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00005, Notas que trouxemos de França de José Paulo Fernandes, 1918.00.00, Separata da Revista de Artilharia, sobre a preparação da missão do Corpo de Artilharia Pesada Independente em 1917. PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00006, Feridos de guerra por tuberculose de Carlos de Arruda Furtado, 1918.00.00, Separata da Medicina Contemporânea. PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00075, Chama da Pátria de H. de Assis Gonçalves, 1924.00.00. PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00078, Para os mutilados, 1926.05.00. PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00082, Revista Militar, 1930.11.00-1936.07.00, Revista Militar, Revista do Exército e da Armada, Revista da Administração Militar e Portugal Militar. Números 11 e 12 de 1930; 1 a 4 de 1931; 4 e 7 de 1936. PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00084, ["Soldados! Àlerta!" e "Aos rapazes que vem para a vida militar" de Tovar de Lemos], [1917.00.00-1935.00.00]. PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/83, [Carta de Carlota Filomena da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.01.26]; Caldas da Rainha; uma caldense tinha mandado o "Manuel do soldado português", livro mandado pelas madrinhas de guerra para os afilhados.

[304] Existem 12 números de *La Vie Parisienne*, 1 de *Le Sourire de France*, 1 de *L'Ambulance.Organe oficial de la Croix-Verte*, 3 números de *Le cri de Paris* e 1 de *La Rire. Jornal Humoristique*.

[305] "Tambem tenho mandado jornaes todos os dias.", PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/55, [Carta de Carlota Filomena da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.02.01]; Caldas da Rainha. Fernando da Silva Correia pediu que lhe fossem enviados diariamente o *Diário de Notícias* e o *Comércio do Porto.* PT/PH/AFCS/FSC/B-01/00008, [Carta de Fernando da Silva Correia para Carlota Filomena da Silva Correia], 1918.01.15; França. Um dos jornais que também pode ter recebido é *O Campeão Regional* que estava a

-, a produção documental de Fernando da Silva Correia neste período reúne um conjunto mais profícuo e completo da sua atividade como fotógrafo amador. Os 9 álbuns fotográficos coligidos por Fernando da Silva Correia – de que a associação PH mantém apenas cópias digitais das fotografias -, e outras fotografias formam um conjunto de 538 que darão o mote para os momentos deste subcapítulo.

> "A paisagem desoladora do front, tomada e retomada, destemida e transformada, (…) fixou-se nas nossas memorias, nos nossos apontamentos, nos clichés das nossas Kodaks"[306].

A fotografia, organizada em álbuns pelo seu produtor, tem um papel fundamental para a definição do percurso de Fernando da Silva Correia na Grande Guerra (1914-1918). Quando colocada lado a lado com a correspondência, permite vislumbrar as atividades de que se ocupou, as pessoas com quem travou conhecimento, os lugares onde residiu e que visitou, assim como, de forma mais abrangente, determina a influência que esta França singular (em guerra) teve num jovem médico, saído de Coimbra. A juntar ao registo fotográfico, existe um outro artigo, ao qual foi atribuído o título "A artilharia pesada portuguêsa na Grande Guerra junto do Exercito Francês. O C.A.P.I.", em que surge um testemunho muito próximo do que Fernando da Silva Correia recordava da permanência em França. As sete fases da ação do CAPI, aí definidas, ajudarão a datar os seus álbuns.

"Nunca nenhuma guerra fora tão fotografada como a Primeira Guerra Mundial." (Vicente, 2015, p. 85). A comprovar esta afirmação de Filipa Lowndes Vicente, surge uma clara afirmação de Fernando da Silva Correia: "A maioria dos oficiais do C.A.P.I., tinha maquinas fotográficas, sendo variadíssima a documentação recolhida"[307].[308]

---

receber em Coimbra, PT/NCG/AFSC/FSC/5/173, [Bilhete-postal de Filomena Augusta da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.02.19]; Caldas da Rainha. PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/64, [Carta de Carlota Filomena da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.02.22]; Caldas da Rainha.

[306] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00088, [A Artilharia Pesada Portuguesa na Grande Guerra junto do Exército Francês], [1935.11.04-1947.11.15]; Fernando da Silva Correia e Fernando Araújo Alegria; Caldas da Rainha e Lisboa.

[307] *Idem*.

[308] No Arquivo Histórico-Militar existem variados documentos que são testemunho da ação do CAPI, que incluem fotografias que registam a instrução, as peças de artilharia ou ainda os bombardeamentos, mas é o registo fotográfico da Arnaldo Garcez (1885-1964), fotógrafo oficial do CEP, que representa o conjunto mais importante deste arquivo. A condição de fotógrafo oficial obrigou a que este registo tivesse de passar

Filipa Lowndes Vicente considera que todas as fotografias são da guerra, sejam elas do confronto ou das viagens de lazer[309] e sugere que a democratização da máquina fotográfica (através do modelo Kodak transportável "num bolso do casaco" - o modelo adquirido por Fernando da Silva Correia) e da impressão, que conduziu à produção individualizada da fotografia, tornam o processo mais fácil e célere. Assim se explica que este jovem médico conseguisse produzir um número tão elevado de fotografias e integrasse o conjunto de fotógrafos "amadores, que se dedicavam à fotografia por iniciativa própria." (Vicente, 2015, pp. 85–88)[310].

Esta visão dos conteúdos fotográficos ajuda a legitimar a análise das fotografias de Fernando da Silva Correia no contexto da Grande Guerra, isto porque as fotografias não representam tanto o conflito em si, mas mais as circunstâncias por que passou e os lugares que visitou o seu produtor. Quase em simultâneo com a produção do registo fotográfico, deve conjugar-se uma primeira partilha deste conjunto, em que poderá residir uma explicação para a sua conservação na atualidade. Essa partilha corresponde ao envio de fotografias para a família mais próxima e, possivelmente, alguns amigos[311] e madrinhas de guerra. Estes constituíram o primeiro recetor das fotografias, no entanto, a sua publicação na *Ilustração Portuguesa* em 1919[312] e, em 1938, na obra

pelo crivo da censura do Ministério da Guerra, que ao decidir que fotografias publicar, definiu no imediato a imagem que se pretendia passar da participação portuguesa no conflito. No livro que reuniu os textos das comunicações apresentadas no Colóquio da Exposição *Um Médico na Grande Guerra. Fernando da Silva Correia* (2019) é possível aceder a um conjunto de dados sobre o registo de Arnaldo Garcez: o contexto de produção, o que é retratado e a forma como este registo foi divulgado e conservado até à atualidade (Roberto, 2019). Ao estar integrado no exército francês, o CAPI não entra neste registo fotográfico. Através do Coronel José Paulo Berger, que tem estudado a ação do CAPI (Berger, 2019) descobriu-se apenas um outro álbum com o registo fotográfico de um oficial (não identificado) deste corpo. O álbum regista os mesmos momentos que Fernando da Silva Correia.

[309] As viagens de lazer ou passeios pelas cidades francesas já se tornaram tema de alguns estudos sobre este período, constituindo uma memória comum entre os militares (Cowman, 2014), sendo de salientar que tanto no caso português como no estrangeiro, o centenário da Grande Guerra (2014-2018) serviu de pretexto para várias investigações.

[310] Ana Maria Mauad desenvolveu o papel da fotografia como "documento e monumento da história contemporânea", definindo quatro campos para a sua análise, baseados 1) na produção, e no olhar do indivíduo que a desenvolve enquanto representação do espaço que o rodeia; 2) na receção da fotografia – pública ou privada –, 3) o valor da fotografia enquanto um "produto" que deve ser capaz de materializar o suporte para uma "troca social". Ou seja, a fotografia deve conter um valor documental e narrativo; 4) "agenciamento da imagem fotográfica", prendendo-se com a "biografia" deste registo fotográfico (Mauad, 2015).

[311] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00067, [Carta de Augusto Nunes], 1919.05.30-1919.06.03; Santarém.

[312] Fotografia com oficiais do 2.º grupo do C.A.P.I.: alferes Câmara Pestana, tenente-medico Fernando Correia, capitães Andrade e Gonçalves, Pinto, major Rodrigues de Sousa, capitães Gusmão e Olivel e tenente Tristão, em: "Tropas portuguezas em França" In *Ilustração Portugueza*. Lisboa, 10 de Junho de

Portugal e a Grande Guerra, vai alargar esse recetor, de forma a consolidar a passagem do meio privado para o público num processo lento. Mais recentemente, algumas das fotografias foram publicadas numa obra sobre a Saúde Militar na Grande Guerra (Carvalho, 2021)[313].

A decisão de fotografar as "coisas interessantes" [314] que o jovem médico ia vendo em França é muito precoce, surgindo na correspondência logo no início de fevereiro de 1918, estando Fernando da Silva Correia aí há menos de um mês[315]. Desde então, a família ansiava pelos resultados desta nova atividade que não chegavam[316], sendo a mãe, Carlota Filomena da Silva Correia, muito crítica da aparência do filho nos "retratos", por temer pelo seu estado de saúde[317]. Fernando da Silva Correia também se preocupava com a receção das fotografias[318]. A família é constante nos elogios que dedica às fotografias recebidas

> "As photografias são agora os meus encantos, vejo-as imensas vezes, mas d'hontem veem algumas lindas principalmente aquellas em que… tu figuras."[319]

O interesse da família era tal que procuravam no atlas de França os locais das fotografias[320]. Ver as fotografias tornou-se uma das atividades de domingo, em que podiam participar outras pessoas como a futura esposa de Fernando da Silva Correia, Mariana de Melo Ferrari[321]. E, a certa altura, toda a família se interessou pela arte da fotografia, incluindo o irmão Joaquim Manuel da Silva Correia, com 7 anos[322]. No

1918. II Série, número 642, pp. 443-445, p. 444. Disponível em: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1918/N642/N642_master/N642.pdf.

[313] Nesta obra surgem também algumas informações sobre a participação de Fernando da Silva Correia com algumas imprecisões (Reis, 2021, pp. 181–182).

[314] PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/61.

[315] PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/91, [Carta de Maria Luísa da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.02.03]; Caldas da Rainha.

[316] PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/123, [Bilhete-carta de Maria Luísa da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.02.10]; Caldas da Rainha.

[317] PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/64.

[318] PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/63. PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/16.

[319] PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/59, [Carta de Carlota Filomena da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.05.05]; Caldas da Rainha.

[320] PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/113, [Carta de Maria Luísa da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.03.17]; Caldas da Rainha.

[321] PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/59, [Carta de Carlota Filomena da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.05.05]; Caldas da Rainha.

[322] PT/NCG/AFSC/FSC/5/158, [Bilhete-postal de Filomena Augusta da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.06.09]; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00142/001, [Carta de Bernardo Vieira Ribeiro], 1920.04.22; Viana do Castelo.

entanto, a irmã que mais se ocupou desta atividade foi Filomena Augusta da Silva Correia, que enviou "óptimas" fotografias da família ao irmão[323].

Ao longo do tempo, Fernando da Silva Correia utilizou mais do que uma máquina fotográfica, ficando a dúvida se já possuía uma quando partiu de Portugal ou se a que utilizou foi somente a que adquiriu em França, "A tua machina é muito boa; uma photografia que mandaste d'outra machina, faz diferença para pior"[324].

No início de abril, Fernando da Silva Correia já tinha "200 clichés"[325]. No entanto, começava a ter dificuldade em adquirir películas, "não ha peliculas à venda ha que tempos." Tal será provavelmente uma consequência da intensidade da ofensiva nos últimos meses da guerra[326].

Em agosto de 1918 chegou uma mala/arca (ainda preservada pela família e que fez parte da exposição de 2018), em que o jovem médico mandou vários livros, fotografias e ampliações para as Caldas da Rainha. "Com a porção d'álbuns que cá tens conhecemos já meia França!"[327] A "mala celebre" produziu tal interesse que (talvez?) Mariana, a futura esposa de Fernando da Silva Correia, a fez representar num desenho[328].

Depois da viagem de licença a Portugal, o jovem médico fotografou, em setembro e outubro, o seu dia a dia e as "paisagenzitas" que visitava (algumas das licenças em França)[329], tendo enviado imagens de Lourdes, Cauterrets[330], Bordeaux –

[323] PT/NCG/AFSC/FSC/13/001. PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/97.
[324] PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/69, [Carta de Carlota Filomena da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.03.08]; Caldas da Rainha.
[325] PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/50.
[326] PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/57. PT/NCG/AFSC/FSC/3/075.
[327] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00043/003, [Carta de Carlota Filomena da Silva Correia], 1918.09.13; Caldas da Rainha.
[328] PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/85, [Bilhete-postal de Fernando da Silva Correia para Maria Luísa da Silva Correia], [1918.10.05-1918.10.27]; França.
[329] PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/69.
[330] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00043/001, [Carta de Carlota Filomena da Silva Correia], 1918.09.04.

local identificado pela irmã Filomena através de uma janela gótica representada[331] -, e Pirenéus[332].

> "Escrevo muito à pressa por que agora como sempre aqui tudo corre a vapor."[333]

> "Não calculas o alvoroço que há cá em casa ha chegada da tua correspondencia! Todos a querem ler ao mesmo tempo e em voz alta, só no fim e que eu leio com socego."[334]

A correspondência, além do campo por excelência de troca e receção das fotografias da guerra, constitui um testemunho mais pessoal da participação de Fernando da Silva Correia no conflito. A família nuclear – pai, mãe e irmãos - escrevia diariamente para o jovem médico, mas muitos outros contactos se foram estabelecendo neste período. Os temas dessa correspondência são diversos, sendo frequente a irregularidade dos correios. A irmã Filomena chamava-lhe "a brincadeira da falta de noticias"[335] e por isso redigia ameaças aos "senhores" responsáveis"[336]

Em junho passou a ser necessário selar a correspondência[337]. Por vezes, Fernando da Silva Correia também descreve a forma como a recebia. Em maio, por exemplo, recebia notícias, por telefone, de que tinha um telegrama na Estação Central, para onde ia toda a correspondência e ficava a 60 km de onde estavam, por isso, podia ser informado do conteúdo da correspondência por telefone, tendo, portanto, um

[331] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00043/003, [Carta de Carlota Filomena da Silva Correia], 1918.09.13; Caldas da Rainha.
[332] PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/18, [Bilhete-postal de Filomena Augusta da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.09.23]; Caldas da Rainha.
[333] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00010, [Carta de Fernando da Silva Correia para Carlota Filomena da Silva Correia], 1918.01.27; França.
[334] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00043/005, [Bilhete-postal de Carlota Filomena da Silva Correia], 1918.11.22; Caldas da Rainha.
[335] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00012/004, [Bilhete-postal de Filomena Augusta da Silva Correia], 1918.06.05; Caldas da Rainha. PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/89, [Carta de Carlota Filomena da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.06.07]; Caldas da Rainha.
[336] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00012/006, [Bilhete-postal de Filomena Augusta da Silva Correia], 1918.06.17; Caldas da Rainha.
[337] PT/NCG/AFSC/FSC/5/111, [Bilhete-postal de Joaquim Manuel Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.06.01]; Caldas da Rainha.

intermediário[338]. Na maior parte do tempo em que decorreu a sua estadia em França, a correspondência foi endereçada para Paris e daí distribuída para os locais onde estava instalado. Por exemplo, quando, inicialmente, estava em Crecques, a irmã Filomena lamentava não poder mandar correspondência diretamente, porque não tinha a morada[339]. Fernando da Silva Correia organizou uma "«blague»[340] de guerra" ao remeter aos seus familiares inúmeros postais que, segundo conta a sua sobrinha, foram mandados num só dia, mas com diferentes datas, para que, enquanto decorresse a viagem de regresso, os "seus" não acalentassem uma preocupação desnecessária. Outras temáticas principais desta correspondência foram a situação política do país – sendo o pai Joaquim foi o principal informador político[341], a gripe pneumónica[342] e a época termal nas Caldas da Rainha[343].

[338] PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/29, [Bilhete-postal de Fernando da Silva Correia para Filomena Augusta da Silva Correia], [1918.05.02]; França.

[339] PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/42, [Bilhete-postal de Filomena Augusta da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.12.02]; Caldas da Rainha.

[340] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00107, Vida nova: o romance da guerra, 1963.07.29, p. 4.

[341] PT/NCG/AFSC/FSC/3/038, [Carta de Carlota Filomena da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.01.20]; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00014/027, [Bilhete-postal de Joaquim Manuel Correia], 1919.01.25; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00014/031, [Bilhete-postal de Joaquim Manuel Correia], 1919.02.05; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00014/033, [Bilhete-postal de Joaquim Manuel Correia], 1919.02.14; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00014/034, [Carta de Joaquim Manuel Correia], 1919.02.22; Caldas da Rainha. PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/37, Carta de Fernando da Silva Correia para Maria Luísa da Silva Correia], [1918.07.10]; França.

[342] PT/NCG/AFSC/FSC/5/168, [Bilhete-postal de Joaquim Manuel Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.10.19] Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00014/005, [Bilhete-postal de Joaquim Manuel Correia], 1918.09.22; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00013/007, [Bilhete-postal de Joaquim Manuel Correia], 1918.10.05; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00014/010, [Bilhete-postal de Joaquim Manuel Correia], 1918.10.21; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00043/004, [Carta de Carlota Filomena da Silva Correia], 1918.09.21; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00048, [Carta de Álvaro M.(?)/ Administração do concelho de Óbidos], 1918.10.17; Leiria. A mesma ideia é passada por A. C. Freire de Sotto Mayor(?), PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00050, [Postal ilustrado de A. C. Freire de Sotto Mayor(?)], 1918.10.24-1918.10.30; Caldas da Rainha. PT/NCG/AFSC/FSC/5/157, [Bilhete-carta de Maria Luísa da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.10.13]; Caldas da Rainha. PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/61, [Carta de Carlota Filomena da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.10.25]; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00030/001, [Bilhete-postal de Bernardo Vieira Ribeiro], 1918.06.12; França. PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00014/036, [Bilhete-postal de Joaquim Manuel Correia], 1919.03.07; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00054, [Carta de António de Melo Ferrari], 1919.01.04-1919.01.05; Caldas da Rainha.

[343] Nesse ano a quota de sócio era 5$00, havendo 432 inscritos, PT/NCG/AFSC/FSC/5/163, [Bilhete-postal de Joaquim Manuel Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.09.19]; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00013/004, [Bilhete-postal de Joaquim Manuel Correia], 1918.09.08; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00014/004, [Bilhete-postal de Joaquim Manuel Correia], 1918.09.08; Caldas da Rainha. PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/16, [Bilhete-postal de Maria Luísa da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.08.07]; Caldas da Rainha. PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/25, [Carta de Maria Luísa da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.09.08]; Caldas da Rainha. PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/30, [Carta de Maria Luísa da Silva Correia para Fernando da Silva Correia],

A família do Sabugal também manteve contacto com Fernando da Silva Correia, especialmente a tia Josefa Correia[344] e o primo Maia[345].

Existe ainda correspondência trocada entre amigos, alguns deles também mobilizados para a guerra, destacando-se: Bernardo Vieira Ribeiro[346]. A mãe do jovem médico considerou-os inseparáveis[347]. Camilo Salazar (médico, de quem a família Correia tem objetos deste período – uma sacola para usar a tiracolo (AA.VV., 2018, p. 75)) foi outro dos camaradas que mais correspondência trocou com o jovem médico[348]. Paulo de Cantos, contacto mais frequente quando o jovem médico se tornar diretor do ISHRJ[349]. Mário da Conceição Rocha, depois administrador do Hospital Termal das Caldas da Rainha[350]. José Bonifácio da Silva, que acabaria por se estabelecer em Peniche[351] (Janeirinho et al., 2019).

Recebeu ainda correspondência de Mariana Ferrari de Melo [352]; António Roque Carvalho Machado[353] e o condiscípulo Francisco Vieira Brito[354]. Na sua estadia em França, Fernando da Silva Correia contactou com vários militares, entre eles alguns

[1918.06.02]; Caldas da Rainha. PT/NCG/AFSC/FSC/5/135, [Bilhete-postal de Joaquim Manuel Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.08.18]; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00021/002, [Carta de Maria Luísa da Silva Correia], 1918.08.20; Caldas da Rainha.

[344] PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/100, [Carta de Josefa Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.06.07]; Guarda. PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00028, [Carta de Amélia Correia], 1918.05.10; Guarda.

[345] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00017/002, [Carta de Luís Jorge Maia e Maria Maia], 1918.09.20; Lisboa.

[346] PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/123, [Bilhete-carta de Maria Luísa da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.02.10]; Caldas da Rainha.

[347] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00043/006, [Bilhete-postal de Carlota Filomena da Silva Correia], 1918.11.30; Caldas da Rainha. PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/125, [Bilhete-carta de Bernardo Vieira Ribeiro para Fernando da Silva Correia], [1919.04.15]; França.

[348] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00041/001, [Bilhete-postal de Camilo Salazar], 1918.08.21(?); França; o embrulho incluía também o capacete e a "mascara franceza".

[349] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00041/007, [Bilhete-postal de Camilo Salazar], 1918.10.03; Porto.

[350] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00069/001, [Postal de Mário da Conceição Rocha], 1919.10.15-1920.09.26; Alemanha. PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00069/002, [Postal de Mário da Conceição Rocha], 1920.03.04; França. PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00069/003, [Postal de Mário da Conceição Rocha], 1920.04.08; França. PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00069/004, [Postal de Mário da Conceição Rocha], 1920.09.26; Itália. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00839, [Hospital Rainha D. Leonor/ Posse do novo administrador, Dr. Engenheiro Mário Rocha], [19??.00.00], Fernando da Silva Correia; Caldas da Rainha.

[351] PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/59, [Carta de Carlota Filomena da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.05.05]; Caldas da Rainha. PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/53, [Carta de Filomena Augusta da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.12.18]; Caldas da Rainha.

[352] PT/NCG/AFSC/FSC/5/105, [Bilhete-postal de Mariana de Melo Ferrari para Fernando da Silva Correia], [1918.02.23]; Caldas da Rainha.

[353] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00046, [Carta de António Roque Carvalho Machado], 1918.10.08-1918.10.13; Leiria.

[354] PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/99, [Carta de F. Vieira Brito para Fernando da Silva Correia], [1918.03.07]; Coimbra.

soldados das Caldas da Rainha[355] e outros, de quem recebeu cartões de visita[356] ou guardou o registo por terem sido seus pacientes[357] de são exemplo: Manuel da Silva Pacheco[358]; José Silva Mendes[359]; José Guerreiro de Andrade[360]; A. Gonçalves Pinto[361]; Joaquim Coitinho[362]; Fernando Araújo Alegria, Delegação de Oeiras da Liga dos Combatentes da Grande Guerra[363]; Eugénio da Rocha Santos[364]; José Teodoro da Silva Santos[365]; José da Costa Nunes[366]; Álvaro Linto dos Santos[367].

Nestes últimos anos, enquanto decorria a Grande Guerra (1914-1918), Fernando da Silva Correia frequentava o curso de Medicina (1911-1917) e de Coimbra viu partir alguns estudantes para França e para África. Em *Vida errada* é referido que Alberto Aleixo – alcunhado de Galeno (parte de um dos pseudónimos de Fernando da Silva Correia) e estudante de Medicina – fora um desses casos, baixando ao hospital para evitar entrar numa Companhia de Saúde que iria para Angola pouco tempo antes de terminar o curso, "uma vez terminado o curso ele próprio então se ofereceria da melhor vontade e seguiria para onde o quisessem mandar!"

Tal facto fez transparecer a anti beligerância da obra, que foi alvo de alguns comentários feitos pelos leitores através de correspondência.

---

[355] PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/34, [Bilhete-postal de Fernando da Silva Correia para Filomena Augusta da Silva Correia], [1918.03.15]; França.

[356] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00049, [Autorização para viajar a Aire-sur-la-Lys e notas], 1918.10.22-1918.11.09; França.

[357] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00042, [Registo clínico de camaradas], 1918.08.24-1918.08.26; França.

[358] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00073, [Carta de Manuel da Silva Pacheco], 1922.01.15.

[359] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00047, [Carta de José M.(?) Silva Mendes], 1918.10.12-1918.10.19; Alcobaça. PT/NCG/AFSC/FSC/3/039, [Carta da José R. (?) Mendes para Fernando da Silva Correia], [1918.08.12-1918.08.17]; Alcobaça.

[360] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00066/002, [Carta de José Guerreiro de Andrade], [19??.03. 05]; França.

[361] PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/27, [Carta de A. Gonçalves Pinto para Fernando da Silva Correia], [1918.09.08]; Lisboa.

[362] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00100, [Carta de Joaquim Coitinho], 1948.04.04; Lisboa.

[363] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00101, [Carta de Fernando Araújo Alegria/ Delegação de Oeiras da Liga dos Combatentes da Grande Guerra], 1952.02.07 Lisboa.

[364] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00121, [Cartão de visita de Eugénio da Rocha Santos], [19??.00.00], com informação que levaria a máquina fotográfica.

[365] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00122, [Cartão de visita de José Teodoro da Silva Santos], [19??.00.00]; Leiria.

[366] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00124, [Cartão de visita de José da Costa Nunes], [19??.10.10]; Lisboa.

[367] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00094/001, [Carta de Álvaro Linto dos Santos], 1940.11.19; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00094/002, [Cartas de Álvaro Linto dos Santos], 1952.04.16-1952.09.28; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00094/003, [Carta de Álvaro Linto dos Santos], 1956.05.22; Caldas da Rainha.

> "A guerra não era popular. Na academia refletia-se essa impopularidade e a grande massa dela era ostensivamente contrária à nossa comparticipação, a não ser em África. A propaganda da nossa entrada na luta fora feita pouco hàbilmente. As pugnas políticas dos últimos tempos da Monarquia e do início da República, tinham cavado fundo abismos entre os estudantes. (…) uma atmosfera que, não sendo germanófila, no entanto era manifestamente anti-intervencionista." (Correia, 1960b, pp. 230–231).

A correspondência trocada antes da chegada a França já permite conhecer alguns dos efeitos do conflito em território nacional, como a permanência de prisioneiros alemães nos (hoje) conhecidos Pavilhões do Parque, nas Caldas da Rainha, ocupando também outros espaços da cidade, como o Hospital (Termal) ou residindo em casas por eles alugadas[368], de onde se retiraram aos poucos para outros lugares em pequeno número[369], Mafra ou Peniche, por exemplo[370]. E, mais tarde, fala-se ainda da chegada do Regimento de Infantaria 5 que se serviria do mesmo espaço[371].

> "A mobilização continuava. Luís Augusto fora também chamado e, depois de uma breve escola de oficiais milicianos, viera para Coimbra esperar, com outros camaradas, ocasião de embarcar." (Correia, 1960b, p. 253)

[368] PT/NCG/AFSC/FSC/3/037, [Carta de Carlota Filomena da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.03.20-1918.03.25]; Caldas da Rainha.

[369] PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/85, [Carta de Joaquim Manuel Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.03.07]; Caldas da Rainha.

[370] PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/56, [Carta de Joaquim Manuel Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.01.25]; Caldas da Rainha. PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/59, [Carta de Carlota Filomena da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.05.05]; Caldas da Rainha. PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/2, [Carta de Maria Luísa da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.05.07]; Caldas da Rainha. PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/60, [Carta de Carlota Filomena da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.05.12]; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/A/00002/009, [Carta de Carlota Filomena da Silva Correia], 1917.12.08; Caldas da Rainha.

[371] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00012/003, [Bilhete-postal de Filomena Augusta da Silva Correia], 1918.05.17; Caldas da Rainha. Outra correspondência sobre o caso: PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/65, [Carta de Carlota Filomena da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.03.01]; Caldas da Rainha. PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/59, [Carta de Carlota Filomena da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.05.05]; Caldas da Rainha. PT/NCG/AFSC/FSC/5/149, [Bilhete-carta de Joaquim Manuel Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.06.09]; Caldas da Rainha. Joaquim Manuel Correia menciona a tentativa de que os Pavilhões fossem cedidos ao Estado para a instalação definitiva do regimento, PT/NCG/AFSC/FSC/5/162, [Bilhete-postal de Joaquim Manuel Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.07.27]; Caldas da Rainha. PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/124, [Bilhete-carta de Maria Luísa da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.05.08]; Caldas da Rainha.

O dia do embarque, em Coimbra, é descrito em *Vida errada* (Correia, 1960b, pp. 261–266). Passados 45 anos, Fernando da Silva Correia voltou a registar esse momento no primeiro (e único) capítulo da obra *Vida nova: o romance da guerra,* intitulado "A «Licença Funerária»", em que a personagem Alberto Aleixo está em Coimbra e por lá se ressente de todas as preocupações daquele mês de dezembro de 1917, quando preparava a partida[372].

Ainda em Coimbra, Fernando da Silva Correia terá sido presente a uma junta médica e esperava garantir uma boa situação na guerra[373]. Numa breve estadia em Lisboa, antes de seguir para França, permaneceu no Hotel Francfort, tendo visitado uma última vez a família antes da partida[374] e resolvido uma errada desmobilização recebida[375].

A partida para França ocorreu a 10 de janeiro de 1918[376]. Antes desta data já tinha decorrido uma primeira fase da história do CAPI, segundo o artigo de Fernando da Silva Correia. A segunda fase incluiu a sua partida e decorreu até 15 de janeiro seguinte[377]. Através da correspondência que enviou com extremoso cuidado para informar a mãe, conhecem-se vários pormenores das viagens e dos locais onde permaneceu em França[378].

A 16 de janeiro desembarcou em Marselha[379], o pai Joaquim Manuel Correia recebera um telegrama que o indicava e cartas devolvidas do Hotel Francfort, "Agora bom será que te dêz aí bem, que resistas ao clima e que não sofras qualquer

[372] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00107, Vida nova: o romance da guerra, 1963.07.29, p. 3.
[373] PT/NCG/AFSC/FSC/6/156.
[374] PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/81, [Cartas de Carlota Filomena da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.12.13-1919.01.17]; Caldas da Rainha.
[375] PT/NCG/AFSC/FSC/3/013, [Carta de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], [1918.01.10]; Lisboa.
[376] Boletim individual de Fernando Correia da Silva do Corpo Expedicionário Português: PT-AHM-DIV-1-35A-09-2930. Houve uma troca dos apelidos do médico corrigida "pelo Diário do Governo nº 146-2ª série de 6-7-927": PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00095, [Cópia de carta de Fernando da Silva Correia para o Ministro da Guerra], 1941.08.06; Caldas da Rainha.
[377] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00088, [A Artilharia Pesada Portuguesa na Grande Guerra junto do Exército Francês], [1935.11.04-1947.11.15]; Fernando da Silva Correia e Fernando Araújo Alegria; Caldas da Rainha e Lisboa, pp. 1-3.
[378] PT/PH/AFCS/FSC/B-01/00008.
[379] PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/13, [Postal ilustrado de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], [1918.01.16]; França. PT/NCG/AFSC/FSC/3/068, [Postal ilustrado de Fernando da Silva Correia para Maria Luísa da Silva Correia], [1918.01.16]; França; Postal ilustrado com a catedral de Marselha.

consequência da guerra."[380] Daí seguiu para Paris, ficando alojado num hotel, e depois para Bailleul-sur-Thérain, instalando-se num comboio no acampamento, começando a terceira fase da ação do CAPI na sequência do desembarque e prolongando-se até 10 de abril de 1918, data em que receberam ordem de marcha para Inglaterra os 2º e 3º Grupos, mantendo-se independente apenas o 1º Grupo[381].

Durante a instrução - Bailleul-sur-Thérain, Beauvais, Chantilly – Paris, Tremblay – Mailly é o título atribuído a um dos álbuns coligidos por Fernando da Silva Correia, dando conta dos lugares onde esteve em instrução no acampamento de Bailleul-sur-Thérain, durante a terceira fase da ação do CAPI. A este parece juntar-se um outro álbum sem título, em que as semelhanças com o local de acampamento fazem crer poder atribuir-se a mesma datação. Nestes álbuns encontram-se fotografias dos comboios em que os militares do CAPI estiveram instalados, incluindo os aposentos do jovem médico, espaço que povoou de objetos mais pessoais: jornais, livros ou fotografias. Surgem imagens dos militares que pertenceriam aos 'serviços de saúde' do CAPI, todos envergando braçadeiras com uma cruz vermelha. Este foi o acampamento em que o CAPI permaneceu mais tempo, localizando-se perto de Paris (Pereira, 2012, pp. 12–14).

> "(…) ainda cá não tive mais frio do que já senti em Coimbra e ahi."[382]
>
> "Continuo a passar optimamente, estou mais gordo, não me tem doido a cabeça e a garganta tem-se dado bem com o clima (…) Tenho andado a tratar da higiene do acampamento do meu grupo"[383]
>
> "Agora ando a ler uma comedia engraçadíssima e um livro sobre a guerra."[384]

[380] PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/117, [Carta de Joaquim Manuel Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.01.17]; Caldas da Rainha.
[381] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00088, [A Artilharia Pesada Portuguesa na Grande Guerra junto do Exército Francês], [1935.11.04-1947.11.15]; Fernando da Silva Correia e Fernando Araújo Alegria; Caldas da Rainha e Lisboa, pp. 1-3.
[382] PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/91.
[383] PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/78.
[384] PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/79, [Bilhete-postal de Fernando da Silva Correia para Maria Luísa da Silva Correia], [1918.02.08]; França.

A situação descrita leva a família a duvidar da sua veracidade[385]. No acampamento, no final do mês de março, o jovem médico estava numa "excelente" situação, instalado num comboio, em que dispunha de um quarto para dormir e de um "gabinete de trabalho". Através da correspondência identificou algumas das pessoas com quem partilhava o acampamento, especialmente o seu impedido, Joaquim Caldeira Vinha[386].[387] Na sua tese de conclusão do curso de Medicina (1919), também descreveu os *vagons* onde viviam "os soldados quando foram vacinados." (Correia, 1919, p. 37). A correspondência de fevereiro e março de 1918 descreve muitas das atividades no acampamento, a vacinação do grupo não lhe deixava tempo para ler, como pensara[388]. Findas as vacinações no final de fevereiro/ início de março[389], a mãe de Fernando da Silva Correia preocupava-se com o estado de saúde das tropas de que o filho era responsável, o que é o mesmo que atender às tarefas profissionais que desempenhava, e também procurava transmitir informações pertinentes sobre as tropas portuguesas e os serviços de saúde, como a ida de enfermeiras[390] (Carvalho, 2021, p. 140).

Fernando da Silva Correia registou alguns passeios pelas zonas contíguas, por exemplo, Paris[391]. A capital francesa tornou-se um local de visita constante, que suscitou "a inveja de muitos e a maledicência de alguns."

---

[385] PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/55, [Carta de Carlota Filomena da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.02.01]; Caldas da Rainha. PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/72, [Carta de Maria Luísa da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.02.03]; Caldas da Rainha.

[386] Boletim individual de Joaquim Caldeira Vinha do Corpo Expedicionário Português: PT/AHM/DIV/1/35A/2/39/35300. O impedido sabia também coser meias e era Fernando da Silva Correia quem lhe escrevia as cartas para as madrinhas de guerra, PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/64, [Bilhete-postal de Fernando da Silva Correia para Maria Luísa da Silva Correia], [1918.02.21-1918.02.28]; França.

[387] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00010, [Carta de Fernando da Silva Correia para Carlota Filomena da Silva Correia], 1918.03.23; França.

[388] PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/64, [Bilhete-postal de Fernando da Silva Correia para Maria Luísa da Silva Correia], [1918.02.21-1918.02.28]; França. PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/90, [Bilhete-postal de Fernando da Silva Correia para Maria Luísa da Silva Correia], [1918.02.22]; França.

[389] PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/63, [Bilhete-postal de Fernando da Silva Correia para Maria Luísa da Silva Correia], [1918.02.24-1918.03.05]; França. PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/61, [Bilhete-postal de Fernando da Silva Correia para Maria Luísa da Silva Correia], [1918.03.16], França.

[390] PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/64, [Carta de Carlota Filomena da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.02.22]; Caldas da Rainha.

[391] As idas/ licenças a Paris estão identificadas em grande parte da correspondência. Uma primeira passagem terá ocorrido a 27 de janeiro de 1918 (seguida da ida para o acampamento a 29 seguinte) (PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/70, [Carta de Carlota Filomena da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.02.03]; Caldas da Rainha). A mãe Carlota rapidamente fica em cuidados com "os taes passeios a Paris…" (PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/64, [Carta de Carlota Filomena da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.02.22]; Caldas da Rainha). De março seguinte data uma carta de Américo de Oliveira, que esperara o jovem médico em Paris, estando "informado ires lá quasi todos os dias."

"Recordo os aspectos de destruição de aldeias, cidades e campos, cicatrizes (?) das batalhas ferozes (…) no Aisne…"[392]

A 16 de março, Fernando da Silva Correia participou na primeira missão do CAPI (Pereira, 2012, p. 15), como testemunha o álbum ***Na frente do Aisne, Vailly e Soupir***. Este contém fotografias do *front* e da destruição que o rodeava, nalgumas vislumbra-se a montagem de um posto de socorros nas imediações do local de fogo[393]. Os militares portugueses do CAPI foram aclamados no final do tiro através dos serviços de TSF franceses: "-Bravo, portugais!". Dessa ida ao *front* surgem algumas notícias

"Tenho a minha meza cheia de trapalhadas, recordações de terras onde houve já batalhas. De tudo se faz comércio."[394]

Terminada a missão, os membros do CAPI regressaram ao acampamento, no entanto, a 25 de março foram atingidos por uma grande ofensiva iniciada pelos "alemães" em local próximo[395]. Encontram-se fotografias dos habitantes dessa região, coincidindo com esse momento em que os militares cederam os seus lugares nos comboios aos que fugiam. O jovem médico relatou a viagem de comboio até

(PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/127, [Carta de Américo de Oliveira para Fernando da Silva Correia], [1918.03.27]; Coimbra). O que deve ser verdade, já que a irmã Maria Luísa comentou numa carta: "Saiste-nos um grande diplomata isso é que é verdade" (PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/116, [Bilhete-postal de Maria Luísa da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.03.27], Caldas da Rainha). Em abril, teve 48 horas de licença (PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00025, [Declaração de (?) do Corpo Expedicionário Português para Fernando da Silva Correia], 1918.04.26; França), que se repetiu em julho, mencionando a animação da cidade e a presença de "imensos americanos" (PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00038, [Autorização para viajar a Paris], 1918.07.19; França. PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/12, [Postal ilustrado de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], [1918.07.19]; França); assim como em novembro (PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/38, [Bilhete-postal de Maria Luísa da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.11.01]; Caldas da Rainha). Em janeiro de 1919 terá ido pela última vez a Paris (PT/NCG/AFSC/FSC/3/088-03, [Postal ilustrado de Fernando da Silva Correia para Maria Luísa da Silva Correia], [1919.01.27]; França), pelo que a mãe comenta "Não contas lá voltar tam cedo?!" (PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00043/010, [Bilhete-postal de Carlota Filomena da Silva Correia], 1919.02.07; Caldas da Rainha).

[392] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00088, [A Artilharia Pesada Portuguesa na Grande Guerra junto do Exército Francês], [1935.11.04-1947.11.15]; Fernando da Silva Correia e Fernando Araújo Alegria; Caldas da Rainha e Lisboa, pp. 8-13.

[393] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00017, [Mapas e notas], 1918.03.11-1919.04.19.

[394] PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/60, [Bilhete-postal de Fernando da Silva Correia para Maria Luísa da Silva Correia], [1918.03.14-1918.03.26]; França.

[395] PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/57, [Carta de Joaquim Manuel Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.03.30]; Caldas da Rainha.

Sommesous[396], seguiam para Mailly, mas no início de abril voltaram ao *front* em Champagne (Pereira, 2012, p. 17).

> "Ir a Aire-sur-la-Lys, a St. Omer, a Boulogne ou a Paris, à cidade emfim mais proxima, não foi motivo para de qualquer modo se desprestigiar um oficial cumpridor, desde que isso não prejudicava a sua instrução nem o denunciava do brioso cumprimento dos seus deveres."[397]

Na frente de Champagne, Em Crecques, Aire-sur-la-Lys, Boulogne e Calais integra a terceira e quarta fases da história do CAPI, em que o corpo se encontrava em Champagne (Pereira, 2012, p. 17). Nesse mês de abril, a família do jovem médico ficará numa preocupação aflitiva, a 8 de abril, já Joaquim Manuel Correia antecipava as dificuldades originadas pela ofensiva alemã[398]. O mesmo acontecia com a irmã Filomena que antecipava a falta de notícias que os perturbaria nos dias seguintes[399].

Na verdade, Fernando da Silva Correia queixava-se do mesmo e o que preocupava os familiares não se verificava no caso deste jovem médico, já que durante a ofensiva o seu grupo estava em viagem para outro lugar[400]. No dia 12 de abril, Fernando da Silva Correia terá enviado um telegrama para combater as más notícias dos jornais[401], mas este nunca chegou às Caldas da Rainha[402]. Nas cartas que ia escrevendo, mas que não chegavam à família, dava notícias de alguns camaradas que viriam de licença a Portugal e descreve o aborrecimento que representava para ele a falta de notícias dos militares do CEP, em que tinha "tantos rapazes amigos."[403]

---

[396] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00020, Relatório médico 1º Grupo do Corpo de Artilharia Pesada Independente, 1918.03.20; França. PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00022, Baileul-sur-Theráin, 1918.03.29-1918.04.14; França.
[397] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00088, [A Artilharia Pesada Portuguesa na Grande Guerra junto do Exército Francês], [1935.11.04-1947.11.15]; Fernando da Silva Correia e Fernando Araújo Alegria; Caldas da Rainha e Lisboa.
[398] PT/NCG/AFSC/FSC/5/112.
[399] PT/NCG/AFSC/FSC/5/144. PT/NCG/AFSC/FSC/5/145.
[400] PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/28.
[401] PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/52, [Bilhete-postal de Fernando da Silva Correia para Maria Luísa da Silva Correia], [1918.04.13]; França.
[402] PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/60, [Carta de Carlota Filomena da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.05.12]; Caldas da Rainha.
[403] PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/55. PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/27.

Joaquim Manuel Correia procurou incessantemente obter notícias por vários meios[404], mas só a sua carta de dia 24 o sossegou: "Foi uma vida nova que entrou em casa."[405] Em resposta a essa carta, o pai contou-lhe o que se dizia do "tal dia 9 de Abril"[406]. A verdade é que a família estivera 3 semanas sem notícias. A preocupação era tal que Maria Luísa não tocara piano nesses dias[407], em que a perspectiva geral era: "Que grande catástrofe a do C.E.P.! Tanta gente, tanta gente perdida!"[408]

Nessa altura, Fernando da Silva Correia instalava-se, provavelmente, em Mailly (Pereira, 2012, p. 17) em que se ocupava-se da elaboração de "«menús»" para a "«popotte»"[409], talvez por isso seja, por vezes, referida a sua dedicação à escolha de alimentos e à inspeção das carnes utilizadas nas refeições[410].

Após uma nova ofensiva a 27 de maio, os jornais eram "lidos com muito interesse como podes calcular"[411], pois também a partir deles se poderia saber do estado de Fernando da Silva Correia[412]. Entre as fotografias deste álbum, encontram-se as que mostram a participação na segunda missão do CAPI, a 18 de maio de 1918. Durante esta missão, Fernando da Silva Correia recebeu um louvor, que se repetiu durante o

[404] PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/29, [Bilhete-postal de Fernando da Silva Correia para Filomena Augusta da Silva Correia], [1918.05.02]; França. PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/75, [Bilhete-postal de Maria Luísa da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.04.20]; Caldas da Rainha. PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/79, [Bilhete-carta de Maria Luísa da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.04.25]; Caldas da Rainha. PT/NCG/AFSC/FSC/6/163, [Telegrama de Pereira Gomes para Joaquim Manuel Correia], 1918.05.04. PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/1, [Bilhete-postal de Maria Luísa da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.05.02]; Caldas da Rainha.

[405] PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/59, [Carta de Carlota Filomena da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.05.05]; Caldas da Rainha.

[406] Carta de 4 de maio de 1918 do Dr. Joaquim Manuel Correia para Fernanda da Silva Correia, na posse da família.

[407] PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/59, [Carta de Carlota Filomena da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.05.05]; Caldas da Rainha.

[408] PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/60, [Carta de Carlota Filomena da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.05.12]; Caldas da Rainha.

[409] PT/NCG/AFSC/FSC/3/017. PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/39.

[410] PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/107, [Bilhete-postal de Maria Luísa da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.05.23]; Caldas da Rainha. PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/76, [Bilhete-postal de Fernando da Silva Correia para Maria Luísa da Silva Correia], [1918.06.03]; França. PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/30, [Carta de Maria Luísa da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.06.02]; Caldas da Rainha.

[411] PT/NCG/AFSC/FSC/5/158, [Bilhete-postal de Filomena Augusta da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.06.09]; Caldas da Rainha.

[412] PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/89, [Carta de Carlota Filomena da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.06.07]; Caldas da Rainha.

bombardeamento de Somesous, em julho seguinte, e o desastre em St. Hilaire Le-Grand[413].

Em pouco tempo, a correspondência começa a testemunhar a vinda de Fernando da Silva Correia de licença a Portugal, já aguardada pela família e planeada pelo jovem médico desde fevereiro[414]. Em abril, a família fazia contas para a sua visita dentro de dois meses[415]. Durante a licença, esteve em Lisboa, hospedado no Hotel Francfort entre 1918.06.20-1918.06.21 e 1918.07.10-1918.07.12[416]. À saída dessa cidade, a família ficara espantada com a ausência de correspondência[417]. Ao entrar em Espanha foi-lhe passada uma *Patente personal de sanidad*, comprovativo de que não mostrava sinais da gripe pneumónica e podia viajar para França[418], no dia 14 de julho estava de passagem em San Sebastian[419], chegando ao lugar de acampamento no dia 18[420]. A ida a Portugal continuou a ser recordada, pois as irmãs mandaram vários postais de Coimbra, onde tinham ido nessa ocasião[421]. Fernando da Silva Correia ainda pensou numa nova licença a Portugal, em outubro, para a defesa da sua tese de conclusão do curso[422], mas esta não ocorreu[423].

Na sequência desta licença, Fernando da Silva Correia passou pelo Hospital de Hendaye, a 14 de julho data a "alta" assinada pelo médico-chefe do "Service Médical de

[413] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00060, [Louvor a Fernando da Silva Correia], 1919.03.05; França.
[414] PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/123, [Bilhete-carta de Maria Luísa da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.02.10]; Caldas da Rainha.
[415] PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/104, [Bilhete-postal de Maria Luísa da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.04.14]; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00012/003, [Bilhete-postal de Filomena Augusta da Silva Correia], 1918.05.17; Caldas da Rainha.
[416] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00031, [Faturas do Hotel Francfort], 1918.06.20-1918.07.12.
[417] PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/31, [Postal ilustrado de Maria Luísa da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.07.13]; Caldas da Rainha.
[418] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00036, Patente personal de sanidad, 1918.07.13; Espanha.
[419] PT/NCG/AFSC/FSC/3/078, [Postal ilustrado de Fernando da Silva Correia para Maria Luísa da Silva Correia], [1918.07.14]; Espanha.
[420] PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/98, [Bilhete-postal de Fernando da Silva Correia para Filomena Augusta da Silva Correia], [1918.07.18]; França.
[421] PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/46, [Postal ilustrado de Filomena Augusta da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.07.29]; Caldas da Rainha.
PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/11, [Postal ilustrado de Maria Luísa da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.08.11]; Caldas da Rainha.
[422] Terminara a escrita da tese em setembro, PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/66, [Bilhete-postal de Fernando da Silva Correia para Maria Luísa da Silva Correia], [1918.09.18]; França.
[423] PT/NCG/AFSC/FSC/5/151, [Carta de Maria Luísa da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.08.03]; Caldas da Rainha.

Prophylaxie d'Hendaye", de onde seguiria para o Campo de Mailly[424]. Bernardo Viera Ribeiro escreveu-lhe a 21 de junho: "lastimo que tenhas estado doente", este comentário sucedia o envio de dois postais do amigo, um deles de Hendaye[425].

Regressado a França, Fernando da Silva Correia volta às atividades habituais, dedicando o mês de agosto a uma licença pelo país e a terminar a sua tese, nos meses seguintes descreve a retirada alemã e, entre outras tarefas, os trabalhos nas vias férreas[426]. É possível afirmar que, a partir de outubro, se encontrava próximo dos militares que, em Suippes e St. Martin L'Heureux, trabalhavam na construção de linhas férreas (Pereira, 2012, pp. 17–18), tendo Fernando da Silva Correia acompanhado estes trabalhos, sobre os quais escreveu em 1926. A 16 de novembro, o CAPI alojou-se em Crecques (Pereira, 2012, pp. 18–19)[427], o referido álbum atesta parte das quinta - até 11 de novembro de 1918, compreendendo o período em é constituído um "Destacamento de Trabalhadores portugueses" para a reconstrução de linhas férreas em Suippes – e a sexta - terminou a 30 de novembro, quando o 1º Grupo recebeu o nome Grupo de Artilharia Pesada, integrando a 2ª Divisão do CEP (Pereira, 2012, p. 77) – fases da ação do CAPI.

Em março de 1919, Fernando da Silva Correia terá regressado a Aire-sur-la-Lys, de onde envia postais para a família[428].

O álbum ***Lourdes, Cauterets, Pau, Bordeaux*** integra a quinta fase, surgindo como um testemunho das visitas que o jovem médico realizou durante um período de licença de 8 dias em agosto de 1918. Um dos conselhos do pai foi

[424] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00037, [Declaração de tratamento no Service Médical de Prophylaxie d'Hendaye], 1918.07.14; França; esteve em tratamento 12 dias (antes da licença em casa, onde chegou doente?) e foi praticado o despiolhamento, provinha de Lisboa e seguia para o Campo de Maily.
[425] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00030/002, [Carta-envelope de Bernardo Vieira Ribeiro para Fernando da Silva Correia], 1918.06.21-1918.07.17; França.
[426] PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/82. PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/16. PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/66. PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/86. PT/NCG/AFSC/FSC/3/075. PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/21. PT/NCG/AFSC/FSC/13/001. PT/NCG/AFSC/FSC/13/001.
[427] Inicialmente a correspondência enviada para Fernando da Silva Correia era remetida para Paris e a partir deste momento a morada altera-se para Crecques.
[428] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00014/041, [Carta de Joaquim Manuel Correia], 1919.03.29; Caldas da Rainha.

"Vê e estuda ahi, aproveita o tempo vesitando terras e hospitais, onde podes instruir-te, unindo o útil ao agradável nessa sociedade mais pacata do que esta [uma menção à instabilidade política nacional]."[429]

Destes lugares, especialmente Lourdes[430], seguiram fotografias e *souvenirs*[431]. A visita a Cauterets (junto aos Pirenéus) acabou por ser uma visita de estudo, que serviu para despertar no jovem médico um maior interesse pela hidrologia. A 25 de junho de 1919, publicaria "Tratamento pelas aguas das Caldas nos atacados por gazes asfixiantes" n'*O Círculo das Caldas*, em que deu conta dos seus conhecimentos sobre os efeitos desses gases, assim como sobre os tratamentos administrados aos gaseados na estância que visitara um ano antes. O seu objetivo, com esse artigo, era, conhecendo as semelhanças existentes entre as águas de ambas as estância, "chamar a atenção dos gazeados do C.E.P., (…) [que] poderão aproveitar com um tratamento cuidado nas Caldas."[432]

O álbum ***Côte d'Azur, Cherbourg, Volta a Portugal*** integra as últimas duas fases da história do CAPI, que decorrem até maio de 1919, ou seja, até ao regresso dos militares a Portugal[433].

"A grande noticia agora é a paz."[434] Fernando da Silva Correia tomou parte nas festas ao presidente Wilson "que foram d'um entusiasmo louco."[435]

[429] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00014/030, [Bilhete-postal de Joaquim Manuel Correia], 1919.02.03; Caldas da Rainha.
[430] PT/NCG/AFSC/FSC/3/077, [Postal ilustrado de Fernando da Silva Correia para Maria Luísa da Silva Correia], [1918.08.08]; França.
[431] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00043/001, [Carta de Carlota Filomena da Silva Correia], 1918.09.04, Caldas da Rainha. PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/25, [Carta de Maria Luísa da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.09.08]; Caldas da Rainha.
[432] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00068, Tratamento pelas aguas das Caldas nos atacados por gazes asfixiantes durante a guerra, 1919.06.20-1919.06.25; Fernando da Silva Correia; Caldas da Rainha; artigo publicado no jornal *O Círculo das Caldas*.
[433] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00088, [A Artilharia Pesada Portuguesa na Grande Guerra junto do Exército Francês], [1935.11.04-1947.11.15]; Fernando da Silva Correia e Fernando Araújo Alegria; Caldas da Rainha e Lisboa, pp. 1-3.
[434] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00014/009, [Bilhete-postal de Joaquim Manuel Correia], 1918.10.16; Caldas da Rainha. PT/NCG/AFSC/FSC/5/156, [Carta de Filomena Augusta da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.10.14]; Caldas da Rainha. PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/44, [Bilhete-postal de Maria Luísa da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.10.29]; Caldas da Rainha.
[435] Tinha ido ao teatro na noite anterior, PT/NCG/AFSC/FSC/3/071, [Postal ilustrado de Fernando da Silva Correia para Maria Luísa da Silva Correia], [1918.12.15]; França.

A notícia do armistício fora recebida pela família com tal entusiasmo que Maria Luísa quase caíra das escadas[436]. Por essa altura, Fernando da Silva Correia estava de viagem, encontrando, nas duas paragens – uma delas terá sido no Havre[437] -, os condiscípulos Carlos de Figueiredo e António de Sousa Gomes[438]. A viagem tê-lo-á levado, como já foi mencionado, para Crecques, onde esteve um mês sem notícias, mas perto dos camaradas mencionados e de Bernardo Vieira Ribeiro[439]. "Estarás outra vez em Crecques, feito João Semana?"[440] Esta referência à personagem de Júlio Dinis ajuda a atestar a vida campestre, que o terá levado a aplicar os seus conhecimentos médicos no tratamento de doentes civis nas várias localidades em que esteve. O próprio comparou esses serviços com os que administrava aos habitantes das zonas rurais das Caldas da Rainha.[441]

A família, especialmente a mãe, ficou satisfeita por saber que iria passar o Natal com amigos[442]. É possível determinar que este fez algumas viagens em licença entre o final de 1918 e em 1919. Em dezembro[443], nos dias 17 e 18 esteve em Nice e Canes, respetivamente, de onde mandou postais para casa[444] e no dia 19 esteve no Mónaco[445].

[436] PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/77, [Carta de Carlota Filomena da Silva Correia e Filomena Augusta da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.11.08]; Caldas da Rainha.
[437] PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/11, [Postal ilustrado de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], [1918.11.20]; França.
[438] PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/105, [Bilhete-postal de Fernando da Silva Correia para Filomena Augusta da Silva Correia], [1918.10.25]; França.
[439] PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/11, [Postal ilustrado de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], [1918.11.20]; França. PT/NCG/AFSC/FSC/3/074, [Postal ilustrado de Fernando da Silva Correia para Maria Luísa da Silva Correia], [1918.11.21]; França. Permaneciam no mesmo local em dezembro, PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/87, [Bilhete-postal de Fernando da Silva Correia para Maria Luísa da Silva Correia], [1918.12.02]; França.
[440] PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/93, [Carta de Carlota Filomena da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.12.30]; Caldas da Rainha.
[441] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00043/008, [Bilhete-postal de Carlota Filomena da Silva Correia], 1918.12.14; Caldas da Rainha.
[442] PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/81, [Cartas de Carlota Filomena da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.12.13-1919.01.17]; Caldas da Rainha.
[443] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00014/019, [Bilhete-postal de Joaquim Manuel Correia], 1918.12.27; Caldas da Rainha.
[444] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00013/020, [Bilhete-postal de Joaquim Manuel Correia], 1918.12.29; Caldas da Rainha.
[445] PT/NCG/AFSC/FSC/3/069, [Postal ilustrado de Fernando da Silva Correia para Maria Luísa da Silva Correia], [1918.12.19]; Mónaco. PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00007, [Três pequenos blocos de notas], 1918.01.10-1919.11.18, contém bilhetes para o Casino Municipal de Nice, de comboio e outros. PT/NCG/AFSC/FSC/3/015, [Postal ilustrado de Fernando da Silva Correia para Filomena Augusta da Silva Correia], [1918.12.20-1918.12.26]; França.

No final de janeiro teve uma licença de dez dias[446], esteve em Paris e no dia 24 de janeiro, em Nantes[447], localidade de origem de duas das suas madrinhas de guerra[448].

A família estava especialmente ansiosa pelo regresso de Fernando da Silva Correia, depois do Natal[449] esperavam-no todos os meses e em todos os barcos que chegavam ao país[450]. O jovem médico procurou não criar falsas expectativas, pois esperava que o seu corpo fosse dos últimos a sair de França[451]. O pai Joaquim começava também a preparar o filho para a entrada na vida ativa, dando conta das possibilidades que se abriam relativamente a uma carreira como médico militar[452]. Tanto a família, como Fernando da Silva Correia recordam quase em simultâneo a partida para França no ano anterior[453]. Em abril de 1919, Fernando da Silva Correia já se encontrava em Cherbourg[454], instalado com uma família[455], daí envia "uma scena das aldeias d'esta região."[456] A viagem de regresso a Portugal só se concretizou a 14 de maio de 1919.

Um último álbum ***Marraines de guerre*** foi dedicado às madrinhas, que, entre 1918 e 1922, mantiveram contacto com o seu "Filleul" através de cartas, postais, fotografias e pequenas lembranças[457]. Nesse álbum estarão fotografias de Blanche Domillien, Clarys Triadou (ambas de Paris) e Jeanne Lecovillard de Nantes. Além das madrinhas francesas,

---

[446] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00057, Licença e ordem de movimento, 1919.01.20-1919.01.24; França.

[447] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00043/011, [Carta de Carlota Filomena da Silva Correia], 1918.02.14; Caldas da Rainha. PT/NCG/AFSC/FSC/3/088-01, [Postal ilustrado de Fernando da Silva Correia para Maria Luísa da Silva Correia], [1919.01.22]; França. PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/9, [Postal ilustrado de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], [1919.01.23]; França.

[448] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00014/029, [Bilhete-postal de Joaquim Manuel Correia], 1919.01.30; Caldas da Rainha.

[449] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00014/017, [Bilhete-postal de Joaquim Manuel Correia], 1918.12.23; Caldas da Rainha.

[450] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00014/039, [Bilhete-postal de Joaquim Manuel Correia], 1919.03.18; Caldas da Rainha.

[451] PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/24, [Carta de Fernando da Silva Correia para Filomena Augusta da Silva Correia], [1919.02.15]; França.

[452] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00014/042, [Bilhete-postal de Joaquim Manuel Correia], 1919.04.01.

[453] PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/95, [Carta de Carlota Filomena da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1919.01.04]; Caldas da Rainha. PT/NCG/AFSC/FSC/3/031, [Postal ilustrado de Fernando da Silva Correia para Joaquim Manuel Correia], [1919.01.09]; França.

[454] PT/NCG/AFSC/FSC/3/088-08, [Postal ilustrado de Fernando da Silva Correia para Maria Luísa da Silva Correia], [1919.04.14]; França.

[455] PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/62, [Carta de Carlota Filomena da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.12.20]; Caldas da Rainha.

[456] PT/NCG/AFSC/FSC/3/088-09. PT/NCG/AFSC/FSC/3/088-11. PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/6 [Postal ilustrado de Fernando da Silva Correia para Maria Luísa da Silva Correia], [1919.04.14]; França.

[457] Algumas das cartas podem ser lidas no original e com tradução em (AA.VV., 2018, pp. 46–48).

Sofia Leitão, filha do médico e lente de Coimbra Artur de Azevedo Leitão, tornou-se madrinha deste jovem médico; após a viagem a Lourdes, o afilhado pediu às irmãs que lhe remetessem um dos terços que aí adquiriu[458]. Esta madrinha dava conta dos acontecimentos de Coimbra ou até da assistência aos mutilados da guerra[459]. A família estava, portanto, a par da existência destas madrinhas[460], preocupando-se se cumpriam "a sua obrigação"[461].

Regressado a Portugal, Fernando da Silva Correia fez-se sócio ordinário nº 18 da Subagência da Liga dos Combatentes da Grande Guerra das Caldas da Rainha e tendo o número 12068/2º na Agência de Lisboa para a qual foi transferido em 1957[462] e mantendo contacto com esta associação durante toda a vida. De tal forma que, Daniel Rodrigues de Sousa, general e presidente da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, em 1940, após a demissão do major Artur Celestino Sangreman Henriques, o convida para o lugar de presidente da Subagência da Liga dos Combatentes nas Caldas da Rainha, o que Fernando da Silva Correia recusa[463].

A relação com a Liga dos Combatentes[464], permitirá que mantenha contacto com Hernâni António Cidade, apoiando vários antigos militares e camaradas que necessitavam da ajuda dessa organização[465]; Francisca Craveiro Lopes Ferreira Martins,

[458] PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/70, [Bilhete-postal de Fernando da Silva Correia para Maria Luísa da Silva Correia], [1918.09.03-1918.09.24]; França. PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/47, [Carta de Sofia Leitão para Fernando da Silva Correia], [1918.09.13]; Coimbra.

[459] PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/46, [Carta de Sofia Leitão para Fernando da Silva Correia], [1918.06.11]; Coimbra. PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00004, [Carta de Sofia Leitão], 1917.12.29; Coimbra. PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/45, [Bilhete-postal de Sofia Leitão para Fernando da Silva Correia], [1918.11.02]. PT/NCG/AFSC/FSC/1/2/48, [Carta de Sofia Leitão para Fernando da Silva Correia], [1919.01.02]; Coimbra.

[460] PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/91, [Carta de Maria Luísa da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.02.03]; Caldas da Rainha.

[461] PT/NCG/AFSC/FSC/5/173, [Bilhete-postal de Filomena Augusta da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1918.02.19]; Caldas da Rainha.

[462] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00077, Cartão de identidade da Liga dos combatentes da Grande Guerra, 1925.05.16; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00081, Cartão de identidade da Liga dos combatentes da Grande Guerra, 1929.01.01; Caldas da Rainha. Processo número 13831 de Fernando da Silva Correia do Arquivo da Liga dos Combatentes.

[463] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00093, [Ofícios de Daniel Rodrigues de Sousa/ Liga dos Combatentes da Grande Guerra], 1940.05.08-1940.05.27; Lisboa.

[464] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00087, [Circular de Luís Augusto Ferreira Martins, Henrique Pires Monteiro e Hernâni António Cidade/ Liga dos Combatentes da Grande Guerra], 1935.10.15; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00106, [Bilhete-postal de Carlos Dias, Manuel Maria Brandão e Manuel Apolinário da Cunha/ Liga dos Combatentes da Grande Guerra], 1960.03.28; Lisboa.

[465] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00083/001, [Bilhete de Hernâni António Cidade/ Liga dos Combatentes da Grande Guerra], 1932.01.15; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00083/002, [Correspondência de Hernâni António/ Liga dos Combatentes da Grande Guerra], 1932.11.30-1934.05.29; Lisboa.

secretária da Secção Portuguesa da *Fédération Interalliée Des Anciens Combattants Auxiliar*[466]; Jaime de Faria Afonso, secretário geral da Liga, que o convida para várias confraternizações entre 1956 e 1965[467]; ou Christian de Caters e Olivier Stetten-Bernard, Amizade Franco-portuguesa, informações para se tornar sócio[468]. Segundo o seu processo no Arquivo da Liga dos Combatentes, pagou quotas até 1960 e foi também convidado para o Natal do Combatente (1958)[469].

Na *Gazeta das Caldas*, Fernando da Silva Correia assinalou os 8 anos da Batalha da La Lys através de uma homenagem aos militares portugueses que haviam, como ele, participado na Grande Guerra. A notícia mostrava como nesse dia estes "excederam por vezes o que é humano exigir-se". Para o autor, era necessário "comemorar" a batalha em que o Capitão Roma, o Capelão Padre Lopes de Melo, o tenente médico António Zúquete e "tantos e tantos outros heróis houve". Na tentativa de homenagear os antigos combatentes caldenses, acrescenta "(…) o seu esforço, modesto e obscuro, foi desinteressado e digno, com os olhos postos na Patria." E elogia a ação do "modesto capataz de manobras da estação do Caminho de Ferro, Francisco Sertorio dos Santos", que incumbido de "reconstruir uma linha férrea", trabalhou ininterrompidamente, enquanto "as granadas inimigas destruíram mais duma vez o seu trabalho"[470].

A 21 de setembro de 1936, Fernando da Silva Correia pediu à 2ª Companhia de Saúde uma "certidão do tempo em que prestou serviço militar", correspondendo a "um ano e cento e trinta e seis dias" de serviço em campanha[471].

---

[466] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00089, [Carta de Francisca Craveiro Lopes Ferreira Martins/ Secção Portuguesa da FIDAC Auxiliar], 1936.01.20-1936.01.30; Lisboa.

[467] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00097/002, [Postais de João Jaime de Faria Afonso/ Liga dos combatentes da Grande Guerra], 1953.07.17-1959.12.18; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00097/003, [Postal de João Jaime de Faria Afonso], 1965.06.14; Lisboa.

[468] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00104, [Carta de Christian de Caters e Olivier Stetten-Bernard], 1955.11.21; Lisboa.

[469] Processo número 13831 de Fernando da Silva Correia do Arquivo da Liga dos Combatentes.

[470] *Gazeta das Caldas*, 27 de 1926.04.09, p. 5.

[471] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00079, [Correspondência de Fernando da Silva Correia para o Comandante da 2.ª Companhia de Saúde e Modesto Teixeira], 1928.06.14-1936.09.24; Fernando da Silva Correia e Modesto Teixeira; Caldas da Rainha e Coimbra.

Pelo menos, em 1947[472], a 25 de outubro de 1950 e a 21 de março de 1959[473] participou em confraternizações do CAPI.

Enquanto viveu nas Caldas da Rainha, Fernando da Silva Correia manteve contacto com o Regimento de Infantaria 5, sendo convidado a integrar os serviços médicos da unidade, o que não aceitou[474].

2.3. "Assistente da rainha D. Leonor": saúde, desenvolvimento e História nas Caldas da Rainha

> "Sentíamo-nos muito envaidecidos do nosso papel. Éramos a lei: a lei que tinha um poder ilimitado, na vila ou na aldeola mais gentia, e que pela primeira vez, sob o capote da minha profissão, me impunha uma dignidade oficial." (Namora, sem data, p. 36)

O médico Américo Cortês Pinto, numa nota de apresentação de Fernando da Silva Correia, em 1951, não deixou de recordar a sua atividade na condução da assistência na vila/ cidade das Caldas da Rainha, enquanto médico municipal, sub e delegado de saúde, chamando-lhe "assistente da rainha D. Leonor" (Correia & Pinto, 1951, p. 12). Apesar de algumas complicações e até zangas que esta terá produzido[475],

[472] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00099, [1.ª Reunião de Confraternização dos Antigos Combatentes do CAPI em França], [1947.05.13-1947.12.02]; Fernando da Silva Correia e Fernando Araújo Alegria; Lisboa.

[473] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00105, [Ementa do Jantar de confraternização entre combatentes belgas, franceses, ingleses e portugueses na sede da Liga dos Combatentes da Grande Guerra], 1959.03.21; Lisboa.

[474] PT/PH/AFSC/FSC/B-01/00070, [Carta de Joaquim de Almeida Lopes/ Regimento de Infantaria número 5], 1919.10.20, Caldas da Rainha.

[475] A título de exemplo, em 1931, Fernando da Silva Correia recebeu uma ameaça de bomba, segundo Joaquim Pereira do Bombarral, a ameaça vinha do descontentamento provocado junto dos comerciantes locais pela solicitação do delegado de saúde para que contribuíssem para a assistência aos pobres, considerada por estes um roubo. Segundo Isidro Monzó, o atentado chegou mesmo a verificar-se, mas o médico ficou bem. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00553, [Carta de Joaquim Pereira], 1931.04.16; Leiria. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00578, [Cartões de visita de Isidro Monzó], 1931.07.11; Porto.
Este caso, acompanhado do de António Fragueiro terão contribuído para que Fernando da Silva Correia procurasse outras ocupações profissionais, como se acompanhará no próximo subcapítulo. Imerso em muita dúvida, o "Crime das Águas Santas", como ficou conhecido, no que refere a este médico interessa somente pela necessidade provar que este fora idóneo na inspeção do acusado, garantindo a imprevisibilidade do seu falecimento, ocorrido numa deslocação a Lisboa. Após este desfecho, dado o mediatismo que o condenado tinha conseguido, Fernando da Silva Correia recebeu uma carta anónima em que o acusavam da sua morte. "Julgamento". *Gazeta das Caldas*, 63, 1927.04.03, p. 2. Sousa Monteiro – "Uma peça importante o crime das Águas Santas", *Gazeta das Caldas*, 106, 1928.01.29, pp. 1-2.

tal não abalou por completo o interesse deste médico pela localidade, que se manteve um dos assuntos principais da sua investigação, mesmo que, ainda hoje, exista um quase desconhecimento da sua atividade local[476].

A partir da documentação preservada e do discurso utilizado pelos vários correspondentes de Fernando da Silva Correia, é possível aprofundar o seu papel na região das Caldas da Rainha. Conhecem-se assim melhor um leque de novas instituições e iniciativas que representaram, nas décadas de 1920 e 1930, um esforço em prol da assistência, assim como contribuíram para o desenvolvimento da vila numa larga escala, que culminou com a sua elevação a cidade em 1927, num processo que os historiadores locais contam ter iniciado 50 anos antes (Serra, 1991, p. 133) (Serra, 2003, pp. 419–431). Esta análise é também favorecida pela aliança entre o património documental deste médico e um conjunto de outras fontes, com destaque para o periódico (quase centenário) *Gazeta das Caldas*[477] e a documentação referente à primeira organização do AHMCR[478].

No contexto mais pessoal, regressado às Caldas da Rainha, Fernando da Silva Correia retornou à casa de família e, só em 1924, começou a dar conta da intenção de se casar com Mariana Benedita Ferrari de Melo (1895-1943)[479]. É possível identificar a

PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00386, [Promoção lançada no processo contra os arguidos Benigno dos Santos e Joaquina Maria], 1929.08.10; Sousa Monteiro; Caldas da Rainha]. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00385, [Caso de António Fragueiro], 1928.04.06-1928.04.09, 3 cartas. O caso foi mencionado no número 419 do Ano 2 do jornal *A Voz* de 1928.04.06, p. 6, PT/PH/AFSC/FSC/D/001/00024; Caldas da Rainha.

[476] E apesar dos esforços envidados pelo Professor João B. Serra e o médico Mário Gonçalves não foi possível atribuir o seu nome ao Hospital distrital em 1992.

[477] A *Gazeta das Caldas* está disponível para consulta na Hemeroteca do Arquivo Distrital de Leiria, disponível em: https://digitarq.adlra.arquivos.pt/details?id=1260014 [Consult. 29 de abril de 2021].
A *Gazeta das Caldas* noticiou também as ausências de Fernando da Silva Correia - esteve em Viseu com a esposa no início de dezembro de 1925; em Pavia em abril de 1926; em Lisboa por ocasião da doença da sogra em 1928 e em Alvorninha na quinta de Vale formoso em outubro de 1927, *Gazeta das Caldas*, 10, 1925.12.13, p. 5; 27, 1926.04.09, p. 4; 28, 1926.04.18, p. 4; 70, 1927.05.22, p. 3; 71, 1927.05.29, p. 2; 63, 1927.04.03, p. 5; 102, 1928.01.01, p. 5; 92, 1927.10.23, p. 5; 93, 1927.10.29, p. 5; 144, 1928.10.21, p. 5; 146. 1928.11.03, p. 5; 353, 1932.11.13, p. 5. Esteve doente em março de 1926, fevereiro de 1927 e março de 1929, *Gazeta das Caldas*, 24, 1926.03.21, p. 5; 56, 1927.02.13, p. 2; 165, 1929.03.17, p. 5; 394, 1933.08.26, p. 5; 396, 1933.09.10, p. 4. E, a partir de 1930, partilhava telefone com Manuel Ferrari de Melo, *Gazeta das Caldas*, 238, 1930.08.17, p. 3. Sabe-se que já na década de 1920, iria com frequência a Lisboa[477]. Neste período obteve carta de condução de automóveis, PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00154, [Documentos pessoais], 1920.10.30-1950.08.00.

[478] Assunto que será abordado num breve artigo de homenagem ao Professor João B. Serra, "Não há história sem arquivos" In *Tu fazes parte: testemunhos de homenagem a João B. Serra*. Tinta da China. 2025.

[479] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00143/003, [Carta de Bernardo Vieira Ribeiro], 1924.10.05.

manutenção da sua biblioteca através da aquisição de livros ou da subscrição de revistas científicas (assim como outros periódicos ou diários) e porque houve necessidade de preparar a sua casa[480] (após casamento na Rua Sebastião de Lima) para guardar esses livros[481]. É provável que este período de trabalho mais consistente e de investigação tenha promovido o interesse em reunir obras, notando-se uma queda particular para o colecionismo, como atesta a existência de obras do século XVI aquando do leilão da sua biblioteca. Neste período subscrevia a *Seara Nova*[482], *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, *República*, *Lisboa Médica*, *Notícias Farmacêuticas*, *Imprensa Médica* e *Athena*[483]. Era sócio 927 da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa e da Liga Portuguesa de Profilaxia Social[484] e, nas Caldas da Rainha, da Associação de Socorros Mútuos Rainha D. Leonor, da Conferência de S. Vicente de Paulo e dos Bombeiros Voluntários[485].

Provavelmente também influenciado pela sua primeira esposa, Mariana, desenvolveu um ex-libris – fazendo um estudo de várias opções que remetem para os símbolos utilizados pela rainha D. Leonor – pelicano -, com a inscrição latina *VBIQVE.BONUM.QUÆRITO* - "Por toda a parte procuro sem cessar o bem"[486]. Por ocasião de uma exposição de ex-libris na Imprensa Nacional de Lisboa, Fernando da Silva Correia explica na *Gazeta das Caldas* que "o gosto pelos ex-libris" tinha sido trazido para

[480] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00169, [Gestão patrimonial das habitações nas Caldas da Rainha e em Lisboa], 1921.05.13-1945.09.01; Caldas da Rainha e Lisboa.
[481] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00444, [Correspondência de Joaquim C. de Freitas e Maria Emília Miranda], 1929.07.03-1930.04.16.
[482] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00779, [Circulares da Seara Nova], 1934.01.24.1937.03.16, 2 cartas; Lisboa.
[483] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00138, [Comprovativos do pagamento de quotas], [1920.04.00-1960.04.00]; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00264, [Comprovativos de pagamento da assinatura de periódicos científicos], 1925.01.07-1945.04.01; Coimbra e Lisboa.
[484] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00138, [Comprovativos do pagamento de quotas], [1920.04.00-1960.04.00]; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00008/002, [Carta de António Emílio de Magalhães e Cândido Henrique Gil da Costa/ Liga Portuguesa de Profilaxia Social], 1938.08.12; Porto.
[485] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00138, [Comprovativos do pagamento de quotas], [1920.04.00-1960.04.00]; Caldas da Rainha.
[486] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00843, [Ex-libris de Fernando da Silva Correia], [19??.00.00]. O ex-libris foi publicado na revista *Arquivo de documentos históricos*, PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00641, [Carta de Alberto de Gusmão Navarro/ Arquivo de documentos históricos], 1932.04.14-1932.04.27, 2 cartas; Lisboa. Pessoas que receberam o ex-libris: Rafael Salinas Calado. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00674/002, [Bilhete postal de José Salinas Calado], 1933.04.02; Coimbra.

a cidade por Alfredo Kennedy Falcão[487]. A sua vertente de colecionador estendia-se também a obras de arte[488].

A. "A minha grande satisfação não é dinheiro - é curar os meus doentes."

Antes de estabelecer consultório[489] nas Caldas da Rainha[490] (Correia, 1938a, p. 4), Fernando da Silva Correia contactara com Artur de Azevedo Leitão, discutindo a possibilidade de se estabelecer num consultório na Mealhada[491], hipótese gorada e, em 1920, este professor felicitaria o jovem médico "pela sua definitiva instalação na vida de clinico de odontologia"[492]. Recebe felicitações de António Sousa Gomes, ainda em França[493] e de Bernardo Vieira Ribeiro[494]. Igualmente interessante é a carta em que Artur de Azevedo Leitão, em dezembro de 1920, dá conta da intenção de Fernando da Silva Correia de sair do país, para exercer clínica em África[495]. Afigura-se ainda a possibilidade de querer um lugar no partido médico de Loulé, antes de se estabelecer definitivamente nas Caldas da Rainha[496].

---

[487] *Gazeta das Caldas*, 91, 1927.10.16, p. 8.

[488] Pretendia adquirir dois quadros num Salão de arte caldense, PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00197/004, [Carta de António Montês/ Gazeta das Caldas], 1929.10.02; Caldas da Rainha. Nicolau Anastácio Bettencourt solicitou a sua ajuda para a aquisição de uma peça ao miniaturista Francisco Elias, PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00559/002, [Correspondência de Nicolau Anastácio Bettencourt/ Instituto Bacteriológico Câmara Pestana]1931.10.17-1934.02.02; Lisboa. Rafael Salinas Calado pede ajuda para identificar louça das Caldas, PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00091/001, [Carta de Rafael Salinas Calado/ Biblioteca Municipal de Torres Vedras], 1934.12.04-1934.12.05; Lisboa.

[489] O título deste ponto tem origem na seguinte carta: PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00224/003, [Correspondência de Ângelo Rodrigues da Fonseca], 1924.09.06.

[490] O consultório foi, inicialmente, na casa de família, ainda propriedade da família Correia, na Rua Rafael Bordalo Pinheiro, números 22/24. Este começou a ser preparado quando o jovem médico estava ainda em França, PT/NCG/AFSC/FSC/1/8/5, [Carta de Filomena Augusta da Silva Correia para Fernando da Silva Correia], [1919.01.20]; Caldas da Rainha. No entanto, o arquivo pessoal e familiar atesta também a existência de um consultório na Rua Machado Santos, número 111, PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00833, [Notas sobre o estado de saúde de bombeiro], [19??.00.00]; Caldas da Rainha. Daí mudando para a Rua Sebastião de Lima, número 32, em novembro de 1929, *Gazeta das Caldas*, 200, 1929.11.17, p. 8. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00144, [Alvará de licença/Comprovativo de pagamento do imposto para tabuletas no edifício], 1920.04.23-1939.06.05; Caldas da Rainha.

[491] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00125/001.

[492] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00125/002.

[493] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00132/003.

[494] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00143/001.

[495] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00125/003.

[496] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00147, [Carta de Eduardo Rafael Pinto], 1920.06.25-1920.06.27; Faro.

A partir da década de 1920 e, praticamente, durante toda a vida, Fernando da Silva Correia é requisitado para o acompanhamento de doentes. Um dos primeiros casos documentados é o do amigo Tello de Azevedo Gomes, que, estando em Macau, solicita o acompanhamento do pai[497]. Neste âmbito, e especialmente até há década de 1940 – em que exerce clínica, é procurado por colegas de profissão, à semelhança do que o próprio fazia, trocavam opiniões sobre os tratamentos efetuados/ a efetuar e os casos clínicos cujo tratamento era partilhado. Alguns dos médicos com quem Fernando da Silva Correia correspondeu foram Armando da Cunha Narciso[498] sobre alguns casos de loucura e histeria[499]; Geraldino da Silva Baltazar Brites[500], Carlos Pinto da Cruz e Melo[501], Carlos Ary dos Santos[502], Ilídio Elias da Costa[503], Rafael da Cunha Franco[504] ou Alberto Carrasco Guerra[505]. Entre a correspondência com os médicos é possível identificar algumas doenças que careciam de tratamento: tuberculose, casos tratados com José de Almeida do Sanatório Marítimo de Carcavelos da Assistência Nacional aos Tuberculosos[506]; o condiscípulo, Luís José Roque Ferreira de Carvalho Machado[507], "Muito obrigado meu caro Fernando Correia, por todas as suas atenções. Se o meu nome começa a ser conhecido nas Caldas, só a uma pessoa o devo: - é a si!"[508] Acrescenta-se o contacto com Amândio Paul do Sanatório Sousa Martins na Guarda[509].

Pela correspondência trocada, afigura-se que a oftalmologia se tornou uma das áreas em que a ação de Fernando da Silva Correia foi mais significativa. Destaca-se neste âmbito a correspondência trocada com Mário Moutinho[510], médico oftalmologista, com atividade em Lisboa, mas que frequentava as Caldas da Rainha[511], onde acompanhava

[497] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00135/004.
[498] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00140/004.
[499] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00140/001.
[500] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00294/001.
[501] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00315.
[502] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00390.
[503] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00435.
[504] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00727.
[505] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00880.
[506] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00136.
[507] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00179/003 e PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00179/004.
[508] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00179/004.
[509] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00194/001.
[510] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00195/001. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00195/002 a PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00195/015.
[511] "Uma carta do Dr. Mário Moutinho" *Gazeta das Caldas*, 671 de 17/05/1939, p. 1. Em que o médico fala sobre a sua relação com as Caldas da Rainha, na sequência de uma solicitação do diretor da *Gazeta,* António V. França Borges, para a elaboração de um texto a figurar na edição especial de abertura da época

doentes. A título de exemplo, Fernando da Silva Correia registou o número de doentes consultados em agosto de 1925 – 448 - 195 de clínica geral e 41 casos de oftalmologia, sendo que nesse ano consultou um total de 352 casos de oftalmologia[512]. Já em 1934, uma carta de Joaquím Cusí Furtunet dos Laboratorios del Norte de España demonstra igualmente o peso desta especialidade na atividade de Fernando da Silva Correia, já que este médico lhe envia uma obra, *La guede d'oculistique,* para a qual se pretendia reunir testemunhos de oftalmologistas[513].

Além dos médicos, existem, claro, alguns contactos dos próprios doentes ou outros com estes relacionados[514] e alguns destes publicaram agradecimentos pelos tratamentos médicos prestados[515].

B. "Os homens de sciência tem um feito" – a ação dos delegados de saúde

"Os homens de sciência tem um feito, e n'essa luta muitas vezes, sofrem as lutas entre o dever e desigualdade de opiniões. N'este caso é só o bem a realizar, o resto o tempo demonstrará."[516]

Ainda em 1919, Fernando da Silva Correia concluiu a especialidade de Medicina Sanitária em Coimbra[517], requerida para o desempenho de funções como subdelegado e/ou delegado de saúde. No seu caso, o curso foi posto em prática logo a partir de 11 de agosto de 1921, quando este se tornou médico interino. A 18 de novembro seguinte

termal. Tendo visitado a cidade precisamente nesse ano, ver: "Prof. Dr. Mário Moutinho" *Gazeta das Caldas*, 681 de 20/08/1939, p. 1.

[512] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00284, [Notas sobre doentes, consultas e autos de vistoria], 1925.08.00-1928.08.05; Caldas da Rainha.

[513] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00811/002.

[514] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00233, [Carta de António Correia Mateus], 1924.01.09. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00650, [Correspondência de João Celestino da Silva Júnior e Maria Alice Braga Celestino da Silva], 1932.06.04-1932.07.28; Porto. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00679/001 e PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00679/002, Bilhetes de José Emílio Raposo de Magalhães/ José Eduardo Raposo de Magalhães, Lda., de 1932.12.02-1932.12.03 e 1932.12.19; Leiria. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00659, [Carta de Manuel Alfaro Pereira], 1932.08.16-1932.08.18; Espanha. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00744, [Carta de Manuel António Conde], 1933.11.20.

[515] *Gazeta das Caldas*, 44, 1926.08.08, p. 5; 85, 1927.09.04, p. 3; 86, 1927.09.11, p. 8; 104, 1928.01.15, p. 5.

[516] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00381, [Carta de António Sousa Júnior(?)], 1928.02.21, Caldas da Rainha.

[517] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00129, Certificado do Curso de Medicina Sanitária da Universidade de Coimbra, 1919.10.31.

passou a médico municipal efetivo e a 26 foi nomeado subdelegado de saúde das Caldas da Rainha (Serra & Cândido, 1995, p. xvi), iniciando atividade a 28 de janeiro de 1922[518] e passando a delegado em janeiro de 1927, sendo ainda, posteriormente, subinspetor (Correia, 1938a). A sua nomeação ocorreu na sequência da demissão de António de Melo Ferrari, que havia sido nomeado diretor clínico do Hospital Termal das Caldas da Rainha – à época Hospital Rainha D. Leonor (Correia, 1938a). No entanto, a nomeação de Fernando da Silva Correia não foi pacífica, pois provocou o descontentamento de um dos médicos mais antigos do partido municipal, Bernardino de Sena Martins[519].

João B. Serra e Paula Cândido consideraram que, através deste cargo, Fernando da Silva Correia desenvolveu "uma acção notável no domínio da saúde pública" (Serra & Cândido, 1995, p. xvi) e para Natália Correia Guedes, o próximo conhecimento – de residente – das necessidades da população local, ajudou a engrandecer a sua intervenção médica e cívica (Correia, 1999, p. 10).

O desempenho destas funções contribuiu para que o próprio definisse a "técnica sanitária municipal"[520], que deveria ter sido o tema central da sua tese de doutoramento. O aperfeiçoamento destas funções será algo a que Fernando da Silva Correia se dedicará ao longo da vida. Ao delegado de saúde competia um conjunto de serviços internos e externos com diferentes periodicidades. Entre estes encontra-se a fiscalização sanitária, a estatística de vacinação ou de casos de doenças (especialmente epidémicas), assim como obituária; a elaboração de diferentes atestados e pareceres; a correspondência; o acompanhamento da Comissão (Municipal) de Higiene e de funcionários camarários; a contribuição para o arquivo dos serviços da Delegação de Saúde Municipal; e sempre que necessário "reünir elementos sôbre o que interessa à higiene em cada concelho, inquirir do estado sanitário respectivo e fiscalizar o

[518] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00665, [Cadastro dos funcionários da Direção Geral de Saúde], 1932.09.25; Lisboa e Caldas da Rainha.
[519] Sessão de 1921.11.09, Livro 33 das Atas da Comissão Administrativa da CMCR, AHMCR – BMCR.
[520] Fernando da Silva Correia fez também publicar em 1933, o *Manual de Técnica Sanitária*, parte do *Esboço Histórico da Higiene em Portugal,* que por sua vez corresponde também a uma parte da sua tese de doutoramento, PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00699, Manual de Técnica Sanitária, 1933.03.12-1933.09.12. Este Foi comentado por Jaime Lopes Dias, à época governador civil de Castelo Branco, que se serviu da obra para resolver questões de contratação, PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00739, [Bilhetes de Jaime Lopes Dias], 1933.10.25-1935.10.25; Castelo Branco.

cumprimento de leis, regulamentos, posturas e ordens sanitárias", assim como outros serviços de inspeção ou acompanhamento (Correia, 1938b, pp. 389–390).

Ana Gato Rodrigues mostrou como os estudos de Fernando da Silva Correia se afiguraram relevantes para a definição do papel do subdelegado de saúde, nomeadamente ao definir as suas "qualidades". Comparando os dados desta investigadora – que indica que muitas vezes o "médico municipal era o único existente" e também se ocupava doutras instituições (Rodrigues, 2013, p. 55) -, a assistência médica caldense era bem mais completa[521]. No entanto, a existência de outros médicos não impediu que Fernando da Silva Correia acumulasse várias funções ao longo dos anos.

Já foi aflorada acima a necessidade de reunir documentação na Delegação de Saúde Municipal, Fernando da Silva Correia deixou claros os documentos com que o delegado trabalhava e/ ou devia produzir. Em primeiro lugar, o médico esclarece que "A maioria das delegações de saúde funcionam em casa dos próprios delegados", aí estando "arquivada toda a correspondência, legislação e documentação referente a saúde pública."

> "O arquivo tem de ser metódico, registando todos os serviços feitos, toda a correspondência recebida, cópia da expedida e todas as verbas cobradas./ A correspondência recebida deve ser guardada, por ordem de entrada, numa ou mais pastas ou arquivos; da correspondência enviada deve ficar cópia, guardada com igual método, noutra pasta ou arquivo."

O delegado devia produzir "livros de registo": 1) "Dos profissionais da arte de curar"; 2) "De todos os exames médicos"; 3) "De vacinações e revacinações"; 4) "de fiscalização sanitária dos prédios"; 5) de "Pareceres sôbre projectos e reparação de prédios"; 6) de "fiscalização anual dos estabelecimentos licenciados"; 7) de "Fiscalização de géneros alimentícios"; 8) de "Serviço de polícia mortuária"; 9) de "Colecções de

[521] Existiam outros oito médicos na vila/ cidade, como é indicado num preçário dos honorários clínicos que abrangia todo o território da vila em 1922: Henrique dos Santos Pinto, J. Côrte Real, Manuel de Melo Ferrari, José Pinto, António de Melo Ferrari, Francisco H. Avelar, J. Moura Neves e João Furtado. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00186, Tabela de honorários clínicos, 1922.04.01, Caldas da Rainha.

mapas de estatística demográfica e sanitária" do concelho; 10) de "Colecção de mapas mensais dos casos de doenças de declaração obrigatória"; 11) de "Colecção de mapas de movimento dos serviços municipais de interêsse sanitário"; 12) de "Livro de atas de Comissão Municipal de Higiene"; 13) de mapas do concelho e da sede de concelho, com identificação de espaços de interesse sanitário; 14) de "Resenha de tôdas as escolas do concelho"; 15) "de reclamações e providências ordenadas"; 16) de "Elementos da topografia médica do concelho"; 17) de "Impressos" para diferentes fins, relacionados com os ofícios a enviar pelo delegado e 18) de "Alguns livros de consulta" sobre diferentes temáticas, destacando-se a regulamentação dos seus serviços e higiene (F. da S. Correia, 1938b, pp. 282–284).

No dito AHMCR estão reunidos alguns dos registos que deveriam corresponder ao arquivo do delegado de saúde. Por exemplo, processos de (fiscalização e) licenciamento de estabelecimentos com autos de vistoria de Fernando da Silva Correia (existindo algumas cópias no arquivo pessoal e familiar)[522]. Este, a par com outros médicos do concelho, atestava os óbitos ocorridos através de boletins[523]. As atas das sessões da Comissão Administrativa davam conta de alguns casos de construções em andamento que eram inspecionadas pelo delegado de saúde[524] ou ainda da inspeção de novos funcionários municipais[525]. Outros elementos do governo central poderiam solicitar a cooperação do médico municipal, por exemplo, o Ministério do Comércio e Comunicações, através da circunscrição industrial, para vistoria de estabelecimentos comerciais[526]. Também relacionados com o trabalho de Fernando da Silva Correia

[522] Processos individuais referentes aos estabelecimentos de Sebastião Duque e filhos; Joaquim da Costa Fragoso; Taberna de João Bernardino Baiana; António da Fonseca Pires; Mosqueira & Gomes; Albertino Antunes Leitão, Lda.; A Companhia União Fabril; António Gomes Entrozede; João Henriques; Diogo Gomes; Aníbal Alves Gaspar; José Pereira Estevão; José Francisco Louro; José Ferreira; Casa de Pasto João Luís Quintas; Café, Restaurante e Vinhos Manuel Costa Francisco; Taberna José Ferreira Reis; Taberna José Constantino; António Caetano Ferreira; Taberna António Valente Nunes Caldas e Taberna Maria Carolina, AHMCR – BMCR. Sessão de 1930.03.15, Livro de atas número 35 da Comissão Administrativa da CMCR, AHMCR – BMCR.

[523] Boletins de óbitos entre 1921 e 1925, AHMCR – BMCR.

[524] Uma construção no Campo, Sessão de 1927.09.10, Livro de atas número 34 da Comissão Administrativa da CMCR, AHMCR – BMCR. E outras construções, Sessões de 1928.08.11 e 1930.02.08, Livro de atas números 34 e 35, respetivamente, da Comissão Administrativa da CMCR, AHMCR – BMCR.

[525] Sessão de 1928.12.15, Livro de atas número 34 da Comissão Administrativa da CMCR, AHMCR – BMCR.

[526] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00324, [Ofício de Luís Augusto de (?)/ Ministério do Comércio e Comunicações], 1926.11.01. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00341/001, [Ofício de Francisco Guedes/ Ministério do Comércio e Comunicações], 1927.02.16. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00341/002, [Ofícios de Francisco Guedes/ Ministério

existem ainda livros de registo dos vencimentos dos empregados administrativos municipais[527] ou registos de cadastro[528].

A sua atividade é também documentada nas atas da Comissão Administrativa, já que estas mencionam algumas decisões sobre a atribuição de subsídios para crianças internadas na Casa de Assistência a Menores ou assistidas pela Câmara[529], podendo ser atribuídos subsídios de lactação[530]; assim como a autorização para que doentes do concelho baixassem em diferentes hospitais[531]. Nestas sessões eram tratados vários assuntos relacionados com a assistência e higiene ou salubridade local[532], alguns deles também comentados na *Gazeta das Caldas,* como forma de aviso ao delegado de saúde, descrevendo também a sua ação para a resolução[533]. E ainda era discutida a criação de novos partidos médicos nas freguesias, em Alfeizerão[534]; Santa Catarina, Carvalhal Benfeito, Salir de Matos e Coto, cujas funções foram inicialmente desempenhadas por Mário de Azevedo e Castro[535]; e em Alvorninha[536]. A partir de 1927, a Comissão Administrativa começa também a atender a questões relacionadas com a Junta ou Comissão Municipal de Higiene, sendo escolhido Júlio Lopes para primeiro representante deste órgão na dita Junta, que começou por funcionar nas instalações do Laboratório Municipal[537]. As atas mencionam ainda a afixação de editais produzidos pelo delegado de saúde, que se encontram no arquivo pessoal e familiar e ligam ainda

do Comércio e Comunicações], 1927.06.01-1927.06.25. *Gazeta das Caldas*, 97, 1927.11.27, p. 1; 98, 1927.12.04, p. 1; e 158, 1929.01.27, p. 5.

[527] Livro de registo dos vencimentos dos empregados administrativos e municipais, 1916-1925, AHMCR – BMCR. Livro de registo dos vencimentos dos empregados administrativos municipais, 1926-1928, AHMCR – BMCR. Livro de registo dos vencimentos dos empregados administrativos e municipais, 1928-1930, AHMCR – BMCR. Livro de registo das folhas dos vencimentos dos funcionários, 1930-1937, AHMCR – BMCR.

[528] Livro de registo do cadastro do pessoal da Secretaria, Tesouraria, Médicos, Veterinários, Parteira e mais empregados superiores, 1919-1932, AHMCR – BMCR.

[529] Sessão de 1919.05.01, Livro de atas número 32 da Comissão Administrativa da CMCR, AHMCR – BMCR.

[530] Sessão de 1919.05.31, Livro de atas número 32 da Comissão Administrativa da CMCR, AHMCR – BMCR.

[531] Sessão de 1927.09.10, Livro de atas número 34 da Comissão Administrativa da CMCR, AHMCR – BMCR.

[532] Sessão de 1919.05.08, Livro de atas número 32 da Comissão Administrativa da CMCR, AHMCR – BMCR. Incumprimentos na venda de peixe e o limitar o aumento do preço da carne através das posturas municipais, *vide Gazeta das Caldas*, 119, 1928.04.29, p. 1 e 159, 1929.02.02, p. 1.

[533] *Gazeta das Caldas*, 64, 1927.04.10, p. 1; 71, 1927.05.29, p. 1; 76, 1927.07.23, p. 1 e 109, 1928.02.19, p. 1.

[534] Sessão de 1927.09.24, Livro de atas número 34 da Comissão Administrativa da CMCR, AHMCR – BMCR.

[535] Sessões de 1933.10.21, 1934.03.10 e 1934.04.14, Livro de atas número 37 da Comissão Administrativa da CMCR, AHMCR – BMCR.

[536] Sessão de 1934.06.16, Livro de atas número 37 da Comissão Administrativa da CMCR, AHMCR – BMCR.

[537] Sessão de 1927.11.12, Livro de atas número 34 da Comissão Administrativa da CMCR, AHMCR – BMCR.

a sua ação às instituições que ajudou a fundar ou dirigiu: folheto Instruções sobre a escarlatina (edição na Delegação da Saúde); (7) edital Instruções sobre a varíola (bexigas) (1932)[538].

Já através do arquivo pessoal e familiar Fernando da Silva Correia é possível aceder a alguns registos de: 1) pareceres sobre falecimentos[539]; 2) denúncias superiores para a sua intervenção e resolução de situações epidémicas no concelho[540]; 3) registos de vacinação[541]; 4) acompanhamento de doentes[542]; e 5) autos de vistoria/ inspeção[543].

O subdelegado de saúde integrava uma estrutura assistencial/ sanitária que tornava fundamental o contacto, até 1927[544], com o delegado de saúde, em funções no distrito de Leiria, sendo neste período a função desempenhada por António Júlio Teles de Sampaio Rio. O delegado de saúde podia ocupar o subdelegado com casos que, no seu território de atuação, necessitassem de resolução, por exemplo um inquérito relativo aos arrozais da Estação Agrária Central; a fiscalização de equipamento turísticos, como os hotéis; o esclarecimento de dúvidas sobre os dados estatísticos; a vacinação; e

[538] "Profilaxia social/ Instruções sobre a variola (bexigas)". *Gazeta das Caldas*, 308, 1932.01.03, p. 8; 309, 1932.01.10, p. 3. Este edital surgiu num momento em que grassava na cidade uma epidemia, pelo que a *Gazeta das Caldas*, no início de 1932, destacou o contributo de Fernando da Silva Correia para a sua erradicação: "O Delegado de saúde, assim como todos os restantes médicos, não teem [sic] tido mãos a medir, no que diz respeito a vacinações, nestes últimos dias. Atingem já uma cifra muito aproximada a duas mil, tendo sido feitas pelo sr. Delegado de Saúde á [sic] roda de 1.500! A propósito informamos, (…) que não há epidemia de bexigas dentro da cidade. Poderá ter havido um caso ou outro, que foi devidamente debelado." *Gazeta das Caldas*, 310, 1932.01.16, p. 1.

[539] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00177, Parecer sobre um falecimento, 1921.11.03-1921.11.10. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00321, Relatório da autópsia, 1926.10.05. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00799, [Declaração de Fernando da Silva Correia], 1934.04.22; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00834, [Exame do cadáver de um feto e Exame de senhora], [19??.00.00], Caldas da Rainha.

[540] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00179/001, [Carta de Luís José Roque Ferreira de Carvalho Machado], 1921.11.28-1921.11.30, Viseu.

[541] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00172, Bloco de notas com registo de vacinação, 1921.06.27-1923.06.12.
PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00280, Documentos oficiais em branco ou incompletos e notas sobre a vacinação nas localidades - Foz do Arelho e Mosteiros, 1925.06.30, Caldas da Rainha.

[542] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00284, Notas sobre doentes, consultas e autos de vistoria, 1925.08.00-1928.08.05. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00736, Cópia da correspondência de Fernando da Silva Correia/ Delegação de Saúde Caldas da Rainha para o Delegado do Provedor da República, 1933.09.29-1933.09.30; Caldas da Rainha.

[543] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00284, Notas sobre doentes, consultas e autos de vistoria, 1925.08.00-1928.08.05. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00335, Modelos para requerimento de vistoria à instalação e exame de motores, [1927.00.00-1928.00.00].
PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00540, [Carta de Filipe Reis/ Sociedade de Adubos Reis, Lda.], 1931.02.05; Lisboa; PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00576, Atestados de fiscalização sanitária anual, 1931.06.25-1931.07.27.

[544] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00193/017, [Ofício de António Júlio Teles de Sampaio/ Delegação de Saúde de Leiria], 1927.11.09, Leiria.

informava das instruções para a elaboração dos requerimentos de licenças e atestados ou alterações no desempenho de funções[545].

A Direção Geral de Saúde era dirigida por Ricardo Jorge, pelo que Fernando da Silva Correia ainda trabalhou diretamente com uma das figuras que mais admirou na área da Higiene em Portugal[546], era o principal órgão de contacto do delegado de saúde, especialmente a partir de 1927. A sua passagem pela Delegação de Saúde ocorreu num momento de transição entre a República e o Estado Novo, o que direta ou indiretamente originou alterações na estrutura da administração sanitária do país. Enquanto delegado devia participar na reunião de dados estatísticos[547]. José Alberto de Faria começa por estabelecer contacto com o médico representando a Inspeção de Epidemias e, posteriormente, a Direção-Geral de Saúde, trocando impressões sobre a Junta de Higiene; o envio de impressos (para preenchimento ou preenchidos com diversos dados estatísticos) e de bibliografia - *Arquivos do Instituto Central de Higiene* e *Boletim dos Serviços Sanitários;* até ao acompanhamento de situações epidémicas; contribuições médicas; concursos para delegado de saúde de grandes aglomerados populacionais (Lisboa e Coimbra)[548], a que concorreu Fernando da Silva Correia, sem que, apesar de selecionado, tenha assumido essas funções, entre outros assuntos[549].

Fernando da Silva Correia contactou também com Manuel de Vasconcelos sobre a fiscalização de estabelecimentos; a venda de petróleo nas mercearias; os funcionários (incluindo o trabalho de menores em estabelecimentos industriais)[550]; e uma homenagem a José Alberto de Faria[551]. É ainda possível acrescentar o contacto com

[545] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00193/008.PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00193/009. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00193/011. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00193/015. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00193/016. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00251. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00193/010. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00193/011.PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00193/002.PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00193/003.

[546] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00325. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00344.

[547] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00338, [Correspondência de Manuel Gonçalves Marques(?)/ Direção-geral de Saúde do Ministério do Interior], 1927.01.10-1928.12.17; Lisboa.

[548] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00610, [Informações para os concursos de provimento dos lugares de Delegado de Saúde substitutos do Quadro de Inspeção de Saúde de Lisboa e de Inspetores de Saúde dos aglomerados de mais de 10 mil habitantes], 1932.00.00, Fernando da Silva Correia; Lisboa.

[549] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00357/005.

[550] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00357/001. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00357/003.

[551] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00357/002.

Bernardino de Pinho[552] e José do Souto Teixeira[553] sobre o acompanhamento de diversos farmacêuticos do concelho das Caldas da Rainha – Maldonado Freitas, Raul Aguiar Leal, Manuel Sequeira Pontes, Angelina Maria Vieira, João Gomes Branco Lisboa ou Gerardo Ferreira; Júlio Pereira de Macedo[554] e Carlos Santos[555]; Arnaldo de Almeida Ribeiro[556]; José de Mendonça Ares[557]; Carlos de Arruda Furtado sobre, entre outros assuntos, a resposta a questionários e a necessidade de analisar refrescos e refrigerantes no Instituto Central de Higiene[558]; António Pina Júnior sobre o envio de mapas de óbitos[559]; e João Serras e Silva[560]. Por indicação da Direção-Geral de Saúde, o médico recebeu nas Caldas da Rainha o contacto de João Mário Meireles de Moura e Castro do Instituto Vacínico Portuense, com requisição para a vacina antivariólica[561] e através de requisições da Direção-Geral de Saúde também contactou com o Parque Vacinogénico, Lda.[562].

Entre a estrutura de administração sanitária estava também reservado um importante papel à Câmara Municipal do concelho. José Saudade e Silva comunicava com o médico para garantir a higiene de estabelecimentos comerciais locais, assim como a venda nos mercados a céu aberto; a resolução de problemas sanitários em cooperação com o diretor do Matadouro e o inspetor municipal de sanidade pecuária; a realização das campanhas de vacinação pelas freguesias; as obras de melhoramentos nas áreas rurais, exemplo da fonte dos Casais no Coto ou de um lavadouro, assim como obras para captação de água; o material necessário à ação médica na zona de A-dos-Francos; a organização de um "programa de festas e conferências de propaganda" no âmbito da Semana da Tuberculose de 1934[563].

[552] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00397.
[553] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00565.
[554] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00452/001.
[555] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00544/001. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00544/002.
[556] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00465.
[557] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00598.
[558] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00600.
[559] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00667.
[560] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00683.
[561] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00351.
[562] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00663, [Faturas de Carlos(?)/ Parque Vacinogénico, Lda.], 1932.09.19-1934.01.06; Lisboa.
[563] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00278/004. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00278/008. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00278/009. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00278/014. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00278/016.

Júlio Lopes fazia também parte da Comissão Administrativa da Câmara Municipal (sendo mais tarde presidente) e, por isso, ocupava-se de questões semelhantes às do próprio presidente, por exemplo, informando sobre a existência de pocilgas na cidade, o fornecimento de águas ou a afixação de editais[564]. Posteriormente iniciará contacto com João Botelho Moniz, sobre o acompanhamento de doentes e protegidos da Câmara Municipal[565]. Outros funcionários da Câmara Municipal mantinham contacto com o médico, como Joaquim Pires de Machado, relativamente ao acompanhamento de doentes[566]. Fernando da Silva Correia acompanhava também o pagamento de multas por transgressão do código de posturas municipais[567].

Garantia também um contacto direto com as freguesias rurais das Caldas da Rainha, por exemplo, Tornada[568], Alvorninha[569] ou Serra do Bouro[570]. Nesta estrutura de ação sanitária deve ainda considerar-se, no caso das Caldas da Rainha, o médico do partido local com funções na freguesia de A-dos-Francos, na década de 1920, Bernardino de Sena Martins[571] e, posteriormente, Joaquim Gil de Almeida Rebelo[572]. No desempenho das funções, Fernando da Silva Correia também contactou com a Secretaria Judicial da Comarca de Caldas da Rainha, para testemunhar ou intervir em processos relativos à ação de parteiras ilegais e tutoria da infância[573]. Assim como com

PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00278/019. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00278/023.PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00278/005. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00278/007. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00278/010. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00278/011. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00278/015. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00278/020. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00278/017. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00278/018. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00278/024.

564 PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00391/002. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00391/004. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00391/003. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00391/001.

565 PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00598/001. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00598/002. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00598/003. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00598/004.

566 PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00355/001

567 PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00796, [Aviso de M. Fialho/ CMCR para Maria Lopes], 1934.04.07; Caldas da Rainha.

568 PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00421, [Carta de José Luís Casimiro Henriques], 1929.03.15; Caldas da Rainha.

569 PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00313/001, [Carta de Raul Aguiar (?)], 1926.03.26; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00313/002, [Carta de Raul Aguiar (?)], 1929.02.06; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00651, [Ofícios de Joaquim Botelho/ Junta de Freguesia de Alvorninha], 1932.06.10-1933.12.25, 3 cartas; Caldas da Rainha.

570 PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00458, [Carta de José Francisco Rainho], 1929.08.10, Caldas da Rainha.

571 PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00212, [Carta de Bernardino de Sena Martins], 1923.04.10; Caldas da Rainha.

572 PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00541/001, [Carta de Joaquim Gil de Almeida Rebelo], 1931.02.13; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00541/002, [Carta de Joaquim Gil de Almeida Rebelo], 1932.12.02; Caldas da Rainha.

573 PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00468/001 a 009, Ofícios de Joaquim António de Azevedo C.(?)/ Secretaria Judicial da Comarca de Caldas da Rainha], 1929.11.23-1934.05.21; Caldas da Rainha.

o Posto das Caldas da Rainha do Distrito de Leiria da Polícia de Segurança Pública[574], a Repartição de Finanças do concelho de Caldas da Rainha[575] ou o Hospital de Santo Isidoro[576]. E era contactado diretamente pelos moradores, com vista à resolução de problemas higiénicos e sanitários[577] ou por associações locais como o Caldas Sport Club[578], a Associação Comercial e Industrial das Caldas da Rainha[579], a Associação de Socorros Mútuos Rainha Dona Leonor (Correia, 2000)[580] e o Regimento de Infantaria 5[581]. Também prestou alguns serviços a seguradoras, como é o caso da Mutualidade dos Funcionários Públicos[582], na Construção Civil[583], da L'Urbaine[584] e La Nationale[585], ou

[574] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00592, [Ofício de Henrique Ribeiro/ Posto das Caldas da Rainha do Distrito de Leiria da Polícia de Segurança Pública], 1931.09.13; Caldas da Rainha.

[575] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00594, [Ofício de Francisco Maria Simões de Carvalho/ Repartição de Finanças do concelho de Caldas da Rainha], 1931.09.16; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00595, [Ofício de (?)/ Delegação de Finanças do distrito de Leiria do Ministério das Finanças e de Francisco Maria Simões de Carvalho/ Repartição de Finanças do concelho de Caldas da Rainha], 1931.09.21-1993.09.24; Leiria.

[576] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00609, [Ofício de Luís de Oliveira Franco/ Hospital Rainha Dona Leonor], 1931.12.30; Caldas da Rainha.

[577] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00223, [Carta de João Valentim], 1923.11.24; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00381, [Carta de António Sousa Júnior(?)], 1928.02.21, Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00446, [Carta de José Rodrigues], 1929.07.16; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00813, [Carta de Maria Gertrudes Figueiredo], 1934.05.30; Caldas da Rainha.

[578] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00482, [Carta de João Batista Henriques/ Caldas Sport Club], 1930.02.14; Caldas da Rainha.

[579] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00586, [Carta de José Guilherme de Faria/ Associação Comercial e Industrial das Caldas da Rainha], 1931.08.12-1931.08.13; Caldas da Rainha.

[580] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00317, [Circular da Comissão encarregada da construção da sede da Associação de Socorros Mútuos Rainha Dona Leonor], 1926.05.20; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00765, Relatório e Contas da Comissão Pró-prédio, 1922-1934, 1934.00.00, Associação de Socorros Mútuos Rainha D. Leonor e Tipografia Caldense; Caldas da Rainha.

[581] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00551, [Ofício de Joaquim Inácio de Barcelos Júnior/ Regimento de Infantaria 5], 1931.04.02; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00557, [Ofício de José Vítor Franco/ Regimento de Infantaria 5], 1933.04.30; Caldas da Rainha.

[582] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00358, Correspondência de (?)/ Mutualidade dos Funcionários Públicos, 1927.11.12-1927.11.23, Faro.

[583] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00032, [Carta de Tiago Sales/ Companhia de Seguros Mutualidade na Construção Civil], 1934.07.20, 2 cartas; Lisboa.

[584] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00432, [Carta Jacob Levy/ L'Urbaine], 1929.05.08-1929.05.09; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00456, [Carta de J. C. Pereira de Sampaio/ L'Urbaine], 1929.09.24; Lisboa.

[585] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00072, [Cartas de Manuel Casal/ La Nationale], 1934.11.09-1935.02.16, 3 cartas; Lisboa e Santarém. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00073, [Carta de La Nationale], 1934.11.13; França.

com os Correios, Telégrafos e Telefones de Portugal[586] e Juntas Autónoma das Estradas[587].

Este cargo também permitiu estabelecer novos contactos, com outros médicos, como Jorge Barros Capinha, deputado e médico, que desejava encontrar um médico para desempenhar funções perto de Évora[588]. Acompanhava casos de outros médicos locais ou nas proximidades, como Francisco Gomes de Avelar, António de Melo Ferrari[589] ou João Batista, de Peniche[590]. Ao longo desta fase da sua carreira (e também posteriormente), Fernando da Silva Correia foi procurado por outros colegas de profissão para discutir a sua situação, como Álvaro Marques Machado[591], António Martins Romão[592] ou Fernando Baeta Bissaia Barreto Rosa[593].

A partir de 1925, a *Gazeta das Caldas,* periódico local, constituiu um excelente meio de divulgação pública da ação de Fernando da Silva Correia, um dos seus fundadores (e assíduo autor) (Rodrigues, Luís Nuno et al., 1993, p. 445), servindo para medir até certo ponto, a opinião pública relativa a essa ação. A partir das suas notícias, é possível conhecer aspetos do dia-a-dia, como as campanhas de vacinação pelas aldeias, acompanhadas do horário do consultório, onde, durante "todo o ano", eram administradas gratuitamente[594]. As doenças epidémicas constituíram um dos temas

[586] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00565, [Ofícios de Fernando da Silva/ Serviços dos Correios, Telégrafos e Telefones do distrito de Leiria], 1931.05.22-1932.02.25, 8 cartas; Leiria. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00572/001, [Ofício de Américo Alves de Melo/ Estação das Caldas da Rainha dos Correios, Telégrafos e Telefones], 1931.06.19; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00572/002, [Ofício de Américo Alves de Melo(?)/ Serviços de Correios, Telegrafos e telefones do distrito de Leiria], 1932.08.20; Leiria. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00572/003, [Ofício de Américo Alves de Melo/ Estação das Caldas da Rainha dos Correios, Telégrafos e Telefones], 1933.05.04-1933.05.06; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00572/004, [Ofício de Américo Alves de Melo/ Estação das Caldas da Rainha dos Correios, Telégrafos e Telefones], 1933.07.05; Caldas da Rainha.

[587] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00567, [Ofício de (?)/ Direção de Estradas do Distrito de Leiria da Junta Autónoma das Estradas do Ministério do Comércio e Comunicações], 1931.05.30; Leiria. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00596, [Ofícios de João(?) R.(?)/ Direção de Estradas do distrito de Portalegre da Junta Autónoma de Estradas], 1931.09.21-1931.09.23; Portalegre.

[588] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00192.

[589] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00454, [Carta de Henrique Sales Henriques], 1929.08.27; Caldas da Rainha.

[590] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00437/001. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00437/002. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00437/003. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00437/004. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00437/005. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00437/006.

[591] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00441.

[592] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00494/001. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00494/002.

[593] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00516/002. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00516/003.

[594] "Vacinação". *Gazeta das Caldas*, 33, 1926.05.23, p. 5. "Vacinação". *Gazeta das Caldas*, 34, 1926.05.30, p. 6. "Vacinação". *Gazeta das Caldas*, 69, 1927.05.15, p. 6. "Vacinações". *Gazeta das Caldas*, 73,

abordados pelo médico no jornal, a partir do caso de tifo exantemático na Beira[595]. Entre julho de 1927 e março de 1928, Fernando da Silva Correia foi o responsável pela rubrica "As causas do mal"[596], em que se propôs a falar da "enorme crise moral" do país, tendo como "campo de observações" as Caldas da Rainha. Ao longo destes textos, o médico fala sobre as consequências de estar casado à "moda das Caldas…", o alcoolismo, a criminalidade - "—Mal por mal, antes cadeia que hospital." -, a "falta de sentimento religioso" e "de obediência", o analfabetismo - "o mais seguro indice desse atrazo" do povo português -, as leis inaplicáveis - causa externa que demonstra a desenvoltura com que o médico lança críticas a todos os quadrantes da sociedade, destacando desde logo a necessidade do estudo do meio e da produção de topografias médicas -, a "falta de educação" e a "maledicência". E uma investigação sobre o "problema" da tuberculose no distrito de Leiria[597].

As questões de higiene, que tanto interessavam a Fernando da Silva Correia, também eram abordadas na *Gazeta das Caldas*, pelo que vários artigos lhe faziam referência, ajudando a contextualizar a ação do delegado de saúde. O assunto da higiene era tanto mais importante quando se pretendia que as Caldas da Rainha, cidade, se firmasse pela vertente turística, tirando partido das suas águas termais; assim as duas questões eram colocadas lado a lado. Pouco depois de ter sido elevada a cidade, Fernando da Silva Correia descreve a possibilidade das Caldas se tornar "a mais higiénica do país", a partir do contributo de todos e através da intervenção do novo regulamento geral de saúde[598]. A notícia apresentada nesse momento contradiz, em geral, o que nos

1927.06.12, p. 2. "Vacinação". *Gazeta das Caldas*, 119, 1928.04.29, p. 8. "Vacinação". *Gazeta das Caldas*, 121, 1928.05.15, p. 12. "Vacinação". *Gazeta das Caldas*, 126, 1928.06.17, p. 3. "Vacinação". *Gazeta das Caldas*, 129, 1928.07.08, p. 8. "Vacinações". *Gazeta das Caldas*, 179, 1929.06.23, p. 4. "Vacinações". *Gazeta das Caldas*, 180, 1929.06.30, p. 2. "Vacinações". *Gazeta das Caldas*, 229, 1930.06.23, p. 4. "Vacinações". *Gazeta das Caldas*, 180, 1929.06.22, p. 3. "Vacinações". *Gazeta das Caldas*, 278, 1931.06.07, p. 4.

[595] F. C. – "Grande epidemia: o tifo exantematico paira de novo sobre Portugal". *Gazeta das Caldas*, 71, 1927.05.29, p. 4.

[596] *Gazeta das Caldas,* 78, 1927.07.17, p. 4; 79, 1927.07.24, p. 2; 80, 1930.07.30, p. 3; 82, 1927.08.14, p. 3; 85, 1927.09.04, p. 3; 87, 1927.09.18, p. 2 (Este texto foi comentado por Joaquim Pires de Machado, funcionário da Câmara Municipal, que o considerou "um belo estudo", indicando o que o número de analfabetos estava a diminuir e destacando a necessidade de escolas agrícolas; *Gazeta das Caldas,* 88, 1927.09.25, p. 1); 90, 1927.10.09, p. 2; 91, 1927.10.16, p. 2; 98, 1927.12.04, p. 2; 111, 1928.03.04, p. 2.

[597] *Gazeta das Caldas*, 258, 1931.01.11, p. 1, 3 e 8.

[598] Como urinóis, *Gazeta das Caldas,* 183, 1929.07.21, p. 1; 188, 1929.08.25, p. 1; 253, 1930.12.07, p. 1; 280, 1931.06.21, p. 8; 291, 1931.09.06, p. 1 e 308, 1932.01.30, p.1. Fernando Correia – "Higiene das Caldas

anos seguintes a *Gazeta* noticiará, através de uma "campanha" centrada nas "questoes de higiene pública local"[599] devido às reclamações diárias recebidas na redação. Nesta campanha, o jornal não deixa de destacar a prontidão com que Fernando da Silva Correia procura intervir na sua resolução[600], mas, à semelhança do que este preconiza nas suas investigações, a *Gazeta* também considera que o "Codigo de Comodidades", veja-se postura municipais, deveria ser reformulado[601].

C. "Casas de bem-fazer" nas Caldas da Rainha

Um resumo da ação de Fernando da Silva Correia na Delegação de Saúde das Caldas da Rainha surge em *Um ensaio de acção médico-social: relatório* (1933)[602], edição do Dispensário de Profilaxia Social das Caldas da Rainha. Como resumo que é, começa precisamente com a instalação deste jovem médico nas Caldas da Rainha, relembrando todos os modernos equipamentos que conheceu na Universidade, mas que não existiam na vila. Restava-lhe lutar "contra as deficiências do meio e do modo a modificá-lo", constituindo cada uma das instituições, diferentes batalhas, cada uma com o seu propósito. Assim, o Laboratório Municipal representou a primeira batalha vencida, o Lactário-Creche rainha D. Leonor a segunda, a Misericórdia local a terceira e o Dispensário de Profilaxia Social a quarta e última.[603]

O **laboratório** foi apontado como um dos "elementos auxiliares da clinica [que] faltavam quase em absoluto" nas Caldas da Rainha. No início da década de 1920, todas as análises necessárias eram feitas noutras localidades, prejudicando o tratamento de doenças ou, no caso do leite, "fazendo perder a demora da resposta toda a oportunidade de acção e apenas servindo tardiamente para aplicação de sanções." (Correia, 1933, p. 2). O "pequeno laboratório de análises clínicas" foi iniciado com algum

A cidade das Caldas pode tornar-se a mais higienica do pais, se todos os caldenses compreenderem o seu dever". *Gazeta das Caldas*, 100, 1927.12.18, p. 2.

[599] *Gazeta das Caldas,* 194, 1929.10.06, p. 8.

[600] *Gazeta das Caldas*, 110, 1928.02.26, p. 1.

[601] *Gazeta das Caldas,* 168, 1929.04.07, p. 1. Apesar de ser possível atestar pelas atas das sessões das Comissões Administrativas da CMCR que este código sofria alterações recorrentes.

[602] Este artigo foi analisado na parceria *Um ano com a obra de Fernando da Silva Correia: 12 livros sobre as Caldas da Rainha*. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00730/001, Um ensaio de ação médico-social, 1933.09.00-1934.05.07.

[603] O título desta parte surge na obra de Rui Forsado (Forsado, 1936; Ribeiro, 2023).

material de Fernando da Silva Correia[604], em julho desse ano, por deliberação da Comissão Executiva[605], sendo a sua direção uma das competências associadas ao cargo de delegado de saúde e foram as exigências da "fiscalização dos leites do mercado e possivelmente de outros géneros alimentícios[606]" que, à semelhança do que tinha sucedido em Leiria, levaram a que fosse distinguido como municipal, tomando então parte nesta ação o vereador e engenheiro agrónomo José Pereira Fialho Júnior[607]. A partir de agosto de 1924, todos os leites comercializados passavam obrigatoriamente pelo laboratório, sendo os "não suspeitos" passados "para bilhas especiais da Camara, com torneira e fechadas e seladas na tampa com sêlo de chumbo." (Correia, 1933, p. 4). O laboratório promovia um concurso anual que distribuía prémios aos leiteiros produtores dos melhores leites da região, sendo Fernando da Silva Correia indicado para o júri[608]. No início de 1926 foi aprovado o regulamento do laboratório, que indica a oferta de análises químicas, bacteriológicas, higiénicas e clínicas, cujo preço era estipulado pelo diretor e aprovado pela Comissão Executiva da Câmara Municipal, mas quando requeridas por esta ou pelo médico municipal eram gratuitas[609]. O edifício funcionava 4 horas diárias e os materiais necessários eram adquiridos pela Câmara. As receitas eram entregues à mesma e o pessoal era composto pelo diretor, um analista (apoiado por um zelador municipal) e uma "servente jornaleira" responsável pela limpeza das instalações[610]. Nesse ano, era analista Heitor Proença Ferreira, lugar depois ocupado por Francisco Cândido Barbosa, mas mantendo o primeiro a responsabilidade

[604] PT/PH/AFSC/FSC/B-02.2/00002, [Ofício (?)/ Câmara Municipal de Caldas da Rainha], 1924.07.09; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-02.2/00004, [Carta de Fernando da Silva Correia para o Presidente da Comissão Executiva da CMCR], 1924.07.10; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-02.2/00006, [Inventário do material existentes, por empréstimo no Laboratório Municipal, pertencentes a Fernando da Silva Correia], 1925.03.20; Caldas da Rainha.

[605] "Laboratório Municipal: Após um ano da sai inauguração". *Gazeta das Caldas*, 15, 1926.01.17, p. 5.

[606] PT/PH/AFSC/FSC/B-02.2/00007/003, [Ofício de José Saudade e Silva/ Câmara Municipal de Caldas da Rainha], 1926.03.25; Caldas da Rainha.

[607] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00347/002.

[608] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00278/002, [Ofício de José Saudade e Silva/ CMCR] 1925.08.27; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00278/021, [Ofício de José Saudade e Silva/ CMCR], 1933.04.03; Caldas da Rainha.

[609] PT/PH/AFSC/FSC/B-02.2/00001, [Preçário do Laboratório municipal das Caldas da Rainha], [1924.00.00-1934.00.00]; Caldas da Rainha.

[610] Livro de atas número 33 da Comissão Administrativa da CMCR, AHMCR – BMCR. PT/PH/AFSC/FSC/B-02.2/00007/002, [Ofício de José Saudade e Silva/ Câmara Municipal de Caldas da Rainha], 1926.02.04; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-02.2/00008, [Regulamento do Laboratório Municipal das Caldas da Rainha], 1926.02.05; Caldas da Rainha.

pelas análises clínicas[611] e o cargo de servente era desempenhado por Júlia de Sousa[612]. Pode atestar-se o seu funcionamento até 1940, quando é publicitado no *Álbum das Caldas*.

Fernando da Silva Correia procurou promover o trabalho desenvolvido no laboratório, que obteve especial reconhecimento pelos serviços de fiscalização de leites. Amândio Paul solicitou uma lista do material utilizado para fiscalização do leite, pois pretendia montar os mesmos serviços[613] e João Carlos Celestino Pereira Gomes felicitou-o pela forma como o leite era distribuído[614]. Suscitou ainda o interesse de Nicolau Mesquita da Câmara Municipal de Chaves[615] e de António de Azevedo, que recebeu um folheto[616] e também conhecera o artigo "As acetonúrias nos não diabéticos: trabalho laboratorial baseado em 41 observações pessoais", conferência inicialmente apresentada na Sociedade de Ciências Médicas em março/abril de 1925, para a qual o autor foi convidado por Sebastião Cabral da Costa-Sacadura e, depois, publicada n'*A Medicina Contemporânea*[617]. Um desses trabalhos chegou também a António Júlio Teles de Sampaio Rio

> "O meu Amigo é inegavelmente um rapaz de muito merecimento e ahi nas Caldas sabem trabalhar. Que interessante a revista que vocês ahi publicam n'uma separata do M.º da Agricultura! Tenho a impressão que o Fialho [José Pereira Fialho Júnior] é um rapaz de valor. O Anibal d'Oliv.ª, veterinário, mostra-me de q.do em q.do esses pequenos volumes onde se mostra que as Caldas é um das terras do Paiz que tem vontade de progre//dir."[618]

[611] Livro de registo do cadastro do pessoal da Secretaria, Tesouraria, Médicos, Veterinários, Parteira e mais empregados superiores, 1919-1932, AHMCR – BMCR. Sessão de 1927.03.05, Livro de atas número 33 da Comissão Administrativa da CMCR, AHMCR – BMCR.
[612] Sessão de 1926.11.17, Livro de atas número 33 da Comissão Administrativa da CMCR, AHMCR – BMCR.
[613] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00194/002.
PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00420, [Carta de Manuel Inácio dos Santos/ Delegação da Assistência Nacional aos Tuberculosos, Dispensário da Guarda], 1929.01.08; Guarda.
[614] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00383/001.
[615] PT/PH/AFSC/FSC/B-02.2/00023.
[616] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00252/001.
[617] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00252/003, [Bilhete-postal de António de Azevedo] 1925.04.02-1925.04.03; Lisboa.
[618] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00193/005.

O médico refere-se ao artigo "Laboratório Municipal das Caldas da Rainha", que também foi recebido por Henrique Parreira[619]. Na revista *A Medicina Contemporânea*, Fernando da Silva Correia publicou ainda "A fiscalização dos leites nas grandes cidades" (Ano XLIII, série II, tomo XVIII, 1925.01.04, pp. 1-4), recebido pelo médico e condiscípulo Luís Roque Machado[620]. Este trabalho foi também apresentado no II Congresso Nacional de Medicina e publicado na *A Medicina Contemporânea*, numa versão mais curta (número 47, 1927.11.20, pp. 375-376).

> "O «Lactario-Créche» tem servido de modêlo a outros e tem tido a honra de ser elogiado por algumas das figuras marcantes da puericultura portugueza, como os drs. Professores Costa Sacadura e Almeida Garrett."[621]

Seguiu-se a criação do Lactário-creche rainha D. Leonor, "uma obra de assistência materno-infantil pioneira" (Serra & Cândido, 1995, p. xvi)[622]. Fernando da Silva Correia esteve muito envolvido na sua fundação e nos primeiros anos da sua gerência e assistência – sendo o médico do lactário[623] -, especialmente até 1935, quando foi inaugurado o edifício construído para sua sede, que até aí tinha funcionado em diferentes espaços emprestados ou alugados na vila/ cidade. Mais tarde, a direção homenageou-o ao dar o seu nome ao gabinete médico através de uma placa de mármore que ainda hoje existe no edifício[624] e reconheceu que foi "a inquebrantável energia" deste médico que animou esta construção, por isso "foi, sem duvida, o iniciador e principal colaborador da obra realisada."[625]

[619] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00275.
[620] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00179/005.
[621] "*Gazeta das Caldas,* 1939.11.30, p. 2.
[622] A história desta instituição foi grandemente desenvolvida no artigo (Ribeiro, 2023), pelo que se refere a ela de forma breve.
[623] Como médico do Lactário, Fernando da Silva Correia produziu vários documentos para registar a sua atividade. PT/PH/AFSC/FSC/B-02.3/00002, [Notas sobre os bebés tratados], 1925.11.18-1925.12.12; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-02.3/00003, [Notas sobre o Lactário-Creche Rainha D. Leonor], 1925.11.18-1930.00.00; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-02.3/00004, [Relatório médico do Lactário-Creche Rainha D. Leonor de 1931-1932 e outras notas], 1926.00.00-1933.00.00; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-02.3/00005, [Documentos organizados por Fernando da Silva Correia], 1926.00.00-1939.00.00; Caldas da Rainha.
[624] *Gazeta das Caldas,* 149, 1928.11.25, p. 3.
[625] *Gazeta das Caldas,* 557, 1936.10.17, pp. 5-6.

A ação de Fernando da Silva Correia em prol da assistência materno-infantil já tinha começando antes e foi destacada por Rui Forsado. Uma das teses que este médico mencionará com frequência é de que, neste período, morria uma criança com menos de 5 anos de idade de 10 em 10 minutos em Portugal (Correia, 1931c, p. 25). Perante esta situação, Fernando da Silva Correia deixou alertas - ou críticas - na *Gazeta das Caldas,* por exemplo, na já mencionada rubrica "As causas do mal", em que começou a divulgar esta nova instituição de "beneficência" ou apelando à caridade dos caldenses[626]. Demonstra a necessidade desta nova modalidade de assistência em dados que espelhavam a situação da infância e destaca o seu "principal fim" de se constituir como "um centro de educação das mães."[627]

A inauguração ocorreu a 18 de novembro de 1925, tendo Fernando da Silva Correia proferido um discurso, em que conferia o estatuto de padroeira à rainha D. Leonor – no IV centenário da sua morte.[628] Desde aí que, além de médico da instituição, Fernando da Silva Correia deu corpo a um dos seus objetivos fundamentais: "Divulgar por todos os meios os princípios de higiene infantil, nomeadamente pela distribuição de folhetos em que esses princípios venham impressos." Foi ele o autor dos "folhetos" o

[626] *Gazeta das Caldas,* 8, 1925.11.29, p. 8.

[627] Estavam aqui estabelecidos os principais objetivos da ação do Lactário, evidenciados nos *Estatutos e Regulamento Interno. Gazeta das Caldas,* 4, 1925.10.25, p. 8. PT/PH/AFSC/FSC/B-02.3/00006, [Bilhete da Direção do Lactário-Creche Rainha D. Leonor], 1926.03.06; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-02.3/00010, [Estatutos e Regulamento interno do Lactário-Creche Rainha D. Leonor das Caldas da Rainha], [1928.00.00]; Caldas da Rainha. (Lactário-Creche Rainha D. Leonor, 1928).

[628] PT/PH/AFSC/FSC/B-02.3/00001, Na inauguração do Lactário-Creche Rainha D. Leonor Caldas da Rainha (Numa enfermaria do Hospital Rainha D. Leonor), 1925.11.15-1925.11.18; Caldas da Rainha.

Breviário das mães: conselhos de higiene da primeira infância (1927)[629] e *O ABC das Mães (Conselhos sôbre o modo de criar as crianças)* (1930)[630].

Rapidamente as senhoras caldenses, que diariamente trabalhavam no lactário[631], se começaram a debater com o "desgosto" de não auxiliar mais crianças e da inexistência de "uma casa própria", aproveitando todas as oportunidades para angariar fundos[632]. Em 1927, o Lactário foi um dos principais impulsionadores da "Semana da

[629] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00403/001, Breviário das mães, 1928.10.25-1928.11.16; Caldas da Rainha. O *Breviário das mães* constituiu uma das primeiras obras que Fernando da Silva Correia dedicou à saúde maternal e infantil. A obra foi aconselhada por António Emílio de Magalhães a José Caetano de Campos Veiga (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00403/002, [Carta de José Caetano de Campos Veiga], 1928.10.25-1928.11.16; Porto). O médico da Liga Portuguesa de Profilaxia Social recebera e comentara a obra, convidando o destinatário a publicar um folheto sobre puericultura através da Liga (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00394/001, [Carta de António Emílio de Magalhães], 1928.05.22; Porto). Tanto o Breviário como o Lactário-creche foram elogiados por Raquel dos Anjos Jardim de Castro (Condessa de Nova Goa), "Tudo me interessou desde a primeira página á ultima." (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00379/001, [Correspondência de Raquel dos Anjos Jardim de Castro], 1928.01.21; Lisboa). José Alves Correia da Silva recebeu o "Breviário das mães" e o "Regulamento do Lactário-Creche Rainha dona Leonor das Caldas da Rainha" (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00393, [Carta de José Alves Correia da Silva], 1928.05.18; Leiria.) Rodolfo Xavier da Silva do Instituto Clínico da Junta Geral do distrito de Lisboa felicita o autor pelo "formidável esforço em defesa da criança" (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00632, [Carta de Rodolfo Xavier da Silva/ Instituto Clínico da Junta Geral do distrito de Lisboa], 1932.02.23; Lisboa).

[630] O folheto inclui 40 notas e 12 máximas para as mães, tendo a edição da Universidade Livre de Coimbra (1930) também uma introdução a mortalidade infantil; era distribuído no ato de registo ou batismo dos recém-nascidos (Correia, 1934, p. 80). PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00475/001, [ABC das Mães e Conselhos das Mães], [1930.00.00]; Caldas da Rainha. A *Gazeta das Caldas* contribuiu com a publicação de "uma secção de higiene da primeira infância", 71, 1927.05.09, p. 5; 71, 1927.06.05, p. 3; 74, 1927.06.19, p. 2; 75, 1927.06.26, p. 2; 76, 1927.07.03, p. 2; 77, 1927.07.10, p. 3; 78, 1927.07.17, p. 3; 80, 1927.07.30, p. 2; 82, 1927.08.14, p. 2; 84, 1927.08.23, p. 3. A obra foi mencionada no jornal *Novidades* como "uma nobilíssima e oportuna cruzada em prol da nossa infância" de Fernando da Silva Correia, estava a ser distribuído "profundamente aos médicos, senhoras assistentes, párocos, professores primários, etc." (1930.04.22). Agostinho Veloso perguntara se estava disponível para distribuição (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00475/002, [Bilhete-postal de Agostinho Veloso], 1930.04.23-1930.04.24; Porto), o mesmo aconteceu com Matilde Pita, que solicitou um exemplar (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00475/003, [Bilhete-postal de Matilde Pita], 1930.04.23-1930.04.24; Aveiro). Henrique João de Barahona Fernandes também recebeu a obra (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00475/004, [Cartão de visita de Henrique João de Barahona Fernandes], [19??.00.00].). Maria Francisca de Castro Franco Frazão (Condessa de Penha Garcia), "Gostei imenso de lêr o A.B.C. das Mães. É uma obra utilissima a que V. Ex.ª está fazendo!" (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00483, [Correspondência de Maria Francisca de Castro Franco Frazão (Condessa de Penha Garcia)], 1930.02.19-1930.02.24, 2 cartas; Lisboa). José Lopes Dias do Dispensário de Puericultura Dr. Alfredo Mota (inaugurado no dia 6 de março de 1930), indica "Recebi o ABC, que já anda pelas mãos de muitas mães cá dos sítios. Muito obrigado pela maçada que lhe dei. Tem sido muito apreciado por toda a gente." (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00485/001, [Correspondência de José Lopes Dias], 1930.03.16-1930.07.07, 3 cartas; Castelo Branco).

[631] Tem início a calendarização pública das visitas *Gazeta das Caldas,* 25, 1926.03.28, p. 5. PT/PH/AFSC/FSC/B-02.3/00006, [Bilhete da Direção do Lactário-Creche Rainha D. Leonor], 1926.03.06; Caldas da Rainha .

[632] *Gazeta das Caldas,* 45, 1926.08.15, p. 8; 72, 1927.06.05, p. 8; 73, 1927.06.12, p.8; 74, 1927.06.19, p. 1 e p. 4.

criança"[633] e iniciou a colónia de banhos, que funcionou, pelo menos, até 1943[634], sendo que, em 1930, a colónia mudou de São Martinho do Porto para a Foz do Arelho, passando a seleção das crianças a ser feita pelo médico Mouga Rodrigues[635]. E em 1928, o Lactário adquiriu um aparelho de raios ultravioletas para tratamento de crianças e adultos[636].

Mesmo não tendo ainda edifício próprio e independente, o lactário começa a ver crescer o número de "hospede[s] ilustre[s]"[637], começando pelo General Óscar Carmona, que lhe prometeu auxílio[638]. Consciente ou não, esta visita de carácter nacional deu uma força simbólica à iniciativa que atuava a par com outras no país[639], tal

[633] *Gazeta das Caldas,* 72, 1927.06.05, p. 4; 82, 1927.08.14, p. 2; 84, 1927.08.28, p. 3.
[634] *Gazeta das Caldas,* 80, 1927.07.30, p. 2; 90, 1927.10.09, p. 2; 133, 1928.08.05, p. 4; 232, 1930.07.06, p. 4; 245, 1930.10.12, p. 1; 805, 1943.08.10, p. 1.
[635] *Gazeta das Caldas,* 546, 1935.08.01, p. 2.
[636] *Gazeta das Caldas,* 137, 1928.09.02, p. 3; 142, 1928.10.07, p. 5. PT/PH/AFSC/FSC/B-02.3/00005, [Documentos organizados por Fernando da Silva Correia], 1926.00.00-1939.00.00; Caldas da Rainha.
[637] PT/PH/AFSC/FSC/B-02.3/00009, Livro de visitas do Lactário-Creche Rainha D. Leonor, 1927.08.12-1945.05.15; Caldas da Rainha. *Gazeta das Caldas,* 253, 1930.12.07, p. 2 e p. 4, a par de várias entidades estatais que visitaram e contribuíram para o Lactário, estavam a Universidade Livre de Coimbra, a Liga Portuguesa de Profilaxia Social, vários professores, Álvaro Viana de Lemos, Afonso Duarte ou Tomaz da Fonseca da Escola Normal de Coimbra; médicos, por exemplo 36 alunos (entre eles, duas alunas) da Faculdade de Medicina de Lisboa, acompanhados por Sebastião Costa-Sacadura e Pedro da Cunha Menezes (*Gazeta das Caldas,* 210, 1930.01.26, p. 5; 211, 1930.02.02, p. 8.), ou ainda o Cardeal-Patriarca ou a Venerável Luísa Andaluz. Marcelo Caetano, os médicos Mário Moutinho, Américo Cortês Pinto, José Alberto de Faria, José Lopes Dias, Sebastião Cabral da Costa-Sacadura; alunos de Medicina da Universidade de Lisboa, entre eles Mário Damas Móra e Henrique de Barahona Fernandes, Manuel Alfaro, Manuel Vicente Moreira, talvez Bissaya Barreto, João Concio da Fonseca, Condessa de Almoster, Maria Leonor Correia Botelho, Carlos de Arruda Furtado, Denise Dunlap, refugiada francesa (Pereira, 2017, p. 148). João Guilherme Matoso da Fonseca chamou-lhe "encantadora pouponnière (…). É a mais perfeita que tenho visto como definição de possibilidade e perfeição no essencial; uma sábia lição, um esplêndido exemplo e uma eloquente demonstração. Cada Terra de alguma importância, póde e deve ter um estabelecimento similar.", PT/PH/AFSC/FSC/B-02.3/00031, [Carta de João Guilherme Matoso da Fonseca], 1936.10.04; Lisboa.
[638] *Gazeta das Caldas,* 88, 1927.09.25, p. 4.
[639] Além da Associação Protetora da Primeira Infância (Lisboa) – atualmente é possível visitar o seu Lactário musealizado – (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00362, [Circular de João Martins de Carvalho/ Associação Protetora da Primeira Infância], 1927.12.13; Lisboa); Fernando da Silva Correia recebeu pedidos para auxiliar instituições congéneres noutros lugares: Açores (PT/PH/AFSC/FSC/B-02.3/00011, [Correspondência de Maria Joana de Freitas Pereira], 1928.01.06-1928.04.27, 2 cartas; Açores. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00008/004, [Carta de António Emílio de Magalhães e Cândido Henrique Gil da Costa/ Liga Portuguesa de Profilaxia Social], 1939.06.14-1939.07.01, 2 cartas; Porto.); Figueira da Foz (PT/PH/AFSC/FSC/B-02.3/00018, [Ofício de José Francisco (?)/ Laboratório Municipal do concelho da Figueira da Foz], 1932.06.10; Coimbra.); Alcobaça (PT/PH/AFSC/FSC/B-02.3/00029, [Correspondência de Fernando Sá], 1936.06.26-1936.07.08, 2 cartas; Leiria.); Lactário Dr. Alves de Sousa da Misericórdia de Portalegre (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00331, Lactário Dr. Alves de Souza da Santa Casa da Misericórdia de Portalegre: Caderneta para registo das alterações morfológicas das crianças, 1927.00.00; Lisboa.); Lactário Dr. Proença na Guarda (PT/PH - CR/FSC C4965); Pombal (PT/PH - CR/FSC 3473); Dispensário de Puericultura Dr. Alfredo Mota em Castelo Branco (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00485/001, [Correspondência

como, em maio de 1932, a visita dos médicos Strode e Rolla Hill, representantes da Fundação Rockefeller, acompanhados de José Alberto de Faria e Manuel de Vasconcelos, com o intuito de estudar "a possibilidade do nosso país ser subsidiado (…)", lhe conferiu um carácter internacional, distinguindo os serviços caldenses entre os que melhor representavam a assistência médica no país[640] (Almeida, 2017, p. 107).

A grande luta desta "Casa das crianças"[641] só ficou resolvida em 1935, apesar de, desde 1932, "tudo se conjuga[r] para que" as obras começassem[642] num outro terreno cedido pela CMCR e pela Misericórdia local[643]. Nessa altura, o lactário esforçava-se por conseguir "aprovação, pelo Ministerio das Obras Publicas, do respectivo projecto (…) verdadeiro jardim escola, para o que já ha parte do material adquirido", desta vez da autoria de Joaquim Manuel da Silva Correia, irmão de Fernando da Silva Correia.[644] O médico do Lactário pode ser indicado como um dos maiores dinamizadores da obra, pois foi ele que conseguiu grande parte do financiamento e as ofertas da Fábrica de Cimentos Liz[645], dos Industriais de Vidraça da Marinha Grande[646] ou do painel de azulejo de António Montês[647]. A obra, um "elegante edificio, em estilo moderno sóbrio (…) tendo uma varanda gradeada, do lado sul, cimentada, para recreio dos pequenos, (…) [e] no seu interior 8 salas areadas e claras, além da cosinha, sala de banho, retretes e

---

de José Lopes Dias], 1930.03.16-1930.07.07, 3 cartas; Castelo Branco); Torres Novas (PT/PH/AFSC/FSC/B-02.3/00028, [Correspondência de José Robalo Mendes Sentieiro], 1936.01.14-1936.03.03; Torres Novas e Caldas da Rainha); Alter do Chão (PT/PH/AFSC/FSC/B-02.3/00035/001, [Carta de Eduardo Caetano Cardiga/ Casa do Povo de Alter do Chão], 1939.01.26; Portalegre. PT/PH/AFSC/FSC/B-02.3/00035/002, [Ofício de (?) e Acácio Mendes/ Casa do Povo de Alter do Chão], 1939.06.27-1939.07.03; Portalegre).
A Liga Portuguesa de Profilaxia Social intercedeu por outros interessados na instituição, como o médico Aires Duarte de Barcelos, PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00008/007, [Carta de António Emílio de Magalhães e Cândido Henrique Gil da Costa/ Liga Portuguesa de Profilaxia Social], 1942.03.21-1942.04.16, 2 cartas; Porto.

[640] *Gazeta das Caldas,* 326, 1932.05.07, p. 1.

[641] *Gazeta das Caldas,* 137, 1928.09.02, p. 3.

[642] *Gazeta das Caldas,* 357, 1932.12.10, p. 1. Ver também: Lactário-Creche Rainha D. Leonor, 1932.

[643] Sessão de 1933.04.29, Livro de atas número 36 da Comissão Administrativa da CMCR, AHMCR – BMCR.

[644] *Gazeta das Caldas,* 379, 1933.05.15, p. 4.

[645] PT/PH/AFSC/FSC/B-02.3/00022, [Correspondência de Henrique de Araújo Sommer/ Empresa de Cimentos de Leiria], 1933.05.15-1933.05.25, 2 cartas; Leiria e Lisboa.

[646] PT/PH/AFSC/FSC/B-02.3/00020, [Carta da Agência das Fábricas de Vidraça], 1933.04.05-1933.04.15; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-02.3/00021, [Ofício de (?) Guerra/ Delegação de Leiria do Comissariado do Desemprego], 1933.04.08; Leiria. PT/PH/AFSC/FSC/B-02.3/00024, [Cartas de A.(?) Fernandes/ 4.ª Seção da Direção dos Edifícios Nacionais (Sul), Ministério das Obras Públicas e Comunicações], 1933.08.29-1934.04.05, 3 cartas; Lisboa

[647] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00197/013, [Correspondência de António Montês], 1933.05.30-1933.10.14, 10 cartas; Portalegre. (Santos, 2019, p. 194).

vestíbulo"[648], ficou concluída em janeiro seguinte[649] e foi inaugurada a 15 de maio de 1935[650].

Na sessão, o médico destaca a inexistência de uma "escola infantil" para crianças dos 4 aos 7 anos, que garantisse a continuidade da educação e da assistência prestada[651]. Esta ausência foi parcialmente solucionada com a "Sala Infantil" inaugurada a 15 de maio de 1936, resultado da campanha "A criança pela criança"[652], em cuja ornamentação participaram "professores da Escola Comercial e Industrial de Rafael Bordalo Pinheiro"[653]. A partir de 1937 e até, pelo menos, 1944, Fernando da Silva Correia foi presidente da Assembleia Geral do lactário[654]. Ao longo desde período, em que se ia complexificando o financiamento do lactário, foram realizadas várias iniciativas de angariação e fundos[655]. Em 1938 foram protegidas 36 crianças[656] e, pelo menos, a *Gazeta das Caldas* nunca deixou de fazer boa propaganda dos seus serviços ou iniciativas (Rodrigues et al., 1993, p. 444). Por exemplo, em 1944, noticia a intenção deste de "ampliar e intensificar a sua acção protetora", nomeadamente através da criação de "uma comissão para salvar a instituição"[657]. O lactário sobreviveu por alguns anos, estando Filomena Augusta da Silva Correia envolvida nos seus projetos; em 1944 recebeu subsídios do Subsecretariado de Estado da Assistência Social por intermédio de Fernando da Silva Correia, que permitiu a "liquidação dos «déficits» dos anos anteriores"[658]. No final da década de 1940, o lactário continuava a funcionar, com orçamentos apresentados, mas em 1950 uma comissão teve a ideia de usar o edifício para uma cantina escolar com o patrocínio da Organização das Mães pela Educação

[648] *Gazeta das Caldas,* 458, 1934.11.24, p. 2. Plantas do edifício, PT/NCG/AFSC/FSC/4/057 e 4/076.
[649] *Gazeta das Caldas,* 413, 1934.01.06, p. 5; 421, 1934.03.03, p. 5.
[650] *Gazeta das Caldas,* 482, 1935.05.11, p. 2; 483, 1935.05.19, p. 5; 484, 1935.05.25, p. 5; 446, 1934.09.01, pp.1-2; 483, 1935.05.09, p. 5 e 484, 1935.05.25, p. 5.
[651] *Gazeta das Caldas,* 509, 1935.11.16, p. 5.
[652] *Gazeta das Caldas,* 525, 1936.03.07, p. 2; 526, 1936.03.14, p. 2 e 527, 1936.03.21, p. 2.
[653] *Gazeta das Caldas,* 534, 1936.05.09, p. 2; 544, 1936.07.18, p. 6.
[654] *Gazeta das Caldas,* 617, 1937.12.18, p. 2; 832, 1944.05.10, p. 2.
[655] PT/PH/AFSC/FSC/B-02.3/00032, [Convite do Colégio Caldense], 1937.05.00; Caldas da Rainha. *Gazeta das Caldas,* 603, 1937.09.11, p. 2; 624, 1938.02.05, p. 2; 660, 1939.01.20; PT/PH/AFSC/FSC/B-02.3/00034, [Carta de Direção do Lactário Creche Rainha Dona Leonor], 1939.01.00-1939.02.05; Caldas da Rainha. *Gazeta das Caldas,* 674, 1939.06.10, p. 4; PT/PH/AFSC/FSC/B-02.3/00036, [Bilhete da Direção do Lactário-Creche Rainha D. Leonor], 1939.06.14; Caldas da Rainha.
[656] *Gazeta das Caldas,* 675, 1939.06.20, p. 2.
[657] *Gazeta das Caldas,* 827, 1944.03.20, p. 1; 829, 1944.04.10, p. 2 e 831, 1944.05.01, p. 1.
[658] PT/PH/AFSC/FSC/B-02.3/00038, [Carta da Direção do Lactário-Creche Rainha D. Leonor], 1944.12.24; Caldas da Rainha.

Nacional ou, como acabou por se verificar, os sócios do lactário decidiam ceder o edifício à Misericórdia, detentora do terreno onde o edifício estava instalado[659]. Em 1956, sob a tutela da Misericórdia, o edifício já tinha recebido o nome Jardim-Escola Rainha D. Leonor[660], chamando-se atualmente Dr. Leonel Sotto Mayor na rua Dr. Fernando Correia.

Fernando da Silva Correia foi reconhecido pelo trabalho desenvolvido nesta instituição, tendo sido procurado, como já foi dito, por possíveis leitores dos seus folhetos e outros beneméritos (médicos ou não) que pretendiam recriar este modelo de assistência em diferentes contextos e lugares. Este médico participou nas Sessões da *Association Internationale pour la Protection de l'Enfance* em 1930[661]; e na décima sessão que teve lugar em Portugal em outubro de 1931[662], nesse âmbito foi publicado *A protecção à infância numa pequena cidade portuguesa (Caldas da Rainha)*[663] e apresentada a palestra *Quelques considerátions sur l'organization de la lute contre la tuberculose et la syphilis dans les oeuvres de proteccion de d'enfance*. Esta sessão ocorreu em vários lugares em Lisboa e contou com alguns momentos de confraternização, que colocaram em diálogo profissionais de várias áreas tendo em vista solucionarem o mesmo problema. E em 1935, este médico publicou no *Bulletin International de la Protection de L'Enfance,* "A protecção médico-pedagógica de proteção à infância"[664]. Outros projetos de Fernando da Silva Correia foram apresentados e discutidos com outros médicos, por exemplo António de Almeida

[659] PT/PH/AFSC/FSC/B-02.3/00039, [Correspondência de Maria Dulce Ferreira Lopes, Maria Emília Sotto Mayor, Filomena Augusta da Silva Correia e Antónia Maria de S. Pires de Lima da Fonseca], 1950.07.18-1950.08.10; Caldas da Rainha.

[660] PT/PH/AFSC/FSC/B-02.3/00040, [Ofício de José Ribeiro Giraldez/ Misericórdia de Caldas da Rainha], 1956.09.26; Caldas da Rainha.

[661] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00496/001, [Correspondência de Augusto Xavier da Cunha Oliveira/ Administração e Inspeção geral dos Serviços Jurisdicionais e Tutelares de Menores do Ministério da Justiça e dos Cultos], 1930.05.05-1930.05.26, 2 cartas; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00496/002, [Ofício de Augusto Xavier da Cunha Oliveira/ Administração e Inspeção geral dos Serviços Jurisdicionais e Tutelares de Menores do Ministério da Justiça e dos Cultos], 1933.06.12; Lisboa.

[662] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00606/001, [Participação na X Session de l'Association Internationale pour la Protection de l'Enfance, Lisboa], 1931.10.25-1932.03.09; Lisboa.

[663] Esta temática já tinha sido abordada na Universidade Livre de Coimbra em dezembro de 1929 e no Club dos Fenianos do Porto, a convite da Liga Portuguesa de Profilaxia Social a 23 de outubro de 1930.

[664] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00086/002, [Correspondências de J. Masquet/ Association Internationale pour la Protection de L'Enfance e Augusto Xavier da Cunha Oliveira/ Direção geral dos Serviços Jurisdicionais de Menores], 1934.11.29-1935.03.08; Bélgica.

Garrett, a "excelente a ideia da criação de uma Associação Nacional da Protecção á Infância"[665].

"A profilaxia está em fóco!"[666]

"Quem fala em providência, em profilaxia e em higiene, na melhor das hipóteses é apodado de visionário, mas quási sempre é alcunhado de tôlo ou pedaço de asno."
(Correia, 1931c, p. 25)

"Com meia dúzia de Fernandos Correia em Portugal a higiene deixava de sêr um mito, para passar a ter a sua verdadeira significação."[667]

Enquanto delegado de saúde, Fernando da Silva Correia esforçou-se por conhecer e solucionar o "problema sanitário" do país, os resultados alcançados foram apresentados, especialmente, em dois trabalhos 1) *A Higiene Municipal em Portugal em 1929*, relatório produzido após um inquérito dirigido a todos os subinspetores concelhios do qual o médico foi incumbido por José Alberto de Faria, diretor-geral de saúde e 2) *Portugal sanitário: subsídios para o seu estudo* (1937), tese de doutoramento. E uma das primeiras consequências que produziram, a nível local, foi a criação do Dispensário de Profilaxia Social das Caldas da Rainha.

A ideia de desenvolver um inquérito sobre higiene municipal foi proposta no III Congresso Nacional de Medicina[668] em 1928. Aí, Fernando Silva Correia apresentou a tese "A organização Sanitária Municipal", fazendo crítica à "miséria da nossa higiene concelhia", considerando como causas a "falta de um regulamento de higiene municipal bem claro e dificilmente sofismável", assim como o facto de as "modalidades de administração serem pautadas pelas necessidade e exigências da capital e quando muito do Pôrto e Coimbra". É com base nesta posição que acabaria por ser incumbido por José

[665] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00352/002, [Carta de António de Almeida Garrett/ Portugal Médico], 1931.01.06; Porto.
[666] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00355/003, [Carta de Luís Carlos Pereira Mendes], 1948.03.17.
[667] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00394/012, [Carta de António Emílio de Magalhães/ Liga Portuguesa de Profilaxia Social], 1932.11.01-1932.11.02; Porto
[668] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00387/001, [Participação no III Congresso Nacional de Medicina, Lisboa], 1928.04.13-1930.05.20; Lisboa e Caldas da Rainha. Capa da Ilustração, Ano 3, número 58 de 1928/05/16. Disponível em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ilustracao/1928/N58/N58_master/N58.pdf.

Alberto de Faria, através do decreto de 11 de janeiro de 1929, de desenvolver o inquérito. Este passou por dois momentos 1) análise dos códigos de posturas municipais utilizados em cada concelho (que deveriam ter sido entregues ao seu requerente) e 2) a resposta a um conjunto de questões em geral, relacionadas com o cumprimento das posturas higiénicas, os serviços de limpeza e cuidados sanitários, o acompanhamento camarário desses serviços, os hábitos de "asseio" individual e o funcionamento das Juntas de Higiene. Em 1929, o país tinha 298 subinspetores de saúde, mas foram recebidos apenas 173 códigos de posturas municipais (solicitados em Circular número 65 de janeiro de 1929 da Direção-geral de saúde) e 205 respostas ao inquérito (solicitadas em Circular número 563 de 26 de março de 1929 da Direção-geral de saúde).

No relatório elaborado, Fernando da Silva Correia caracteriza o "problema higiénico", destacando a incapacidade de obter proveitos com a legislação sanitária de Ricardo Jorge, que considera "sob muitos pontos de vista notável". Define "Higiene Municipal", identificando os principais intervenientes na sua manutenção e evidenciando os Códigos de Posturas Municipais, enquanto "agente local das leis gerais de saúde pública", mas que não era convenientemente usado, por não ser atualizado. Feitas as conclusões, inicia um "Esboço Sanitário de Portugal em 1929", através das respostas obtidas ao inquérito, em que apresenta o projeto de Regulamento de Higiene Municipal, posteriormente publicado na tese de doutoramento (Correia, 1946a).

No caso das Caldas da Rainha, este relatório teve uma consequência direta: a criação do Dispensário de Profilaxia Social (Serra & Cândido, 1995, p. XVI)[669]. Este dispensário foi criado com o objetivo de facilitar o acesso às diferentes formas de assistência do concelho, através do cadastro e acompanhamento dos doentes, especialmente dos portadores de doenças infeciosas, com destaque para a tuberculose, a sífilis e outras doenças venéreas, a lepra, o tracoma, a raiva e procurando contribuir para a prevenção, por exemplo, da cegueira ou de outras doenças do foro psicológico (Correia, 1931b) (Correia, 1933, pp. 13-15) e de "educar o publico de modo a torna-lo apto a resistir e a evitar o mais possível a doença" (Correia, 1931a). Similar a outras

[669] Na *Gazeta das Caldas*, entre outras notícias foi publicado um artigo de Fernando da Silva Correia a explica em que consistia um dispensário. *Gazeta das Caldas,* 217, 1930.03.16, p. 3; 230, 1930.06.22, p. 8; 243, 1930.09.21, p. 3; 255, 1930.12.21, p. 3.

instituições do país, teve apoio de diversas entidades, como a Direção-Geral de Saúde (Correia, 1933, p. 10), contou com a ajuda do enfermeiro do Posto dos Comboios de Portugal, José da Cruz Gonçalves (Correia, 1933, p. 20). O dispensário, inaugurado a 11 de maio de 1930 (Rodrigues et al., 1993, p. 470)[670], foi instalado numa "sala do Laboratório, dois quartos não aproveitados na casa de Assistência a menores e a casa que serviu de Posto da Polícia". Toda a medicação era adquiria a farmácias locais e casas representantes, cujas ofertas monetárias ajudavam na impressão dos "folhêtos de educação higiénica" (Correia, 1933, pp. 20–21), veja-se o caso do Laboratório Sanitas[671]. Para complementar os serviços do dispensário foi criada também uma Casa de Repouso, que abriu em 1931, na rua Moinho de Vento e acolhia 12 doentes e contou com a ajuda da Liga de Ação Social Cristã (Correia, 1933, p. 22)[672].

Em 1933, já tinham sido distribuídos 21 mil exemplares de folhetos, livros e cartazes (Correia, 1933, p. 23) produzidos por este estabelecimento e editados na Tipografia Caldense, são eles, entre outros os: *ABC da Civilidade* (1930), *Breviário de Higiene* (1931, 2 edições)[673] e *Breviário de Higiene Moral* (1931)[674], que foram

[670] *Gazeta das Caldas,* 225, 1930.05.15, p. 4 e p. 14.

[671] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00029/003, [Carta de Francisco Cortês Pinto/ Laboratório Sanitas], 1936.01.18; Lisboa.

[672] *Gazeta das Caldas,* 291, 1931.09.06, p. 4 e 8.

[673] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00533/001, Breviário de Higiene, [1931.00.00-]1946.06.01. Vários médicos e outros profissionais o contactaram para aceder ou felicitá-lo pelo trabalho desenvolvido: João Guilherme Matoso da Fonseca (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00730/001, [Carta de João Guilherme Matoso da Fonseca], 1933.07.16; Caldas da Rainha). Esta obra foi publicada na *Gazeta das Caldas,* 110, 113, 117, 131, 147, 158, 159, 161-163, 167, 168, 171, 174, 183, 184, 191, 194, 212, 216, 218, 220, 225, 227, 228, 309, 1928.02.26-1932.01.01, assim como, em parte, no *Diário de Notícias* (Correia, 1931, s. p.).

[674] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00404/001, Breviário de Higiene Moral, 1928.10.25-1931.06; Caldas da Rainha. Escrito na Quinta de Vale Formoso, Alvorninha, este texto de divulgação foi publicado na *Gazeta das Caldas*, mas teve bastante divulgação nas escolas e reformatórios do país. Foi lido ou comentado por Manuel F. de Lima Barreto (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00404/003, [Carta de Manuel F. de Lima Barreto/ Administração e Inspeção Geral dos Serviços Jurisdicionais e tutelares de menores], 1931.02.25; Lisboa); António Augusto Proença (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00404/007, [Carta de António Augusto Proença/ Delegação da Saúde do concelho da Guarda], 1931.03.10-1931.03.12; Guarda); Augusto Xavier da Cunha Oliveira (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00404/008, [Bilhete de Augusto Xavier da Cunha Oliveira/ Administração e Inspeção Geral dos Serviços Jurisdicionais e Tutelares de Menores], 1931.03.12; Lisboa); António Gomes da Rocha Madail (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00404/011, [Carta de António Gomes da Rocha Madail], 1931.03.17-1931.03.18; Coimbra); José Maria Pereira Ferraz (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00404/012, [Carta de José Maria Pereira Ferraz], 1931.03.20-1931.03.21; Lisboa); António Vitorino França Borges (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00404/014, [Carta de António Vitorino França Borges], 1931.03.22; Lisboa); José Antunes da Costa (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00404/016, [Carta de José Antunes da Costa/ Reformatório de São Fiel (Louriçal do Campo), 1931.04.01; Castelo Branco); Joaquim Augusto Álvares de Almeida (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00404/017, [Bilhete de Joaquim Augusto Álvares de Almeida], 1931.04.03; Guarda); Álvaro Gonçalves Viana Lemos (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00404/018, [Carta de Álvaro Gonçalves Viana Lemos], 1931.04.06-1931.04.07; Coimbra); Livraria Cruz (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00404/019,

consultados por vários médicos e políticos do Porto, Coimbra e Lisboa, religiosos, críticos literários e senhoras profissionais do Serviço Social, ou áreas afins, como a irmã do destinatário, que usou os textos para um Curso de Higiene que regeu no Dispensário de Évora[675]. Álvaro Gonçalves Viana Lemos, apesar de achar que "a moral não se aprende por livros", encontra "m[ui]ta coisa boa" e sugere outras temáticas que o autor deveria ter abordado, por exemplo, dar maior ênfase à ciência e menos a "factos religiosos e políticos". À semelhança do que acontecia relativamente às outras instituições, Fernando da Silva Correia era contactado para auxiliar na instalação e estabelecimentos semelhantes[676].

A estes trabalhos acrescenta-se *As 3 grandes doenças sociais* (4200 exemplares (Pilão & Tacão, 2011, p. 185)), folheto de "propaganda popular" contra a tuberculose e sífilis como lhe chamou Amândio Paul[677], a temática abordada liga-se também com a

[Bilhete-postal da Livraria Cruz], 1931.04.13-1931.04.15; Braga); Reformatório Feminino de Viseu (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00404/021, [Bilhete de (?)/ Reformatório Feminino de Viseu], 1931.04.12-1931.12.13; Viseu); Ermelinda Santos (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00404/024, [Carta de Ermelinda Santos/ Reformatório de Lisboa], 1931.05.12-1931.05.16; Lisboa); Colónia Correcional de Vila Fernando (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00404/027, [Bilhete-postal da Colónia Correcional de Vila Fernando], 1931.06.02-1931.06.03; Portalegre); Reformatório Central de Lisboa Padre António de Oliveira (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00404/028, [Carta de Joaquim Rodrigues (?)/ Reformatório Central de Lisboa Padre António de Oliveira], 1931.06.12-1931.06.13; Lisboa); Emília Cândida de Silva Patacho (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00404/030, [Ofício de Emília Cândida de Silva Patacho/ Reformatório de Lisboa], 1931.06.25; Lisboa); Maria Celestina da Luz Marques (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00404/031, [Ofício de Maria Celestina da Luz Marques/ Reformatório Feminino de Viseu], 1931.06.26-1931.06.28; Viseu); Joana de Távora Folque de Souto (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00404/032, [Carta de Joana de Távora Folque de Souto], 1931.06.29-1931.07.01; Lisboa); Uriel João de Sousa Salvador (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00404/034, [Carta de Uriel João de Sousa Salvador], 1932.02.25; Coimbra); João Guilherme Matoso da Fonseca (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00404/035, [Carta de João Guilherme Matoso da Fonseca], 1934.12.17. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00723/001, [Carta de João Guilherme Matoso da Fonseca], 1933.07.16); Branca Rumina (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00404/036, [Carta de Branca Rumina], 1935.01.15; Lisboa); José António Cid de Oliveira (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00404/037, [Carta de José António Cid de Oliveira/ Liceu de José Falcão], 1936.03.01-1936.03.03; Coimbra); António Emílio de Magalhães (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00394/010, [Correspondência de António Emílio de Magalhães/ Liga Portuguesa de Profilaxia Social], 1931.02.28-1931.03.15, 2 cartas; Porto); Fidelino de Sousa Figueiredo (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00710/002, [Carta de Fidelino de Sousa Figueiredo], 1933.05.28-1933.05.29; Lisboa). Esta obra foi publicada, em parte, no jornal *A Ação Regional* de Castelo Branco (Correia, 1931b, s. p.).

[675] PT/PH/AFSC/FSC/B-04/00001/005, [Correspondência de Filomena Augusta da Silva Correia], 1941.02.25-1942.05.18, 7 cartas; Évora.

[676] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00030/002, [Carta de Rodrigues Palma], 1937.11.20-1937.11.22; Beja. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00669, [Cartas de José Maria dos Santos Moura], 1932.10.22-1933.01.10, 2 cartas; Porto.

[677] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00194/003, [Carta de Amândio Paul/ Sanatório Sousa Martins], 1931.05.10; Guarda. A obra foi também oferecia a João Furtado (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00270/002, [Postal ilustrado de João Furtado], 1931.05.17-1931.05.31; Estados Unidos da América); Albano Duque (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00698, [Correspondência de Albano Duque/ Universidade Livre de Coimbra],

conferência "Doenças sociais e higiene"[678], realizado na Universidade Livre de Coimbra e, em maio de 1931, na Semana Portuguesa de Higiene e foi repetida na Semana da Tuberculose. Este trabalho é considerado por Francisco Cortês Pinto uma forma de "marcar uma posição, de cada vez mais distincta, no campo dos trabalhadores da saúde", sendo Fernando da Silva Correia "um apostolo."[679] Na Semana Portuguesa de Higiene, Fernando da Silva Correia colabora com o seu principal organizador, Carlos Santos (Filho), com "trabalhos, taes como conferências para ler no theatro e a T.S.F., disticos para cinemas, notas para jornaes diarios, notas para a vulgarisação das leis da higiene"[680], que terão contribuído para os artigos publicados posteriormente no *Jornal do Médico* (F. da S. Correia, 1945). Além de vários momentos de confraternização e das diversas iniciativas que acolheu, Fernando da Silva Correia categorizou as 72 conferências como de "lição técnica", "crítica", "vulgarização" ou ambas e "organização"[681]. De entre a ideais que surgiram deste encontro, deve mencionar-se a de "criar uma organização para estudos e// propaganda da higiene (Cruzada P[ortuguesa]. da Higiene)", que o médico do Porto António de Almeida Garrett julgava dever "ter uma sede em Lisboa, com núcleos em todas as terras onde seja possivel organiza-los devidamente", o que poderia ser feito através de "uma comissão de redigir um projeto da organização, que, aprovado, seria logo pôsto em prática, instalando-se a comissão central, e iniciando-se a constituição dos núcleos"[682]. Esta ideia foi apresentada no Congresso Beirão, na Figueira da Foz em 1932[683], indicando que, a par

1933.02.14-1933.05.09); João Guilherme Matoso da Fonseca (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00722/001, [Carta de João Guilherme Matoso da Fonseca], 1933.07.16; Caldas da Rainha).

[678] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00664/001, Doenças sociais e higiene, 1932.09.24.

[679] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00664/002, [Carta de F. Cortez Pinto], 1932.09.24; Lisboa. Esta foi ainda recebida por: Padre Palhinhas(?) (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00664/003, [Carta de Padre Palhinhas(?)], 1933.04.20-1933.04.21; Coimbra); Belarmino Pedro (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00664/004, [Carta de Belarmino Pedro/ O dever], 1933.04.21-1933.04.22; Coimbra).

[680] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00533/002, [Carta de Carlos Santos (Filho)/ Semana Portuguesa de Higiene], 1931.04.24.

[681] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00542/001, I Semana Portuguesa de Higiene, 1931.00.00-1944.00.00. Este encontro suscitou o interesse de outros médicos como Duarte Gorjão Henriques da Cunha (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00542/002, [Carta de Duarte Manuel Gorjão Henriques da Cunha], [19??.00.00]; Leiria); e Manuel da Silva Pires (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00570, [Bilhete de Manuel da Silva Pires], 1931.06.04; Portalegre).

[682] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00352/003, [Carta de António de Almeida Garrett/ Inspeção de Saúde do Porto], 1932.11.17-1932.11.19; Porto.

[683] Tomou parte em vários Congressos Beirões, no IV em 1929 (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00438/001, [Participação no IV Congresso Beirão], 1929.06.16-1929.07.09), e no V em 1932 (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00622/001, [Participação no V Congresso Beirão], 1932.00.00-1932.11.08). A tese apresentada neste último foi solicitada por Domingos Cândido Braga da Cruz (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00622/004, [Carta de

da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, devia ter as suas "obras de propaganda e vulgarização" (Correia, 1934, p. 258).

Será no contexto do dispensário, que Fernando da Silva Correia conhecerá a segunda esposa, Aurora Baptista Ribeirete, que se tornou Visitadora de Higiene Social interina, iniciando funções em dezembro de 1930, estava incumbida das visitas e dos "inquéritos sociais metódicos", para os quais foram elaboradas fichas apropriadas (Correia, 1933, pp. 18–19). (Ribeirete, 1937, p. 4) (Ribeirete, 1940). Em 1932, Fernando da Silva Correia "frequentou os serviços anti-rabicos do Instituto Bacteriológico Camara Pestana", tendo em vista a direção desses serviços localmente, mas nunca funcionaram (Correia, 1938a, p. 4)[684]. O movimento de doentes protegidos pelo dispensário veio a aumentar durante este período, sendo nesse ano o número total de serviços prestados de 11763, altura em que pretendia adquirir "um aparelho para pneumotorax artificial, (…), a organização eficaz do serviço anti-leproso" e entre outros (Correia, 1934, p. 160). Com a saída do cargo de delegado de saúde, o dispensário passou a ser dirigido por Mário de Azevedo e Castro[685].

Entre os trabalhos que é possível associar à temática da Higiene e que provêm deste período, podem acrescentar-se o artigo *Os inimigos da higiene,* publicado na *A Medicina Contemporânea*, nº 21 (1931.05.24), a partir da conferência na Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa de 1931.05.23[686]. E a obra *Problemas de higiene e hidrologia*[687]*,* que reúne várias conferências feitas entre 1928 e 1932, com somente um capítulo inédito; o que permite entender a evolução das análises da higiene e dos seus problemas em Portugal, assim como a ténues alterações que as propostas de Fernando da Silva Correia foram sofrendo[688].

Domingos Cândido Braga da Cruz], 1932.11.02-1932.11.08; Açores); Mota Cabral (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00622/005, [Carta de Mota Cabral], 1932.11.07; Santarém); António Emílio de Magalhães (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00394/011, [Carta de António Emílio de Magalhães/ Liga Portuguesa de Profilaxia Social], 1932.10.18-1932.10.19; Porto).

[684] Estes complementariam os serviços semelhantes, já instalados, da responsabilidade do médico Francisco Henriques de Avelar, *Gazeta das Caldas*, 162, 1929.02.24, p. 4; 164, 1929.03.10.

[685] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00805, [Cartas de Mário de Azevedo e Castro], 1934.05.05-1941.03.26, 7 cartas.

[686] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00552, Os inimigos da higiene, 1931.04.12-1931.05.24.

[687] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00768/001, Problemas de Higiene e Puericultura, 1933.07.06-1934.00.00.

[688] Esta obra foi oferecida a Adelino Vieira de Campos de Carvalho (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00724/002, [Cartão de visita de Adelino Vieira de Campos de Carvalho], 1934.04.12; Braga); e contou com a

O relatório inicialmente referido, *Um ensaio de ação médico-social* (também uma edição do dispensário), que, como se disse, resume estas atividades teve bastante divulgação, especialmente entre o público médico[689] – delegados de saúde[690] - e recebeu bastantes elogios pela atividade assistencial completa que relatava. O médico José Lopes Dias disse o seguinte

> "Tem sobretudo um mérito que merece justificado destaque é o de exemplo, realisado e concreto, de um Serviço Social completo, coordenado nas suas diversas modalidades, satisfazendo as necessidades de assistência das nossas

intervenção de Joaquim de Carvalho (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00707/002, [Bilhete postal de Joaquim de Carvalho]; Coimbra).

[689] Luís António Martins Raposo, cuja opinião era a "melhor possível" (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00730/005, [Bilhete de Luís António Martins Raposo], 1933.11.24-1933.11.25, Coimbra.); Francisco Cortês Pinto (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00730/006, [Carta de Francisco Cortez Pinto], 1933.11.26; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00730/011, [Carta de Francisco Cortez Pinto/ Laboratório Sanitas], 1933.12.06; Lisboa.); Samuel Domingos Maia de Loureiro (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00730/007, [Bilhete de Samuel Domingos Maia de Loureiro], 1933.11.29; Lisboa.); Sebastião Cabral da Costa-Sacadura (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00730/008, [Carta de Sebastião Cabral da Costa-Sacadura], 1933.11.29-1933.11.30; Lisboa.); Manuel Rodrigues Simões Júnior (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00730/010, [Carta de Manuel Rodrigues Simões Júnior], 1933.12.06; Aveiro); Ismael Gambôa Pimentel Gomes (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00730/012, [Carta de Ismael Gambôa Pimentel Gomes], 1933.12.07; Guarda); Cândido Varela (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00730/013, [Carta de Cândido Varela], 1933.12.08.); José Maria dos Santos Moura (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00730/016, [Carta de José Maria dos Santos Moura], 1933.12.09-1933.12.10; Porto); José Coelho Pereira (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00730/018, [Cartão de visita de José Coelho Pereira], 1933.12.12; Leiria); Costa Andrade (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00730/020, [Cartas de Costa Andrade], 1933.12.23-1934.012.07, 2 cartas, Lisboa); Pedro da Cunha M. e Menezes (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00730/025, [Cartão de visita de Pedro da Cunha M. e Menezes], 1934.01.14; Lisboa); Ladislau Fernando Patrício (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00730/025, [Cartão de visita de Ladislau Fernando Patrício], 1934.01.30; Guarda); Alberto Martins dos Santos (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00730/027, [Cartão de visita de Alberto Martins dos Santos], 1938.02.24; Leiria.); António Caetano de Abreu Freire Egas Moniz (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00730/032, [Cartão de visita de António Caetano de Abreu Freire Egas Moniz], [19??.00.00]; Lisboa.); Arlindo Camilo Monteiro, considera-o um "elegante testemunho" (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00675/002, [Carta de Arlindo Camilo Monteiro], 1934.01.14-1934.01.15; Lisboa). Entre o público não médico destaca-se Estevão Palhinha de Brito Falé, da Misericórdia de Elvas (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00730/009, [Bilhete de Estevão Palhinha de Brito Falé/ Misericórdia de Elvas], 1933.11.29-1933.11.30; Portalegre); José Pereira Fialho Júnior (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00730/015, [Carta de José Pereira Fialho Júnior], 1933.12.09; Lisboa); José Maria Ferreira de Castro, jornal *O Século* (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00730/017, [Cartão de visita de José Maria Ferreira de Castro/ O Século], 1933.12.11; Lisboa); o militar e deputado Vitorino Máximo de Carvalho Guimarães (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00730/029, [Carta de Vitorino Máximo de Carvalho Guimarães], 1934.04.18-1934.04.19; Lisboa); Fernando Sá (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00712/003, [Carta de Fernando Sá], 1933.11.22-1933.11.23; Leiria).

[690] Henrique da Silva Amorim, Delegação de Saúde de Castelo de Paiva, PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00730/002, [Cartão de visita de Henrique da Silva Amorim/ Delegação de Saúde de Castelo de Paiva], 1933.10.07-1933.10.08; Aveiro. Augusto F. de (?), Delegação de Saúde de Paredes, PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00730/019, [Carta de Augusto F. de (?)/ Delegação de Saúde de Paredes], 1933.12.13-1933.12.15; Porto. Cipriano Pinhal Palhavã, delegado de saúde da Marinha Grande, PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00730/023, [Cartão de visita de Cipriano Pinhal Palhavã], 1934.01.11-1934.01.12; Leiria.

cidades de província. (…) o seu «Ensaio» é verdadeiramente uma lição mestra para ser aprendida pelos nossos colegas, desde o Minho ao Algarve (…)."[691]

Nas Caldas da Rainha, Fernando da Silva Correia promoveu também algumas conferências, por exemplo, na Escola Rafael Bordalo Pinheiro[692], na Associação Comercial, no âmbito da Semana de Inválidos do Comércio[693]. Nos seus últimos meses na Delegação de Saúde das Caldas da Rainha, intercedeu ainda pela instalação de um dispensário da Assistência Nacional aos Tuberculosos na cidade[694] (Correia, 1933, p. 28), iniciativa em que colaborou o médico João de Oliveira Carvalho, que nessa altura dirigia um curso de ginástica médica no Dispensário de Profilaxia Social[695] e que, a par com os médicos António de Melo Ferrari e Correia Mendes já tinha substituído o diretor nas suas ausências (Correia, 1933, p. 20).

D. Fazer "das termas caldenses as mais celebradas do País"

Durante o século XX, Fernando da Silva Correia foi um dos intelectuais que mais escreveu sobre hidrologia, na sua relação com as Caldas da Rainha e sobre o impacto da ação da rainha D. Leonor[696]. Vários fatores terão contribuído para este interesse particular: o gosto e a residência na vila/cidade termal, por excelência, a temática em si – capaz de contribuir para a terapêutica - e, provavelmente, por ser também um dos grandes interesses de Ricardo Jorge, referência maior da Medicina portuguesa para este médico.

Antes de ser médico, já Fernando da Silva Correia era um assíduo frequentador da época termal. Nas décadas de 1920 e 1930 desempenhou funções de médico externo

[691] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00730/004, [Carta de José Lopes Dias], 1933.11.23-1933.11.25; Castelo Branco.
[692] *Gazeta das Caldas*, 52, 1927.01.16, p. 4. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00337, O papel da mocidade nas obras de assistência, 1927.01.09; Caldas da Rainha .
[693] *Gazeta das Caldas*, 100, 1927.12.18, p. 1. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00710, [Recortes de jornal - Conferências na Associação dos Empregados do Comércio e Indústria das Caldas da Rainha], 1933.05.25-1933.05.27.
[694] Sessão de 1933.10.21, Livro 37 das Atas da Comissão Administrativa da CMCR, AHMCR – BMCR. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00571/001, [Carta de Domingos de Lara/ Assistência Nacional aos Tuberculosos], 1931.06.18.
[695] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00608/001, [Carta de João de Oliveira Carvalho], 1931.12.07; Caldas da Rainha.
[696] Origem do título deste ponto (Serra, 2003, p. 349).

do Hospital Termal e de diretor clínico do Balneário das Águas Santas (Correia, 1938a). Pelo que a época termal era sempre um momento especialmente trabalhoso e profícuo para si,

> "E tu agora é que estas na grande colheita do verão? (…) sei que trabalho e simpatias não te faltam nessa velha vida da côrte."[697]

Uma das suas primeiras obras foi o *Guia prático das águas minero-medicinais portuguesas* (1922)[698], com prefácio de Paul Charles Lepierre, editado pela Livraria Editora Moura Marques & Filho, Coimbra. Esta obra um trabalho de conclusão dessa especialidade no Instituto de Hidrologia e Climatologia[699], curso[700] que terminou a 13 de maio de 1921 com 13 valores (Serra & Cândido, 1995, p. xvi). O seu objetivo, enquanto autor, segundo Paul Charles Lepierre, foi

> "Codificar o que anda disperso na literatura medica ou comercial sobre aguas medicinaes; chamar a atenção sobre o valor intrinseco ou relativo das diversas nascentes portuguesas; classificar essa enorme riqueza em capítulos homogéneos; numa palavra, prestar serviços ao Paiz e aos seus colegas" (Correia & Lepierre, 1922, p. V).

Assim, o analista considerava que a obra "em boa altura" preenchia "uma lacuna importante na literatura scientifica", constituindo "um excelente manual" (Correia & Lepierre, 1922, p. VII e X). Nela, Fernando da Silva Correia caracteriza as águas mineromedicinais, como atuavam, quando deviam ser utilizadas; quais as características

---

[697] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00140/001, [Correspondência de Armando da Cunha Narciso], 1920.04.16-1920.08.28, 4 cartas, Lisboa.

[698] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00170/001, Guia prático das águas minero-medicinais portuguesas (Prefácio de Charles Lepierre), 1921.07.29-1925.02.09, Caldas da Rainha.
PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00170/008, Bilhete-postal da Livraria Editora Moura Marques, 1921.11.28; Coimbra.

[699] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00170, Análises química e bacteriológica: estudo da radioactividade das Águas da Piedade (Alcobaça) de Paul Charles Lepierre, 1921.06.00; Lisboa. O condiscípulo Luís Roque Machado ponderou frequentar o curso também, PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00179/001, [Carta de Luís José Roque Ferreira de Carvalho Machado], 1921.11.28-1921.11.30; Viseu.

[700] Segundo carta de Armando da Cunha Narciso, o curso era lecionado por vários professores, além de Lepierre e as aulas decorriam no Museu de Geologia da Escola Politécnica, no Instituto Superior Técnico, no Instituto de Farmacologia da Faculdade de Medicina e no Instituto Central de Higiene, neste caso com Ricardo Jorge, PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00140/002, [Correspondência de Armando da Cunha Narciso], 1920.10.21-1921.10.06, 7 cartas; Lisboa.

das águas portuguesas, terminando com uma comparação das águas nacionais com as principais águas termais estrangeiras. Para a elaboração desta obra, contactou com o próprio Lepierre[701] e várias empresas gestoras das águas termais. O livro foi comentado por João Felicíssimo[702], Sebastião Cabral da Costa-Sacadura[703], Tito de Sousa Larcher[704], Mário Moutinho[705] e, possivelmente, Ignacio Bravo, que com o autor partilhará um livro sobre as águas medicinais em Espanha[706].

O contacto entre hidrologistas foi especialmente profícuo com Armando Narciso, tendo Fernando da Silva Correia comentado a sua obra *A evolução da Crenoterapia e as águas medicinais portuguesas* (1920) nas Caldas da Rainha[707]. Professor de Fernando da Silva Correia, pretendia comentar a obra de 1922 na revista A *Medicina Contemporânea*, o que não se verificou por ter sido antes referida por António de Azevedo[708]. Além disso, o arquivo pessoal e familiar reúne um conjunto relevante de cartas sobre a candidatura de Narciso ao lugar de "inspetor" do Hospital Termal das Caldas da Rainha[709]. Este foi também convidado para escrever sobre as Caldas da Rainha para a revista *Álbum das Caldas* em 1936. Fernando da Silva Correia foi igualmente contactado para acompanhar a "habitual excursão hidrologica" às termas caldenses, com estudantes do Instituto de Hidrologia de Lisboa[710]. Foram ainda estabelecidos outros contactos interessados nas

[701] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00170/002. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00170/003. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00170/010.
[702] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00170/013.
[703] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00170/014.
[704] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00170/015.
[705] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00195/002.
[706] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00198.
[707] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00141, As águas medicinais portuguesas, [1920.00.00]; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00139/001, [Correspondência de Armando da Cunha Narciso], 1920.04.16-1920.08.28; Carta com envelope de 1920.06.24; Lisboa.
[708] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00170/011. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00170/012.
[709] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00139/002.
[710] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00278/022, [Cartas de José Saudade e Silva/ Comissão de Iniciativa das Caldas da Rainha], 1933.05.19-1933.05.30, 4 cartas; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00214, [Correspondência de Paul Charles Lepierre/ Instituto Superior Técnico], 1923.06.01-1923.08.08, 2 cartas; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00481, [Nota da despesa da visita dos quintanistas de Medicina no Club de Recreio], [1930.01.26]; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00572/001, [Carta de António Canto Brandão/ Instituto de Hidrologia de Lisboa para o presidente da Comissão Administrativa da CMCR], 1931.06.22; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00572/002, [Carta de António do Canto Brandão/ Instituto de Hidrologia de Lisboa], 1934.06.12; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00125/001, [Cartas de Armando da Cunha Narciso], 1935.03.08-1935.10.20, 5 cartas; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00125/009, [Cartas de Armando da Cunha Narciso], 1939.05.01-1939.05.24, 3 cartas; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00125/018, [Cartas de Armando da Cunha Narciso], 1943.04.20-1943.05.17, 6 cartas; Lisboa. *Gazeta das Caldas*, 380, 1933.05.20, p. 6.

suas obras sobre hidrologia, como é o caso de Gabriel de Almeida[711]; João de Magalhães, que solicita informações sobre as termas caldense para um texto sobre as águas minerais portuguesas para um número especial do *Fígaro*[712].

"(…) e Portugal tinha o seu primeiro grande hospital (…) termal" (Correia, 1999, p. 489)

O cargo desempenhado por Fernando da Silva Correia no Hospital Termal, além da investigação produzida e publicada, não é ainda muito claro, mas não seria oficial, já que não correspondeu a encargos financeiros por parte do estabelecimento termal. Este médico não se encontra registado nos seus quadros, sendo apenas possível localizá-lo a fazer a visita médica às enfermarias em outubro de 1924[713]. No entanto, denota-se um claro envolvimento nas decisões relacionadas com o hospital[714].

Pela sua relação com as Caldas da Rainha, Fernando da Silva Correia era frequentemente contactado para auxiliar no acesso ao Hospital Termal para tratamentos, como foi o caso dos lentes de Coimbra Artur de Azevedo Leitão[715], João Marques dos Santos[716] e Ângelo Pereira[717]. Vários foram os contactos estabelecidos com frequentadores na região na época termal, como o intelectual David de Melo Lopes[718]; Luís Filipe de Castro, conde de Nova Goa, que enviou um texto da esposa Rachel Jardim de Castro "No Hospital real das Caldas da Rainha"[719]. Pelos conhecimentos adquiridos, este médico era também um elemento a consultar para casos da

[711] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00605.
[712] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00463/002, [Carta de João de Magalhães/ Estoril Termas], 1931.03.14-1931.03.15; Lisboa.
[713] MHC/HDL/F01-XIII.
[714] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00167, [Carta de António Bebiano Correia/ Associação Comercial e Industrial de Caldas da Rainha], 1921.02.13; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00257, [Regulamento do Hospital Rainha D. Leonor com notas], 1925.00.00-1938.00.00; Caldas da Rainha.
[715] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00125/004.
[716] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00150/002.
[717] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00723.
[718] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00219/001. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00219/002. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00219/003. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00219/004.. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00219/006. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00219/007. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00219/008.
[719] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00312/001. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00312/002.

especialidade[720]. Outros dos contactos médicos estabelecidos pretendiam garantir o tratamento ou acompanhamento de doentes[721].

Fernando da Silva Correia foi também, especialmente neste período, um enorme responsável pela propaganda das águas termais locais e incentivou muitos médicos a visitar as Caldas da Rainha[722]. Uma das principais obras, que assume um duplo carácter médico e propagandista, foi *O Hospital Termal das Caldas da Rainha: a sua história, as suas águas, as suas curas*[723]. Impresso em 1930 na Sociedade Gráfica Editorial (Lisboa), teve a autoria partilhada com o diretor clínico António de Melo Ferrari e o médico adjunto Manuel de Melo Ferrari, ambos familiares (por afinidade) de Fernando da Silva Correia, aí indicado como médico externo do Hospital Termal. Este conjunto de privilegiados conhecedores do Hospital elabora 1) uma evolução histórica do estabelecimento; 2) uma descrição das "actuais termas" e do seu enquadramento, dos tratamentos aí realizados e do "futuro do balneário"; 3) uma listagem de casos clínicos, entre os quais se destacam, da autoria dos antigos médicos Henrique dos Santos Pinto e João Augusto de Melo Côrte Real, uma "auto-observação" e notas sobre "doenças de fígado" - textos que constam na sua forma manuscrita no arquivo pessoal e familiar; 4) um "Guia do banhista" e 5) uma enumeração de individualidades e médicos que passaram pelo Hospital. A obra é dirigida a dois públicos-alvo: a classe médica e o possível banhista. A primeira é apontada por Fernando da Silva Correia, que considera a ausência da Hidrologia nas universidades concorrente para que as águas termais tenham "sido desdenhadas por muitos médicos". Ao constituir um "*mise-au-point* do

[720] Miguel Evaristo Teixeira de Barros e João Furtado consultaram-no sobre a nomeação do segundo para médico adjunto de um estabelecimento termal, PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00281, [Cartas de Miguel Evaristo Teixeira de Barros e João Furtado], 1925.07.16- 1925.07.26. Fernando Costa e Almeida, Subinspeção de Saúde da Anadia, solicitou ajuda para a tese de conclusão do curso sobre as águas da Curia, PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00314/001, [Carta de Fernando Costa e Almeida], 1926.03.31; Coimbra. O médico José António Cid de Oliveira solicitou uma informação sobre a "legislação de águas minerais", PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00461, [Carta de José António Cid de Oliveira], 1929.09.26-1929.09.27; Coimbra.
[721] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00497, [Carta de Augusto Mendes], 1930.05.17; Santarém. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00581, [Carta de F. Águas de Oliveira], 1931.07.28; Coimbra. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00654, [Carta de J. Mendes Calisto], 1932.07.18; Coimbra. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00561/001, [Carta de Fernando da Conceição Fonseca], 1931.05.07; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00561/002, [Carta de Fernando da Conceição Fonseca/ Policlínica do Intendente], [19??.00.00]; Lisboa. E também para fazer tratamentos nas Águas Santas (PT/PH/AFSC/FSC/B-02.4/00006, [Carta de Raul da Silva Viana], 1929.05.31; Lisboa).
[722] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00196, [Recortes de jornal], 1922.09.09-1925.05.15; Lisboa. *Gazeta das Caldas*, 291, 1931.09.06, p. 5.
[723] Este artigo foi analisado na parceria mostra bibliográfica *Um ano com a obra de Fernando da Silva Correia: 12 livros sobre as Caldas da Rainha*.

que se conhece sobre a acção das águas das Caldas", esta obra pretende contrariar essa tendência e desmistificar crenças médicas "infantis", sem, no entanto, procurar uma "exibição de bibliografia fácil", que os autores consideram "ofensiva", para os "clínicos" que já a conhecem. Entre as questões apresentadas à classe médica, vale a pena acrescentar a "terapêutica da dôr", encarada por Fernando da Silva Correia como a resposta a um problema do "ponto de vista social". Ao banhista está dedicada a parte final do livro, especialmente o "guia" elaborado em colaboração com António Montês, integrando a lógica regionalista (além de propagandista) da época.

Entre os médicos que conheceram esta obra, contam-se: Nicolau de Bettencourt, diretor do Instituto Câmara Pestana[724] e João Serras e Silva, ambos frequentadores do Hospital[725]; José Pereira Ferraz, da Associação de Caridade de Sintra[726]; os radiologistas Bénard Guedes, que, em abril de 1931, a considera um "livro preciosíssimo para a história da crenoterapia portuguesa" [727], e Plácido Sánchez Carrión, que nela reconhece o lado de "publicista" do seu correspondente[728]. A estes podem acrescentar-se o historiador Hernâni Cidade, que aponta os "curiosíssimos aspetos de costumes, interessantes para quantos andem em procura da alma do passado, e dá-nos preciosa documentação sobre a história da medicina"[729]; o Real Gabinete Português de Leitura (Rio de Janeiro)[730]; Eduardo Carneiro de Araújo Coelho[731]; José Salinas Calado[732]; Eugénio Ribeiro Almeida[733]; Joaquim Alberto Pires de Lima[734]; José Gonçalo Santa-Rita[735]; Augusto da Cunha Guimarães[736]; João Miguel Ladeiro[737]; e Henrique Parreira[738].

[724] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00476/006
[725] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00476/016.
[726] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00476/005.
[727] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00476/007.
[728] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00476/014.
[729] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00476/015.
[730] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00476/012, [Carta de H.(?)/ Real Gabinete Português de Leitura], 1931.06.19-1931.06.25; Brasil.
[731] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00476/003.
[732] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00476/004.
[733] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00476/008.
[734] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00476/009.
[735] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00476/010.
[736] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00476/011.
[737] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00476/013.
[738] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00476/017.

A obra teve origem na participação dos três autores no XIII Congresso Internacional de Hidrologia, Climatologia e Geologia Médicas, que teve lugar em Lisboa em 1930[739]. Fernando da Silva Correia apresentou ainda "As Águas Santas na terapêutica dermatológica" e "130 Anos de clínica termal nas Caldas da Rainha". Na sequência desse encontro, organizado pela *International Society of Medical Hydrology*, que tinha como secretário local Armando da Cunha Narciso, Fernando da Silva Correia foi proposto para sócio[740], sendo, posteriormente, também convidado para o Sixième Congrès International de Thalassothérapie[741].

Enquanto estudos mais tendentes para a História da Medicina, ainda em 1928, foi publicado o artigo "Um balneário português do século XV"[742], na revista *O Instituto*, integrando também a obra já mencionada[743]. Esta análise foi apresentada, em 1925, no Congresso Luso-Espanhol para o Avanço das Ciências[744]. Ambos, revista e congresso, altamente impulsionados pelo filósofo Joaquim de Carvalho, que considerou o texto "confuso – mas não obstante recheado de erudição". O autor "quis trazer um modesto subsídio para a história da Medicina" e "da hidrologia médica portuguesa", tendo como principal referência a obra de Jorge de S. Paulo. Ocupa-se do "balneário das Caldas" através do 1) enquadramento das termas locais; 2) registo da visita da rainha D. Leonor, início da construção e redação do "Compromisso" (1512) e 3) descrição do "primitivo Hospital" e das competências do provedor e do físico, pelo que é possível conhecer o processo da "cura" e a procura do hospital. A participação no, já mencionado, III Congresso Nacional de Medicina levou também à apresentação de um trabalho sobre o

[739] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00476/001, [XIII Congresso Internacional de Hidrologia, Climatologia e Geologia Médicas e O hospital termal das Caldas da Rainha: A sua história, as suas águas, as suas curas], 1930.00.00-1939.02.17; Lisboa, Caldas da Rainha e Coimbra. *Gazeta das Caldas*, 244, 1930.10.01, p. 5.

[740] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00476/002, [Carta de Armando da Cunha Narciso/ International Society of Medical Hydrology], 1930.06.29-1930.07.08. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00537, [Carta de C. M. Buckley/ International Society of Medical Hydrology]1931.01.21; Reino Unido. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00700/001, [Correspondência de Manuel Marques da Mata/ International Society of Medical Hydrology], 1933.03.20-1933.04.27; Lisboa.

[741] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00559, [Circular da Association Internationale de Thalassothérapie], 1931.04.20; França

[742] Este artigo foi analisado na parceria *Um ano com a obra de Fernando da Silva Correia: 12 livros sobre as Caldas da Rainha*.

[743] Pelos que além dos leitores já mencionados, também se pode contar Henrique de Campos Ferreira Lima, coronel de Artilharia e Diretor do Arquivo Histórico Militar, PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00512, [Cartão de visita de Henrique de Campos Ferreira Lima], 1930.10.08-1930.10.12; Lisboa.

[744] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00273, [Participação no Congresso Misto das Associações Portuguesa e Espanhola para o progresso das Ciências], 1925.02.28-1925.12.14; Coimbra, Porto e Espanha.

Hospital Termal: "Uma clínica termal portuguesa nos séculos XV, XVI, XVII e XVIII", que também integrou a obra de 1930.

Os temas de História também começaram a ser tratados pelo médico neste período, servindo-se em vários momentos da *Gazeta das Caldas.* Além do Hospital Termal e o manuscrito de Jorge de S. Paulo, que talvez aí cite pela primeira vez[745], Fernando da Silva Correia promoveu o estudo (histórico) da obra de Rafael Bordalo Pinheiro[746], lançando a ideia da "creação d'um muzeu ceramico nas Caldas"[747] (D. Santos & Couto, 2013, p. 19). A cerâmica caldense foi também alvo de outros estudos seus, como o que foi publicado na revista *Cerâmica e Edificação*[748] (Serra, 1991, p. 136) ou a biografia de Francisco Elias (Serra, 1991, pp. 115–129) (Serra, 2003, p. 20) (AA.VV., 1987).

"Aguas que tantas e tao milagrosas curas téem feito nas doenças de pele"[749]

A ação de Fernando da Silva Correia em torno do Balneário das Águas foi mais documentada, no entanto, isso não a tem tornado mais conhecida dos caldenses. Em 1930, escreveu "As Águas Santas das Caldas da Rainha em Terapêutica Dermatológica"[750], em que caracterizou o estabelecimento, dando conta da sua localização e da descoberta e propriedades das suas águas. Indicou que em 1855[751] foi construído o balneário existente através de uma subscrição pública e identificou a ação benemérita de Claudina Chamiço para com os leprosos, como uma das principais causas para que o estabelecimento fosse posteriormente votado ao abandono, já que "seria

[745] *Gazeta das Caldas*, 6, 1925.11.06, p. 7.
[746] *Gazeta das Caldas*, 53, 1927.01.23, p. 7.
[747] *Gazeta das Caldas*, 69, 1927.05.15, p. 12. Apoiou também a criação do Museu José Malho desde o início (D. Santos & Couto, 2013, p. 125), PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00459, [Circular de Eduardo Romero, Paulino Montês, José de Sousa, Carlos Neves, Francisco Elias, António Vitorino, José Carlos dos Santos, G. Nobre Coutinho, Carlos Viana e António Montês/ Museu de Artes das Caldas da Rainha], 1929.10.15; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00197/016, [Circular de António Montês/ Museu José Malhoa], 1934.04.10; Caldas da Rainha.
[748] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00677/001, [Correspondência de Júlio Martins/ Cerâmica e Edificação], 1932.11.10-1933.10.26, 4 cartas; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00677/002, [Carta de Júlio Martins], 1933.12.01-1933.12.02; Lisboa.
[749] Manuel Marques de Oliveira, *Gazeta das Caldas*, 40, 1926.07.11, p. 8.
[750] Este artigo foi analisado na parceria *Um ano com a obra de Fernando da Silva Correia: 12 livros sobre as Caldas da Rainha*.
[751] Mário Tavares transcreve notícias dos jornais regionais sobre os investimentos nas Águas Santas na década de 1850, incluindo iniciativas de angariação de fundos (Rodrigues et al., 1993, pp. 239–241).

horroroso frequentar um balneário que tinha paredes meias um leprosário que com êle comunicava"[752].

Explica como, em 1930, esta situação estava totalmente ultrapassada e descreve como a Câmara Municipal tinha desinfetado e feito obras de envergadura para que o edifício fosse novamente útil a quem desejasse frequentar as águas locais. Esse interessado devia, para tal, "apresentar uma declaração escrita por qualquer médico das Caldas (…) em como não sofre de lepra." Estavam especialmente comprovados os "resultados evidentes" daquelas águas em inúmeras doenças de pele, pelo que Fernando da Silva Correia identificou médicos, dedicados a esta especialidade, que ali haviam mandado doentes para tratamento e nomeou as termas – nacionais e estrangeiras - onde se encontravam águas semelhantes. Terminou com o registo da análise feita por Charles Lepierre em 1923[753].

Enquanto diretor clínico das Águas Santas, Fernando da Silva Correia desenvolvia os relatórios anuais sobre a frequência do estabelecimento, é possível identificar alguns dos utentes – estando por apurar se um deles, Cosme Damião[754], se refere efetivamente ao jornalista, fundador do Sport Lisboa e Benfica. Este interesse renovado da Câmara Municipal no antigo balneário, fará com que Fernando da Silva Correia seja o homem certo, um hidrologista, no local certo, sendo ele quem vai conduzir as obras de melhoramento para a sua reabertura condigna em 1927. Em 1926, a Câmara Municipal promoveu o arrendamento do edifício[755], mas não apareceram interessados, pelo que a Comissão Administrativa resolveu abrir o estabelecimento, a partir de 10 de agosto[756] (só em 1933 se definiu oficialmente a abertura a 15 de maio, como aliás já se tinha verificado antes[757]) e até 15 de outubro, sendo gratuitos os tratamentos aos doentes pobres[758].

[752] PT/PH/AFSC/FSC/B-02.4/00004, Livro das Atas da Associação Protectora do Albergue dos Leprosos nas Águas Santas, Caldas da Rainha, 1928.00.00 [1915.01.15-1942.11.25]; Caldas da Rainha.
[753] PT/PH/AFSC/FSC/B-02.4/00005, [Análise das Águas Santas], 1928.00.00 [1923.12.14]; Caldas da Rainha.
[754] PT/PH/AFSC/FSC/B-02.4/00010, Guias de inscrição para o Estabelecimento Balnear Águas Santas, 1938.07.01-1942.10.03; Caldas da Rainha.
[755] *Gazeta das Caldas*, 20, 1926.02.21, p. 8.
[756] *Gazeta das Caldas,* 44, 1926.08.08, p. 8.
[757] Sessão de 1933.04.29, Livro de atas número 36 da Comissão Administrativa da CMCR, AHMCR – BMCR.
[758] Sessão de 1926.08.04, Livro de atas número 33 da Comissão Administrativa da CMCR, AHMCR – BMCR.

> "O estabelecimento abre com alguns melhoramentos e reparações as mais urgentes, e só temos de render as homenagens devidas e merecidas- a quem trabalha tende que tudo isto acorde do sôno letargico que, mau grado nosso, se desenhava e tomava vulto."[759]

Em maio de 1927, Fernando da Silva Correia dirigira-se ao Médico Inspetor das Águas Mineromedicinais, solicitando instruções para iniciar o funcionamento do estabelecimento, findas as obras do município[760] e desde esse ano que este médico passa a ter de produzir uma estatística dos tratamentos efetuados[761], guardando no arquivo pessoal e familiar alguns dos relatórios médicos[762]. No entanto, para a abertura oficial de 1927, o caso é descrito de forma bem diferente, pelos melhoramentos efetuados[763] e a concorrência de pessoas que tomaram parte na solenidade[764]. A *Gazeta* noticiou as aberturas nos anos seguintes, indicando que no início dos anos 1930 passara a ter pouca concorrência[765], o que procurará ativamente modificar com uma persistente campanha de propaganda do estabelecimento nesse ano de 1934. Esta foi bem-sucedida, pois desde logo se verificou um aumento das inscrições, sendo vendidos 1195 bilhetes, contando-se entre os aquistas grande número de médicos portugueses e espanhóis[766]. Em 1935, o jornal previa, em junho, que este número de inscrições fosse excedido[767]. A abertura de 15 de maio de 1932, contou com a presença do Ministro do Interior, que presidiu à cerimónia[768]. O transporte para o balneário, que se localiza à

[759] *Gazeta das Caldas,* 44, 1926.08.08, p. 8.
[760] PT/PH/AFSC/FSC/B-02.4/00001, [Cópia de Ofício de Fernando da Silva Correia/ Sub-Inspeção de Saúde das Caldas da Rainha para o Médico Inspetor das Águas Minero-medicinais], 1927.05.27;Caldas da Rainha.
[761] PT/PH/AFSC/FSC/B-02.4/00002, [Circular de Ricardo Jorge/ Direção Geral de Saúde], 1927.07.00; Lisboa.
[762] PT/PH/AFSC/FSC/B-02.4/00007, [Relatório médico do director clínico do estabelecimento das Águas Santas (Caldas da Rainha) e guias de inscrição dos aquistas na época termal de 1938], 1938.06.30-1939.08.12; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-02.4/00009, [Relatórios das épocas termais de 1939 e 1940], 1940.04.12-1941.03.18; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-02.4/00013, Relatório do diretor clínico do estabelecimento termal das Águas Santas (Caldas da Rainha) 1941, 1942.01.12; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-02.4/00015, [Relatório da época termal de 1942], 1943.01.27-1943.01.29; Caldas da Rainha.
[763] *Gazeta das Caldas,* 59, 1927.03.06, p. 4.
[764] *Gazeta das Caldas,* 70, 1927.05.22, p. 4.
[765] *Gazeta das Caldas,* 159, 1929.02.02, p. 4; 225, 1930.05.15, p. 14; 276, 1931.05.24, p. 5; 328, 1932.05.21, p. 4; 380, 1933.05.20, p. 5 e 431, 1934.05.19, p. 1.
[766] *Gazeta das Caldas,* 447, 1934.09.08, p. 1 e 462, 1934.12.22, p. 1.
[767] *Gazeta das Caldas,* 488, 1935.06.22, p. 1.
[768] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00642, [Circulares de José Saudade e Silva e Adriano Carmo(?)/ CMCR e Mário da Conceição Rocha], 1932.05.05-1932.05.11, 4 cartas; Caldas da Rainha.

saída da cidade, era garantido por autocarros diários, cujo custo era 2$00 (ida e volta)[769] e, neste período, cada banho custava 4$00[770].

Não era apenas a abertura que ocorria em simultâneo com a do Hospital Termal, também a propaganda era, por vezes, efetuada através dos mesmos meios. Um muito comum foi a revista *Álbum das Caldas,* com números anuais que acompanhavam a época termal. No número de 1933, o município pagou 150 escudos para ter uma nota de propaganda[771]. No número 5 de 1934 foram publicadas as descrição e indicações terapêuticas segundo Paul Charles Lepierre[772]. Já em 1936, surge o artigo "Águas Santas: um balneário moderno num local pitoresco" com 2 fotografias. No número de 1940, França Borges reconstitui parte da história do Balneário, destacando o momento da sua criação através da transcrição da ata da sessão que deu origem a um albergue "de caridade pública", que decorreu no Club de Recreio a 17 de novembro de 1853. Aí ficou definida uma comissão responsável por angariar donativos para a construção de uma albergaria nas proximidades das Águas Santas. Desde 1994, o estabelecimento está ocupado pelo agrupamento das Caldas do Corpo Nacional de Escutas (Tornada & Barroso, 2020, p. 10).

O roteiro-guia *Caldas da Rainha* (1934)[773] constituiu a mais completa obra de propaganda de Fernando da Silva Correia, que o desenvolveu quase exclusivamente, inspirando-se em roteiro anteriores[774] e solicitando autorização para a reprodução fotográfica da planta da vila[775]. E além do *Álbum das Caldas*[776], colaborou com o *Guia*

[769] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00354, [V Exposição das Caldas da Rainha], [1927.08.00-]1927.08.31; Caldas da Rainha.
[770] PT/PH/AFSC/FSC/B-02.4/00019, [Carta de João E. S. Segurado/ Ministério do Comércio e Comunicações], [19??.03.14]; Caldas da Rainha.
[771] Sessão de 1933.04.29, Livro de atas número 36 da Comissão Administrativa da CMCR, AHMCR – BMCR.
[772] *Gazeta das Caldas,* 260, 1931.01.25, p. 8.
[773] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00770, Caldas da Rainha, [1934.00.00], Fernando da Silva Correia; Caldas da Rainha.
[774] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00320, [Roteiro-guia Caldas da Rainha], 1926.09.18; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00216/002, [Carta de José António Ferreira Madail], 1924.12.19; Lisboa.
[775] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00278/003, [Ofício de José Saudade e Silva/ CMCR], 1926.08.19; Caldas da Rainha. Sessão de 1926.08.18, Livro de atas número 34 da Comissão Administrativa da CMCR, AHMCR – BMCR.
[776] Convidou Hernâni António Cidade a colaborar na revista, PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00254, [Correspondência de Hernâni António Cidade], 1924.12.06, 2 cartas; Porto.

de Portugal de Raul Proença[777] e na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* através Afonso Eduardo Martins Zuquete[778], o seu interesse no Arco da Memória e no Padrão de Tornada[779] levaram o médico a embrenhar em temas da história local.

A "pena elegante, doublé de homem de letras e de sciencias médicas e sociais, jamais tem descanso!"[780]

> "É fantastico o que me conta da sua actividade. (…) O meu am.º não pode ficar// nas Caldas eternamente; o que lá tinha a fazer está em vias de se acabar e é por isso justo que lhe seja dado aplicar (?) em maior escala, fazendo por grosso um comercio em que se iniciou no detalhe. É mal empregado para obras de regedoria; deve subir de posto, ao posto que merece, num grande comando geral, de onde uma ordem se reproduza a um grande exercito. (…) Precisamos quem faça a politica da Higiene; ao meu am.º está destinado um g.de papel, mas bem sabe que o seu palco não será nas Caldas, apesar da sua bairrista dedicação. Deixe de ser um homem da sua terra adotiva"[781].

José Lopes Dias demonstra uma provável ambição, que pode estar na origem da saída (profissional) de Fernando da Silva Correia das Caldas da Rainha, isto para usar o termo empregado para "catalogar" esta correspondência. Foi-lhe concedida licença pela Comissão Administrativa para o desempenho das funções inspetor de saúde escolar e a exoneração das funções de diretor do laboratório municipal, sendo no imediato substituído por Francisco Henriques de Avelar[782], mais tarde solicitou a demissão do cargo de delegado de saúde[783].

---

[777] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00211, [Carta de Raul Proença/ Biblioteca Nacional de Lisboa], 1923,03.24; Lisboa.

[778] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00492, [Bilhete de Afonso Eduardo Martins Zuquete/ Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira], 1930.04.05-1930.04.06; Lisboa.

[779] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00662/001, [Correspondência de Damião António Peres], 1932.09.14-1932.12.11, 4 cartas, Madeira e Coimbra. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00668, [Fotografias de inscrição no Arco da Memória - Vidais (Caldas da Rainha)], 1932.10.17; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00783, [Carta de Rafael Salinas Calado/ Biblioteca Municipal de Torres Vedras], 1934.02.08; Lisboa.

[780] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00538/001, [Cartas de Kal de Alvarenga], 1933.01.24-1933.03.2; Porto.

[781] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00485/003, [Carta de José Lopes Dias], 1933.02.15-1933.02.17; Castelo Branco.

[782] Sessão de 1934.06.30, Livro de atas número 37 da Comissão Administrativa da CMCR, AHMCR – BMCR.

[783] A 5 de novembro de 1936, Fernando da Silva Correia mandou uma carta à Câmara Municipal das Caldas da Rainha, em que pediu a demissão dos cargos que desempenhava, para cumprir a nomeação oficial que lhe fora feita e na qual já trabalhava há dois anos por "contracto". Esta carta encontra-se junto aos

A par de Augusto Silva de Carvalho, Fernando da Silva Correia é considerado uma figura de médico-historiador que avulta na "produção historiográfica local", especialmente em torno do Hospital[784] (Rodrigues et al., 1993, p. 11). João L. Saavedra Machado considerou que este médico "às Caldas da Rainha dedicou boa parte da sua obra" (Rodrigues et al., 1993, p. 42). Esta pode ser entendida como parte de uma lógica regionalista que, como definiu João B. Serra, era "uma das formulas do inconformismo da periferia para com o desordem, a ausência de instrumentos de protecção dispensados pelo centro face à crise económica e à agitação social (…)" (Rodrigues et al., 1993, p. 434). Também Fernando da Silva Correia "pertenceu à geração dos construtores da cidade." (Serra, 2003, p. 465)

2.4. *Mens Sana in Corpore Sano*

A 23 junho de 1934, a vida de Fernando da Silva Correia modifica-se parcialmente. Vai continuar a residir nas Caldas da Rainha[785], a exercer clínica (pelo menos até 1943), a dirigir o Posto Médico dos Comboios de Portugal, mas passa também a inspecionar o trabalho dos vários médicos escolares (e restante pessoal médico) dos liceus dos distritos da 3.ª área de saúde escolar (Castelo Branco, Guarda, Setúbal, Portalegre, Évora, Beja e Faro, assim como (excecionalmente) Leiria – incluindo o Liceu de Alcobaça)**[786]** e, em 1934-1935, Santarém[787] (Serra & Cândido, 1995, p. XVII). Este cargo fez com que se tornasse também redator da revista *A Saúde Escolar* e é também

documentos entregues à Câmara Municipal das Caldas da Rainha para o concurso a médico municipal de 1921 – este conjunto de documentos forma um processo relativo ao período em que o médico desempenhou funções para aquele organismo municipal.

[784] Vale a pena acrescentar alguns outros nomes de médicos (e não só) que, neste período, contactaram com a obra de Fernando da Silva Correia: François Françon (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00513, [Carta de François Françon], [1930.11.??]; França); Tomás de Melo Breyner (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00603, [Carta de Tomás de Melo Breyner], 1931.11.22; Lisboa); Augusto Isaac de Esaguy (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00626, [Carta de Augusto Isaac de Esaguy], 1932.01.21-1932.01.22; Lisboa); Alexandre Ferreira (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00747, [Cartão de visita de Alexandre Ferreira], 1933.11.28-1933.11.29; Lisboa); Louis Pien (PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00487, [Bilhete-postal de Louis Pien], 1930.03.03-1930.03.06; Bélgica).

[785] A permanência nesta cidade fez com que continuasse a frequentar muitos dos espaços culturais e mentivesse contacto com médicos e outros profissionais de saúde, como foi o caso do farmacêutico, Artur Maldonado Freitas, que em várias cartas relata o caso de uma análise feita e apreciada por Mark Athias a pedido de Fernando da Silva Correia, PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00556/001, [Carta de Artur Maldonado Freitas/ Laboratórios da Farmácia Freitas], 1939.01.25; Caldas da Rainha.

[786] Como título deste subcapítulo, foi utilizado o subtítulo da revista *A Saúde Escolar*.

[787] Relatório Final do ano letivo 1934-1935, PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/001, [Relatórios e correspondência do ano letivo 1934-1935], [1934.05.04-1935.09.20].

neste período que desempenha funções na Ordem dos Médicos (criada em 1938), em representação do diretor geral de saúde, José Alberto de Faria. O seu interesse pela valorização da classe médica já tinha feito nascer um pseudónimo que passará a ser utilizado com frequência, criando alguma polémica entre os seus pares: Velho Galeno. Como já foi dito, o seu interesse pela higiene não se limitou, neste período, à higiene escolar, pelo que a sua tese de doutoramento foi defendida em fevereiro de 1938 na Universidade de Coimbra, num processo que só culminará em 1949 com a imposição das insígnias doutorais. Todos estes cargos já seriam suficientes para demonstrar o incremento da relação com a cidade (universitária) de Lisboa, mas foi também nesta década de 1930 que Fernando da Silva Correia iniciou funções como professor do (na época) Instituto Central de Higiene e do Instituto de Serviço Social de Lisboa – cargos que serão abordados nos subcapítulos seguintes.

"Ainda bem que as aguas e o repouco te estão dando a calma// que o teu frenesim reclama."[788] Uma das grandes mudanças que se irá operar na vida de Fernando da Silva Correia neste período, refere-se às suas ocupações em tempo de férias, a ida a banhos nas Caldas da Rainha será complementada e muitas vezes preterida a favor das termas de Vidago, especialmente na década de 1940, como atesta grande número de correspondência, sendo especialmente escolhido o final da época termal – final de setembro e início de outubro. No entanto, nas Caldas da Rainha recebia várias visitas e, em 1937, visitou as Berlengas com José Lopes Dias[789].

A aquisição de obras manteve-se nas suas atividades quotidianas, participando em leilões de livros[790] e subscrevia imprensa: *Presse Medical*, *Archivos de higiene e de medicina preventiva*, *Diário de Notícias, Novid*ades, *República,* Seara Nova, *Natal*, *Gazeta das Caldas*, *Distrito de Leiria* e *Acção Médica*. E pagava quotas na Misericórdia local, Lactário-Creche rainha D. Leonor, Conferência de S. Vicente, Associação de

[788] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00044/074, [Carta de Américo Cortês Pinto], [194?.09.30-194?.10.01]; Leiria.
[789] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00007/019, [Bilhete de José Lopes Dias], 1937.07.09-1937.107.11; Castelo Branco. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00007/020, [Postal ilustrado de José Lopes Dias], 1937.08.23-1937.08.25; Leiria. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00007/026, [Bilhete-postal de José Lopes Dias], 1942.08.16-1942.08.17; Coimbra.
[790] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00093/003, [Carta de Rafael Salinas Calado/ Secretaria Judicial da Comarca de Torres Vedras], 1936.12.02; Lisboa.

Socorros Mútuos, Museu – Liga de Amigos(?), Orfeão Caldense, Liga dos Combatentes e Bombeiros Voluntários locais[791].

Vários amigos destacam a rapidez com que Fernando da Silva Correia pareceu envelhecer neste período, sendo frequentes episódios de nevralgias ou estados de cansaço[792].

A. Auto da fundação da medicina escolar

> "Enquanto eu dedico diariamente algumas horas votivas ao culto das esponsais de Esculápio com a casta Pedagogica./ Com pouco mais se fores a uma espécie de «Auto da fundação da me//dicina escolar», onde o nosso Dr. Serras e Silva faria de Rainha D. Leonor, e tu, está claro, de Frei Miguel Contreiras./ Esta alegria seria profundamente concordante com o próprio fim do aforismo, mens sana in corpore sano."[793]

A ação não apenas física, mas centrada na higiene moral dos alunos dos liceus nacionais, vai corresponder à intervenção esperada dos médicos e visitadoras sanitárias, nomeados e contratados a partir de 1934, e cujo trabalho era inspecionado periodicamente pelos inspetores de saúde (ou sanidade) escolar das 3 áreas definidas.

De junho de 1933 data o primeiro contacto de João Serras e Silva, futuro diretor-geral de Saúde Escolar e professor na Universidade de Coimbra, com Fernando da Silva Correia, questionando se o lugar de inspetor lhe interessaria[794] (Abreu, 1999, p. 394) (Correia, 1938a, p. 6). Em maio de 1934 dirá que pretendia a nomeação do destinatário para a área de Lisboa incluindo Santarém e Leiria, mas tal não fora possível porque Daniel Rodrigues de Sttau Monteiro, o irmão do Ministro das Colónias, Armindo Rodrigues de Sttau Monteiro, era médico na Maternidade Alfredo da Costa, o que o impedia de se ausentar de Lisboa. O facto de Fernando da Silva Correia ser funcionário dos Comboios de Portugal também facilitava a circulação pela 3.ª área de saúde escolar,

[791] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00274, [Agenda quadrimensal da Medicina Internacional], [1936.05.01-1936.08.31].
[792] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00007/021, [Bilhetes de José Lopes Dias], 1940.01.07; Castelo Branco. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00121/006, [Carta de Duarte Manuel Gorjão Henriques da Cunha], 1939.02.26-1939.02.27; Leiria.
[793] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00044/010, [Carta de Américo Cortês Pinto], [1935.??.??].
[794] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00006/001.

"É uma combinação em que o estado ganha porque não terá dispêndio com as suas viagens"[795].

Como é possível averiguar, as Caldas da Rainha estabeleceu-se como sede da 3.ª área de saúde escolar, altamente dispersa entre si e, por isso, era aí que Fernando da Silva Correia arquivava toda a documentação e registo de contacto com os vários funcionários da sua inspeção. Este arquivo incluía, em primeiro lugar os relatórios mensais, trimestrais e anuais dos médicos e visitadoras escolares[796], assim como outros pareceres de caráter quase obrigatório, como o do horário escolar, e a correspondência trocada ao longo do ano, sempre que havia necessidade de resolver alguma questão urgente, para dar conta do trabalho em curso e pedir conselhos, ou, como é ainda mais comum, questões sobre a elaboração dos variados relatórios e estatísticas médicas correspondentes[797]. Existindo até documentação do período em que Fernando da Silva Correia não exerceu funções, sendo substituído pelo médico escolar de Castelo Branco, José Lopes Dias.

Tal como já foi concluído por Carlos Abreu, a consulta do arquivo pessoal e familiar e a sua comparação, entre os anos letivos de 1934 a 1946, com a documentação da

[795] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00006/004, [Correspondência de João Serras e Silva], 1934.05.01-1934.05.27, 3 cartas; Lisboa.

[796] Os relatórios mensais, trimestrais e anuais dos médicos e visitadoras escolares foram aperfeiçoados ao longo dos anos e tinham características um pouco diferentes consoante o autor. Mas na sua maioria seguiam as prévias indicações do inspetor escolar (PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/039, [Cópia de circular de Fernando da Silva Correia para os médicos escolares], 1935.07.06; Caldas da Rainha). Mário Pinto de Andrade menciona também a colaboração (nem sempre regular) com os delegados de saúde nos trabalhos de inspeção aos liceus e outras escolas (PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/140, [Carta de Mário Pinto de Andrade], 1934.12.12; Faro. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00162, [Carta de José Ferreira de Sousa Fialho], 1935.06.21; Setúbal) e, de uma forma geral, estes eram compostos por uma primeira parte de descrição da atividade médica – recorrendo ao livro de ponto (PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/035, [Carta de Fernando da Silva Correia para o Diretor Geral de Saúde Escolar], 1934.08.01), cujo preenchimento era feito no liceu e incluía, no caso da visitadora, as visitas domiciliárias. Estes relatórios reúnem aspetos sobre a condução das inspeções médicas aos alunos, incluindo consultas e tratamentos e ainda, como é o caso do relatório do médico de Leiria, nota sobre a sua "ação educativa e ação moral" que compreendia as aulas ou palestras feitas, assim como o acompanhamento dos alunos nos períodos de intervalo ou recreio e, nalguns casos, as aulas de educação física ou ginástica. Eram acompanhados de um conjunto de mapas que organizavam os dados recolhidos, preenchidos em impressos fornecidos pela Direção-geral de Saúde Escolar, assim estava garantida uma maior uniformização na apresentação dos dados estatísticos que o inspetor depois analisaria e apresentaria.

[797] Alguns casos de médicos escolares com quem manteve correspondência: o de Faro, PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00207/002, [Cartas de Afonso Maria de Oliveira Vasconcelos], 1943.05.03-1944.06.03, 2 cartas, Lisboa. Fora da sua área de inspeções, PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00365/001, [Carta de Ludgero Lopes Parreira/ Liceu de Rodrigues de Freitas], 1937.05.06-1937.05.08, 2 cartas; Porto; PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00424, [Bilhete de Joaquim de Moura Relvas/ Liceu D. João III], 1940.04.27-1940.04.28; Coimbra.

Secretaria-Geral da Educação e Ciências do Ministério da Educação, permite perceber que parte destes contactos entre o inspetor e os médicos, visitadoras e, nalguns casos, reitores e professores, somente existe entre a produção de Fernando da Silva Correia.

Aquando da nomeação, Fernando da Silva Correia recebeu várias cartas de felicitações[798]. José Lopes Dias é um dos contactos mais frequentes, descrevendo o concurso para médicos escolares, em que considerou ter havido "bastante agua benta no fim, pois ficaram aprovados alguns nomes que não se esperava."[799] Quando recebeu a confirmação da sua contratação declarou ter vários projetos em mente, como a instalação de um Laboratório de Psicologia Experimental, um "programa de ensino da puericultura nos liceus" ou a elaboração de um "Manual de Higiene Infantil, simples, claro, atraente, numa palavra – pedagógico."[800] Não é por acaso que, pela sua análise, Carlos Abreu, destacou esta dupla de médicos – Fernando da Silva Correia e José Lopes Dias -, como aquela que maior intervenção no serviço social escolar teve (C. Abreu, 1999, p. 391).

Para José Lopes Dias, a nomeação como inspetor de Fernando da Silva Correia demonstrava que se começava "a fazer justiça ao seu valor como higienista"[801], indicando, mais tarde, que a sua efetividade no cargo se afigurava um "acto proveitoso para a Saude Escolar."[802] António Emílio de Magalhães e Cândido Henrique Gil da Costa destacaram o valor da ação do novo inspetor, enquanto parte dos seus cooperadores que integrava "muitos dos melhores nomes da êlite portuguesa"[803]. Sebastião Cabral da Costa-Sacadura também o felicitou, relembrando a sua ligação à Saúde Escolar, cujo "esforço dispendido foi colossal e o resultado… nulo."[804]

---

[798] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00777, [Carta de Albérico Alexandre Nunes de Figueiredo], 1934.01.17-1934.02.01; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00009/001, [Cartão de visita de Agostinho Tinoco/ Liceu Rodrigues Lobo], 1933.07.24; Leiria. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00024/001, [Carta de António Vicente Teixeira], 1934.01.04-1934.01.05; Portalegre. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00031/001, [Carta de Francisco Cortês Pinto/ Laboratório Sanitas], 1934.07.11; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00303, [Carta de Joaquim de Albuquerque], 1936.10.11-1936.10.14; Leiria. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00304/001, [Carta de Luís José Roque Ferreira de Carvalho Machado], 1936.10.12; Viseu. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00343/001, [Cartas de José Alberto de Faria/ Direção-geral de Saúde], 1937.02.03-1937.02.06, 2 cartas; Lisboa.

[799] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00007/007, [Carta de José Lopes Dias], 1934.03.10; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00007/008, [Carta de José Lopes Dias], 1934.03.28; Castelo Branco.

[800] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00007/013. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00007/010.

[801] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00007/001. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00007/012.

[802] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00007/017.

[803] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00008/001.

[804] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00010/001.

Para "melhor realizar: dum corpo equilibrado ao serviço de cérebro esclarecido e guiado por um Coração bem formado."[805]

O ano letivo 1934-1935 representou o primeiro ano dos serviços da nova reforma. Os médicos escolares, além dos documentos já referidos como a sua normal produção – incluindo a correspondência –, por incentivo do inspetor, realizaram várias palestras nos liceus sobre as suas competências, inicialmente mal-esclarecidas[806]. Posteriormente, enviam textos das aulas de Higiene que ministravam em conjugação com o restante programa letivo[807]. Neste sentido, o médico de Évora fez um inquérito aos professores do seu liceu para averiguar em que medida as aulas e a ação do médico escolar podia integrar o programa letivo[808]. Estes textos foram considerados "trabalhos especiais facultativos", mas até onde foi possível apurar, neste arquivo pessoal e familiar, a sua entrega ou o seu arquivamento não teve continuidade nos anos letivos

[805] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/001, [Relatórios e correspondência do ano letivo 1934-1935], [1934.05.04-1935.09.20].

[806] A título de exemplo, o médico João Côncio da Fonseca do Liceu da Guarda explicou como fora Fernando da Silva Correia, presente na sessão de abertura do Liceu, a lembrar-se de utilizar aquele momento para que fosse apresentado "embora suscintamente [sic] o programa da medicina escolar de maneira a fazer compreender o que se pretende esperando criar, pelas suas razões de utilidade uma atmosfera de carinho e simpatia, e até de amparo e colaboração se possível, dos outros." Este assunto é, claro, abordado noutras palestras semelhantes, assim como é feita uma descrição do perfil do aluno liceal, destacando a importância deste momento da vida escolar para a formação. O médico da Guarda procurou também fazer uma pequena referência à história da Saúde Escolar, que até aí não tinha "tido contudo uma existência prática entre nós", mesmo que não constituísse uma novidade era considerada "imprescindível [no seio] da moderna pedagogia." Explica como a saúde física e moral eram "os 2 grandes pilares onde deve assentar a cúpula também necessária da ciência e do saber para que a obra [da medicina escolar] seja perfeita e completa." Termina destacando o papel da família e o do visitador escolar, no seu trabalho em conjunto com esta. Estas funções são tidas como parte de uma medicina preventiva, "é que a nossa população não está habituada a esta medicina preventiva. Ainda se empregam os muitos recursos da ciência para debelar a doença declarada, mas ignoram se e desprezam se os meios de a prevenir." Explica em que medida este contato com a família e a escola integrava os "serviços obrigatórios do médico escolar" considera por isso que "não deveria o meio social ficar indiferente a esta obra de elevação dos nossos académicos, mas compreendendo o seu vasto alcance para a vida dos indivíduos e da nação seria para estimar que dele partissem iniciativas que viessem ao seu encontro." Vítor Santana Carlos do Liceu de Évora, numa palestra semelhante, destacou a forma como "(…) a Juventude escolar em Portugal tem sido muito pouco assistida e muito menos orientada." PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/001, [Relatórios e correspondência do ano letivo 1934-1935], [1934.05.04-1935.09.20].

[807] O médico de Beja, Flávio Santos, ministrou várias aulas neste ano letivo, abordando diversos temas da Higiene como "A higiene da casa" e da boca; sobre doenças, como febre tifóide, tuberculose, sarampo, raiva ou varíola e ainda sobre felicidade. Mais tarde, já no ano letivo 1936-1937, estas aulas continuavam a ser ministradas pelos médicos e o de Évora leciona 30 minutos de ginástica e 20 minutos de higiene, PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00294/021, [Carta de Manuel Rodrigues Mateus], 1936.11.10-1936.11.12.

[808] O baixo número de respostas (9 em 22) não permitiu grandes conclusões, mas Fernando da Silva Correia mencionou esta questão no seu relatório final do ano letivo. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/001, [Relatórios e correspondência do ano letivo 1934-1935], [1934.05.04-1935.09.20].

seguintes, o que no significa que, por um lado, os médicos não tenham dado continuidade a estas atividades, incluindo até as de puericultura às alunas liceais[809] – e que eram descritos nos relatórios -; e, por outro, que o inspetor Fernando da Silva Correia não tenha procurado estimular a investigação no seio da atividade médica, que poderia ser canalizada para a revista *A Saúde Escolar* ou outras especializadas[810]. Os médicos escolares também relataram aspetos sobre outras escolas das suas cidades e distritos[811], de que são exemplo, as técnicas e/ou industriais[812], que acabariam por integrar a sanidade escolar. Além destas escolas, por vezes, a ação do pessoal de saúde escolar era realizada noutras instituições locais, como é o caso de Leiria, em que o médico Duarte Gorjão Henriques foi o principal responsável pela criação da Obra de Proteção e Assistência à Maternidade e Infância de Leiria.

Interessa particularmente perceber como é que estes documentos – e a restante produção documental do corpo médico liceal – era arquivada e tratada pelo inspetor da 3.ª área, provavelmente na sua própria casa. Assim que era recebida, e muitos, se não a totalidade, dos relatórios devem também ser encarados como correspondência que era rececionada pelo inspetor, sendo o seu envio um assunto frequente na troca epistolar, incluindo notas que Fernando da Silva Correia habitualmente escrevia, como a indicação de resposta e a data de receção. A partir daí, a produção era organizada em capilhas que separavam os relatórios dos médicos dos das visitadoras e em que estes eram divididos por trimestres, o que facilitaria a redação de relatórios no final de cada período e do ano

[809] Por exemplo, no ano letivo 1934-1935, o médico do Liceu de Leiria realizou 2 aulas práticas em colaboração com o Lactário Rainha Santa Isabel. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/001, [Relatórios e correspondência do ano letivo 1934-1935], [1934.05.04-1935.09.20]. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/054, [Carta de José Jacinto de Sousa Forjaz de Sampaio], 1935.05.01; Portalegre. Dada a inexistência, no ano letivo 1934-1935, de visitadoras, estas aulas foram também asseguradas por outros grupos de professoras organizados, PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/079, [Carta de João Côncio da Fonseca/ Liceu Central de Afonso de Albuquerque], 1934.11.16; Guarda.

[810] Os médicos escolares colaboravam noutras revistas como a *Labor*, PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/052, [Carta de José Jacinto de Sousa Forjaz de Sampaio], 1935.02.04; Portalegre. Ou outras como o Boletim do Ensino Primário, PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/090, [Carta de João Côncio da Fonseca], 1935.06.14; Guarda.

[811] Neste ano letivo foram produzidas notas sobre estas escolas pelos médicos da Guarda, Leiria, Beja. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/001, [Relatórios e correspondência do ano letivo 1934-1935], [1934.05.04-1935.09.20]. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/127, [Carta de Duarte Manuel Barbosa Gorjão Henriques], 1935.01.10; Leiria. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/154, [Ofício de José Lopes Dias/ Liceu de Nuno Álvares], 1935.02.02; Castelo Branco.

[812] A correspondência era um meio de dar notícias sobre estas, PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/051, [Correspondência de José Jacinto de Sousa Forjaz de Sampaio], 1934.11.09, 2 cartas; Portalegre. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/104, [Carta de António José de Almeida e Sousa], 1935.02.06; Leiria.

letivo. Estas conclusões são retiradas da análise dos assuntos introduzidos de forma manuscritas nas capilhas pelo inspetor, mas, que, na maioria dos casos, não corresponde à documentação no seu interior. Estas capilhas eram também utilizadas para arquivar correspondência referente ao serviço médico escolar, o que, mais uma vez, comprova que a documentação deste arquivo forma um todo que é preciso contextualizar.

A partir destas capilhas – o arquivo de ferramentas de trabalho do inspetor -, Fernando da Silva Correia desenvolvia o seu trabalho de inspeção, que era complementado pelas visitas regulares aos liceus. A título de exemplo, a primeira inspeção ocorreu em julho de 1934, a maioria das viagens era feita através dos caminhos de ferro e, quando não era possível viajar de autocarro ou de automóvel; a segunda inspeção decorreu ao longo do mês de outubro e no início de novembro em Leiria; as viagens repetiram-se em dezembro; em fevereiro e março de 1935 e, por uma última vez nesse ano letivo, em maio e junho, o que demonstra um acompanhamento regular e próximo da atividade dos médicos escolares. Da viagem de julho existe uma pequena descrição – relatório – para o diretor-geral, em que indica existir "a melhor vontade de trabalhar" entre os médicos, fala da importância do livro de ponto "não só para que os professores dos liceus (que também o têm) não os olhem [aos médicos] como funcionários privilegiados[813]"[814].

Tal como José Lopes Dias, os médicos escolares tinham os seus próprios projetos de saúde escolar, a correspondência guarda alguns deles, por exemplo, a criação de inspetores de higiene em cada turma, também conhecidos por fiscais da higiene[815] ou jornais escolares[816]. Outro aspeto muito frequente na correspondência é a necessidade de material médico para os gabinetes e a aquisição de medicamentos[817] ou a informação

[813] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/127, [Carta de Duarte Manuel Barbosa Gorjão Henriques], 1935.01.10; Leiria.
[814] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/036, [Carta de Fernando da Silva Correia para Mário Pinto de Andrade/ Direção Geral da Saúde Escolar do Ministério da Instrução Pública], 1934.08.08-1934.08.12; Caldas da Rainha.
[815] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/061, [Carta de Manuel Rodrigues Mateus/ Liceu de Bocage], 1934.12.13 Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00174/003, [Carta de Joaquim Teixeira de Araújo/ Liceu de João de Deus], 1935.10.28; Faro.
[816] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/077, [Carta de João Côncio da Fonseca/ Liceu Central de Afonso de Albuquerque], 1934.10.17; Guarda.
[817] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/062, [Carta de Manuel Rodrigues Mateus/ Liceu de Bocage], 1935.01.21; Setúbal.

sobre doenças de urgente intervenção como a gripe[818] ou outras como trasorelho[819], sarampo[820], Sarcoptose[821] ou varíola[822]. Os tratamentos dispensados aos alunos podiam incluir especialidades médicas como a odontológica e oftalmológica[823]. O apoio dado pelo inspetor aos médicos escolares incluía o empréstimo de livros[824], as instruções eram também dadas no momento da inspeção, mas além dos contactos telefónicos também são agendados encontros pessoais, por exemplo nas deslocações de Fernando da Silva Correia a Lisboa – no Instituto Ricardo Jorge[825]. Em simultâneo, esta correspondência acaba por atestar alguns contactos médicos que extravasavam o campo profissional, dando conta dos laços de amizade que se constituíam entre o inspetor e alguns médicos escolares[826]. Pela amizade anterior, José Lopes Dias é mais aberto nas opiniões descritas, o mesmo acontecendo com o inspetor da 2.ª área, Américo Cortês Pinto, com quem Fernando da Silva Correia se encontrava com regularidade para também tratar de questões do "inspectorado"[827] – e após o falecimento da sua esposa Mariana, ficará em sua casa em Lisboa, no início de 1944.

A correspondência atesta ainda a relação com a direção-geral, que permitia a consulta de livros da sua biblioteca (nem sempre organizada)[828]. Fernando da Silva

[818] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/018, [Ofícios de Flávio Santos/ Liceu de Fialho de Almeida], 1935.03.13-1935.03.14; Beja. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/046, [Carta de Vítor Manuel Santana Carlos], 1935.03.26; Évora. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/085, [Cópia da carta de João Côncio da Fonseca para o Diretor Geral de Saúde Escolar], 1935.03.15; Guarda. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/131, [Ofício de Duarte Manuel Barbosa Gorjão Henriques/ Liceu de Rodrigues Lobo], 1935.04.05; Leiria. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/141, [Bilhete de Mário Pinto de Andrade], 1935.03.08; Faro.

[819] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/040, [Carta de Vítor Manuel Santana Carlos], 1934.08.04; Setúbal

[820] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/061, [Carta de Manuel Rodrigues Mateus/ Liceu de Bocage], 1934.12.13; Lisboa.

[821] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/086, [Cópia da carta de João Côncio da Fonseca para o Diretor Geral de Saúde Escolar], 1935.04.08; Guarda.

[822] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/151, [Ofício de José Lopes Dias/ Liceu de Nuno Álvares], 1934.12.19; Castelo Branco.

[823] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/050, [Ofícios de José Jacinto de Sousa Forjaz de Sampaio/ Liceu de Mousinho da Silveira], 1934.11.01; Portalegre.

[824] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/035, [Carta de Mário Pinto de Andrade], 1934.07.22; Faro. Alguns médicos divulgaram folhetos de Fernando da Silva Correia, como o ABC das Mães, PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/059, [Carta de Manuel Rodrigues Mateus], 1934.09.10; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00174/058, [Carta de Flávio Santos], 1936.07.01; Beja.

[825] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/069, [Correspondência de Manuel Rodrigues Mateus], 1935.03.27-1935.04.04, 2 cartas; Lisboa, Faro e Setúbal.

[826] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/146, [Carta de Mário Pinto de Andrade], 1935.07.22; Faro.

[827] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00044/001.

[828] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00007/034, [Carta de José Lopes Dias], [19??.11.16]; Castelo Branco. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00025/004, [Correspondência de Daniel Monteiro/ Ministério da Educação Nacional], 1942.02.06-1942.05.18, 7 cartas; Lisboa

Correia acompanhou de perto vários médicos escolares, por exemplo, na frequência do Instituto de Orientação profissional Maria Luísa Barbosa de Carvalho[829] ou nas suas investigações, como as de Gorjão Henriques através do folheto *Mandamentos da saúde para rapazes da escola* (1939), assim como outras investigações de João Côncio da Fonseca e de Flávio Santos[830]. Este contacto era, claro, extensível às visitadoras, contando-se entre elas, por exemplo, Maria Ivone Folgado Costa[831], Maria Eugénia Pessoa Cabrera[832], Maria Teresa Mota da Silva Bento[833], Fernanda de Sousa[834], entre outras.

A elaboração dos seus relatórios, diz, era facilitada por serem metódicos os relatórios dos médicos. No seu primeiro, explica os itinerários das visitas e resume-as, destacando a técnica utilizada e a forma como, em simultâneo, promovia a análise de diferentes problemas médico-pedagógicos e a propaganda dos serviços realizados, especialmente, através de conferências ou da publicação de artigos. A partir do relatório final do inspetor, é possível saber que Fernando da Silva Correia elaborou, a pedido de Domitila de Carvalho, um programa do curso de puericultura, higiene geral e higiene moral para ser seguido nas disciplinas criadas pela lei aprovada na Assembleia Nacional. Nesse ano letivo visitou os ginásios de outros liceus do país para o estudo da educação física nas suas relações com a medicina escolar. Reúne um conjunto de críticas e sugestões feitas pelos reitores e professores durante os momentos de inspeção, apresentando também mapas da atividade da sua inspeção. Nas 16 conclusões apresentadas, destaca a dedicação com que os médicos escolares tinham trabalhado,

---

solicita o envio dos livros da Biblioteca da Direção Geral de Saúde Escolar que tiver em seu poder.

[829] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00465/004, [Bilhete de Benjamim Jorge Calado/ Direção-geral da Saúde Escolar], 1941.08.01; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00294/023, [Carta de Manuel Rodrigues Mateus], 1936.12.16; Setúbal. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/001, [Relatórios e correspondência do ano letivo 1934-1935], [1934.05.04-1935.09.20]. As visitadoras também podiam frequentar este Instituto, PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00007/029, [Carta de José Lopes Dias], [19??.00.00]; Castelo Branco. E, além da Obra das Mães pela Educação Nacional, também José Lopes Dias, embrenhando-se no serviço social escolar preparou curso de aperfeiçoamento, PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00926, [Curso de visitadoras/auxiliares de Serviço Social], 1943.03.19; Castelo Branco.

[830] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00544, Mandamentos da saúde para rapazes da escola, 1939.00.00; Leiria. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00975, A ação da saúde escolar na profilaxia da cegueira e da desvalorização visual de João Côncio da Fonseca, 1944.04.29. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00979, Campanha Tuberculosa de Flávio Santos, 1946.10.00; Beja.

[831] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00047.

[832] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00051.

[833] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00065/001. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00065/003. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00442/001.

[834] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00319/001. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00319/008.

mesmo avançando pouco na questão da higiene moral; considerava fundamental que os reitores tivessem maior acesso ao trabalho dos médicos escolares e que fosse conferido aos alunos tempo livre na escola, que fosse ocupado com as inspeções e exames médicos e horários destinados a palestras[835].

Não é aqui espaço para abordar tudo o que sucedeu ao longos dos anos letivos seguintes, pelo menos com este nível de pormenor, pelo que de seguida se referirão momentos-chave que permitem analisar a evolução destes serviços, na medida em que modificaram (ou não) a produção informacional e documental de Fernando da Silva Correia, que se pretende analisar.

Quando a Educação Física se revestiu de maior interesse, passando a estar no próprio nome dos serviços administrativos (1942), já Fernando da Silva Correia tinha concorrido afincadamente para a valorização da área, prevendo os benefícios preventivos e médicos da prática desportiva orientada. Foi então contactado por José Osório de Rocha e Melo para localizar um "instructor militar de gimnastica" para a Empresa de Cimentos de Leiria[836]. Antes do aparecimento da Mocidade Portuguesa, a Educação Física ou Ginástica já fora incorporada na ação dos médicos escolares que acompanhavam a atividade física dos alunos e, em vários liceus, foram contratados médicos para lecionar estas aulas. Por exemplo, no liceu de Évora, o médico escolar em funções antes da reforma de 1933, Manuel Sereto Moniz, começou a dar aulas de Educação Física até que, após a saída do médico inicialmente nomeado, Vítor Manuel Santana Carlos, voltou a desempenhar as funções de médico escolar em 1938[837].

Especialmente, a partir do ano letivo 1938-1939, é claro que a maioria dos médicos escolares acompanhava o trabalho da Mocidade, sendo este um assunto abordado na correspondência e nos seus relatórios. A criação da Mocidade Portuguesa trouxe novos entendimentos sobre a prática desportiva e os médicos escolares, como José Lopes Dias, consideravam a possibilidade de “fazer a profilaxia atravez da

[835] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/001, [Relatórios e correspondência do ano letivo 1934-1935], [1934.05.04-1935.09.20].
[836] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00752/001, [Carta de José Osório de Rocha e Melo/ Empresa de Cimentos de Leiria], 1933.12.06; Leiria.
[837] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/043, [Carta de Vítor Manuel Santana Carlos], 1934.12.10; Évora. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00503/004, [Carta de Manuel Sereto Moniz/ Liceu de André de Gouveia], 1938.08.12-1938.08.14; Évora.

organização (…). Poder-se-hia não copiar mas seguir o espírito da organização italiana."; mencionando em particular o caso das colónias de férias, como um projeto em que a Mocidade poderia colaborar[838]. Este médico instalou "um Centro Extra-Escolas da M.P. Feminina no meu dispensário" em Castelo Branco[839].

Fernando da Silva Correia foi convidado para fazer conferências sobre a temática, no Liceu Normal de Lisboa Pedro Nunes, à qual assistiu António Leal de Oliveira, que considerava "necessária a mútua compreensão entre os médicos e os professores de educação física a fim de se obter uma leal e fecunda colaboração absolutamente indispensáveis à formação de uma Mocidade saudável e apta"[840]. Este já tinha contactado o conferencista ao enviar parte das "bases gerais da educação física no ensino secundário"[841]. No entanto, foi a obra *Os desportos e o «velho do Restelo»*, que mais se destacou neste âmbito [842]. Hermillo Prostes da Fonseca da Legião Portuguesa diz tê-la apreciado "pela honradez do pensamento, pela fluência da palavra, pela transparência do coração que o ditou."[843]

A partir do ano letivo 1935-1936, o médico escolar de Évora, Vítor Manuel Santana Carlos, iniciou o "estudo intelectual dos alunos"[844] e foi inaugurado um novo edifício do Liceu de Beja[845]. Mas a grande novidade foi a integração das visitadoras escolares. No relatório final do inspetor desse ano, Fernando da Silva Correia fala sobre o seu serviço nos liceus de Évora e Faro. Das 9 conclusões a que chegou, mostrou maior segurança na atividade e técnica empreendida pelos médicos escolares, que tinham trabalhado no exame psíquico dos alunos e demonstravam "qualidades pedagógicas apreciáveis" enquanto professores de higiene. Apesar de alguma inexperiência na área

[838] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00007/017.
[839] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00503/035.
[840] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00089/002. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00079/001.
[841] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00079/001, [Cartas de António Leal de Oliveira], 1934.11.17-1935.04.07, 4 cartas; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/063, [Carta de Manuel Rodrigues Mateus/ Liceu de Bocage], 1935.01.24; Setúbal.
[842] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00776/001, Os desportos e o «velho do Restelo», 1941.05.13-1941.05.19; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00776/002, [Bilhete de Abel Moutinho/ Diário de Notícias], 1942.05.09; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00776/004, [Carta de Fernando Magano], 1953.07.01; Porto.
[843] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00776/003, [Carta de Hermillo Prostes da Fonseca/ Legião Portuguesa], 1942.05.09-1942.05.12; Leiria.
[844] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00174/047, [Carta de Vítor Manuel Santana Carlos/ Liceu Central de André de Gouveia], 1936.03.06; Évora.
[845] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00174/051, [Cópia de ofício de Flávio Santos], 1935.11.25; Beja.

do serviço social escolar, considerava que as visitadoras haviam trabalhado zelosamente[846].

No ano seguinte, 1936-1937, o inspetor considera os médicos da sua área "senhores, todos eles da técnica médico-pedagógica fixada" pelo diretor-geral. Apesar dos retrocessos nos campos da educação física e na divulgação de higiene, considerava que o estudo psíquico fora intensificado.

> "Comparando os serviços prestados pelos médicos da terceira área durante o ano findo com os dos 2 anos anteriores e com os que prestaram os médicos das outras áreas, verifica-se uma uniformidade de esforços apreciável, que junta ao aperfeiçoamento constante da técnica e ao prestígio crescente dos médicos escolares".[847]

> "Trabalho de grande valor, onde nada escapa, até aos pormenores do serviço de cada um, trabalho sério baseado na observação das realidades, onde muito se aprende e - como em todos os seus trabalhos - se ganha fé no triunfo dos serviços."[848]

Assim comentou José Lopes Dias este relatório do inspetor.

> "Entreguei-me de alma e coração ao serviço social da cidade, como V. Exª verá por os meus relatórios onde cito apenas alguns casos, e não deixarei estes serviços em meio senão com uma grande mágoa e com lágrimas nos olhos."[849]

> "A que atribuir esta degeneração da raça? À sifilis ao alcolismo? Urge que o Estado auxilie a tratar da Mociedade de hoje que infelizmente se definha."[850]

---

[846] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00174/001, [Relatórios e correspondência do ano letivo 1935-1936], [1935.07.20-1936.09.04].
[847] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00294/001, [Relatórios e correspondência do ano letivo 1936-1937], [1936.08.13-1937.09.09].
[848] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00294/008, [Carta de José Lopes Dias], 1937.01.18-1937.01.20; Castelo Branco.
[849] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00400/039, [Carta de Lúcia de Jesus Santiago], 1938.08.20-1938.08.21; Leiria
[850] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/01003/001,[Bilhetes de Lúcia de Jesus Santiago/ Liceu Central de Francisco Rodrigues Lobo], [19??.00.00]; Leiria.

No ano de 1936-1937, o trabalho das visitadoras começa a ser mais constante e percebe-se, através da correspondência, que, apesar destas profissionais terem a possibilidade de contactar diretamente com o inspetor, os médicos escolares serviam também de intermediários[851]. No final do ano letivo 1938-1939, 3.º ano dos seus serviços de inspeção, Fernando da Silva Correia classificou as visitadoras de forma a definir aquelas cuja atividade mais se aproximava de um serviço social escolar perfeito de acordo com o artigo por si publicado na revista *A Saúde Escolar*[852].

"Vê lá se acabas depressa com o teu afastamento."[853]

Entre dezembro de 1939 e maio de 1941, Fernando da Silva Correia não desempenhará as funções de inspetor por estar a trabalhar como bolseiro equiparado do Instituto para a Alta Cultura, no entanto, tal não o impediu de estar em grande medida ao corrente de tudo o que tinha lugar na sua área de inspeção[854]. A maioria das informações era obtida através do contacto com o inspetor substituto, José Lopes Dias, mas também através de outros médicos e visitadoras. Por essa altura, após o afastamento de João Serras e Silva[855], começaram a surgir novas intenções de reformar a saúde escolar e a posição do inspetor da 1.ª área, Daniel de Sttau Monteiro, que desempenhou temporariamente as funções de diretor-geral, não deixou os inspetores satisfeitos[856]. A situação era desanimadora para a saúde escolar, pelo que os amigos mais próximos de Fernando da Silva Correia começaram a tecer planos para a sua

[851] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00294/020, [Carta de Manuel Rodrigues Mateus], 1936.10.30-1936.10.31; Setúbal. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00294/066, [Carta de José Jacinto de Sousa Forjaz de Sampaio], 1937.02.15-1937.02.16; Portalegre.

[852] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00503/001, [Relatórios e correspondência do ano letivo 1938-1939], [1938.08.03-1939.12.07].

[853] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00503/023, [Carta de José Jacinto de Sousa Forjaz de Sampaio], 1939.07.03-1939.07.04; Portalegre.

[854] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00608/001, [Relatórios e correspondência do ano letivo 1939-1940], [1939.10.06-1940.07.30]. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00698/001 [Relatórios e correspondência do ano letivo 1940-1941] [1940.09.03-1941.09.03]. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00813/001, [Relatórios e correspondência do ano letivo 1941-1942], [1941.09.17-1942.08.27].

[855] Fernando da Silva Correia esteve envolvido na elaboração do seu livro de homenagem, PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00414. E, em 1939, publicou *O Dr. Serras e Silva e a pedagogia do exemplo*.

[856] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00503/027, [Carta de José Lopes Dias], 1939.02.03-1939.02.06; Castelo Branco. A nomeação de Daniel Rodrigues de Sttau Monteiro fez com que José Lopes Dias considerasse que "predomina hoje no Ministério grupo integralista à outrance, (…)." PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00813/014, [Carta de José Lopes Dias/ Liceu de Nuno Álvares], 1942.02.03-1942.03.05; Castelo Branco.

nomeação como diretor-geral. Mas o "melindre do elogio proprio"[857] desse inspetor não abriu espaço para tal nomeação[858]. Na opinião de José Lopes Dias, esta constituía a "solução lógica e natural" para a Saúde Escolar, apoiada por outros médicos como, Bissaia Barreto, Dinis da Fonseca e José Alberto de Faria, assim como Marcelo Caetano.[859]

Assim, antes de voltar ao desempenho das suas funções em novembro de 1942, pensou em demitir-se. O regresso à saúde escolar começa, desde logo com duas situações anómalas: um conflito entre o médico e a visitadora escolar de Leiria e o pouco zelo demonstrado nos serviços pelo médico da Escola de Regentes Agrícolas de Évora[860].

Apesar de continuar em funções, parece claro, pela diminuição dos documentos arquivados, o distanciamento de Fernando da Silva Correia da causa. Isto poderá ser motivado pela dedicação que tinha de dividir com a continuação da investigação de temas históricos, especialmente até 1944; podendo em larga medida terem contribuído outros problemas pessoais e profissionais.

Ainda no desempenho das suas funções foi redator principal da revista *A Saúde Escolar* ou *Boletim da Direção-Geral de Saúde Escolar*, cuja publicação inicia em 1936. Algumas das suas colaborações remetem para os seus relatórios de inspeção ou conferências já mencionados, outras desvendam as temáticas que investigou, destacando-se ainda a troca de correspondência com Vítor Fontes em torno do conceito de médico-pedagogia[861].

A "nossa revista", como lhe chama José Lopes Dias, em 1938 estava a ser publicadas com atraso[862]. Entre os assinantes da revista podem contar-se o médico

[857] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00044/019, [Carta de Américo Cortês Pinto], 1936.12.06; Lisboa.
[858] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00044/037, [Correspondência de Américo Cortês Pinto], 1939.03.12-1939.03.14, 2 cartas; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00044/048, [Correspondência de Américo Cortês Pinto e José Lopes Dias], 1940.10.03, 2 cartas; Castelo Branco e Leiria. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00044/049, [Carta de Américo Cortês Pinto], 1940.11.04-1940.11.05; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00044/053, [Carta de Américo Cortês Pinto], 1941.07.16; Lisboa.
[859] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00698/003. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00813/015.
[860] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00964/001, [Relatórios e correspondência do ano letivo 1943-1944], [1943.10.03-1944.08.27].
[861] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00569/003, [Bilhete de Alfredo Tovar de Lemos/ Instituto de António Aurélio da Costa Ferreira], 1941.01.18; Lisboa.
[862] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00503/026, [Bilhetes de José Lopes Dias], 1938.12.04; Castelo Branco. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00503/035, [Carta de José Lopes Dias/ Liceu Nuno Álvares], 1939.06.01; Castelo Branco.

Hermínio Laborinho[863], Emílio Costa[864], havendo outros interessados, como J. Estevão Pinto, em Angola[865]; esta era enviada para o Instituto de António Aurélio da Costa Ferreira[866].

Higiene escolar foi um tema também abordado em números especiais na revista *Clínica, Higiene e Hidrologia*. Para tal, Fernando da Silva Correia trocou correspondência com Armando da Cunha Narciso[867]. Colaborou também com a *Escola Portuguesa*, com trabalhos pagos, como "Pediatria social: a Medicina preventiva e a escola" (1939)[868] e com a *Labor*, com o artigo "Um século de Medicina Escolar"[869]. Alguma da correspondência também se refere a diferentes pedidos de colaboração, como para as revistas *Coimbra médica*[870], *Terra Mãi*[871], *Petrus Nonius* do Grupo Português de História da Ciência (Sánchez et al., 2021, p. 12)[872]. Na revista *Portugal Médico* publicou o artigo "Alguns aspetos do problema da profilaxia da cegueira em Portugal" (1938)[873] e no ano seguinte "Alguns aspectos do problema do cancro em Portugal"[874]. Publicou ainda "O Tráfico das brancas"[875] sobre a prostituição, recebida por Raquel dos Anjos Jardim de

[863] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00553/005, [Carta de Hermínio Laborinho], 1940.01.12-1940.01.13; Leiria.
[864] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00342, [Bilhete de Emílio Costa], 1937.01.25-1937.01.27; Lisboa.
[865] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00701, [Bilhete de J. Estevão Pinto], 1940.09.18; Angola.
[866] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00569/002, [Bilhete de Alfredo Tovar de Lemos/ Instituto de António Aurélio da Costa Ferreira], 1939.10.28-1939.10.29; Lisboa.
[867] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00744, [Artigos para o 3.º número da Clínica, Higiene e Hidrologia dedicado a Higiene escolar], 1941.00.00. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00128/004, [Carta de Armando da Cunha Narciso/ Clínica, Higiene e Hidrologia], 1937.12.18; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00128/013, [Carta de Armando da Cunha Narciso/ Clínica, Higiene e Hidrologia], 1941.02.14-1941.02.20; Lisboa.
[868] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00726, [Ofícios de Frederico de Matos/ Ministério da Educação Nacional Direção-geral do Ensino Primário Administração da Escola Portuguesa], 1940.12.10-1942.04.18, 3 cartas; Lisboa.
[869] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00255/001, Um século de Medicina Escolar, 1936.05.31. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00255/002, [Cartas de Álvaro da Silva Sampaio/ Labor], 1936.02.21-1936.06.26; Aveiro.
[870] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00096/001, [Carta de José Moura Marques/ Coimbra Médica], 1934.12.14-1934.12.15; Coimbra.
[871] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00166/003, [Bilhete de Amadeu da Cunha Móra], 1935.12.16; Leiria.
[872] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00186/004, [Bilhete-postal de Jorge Larcher], 1943.10.26; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00266/002, [Circular de Ricardo Jorge], 1937.03.26; Lisboa.
[873] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00157, Alguns aspetos do problema da profilaxia da cegueira em Portugal, 1935.06.12-1938.00.00; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/001, [Relatórios e correspondência do ano letivo 1934-1935], [1934.05.04-1935.09.20].
[874] Disponível em: https://almamater.uc.pt/romulo/item/85458.
[875] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00564/001, O tráfico das brancas, 1939.03.13-1940.07.20; Lisboa e Caldas da Rainha.

Castro e Almerindo Lessa de *A Medicina Contemporânea* [876], despertara o interesse de um sócio da Liga de Profilaxia Social, A. A. Batista[877].

Fernando da Silva Correia era ainda assinante de várias revistas como a *Revista Portuguesa de Pediatria Puericultura* (1938.04.13)[878]e recebia o *Boletim Clínico dos Hospitais Civis de Lisboa*[879] e a *Press Médical*[880].

No desempenho destas funções realizou várias palestras nos liceus da sua inspeção, em maio 1934, realizou uma primeira conferência no Liceu Rodrigues Lobo, "A higiene, índice de civilização", que teve "numerosa assistência"[881]. Ainda em 1934, participou no I Congresso da União Nacional[882]. No liceu de Portalegre realizou a conferência "Assistência, higiene e educação" a 11 de junho de 1938[883]. Na Sociedade de Ciências Médicas, falou sobre "A educação física e medicina em Portugal", em 1935[884]. Foi convidado para dar uma palestra no Sport Clube de Algés[885].

Foi ainda convidado para outros trabalhos relacionados com a saúde escolar, como para integrar uma "Comissão encarregada de estudar o regime a que devem ficar submetidos os alunos do Colégio Militar presidida pelo general António Maria de Freitas Soares"[886].

---

[876] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00138/002, [Correspondência de Raquel dos Anjos Jardim de Castro], 1939.04.14-1946.05.31, 5 cartas. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00564/003, [Bilhete de Almerindo Lessa/ A medicina contemporânea], 1940.07.20; Lisboa.

[877] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00564/002, [Carta de A. A. Batista], 1940.03.17; Porto.

[878] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00139/013, [Carta de Ramiro Barros e Silva/ Imprensa Médica|João de Deus Ramos], [1938.04.12-]1940.03.29; Lisboa. E foi convidado a colaborar na revista, PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00405/003, [Bilhete de Carlos Salazar de Sousa], 1939.03.10-1939.03.11; Lisboa.

[879] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00216/003, [Carta de (?)/ Hospitais Civis de Lisboa], 1939.08.22-1939.08.24; Lisboa.

[880] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00253, [Comprovativo de envio de correspondência], 1936.02.14; Caldas da Rainha.

[881] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00798/001, [Cartas de Agostinho Gomes Tinoco/ Liceu Rodrigues Lobo], 1934.04.09-1934.05.30, 4 cartas. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00026/003, [Cartas de Agostinho Tinoco/ Liceu Rodrigues Lobo], 1934.05.19-1934.07.10; Leiria.

[882] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00802, [Participação no I Congresso da União Nacional], 1934.04.29-1934.05.28; Lisboa.

[883] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/01015, [Programa de conferências públicas no Liceu Mousinho da Silveira Portalegre], [19??.00.00]; Portalegre. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00400/052, [Correspondência de Américo (?)/ Liceu de Bocage], 1938.04.23-1938.05.28, 4 cartas; Setúbal.

[884] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00139/001, [Bilhete de Ramiro Barros e Silva/ Biblioteca da Faculdade de Medicina de Lisboa], 1935.04.17; Lisboa.

[885] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00759, [Cartas de Luís Augusto Ferreira Martins/ Sport Algés e Dáfundo], 1941.02.20-1941.05.29, 4 cartas; Lisboa.

[886] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00859/002, [Bilhete de António (?)/ Escola do Exército], 1943.02.09-1943.02.10; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00025/005, [Ofício de Daniel Monteiro/ Ministério da Educação Nacional], 1942.04.09-1942.04.12; Lisboa.

Durante este período, Fernando da Silva Correia não deixou de se relacionar com novas sociedades científicas, como é o caso da breve[887] Sociedade de Estudos Pedagógicos[888], em que apresentou uma conferência sobre Medicina escolar a 5 de dezembro de 1934, publicada na revista *A Medicina Contemporânea*. Integrava também o Grupo Português do Comité Internacional D'Histoire des Sciences[889], para o qual fora proposto por Arlindo Camilo Monteiro[890]; a Sociedade de Geografia de Lisboa[891]; a partir de 1935 torna-se sócio 1002 da Casa das Beiras, sendo também convidado a colaborar no seu *Boletim*[892]; altura em que era também membro da Associação dos Médicos Católicos Portugueses, que publicava a revista *Acção Médica*[893] e do Orfeão Caldense[894]. António Gomes da Rocha Madail tentou também que Fernando da Silva Correia voltasse a fazer parte do Instituto de Coimbra[895]. Já em 1943, foi convidado por Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior para a Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia da Universidade do Porto, sendo sugerido que os seus contributos para a Sociedade se relacionassem com o estudo da medicina popular[896].

Recebeu ainda outros pedidos de colaboração, como com a conferência feminina da Sociedade de S. Vicente de Paulo, recém-criada no final de 1936[897]. Demonstrando algumas das suas relações, que Fernando da Silva Correia contribua para o prémio lançado em homenagem a Jaime Ernesto Salazar de Sousa[898] ou participe na

[887] Encerrou em 1940, PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00080/004, [Carta de José do Souto Teixeira/ Sociedade de Estudos Pedagógicos], 1940.12.20-1940.12.24; Lisboa.
[888] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00056, [Pagamento de quotas da Sociedade de Estudos Pedagógicos], 1934.10.00-1935.03.00; Lisboa.
[889] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00075/003. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00266/001.
[890] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00075/005, [Correspondência de Arlindo Camilo Monteiro], 1935.07.02-1936.03.12, 2 cartas; Lisboa.
[891] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00091/001, [Bilhete de Henrique Galvão/ Sociedade de Geografia de Lisboa], 1934.12.01; Lisboa.
[892] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00156, [Ofício de João dos Reis Vitória/ Casa das Beiras], 1935.06.12; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00093, [Carta de Mário Ramos/ Casa das Beiras], 1934.12.12-1934.12.15; Lisboa.
[893] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00203, [Circular de Henrique Bernardo Gonçalves/ Associação dos Médicos Católicos Portugueses], 1935.10.14; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00282, [Circular de João Maria Porto, António Lopes Rodrigues, Luís Figueira, José de Paiva Boléo e Anacleto de Miranda/ Associação dos Médicos Católicos Portugueses], 1936.06.23; Lisboa.
[894] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00211, [Comprovativo do pagamento de quotas do Orfeão Caldense], 1935.11.00-1935.12.00; Caldas da Rainha.
[895] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00582/001.
[896] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00946/001. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00946/002.
[897] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00317, [Circular de Francisco Xavier da Silva/ Sociedade de S. Vicente de Paulo], 1936.12.08; Lisboa.
[898] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00463, [Circular de Celestino da Costa, Francisco Gentil, Reinaldo dos Santos, Henrique Vilhena, Barbosa Sueiro, Alberto Mac Bride, Abel da Cunha, Carlos Pereira, Leonardo de Castro

homenagem a Aleu Saldanha Cruz[899] e a Mário Cardia, pela sua extensa colaboração com o *Jornal do Médico* e outros que este dirigiu[900].

Durante este período, não deixou de se dedicar a outros temas, como veremos em seguida, para além desses trabalhos/ projetos/ obras, é também importante mencionar a sua colaboração no *Diário de Notícias* e na *Gazeta de Coimbra*[901], que pela vastidão desta investigação não foi possível analisar de forma semelhante ao que foi feito para a *Gazeta das Caldas* no subcapítulo anterior.

Colaborou, a pedido da Liga dos Combatentes, num breve "resumo histórico" sobre o orfanato Casa dos filhos dos soldados, tendo por essa altura conhecimento do "interessante estudo sobre o alcoolismo" de Fernando da Silva Correia.[902]

Neste período continua a ser procurado por diferentes profissionais para responder a questões sobre as suas investigações. A médica Branca Rumina solicitou informações sobre a primeira vez que fora empregada a palavra puericultura em Portugal, pedido de um Professor de Paris, não identificado[903]. José Lopes Dias convida-o para desenvolverem "um volume de propaganda" da "obra de proteção à infância que agrupasse uma descrição de todas as obras da província, à exceção de Lisboa"[904]. E começa a receber pedidos para colaborar na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*[905].

Freire e Sara Barchilon Benoliel/ Homenagem ao Professor Dr. Jaime Ernesto Salazar de Sousa], 1938.04.06-1938.04.26; Lisboa.

[899] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00665, [Circular da Comissão organizadora da Homenagem ao Dr. Aleu Saldanha Cruz], 1940.05.03-1940.05.16; Lisboa.

[900] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00968, [Cartas de Aires de Azevedo/ Jornal do Médico], 1943.11.05; Porto.

[901] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00764/001, [Cartas de Hermano Ribeiro Arrobas/ Biblioteca da Faculdade de Medicina de Coimbra], 1941.03.18-1941.03.27; Coimbra.

[902] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00507, [Correspondência de Francisco Ribeiro Salgado/ Ministério da Guerra], 1938.09.04-1938.11.23, 2 cartas; Lisboa.

[903] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00349/002.

[904] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00503/033.

[905] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00464/001, [Cartas de Afonso Eduardo Martins Zuquete], 1938.04.06-1938.05.24, 3 cartas; Lisboa.

B. "Quando tenciona vir Tomar a borla e o capelo?"

"Na verdade o sanitarista tem de intervir onde quer que seja e como fôr oportuno, para evitar tudo o que possa prejudicar a saúde, não só física como moral do indivíduo, da população ou da raça." (Correia, 1938b, p. 261)

"Vou reler o seu Portugal sanitário que tem lá de tudo… como botica e das bôas."[906]

Como já foi demonstrado no subcapítulo anterior, a tese de doutoramento *Portugal sanitário (Subsídios para o seu estudo)* constituiu uma forma de Fernando da Silva Correia dar a conhecer as suas atividades como delegado de saúde nas Caldas da Rainha, entre 1921 e 1934 (Correia, 1938b, p. 3), e as investigações desenvolvidas nesse âmbito – versando especialmente os campos da Higiene e Saúde Pública[907]. As provas de doutoramento decorreram em Coimbra a 17 e 18 de fevereiro de 1938, sendo a obra posteriormente editada pela Direcção-Geral de Saúde Pública e distribuída a todos os delegados de saúde (Correia, 1938a), tendo antes sido publicada uma separata da tese "Esbôço da história da higiene em Portugal" (Parte V)[908]. Para as provas, Fernando da Silva Correia elaborou também o seu *Curriculum Vitae* (1938)[909], considerada "a melhor recomendação que o meu amigo pode ter."[910]

A investigação em torno da temática da Higiene (e da sua história) já tinha começado antes, como é o caso da obra *Portugal dans l'histoire de l'higiene* (1934) apresentada no III Congresso Internacional de História das Ciências e VI Reunião da Academia Internacional de História das Ciências em 1934[911].

---

[906] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00503/028, [Carta de José Lopes Dias/ Dispensário de Puericultura Dr. Alfredo Mota], 1939.02.25(?); Castelo Branco.

[907] O título deste ponto tem origem na seguinte carta: PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00609/001, [Carta de Maria Cândida Mendes Dinis da Fonseca], 1939.10.23; Coimbra.

[908] Este artigo foi analisado na parceria *Um ano com a obra de Fernando da Silva Correia: 12 livros sobre as Caldas da Rainha*.

[909] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00437/001, Curriculum vitae de Fernando da Silva Correia, 1938.00.00-1948.00.00; Caldas da Rainha e Coimbra.

[910] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00437/003, [Bilhete de Fausto Lopo Patrício de Carvalho], 1941.05.25-1941.05.27; Lisboa.

[911] Este congresso foi noticiado no número 5 do *Álbum das Caldas* (1934), pois uma das visitas do congresso foi às Caldas da Rainha. Este texto foi publicado na revista *Coimbra Médica*, vol. I, nº 9, o autor faz um resumo da questão da Higiene história de Portugal com enfoque na época dos descobrimentos, destacando-se também a análise da evolução da legislação sanitária e do ensino de Medicina. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00807/001, [Participação no III Congresso Internacional de História das Ciências e VI Reunião da Academia Internacional de História das Ciências], 1934.05.184-1936.00.00; Coimbra e Lisboa.

Portugal Sanitário fez o retrato de um país "atrasado sanitariamente", especialmente por falta de "verbas para realização de obras de salubridade", que poderiam colocar em práticas políticas que considera boas do ponto de vista da Higiene. A este problema junta o da educação higiénica – da classe política e do "povo" que não cumpria "disposições sanitárias da lei, regulamentos e posturas" por nunca lhe terem explicado "a razão de ser dessas disposições" (Correia, 1938b, p. 5). A educação neste âmbito estendia-se também à classe médica, uma vez que o curso de Medicina Sanitária não era obrigatório. Para todos poderiam concorrer várias atividades como "conferências, palestras, artigos de jornais, etc." constante presença nas escolas (Correia, 1938b, p. 6). Neste âmbito, é também destacada a necessidade da medicina preventiva nos serviços dos delegados de saúde, por exemplo, através dos dispensários. O autor define, especialmente, as competências e os serviços do delegado de saúde (Correia, 1938b, p. 7), desenvolve uma história da Higiene e da legislação sanitária, contestando "a ideia de que os conhecimentos higiénicos são recentes em Portugal." (Correia, 1938b, p. 8).

A primeira parte da obra é dedicada ao "meio português", explorando as suas variadas características, tendo um capítulo dedicado ao meio escolar (existindo outos sobre higiene e medicina escolares) (Correia, 1938b, pp. 9–143). A segunda parte trata a "Patologia Geral Portuguesa", explorando as doenças e estatísticas de morbilidade e mortalidade em Portugal e a sua relação com a "higiene individual" ou "higiene colectiva" (Correia, 1938b, pp. 144–290). A terceira é sobre "Salubridade Geral Portuguesa/ Previdência/ Assistência na doença", sendo identificados os melhoramentos e as instituições de assistência existentes, tendo por base parte do já mencionado inquérito de 1929 (Correia, 1938b, pp. 291–335). A quarta parte é sobre "Organização Sanitária", abordando a Legislação sanitária geral e dando particular relevância à Higiene municipal, apresentando uma outra das inovações desta tese, o "Projecto de Regulamento de Higiene Municipal". A tese termina com uma "história da higiene em Portugal", seguindo a "moderna técnica historiográfica" (Correia, 1938b, p. 417).

A análise da correspondência de felicitações será feita no Apêndice 13, em que consta a representação da análise da rede de profissionais que é possível nomear a partir do arquivo pessoal e familiar. No entanto, para entender o alcance das suas

investigações é pertinente ver alguma da correspondência de preparação da tese. Eurico da Silva Pico enviou uns apontamentos sobre a "constituição e evolução dos orgãos consultivos dos serviços de saúde pública, a partir do ano de 1837."[912] Alberto Silvano e Sá, do Laboratório de Microbiologia e Química Biológica da Universidade de Coimbra, informou da existência de "uma Memória de todos os trabalhos publicados pelos vários professores e investigadores" do laboratório e deu informações sobre o Curso de Medicina Sanitária[913]. O professor António de Almeida Garrett da Faculdade de Medicina do Porto enviou teses solicitadas e uma lista dos trabalhos sobre higiene e fotografias[914]. O seu sobrinho, o estudante de Medicina João Carlos Ferrari Teixeira de Almeida, transmitiu algumas conversas com professores que iriam avaliar a tese, indicando, por exemplo, que Rocha Brito substituiria Serras e Silva e deu informações para a tese que colheu junto destes[915].

Após provas públicas era de a praxe realizar uma cerimónia de imposição das insígnias doutorais, que, como atesta a correspondência com Maximino José de Morais Correia, foi inicialmente atrasada[916]. Esta situação, aliada à doença da esposa, à impossibilidade de ter filhos, terá deixado o recém-doutor bastante desanimado e pessimista, segundo Maximino Correia. Nesta correspondência fica pouca clara a "canalhice" que tinha sido feita a Fernando da Silva Correia neste contexto[917].

C. Da *Ordem na Medicina* à "liberdade ferroviária"

> "Já tu vês que é melhor estar calado do que dizer seja o que for num Paraíso artificial onde todos se sentem felizes com a terapêutica instituída e consideram impertinência qualquer produto da observação, da experiência, da leitura atenta, actualizada e selecionadora."[918]

---

[912] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00817, [Correspondência de Eurico da Silva Pico/ Direção Geral de Saúde do Ministério do Interior], 1934.06.29-1934.08.11; Lisboa.
[913] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00042.
[914] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00284/002.
[915] Fernando da Silva Correia intercedeu por este sobrinho e outros estudantes em Coimbra junto de antigos condiscípulos e mestres. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00310/001. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00310/001.
[916] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00181/004.
[917] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00181/006.
[918] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00243/001, Cartas abertas a um jovem médico, [1936.00.00-1954.11.11], Fernando da Silva Correia.

> "Afinal, parece estar descoberto quem é o Velho Galeno, (…) os teus artigos têm feito sucesso e toda a gente me pergunta:/ - quem é o gajo?... Quem é o tipo que tão bem conhece a classe? Não é um homem do nosso tempo!"[919]

Talvez este pseudónimo procure referir Galeno, médico do Império Romano, que, como recorda Adelino Cardoso, reapareceu no época moderna – de grande interesse para a investigação de Fernando da Silva Correia –, sendo visto pelos autores desse período como "o «mais seguro propagador e interprete» e «o mais benevolente guia»" da Medicina (Sánchez et al., 2021, p. 247).[920]

O primeiro trabalho de Velho Galeno foi a peça de teatro *Um erro de diagnóstico* (1928), "conferência médica em um acto" que imagina a vinda de Mr. Smith, o rei das seringas, e a mulher (brasileira) a Coimbra[921]. No entanto, é provável que este texto nunca tenha chegado a muitos, foi *A Ordem na Medicina* (1940) que deixou clara a intenção de que este pseudónimo atingisse a classe médica. A estes seguiram-se vários textos, publicados até à década de 1950, de que são exemplos, a rubrica "Terapêutica etiológica" (1940)[922] e outras a que dará o nome "Higiene rural" juntando várias cartas a jovens médicos (1942-1954)[923]. Estes textos foram publicados especialmente na *Imprensa Médica* e no *Jornal do Médico*.

---

[919] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00139/008, [Carta de Ramiro Barros e Silva/ Imprensa Médica], 1939.09.28-1939.08.29; Lisboa.

[920] Parte do título deste ponto surge da carta: PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00044/062, [Carta de Américo Cortês Pinto], 1942.04.28; Lisboa.

[921] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00405, [1928.10.22-1940.10.07], Fernando da Silva Correia; Caldas da Rainha e Vila Real.

[922] Num largo leque de assuntos, fala sobre "a utilidade material da deontologia" (1940.12.01), o desconhecimento da Medicina, "as teorias médico-sociais" em âmbito camarário, os "Honorários médicos", a Ordem dos Médicos; IX "a domesticação da classe médica?", X as "conferências médicas...", XV "Livros que todos os médicos devem ler", XVI e XVII os atestados médicos (1941.08.15), XVIII "Doutores a mais?" (1941.08.06), XIX "A bem da nação e dos emigrantes", XX "O triste jus da nossa idade...", XXI "Tudo literatura!...", XX as "Especialidades médicas...", XXIII "Declaração dos Direitos de Médico", XXIV "Uma história vulgar... «Conto de Natal»", XVII "O cancro na classe médica", XXVIII "Um pouco de História..." e XXIX "Médicos católicos". PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00725, Terapêutica sintomática/ Terapêutica etiológica, [1940.12.01-1941.08.15].

[923] As cartas abertas foram dirigidas a vários profissionais, mas à boa maneira do profissional experimentado – como Rainer Maria Rilke para Franz Kappus – Velho Galeno escreveu principalmente aos jovens médicos/ médicos novos. A maioria destes textos foram publicados no *Jornal do Médico* e depois n'*O Médico*. O arquivo guarda os textos: "Introdução/ Escolha de carreira" (1936); "Formatura! Formação?" (1942.07.29); [Sem título, 1942.08.26]; "Uma lição de Mestre" (1952.09.22); "Primeiros passos…" (1942.09.28); "Os vossos amigos farmacêuticos" (1942.11.05); "Mulheres de médicos" (1946.03.09-1948.02.21); "Crónicas da vida médica. Carta aberta a um jovem médico sobre os perigos do jornalismo". *A Medicina Contemporânea* (1948); "Médicos especialistas" (1950.02.13); "Locutor? Médico à força?" (1950.04.09); "Contratos sem «contrôle» e suas consequências" (1950.04.10); "Cá e lá... Uma

Velho Galeno também demonstra os interesses culturais de Fernando da Silva Correia, ao comentar de forma elogiosa a peça "O Lugre" do médico Bernardo Santareno e lançando a possibilidade de fazer uma conferência sobre Oscar Wilde, sendo claro que também deveria comentar literatura com outros amigos[924].

Segundo José Lopes Dias[925] ou Américo Cortês Pinto, as "crónicas" de Velho Galeno foram apreciadas

> "Magnífico! Tu estás formidável na forma, no conceito, na fluência, na leveza, na clareza, na graça e na profundidade. (…) ninguém como tu sabe ver tão penetrantemente e tão argutamente todos os pequeninos refolhos do espírito sempre sofístico em face do *struggle for life*, do comodismo e das conveniências próprias… há ali carapuças para todos os pequenos aforismos, e um belo guia para quem goste de cumprir o preceito cristão do exame de consciência, descobrindo dentro de si mesmo as pequeninas armadilhas e embustes do inconsciente".[926]

A participação de Fernando da Silva Correia nos jornais da especialidade era intensa, no entanto, no *Jornal do Médico*, de que era assíduo colaborador, surgiu também em 1941 um "exame de consciência", em que explicava como a sua atividade profissional o levara a rejeitar o convite de Mário Cardia, um ano antes, para a direção do jornal (Correia, 1941, p. 3). Este artigo permite conhecer a visão deste médico sobre a classe médica e o seu trabalho na Ordem dos Médicos. A esta dedicava as horas livres e pretendia ser um "observador imparcial e atento" da atividade desses representantes da classe. Faz uma breve caracterização da "imprensa profissional", cujas funções eram "de ordem técnica e de aperfeiçoamento mental dos seus leitores, como prolongamento da ciência das faculdades de medicina" e "de ordem económica e social,

---

aventura em Espanha/ Honny soit qui mal y pense..." (1950.05.20); "Higiene rural II" (1953.10.11); "Higiene do Pastor IV"; "Higiene do Pastor V - Asseio e paparoca a tempo e horas" (1954.01.21); "VI Os inimigos e os amigos da saúde do pastor"; "VII Mais inimigos da saúde do pastor"; "Higiene rural VIII/ O bem e o mal que a água pode fazer" (1954.04.18); "Higiene rural IX O bem e o mal", PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00243/001, Cartas abertas a um jovem médico, [1936.00.00-1954.11.11], Fernando da Silva Correia.

[924] PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00180/005, [Carta de João Gomes Branco Lisboa], 1945.09.26-1945.10.01; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00032/051, [Carta de José Lopes Dias], [19??.00.00]; Castelo Branco; mencionando a Casa do Povo, acrescenta "e o médico é distinto - o Fernando Namora que nós temos de arrancar de ali, da luta tremenda de patuleias políticas, em que ele não tem a menor responsabilidade, em que é uma bola no meio dos conflitos para que não concorreu. E tem talento, não só literário como médico."

[925] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00007/025. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00813/019.

[926] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00044/065.

de defesa dos legítimos interêsses dos profissionais de medicina", o seu fim último era portanto, "o prestígio" da classe médica (Correia, 1941, pp. 3-4)[927].

É provável que a primeira referência à necessidade de uma ordem dos Médicos, nas palavras de Fernando da Silva Correia, tenha ocorrido na conferência *Os inimigos da Higiene*.

> "É que há muito estou convencido de que não é possível à classe médica, classe cheia de responsabilidades como nenhuma, impor-se à consideração das outras classes; ter autoridade moral (…); valorizar o curso da medicina (…), sem primeiro, com as mãos na consciência, não confessarmos os próprios êrros, sem proclamarmos a necessidade dum código deontológico rigoroso e dum tribunal moral que seria a razão principal da fundação da ordem dos médicos" (Correia, 1934, p. 6).

Saltar das obras do Velho Galeno, que foram grandemente divulgadas no *Jornal do Médico*, para a Ordem dos Médicos não é descabido, pois como indicou Mário Cardia, "O meu ponto de vista de agora é o de sempre. «Jornal do Médico» pretende, acima de tudo, colaborar com a Ordem, portanto, com os seus Conselhos."[928]

Fundada em 1938, a Ordem dos Médicos, tinha como objetivo "defender os princípios ético-deontológicos da profissão e garantir a qualidade técnica do exercício da medicina" (Alves, 2014, p. 344). Fernando da Silva Correia[929] integrou o seu Conselho Diretivo entre março de 1939 e janeiro de 1946[930], como representante do diretor-geral de saúde, nomeado pelo próprio. Este médico era então convidado a dar pareceres sobre vários temas e problemas médicos[931], como o anteprojeto de lei sobre o exercício da medicina[932]. Em novembro de 1939, desempenhou funções de secretário substituto

[927] PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00026, Exame de Consciência, 1941.00.00, Fernando da Silva Correia.
[928] PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00025/049.
[929] PT/PH/AFSC/FSC/B-06/00004, Cédula profissional da Ordem dos Médicos, 1939.01.02; Lisboa.
[930] PT/PH/AFSC/FSC/B-06/00095/003, [Homenagem dos Conselho Geral da Ordem dos Médicos a Fernando da Silva Correia].
[931] PT/PH/AFSC/FSC/B-06/00006/001, [Cartas de José Alberto de Faria/ Direção-geral de Saúde], 1939.03.30-1941.05.09, 3 cartas; Lisboa PT/PH/AFSC/FSC/B-06/00006/003, [Correspondência de José Alberto de Faria/ Direção-geral de Saúde], 1942.04.07-1942.04.10; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-06/00008/002, [Carta de Aleu Saldanha Cruz/ Ordem dos Médicos], 1939.07.21; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-06/00038, [Carta de Daniel Torres/ Ordem dos Engenheiros], 1940.10.26; Lisboa.
[932] PT/PH/AFSC/FSC/B-06/00012/002, [Carta de Eugénio de Castro Caldas], 1939.10.06; Lisboa.

da Ordem, ocupando-se da administração do seu *Boletim*[933]. Alguns médicos contactaram-no devido aos seus problemas com a Ordem, mas também para a esta apresentar ou discutir trabalhos, como o relativo à Medicina rural[934].

É convidado para integrar uma comissão encarregada de elaborar "um pequeno folheto" que promova "Junto das populações uma campanha de educação higienico-social", a que pertenciam também Ladislau Fernando Patrício, António de Almeida Garrett, Augusto Gonçalves Moreno e Lúcio de Almeida[935], sendo considerado como um bom modelo o *Breviário de Higiene* já editado por Fernando da Silva Correia[936]. Entre as tarefas da sua incumbência, pode ainda mencionar-se a análise da obra *A Naturoterapia moderna* de Fred Wachsmann[937] ou a recolha de dados sobre o falecimento de um cidadão estrangeiro (refugiado) nas Caldas da Rainha em 1944[938].

É também a partir da Ordem dos Médicos que Fernando da Silva Correia contactará com o médico e preso político Jaime Cortesão[939].

> "Coração ao alto, amigo,// e nada de desfalecimentos que não cabem em quem, como o Fernando Correia é capaz de lutar, como bem o tem demonstrado na sua brilhante carreira mixta de homem de acção e de homem de coração."[940]

No desempenho das suas funções na Ordem dos Médicos, surgirá um conflito que terá abalado bastante Fernando da Silva Correia: a sua saída da CP, nomeadamente do cargo de diretor do Posto Médico das Caldas da Rainha. Aí fazia acompanhamento de doentes[941], em especial dos funcionários da CP, desde 1924. O processo não é totalmente claro, mas até à década de 1940 nenhum acidente é documentado pelo

---

933 PT/PH/AFSC/FSC/B-06/00017, [Carta de Augusto Vaz Serra], 1939.11.08; Coimbra.

934 PT/PH/AFSC/FSC/B-06/00031, [Carta de Delfim Augusto da Silva Pinheiro], 1940.05.22-1940.05.24; Coimbra. PT/PH/AFSC/FSC/B-06/00033, [Carta de Francisco Maria Manso], 1940.07.14; Guarda. PT/PH/AFSC/FSC/B-06/00034, [Carta de António Pereira Marques], 1940.08.03-1940.08.04; Guarda.

935 PT/PH/AFSC/FSC/B-06/00042/011, [Ofício de António José Pereira Flores/ Ordem dos Médicos], 1943.05.10-1943.05.13; Lisboa.

936 PT/PH/AFSC/FSC/B-06/00069/002, [Bilhete de António de Almeida Garrett/ Faculdade de Medicina do Porto], 1943.05.12; Porto.

937 PT/PH/AFSC/FSC/B-06/00072/001, [Carta de Fred Wachsmann], 1943.11.12; Lisboa.

938 Processo de Fernando da Silva Correia (59), Arquivo da Ordem dos Médicos.

939 PT/PH/AFSC/FSC/B-06/00029/002; [Bilhetes de António Alberto Bressane Leite Perry de Azevedo Sousa Gomes/ Ordem dos Médicos], 1940.10.25; Lisboa.

940 PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00205/012, [Carta de Jaime Lopes Dias], 1941.09.30-1941.10.02; Castelo Branco.

941 PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00179/005, Carta de Luís José Roque Ferreira de Carvalho Machado, 1924.11.09. PT/PH/AFSC/FSC/B-02.1/00009/002, [Ofício de Jaime Carlos Galo/ Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses], 1935.07.15; Lisboa.

arquivo pessoal e familiar, até ao momento em que o médico-chefe dos serviços se apercebe das ausências de Fernando da Silva Correia pela capital, para comparecer nas reuniões da Ordem. Devendo referir-se que o médico João Lourenço o substituía nestas ocasiões[942].

Antes da saída, Fernando da Silva Correia ponderou a possibilidade de ser integrado no Posto Médico do Entroncamento[943], tendo intenção de se mudar para Lisboa. Aí esperava receber menos solicitações clínicas e pessoais do que nas Caldas da Rainha, o que permitiria ter mais tempo para dedicar às tarefas profissionais, considerando, no entanto, que as várias funções nunca se tinham prejudicado[944]. Até onde tinha recebido opiniões sobre os seus serviços, considerava não haver quaisquer "calúnias" a apontar-lhe, sendo a sua dedicação à CP comprovada, por exemplo, com a realização de duas conferências ao seu pessoal[945]. O parecer que António José Pereira Flores escreveu em maio de 1941, a pedido de Fernando da Silva Correia, para figurar no concurso do Entroncamento deixava claras as qualidades reconhecidas neste médico. A verdade é que a situação levou a Fernando da Silva Correia não tenha participado tão ativamente na Ordem, por estar impedido de comparecer nas reuniões na ausência de autorização superior. A Ordem foi ainda convidada a pronunciar-se no âmbito das averiguações feitas pela CP em agosto de 1941, sendo claro para esta e para o diretor-geral que o caso era injusto e até ilegal, dado que os trabalhos da própria Ordem deveriam estar acima doutras atividades[946].

À parte estas circunstâncias e a correspondência recebida como forma de comentários às obras de Fernando da Silva Correia, pela sua temática e dimensão, considerou-se fundamental dar conta da que mandavam médicos, alguns amigos[947], das

[942] PT/PH/AFSC/FSC/B-02.1/00034, [Ofício de (?)/ Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses], 1942.04.11.
[943] PT/PH/AFSC/FSC/B-02.1/00031/001, [Carta de António Pissarra Lobo Xavier], 1941.07.12-1941.07.13; Lisboa.
[944] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/01017, [Texto sobre a ação de Fernando da Silva Correia na Direção Geral de Saúde, Comboios de Portugal e Ordem dos Médicos], [193?.00.00], Fernando da Silva Correia.
[945] Uma das conferências foi, PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00173, A proteção social aos tuberculosos, 1935.07.19-1935.07.22, Fernando da Silva Correia; Caldas da Rainha.
[946] Processo de Fernando da Silva Correia (59), Arquivo da Ordem dos Médicos.
[947] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00719, [Carta de António G.(?)], 1940.10.26-1941.02.24; Angola.

colónias ultramarinas, para onde foram trabalhar e residir[948] e que descrevem as suas atividades (médicas ou não) e as instituições assistenciais em que prestavam serviços, comparando o estilo de vida com o que levavam na metrópole[949].

> "Paisagens que se não sonham; vidas, misérias, sofrimentos que se não suspeitam."[950]

2.5. Assistência Social: propaganda no Estado Novo

O interesse pela assistência manifesta-se cedo em Fernando da Silva Correia, confundindo-se até com o início da investigação em torno da rainha D. Leonor e das Misericórdias. Em 1927, este médico fez parte de uma comissão para fundar a Misericórdia das Caldas da Rainha, de que foi médico até 1931, mantendo nos anos seguintes relação com esta instituição. Já antes, em 1925, tinha tomado parte nas comemorações locais que pretendiam assinalar o IV centenário da morte da rainha D. Leonor. Aí corporizando a ideia de dar um monumento de homenagem à fundadora das Caldas, que foi inaugurado em 1935 devido ao trabalho incansável de uma Comissão Executiva, que integrava, e a 10 anos de angariação de fundos. A sua investigação em torno desta figura continuaria e, em 1958, integrou nova comissão, desta vez para assinalar o V Centenário do seu nascimento. Neste âmbito deu continuidade à sua investigação sobre as misericórdias nacionais, sendo o responsável pela sua integração na exposição da Fundação Calouste Gulbenkian no Convento da Madre Deus, em Lisboa. Esta participação ter-se-á devido a toda a sua anterior investigação, enquanto equiparado a bolseiro do Instituto para a Alta Cultura, sobre a história da assistência, que levou à publicação de *Origens e Formação das Misericórdias Portuguesas* (1944). O facto de ter sido levada à estampa neste momento não parece inocente, tem o objetivo de contribuir para o *Estatuto da Assistência Social*, publicado no mesmo ano, o que, neste âmbito, ajuda a equacionar Fernando da Silva Correia no seio da visão assistencial do Estado Novo. Até porque, entre 1943 e 1946 foi o diretor do órgão de propaganda

[948] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00467, [Carta de Barros Lopes], 1938.04.10-1938.05.01; Angola.
[949] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00674, [Carta de Isaac Levy/ Farmácia Central], 1940.05.19-1940.05.20; Angola.
[950] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00792/008, [Carta de Luís Ibérico Nogueira], 1943.05.24-1943.06.24; Cabo Verde. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00792/002, [Carta de Luís Ibérico Nogueira], 1941.08.22; Cabo Verde. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00719, [Carta de António G.(?)], 1940.10.26-1941.02.24; Angola.

Boletim da Assistência Social, assim como escreveu, *Portuguese Recovery: Social Assistance in Portugal* (1945).

No plano pessoal, é neste período, mais precisamente em janeiro de 1945 que casa com a visitadora sanitária Aurora Ribeirete de Óbidos[951], passando a residir em Lisboa na Praça do Brasil.

A. A Misericórdia das Caldas da Rainha

Misericórdia era para Fernando da Silva Correia

> "uma confraria e irmandade de cem homens «de boa fama, sã consciência e honesta vida, tementes a Deus e guardadores de seus mandamentos, mansos e humildosos a todo o serviço de Deus e da dita confraria» que se propunham cumprir entre si e para com todos e quaisquer necessitados as Catorze Obras de Misericórdia, tendo como modelo o Evangelho de S. Mateus e seguindo as normas preconizadas por S. Paulo: «Trabalhai e suportai as cargas (esforços) uns pelos outros." (Correia, 1999, p. 546).

Talvez tendo esta definição em mente, Fernando da Silva Correia reconheceu esta modalidade de assistência como uma forma de ajudar a população pobre, analfabeta e sem quaisquer hábitos de higiene (Garnel, 2017, p. 144) que habitava ou passava pelas Caldas da Rainha. Esta terceira batalha começou em 1927 (Correia, 1933), quando se constituiu a "Comissão Instaladora da Misericórdia" (Rodrigues et al., 1993, p. 445) (Correia, 1938a). Na descrição de Rui Forsado, nos primeiros anos, a Misericórdia acolheu "velhinhos", ajudou "viúvas e órfãos", assim como transportou doentes e alimentou pobres (Forsado, 1936), através do refeitório inaugurado a 15 de maio de 1928, no Hospital de Santo Isidoro[952]. No ano seguinte, preparou uma Albergaria para os pobres[953] e, em 1930, foi lançada a primeira pedra no novo edifício[954]. Na *Gazeta das*

[951] PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00313/001, [Participação do casamento entre Fernando da Silva Correia e Aurora Maria Baptista Ribeirete], [1945.01.24]; Lisboa.
[952] *Gazeta das Caldas,* 1928.05.20, p. 5. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00392 [Recorte de jornal "Últimas notícias nas Caldas da Rainha"], 1928.05.16; Lisboa.
[953] *Gazeta das Caldas,* 1929.01.13, p. 3.
[954] *Gazeta das Caldas,* 1930.11.23, p. 5.

Caldas foram publicados artigos sobre os donativos entregues para esta instituição, assim como, depois de dotada de edifício próprio, os relatórios da sua gerência.

Fernando da Silva Correia foi médico da Misericórdia das Caldas da Rainha entre março de 1928 e 1931, quando um desentendimento o levou a pedir a demissão da Mesa administrativa, sendo substituído nas suas funções de médico por Francisco Henriques de Avelar[955].

Esta Misericórdia surge num período em que as congéneres instituições nacionais passavam por graves problemas financeiros, surgindo no I Congresso das Misericórdias (1924) a intenção de que se firmassem como "o órgão primordial de assistência" localmente, contando com o contributo dos municípios (Almeida, 2017, p. 481).

Neste período, Fernando da Silva Correia tomou parte nos Congressos das Misericórdias de 1929[956] e 1932, sendo no âmbito deste último que promoveu a publicação de *A actualização do primitivo compromisso da Misericórdia*[957] (de Lisboa). Ainda que o Congresso das Misericórdias só volte a realizar-se em 1959, Fernando da Silva Correia, como escreve na margem do *Relatório do representante das Misericórdias na Câmara Corporativa* (1938), considerava que nas vésperas da publicação do Estatuto da Assistência Social, "O actual prestigio crescente das Misericórdias provem dos congressos"[958].

B. Estudo da "actividade leonorina"

"E á figura da rainha D. Leonor consagrou igualmente alguns estudos de valia."[959]

[955] Arquivo da SCMCR – Relatório da Mesa Administrativa de 1930-1931.
[956] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00436, [Participação no II Congresso das Misericórdias], 1929.05.19-1929.05.22; Porto.
[957] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00627/001, [Participação no III Congresso das Misericórdias], 1932.04.28-1935.05.16; Setúbal, Lisboa e Aveiro. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00627/003, A atualização do primitivo compromisso da Misericórdia, 1932.05.00-1933.12.16; Caldas da Rainha.
[958] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00432, Relatório do representante das Misericórdias na Câmara Corporativa, 1938.00.00; Lisboa.
[959] Notícia do *Diário de Lisboa* de 1966.12.20 – Processo número 13831 de Fernando da Silva Correia do Arquivo da Liga dos Combatentes.

Em 1925, foi solicitada, pela Comissão de Iniciativa das Termas, a colaboração de Fernando da Silva Correia no programa de evocação do IV Centenário da morte da Rainha D. Leonor, o que leva este médico a falar sobre a efeméride na imprensa, fazendo o elogio à obra do Hospital Termal[960]. É neste contexto que surge a ideia de erigir um monumento de homenagem à Rainha na sua cidade, pelo que até 1935, a imprensa local e nacional foi invadida por notícias sobre esta personalidade histórica e a subscrição nacional para o seu monumento[961]. Desse ano data ainda a investigação de Fernando da Silva Correia com o pai Joaquim em torno de uma imagem da rainha D. Leonor[962] (Carvalho, 2012).**[963]**

Em 1930, decorreu um dos momentos fundamentais para a Comissão Executiva do Monumento à Rainha, o(s) concurso(s) de maquetes[964]. Fernando da Silva Correia recebeu correspondência de alguns dos artistas interessados em participar, como Luís Fernandes de Carvalho e Reis e Fernando de Barros Santa-Rita[965]. Após o primeiro concurso, os artistas José Simões de Almeida, Leopoldo Neves de Almeida, Carlos Ramos, António da Costa, Ruy Gameiro, Veloso Reis Camelo, Norte Júnior, Marcelino Norte de Almeida, Anjos Teixeira, Francisco dos Santos, Raul Rodrigues Lima, Júlio de Sousa, António Janeira, Henrique Moreira, Luís Fernandes e Fernando de Barros Santa-Rita reuniram-se para reclamar da decisão do júri, que consideravam uma traição ao propósito inicial, descrevendo as regras do concurso em pormenor e o júri[966], solicitando que a sua decisão fosse anulada e que as obras fossem apresentadas novamente.[967]

---

[960] *Gazeta das Caldas*, 1, 1925.10.01, p. 3.
[961] *Gazeta das Caldas,* 7, 1925.11.18, pp. 5 e 8.
[962] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00292/001, [Carta de Félix Alves Pereira], 1925.12.24.
[963] A ideia do estudo da "actividade leonorina" introduzida no título desta obra provém de (Sousa, 2002, pp. 141–142).
[964] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00399/006, [Carta de Luís Teixeira], 1932.08.14-1932.08.16.
[965] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00399/003, [Correspondência de Luís Fernandes de Carvalho e Reis], 1930.04.09-1931.01.05, 9 cartas; Leiria. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00399/004, [Correspondência de Fernando de Barros Santa-Rita], 1930.05.10-1930.07.16, 3 cartas; Leiria.
[966] Composto pelo arquiteto Adolfo António Marques da Silva e arquiteto José Coelho, substituindo o arquiteto Porfírio Pardal Monteiro, ambos representantes da Sociedade dos Arquitetos Portugueses; o escultor Salvador Barata Feio e escultor Raul Maria Xavier, delegado da Sociedade Nacional de Belas Artes; o arquiteto Eugénio Correia, delegado da CMCR; tenente Pedro Mesquita de Oliveira, administrador do concelho das Caldas da Rainha e o pintor Eduardo Romero, António Montês, Guilherme Coutinho, da Comissão Executiva do Monumento.
[967] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00399/005, [Carta de José Simões de Almeida, Leopoldo Neves de Almeida, Carlos Ramos, António da Costa, Ruy Gameiro, Veloso Reis Camelo, Norte Júnior, Marcelino Norte de

A inauguração[968] decorreu com grande solenidade e Fernando da Silva Correia representou a Câmara Municipal e a Misericórdia do Sabugal[969], o que demonstra o largo conjunto de instituições convidadas[970] para o certame.

Ao longo da sua investigação, este médico reuniu trabalhos de outros sobre a rainha[971], como a conferência de Luís Teixeira[972] ou a investigação para a tese de conclusão da licenciatura de Deolinda Margarida Ribeiro, *Acção da Rainha D. Leonor na vida portuguesa*, que também lhe oferecia os seus préstimos como paleógrafa, com vista a decifrar o manuscrito de Jorge de São Paulo ou adquirindo livros em Coimbra[973].

Mesmo sabendo que somente em 1944 Marcelo Caetano lhe chamou "vulgarizador de fontes", a ação de Fernando da Silva Correia neste âmbito começou com a publicação da *História da Rainha D. Leonor e da fundação do Hospital das Caldas* (1928), primeira edição parcial do manuscrito de Jorge de São Paulo[974], cujo valor das vendas deveria reverter a favor do monumento. O autor pretendia oferecer a obra ao último rei, D. Manuel II[975] e, entre os que a receberam, contam-se Alexandre Gomes de Lemos Correia Leal[976], Fidelino de Sousa Figueiredo[977] ou António Montês[978]. A obra foi divulgada no *Diário de Notícias* e noutros jornais.

Almeida, Anjos Teixeira, Francisco dos Santos, Raul Rodrigues Lima, Júlio de Sousa, António Janeira, Henrique Moreira, Luís Fernandes e Fernando de Barros Santa-Rita], 1930.08.28; Lisboa.

968 PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00399/009, [Bilhete-postal de Américo Cortês Pinto para António Montês], 1935.07.05-1935.07.07.

969 PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00184/001, [Carta de Carlos Alberto de Almeida Frazão], 1935.08.28-1935.08.29; Coimbra.

970 PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00188/001, [Correspondência de José Maria Pereira Ferraz/ Associação de Caridade de Sintra], 1935.09.10-1935.09.17, 2 cartas; Lisboa.

971 PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00377, Rainha dona Leonor de José de Jesus Coelho do Vale, [1928.00.00-19??.00.00]. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00095/021, [Postal ilustrado de António Montês], 1938.05.11; Portalegre.

972 PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00661, Convite para conferência na Casa do distrito de Leiria, 1940.04.16; Lisboa.

973 PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00778/006. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00778/008. PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00367/001. PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00367/003.

974 PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00375/001, História da rainha D. Leonor e da fundação do Hospital das Caldas, 1928.00.00-1929.03.08.

975 PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00424, [Carta de José Valdez Penalva Franco Frazão (Conde de Penha Garcia)], 1929.03.24; Lisboa.

976 PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00375/004.

977 PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00709/001.

978 PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00197/008.

E a proximidade com as fontes históricas é tal que, como atesta o arquivo, Fernando da Silva Correia foi autorizado pelo administrador do Hospital Termal das Caldas da Rainha, Luís Oliveira Franco, a levar o Compromisso do Hospital para sua casa entre fevereiro e dezembro de 1928[979], provavelmente de forma a preparar a edição publicada na revista *O Instituto*[980]. Para tal também poderá ter contribuído o trabalho de Fernando da Silva Correia e o analista Heitor Proença Ferreira na organização da biblioteca da referida instituição[981]. Para Fernando da Silva Correia, o compromisso atestava o "estado de adiantamento da assistência na doença em Portugal no começo do século XVI" e a "importância que era dada já nessa época à terapêutica termal" na vila das Caldas. Através dele era possível conhecer "com uma meticulosidade e previdência admiráveis (…) os mínimos detalhes da vida do balneário-hospital". Na sua opinião, o documento era ainda "um regulamento modelar não só para balneários como para estabelecimentos de beneficência, salvos os arcaísmos inevitáveis e de impossível adaptação."

Também à rainha, Fernando da Silva Correia dedicou parte da sua obra literária, nomeadamente a peça *Leonor de Lencastre: tragédia d'uma grande alma* (1932)[982]. Nesta obra, o "Leonorista apaixonado", como lhe chamou Rafael Salinas Calado, julga a rainha "vitima" do critério "de vulgarizar a historia nacional" através da divisão artificial dos reinados e de "calunias" repetidas por alguns escritores. A peça "histórica" apresenta-se como "uma síntese" da obra da rainha, dando "ideia da sua alma, da sua dor, da sua vida, enfim, para a apontar como um exemplo magnifico", surgindo da pena de alguém que "dedicadamente, embora obscuramente, tem estudado em livros, cronicas e manuscritos". Como alguns críticos diriam, nos jornais e através da correspondência, esta peça surge como uma obra de "reabilitação" da rainha[983], na

[979] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00382, [Notas sobre o empréstimo do Compromisso do Hospital Termal das Caldas da Rainha], 1928.02.25-1928.12.06, Luís Oliveira Franco; Caldas da Rainha.
[980] Este artigo foi analisado na parceria *Um ano com a obra de Fernando da Silva Correia: 12 livros sobre as Caldas da Rainha*. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00376, Compromisso do Hospital das Caldas dado pela Rainha D. Leonor sua fundadora em 1512, 1929.12.22-1930.00.00.
[981] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00092/003, [Cartas de Heitor Proença Ferreira], 1958.04.09-1958.05.04, 2 cartas; Caldas da Rainha.
[982] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00461/001, Leonor de Lancastre: tragédia de uma grande alma, 1929.10.21-1956.09.12; Caldas da Rainha.
[983] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00461/010, [Carta de António Gomes da Rocha Madail/ Arquivo da Universidade de Coimbra], 1932.08.04-1932.08.05; Coimbra.

esteira do trabalho desenvolvido pelo Conde de Sabugosa, *A rainha D. Leonor* (1921), estando presente em ambas a ideia de quadros da sua vida, que, no caso da peça, define os seus cinco atos.

A leitura do manuscrito, indica que a peça foi escrita entre 21 e 24 de outubro de 1929, na quinta de Vale Formoso, e que o autor planeou a sua representação no verão de 1956, no Café Bocage e em Óbidos. Esse plano incluía a identificação da música que acompanharia os quadros, com compositores como Wagner, Verdi, Beethoven ou Mozart; assim como alguns dos atores que representariam as personagens, salientando-se Amélia Rey Colaço para o papel da rainha[984], que já em 1935 a havia representado e cujo nome também sugeriram, em 1932, o médico Augusto d'Esaguy e António Montês[985]. A crítica dividiu-se relativamente à representação da peça, no jornal *Primeiro de Janeiro* julgava-se que as personagens teriam "pouco movimento", enquanto no *Novidades* se julgava que devia ser representada e "dar-se ao povo culto e inculto de Portugal". Ainda não é possível saber o impacto da sua representação, mas a verdade é que alguns conhecedores da obra dramática de Fernando da Silva Correia a consideraram, dentro do género, "o [seu] mais perfeito trabalho"[986].[987] Entre os seus leitores, podem contar-se Alfredo Pinto (Sacavém)[988], Luís Ibérico Nogueira[989] e David de Melo Lopes[990].

Além da investigação em torno das Misericórdias, de que se falará adiante, assim como de vários textos sobre a rainha D. Leonor que Fernando da Silva Correia nunca deixou de publicar, será em 1958, no âmbito das Comemorações do V Centenário do Nascimento da rainha, que volta a desenvolver uma importante investigação para a exposição "A Rainha D. Leonor" visitando as várias Misericórdias do país. O arquivo pessoal e familiar guarda relatórios dessas 90 visitas realizadas entre junho e agosto de

[984] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00461/001, Leonor de Lancastre: tragédia de uma grande alma, 1929.10.21-1956.09.12; Caldas da Rainha.
[985] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00461/024, [Carta de Augusto Isaac de Esaguy], 1933.07.26; Lisboa.
[986] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00461/001, Leonor de Lancastre: tragédia de uma grande alma, 1929.10.21-1956.09.12; Caldas da Rainha.
[987] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00461/014, [Bilhete de António Joaquim Tavares Ferro], 1932.09.19-1932.09.20; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00461/016, [Carta de Hernâni António Cidade], 1932.09.27-1932.09.28; Lisboa.
[988] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00461/023.
[989] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00461/027.
[990] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00219/008.

1958 às Misericórdias dos distritos de Aveiro, Coimbra, Leiria, Santarém e Lisboa, com o intuito de identificar "espécies artísticas ou documentais dignas de figurarem na exposição"[991]. No ano seguinte, este médico participou no IV Congresso das Misericórdias que, como recorda Andreia Almeida, apesar do interesse em revitalizar estas instituições durante o Estado Novo, constituiu o primeiro momento de repetição deste encontro (Almeida, 2017, p. 492). Como o próprio confessaria ao condiscípulo Luís Ibérico Nogueira, nesse período escreveu 22 textos sobre a rainha, respondendo a diferentes solicitações[992]. O arquivo pessoal e familiar reúne estes textos em várias versões e momentos e deve salientar-se que, cada um com as suas diferenças, todos pretendem resgatar a memória da rainha D. Leonor e contribuir com elementos sobre a sua biografia.

A biografia da rainha D. Leonor tornou-se, ao longo destes textos, uma via inevitável da investigação de Fernando da Silva Correia que, aliás, conhecia bem o género e a necessidade deste incluir uma leitura "com atenção [d]os detalhes da vida da Rainha" e do "o meio em que viveu"[993]. No entanto, Ivo Carneiro de Sousa perguntava: "Entenderia o probo investigador da história da assistência em Portugal que não estavam ainda reunidas as condições para concretizar um trabalho desse género?" (Sousa, 2002, pp. 141-142). Isabel dos Guimarães Sá também desenvolveu mais recentemente uma biografia da rainha D. Leonor, indicando Fernando da Silva Correia como o "principal mentor do discurso em torno de D. Leonor" no Estado Novo, no entanto, o peso que é atribuído à rainha como fundadora das misericórdias neste período (Sá, 2013, p. 182), mesmo conhecendo o papel que este médico lhe concedia na reforma assistencial, não se coaduna com os seus estudos que procuram demonstrar a origem mais antiga daquela modalidade da assistência. Este esclarece mesmo

> "[A população] - Atribui-lhe a criação da misericórdia de Lisboa quando o que fez (esse pouco!) foi reorganizar a confraria já existente, - de nossa Senhora da

[991] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/01126/009, Quinto centenário do nascimento da rainha dona Leonor, 1958.00.00-1958.02.12.
[992] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00109/086, [Cópia de carta de Fernando da Silva Correia para Luís Ibérico Nogueira], 1959.07.24.
[993] *Gazeta das Caldas*, 7, 1925.11.18, p. 5.

Piedade - e dar-lhe a maior perfeição e eficiência, já praticando nela, não apenas algumas mas todas as 14 obras de misericórdia quanto possível fosse."[994]

C. Bolseiro do Instituto para a Alta Cultura

O arquivo pessoal e familiar data do final de 1936, quando Fernando da Silva Correia estava a concluir a sua tese de doutoramento, a ideia de desenvolver uma investigação sobre a História da Medicina, associada à Hidrologia ou a influência da rainha D. Leonor na reforma da caridade e assistência na época moderna, tal como proporá ao Instituto para a Alta Cultura. Este Instituto era parte da Junta de Educação Nacional[995], criada em 1929, que pretendia a europeização da ciência da pedagogia a partir de Portugal, sendo influenciada por organismos similares no plano internacional. Daí que tenha mantido um papel importante para os investigadores durante a ditadura (Lopes, 2017).

A equiparação a bolseiro era regulamentada por decreto ministerial, que definia que o bolseiro tinha de reportar o seu trabalho trimestralmente. Nesses relatórios, existentes tanto no Instituto Camões[996], como no seu arquivo pessoal e familiar, Fernando da Silva Correia descrevia as suas tarefas diárias, as publicações editadas, enfim, como procurava concretizar a proposta inicial, de abril de 1939. Aí definia como objetivo da investigação "averiguar as origens, organização e evolução da assistência em Portugal". Nessa altura, já tinha alguns capítulos escritos e o plano era composto por duas partes: a 1ª de História geral da assistência, desde a antiguidade oriental à A assistência moderna e serviço social, passando pela revolução francesa; e a 2ª parte

[994] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/01126/022, A obra da rainha dona Leonor pela educação nacional, 1958.11.23-1959.00.00; Lisboa

[995] É ainda durante este período, a partir de 15 de novembro de 1940, que é "delegado da 2.ª Sub-secção (Antigüidades, escavações e numismática) da 6.ª Secção da Junta Nacional da Educação no concelho de Caldas da Rainha", PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00727, [Alvará de nomeação de delegado da 2.ª Subsecção (Antiguidades, escavações e numismática) da 6.ª Secção da Junta Nacional da Educação no concelho de Caldas da Rainha], [1940.11.15]; Lisboa.

[996] 1188/11 – Livro nº 2, fls. 162, proc. Nº 2962 – 2 volumes, Arquivo do Instituto Camões. PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00016, [Bolseiro do Instituto para a Alta Cultura], [1939.08.17-1944.09.22]. PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00001/001, [Origens e Formação das Misericórdias Portuguesas. Estudo sobre a História da Assistência], 1936.12.05-1948.02.07.

sobre A história da assistência em Portugal, desde o começo da nacionalidade à (também) assistência moderna.

Ainda nesse mês, Fernando da Silva Correia assinou a "declaração anti-comunista", iniciando a equiparação a 18 de maio seguinte. Nos primeiros meses, o investigador dedicou-se ao estudo da assistência na antiguidade, consultando vários autores, e, em simultâneo, ia desenvolvendo a aspetos da assistência em Portugal[997], cuja análise deveria incluir o "esclarecimento da origem das nossas misericórdias" através de casos estrangeiros, como o Hospital de Santa Maria Nuova de Florença, solicitando ajuda para aceder à obra *Luigi passerini Storia degli stabilimenti di benificenza… della città de Firenze* (in-8, XXXI-962 p. 1853). No 3º relatório, de fevereiro de 1940, Fernando da Silva Correia diz ter acedido ao convite de Júlio Dantas, presidente do Congresso do Mundo Português, para o qual tinha preparado duas comunicações "A assistência aos pobres no início da nacionalidade portuguesa" e "Algumas teses sobre a História da Assistência em Portugal"[998]. Apontando com solidez uma das suas teses fundamentais: que os hospitais termal das Caldas da Rainha e de Todos os Santos em Lisboa foram regulamentados por uma clara influência do Regulamento do Hospital de Santa Maria Nova em Florença. No 4º relatório, que conduziu à renovação da equiparação, o investigador indica que o trabalho realizado ultrapassara "largamente o que eu tinha previsto", pensando da análise de outros autores e nas páginas reunidas e, nalguns casos, já publicadas na revista *Acção Médica*.

No novo ano de equiparação, Fernando da Silva Correia concluiu e aperfeiçoou o capítulo da assistência em Portugal entre os séculos XII e XVI, incluindo "uma lista, o mais completa possível, das instituições que são recordadas em Portugal" até ao século XVI. Considerava, em abril de 1941, ter escrito "a parte mais importante do livro, num total de 524 páginas" e, num prazo de cinco meses, pretendia desenvolver os ajustes

[997] Victor Ribeiro, "o autor que até agora melhor tratou da história da assistência no nosso país". E para entender melhor sua obra, teve de realizar um número maior de leituras: "Tive que pesquisar em *Portugalia Monumento Historica*, e em obras de João Pedro Ribeiro, Alexandre Herculano, Visconde de Figanière, Gama Barros, David Lopes, Leite de Vasconcelos".

[998] PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00014/001, [Participação nas Comemorações de 1940/Congresso do Mundo Português], 1939.07.10-1945.08.05. PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00014/004, [Carta da Joaquim de Carvalho/ Comissão Nacional dos Centenários], 1940.03.12; Coimbra.

finais. Assim sendo, Fernando da Silva Correia permaneceria equiparado a bolseiro, mas deixava de estar dispensado das suas funções de inspetor de saúde escolar.

O relatório seguinte de agosto de 1941, menciona a introdução de "novos documentos" sobre o Hospital das Caldas, o de Todos os Santos e a Misericórdia de Lisboa, em comparação com os regulamentos do Hospital florentino já mencionado. As dificuldades que sentira ao tentar conciliar a inspeção de saúde escolar com a escrita, levara-o a obter nova dispensa da Direção-geral de Saúde Escolar por um ano a partir de outubro seguinte. Pelo que data de janeiro de 1942, o 10º relatório, dando conta dos trabalhos em torno da "história da assistência nos vários países europeus durante os séculos XVI, XVII e XVIII" e de recolha da "documentação gráfica". Pouco depois, solicitará a interceção do Instituto para aceder aos Estatutos do Hospital de Santo António dos Portugueses e a autorização para publicar a obra que havia desenvolvido até então, tratando a história da assistência desde a antiguidade até o primeiro quartel do século XVI, mas indicando nos relatórios seguintes que continuava a desenvolver o plano definido inicialmente. No final desse ano, fica clara a intenção de dividir os resultados da sua investigação numa publicação de 2 volumes – o primeiro *Origens e formação das Misericórdias Portuguesas*. Além de outros artigos publicados, indica estar concluída uma cópia do manuscrito de Jorge de São Paulo sobre o funcionamento do Hospital das Caldas. No ano seguinte, fez algumas publicações na revista *Medicina Contemporânea* e acedera a dois regulamentos do Hospital da Virgem Santa Maria de Siena através do Instituto de Cultura Italiana[999]. E escreveu um prefácio para a publicação parcial do manuscrito de Frei Jorge de S. Paulo intitulada, inicialmente, *A clínica termal portuguesa na época da restauração*, cuja publicação foi financiada pelo IAC, com a ajuda da CMCR e do próprio investigador[1000].

Ao longo de 1943, Fernando da Silva Correia manteve a equiparação, acumulando funções na saúde escolar e no *Boletim da Assistência Social*. Dedicou-se à assistência "à primeira infância, aos alienados, aos tuberculosos" e à história dos balneários e da própria Misericórdia, publicando 15 artigos em várias revistas. As obras de que tinha

[999] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00423/001, [Carta de João Guilherme Matoso da Fonseca], 1937.12.12-1937.12.14, 2 cartas; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00050, [Cartas de Gino Saviotti/ Istituto di Cultura Italiana per il Portogallo], 1942.07.07-1942.07.21, 2 cartas; Lisboa.

[1000] PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00060/001, A Medicina termal portuguesa na época da Restauração, 1943.01.14-1945.01.06.

sugerido a publicação estavam atrasadas devido à falta de papel, uma das "dificuldades da guerra"[1001], no entanto, pretendia-se que estas fossem concluídas no prazo de três meses, mas em janeiro de 1944 manifesta alguma preocupação com os atrasos das publicações, sobretudo porque vê que, pela sua dimensão, *Origens e Formação das Misericórdias Portuguesas* poderá perder "muito sua oportunidade" – o Instituto apoiou a publicação com um subsídio de 4.000$00, devendo o autor entregar 60 exemplares.

A investigação não terminaria neste momento, pelo que, em abril de 1944, Fernando da Silva Correia diz ter iniciado a recolha de documentos para um novo livro, *Charitatis Portugaliae Monumenta Historica.* Em agosto de 1947, solicita um subsídio para a sua permanência em Espanha para missões de estudo a hospitais e, em janeiro de 1952, informa estar a terminar uma obra que corresponde ao modelo de René Sand em *Vers la Médicine Sociale*. Esta obra é tida como uma continuação da investigação sobre história da assistência e uma resposta à desconsideração feita por René Sand, que afirma nada haver de assinalável em Portugal no âmbito da sua obra, ou seja, no âmbito da Medicina Social. Será em outubro de 1960 que Fernando da Silva Correia procurará dar continuidade à investigação através de uma equiparação a bolseiro que lhe permitisse escrever o 2.º volume *Desenvolvimento e evolução das Misericórdias Portuguesas* e que não lhe foi concedida.

Na obra *Origens e Formação das Misericórdias Portuguesas* (1944), Fernando da Silva Correia tece algumas considerações sobre a escrita da história, que vale a pena mencionar. Aí indica trabalhar "no campo positivo e frio da História", propondo-se a "recolher, ao longo dos séculos, os vestígios que restam da assistência, para que possamos compreender não só a génese da assistência moderna mas o seu significado profundo" (Correia, 1999, pp. 13-14). Acreditava que, entre "as dificuldades da história", estava a recolha de "provas", uma vez que estas, de onde "os factos históricos podem chegar até nós" podiam ser variados tipos de documentos ou objetos do património móvel ou edificado, dependendo a interpretação do historiador da de outros

[1001] A II Guerra Mundial está presente, de forma evidente, nalguns documentos do arquivo. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00813/013, [Carta de José Lopes Dias], 1941.12.18; Castelo Branco. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00503/041, [Carta de José Lopes Dias], 1939.09.09-1939.09.10; Castelo Branco. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00683/001, [Carta de L. Justin-Bensançon], 1940.07.04-1940.07.12; França. PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00325, [Correspondência de Filomena Augusta da Silva Correia], 1945.02.25-1947.12.04, 8 cartas; Caldas da Rainha e Leiria.

profissionais. Assim, além da crítica dos documentos, considerava que "A História tem de ser expurgada de tudo o que não mereça um mínimo de confiança, de tudo o que não assente em provas suficientes." No entanto, a verdade é que a obra nem sempre é escrupulosa ou mesmo evidente na identificação das fontes e da sua origem ou localização (Correia, 1999, p. 15).

A obra é composta por quatro partes: a primeira sobre a assistência na Antiguidade; a segunda sobre "A história da assistência cristã, desde os seus primórdios nos tempos apostólicos, é essencialmente a história da realização das Obras de Misericórdia" – até ao século XVI (Correia, 1999, p. 142); a terceira sobre a assistência em Portugal na Idade Média, contendo o capítulo XXVIII uma lista das instituições assistenciais existentes antes da reforma da assistência; sendo esta última tratada na quarta parte, sobre a profunda remodelação da assistência em Portugal, associada a uma intervenção oficial, promovida pela coroa, em que a rainha D. Leonor foi "a precursora da assistência social moderna" (Correia, 1999, p. 448).

A leitura atenta da obra oferece ainda um resumo biográfico dos principais intervenientes na reforma assistencial do século XV, incluindo, claro, a rainha D. Leonor. Assim como um conjunto de perspetivas sobre o tempo de escrita do autor, pinceladas ao longo da obra, relativamente à mulher e à família; à assistência no Estado Novo, pensando que a forma como descrevia a caridade/assistência no período medieval, poderia servia aos propósitos e princípios das políticas de saúde do seu tempo – exemplo da esmola que era considerada "a forma usual de assistência, pois não havia assistência pública organizada - estava na moda, se quiserem - enquanto atualmente, quando, para a maioria das pessoas, a assistência pública «tem a obrigação de cobrir todas as misérias», embora ninguém pense na contribuição que teria que ser exigida de cada indivíduo para que ela fosse efetiva, generalizada e perfeita, a esmola saiu da moda, sendo cada vez mais rara por isso mesmo. Tudo serve de pretexto para não a dar, desde o argumento de que é humilhante, o que só acontece quando se dá sem caridade, à convicção de que a assistência pública e privada, prestada em instituições, é suficiente, um argumento conveniente e egoísta de quem prefere poupar e nem se preocupar com as misérias de cada um, achando mais económico e confortável para os outros cuidar deles." (Correia, 1999, p. 253); e às Misericórdias na contemporaneidade, tirando

partido da “lição do passado”, contudo “Não vamos, naturalmente, fingir que é possível, numa sociedade tão diferente da do século XVI, restabelecer as Misericórdias, como as que a Rainha D. Leonor instituiu.” (Correia, 1999, p. 569).

Durante a investigação, Fernando da Silva Correia foi recebendo algumas colaborações[1002], que nalguns casos consistiram no acesso a livros, como é o caso de António de Andrade Rebelo relativamente ao regimento do Hospital de Todos os Santos[1003] ou consultas nos diversos arquivos[1004] ou por exemplo à biblioteca do conde de Sabugosa[1005].

Origens e Formação das Misericórdias Portuguesas, na correspondência dos seus leitores, "preencheu por essa forma uma lacuna nos meios culturais portuqueses, pois nada (assim se pode afirmar) existia publicado sobre a materia que tão elevadamente trata no seu livro."[1006] É vista como "obra monumental e de tanto saber"[1007], a que Joaquim Vieira Natividade exclama “caramba!”[1008]. Marcelo Caetano, que leu a obra em agosto na praia de São Martinho do Porto, comenta

> “como você reconhece e me disse já, não é ainda a história da assistência em Portugal nem sequer das Misericórdias: trata-se de um vasto trabalho de vulgarização, onde compendiou e resumiu anteriores estudos e documentos impressos e que portanto está em condições de prestar serviço aos futuros historiadores; que um desses futuros historiadores seja você, são os meus votos”[1009].

[1002] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00007/021, [Bilhetes de José Lopes Dias], 1940.01.07; Castelo Branco PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00784/002, [Bilhete-postal de Luís Jorge Maia], 1942.10.17-1942.10.19; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00064/001, [Carta de Adérito Mendes Madeira], 1943.04.14; Aveiro. O irmão Joaquim Manuel da Silva Correia fez uma reconstituição de um edifício, PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00074, [Carta de Joaquim Manuel da Silva Correia], 1944.07.19; Leiria.

[1003] PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00006.

[1004] PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00013/001, [Cartas de Alfredo de Carvalho], 1939.07.08-1941.08.22 , 4 cartas; Leiria.

[1005] PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00061, [Bilhete de Pedro da Cunha M. e Menezes], 1943.01.25-1943.01.27; Lisboa.

[1006] PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00001/005, [Bilhete de José Bonifácio da Silva], 1944.08.17; Lisboa.

[1007] PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00001/011, [Postal ilustrado de Raquel dos Anjos Jardim de Castro (Condessa de Nova Goa)], 1944.09.00; Lisboa.

[1008] PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00001/012.

[1009] PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00001/009.

A obra recebeu uma menção honrosa do prémio Alexandre Herculano 1944[1010] e chegou, pelo menos, ao Brasil[1011] e a Espanha[1012].

Antes, mas principalmente a partir deste período, Fernando da Silva Correia passa a ser requisitado com frequência para ajudar as Misericórdias do país, Alcobaça[1013], Beja[1014], Setúbal[1015], Peniche[1016], Santarém[1017], Espinho[1018], Açores[1019], Estremoz[1020], Rosmaninhal[1021], Redondo[1022], Alpiarça[1023] ou para ajudar[1024] e colaborar noutros estudos[1025].

Além das referências às obras publicadas durante a investigação, deste mesmo período, vale a pena mencionar os artigos históricos "O julgamento da Rainha D. Leonor/ A História clínica del-rei D. João II/ A propósito de D. João II" na revista *Ocidente*[1026], a

[1010] PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00001/018, [Ofício de Casimiro Alves/ Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo], 1944.12.21-1944.12.23; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00001/019, [Ofício de António Ferro/ Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo], 1945.06.20-1945.06.25; Lisboa.

[1011] PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00001/022, [Carta de Deoclides Montalvão], 1946.07.11; Brasil.

[1012] PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00001/023, [Carta de José Maria Albareda y Herrera/ Consejo Superior de Investigaciones Cientificas], 1948.02.03-1948.02.07; Espanha. PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00001/024, [Correspondência de Antonio Castillo de Lucas], 1950.08.26-1950.12.06, 2 cartas Espanha.

[1013] PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00022, [Carta de J. Almeida Neves], 1940.04.30; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00090, [Cartas de Mário de Pina Cabral], 1943.10.31-1943.12.23, 3 cartas; Leiria.

[1014] PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00023, [Carta de José Rodrigues Mourão Júnior], 1940.06.02-1940.06.05; Beja.

[1015] PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00034/001, [Carta de (?)/ Santa Casa da Misericórdia de Setúbal], 1941.07.21; Setúbal.

[1016] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00033/002, [Bilhete de João Baptista Frazão], 1937.08.29-1937.08.30; Leiria.

[1017] PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00012, [Ofício de António Carlos Borges/ Misericórdia de Santarém], 1942.11.17-1943.04.01; Santarém.

[1018] PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00034, [Carta de (?)/ Santa Casa da Misericórdia de Espinho], 1943.04.21; Porto.

[1019] PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00054, [Carta de Pedro Cymbron], 1943.07.03-1943.07.12; Açores.

[1020] PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00197/001, [Carta de José Afonso de Matos], 1944.06.03-1944.06.04; Évora.

[1021] PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00302, [Bilhete de Manuel Martins Pinheiro], 1945.01.04; Castelo Branco.

[1022] PT/PH/AFSC/FSC/B-07.1/00027, [Carta de Adelina de Jesus Zarolho Concruta e António Joaquim Concruta], 1943.12.16; Évora.

[1023] PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00073, [Carta de Alfredo Henrique Duarte Lagoa/ Santa Casa da Misericórdia de Alpiarça], 1944.05.29; Santarém.

[1024] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00121/003, [Bilhetes de Duarte Manuel Gorjão Henriques da Cunha], 1937.09.26-1937.09.27; Leiria.

[1025] PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00056/002, [Carta de Joaquim Rumina], 1942.11.18; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00065, [Carta de J. dos Santos Nunes], 1943.05.14-1943.05.16; Faro. PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00066, [Carta de José Formosinho/ Museu Regional de Lagos], 1943.06.02-1943.06.04; Faro. Sobre a roda dos expostos de Coimbra, PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00071, [Bilhete-postal de António Gomes da Rocha Madail], 1944.02.21-1944.02.22; Coimbra e resposta de Fernando da Silva Correia em AUC VI-3ªD-4B-2-24.

[1026] PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00037/001, O julgamento da Rainha D. Leonor/ A História clínica del-rei D. João II/ A propósito de D. João II/ Acórdão do Supremo Tribunal de Justiça da História, 1941.12.02-

segunda parte do artigo, sobre D. João II foi apresentada ao Grupo de Amigos de Lisboa[1027] e o artigo "A causa da morte da Infanta Santa Joana: uma história clínica do século XV" publicado na revista *Arquivo do Distrito de Aveiro*[1028]. Publicou "Os velhos hospitais da Lisboa antiga" na *Revista Municipal* (1942)[1029]. Divulgou também alguns assuntos da obra na imprensa[1030].

Foi ainda convidado para conferências na Casa do pessoal da Fábrica de Cimento-Liz[1031]. Apresentou *Dois notáveis hospitais portugueses* na Sociedade das Ciências Médicas[1032] e participou em 1943 no 1.º Congresso das Atividades do Distrito de Leiria, com a conferência "Alguns aspetos sanitários do distrito de Leiria"[1033], tendo antes proferido na Casa de Leiria em Lisboa a conferência "O distrito de Leiria na História da Assistência" (publicado em 1942 na *Acção Médica*)[1034].

D. "Então êsse Boletim Oficial de Assistência?"

Em 1937, Fernando da Silva Correia integrou a "Comissão encarregada de estudar as bases da reforma dos Serviços de Assistência em Portugal" (Serra & Cândido, 1995, p. XVII)[1035]. Esta comissão foi criada no "seio da *Direcção-Geral de Assistência"*, tendo em vista o "estudo segundo os novos conceitos intrínsecos ao estado corporativo, a qual deveria desempenhar uma função que nada tinha de novo: um papel fiscalizador e

1956.10.11. PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00037/003, [Correspondência de Álvaro Pinto/ Ocidente], 1942.05.03-1944.07.16, 15 cartas; Lisboa.

[1027] PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00037/007, [Convite da Junta Diretiva do Grupo Amigos de Lisboa], [19??.00.00]; Lisboa.

[1028] E outras. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00582/004, [Correspondência de António Gomes da Rocha Madail/ Arquivo do distrito de Aveiro e Instituto de Coimbra], 1941.08.04-1942.02.02, 5 cartas; Coimbra e Aveiro.

[1029] PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00045, Os velhos hospitais da Lisboa antiga, 1942.05.27.

[1030] PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00075, Recorte de jornal O Cardeal D. Jorge da Costa de Fernando da Silva Correia, 1944.08.13. PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00076, Recorte de jornal D. João II e a Assistência em Portugal de Fernando da Silva Correia, 1944.08.15.

[1031] PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00030, [Cartas de Alfredo de Carvalho e José Osório da Rocha e Melo, Casa do Pessoal da Empresa de Cimentos de Leiria], 1941.04.16-1941.06.07, 8 cartas; Leiria.

[1032] PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00044/001, Dois notáveis hospitais portugueses, 1942.05.19.

[1033] PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00068/001, [Correspondência da Comissão Executiva do 1º Congresso das Atividades do Distrito de Leiria], 1943.08.16; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00068/002, [Carta de Manuel Ribeiro Ferreira], 1943.12.09-1943.12.10; Lisboa.

[1034] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00811/001, [Correspondência de Manuel Ribeiro Ferreira/ Casa do distrito de Leiria], 1941.11.02-1941.11.08; Lisboa.

[1035] O título deste ponto, teve origem na seguinte carta: PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00887/008, [Carta de José Lopes Dias], 1942.12.17.

orientador da assistência privada" (Almeida, 2017, p. 116). Faziam parte da comissão: José Alberto de Faria, a Condessa de Rilvas, António Sousa Gomes, Guilherme Possolo, Azevedo Souto, Colares Pereira, assim como Alberto Mira Mendes, Júlio de Macedo e Artur Barrô[1036]. A integração nesta Comissão ligou o médico ao Subsecretariado de Estado da Assistência, parte da Direcção-Geral de Saúde Pública – Ministério do Interior. Segundo carta de Isabel Maria Carolina de Albignac Bandeira de Melo (Condessa de Rilvas), é possível que tenha partido dela o convite para a dita comissão[1037]. Vários médicos o felicitaram pela nomeação para a comissão[1038]. Não foi possível apurar, através dos arquivos consultados, se o *Estatuto da Assistência Social* (1944) pode ser apontado como uma consequência do trabalho deste grupo, no entanto, parece claro que, desde 1939, que a reforma era esperada[1039] e que, pelo menos, Fernando da Silva Correia manteve essa ligação.

Em fevereiro de 1943, é nomeado pelo director-geral de saúde para a direção do *Boletim da Assistência Social* e para o desempenho das funções de delegado e dirigente

[1036] PT/PH/AFSC/FSC/B-04/00014, [Recorte "A reforma dos serviços de Assistência], [1937.04.00].
[1037] PT/PH/AFSC/FSC/B-04/00005/004.
[1038] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00188/002, [Correspondência de José Maria Pereira Ferraz/ Associação de Caridade de Sintra], 1937.04.11-1937.04.13.
Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00205/004, [Carta de Jaime Lopes Dias/ Câmara Municipal do Porto], 1937.04.21-1937.04.25; Porto. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00270/002, [Cartão de visita de Vítor Moreira Fontes], [19??.00.00]. PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00294/011, [Carta de José Lopes Dias/ Liceu de Nuno Álvares], 1937.04.14; Castelo Branco.
[1039] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00550, [Bilhete de Aurélio Manuel da Silva], 1939.01.11-1939.01.12; Portalegre.

da secção das Caldas da Rainha da Organização Nacional "Defesa da Família"[1040], criada em 1935 (Almeida, 2017, p. 129)[1041].

O *Boletim da Assistência Social* constituiu "desde cedo, um dos mais importantes órgãos de propaganda do regime, em matéria de saúde e assistência." Considerando Andreia Almeida que é o órgão que "melhor traduz a evolução política e ideológica do regime" (A. da S. Almeida, 2017, p. 58). Através destas suas funções, Fernando da Silva Correia é, também ele, um agente dessa política que, na opinião de Andreia Almeida, deve ser entendida, entre 1940 e 1958, como uma "1ª fase de fomento das políticas de saúde e assistência", que

> "Não se tratava de remediar a miséria, segundo a publicação, a obra de assistência do Estado corporativo era verdadeiramente uma obra de reconstrução, «daí que tenhamos de encarar como uma acção de certo modo educativa, em primeiro lugar, e em segundo, mas só em segundo, suplectiva»" (Almeida, 2017, p. 121).

Segundo a mesma autora, o *Boletim* "teve contornos propagandísticos mais explícitos" até à década de 1960 (Almeida, 2017, p. 756)

Pelo que, considera que "A política de saúde e assistência do Estado Novo de Salazar comportou-se, na realidade, como um reflexo da política geral", procurando, entre outros aspetos ser "influenciadora da opinião pública" (Almeida, 2017, p. 759). E, neste âmbito, tanto esta autora como Rui Costa consideram o *Boletim* "incontornável"

[1040] O arquivo pessoal e familiar não permite tirar grandes conclusões sobre a ação de Fernando da Silva Correia na OMEN, destacando-se o contacto com visitadoras sanitárias e a colaboração em diferentes situações como: a intenção de organização da Mocidade (Feminina?) nas Caldas da Rainha (PT/PH/AFSC/FSC/B-07.1/00020, [Bilhete de Alice Querido/ Mocidade Portuguesa Feminina], 1943.01.23; Lisboa.); filmes de propaganda (PT/PH/AFSC/FSC/B-07.1/00022, [Cópia do ofício de Fernando da Silva Correia para o Administrador Delegado da Tobis Portuguesa], 1943.03.17; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-07.1/00028, [Carta de Gunnar Nyman para o presidente da Comissão Executiva da Organização Nacional Defesa da Família], 1944.02.07; Lisboa.); a reunião de "Algumas efemérides mais importantes referentes à proteção à Infância em Portugal" a pedido de Maria Madalena Rêgo Céu (PT/PH/AFSC/FSC/B-07.1/00003/001, Algumas efemérides mais importantes referentes à proteção à Infância em Portugal, [1938.09.26]. PT/PH/AFSC/FSC/B-07.1/00003/002, [Cartas de Maria Madalena Rêgo Céu], 1938 .09.26-1939.02.15,5 cartas; Lisboa.); ou ainda outros casos de propaganda, como a possibilidade de Almerinda (Farias Gama?) fazer má propaganda das instituições nacionais no Brasil (PT/PH/AFSC/FSC/B-07.1/00004/001, [Carta de Maria Luísa Van Zeller], 1938.11.29-1938.12.01.; Lisboa.) ou envolvendo refugiados (PT/PH/AFSC/FSC/B-07.1/00008/008, [Bilhete de António Perry de Sousa Gomes/ Organização Nacional Defesa da Família do Ministério do Interior], [1943.00.00]; Lisboa).

[1041] PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00022, [Bilhete de nomeação para trabalhos da Organização Nacional de Defesa da Família e Boletim da Assistência Social], 1943.02.10.

enquanto garante de "toda uma série de opiniões, análises e notícias sobre a intervenção do governo e seus responsáveis políticos nas áreas de saúde e assistência" (Costa, 2009, p. 28).

Fernando da Silva Correia vai aproveitar o seu cargo na direção do *Boletim* para aí fazer publicar algumas das suas obras, anteriores ou escritas para o efeito, dando um grande impulso ao projeto lançado no Congresso do Mundo Português da compilação de fontes da história da assistência "Caritatis Monumenta Historica" (ver Apêndice 14). Este cargo permitia-lhe também manter contacto com os restantes autores e outros envolvidos na publicação[1042] - com destaque para os contactos trocados para os artigos sobre as Jornadas das Mães[1043] ou das Colónias de Férias[1044] - e outras instituições, para além das Misericórdias já mencionadas, que, por vezes, através dele procuravam subsídios e apoios, tendo este médico visitado muitas delas, de que são exemplo o Centro de Assistência Social Infantil[1045], o Albergue Distrital de Braga[1046], o Centro de Assistência Social da Trafaria[1047], a Liga de Proteção à criança de Pombal[1048], a

[1042] PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00065, [Cartas de David Bonhorst], 1943.07.29-1944.08.14; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00233/004, [Bilhete de Fernando Pereira da Silva Sardo], 1945.05.16; Guarda. PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00330/003, [Carta de Francisco Beliz], 1946.03.05; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00340, [Ofício de Vítor Manuel Lopes Dias/ Governo Civil de Vila Real], 1945.04.03; Vila Real. PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00366/001, [Correspondência de José Maria Pereira Ferraz], 1945.06.29-1945.07.04; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00408, [Carta de António Manuel Gamito], 1946.03.31; Setúbal. PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00412/005, [Bilhete de Maria Isabel Mendes/ Direção Geral da Assistência do Ministério do Interior], [19??.00.00].

[1043] PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00031/001, [Correspondência de Eugénio da Rocha Santos], 1943.04.01-1943.07.07, 7 cartas; Guarda. PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00032/012, [Carta de José Lopes Dias/ Dispensário de Puericultura de Castelo Branco], 1943.07.21-1943.07.25; Castelo Branco. PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00253/001, [Carta de Arnaldo Cardoso de Vilhena/ Santa Casa da Misericórdia de Faro], 1944.10.11; Faro. PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00025/020, [Carta de Mário Cardia], 1943.08.04.

[1044] PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00228/003, [Ofícios de Maria Batista dos Santos Guardiola/ Mocidade Portuguesa Feminina], 1944.10.30-1945.02.01, 2 cartas; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00242, [Bilhete de (?) Raposo Silva], 1944.09.07; Coimbra. PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00268, [Carta de Maria de Lourdes Grade dos Santos/ Secretariado Diocesano da Juventude Católica Feminina do Algarve], 1944.11.14-1944.11.15; Faro. PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00272, [Frequência da Colónia Balnear Infantil do Ministério da Guerra em 1944], 1944.11.29; Lisboa PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00412/002, [Carta de Maria Isabel Mendes], [19??.00.00].

[1045] E outras instituições PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00047, [Carta de Mário Forte/ Centro de Assistência Social Infantil], 1943.06.09-1943.06.10; Santarém.

[1046] PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00107, [Cartas de Jerónimo de Sousa Louro/ Albergue Distrital de Braga], 1943.12.18-1944.01.21, 3 cartas; Braga.

[1047] PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00243/001, [Carta de Ivone Edouard Faber/ Centro de Assistência Social Trafaria], 1944.09.11; Setúbal.

[1048] PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00310/002, [Carta de Amadeu da Cunha Móra/ Liga de Proteção à criança de Pombal], 1945.03.23-1945.03.24; Leiria.

Associação Protetora da Primeira Infância[1049], a casa da Criança[1050], o Dispensário de Puericultura de Castelo Branco[1051]. Através do arquivo, é possível identificar alguns dos leitores do *Boletim*[1052].

Neste período, colaborou também com outras revistas como a *Natal*, a *Escola Portuguesa*[1053], na *Acção Médica* comentou a obra *Guide Formulaire du Patricien* de Raul de Oliveira Feijão[1054]. Recebeu solicitações para a revista do Museu Nacional de Soares dos Reis[1055], a *Altitude*[1056] e a *Indústria Portuguesa*[1057].

Em 1944, Fernando da Silva Correia foi o vice-presidente da 17ª Subsecção do II Congresso da União Nacional, relativa à higiene, saúde pública e assistência no Estado Corporativo (Almeida, 2017, p. 142), proferindo uma conferência que Andreia Almeida considera de "base ideológica", sobre "o problema da assistência enquanto simples «Direito» dos pobres, considerando-o insuficiente por si só. A única solução para esse problema, na sua opinião, era considerar a assistência assentando num «Dever», pois «se o Direito é limitado, como não pode deixar de ser, o dever é ilimitado, como a própria miséria»". Nesse sentido, era necessário pôr em prática o conceito de "Nação Caritativa", tradicional em Portugal, desvirtuado ao longo dos séculos. Propunha, ainda,

[1049] PT/PH/AFSC/FSC/B-07.1/00030, [Carta de Manuel Aboim de Sande Lemos/ Ministério da Guerra], 1944.10.03; Lisboa.
[1050] PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00032/014, [Bilhete-postal de José Lopes Dias], 1943.08.15-1943.08.16; Coimbra.
[1051] PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00032/024, [Carta de José Lopes Dias/ Liceu Nuno Álvares], 1944.04.18; Castelo Branco.
[1052] PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00043, [Correspondência de Abel Viana], 1943.05.27-1943.09.18, 3 cartas; Beja. PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00045, [Carta de J. Correia do Nascimento/ Junta de Província do Algarve-Faro], 1943.06.01-1943.06.02; Faro. PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00178, [Postal ilustrado de José de Saavedra/ Hospital Militar do Faial], 1944.04.29; Açores. PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00225/002, [Correspondência de João Carlos Celestino Pereira Gomes], 1945.11.25-1945.12.03; 3 cartas; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00251, [Cartas de Fernando Inácio de Melo e Barros], 1944.10.05-1947.11.28, 2 cartas; Viseu. PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00266, [Cartões de visita de João António de Saldanha Oliveira e Sousa (Marquês de Rio Maior)], 1944.11.09-1945.08.13; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00271/001, [Carta de Raul de Oliveira Feijão], 1944.11.26; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00310/001, [Carta de Amadeu da Cunha Móra], 1945.01.16; Leiria.
[1053] PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00308, [Ofício de Frederico de Matos/ Ministério da Educação Nacional Direção Geral do Ensino Primário Administração da Escola Portuguesa], 1945.01.13; Lisboa.
[1054] PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00112, [Comentário ao livro Guide Formulaire du Patricien de Raul de Oliveira Feijão], 1944.00.00; Lisboa.
[1055] PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00211, [Cartas de Alberto Meira/ Museu Nacional de Soares dos Reis], 1944.07.06-1944.09.03, 2 cartas; Porto.
[1056] PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00303, [Circular de Ernesto Pereira/ Altitude], 1945.01.05; Guarda.
[1057] PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00382, [Carta de Hernâni de Barros Bernardo], 1945.09.10-1945.09.28; Leiria.

a elaboração de uma Declaração dos Direitos dos Pobres, diferente do Direito habitualmente invocado." (Almeida, 2017, p. 148)[1058].

> "Deus nos livre que o Estado pretendesse substituir-se às velhas instituições portuguesas, fazendo por si a assistência." (António de Oliveira Salazar (1922) *Apud* Almeida, 2017, p. 105).

Como já foi mencionado, *Origens e Formação das Misericórdias Portuguesas*, publicado em 1944, pretendia colher a lição do passado sobre a criação desta forma de assistência, provavelmente com o intuito de influir no *Estatuto da Assistência Social* (1944) que, entre outros aspetos, também definiria parte do futuro das Misericórdias. Nesta altura,

> "as misericórdias desempenhavam um papel primordial na saúde dos portugueses. Estas instituições estavam espalhadas por todo o país, sendo os distritos de Portalegre e de Castelo Branco aqueles que apresentavam maior número destas instituições dedicadas a cuidados de saúde e de assistência, durante este período." (Almeida, 2017, p. 495)

A autora reconhece um "aumento reiterado de subsídios estatais" desde 1943 às misericórdias nacionais, o que, na sua opinião "parece ter feito sentir o Estado Novo como o verdadeiro arauto, o salvador destas instituições." Salientando que o Subsecretário de Estado da Assistência Social, Joaquim Dinis da Fonseca, concordava com esta posição perante as misericórdias (Almeida, 2017, p. 490).

Na análise desta autora, o *Estatuto da Assistência Social* "espelhava a orientação do regime em matéria de saúde e assistência." (Almeida, 2017, p. 131). Partindo da aposta maior nas "actividades preventivas e recuperadoras, em detrimento das

[1058] PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00131/001, [Participação no II Congresso da União Nacional], [1944.00.00]-1949.05.18. Neste âmbito apoia e incentiva a participação de outros médicos: PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00131/002, [Correspondência de António Barbosa de Morais Sarmento/ Liceu Afonso de Albuquerque], 1944.03.15-1944.04.13, 2 cartas; Guarda. PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00131/003, [Correspondência de Fernando Pereira da Silva Sardo], 1944.03.12-1944.05.14, 4 cartas; Guarda. PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00131/005, [Carta de Carlos de Pontes Leça], 1944.04.24-1944.04.25; Caldas da Rainha; PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00131/006, [Cartas de José dos Santos Bessa], 1944.04.29-1944.05.12, 2 cartas; Coimbra.

meramente curativas" (Almeida, 2017, p. 133)[1059]. Após a publicação, Fernando da Silva Correia recebeu alguns pedidos de informações[1060] e comentários, como o de José Lopes Dias.

> "Acabo de ler repousadamente a Reforma que me agradou e traz, sem dúvida, grandes possibilidades, se houver a arte de escolher os dirigentes e impedir o assalto dos ambiciosos e políticos. O país está aguardando - em ordem do dia - que venham para o 1º plano êstes problemas, já que até agora se deu o predomínio a outros e faz-se questão nos espíritos da sua prioridade."

Este médico era altamente favorável à manutenção das Misericórdias, mas reconhece

> "Infelizmente, é em grande parte verdade que não temos assistência, mas amostras ou *échantillons* de assistência, exemplos, modêlos, realizações descompassadas e - *pour cause* – individualistas… falta-nos a série, o esquema, a árvore que cubra de largas sombras, as massas de população, para que se vejam os efeitos em larga escala."[1061]

Aqui não interessa tanto a análise deste diploma, mas sim o contributo que Fernando da Silva Correia possa ter dado ao mesmo. Além do desempenho dos cargos já mencionados e da sua influência na opinião pública, através do *Boletim da Assistência Social*, para que o *Estatuto* fosse bem recebido, em 1942, proferiu a conferência "Uma reforma da assistência", publicada na *Imprensa Médica*[1062] e, já em 1945, é o autor da obra de propaganda *Portuguese Recovery; Social Assistance in Portugal* (1945)[1063].

[1059] PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00185 Reformas da Assistência: Estatuto da Assistência Social (Lei número 1:998), 1944.05.15, Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00274, Organização dos serviços da assistência social, 1944.12.00; Lisboa.

[1060] PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00379, [Carta de Luís Schreyer Bandeira], 1945.08.28-1945.08.29; Leiria. PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00154, [Correspondência de Rafael António de Sousa Caixeiro], 1944.03.07-1945.01.02, 7 cartas.

[1061] PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00032/047, [Carta de José Lopes Dias], 1945.11.30; Castelo Branco.

[1062] PT/PH/AFSC/FSC/B-03.2/00043, Uma reforma da assistência, 1942.05.09-1942.05.12.

[1063] PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00329/001, A assistência social em Portugal, 1945.03.12-1945.05.16. PT/TT/SNI/REP/4/37. PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00329/002, [Cartas de A. Tavares Almeida], 1945.06.30-1946.01.27; Lisboa.

E. "A primeira escola de Serviço Social em Portugal"

"Como V. Ex.ª reconhece, a medicina-social entre nós, bem como o serviço social, encontram-se num campo cheio de dificuldades, mas, tais dificuldades, nunca nos deverão entrar, no trilho, do caminho que traçámos."[1064]

Foi Isabel Maria Carolina de Albignac Bandeira de Melo (Condessa de Rilvas) quem apresentou a ideia da criação da escola de Serviço Social no I Congresso da União Nacional em 1934 (Almeida, 2017, p. 110).[1065] O Instituto de Serviço Social de Lisboa constituiu a primeira escola da área em Portugal. Fernando da Silva Correia lecionou várias disciplinas a partir de 1935, sendo uma delas História da Assistência (Silva, 2017)[1066] - e outra, que lecionou menos tempo, Doenças Venéreas e Legislação Sanitária (Correia, 1995, p. xviii) (Correia, 1938a) – disciplina do segundo ou terceiro ano do curso. A partir das notas produzidas para as aulas dessa disciplina, pode hoje dizer-se que o conteúdo das lições se confunde em vários momentos com a investigação em torno da mesma problemática que levou à estampa *Origens e Formação das Misericórdias Portuguesas*. Comprova isso mesmo que o artigo "A assistência nos primeiros tempos do cristianismo" da *Acção Médica* e o capítulo 13 "A assistência cristã na Idade Média" da dita obra, fossem indicados para o plano da 4ª lição no ano letivo 1949-1950.

O autor incluiu, também, nessa obra de 1944, o assunto de uma conferência feita no próprio Instituto: "Das diaconias ao Serviço Social moderno" (1937)[1067], em que definia que os diáconos – especialmente responsáveis pela assistência aos pobres – podem ser considerados "um dos germes do Serviço Social moderno" (Correia, 1999, p.

[1064] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00598/002, [Carta de Carolina Tavares de Lemos], 1943.10.24-1943.10.25; Viseu.

[1065] O título deste ponto, parte do título da Tese de Doutoramento de (Silva, 2017), em que empreende um estudo sobre a fundação da escola de Lisboa, tendo já falado sobre a ação de Fernando da Silva Correia na área de Serviço Social (Silva & Machado, 2019).

[1066] PT/PH/AFSC/FSC/B-04/00015, [Lições de História da Assistência], [1937.04.00- 1956.06.00], inclui Notas de livros - Histoire de la Charité de León Lallemand (1906); Dicionário geográfico [notas não produzidas Fernando da Silva Correia]; Anti-Cristo de Friedrich Nietzsche. "25 Anos ao Serviço da Medicina e Higiene Sociais". Lista de alunas do ano letivo 1948-1949, divididas pelos dias, horas (da prova oral) e anos de frequência do curso; ao lado, manuscrito, está indicada a nota da prova escrita e da prova oral. Lista de alunas do 1º ano do Curso de Serviço Social e do Curso Geral de Educação Familiar, no ano letivo 1955-1956. Programa do Curso de História da Assistência no ano letivo 1938-1939. Lista de alunas do 2º ano de 1953-1954. Notas para as primeiras lições: "Como se faz a História", "Noções históricas sobre a assistência" e "A Caridade cristã no tempo do feudalismo".

[1067] PT/PH/AFSC/FSC/B-04/00011, Das diaconias ao serviço social moderno, 1936.05.31-1937.06.10; Lisboa.

146). Já na década de 1950, ao escrever sobre S. João de Deus, indica que, desde o início do curso no Instituto de Serviço Social, sempre dedicara uma lição a "esse apóstolo da assistência e do serviço social" (Correia, 1951, p. 5).

No âmbito deste cargo de docência, Fernando da Silva Correia era contactado para tratar de assuntos relacionados com as alunas[1068], os seus trabalhos monográficos e outros (Ferreira, 2008)[1069] – sobre a frequência do curso de serviço social inicial ver Apêndice 7 sobre Filomena Augusta da Silva Correia, assim como mantém contacto com a direção do Instituto[1070], destacando-se Marie-Thérese Lévèque (Santos, 2022), diretora técnica, com quem fala sobre a realização das aulas e exames, tendo Fernando da Silva Correia integrado o júri do exame de cozinha das Educadores Familiares[1071]. Aquando da saída desta, em 1942, o médico participou no livro de ouro oferecido como homenagem[1072]. A partir daí, Fernando da Silva Correia manterá contacto com outras correspondentes[1073].

No âmbito do Serviço Social, Fernando da Silva Correia é ainda convidado para a reunião para a constituição do "Centro de Estudos sobre Formação Social" em

[1068] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00174/034, [Carta de José Lopes Dias/ Liceu de Nuno Álvares], 1936.02.07-1936.02.09; Castelo Branco. PT/PH/AFSC/FSC/B-04/00005/002, [Circular de Isabel Maria Carolina de Albignac Bandeira de Melo (Condessa de Rilvas)/ Instituto de Serviço Social], 1937.06.01.

[1069] PT/PH/AFSC/FSC/B-04/00046, A Assistência Cristã na História de Portugal. Estudo de dois documentos antigos, [1946.12.00], Maria Raquel Pinheiro. PT/PH/AFSC/FSC/B-04/00047, Da leitura do Compromisso do Hospital das Caldas fundado pela Rainha D. Leonor, mulher de D. João II, de Portugal em 1485, data do Compromisso 1512, [1946.12.14], Beatriz A. Borges Ferreira. PT/PH/AFSC/FSC/B-04/00048, Regimento do Hospital de Todos os Santos, [1946.12.16], Maria Eulália Júlio Drummond.

[1070] PT/PH/AFSC/FSC/B-04/00003/001, [Cartas de Domitila de Carvalho], 1935.04.15-1936.08.04, 11 cartas; Lisboa e Coimbra. PT/PH/AFSC/FSC/B-04/00005/001, [Carta de Isabel Maria Carolina de Albignac Bandeira de Melo (Condessa de Rilvas)], 1935.10.10-1935.10.11; Lisboa.

[1071] PT/PH/AFSC/FSC/B-04/00010/001. PT/PH/AFSC/FSC/B-04/00010/009.

[1072] PT/PH/AFSC/FSC/B-04/00033/001, Cópia do Livro de Ouro oferecido como homenagem a Mademoiselle Marie Thérèse Lévêque pelas alunas finalistas do Instituto de Serviço Social de Lisboa, [1942.05.14-1942.06.04]; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-04/00033/002, [Cartas de Maria Celeste Coelho Ribeiro da Costa], 1942.05.14-1942.06.18, 2 cartas; Lisboa.

[1073] PT/PH/AFSC/FSC/B-04/00020, [Carta de Maria Helena Correia/ Instituto de Serviço Social], 1939.02.20-1939.02.21; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-04/00055/004, [Ofício de Maria Carlota de Magalhães Lobato Guerra], 1960.06.11-1960.06.12; Lisboa.

Coimbra[1074]. Assim como para lecionar noutros cursos[1075] ou auxiliar na preparação de programas letivos[1076].

2.6. "Será que andas a pensar numa higiene nova?": Ricardo Jorge, o culto da figura e do Instituto

O início de 1946 coincide com o início de novas funções para o médico Fernando da Silva Correia: diretor do ISHRJ[1077]. Desempenhará estas funções até 1961, ainda que com alguns períodos de interregno motivados por doença mais prolongada - em especialmente, crises de sinusite que, a partir de 1960, começou a ter com frequência e cuja evolução passará a anotar com rigor médico nos anos seguintes. Durante este período, a sua atividade foi intensa. Tal como a administração sanitária do país se complexificava, também a condução de uma das principais instituições de Higiene ganhava novas dinâmicas e necessidades. Ainda que se possa concluir, como fez o próprio, Francisco Gonçalves e João Reis, a ação de Fernando da Silva Correia tenha ficado aquém das necessidades do pais e do próprio Instituto, este novo diretor fez várias tentativas para implementar plano antigos, como o da Escola Nacional de Saúde Pública, criada somente após a sua morte, e deu um impulso à investigação no seio dos cursos do Instituto e entre os funcionários - que em diversos momentos desenvolveram a sua atividade no estrangeiro -, destacando-se o estudo da figura de Ricardo Jorge, cujo primeiro centenário do nascimento foi assinalado em 1958. Muitas das investigações em torno da história da assistência e da medicina social, em particular, não serão abandonadas neste período, assim como nos últimos anos de vida, em que se dedicará a diversos temas de investigação, não constituindo a aposentação o fim da sua atividade científica.

[1074] PT/PH/AFSC/FSC/B-04/00029, [Carta de Berta Ferraz de Lacerda e António Gomes Rocha Madail], 1941.05.16-1941.05.17; Coimbra.
[1075] PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00281, [Carta de Vítor Manuel Santana Carlos], 1944.12.13; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00309, [Cartas da Irmã Eugénia/ Casas de São Vicente de Paulo], 1945.01.14-1945.01.21, 2 cartas; Lisboa.
[1076] PT/PH/AFSC/FSC/B-04/00032/001, [Correspondência de Maria Leonor Correia Botelho], 1942.01.16-1946.07.29, 5 cartas; Lisboa.
[1077] O título deste subcapítulo tem origem na carta: PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00109/076, [Carta de Luís Ibérico Nogueira/ Museu Rural da Câmara Municipal de Valença], 1957.12.06; Viana do Castelo.

Num plano mais pessoal, é possível saber que, em 1952, mudou de casa em Lisboa, ficando mais perto do Instituto[1078], assim como adquiriu uma casa de férias em Óbidos, "do século XVIII que tem muitas chaminés", fora das muralhas (Ribeiro, 2018, p. xliv). Em Lisboa, frequentava regularmente o Café Brasileira[1079] e Chave de Ouro[1080]. A gestão da sua biblioteca era feita pelas várias casas e contando com a ajuda de diversos familiares, em particular a irmã Filomena que organizou os livros existentes nas Caldas da Rainha[1081]. A sua coleção, de trabalhos próprios ou de antiguidades, despertou interesse para várias exposições[1082].

Os amigos mais próximos e os familiares continuaram a demonstrar preocupação com a intensa atividade de Fernando da Silva Correia, que não tirava tempo para o descanso

> "Gozem muito, e tu lembra-te que nem só de Higiene vive o homem. Higiene, sim, mas com uns *pickles* e uns copinhos à mistura, e um bocadinho de pagode de vez em quando no meio das horas de ciencia, à laia de *sandwich*: ciencia por cima, ciencia por baixo, e uma (?) do pagode pelo meio, à laia de conducto... que é sempre o bocado mais saboroso..."[1083]

Umas "sandwiches" terão constituído as viagens a Espanha e Itália em 1947[1084] e 1950[1085], em que Fernando da Silva Correia e a sua esposa Aurora procuraram explorar os países desconhecidos e visitar instituições de assistência e higiene, travando conhecimento com vários médicos estrangeiros e reunindo inúmeras obras.

[1078] Mudou da Praça do Brasil para a Rua Gomes Freire, em Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00882/001, [Correspondência de Maria Luísa da Silva Correia e Filomena Augusta da Silva Correia], 1952.10.24; Caldas da Rainha.

[1079] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00046/009, [Carta de Augusto Isaac de Esaguy], 1953.02.09; Lisboa.

[1080] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00059, [Bilhete de Guido Cabral], 1946.03.31; Lisboa.

[1081] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00882/004, [Correspondência de Maria Luísa da Silva Correia e Filomena Augusta da Silva Correia], 1955.10.11-1955.10.22, 2 cartas; Caldas da Rainha.

[1082] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00101/004, [Cartas de Augusto Dias Coimbra], 1948.06.25; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00149/002, [Carta de Agostinho Tinoco/ Comemorações do VII Centenário das Cortes], 1954.09.22; Leiria.

[1083] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00133/002, [Carta de Américo Cortês Pinto], 1946.09.16; Leiria.

[1084] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00288/001, [Notas, postais e correspondência da viagem a Espanha e Itália], [1947.09.18-1947.10.17]. Neste âmbito publicou *no Boletim do Instituto* "Alguns aspectos sanitários e da História da assistência em Espanha" (Ano 2. Volume 2, pp. 321-386).

[1085] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00628/001, [Da viagem a Espanha, França e Itália], [1950.06.19-1956.06.26].

A. "The right man in the right place"[1086]

"Que é feito de ti? Já arrumaste os livros, relatórios e papelada que te espalharam pelo entrudo, no chão do «Gabinete do Senhor Diretor»?"[1087]

A admiração de Fernando da Silva Correia por Ricardo Jorge terá por base o seu interesse pela higiene e a sua história, já que este último é considerado, por Luís Graça, o protagonista da entrada dos "conceitos do moderno sanitarismo" através da reforma sanitária de 1899–1901. Contexto em que foi criado o Instituto Central de Higiene, iniciando funções em 1903, com o curso de Medicina Sanitária. O nome do Instituto altera-se para Instituto Superior de Higiene em 1945 (decreto-lei n° 35108 de 12 de dezembro de 1945), tendo a referência a Ricardo Jorge desde 1929, antes do falecimento deste (Graça, 2018, p. 116).

"Todos os dias temos estado à espera de ouvir pela telefonia a tua nomeação"[1088]

"Tu, nas novas funções do Instituto, has de ter decerto mais possibilidades de descanso. Mas não has-de utiliza-las… também é certo."[1089]

A tomada de posse no "alto posto que acaba de ocupar - e muito justamente! - na hierarquia médica nacional"[1090] deu origem a larga correspondência de felicitações[1091], com destaque para José Lopes Dias que lamentava que fosse apenas como comissão de serviço[1092]. Para a qual fora convidado pelo Subsecretário da Assistência Social, Trigo de Negreiros (Reis, 1981, p. 150), só em fevereiro de 1949 sendo nomeado definitivamente[1093].

[1086] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00023/018, [Carta de Guilherme de Barros e Cunha], 1946.01.25; Coimbra.
[1087] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00109/083, [Carta de Luís Ibérico Nogueira], 1958.03.04; Viana do Castelo.
[1088] PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00325, [Correspondência de Filomena Augusta da Silva Correia], 1945.02.25-1947.12.04, 8 cartas; Caldas da Rainha.
[1089] PT/PH/AFSC/FSC/B-07/00174/011, [Carta de Américo Cortês Pinto], 1945.10.05; Leiria.
[1090] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00023/042, [Cartão de João José Ferro], 1946.01.27-1946.01.28; Leiria.
[1091] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00023/001, [Tomada de posse de Fernando da Silva Correia do lugar de diretor do Instituto Superior de Higiene Doutor Ricardo Jorge], 1946.01.04-1949.02.09.
[1092] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00023/002, [Carta de José Lopes Dias], 1946.01.04-1946.01.16; Castelo Branco.
[1093] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00023/019, [Carta de Guilherme de Barros e Cunha], 1949.02.09; Coimbra.

Fernando da Silva Correia dedicou-se a desenvolver a história do Instituto[1094], começando por descrever as funções deste: "O ensino e formação sanitária de médicos e engenheiros"; a "Promoção de trabalhos de higiene e introdução de melhoramentos de aplicação sanitária"; a "Educação sanitária" através de conferências e visitas ao Museu do Instituto[1095]; a "Realisação de análises laboratoriais exigidas pelas inspecções sanitárias" e o estudo de problemas sanitários[1096].

Ao diretor competia superintender em todos os serviços do Instituto, sendo responsável pelos seus funcionários e, parte que aqui mais importa, podia assegurar a correspondência oficial com diversas entidades, sendo que toda a correspondência passava pela Secretaria do Instituto, de onde era distribuída pelos serviços competentes. O diretor era responsável pela direção dos cursos ministrados no Instituto e pelo seu *Boletim*. E devia ainda "determinar e orientar as missões científicas" e outras viagens ao estrangeiro[1097].

Logo no primeiro semestre de trabalho, propôs-se conduzir a uma condigna utilização do edifício e dos recursos do Instituto, assim como à correta comunicação dos trabalhos desenvolvidos nas variadas vertentes da sua atividade laboratorial e pedagógica, potenciando especialmente esta última, através de um *Boletim* próprio (Correia, 1946b). No entanto, apesar destes esforços não se dissipou a necessidade de dar ao Instituto um edifício próprio, sendo nomeada uma comissão para o estudo das novas instalações (e de um "novo tipo") do Instituto necessário[1098]. Segundo João Reis, esta comissão era formada por Bernardino de Pinho e Ângelo Prazeres (da Direção-Geral de Saúde), sendo "os grandes obreiros do projecto" Arnaldo Sampaio e Francisco Gonçalves Ferreira, médicos do Instituto e com uma sólida experiência no estrangeiro, grandemente impulsionada por Fernando da Silva Correia (Reis, 1981, p. 150). A

[1094] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00294, [Regulamento (finalidades e história) do Instituto Superior de Higiene Doutor Ricardo Jorge], [1946.08.09-1947.10.20].
[1095] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00096, Sobre o Museu, 1946.01.00-1946.07.00; Lisboa.
[1096] "Lição proferida na abertura do XIII Curso de Aperfeiçoamento para Subdelegados de saúde", em 11 de junho de 1957. PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00253, Curso de Aperfeiçoamento para Subdelegados de Saúde do Instituto Superior de Higiene Doutor Ricardo Jorge, 1947.05.05-1962.00.00; Lisboa.
[1097] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00294, [Regulamento (finalidades e história) do Instituto Superior de Higiene Doutor Ricardo Jorge], [1946.08.09-1947.10.20].
[1098] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00806, Necessidade de um edifício próprio e Comissão para o estudo de novas instalações do Instituto Ricardo Jorge, 1952.00.00.

proposta desenvolvida inclui várias referências ao projeto da Escola Nacional de Saúde Pública que, segundo Luís Graça, já tinha sido projetada desde a década de 1930, enquanto Escola Nacional de Higiene Pública com o apoio da Fundação Rockefeller (L. Graça, 2018, p. 116).

Em 1950, Paulo Cantos descreveu as impressões depois de uma visita ao Instituto, caracterizando os funcionários como uma "invulgar, activa, deligentíssima equipa" e indicando ter alarmado o grupo com que se fez acompanhar ver

> "(…) tão valioso material sanitário preciosamente histórico e eficientemente pedagógico, disperso por salas dispares em pisos diferentes, arrumados (ou talvez mais propriamente... desarrumados) em móveis inadequados, atrás das portas, enfim um pouco ao Deus dará por falta de espaço vital! (…) E que utilíssimo Museu Vivo Vivíssimo! se faria com essas relíquias devidamente integradas no conjunto da aparelhagem sanitária, desde a mais remota à mais rendosa, *up-todate*. Os Museus mais conhecidos (de Colónia e de Washington) invejariam algumas das suas espécies."[1099]

Pensado no cumprimento dos objetivos iniciais do Instituto e na proposta da direção de Fernando da Silva Correia, a sua perceção foi-se modificando ao longo do tempo, sendo bastante clara a diferença entre o seu discurso em 1957 e em 1961. Em 1957, o diretor falava nas conquistas dos últimos anos, pensando na ampliação de "todos os serviços já existentes, ocupando todas as salas do edifício"; na nomeação de "pessoal técnico"; no apetrechamento de material laboratorial; na concessão de apoios para viagens ao estrangeiro; no aumento da biblioteca; na publicação do *Boletim* e na colaboração com o *Boletim dos Serviços de Saúde Pública*; na reorganização administrativa e pedagógica do Instituto e na criação da delegação no Porto[1100]. Em 1961, no seu "Exame de Consciência" (número 92 da revista *Semana Médica*) aquando da sua saída do Instituto, a prestigiante positividade dá lugar a um tom de deceção. Aí reconhecia a incapacidade de dotar o Instituto de um novo edifício; apesar do largo

[1099] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00500/002, [Cartas de Paulo Cantos], 1950.10.31-1950.11.10, 3 cartas; Lisboa.
[1100] "Lição proferida na abertura do XIII Curso de Aperfeiçoamento para Subdelegados de saúde", em 11 de junho de 1957. PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00253, Curso de Aperfeiçoamento para Subdelegados de Saúde do Instituto Superior de Higiene Doutor Ricardo Jorge, 1947.05.05-1962.00.00; Lisboa.

estudo com vista ao "Culto pela alta figura mental e profissional do patrono do Instituto", a restante "investigação científica no campo sanitário não alcançou a intensidade ou o nível que poderia". No campo pedagógico, lamentava que não tivessem sido organizadas brigadas de estudo dos problemas sanitários e que não tivesse sido criado o curso de Administração Hospitalar; ou que, por outro lado, fossem extintos o curso de Visitadoras Sanitárias ou o *Boletim do Instituto* e, entre outras ideias, a incapacidade de pôr em marcha a II Semana Portuguesa de Higiene.

Na análise posterior da sua ação, este tom dececionante de 1961 está mais próximo da visão de João Reis, que também destaca a "falta de uma dinâmica directora adequada e persistente" e "um certo atavismo literário" relacionado com a visão histórica implementada neste período (Reis, 1981, p. 149). No entanto, o seu arquivo permite alargar ainda mais a sua atividade, demonstrando o interesse deste diretor no funcionamento de institutos congéneres no estrangeiro[1101], o seu empenho na criação de delegações em Coimbra[1102] e no Porto e o apoio a estadias no estrangeiro de Maria Regina de Melo e Costa[1103], Arnaldo Sampaio - em 1948 nos Estados Unidos da América e, mais tarde, em 1951 e 1952 no Institute for Medical Research em Londres[1104] - e Francisco António Gonçalves Ferreira em França[1105], que estará na origem da delegação no Porto – dando a correspondência conta da gestão dos cursos e dos laboratórios, assim como de outras temáticas identificadas por Fernando da Silva Correia nos

[1101] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00003, [Publicações sobre o funcionamento do Instituto de Higiene de São Paulo e dos cursos da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo (Brasil)], [1936.00.00-1953.01.25]. PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00009, L'Institut National D'Hygiène de A. Chevallier, 1941.11.30-1943.01.00 ; França. PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00010, British West Indies Public Health Training Station, 1944.00.00; Jamaica. PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00035, Instituto de Higiene e Escolas de Saúde Pública, [1946.01.00-1961.01.00?]. PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00061, [Informações sobre a School of Hygiene and Public Health da The Johns Hopkins University], [1946.04.00]. PT/PH/AFSC/FSC/B-05/01029, Course On public health and preventive medicine/ Course on tropical hygiene de The Netherlands Institute of Preventive Médicina, Leyden|The Institute of Tropical Hygiene and Geographical Pathology, Amsterdam e The Institute of Tropical Medicine, Leyden and teh Harbour Hospital, Rotterdam, [1954.??.??-1955.??.??].

[1102] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00034/001, [Correspondência de Domingos Braga da Cruz], 1946.01.30-1946.08.12, 2 cartas; Coimbra. PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00074/028, [Carta de Maximino José de Morais Correia], 1957.09.19; Vila Real. PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00300/002, [Carta de António Meliço Silvestre/ Instituto de Higiene da Universidade de Coimbra], 1951.01.08-1951.01.11; Coimbra.

[1103] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00093/002, [Cópia de carta de Fernando da Silva Correia para o Diretor Geral de Saúde], [19??.00.00].

[1104] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00127/003, [Cartas de Arnaldo Sampaio], 1951.12.02, 3 cartas; Reino Unido.

[1105] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00501/003, [Carta de Francisco António Gonçalves Ferreira], 1951.05.10; França.

envelopes, por exemplo, os orçamentos e planos de trabalho anuais ou alterações ao pessoal da delegação[1106].

A atualização deste funcionário à época fá-los ver claramente o atraso português.

> "Na verdade estamos atrasadíssimos em relação a quase todos os países que começaram a pensar em tudo depois de nós. Entendo que o Senhor Doutor deveria convocar a Comissão do Instituto para ver se se poderia dar um passo em frente na construção do Instituto."[1107]

Como este médico recordou em vários momentos, no Instituto decorreram várias conferências[1108] ou reuniões[1109], como a de Subdelegados de saúde[1110].

> "E com franqueza, se a reunião dos delegados marcou, como diz V. Ex.ª, um grande passo na nossa sanidade, na verdade// o seu êxito muito deve também ao magnífico ambiente do instituto que V. Ex.ª tão distintamente dirige."[1111]

Como diretor, Fernando da Silva Correia foi convidado a colaborar com diversas iniciativas, como I Congresso Nacional de Proteção à Infância, este documento tem a particularidade de ter sido recebido e carimbado com o "Visto o diretor"[1112] remetendo para as suas funções públicas. Durante este período, e de acordo com o *Estatuto de Assistência Social* (1944), entre as atividades do diretor encontrava-se a pertença ao Conselho Superior de Higiene[1113] (Almeida, 2017, p. 135) (Serra & Cândido, 1995, p.

[1106] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00501/005, [Carta de Francisco António Gonçalves Ferreira], 1954.09.04-1954.09.07; Lisboa.
[1107] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00501/038, [Cartas de Francisco António Gonçalves Ferreira/ Delegação do Porto do Instituto Superior de Higiene Doutor Ricardo Jorge], 1959.08.20-1959.09.24, 4 cartas; Porto.
[1108] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00374, [Cartão de visita de A. B. Leite de Faria], 1948.04.24; Lisboa.
[1109] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00418, [Reuniões de estudo da luta anti-tracoma do Instituto Superior de Higiene Doutor Ricardo Jorge], 1948.11.25-1948.11.27; Lisboa.
[1110] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00378, [I Reunião dos delegados de saúde], [1948.05.04-1948.05.13].
[1111] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00386, [Bilhete de (?)/ Delegação de Saúde do distrito de Viseu], 1948.06.07; Viseu.
[1112] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00883, [Carta de Júlio Barão da Cunha/ Mocidade Portuguesa], 1952.11.05; Lisboa.
[1113] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00264, [Conselho Superior de Higiene e Assistência Social], 1947.06.11-1960.12.30.

XVIII). Em 1952, Fernando da Silva Correia procurou assinalar a passagem dos 50 anos da criação do Instituto, aprofundando a história da instituição[1114].

> "O Boletim é o reflexo apenas de todo esse trabalho, que de ano para ano tem aumentado o prestígio do Instituto, a cada passo confirmado por provas inequívocas recebidas, de entidades categorisadas, nacionais e estrangeiras." (*Boletim do Instituto Superior de Higiene Doutor Ricardo Jorge*, 1950, p. 3)

Mais uma vez, a criação do *Boletim* em 1946 prova a relevância que a imprensa tinha na visão de Fernando da Silva Correia como forma de perpetuar a investigação em curso nas instituições, assim como a restante atividade destas. O arquivo pessoal e familiar reúne um conjunto alargado de provas para publicação e de correspondência trocada com os vários autores e colaboradores.

No primeiro número, é indicado que se pretendia que a publicação constituísse uma continuação dos *Arquivos do Instituto Central de Higiene,* interrompidos em 1938, e que correspondia a uma das iniciativas inscritas no regulamento do Instituto desde 1912. Aí fica definido que, além da divulgação dos trabalhos de investigação, incluindo os referentes a Ricardo Jorge, o *Boletim* daria conta das "actividades laboratoriais, estatísticas e pedagógicas" (*Boletim do Instituto Superior de Higiene Doutor Ricardo Jorge*, 1946, pp. 3–4), esse quase relatório anual é publicado até 1953 e depois continuado mais esporadicamente no *Boletim dos serviços de Saúde Pública*. Entre outros elementos, conta ainda a localização de algumas aquisições ou ofertas para a biblioteca do Instituto, que também atesta o arquivo pessoal e familiar de Fernando da Silva Correia[1115]. Sendo ainda possível, através deste, identificar alguns dos leitores do *Boletim* identificam-se Domingos Braga da Cruz[1116], Filipe da Cunha Alvares Cabral[1117],

[1114] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00726/002, Cinquentenário do Instituto Ricardo Jorge, 1952.00.00; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00726/003, No cinquentenário do Instituto Ricardo Jorge, 1952.04.03: Lisboa.
[1115] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00174, [Cartas de Joaquín Cusí Furtunet/ Laboratorios del Norte de España], 1946.12.11-1948.04.28, 3 cartas; Espanha. PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00290/001, [Cartão de visita de Carlos de Arruda Furtado], 1947.08.29; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00713, [Bilhete da American Association for the advancement of Science], 1951.02.16-1952.03.08.
[1116] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00034/002, [Correspondência de Domingos Braga da Cruz], 1947.06.30-1947.10.16, 3 cartas; Coimbra e Porto.
[1117] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00218, [Bilhete de Filipe da Cunha Alvares Cabral], 1947.01.31; Açores.

Álvaro Pinto da revista *Ocidente*[1118], António Cardoner Planas[1119], Alfredo Augusto Lopes Pimenta, Torre do Tombo[1120], A. César Anjo[1121], Luís Navarro Brazão[1122], Sebastião Cabral da Costa-Sacadura[1123], Maria do Carmo da Silva Carmona[1124], Ariosto Buller Souto[1125], José Ramón Mozota Sagardía[1126] e François Dausset da Fédération Mondiale des Associations pour les Nations Unies/ World Federation of United Nations Associations[1127].

Em agosto de 1953, torna-se público que o *Boletim* não poderia ser continuado e António de Almeida Garrett não discorda da decisão, contando que a publicação seguinte abrangesse outros serviços[1128].

A. "Querido Mestre": os cursos do Instituto

> "O higienista, para estudar em conjunto os diversos aspectos do problema sanitário utiliza dados múltiplos, uns fornecidos pelas estastísticas de mortalidade e morbilidade, outros pelos resultados de inquéritos, estudos científicos e pela sua observação e experiência pessoal, e leitura de relatos da observação e experiência dos outros." (Correia, 1937, p. 262).

O primeiro contacto de Fernando da Silva Correia com o Instituto foi estabelecido em 1934, tendo iniciado a sua carreira docente lecionando a disciplina "Administração

[1118] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00236, [Bilhete de Álvaro Pinto/ Ocidente], 1947.03.30; Lisboa.
[1119] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00370/002, [Carta de António Cardoner Planas], 1948.08.04; Espanha.
[1120] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00506/002, [Carta de Alfredo Augusto Lopes Pimenta/ Torre do Tombo], 1949.07.31; Lisboa.
[1121] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00541/002, [Carta de A. César Anjo], 1951.05.14; Viseu.
[1122] T/PH/AFSC/FSC/B-05/00639/002, [Carta de Luís Navarro Brazão], 1952.05.29; Lisboa.
[1123] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00720/001, [Cartões de visita de Sebastião Cabral da Costa-Sacadura], 1951.04.12-1953.10.01, 4 cartas; Lisboa.
[1124] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00789, [Cartões de visita de Maria do Carmo da Silva Carmona], 1951.12.31, 2 cartas; Lisboa.
[1125] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/01066, [Carta de Ariosto Buller Souto/ Instituto Adolfo Lutz], 1954.07.15; Brasil.
[1126] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00644, [Carta de José Ramón Mozota Sagardía], 1950.09.18; Espanha.
[1127] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00836, [Carta de François Dausset/ World Federation of United Nations Associations], 1952.03.27; França.
[1128] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00166/012, [Carta de António de Almeida Garrett/ Faculdade de Medicina do Porto], 1953.08.04; Porto.

Sanitária" no Curso de Medicina Sanitária[1129], que passou a dirigir em 1946 (Serra & Cândido, 1995, p. XVIII) (*Boletim do Instituto Superior de Higiene Doutor Ricardo Jorge*, 1946, p. 65). Além de ter estudado com pormenor a evolução do ensino da Higiene, o novo diretor era um acérrimo defensor do ensino *post*-universitário na classe médica, tal como o que era desenvolvido no Instituto e que neste mandato se alargou ao serviço social e se renovou no campo do aperfeiçoamento dos engenheiros – presente desde os primeiros anos do Instituto (Correia, 1946b, p. 45). Dessa mesma evolução do ensino no ISHRJ se ocupou Luís Graça (Graça, 2018, pp. 120–121). Nos seus artigos no *Boletim* (ver Apêndice 15), Fernando da Silva Correia, além do relato dos cursos que dirigiu, também procurou fazer a história do funcionamento dos vários cursos do Instituto ao longo do tempo. Alguns dos artigos remetem ainda para lições e conferências realizadas no âmbito dos diversos cursos[1130].

O curso de Medicina Sanitária foi reformado pelo Decreto nº. 36050, de 18 de Dezembro de 1946 e, segundo Andreia Almeida, em 1951, este curso só se realizava em Lisboa e podia inscrever-se outros profissionais para além dos médicos, como engenheiro e arquitetos (Almeida, 2017, pp. 527–529).

O curso mais relevante foi o de Medicina Sanitária[1131], que em 1950 o médico descreve assim numa carta a António da Rocha Madail, que estava preocupado com a formação do filho

> "O curso de Medicina sanitária, criado em 1901, pelo Ricardo Jorge, descambou com o andar dos tempos numa escandalosa inutilidade, que nos colocava ridiculamente em face dos sanitaristas estrangeiros. Os professores ensinavam, mas os rapazes não os escutavam, nem aprendiam e no fim… tudo passava. A Saude Publica ressentiu-se desse alheamento para vergonha do Pais. Reagi largos anos, e, por fim ouviram-me. Reformou-se a pratica da preparação dos

[1129] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00002/001, [Bilhete de Jaime Paiva?], 1935.07.03; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00004, [Documentos e notas para as lições de Administração Sanitária do Curso de Aperfeiçoamento para Sub-delegados de Saúde], [1936.00.00-1954.11.05];

[1130] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00107/007, [Bilhete de José Timóteo Montalvão Machado/ Delegação de Saúde do distrito de Vila Real], 1949.11.11-1949.11.13; Vila Real.

[1131] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00206, Curso de Medicina Sanitária no Instituto Superior de Higiene Doutor Ricardo Jorge, 1947.00.00-1960.00.00; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00300/001, [Carta de António Meliço Silvestre/ Instituto de Higiene da Universidade de Coimbra], 1947.11.01; Coimbra.

sanitaristas, que ainda aliaz não atingiu o grau necessário. Pelo regime actual exige-se presença dos alunos, que todos estejam formados, que realizam certos trabalhos obrigatoriamente, exercícios, visitas, etc., sendo o exame apenas o complemente dum ano de trabalho. Os que faltam a 20% das aulas perdem o ano. No ano passado o Ministro, então subsecretario, assediado com pedidos, permitiu que fossem admitidos alunos até… janeiro. O resultado foi a desordem pedagógica fácil de prever e o trabalho exaustivo para suprir o atraso."[1132]

Além deste, de acordo com as notas de Fernando da Silva Correia, entre 1947 e 1952, o Instituto integrou no seu programa letivo o curso de Visitadoras Sanitárias[1133], o de Aperfeiçoamento para Subdelegados de Saúde[1134]; entre 1949 e 1953, o de Aperfeiçoamento de Agentes Sanitários[1135] e, entre 1952 e 1956, o Curso de Aperfeiçoamento de Engenharia Sanitária[1136].

De todos estes cursos, Fernando da Silva Correia reuniu documentação produzida, incluindo os seus regulamentos, notas sobre os horários e estágios, pontos e programas das disciplinas, relações dos candidatos e suas classificações. Fernando da Silva Correia colaborou ainda noutros cursos de menor dimensão organizados pela Ordem dos Médicos ou pelas Faculdades de Medicina[1137].

Uma grande parte da correspondência recebida neste período remete para a frequência dos cursos, sendo mais relevante a que reúne comentários sobre os mesmos e sobre o acompanhamento posterior de Fernando da Silva Correia, particularmente através da publicação de topografias médicas. Desde a elaboração da sua tese de

[1132] AUC VI-3ªD-4B-2-23, de 1950.11.28.
[1133] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00204, Curso de Visitadoras Sanitárias/Sociais no Instituto Superior de Higiene Doutor Ricardo Jorge, 1947.00.00-1952.00.00; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00250/001, [Carta de António de Carvalho Dias], 1947.04.24; Lisboa.
[1134] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00253, Curso de Aperfeiçoamento para Subdelegados de Saúde do Instituto Superior de Higiene Doutor Ricardo Jorge, 1947.05.05-1962.00.00; Lisboa.
[1135] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00493, Curso de Aperfeiçoamento de Agentes Sanitários no Instituto Superior de Higiene Doutor Ricardo Jorge, 1949.06.00-1953.12.29; Lisboa.
[1136] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00814, Curso de Aperfeiçoamento de Engenharia Sanitária no Instituto Superior de Higiene Doutor Ricardo Jorge, 1952.00.00-1956.00.00; Lisboa.
[1137] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00494, [Carta de (?)/ Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra], 1949.06.04-1949.06.07; Coimbra. PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00539, [Carta de Luís Figueira/ Ordem dos Médicos], 1949.10.26; Lisboa. PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00694, Lições do III Curso de Aperfeiçoamento Médico-Sanitário, 1951.00.00; Lisboa.

doutoramento, que este médico defende a necessidade de alicerçar o conhecimento sanitário dos delegados e subdelegados de saúde num sólido estudo do seu meio envolvente e de "todos os elementos que podem influir na saúde, favorável, perniciosa ou perigosamente, em tempo de paz, para poderem ser oportunamente utilizados, sem improvisação atabalhoada, em tempo de guerra antiepidémica" (Madahil & Correia, 1956, p. 6). Esta breve referência remete para o acompanhamento dos antigos alunos, pois surge na topografia de António Sampaio Madail sobre as Caldas da Rainha[1138]. Além de vários pedidos de comentários sobre monografias, também Luís António Vaz Tecedeiro solicitou um prefácio para a sua topografia sobre a Chamusca[1139]. No contexto do Curso de Medicina Sanitário foram ainda atribuídos prémios às melhores topografias médicas, sendo Ângelo Flecha Ança um dos premiados com um estudo sobre a Vidigueira[1140].

Luís Carlos Pereira Mendes que trocou larga correspondência com Fernando da Silva Correia, destacou em 1949 a frequência do curso de aperfeiçoamento para subdelegados de saúde, "inúmeros ensinamentos obtidos por modo tão agradável, houve para mim a consolação íntima de reconhecer que acertara no meu passado, em benefício do meu semelhante, e fazendo propaganda da medicina preventiva e construtiva, bem mais agradável de praticar que a curativa."[1141]

Maria da Conceição Gambôa Vaz disse precisar "de mais um ano de curso" e ter saudades do Instituto[1142]. E Beatriz da Costa Cabral destacou os ensinos recolhidos pela filha:

> "Acompanhando a sua vida no Instituto pude apreciar até que ponto ela beneficiou das lições, dos conselhos e do exemplo ali recebidos; pondo de parte a questão material que representa o diploma que decerto vai adquirir, sinto-me

[1138] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00503/002, [Carta de António Júlio Teles de Sampaio Rio], 1956.04.14; Coimbra.
[1139] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00550, [Carta de Luís António Vaz Tecedeiro], 1958.02.11-1958.02.16; Évora.
[1140] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00860, [Cartas de Ângelo Flecha Ança], 1952.07.29 -1958.12.09, 6 cartas; Estados Unidos da América.
[1141] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00355/016, [Carta de Luís Carlos Pereira Mendes] 1949.05.25; Lisboa.
[1142] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00520/002, [Carta de Maria da Conceição Gambôa Vaz], 1950.10.19; Porto.

feliz, porque a educação de minha filha é agora mais completa, mais útil, e as suas inatas qualidades morais devem ter-se elevado muitíssimo”[1143].

B. “Mestre de sanitaristas portugueses, Môdelo de sanitaristas mundiais.”

“O nome glorioso do dr. Ricardo Jorge traz responsabilidades tremendas a quem tenha de desempenhar as funções de director do Instituto que ele criou”[1144]

“O interesse da tua vida intelectual oscila entre 2 figuras: - a rainha e o médico.”[1145]

À direção do Instituto, dos cursos aí ministrados, a investigação em torno da história da medicina e do próprio Instituto, acrescentou-se ainda a organização de comemorações no ano 1958, as da rainha D. Leonor e de Ricardo Jorge, duas figuras basilares no percurso deste médico.[1146]

Já foi indicado que, nas suas funções nas Caldas da Rainha, Fernando da Silva Correia contactou com Ricardo Jorge, mas é possível mencionar maior proximidade nesta relação, especialmente no campo intelectual. Em 1932, no texto "Um pseudo-historiador justificado", Ricardo Jorge deixa algumas palavras de admiração pela investigação histórica de Fernando da Silva Correia, contrapondo-a à de Augusto da Silva Carvalho[1147]. Em 1939, aquando da morte do patrono do Instituto, Fernando da Silva Correia marcou presença no seu funeral – representando o condiscípulo Maximino Correia -

“Tinha estado com ele a semana passada e deixei-o na grande esperança de que arribasse. (…) A sua figura, agora que desapareceu de entre os vivos, aparece

[1143] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00887, [Carta de Beatriz da Costa Cabral], 1952.11.10; Leiria.
[1144] Processo número 13831 de Fernando da Silva Correia do Arquivo da Liga dos Combatentes, *Diário de Notícias* 1946.01.25.
[1145] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00109/057, [Carta de Luís Ibérico Nogueira], 1955.09.30-1955.10.01; Viana do Castelo.
[1146] O título deste ponto, parte da dedicatória a Ricardo Jorge na obra (Correia, 1934).
[1147] PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00622/005, [Carta de Mota Cabral], 1932.11.07; Santarém. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00635/001, [Carta de Luís Teixeira/ Teatro São Luís], 1932.03.17-1932.03.18; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-02/00649, [Carta de Vítor Augusto Pereira Nunes], 1932.06.02-1932.06.04; Setúbal.

maior, formidável, ao recordarmos as múltiplas facetas do seu talento e do seu saber. Hei-de um dia escrever sobre ele."[1148]

Na revista *A Saúde escolar,* em que era redator à época, escreveu uma nota de pesar (Ano 4, número 28), em que dá conta do "exemplo admirável de um humanista à maneira antiga" que Ricardo Jorge legava. Incentivava à reunião de subsídios para o seu estudo e descrevia a relação tardia que com ele estabelecera, não sendo seu discípulo. Como descreve Rui Costa, e o *Boletim do Instituto* deixa claro, o culto da figura de Ricardo Jorge começa logo em 1946 com a reunião do "Grupo de Amigos do Prof. Ricardo Jorge", que vai pôr em prática a sua intenção, expressa em 1939, de que aqueles que o conheceram reunissem informações sobre o patrono do Instituto. Foi também nessa altura que começou a reeditar textos de Ricardo Jorge através do *Boletim*. Pelo seu envolvimento e pelas suas obras, este autor considera Fernando da Silva Correia entre "os mais prolíficos" biógrafos de Ricardo Jorge (Costa, 2018, pp. 30–33).

Além dos vários artigos publicados por altura do centenário, o arquivo pessoal e familiar permite conhecer melhor o planeamento das comemorações desde janeiro de 1958. Da primeira reunião da Comissão Executiva, ficou definida a maioria das iniciativas a realizar, incluindo uma sessão solene com o presidente da República na Faculdade de Medicina; uma exposição biblio-iconográfica no Instituto; emissão de um selo comemorativo; diversas publicações de homenagem ou reedições de obras; a publicação de um número especial do *Boletim dos serviços de Saúde Pública* e uma sessão de encerramento na Sociedade de Ciências Médicas. Às quais se acrescentariam outras iniciativas no Porto e em Coimbra[1149]. Alguns dos artigos publicados descrevem momentos das comemorações, escrevendo até em nome do Velho Galeno através de uma "Carta aberta ao Dr. Castilho de Abreu, a propósito de Ricardo Jorge" (1959),

> "As cerimónias agradaram-me ambas. (…) Faz bem aos que chegam a uma certa idade ver que a palavra gratidão ainda não foi banida por certos aprendidos de *sputniks* que, vindos de vários lados, de jato, à compita com os imitadores *semiecoe dos Teddy-Boys* ingleses só vêem, como ideal das suas atividades

[1148] PT/PH/AFSC/FSC/B-03/00181/007, [Carta de Fernando da Silva Correia para Maximino José de Morais Correia], 1939.08.01; Caldas da Rainha

[1149] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/01105/002, [Comemorações do centenário do nascimento de Ricardo Jorge], 1956.04.25-1959.01.10; Lisboa.

futuras, a destruição dos alicerces da pátria, da família, dos sentimentos e do brio que nos legaram homens como foi Ricardo Jorge."[1150]

Da mão de Fernando da Silva Correia e destas comemorações surgiu "A melhor síntese (…) até hoje a mais completa e celebrada antologia biográfica de que se dispõe." (Costa, 2018a, p. 37) sobre Ricardo Jorge: *A vida, a obra, o estilo, as lições e o prestígio de Ricardo Jorge* (1960)[1151]. Tal como está indicando no prefácio, Fernando da Silva Correia procurou apresentar "uma Antologia da Obra de Ricardo Jorge, simples amostra do seu estilo, da evolução" desta ao longo do tempo. Aí apresenta Ricardo Jorge como "um dos mais notáveis médicos e intelectuais da nossa História, a par do maior sanitarista português de todos os tempos, mestre de sanitaristas nacionais e modelo de sanitaristas mundiais." (Correia, 1960a, p. VIII).

C. "Só pelos jornais vou sabendo que se agita na sua vida profissional e literária."

"Tenho seguido as suas publicações, sempre com o maior interesse, e só não teem o relevo e a repercussão devidos, porque continuamos sendo... uns analfabetos, mesmo os que se julgam águias. Com o tempo lhe será, como em casos anteriores, do Portugal Sanitário e da História das Misericórdias, feita a devida justiça."[1152]

"(…) cada um dos seus escritos é sempre uma lição a reter."[1153]

O período da vida de Fernando da Silva Correia que se aborda neste capítulo terá sido dos mais atarefados da sua carreira[1154]. Esta convicção ladeada da maior proximidade temporal, podem constituir razões para que a documentação produzida neste período tenha maior expressão no arquivo pessoal e familiar. No entanto, para tal também terá confluiu a chamada explosão documental do pós-II Guerra Mundial, que

[1150] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/01105/096, Carta aberta ao Dr. Castilho de Abreu, a propósito de Ricardo Jorge de Velho Galeno, [1959.12.20].
[1151] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/01105/015, A vida, a obra, o estilo, as lições e o prestígio de Ricardo Jorge, [1879.00.00-1959.00.00] 1959.02.08-1961.11.31.
[1152] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00047/001, [Correspondência de José Lopes Dias], 1946.02.22-1961.01.01; Castelo Branco.
[1153] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00983/002, [Carta de Álvaro de Mendonça e Moura], [19??.00.00]; Porto.
[1154] O mesmo acontecia com outros conhecidos, PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00024/003, [Carta de Flávio Santos], 1951.11.11; Beja.

entre outros aspetos, permitiu a larga composição de cópias dactilografadas, como se verifica neste caso.

Além do *Boletim do Instituto* e da dedicação ao estudo de Ricardo Jorge, já mencionados, ao longo destes anos Fernando da Silva Correia manteve várias colaborações com revistas, especializadas ou não, e participou em vários encontros científicos. Entre os artigos já destacados por outros investigadores, pode mencionar-se o que foi publicado no *Boletim do Instituto,* em 1953, entendido por Andreia Almeida como "uma verdadeira ode à política de saúde pública de Salazar", em que não deixa de tecer algumas considerações sobre "a inactividade da Direcção-Geral de Saúde na luta contra" várias doenças, apontando como causas "falta de orçamento" ou a reconhecida "dispersão dos serviços" (Almeida, 2017, pp. 159–160). Esta autora destaca ainda outros trabalhos em torno da medicina social, especialmente nos III e IV Congressos da União Nacional (Almeida, 2017, p. 165), sendo neste último que defende "a importância da educação para a saúde" nesse campo, reconhecendo a necessidade de "uma consciência sanitária nacional" (Almeida, 2017, p. 167).

> "Creio que ninguem poderia, entre nós, compilar e ordenar um trabalho como o da História da Medicina Social, em que a copia de dados historicos e factos modernos dará a toda a gente uma lição incomparavel."[1155]

José Lopes Dias refere-se aqui à obra, publicada em dois volumes, *Portugal na História da Medicina Social* (1954 e 1957)[1156]. No primeiro volume, relativo à Assistência, Higiene e Medicina do Trabalho, de acordo com o subtítulo, na introdução expressa a sua admiração pela obra de René Sand e, em particular, pelo livro *Vers la Médicine Sociale* (1948) que tanto o inspirara, como o compelira a elaborar este estudo, assim como a proferir um alargado conjunto de conferências, de forma a desmentir a ideia apresentada por René Sand de que "em matéria de Medicina Social nada há, quer no nosso País, que em Espanha, que mereça a pena citar." (Correia, 1954, p. 7). O seu

[1155] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00047/001, [Correspondência de José Lopes Dias], [19??.02.22]; Castelo Branco.

[1156] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00741/001, História da Higiene Social/ Portugal na História da Medicina Social/ Esboço da História da Medicina do trabalho em Portugal/ História das Ciências do Homem. Os conhecimentos científicos dos portugueses, 1951.07.08-1953.11.29 [1955.01.00]; Lisboa e Caldas da Rainha.

objetivo era a "exposição [n]o mesmo plano do livro de René Sand", esperando assim contribuir para modificar a visão deste médico sobre o seu país. A análise que desenvolve baseia-se em sete partes distintas sobre: a história do ensino e da profissão médica; a história dos hospitais portugueses; a história da higiene individual; a história da higiene pública; a história da higiene social, que ocupa a quase totalidade do primeiro volume -; um esboço da história de medicina do trabalho em Portugal e, por fim, um esboço da história da assistência em Portugal. No final deste trabalho, apresenta a justificação de René Sand para a ausência de referências a Portugal e Espanha, de acordo com o que lhe tinha sido transmitido por correspondência: "Não ignorava as nossas glórias passadas e algumas das actuais.", mas pretendia destacar em particular as iniciativas inovadoras e pioneiras na história da Medicina Social ou instituições que honrassem quase em exclusivo esta área[1157]. Este primeiro volume tem também uma aproximação ao significado de medicina social (Correia, 1954, pp. 8–9). O segundo volume, por sua vez, constitui um esboço da história das Ciências do Homem em Portugal, em que o autor propõe reunir "a História da contribuição dos portugueses para o progresso das Ciências", contando entre estas algumas que ligam com o estudo do Homem, também competência da Medicina, como a estatística, a demografia, a sociologia descritiva, o serviço social, a política da família ou a pedagogia, somente para citar alguns exemplos. Entre os leitores desta obra, encontram-se a Arquiduquesa da Áustria[1158], Theodor Jansen[1159], António Emílio de Magalhães e Cândido Henrique Gil da Costa[1160] e Francisco Gentil[1161].

Além dos trabalhos em torno das biografias da rainha D. Leonor e de Ricardo Jorge, escreveu também sobre João Serras e Silva (Correia, 1956), a quem chamou padrinho, e sobre Armando da Cunha Narciso (Correia, 1948)[1162].

[1157] PT/NCG/AFSC/FSC/1/3/30, [Carta de René Sand para Fernando da Silva Correia], [1952.03.06]; Bélgica.
[1158] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00741/003, [Carta da Arquiduquesa da Áustria], 1953.02.21; Lisboa.
[1159] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00741/004, [Carta de Theodor Jansen], 1953.03.20; Alemanha.
[1160] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00741/008, [Carta de António Emílio de Magalhães e Cândido Henrique Gil da Costa/ Liga Portuguesa de Profilaxia Social para Velho Galeno], 1955.02.10; Porto.
[1161] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00741/010, [Bilhete de Francisco Gentil/ Instituto Português de Oncologia], [19??.00.00]; Lisboa.
[1162] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00350/001, Armando Narciso, médico inspector das águas minero-medicinais, [1941.12.22-1948.02.29].

Foi neste período também que se lançou um concurso para uma monografia das Caldas da Rainha[1163], que poderá explicar o início da reuniões de textos para a obra *Pergaminhos das Caldas*, editada pela associação PH em 1995 e cuja história já foi contada nessa obra (Correia, 1995)[1164]. Não esquecendo outras colaborações caldenses[1165].

Mário Cardia, com quem Fernando da Silva Correia tinha vindo a colaborar no *Jornal do Médico*, solicitou a colaboração noutras revistas, como *Acta Endocrinologica et gynaecologica Hyspano-Lusitana,* em que esperava "ressuscitar o Velho Galeno"[1166]. E, posteriormente, no jornal *O Médico*, sendo o próprio Mário Cardia que incentivava, também, à publicação das lições dos cursos do Instituto[1167]. Recebeu ainda outros pedidos de colaboração para *O País*[1168], *O Lar*[1169], na rubrica «Assistência no distrito de Leiria»[1170], *Menina e Moça*[1171], *Actas Ciba*[1172] ou *Mensário das Casas do Povo*[1173].

Acompanhou a tradução das "Centúrias Médicas" de Amato Lusitano por Firmino Crespo e José Lopes Dias[1174], assim como a edição portuguesa de *Diagnóstico Social* de Mary Richmond com José Alberto de Faria[1175].

[1163] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/01039/002, [Ofício de Fernando Pais de Almeida e Silva/ Câmara Municipal das Caldas da Rainha], 1954.11.24; Caldas da Rainha.
[1164] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00963, Pergaminhos das Caldas, [1953.05.00-1965.00.00].
[1165] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/01079/002, [Ofício de Júlio Lopes/ Gazeta das Caldas], 1957.06.07; Caldas da Rainha. PT/PH/AFSC/FSC/B-05/01115/001, O prestígio das Caldas e o centenário de José Malhoa, 1955.03.24-1955.04.24; Lisboa.
[1166] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00043/004, [Cartas de Mário Cardia], 1949.01.07-1950.10.03, 6 cartas; Porto.
[1167] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00043/006, [Cartas de Mário Cardia], 1952.08.02-1959.11.13, 17 cartas. PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00043/008, [Carta de Mário Cardia/ O Médico], 1958.02.17-1958.02.26; Porto.
[1168] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00130, [Carta de Joaquim Simão Portugal/ O País], 1946.08.28-1946.08.29; Coimbra.
[1169] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00224/001, [Carta de Afonso Eduardo Martins Zuquete/ Jornal do Médico], 1947.02.22-1947.03.28, 2 cartas; Lisboa.
[1170] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00224/004, [Carta de Afonso Eduardo Martins Zuquete/ Governo Civil de Leiria], 1950.01.09-1950.01.11; Leiria.
[1171] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00225/002, [Correspondência de Maria Joana Mendes Leal/ Mocidade Portuguesa Feminina], 1950.03.23-1950.03.24, 2 cartas; Lisboa.
[1172] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00541/001, [Carta de A. César Anjo], 1949.11.08; Viseu.
[1173] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00891, [Ofícios de João Pinheiro/ Mensário das Casas do Povo], 1952.11.27-1953.01.25 Lisboa
[1174] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00045/001, [Cartas de Firmino Crespo], 1946.03.21 -1946.03.26; Portalegre.
[1175] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00583/001, Diagnóstico Social, 1950.00.00; Lisboa.

Foi também convidado para conferências[1176], uma delas sobre Oscar Wilde[1177] ou a pertencer ao júri de prémios como o "Ricardo Jorge" do Laboratório Sanitas[1178]. Pelos seus conhecimentos, continua a ser procurado para ajudar na fundação de instituições assistenciais como um Centro de Assistência Materno-Infantil em Óbidos[1179].

Em 1951, tornou-se sócio honorário da Associação dos Antigos Alunos de A Voz do Operário; já em 1958 integrou a Sociedade Histórica da Independência de Portugal e tornou-se membro correspondente do Instituto Brasileiro da História da Medicina em 1959. Em 1961, tornou-se sócio efetivo da Associação de Arqueólogos Portugueses.

Como indicou a sobrinha Natália Correia Guedes, este cargo "Proporcionou-lhe contactos internacionais completamente diferentes daqueles que ele tinha nas Caldas."[1180] Noutro trabalho, já foi analisada a correspondência com o médico Ivolino de Vasconcelos[1181], acrescentando-se Seduar de Assis Rocha, presidente do Instituto Pernambuco de História da Medicina[1182], ambos brasileiros, mas muitos outros se lhe podem juntar, como José F. Turégano, que conheceu em viagem[1183], o British Ambassador que o recebeu em Lisboa[1184]. Pedro Alberto Basilico, chefe dos Centros Sanitários e de Saúde Regionais da Argentina/ Ministerio de Salud Publica de la Nacion, Argentina[1185], W. F. J. M. Krul do Rijksinstituut voor drinkwatervoorziening[1186].

[1176] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00225/001, [Correspondência de Maria Joana Mendes Leal/ Associação Católica Internacional para Obras de Proteção às Raparigas], 1947.02.26-1947.03.18; Lisboa.
[1177] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00396, [Carta de José Leitão de Figueiredo/ Centro Cultural Português], 1948.07.03; Lisboa.
[1178] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00254, [Carta de Abel F. Cancela de Abreu/ Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa], 1947.05.09; Lisboa.
[1179] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00163, [Carta de José Moreira], 1946.11.14-1946.11.15; Leiria.
[1180] Entrevista à Doutora Natália Correia Guedes, p. xliv.
[1181] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00936/001, [Carta de Ivolino de Vasconcelos], 1953.01.20; Brasil.
[1182] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00952, [Circular de Seduar de Assis Rocha/ Instituto Pernambuco de História da Medicina], 1953.03.03; Brasil.
[1183] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00869, [Carta de José F. Turégano/ Preventorio Infantil de Guadarrama do Patronato Nacional Antituberculoso], 1952.09.06; Espanha.
[1184] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00937, [Bilhete do British Ambassador], 1953.01.2; Lisboa.
[1185] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/01040, [Carta de Pedro Alberto Basilico/ Ministerio de Salud Publica de la Nacion, Argentina], 1954.02.10; Argentina.
[1186] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/01090, [Carta de W. F. J. M. Krul/ Rijksinstituut voor drinkwatervoorziening], 1954.12.04; Holanda.

Contactou com OMS[1187] e com a FAO[1188] e manteve contacto com as Caldas da Rainha, onde foi homenageado por ocasião da inauguração dos Dispensário de Higiene das Caldas da Rainha[1189], destacando-se pela proximidade territorial, Humberto Delgado, de Alcobaça, de quem desejava informações sobre uma capela[1190].

Como forma de calar as longas críticas do amigo Luís Ibérico Nogueira, que se queixava com frequência das demoradas e diminutas respostas de Fernando da Silva Correia, este escreveu-lhe, dando conta das suas funções e ocupações em julho de 1959

> "Mas porque não descanso de vez em quando? Por que não deixam. (…) Durante estes dois últimos anos não imaginas os sarilhos que me têm arranjado, pedindo me artigos, conselhos escritos, subsídios de toda a ordem referentes aos centenários da Rainha D. Leonor e de Ricardo Jorge. Só visto. Sobre a Rainha escrevi nos últimos 2 anos nada menos do que – vinte e dois trabalhos! Capazes? Isso é outra história… Mas – caramba! - roubam tempo e moem…/ Tudo isto sem prejuízo do serviço habitual do instituto, das lições e visitas do Curso de Medicina Sanitária, da própria vida familiar, acrescido tudo de dinamismo do Ministro da Saúde que nos reúne todas as semanas em// Conselhos plenos - um de Higiene e Assistência Social, outro Coordenador - onde passamos pelo menos 3 horas a apreciar e discutir planos de reformas!"[1191]

Nesta carta assume a necessidade de descansar e, em 1960, uma grave crise de sinusite obrigará a abrandar a sua atividade

[1187] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/01081, [Carta de Renato Pavanello/ Organização Mundial de Saúde], 1954.11.11; Suíça.
[1188] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00464, [Bilhete postal de (?) Câmara, Food and Agriculture Organization of the United Nations], 1949.02.27; Lisboa.
[1189] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00393/001, [Carta de Luís da Conceição Carvalho Viegas], 1948.06.29-1948.06.30; Leiria.
[1190] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00862, [Carta de Humberto Delgado], 1952.08.11-1952.09.27, 2 cartas; Lisboa
[1191] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00109/086, [Cópia de carta de Fernando da Silva Correia para Luís Ibérico Nogueira], 1959.07.24.

> “Para mais, uns achaques, próprios de sexagenário, proporcionavam-me este ano uma espécie de férias.” (Correia, 1960b, p. 5)[1192].

> "Tiveste o condão de envelhecer por fora, duma vez, em altura que ninguem acreditava em tal velhice, visto teres 20 anos. A tua caréca ficou assim, na história do curso e na onomástica dos condiscípulos. Mas afinal, estás o mesmo rapaz, eufórico, esfuziante, cheio de vivacidade e de piada, alma de mais"[1193].

No final de 1960, como já foi referido, ainda tentou obter uma bolsa para dar continuidade aos seus estudos sobre a história da assistência, mas não foi possível, pelo que, após uma extensa homenagem em janeiro de 1961, entrou num "periodo de transição" até à saída definitiva do Instituto, que Francisco António Gonçalves Ferreira lamentava por achar que

> “(…) teria ainda muita coisa importante a resolver no Instituto neste interregno de 2 anos e é pena que a sua disposição de espírito, condicionada em grande parte pelas contingências e anormalidade do ambiente, não lhe deixe vontade para o fazer."[1194]

Com “anormalidade do ambiente”, o médico Gonçalves Ferreira deve referir-se às dificuldades impostas à fundação da Escola Nacional de Saúde Pública integrar no Instituto, tal como era pretensão de Fernando da Silva Correia, expressa em reunião do Conselho Superior de Higiene e Assistência Social[1195].

Aposentado, Fernando da Silva Correia procurou continuar a editar fontes importantes para a história da assistência, como a de Jorge de S. Paulo, em 1959 levara à estampa mais uma parte do seu manuscrito - *Antiguidades das Caldas e do tempo da Rainha D. Leonor* – e a edição completa foi editada em 1967 pela Academia das Ciências

[1192] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00024/006, [Carta de Flávio Santos], 1960.06.06-1960.06.09; Beja. PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00095/005, [Bilhete de Fernando Pereira da Silva Sardo/ Delegação de Saúde do distrito da Guarda], 1959.08.22-1959.09.01; Guarda.

[1193] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00074/037, [Correspondência de Maximino José de Morais Correia], 1960.02.16; Coimbra.

[1194] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00501/046, [Carta de Francisco António Gonçalves Ferreira/ Delegação do Porto do Instituto Superior de Higiene Doutor Ricardo Jorge], 1961.06.09; Porto.

[1195] PT/PH/AFSC/FSC/B-05/00264, [Conselho Superior de Higiene e Assistência Social], 1947.06.11-1960.12.30.

depois de um pedido deste médico (Serra & Cândido, 1995 p. XIX). Nesta altura, iniciou os artigos "De sanitate in Lusitania monumenta historica" (1960 e 1963) outro exemplo dessa intenção, um pouco em continuidade de "Charitatis Monumenta Historica" e também publicados no *Boletim da Assistência Social*. E ainda em 1960 surgiu no *Boletim dos Hospitais Civis de Lisboa* uma edição do "Regimento proveitoso contra a pestenença". Nos anos seguintes continuará sempre a trabalhar e, além destes temas históricos ou outros relacionais com a classe médica, escreveu sobre a "Moeda árabe rara. Uma lição do Prof. David Lopes" (1966). Neste período manteve correspondência com alguns dos seus condiscípulos, com destaque para Maximino Correia, de Coimbra. Faleceu a 19 de dezembro de 1966, em Lisboa, estando atualmente sepultado na ala da Liga dos Combatentes do Cemitério do Alto de São João, Lisboa.

CONCLUSÃO

A presente Tese teve como objetivos o tratamento do arquivo pessoal e familiar Fernando da Silva Correia e a análise da sua produção informacional e documental baseada na relação preestabelecida entre os documentos, em particular a correspondência (recebida), no quadro orgânico-funcional que presidiu ao tratamento. Ambos, os objetivos, pretendem garantir o acesso facilitado à documentação do arquivo e aos seus contextos de produção, tendo em vista a construção de identidade e património científicos.

Para tal, foi inicialmente abordado o trabalho já desenvolvido em torno deste arquivo em *"Há correias que imprimem movimento": o espólio de Fernando da Silva Correia (1893-1966)* (2018). Esta era uma abordagem necessária para dar conta do trabalho já desenvolvido relativamente à história custodial que justifica a classificação deste conjunto documental como híbrido, assim como para a elaboração de notas biográficas do restantes produtores informacionais, alargadas na presente Tese. Esse trabalho é ainda mencionado para análise promovida em torno dos tratamentos arquivísticos anteriores, que influenciaram a proposta adotada atualmente.

Essa proposta, baseada no quadro orgânico-funcional, é igualmente um reflexo da pesquisa desenvolvida ao longo da primeira parte da Tese, em que se desenvolve uma abordagem 1) à relação entre CI, AH e arquivos pessoais; 2) ao estudo e tratamento dos arquivos pessoais e no seio dos de cientistas e os de médicos; 3) à relevância do contexto nesta área e como elemento fundamental para a definição desse mesmo quadro; 4) aos tipos documentais presentes no arquivo em tratamento, como forma de entender a relação possível entre os documentos e as práticas arquivísticas que lhes conferiram uma determinada disposição física, mantida ao longo deste trabalho, mas de causa pouco evidente; e 5) em que se procura definir algumas das ferramentas pensadas para ajudar o utilizador a procurar informação de acordo com o quadro e alguns pontos de acesso.

Neste sentido, vale a pena relembrar que a proposta de quadro orgânico-funcional adotada remete para uma divisão entre os vários produtores informacionais, sendo que existe uma estrutura mais complexa para o subsistema Fernando da Silva

Correia, que é reconhecido como o principal produtor informacional. Assim sendo, a sua biografia e atividade profissional deram contexto à divisão em 4 secções, referente à A) Adolescência e Juventude; B) Idade Adulta; C) Velhice e D) Jornais e Periódicos. É, no entanto, na secção B que a maioria da documentação está reunida, por ser esta a secção que corresponde à sua vida ativa profissionalmente.

Esta secção B está dividida em 7 subsecções que se ligam a diferentes cargos profissionais de Fernando da Silva Correia. Para dar conta da produção que cada um destes 7 conjuntos encerra, na parte 2 estabeleceram-se 6 subcapítulos (do capítulo 2) que pretendem apresentar, a partir da descrição arquivística com os elementos definidos acima e tendo por base o quadro orgânico-funcional, a produção informacional de Fernando da Silva Correia, aliada a aspetos biográficos ou relativos ao contexto (científico ou não) dessa produção. Sendo que, é muitas vezes esta produção que fornece esses mesmos elementos biográficos ou contextuais.

Assim, começa-se por uma abordagem, à Secção A, aos primeiros anos de vida de Fernando da Silva Correia e dos seus primeiros contactos com as letras, percorrendo todo o seu percurso estudantil, incluindo a passagem pela Universidade de Coimbra. Desta forma, procurou-se dar conta dos contactos estabelecidos durante este período, entre 1904 e 1917, considerando que muitos foram mantidos ao longo da vida, de forma a contribuir para a definição de um primeiro núcleo identitário profissional/ académico. Fernando da Silva Correia é, neste contexto, apontado como um dos principais responsáveis pela definição identitária da sua geração por ter contribuído para a sua caracterização a partir de duas obras literárias: a peça de teatro *À sombra de Esculápio* (1917) e *Vida errada: o romance de Coimbra* (1933 e 1960).

Como primeiro cargo profissional, referente à subsecção B-01, desenvolveu-se a participação de Fernando da Silva Correia na Grande Guerra (1914-1918). Entre 1917 e 1919, este médico tem uma intervenção num evento histórico de escala internacional, que conduziu a uma produção informacional anormal, quando comparada com o resto da sua vida: a diária troca epistolar com a família e a reunião de 5 centenas de fotografias. Além da identidade militar, que entre outros aspetos está presente na pertença à Liga dos Combatentes, este período permitiu a relação com um pequeno e próximo grupo de amigos e condiscípulos que originou contactos ao longo da vida.

O regresso às Caldas da Rainha em 1919, plasmado na subsecção B-02, correspondeu a novos desafios profissionais, que incluíram a prática clínica, e que trouxeram novas trocas epistolares e contactos médicos. Entre 1921 e 1934 foi médico municipal, (sub)delegado e inspetor de saúde dessa vila/cidade, o que o levou a desempenhar funções em diversas instituições como o Laboratório Municipal, o Lactário-Creche rainha D. Leonor, o Dispensário de Profilaxia Social e, na vertente termal da sua atividade, o Hospital Termal e o Balneário das Águas Santas. Em simultâneo, a documentação atesta a larga participação cultural na região.

Ainda nas Caldas da Rainha, a subsecção B-03 foi associada à B-06 e à série B-02.1, procurando dar conta da intensa atividade de Fernando da Silva Correia, entre 1934 e 1943/1946, enquanto inspetor da 3.ª área de saúde escolar, estudante de doutoramento e membro do conselho diretivo da Ordem dos Médicos, que originou um conflito profissional com a CP, em que era diretor do Posto Médico das Caldas da Rainha desde 1924. Destacando-se ainda o seu papel na revista *A Saúde Escolar* e o seu contributo para a caracterização da classe médica, através do pseudónimo Velho Galeno.

Segue-se na sua atividade profissional a reunião de trabalhos e cargos relacionados com a Assistência Social ou a História da Assistência, que conjuga as secções B-07 e B-04, assim como as séries B-02.5 e B-03.2, correspondente à atividade entre 1927 e 1958 (principalmente). Assim se procura demonstrar como a sua intervenção para a fundação da Misericórdia das Caldas da Rainha (1928), representa o início da sua atividade em torno das Misericórdias. A esta não é alheio o interesse já demonstrado em investigar e homenagear a rainha D. Leonor (nos centenários de 1925 e 1958). Assim se aborda o percurso de investigação que, enquanto equiparado a bolseiro do Instituto para a Alta Cultura, conduziu à publicação de (entre outras obras) *Origens e Formação das Misericórdias Portugueses* (1944). Esta análise sobre história da assistência encontra raízes nas aulas lecionadas no Instituto de Serviço Social de Lisboa entre 1935 e 1957 e cria raízes para o trabalho desenvolvido a partir do Subsecretariado de Estado da Assistência Social, na direção do *Boletim da Assistência Social*, entre 1943 e 1946.

A parte 2 finaliza com uma abordagem à secção B-05, dando conta de toda a atividade de Fernando da Silva Correia no ISHRJ (1935-1961), incluindo as suas funções de professor e diretor e dando destaque ao "culto da figura" de Ricardo Jorge que tanto admirava, especialmente no âmbito da Comissão Organizadora das Comemorações do Centenário do Nascimento desse médico. Neste período manteve uma participação ativa do seio da classe médica e dirigiu o *Boletim do Instituto*. Após a aposentação em 1961 e até ao final da vida, conduziu outras pequenas investigações que, na sua maioria, complementaram temas trabalhados anteriormente.

No início desta parte 2 são colocadas questões que se prendem com a construção de identidade científica no decurso da vida de Fernando da Silva e da análise da sua produção documental e, em particular, da correspondência. A resposta deve resumir o que foi descrito e, de certa forma, contribuir para a caracterização breve do património científico deste médico. O que se procurou mostrar foi que a vivência académica e profissional motiva toda ao quase toda a produção documental de Fernando da Silva Correia, ainda que se possa atribuir parte dos seus estudos historiográficos à curiosidade pelo meio envolvente. A comunicação que advém dessa produção documental ajuda, a cada momento e associada a cada tarefa ou instituição, a definir, por um lado, a comunidade científica em contacto e, por outro, a ação comum ou informada que pode partir dessas redes (científicas) e modificar as práticas científicas e profissionais da área. Pensa-se, neste âmbito, nos vários contactos que Fernando da Silva Correia recebeu para ajudar a fundar instituições assistenciais ou a fazer a história destas.

A última destas questões está relacionada com a forma como a produção documental de Fernando da Silva Correia reflete a(s) identidade(s) científica(s) a que pode ser associado. A resposta é: a produção documental e a obra, sendo que ambas podem significar o mesmo nalguns momentos, reflete de forma quase plena, até onde nos foi possível averiguar, a pertença a diferentes contextos da vida de Fernando da Silva Correia, que no seu plano geral ajudam a caracterizar a diversidade de especialidades médicas ou de ramos profissionais a que o médico na primeira metade do século XX se podia associar.

Mais do que isso, a produção documental de Fernando da Silva Correia ajuda a confirmar uma das ideias de Frederico Ágoas, também expressa pelo próprio médico

nalguns momentos, e, em particular, por Joaquim Vieira Natividade, de que a sua abordagem diversificada tinha como objetivo último analisar o homem, prescindindo por vezes de se centrar na perspetiva médica.

Por fim, vale a pena mencionar, que ao longo desta exposição se procurou valorizar o património documental e científico de Fernando da Silva Correia através do seu tratamento arquivístico e do seu estudo. Partindo do princípio, que somente com estes passos consolidados é mais fácil pensar noutras formas de divulgação deste conjunto documental, além das que já foram desenvolvidas nos últimos anos da investigação em seu torno. Desde o início, que se pensou quão imperativa era a definição dessa divulgação, em primeiro lugar, a partir do local onde foi produzida parte do arquivo e onde hoje pode ser consultado. Partindo daí para outros possíveis circuitos patrimoniais regionais, nacionais e internacionais, que se tornam mais facilmente alcançáveis depois de conhecida a totalidade da produção do arquivo e de aprofundada a relação entre esta e a vida do seu produtor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arquivos consultados (além do objeto de estudo)

Arquivo Distrital da Guarda (online)

Arquivo Distrital de Leiria

Arquivo Distrital de Évora (online)

Arquivo Histórico Municipal das Caldas da Rainha

Boletins individuais do CEP, Arquivo Histórico Militar (online)

Arquivo Municipal de Leiria (online)

Arquivo da Universidade de Coimbra

Arquivo Histórico da Presidência da República (online)

Arquivo da Liga dos Combatentes

Arquivo Nacional Torre do Tombo

Biblioteca Nacional de Portugal

Biblioteca da Saúde do Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge

Arquivo do Museu do Hospital e das Caldas

Arquivo do Instituto Camões

Arquivo da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, Arquivo Distrital do Porto

Arquivo Distrital de Leiria

Centro de Documentação da Fundação Bissaya Barreto

Arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian

Arquivo da Secretaria-Geral da Educação e Ciência

Arquivo da Santa Casa da Misericórdia das Caldas da Rainha

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

Arquivo da Ordem dos Médicos

Wellcome Collection

Coleção documental Margarida Abreu (*online* na Plataforma PAPIR da Universidade Católica de Lisboa).

Fontes impressas

AA.VV. (1987). *Francisco Elias. Exposição de Miniaturas de Francisco Elias. Catálogo* (Câmara Municipal das Caldas da Rainha, Museu da Cerâmica e Comissão Executiva das Comemorações do cinquentenário da morte de Francisco Elias).

Boletim do Instituto Superior de Higiene Doutor Ricardo Jorge: Vol. I. (1946). Oficinas Gráficas Casa Portuguesa. https://www.insa.min-saude.pt/arquivos-do-instituto-nacional-de-saude-1912-2001/.

Boletim do Instituto Superior de Higiene Doutor Ricardo Jorge: Vol. V. (1950). Oficinas Gráficas Casa Portuguesa. https://www.insa.min-saude.pt/arquivos-do-instituto-nacional-de-saude-1912-2001/.

Correia, F. da S. (1915). *A máscara*. Moura Marques.

- (1917). *À sombra de Esculápio: Revista de costumes de Coimbra, ligados com a vida de estudantes de medicina de MCMXI a MCMXVII*. Moura Marques.

- (1919). *Profilaxia das febres tifóides e paratifóides A e B pela vacinação.* https://almamater.sib.uc.pt/pt-pt/node/87970.

- (1931a). *Breviário de higiene* (2a ed). Dispensário de Profilaxia Social das Caldas da Rainha.

- (1931b). *Breviário de higiene moral* (Dispensário de Profilaxia Social das Caldas da Rainha). Tipografia Caldense.

- (1931c, maio 24). Os inimigos da higiene. *Separata de A medicina contemporânea*, *21*.

- (1933). *Um ensaio de acção médico-social: Relatório*. Dispensário de Profilaxia Social.

- (1934). *Problemas de Higiene e Puericultura*. Imprensa da Universidade de Coimbra.

- (1938a). *Curriculum vitae*. s.n.].

- (1938b). *Portugal Sanitário (Subsídios para o seu estudo)*. Direcção-Geral de Saúde Pública.

- (1941). Exame de consciência. *Jornal do Médico*, *25*.

- (1945). *I Semana Portuguesa de Higiene: Relatório*. s.n.].

- (1946a). A Higiene Municipal em Portugal em 1929. *Boletim da Assistência Social*, *35–36*, 370–398.

- (1946b). A Lição da História—Evolução geral do Instituto Superior de Higiene. *Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge*, *1*, 40–47.

- (1948). Médico Inspector das Águas Minero-Medicinais. *Clínica, Higiene e Hidrologia*, *XIV*(5).

- (1951). *S. João de Deus: Algumas razões humanas do êxito de João Cidade*. s.n.

- (1954). *Portugal na História da Medicina Social* (Vol. 1). Imprensa Médica.

- (1956). *O doutor Serras e Silva e a pedagogia do exemplo*. s.n.

- (1958). O centenário de um «rapaz de há 75 anos». *Rua Larga*, *11*.

- (1960a). *A vida, a obra, o estilo, as lições e o prestígio de Ricardo Jorge*. Inst. Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge.

- (1960b). *Vida Errada: O romance de Coimbra* (2ª edição). Coimbra Editora, Limitada.

- (1995). *Pergaminhos das Caldas* (1a edição). Património Histórico - Grupo de Estudos. 321

- (1999). *Origens e formação das Misericórdias Portuguesas* (2a edição). Livros Horizonte.

- & Lepierre, C. (1922). *Guia prático das águas minero-medicinaes portuguezas*. Moura Marques & Filho.

- & Pinto, A. C. (1951). A lição da rainha D. Leonor em matéria de assistência. *Imprensa Médica*.

Forsado, R. (1936). Duas obras de bemfazer. Sôbre o edifício da Misericórdia. O Lactário-Créche Rainha D. Leonor. *Álbum das Caldas*.

Lactário-Creche Rainha D. Leonor. (1928). *Estatutos e Regulamento Interno do Lactário-Creche Rainha D. Leonor das Caldas da Rainha*. Tipografia Caldense.

Lactário-Creche Rainha D. Leonor. (1932). *Relatório e contas de sete anos de gerência (1925-1932)*. Tipografia Caldense.

Madahil, A. S., & Correia, F. da S. (1956). *O concelho das Caldas da Rainha: Monografia sanitária*. Imp. Médica.

Oliveira, A. H. de (Ed.). (1969). *Resenha bibliográfica da importante e valiosa biblioteca formada pelo ilustre médico e higienista Dr. Fernando da Silva Correia*. Oficinas Gráficas da Sociedade de Papelaria.

Ribeirete, A. B. (1937). *Dispensário de Profilaxia Social das Caldas da Rainha: Relatório da visitadora*.

Ribeirete, A. B. (1940). Dispensário de Profilaxia Social das Caldas da Rainha: Relatório da visitadora. *Imprensa Médica*, VI(6).

Estudos

AA.VV. (2018). *Um Médico na Grande Guerra. Fernando da Silva Correia*.

Abreu, C. (1999). *Limpos, sadios e dóceis: História de Saúde Escolar em Portugal no Estado Novo: 1930 a 1960*. Volume 1. [Tese de mestrado em Ciências da Educação (História da Educação-Educação Comparada), Univ. de Lisboa, 1999] https://repositorio.ul.pt/handle/10451/27407.

Abreu, C. M. (2014). Acerca do espólio de Júlio Dinis: Um percurso investigativo. Em *Medicina e Informação: Olhares luso-brasileiros* (pp. 465–479). Edições Afrontamento.

Ackerknecht, E. H., Rosenberg, C. E., & Haushofer, L. (2016). *A Short History of Medicine*. Johns Hopkins University Press. https://muse.jhu.edu/book/72120.

Ágoas, F. (2010). *Saber e poder: Estado e investigação social agrária nos primórdios da Sociologia em Portugal* [Dissertação de Doutoramento em Sociologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa]. https://run.unl.pt/handle/10362/5815.

Almeida, A. da S. (2017). *A saúde no Estado Novo de Salazar (1933-1968): Políticas, sistemas e estruturas* [Doutoramento em História, especialidade de História Contemporânea, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa]. https://repositorio.ul.pt/handle/10451/30337.

Almeida, M. A. P. de. (2014). Combatendo epidemias: Bernardino António Gomes, Sousa Martins, Ricardo Jorge, Câmara Pestana, Almeida Garrett e Fernando da Silva Correia. Em *Espaços e actores da ciência em Portugal (XVIII-XX)* (pp. 309–326). Caleidoscópio.

Almeida, M. A. F. P. (2023). Correia, Fernando da Silva. Em *Dicionário Biográfico de Cientistas, Engenheiros e Médicos em Portugal* (Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia). https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/87481.

Alonso, I., Martín, P., & Toledano, A. C. (2002). Descripción de la serie «Correspondencia recibida por los familiares de Miguel de Unamuno». *Cuadernos de la Cátedra Miguel de Unamuno*, *37*, 125–201. https://revistas.usal.es/dos/index.php/0210-749X/article/view/1497/1563.

Alves, I. (Ed.). (1993). *Dicionário de terminologia arquivística*. Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Organismo de Normalização Sectorial para a Informação e Documentação.

Alves, J. F. (2008). Ricardo Jorge e a Saúde Pública. Um «Apostolado Sanitário». *Arquivos de Medicina*, *22*(2/3), 85–90. https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/20047.

Alves, M. V. (2014). *História da Medicina em Portugal — Origens, ligações e contextos*. Porto Editora.

Amaral, I. (2017). A geração de 1911. Em *Médicos e Sociedade – para uma história da Medicina em Portugal no século XX.* By the book, pp. 157–172.

Amaral, I. (2023). *Pelos labirintos da História da medicina Portuguesa nos séculos XIX e XX*. Prime Books.

Anderson, R. (Ed.). (1997). *Personal Medical Information: Security, Engineering, and Ethics*. Springer Berlin Heidelberg. https://doi.org/10.1007/978-3-642-59023-8.

Anheim, É. (2019). Science des archives, science de l'histoire. *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, *74*(3–4), 507–520. https://doi.org/10.1017/ahss.2020.56.

Anheim, É., & Poncet, O. (2004). Fabrique des archives, fabrique de l'histoire. *Revue de Synthèse*, *125*(1), 1–14. https://doi.org/10.1007/BF02963690.

Araújo, A. C. (2016). Narrar e silenciar o quotidiano: A correspondência de Gabriella Asinari di San Marzano Sousa Coutinho (1789 – 1821). *Revista Portuguesa de História*, *47*, 269–291. https://doi.org/10.14195/0870-4147_47_14.

Araújo, C. A. Á. (2014). O que é a Ciência da Informação? *Inf. Inf.*, *19*(1), 1–30. https://doi.org/10.5433/1981-8920.2014v19n1p01.

Araújo, C. A. Á. (2022). Os desafios da pós-verdade: Por uma virada veritística na Ciência da Informação. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, *extra 1*, Artigo extra 1. https://doi.org/10.14195/2182-7974_extra2022_1_1.

Araújo Júnior, R. H. de, & Alvares, L. M. A. de R. (2010). Marcos históricos da Ciência da Informação: Breve cronologia dos pioneiros, das obras clássicas e dos eventos

fundamentais. *Transinformação*, 22(3). https://repositorio.unb.br/handle/10482/12995.

Arquivo Nacional (Brazil) (Ed.). (2005). *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Casa Civil, Presidência da República, Arquivo Nacional. https://www.gov.br/conarq/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/dicionrio_de_terminologia_arquivistica.pdf.

Aspray, W. (2015). The Many Histories of Information. *Information & Culture*, *50*(1), 1–23. https://www.jstor.org/stable/43737498.

Bandeira, A. M. L. (2017). "Mano muito do meu coração…" Reconstituição do arquivo pessoal de D. Francisco de Lemos e transcrição das cartas de seu irmão João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho (1775-1779). *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, *30*, 35–160. https://doi.org/10.14195/2182-7974_30_2.

Barcellos, R. S. (2018, outubro). Arquivos pessoais como fonte para perpetuar a memória. *Revista do CEPA*, *37*(49). https://online.unisc.br/seer/index.php/cepa.

Barras, V., Fangerau, H., Lekka, V., Nieznanowska, J., & Steinke, H. (2021). A New Medical History Journal. *European Journal for the History of Medicine and Health*, *78*(1), 1–3. https://doi.org/10.1163/26667711-78010027.

Barreira, C. (2014). Do escalpelo para arte: O acervo do Prof. João Barreira (1866-1961). Em *Medicina e Informação. Olhares luso-brasileiros* (pp. 427–448).

Barrett, C. (2013). Respect Which Fonds? Personal Archives and Family Businesses in Nova Scotia. *Archivaria*, 75–92. https://archivaria.ca/index.php/archivaria/article/view/13459.

Barros, A. J. M. (Org.). (2011). *Cartas da Índia: Correspondência privada de Jorge de Amaral e Vasconcelos (1649-1656)*. CITCEM, Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória». https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10406.pdf.

Bastos, C. (2011). *Clínica, arte e sociedade: A sífilis no Hospital do Desterro e na saúde pública*. Imprensa de Ciências Sociais. https://repositorio.ul.pt/handle/10451/20068.

Bastos, C., & Barreto, R. (2012). *A circulação do conhecimento: Medicina, redes e impérios* (Número 2ª). Imprensa de Ciências Sociais. https://repositorio.ul.pt/handle/10451/22894.

Bawden, D., & Robinson, L. (2022). *Introduction to information science* (Second edition). Facet Publishing.

Belovari, S. (2018). Leaving a Trail: Personal Papers and Public Archives Part Two – The Archivist's Story. *Archivaria*, 90–117. https://archivaria.ca/index.php/archivaria/article/view/13645.

Belton, T. (1996). By Whose Warrant? Analyzing Documentary Form and Procedure. *Archivaria*, 41, 206–220. https://archivaria.ca/index.php/archivaria/article/view/12133/13135.

Berg, T. V. V. de. (2019). Os arquivos pessoais como objecto de pesquisa em arquivologia. Em *Arquivos pessoais. Experiências e perspectivas* (Associação de Arquivistas de São Paulo, pp. 12–31). http://arqsp.org.br/wp-content/uploads/2019/05/CAMPOS-2019-Arquivos-pessoais-experi%C3%AAncias-e-perspectivas.pdf.

Berger, J. P. (2019). O Corpo de Artilharia Pesada Independente. A sua participação na Grande Guerra ao lado da França. *Anais Leirienses: estudos & documentos*, *3*, 235–248.

Bert, J.-F., & Ratcliff, M. (2015). *Frontière d'archives: Recherches, mémoires, savoirs*. Editions des archives contemporaines. https://serval.unil.ch/resource/serval:BIB_A2CBA647BB07.P002/REF.pdf.

Bert, J.-F., & Ratcliff, M. (2015). Introduction. Pourquoi archive-t-on les savoirs aujourd'hui? Et comment. Em *Frontière d'archives: Recherches, mémoires, savoirs*. Editions des archives contemporaines, pp. iii-xiii. https://serval.unil.ch/resource/serval:BIB_A2CBA647BB07.P002/REF.pdf.

Bertrand, M., Guzzi-Heeb, S., & Lemercier, C. (2011). Introducción: ¿en qué punto se encuentra el análisis de redes en Historia? *Redes. Revista hispana para el análisis de redes sociales*, 21(2), Artigo 2. https://doi.org/10.5565/rev/redes.416.

Beunza, J. M. I., & Ruiz, L. A. (2011). Redes sociales y correspondencia epistolar. Del análisis cualitativo de las relaciones personales a la reconstrucción de redes

egocentradas. *Redes. Revista hispana para el análisis de redes sociales*, 21(2), Artigo 2. https://doi.org/10.5565/rev/redes.419.

Black, A. (1999). Information management in business, libraries and British military intelligence: Towards a history of information management. *Journal of Documentation*, *55*(4), 361–374. https://doi.org/10.1108/EUM0000000007150.

Black, A., Muddiman, D., & Plant, H. (2007). *The early information society: Information management in Britain before the computer*. Ashgate.

Blais, G., & Enns, D. (1990). From Paper Archives to People Archives: Public Programming in the Management of Archives. *Archivaria,* 31. https://archivaria.ca/index.php/archivaria/article/view/11723.

Blouin, F., & Rosenberg, W. (Eds.). (2006). *Archives, Documentation, and Institutions of Social Memory: Essays from the Sawyer Seminar*. University of Michigan Press. https://doi.org/10.3998/mpub.93171.

Blouin Jr., F. X., & Rosenberg, W. G. (2011). *Processing the past. Contexting authority in history and the archives*. Oxford University Press.

Boonstra, O., Breure, L., & Doorn, P. (2006). *Past, present and future of historical information science*. DANS. https://doi.org/10.26530/OAPEN_353255.

Borja de Aguinagalde. (1985). El archivo de la Casa de Zavala. *Cuadernos de historia-geografia*, *6*, 199–311.

Borja de Aguinagalde, F. (2017, novembro). Archivos de família, archivos domésticos. Retos y oportunidades en un entorno de cambios. *Actas do 4.º Congresso Internacional Casa Nobre - Um património para o futuro*, 590–603.

Brandão, T. (2017). *Da organização da Ciência à política científica em Portugal (1910-1974): A emergência da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica*. Edições Caleidoscópio.

Brandão, T. (Ed.). (2020). *História biográfica e intelectual da ciência e da tecnologia. Atores, ideias e identidades*. Instituto de História Contemporânea, FCSH/UNL. https://doi.org/10.34619/hsef-1017.

Brown, T. (1980). Architecture as Therapy. *Archivaria*, 10, 99–124. https://archivaria.ca/index.php/archivaria/article/view/10813.

Bryant, W. C., & Voss, T. G. (1975). *The Letters of William Cullen Bryant: Volume I, 1809–1836*. Fordham University Press. https://muse.jhu.edu/book/73008.

Burdiel, I., & Foster, R. (Eds.). (2015). *La historia biografica en Europa. Nuevas perspectivas.* Institución Fernando el Católico. https://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=654072.

Bushey, J. (2012). ICA-AtoM: open-source software for archival description. *Archivi & Computer*. https://www.ica-atom.org/download/ICA-AtoM_JBushey.pdf.

Calafate, P. (Ed.). (2000). *História do Pensamento Filosófico Português. O Século XX:* Vol. V-tomo 2. Editorial Caminho.

Camargo, A. M. de A. (2009). Arquivos pessoais são arquivos. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, 27–39. http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/2009-2-A02.pdf.

Caminhos da Arquivística Histórica I: materialidades, contextos de produção de informação, representações documentais. (2023). *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, *36*(2). https://impactum-journals.uc.pt/boletimauc/issue/view/783.

Caminhos da Arquivística Histórica II: epistemologias, práticas, propostas. (2024). *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, *Extra 1*. https://impactum-journals.uc.pt/boletimauc/issue/view/776.

Campos, J. F. G. (Ed.). (2017). *Arquivos pessoais. Experiências, reflexões, perspectivas.* Associação de Arquivistas de São Paulo (ARQ-SP). https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/42000/2/Arquivos%20pessoais%20e%20a%20a%20mem%C3%B3ria%20das%20institui%C3%A7%C3%B5es-%20o%20caso%20da%20universidade%20de%20S%C3%A3o%20Paulo%20pdf.pdf.

Cândido, P. (1999). *Arquivo Pessoal de Fernando da Silva Correia*.

Cardoso, J. L. (2002). Correspondência anotada de Abel Viana a O. da Veiga Ferreira (1947-1964). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, *10*, 415–608. https://www.researchgate.net/publication/274377621_Correspondencia_anotada_de_Abel_Viana_a_O_da_Veiga_Ferreira_1947-1946.

Cardoso, J. L. (2004). Correspondência anotada de David Lopes a José Leite de Vasconcelos. *Separata do «Svmmvs Philologvs Necnon Verborvm Imperador». Colectânia de Estudos em Homenagem ao Académico de Mérito Professor Dr.*

José Pedro Machado no seu 90º Aniversário, 451–504. https://core.ac.uk/download/pdf/61423495.pdf.

Cardoso, J. L. (2008). Correspondência seleccionada enviada a O. da Veiga Ferreira: Cinquenta anos de actividade arqueológica (1946-1995). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, *16*, 383–408. https://www.academia.edu/34578236/Correspond%C3%AAncia_seleccionada_enviada_a_O_da_Veiga_Ferreira_cinquenta_anos_de_actividade_arqueol%C3%B3gica_1946_1995_.

Cardoso, J. L. (2017). Correspondência epistolar remetida por eminentes pré-historiadores espanhóis ou que trabalharam essencialmente em Espanha a José Leite de Vasconcelos (1853-1941). *Estudos Arqueológicos de Oeiras: A Rui Boaventura: homenagem à sua memória*, *23*, 393–458. https://eao.oeiras.pt/index.php/DOC/article/view/301.

Cardoso, J. L., & Melo, A. Á. de. (2005). Correspondência de Joaquim Fontes (1892-1960): Contributos para a história da arqueologia peninsular. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, *13*, 195–320. http://hdl.handle.net/10400.2/6038.

Carvalho, A. de. (2012). *Memórias das Caldas da Rainha (1484-1884).* Textiverso.

Carvalho, R. P. de. (2021). O Serviço de Saúde do Corpo Expedicionário Português (CEP). Em *O Exército e a Saúde Militar na Primeira Guerra Mundial: Memórias e progressos*. Biblioteca do Exército.

Carvalho, S. A. C. de. (2018). *O arquivo pessoal como construção auto/biográfica: A (re)construção da narrativa de vida do arquivo pessoal Godofredo Ferreira*. [Dissertação de Mestrado em Ciências da Documentação e Informação na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa] https://repositorio.ul.pt/handle/10451/35100.

Castells, M. (2002). *A Sociedade em rede*. Fundação Calouste Gulbenkian.

Castro, C. (2013). Os cientistas e seus arquivos. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, *20*(3), 1079–1080. https://doi.org/10.1590/S0104-59702013000300018.

Castro, R. D. de. (2015). Correspondência de Julio Porto-Carrero a Arthur Ramos: A Sociedade Brasileira de Psicanálise e a preocupação com a tradução dos termos psicanalíticos, décadas de 1920 e 1930. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, *22*(4), 1451–1465. https://doi.org/10.1590/S0104-59702015000400014.

Conselho Internacional de Arquivos. (2002). *ISAD(G): Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística* (2ª. ed.). Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo.

Conselho Internacional de Arquivos. (2004). *ISAAR(CPF): Norma Internacional de Registos de Autoridade Arquivística para Pessoas Colectivas, Pessoas Singulares e Famílias* (2.ª Ed.). Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo.

Conselho Internacional de Arquivos. (2009). *ISDIAH: Norma Internacional para Descrição de Instituições com Acervo Arquivístico* (Arquivo Nacional).

Cook, T. (1984). From Information to Knowledge: An Intellectual Paradigm for Archives. *Archivaria*, 19, 28–49. https://archivaria.ca/index.php/archivaria/article/view/11133.

Cook, T. (1993). The Concept of the Archival Fonds in the Post-Custodial Era: Theory, Problems and Solutions. *Archivaria*, 35, 24–37. https://archivaria.ca/index.php/archivaria/article/view/11882.

Cook, T. (1997). What is Past is Prologue: A History of Archival Ideas Since 1898, and the Future Paradigm Shift. *Archivaria,* 43, 17-63. https://archivaria.ca/index.php/archivaria/article/view/12175.

Cook, T. (1998). Arquivos pessoais e arquivos institucionais: Para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. *Estudos Históricos (Rio de Janeiro)*, *21*, 129–149.

Cook, T. (2001). Archival science and postmodernism: New formulations for old concepts. *Archival Science*, 1(1), 3–24. https://doi.org/10.1007/BF02435636.

Cook, T. (2009). Remembering the Future: Appraisal of Records and the Role of Archives in Constructing Social Memory. Em *Archives, Documentation, and Institutions of Social Memory. Essays from Sawyer Seminar* (pp. 169–181). The University of Michigan Press.

Cook, T. (2011). The Archive(s) Is a Foreign Country: Historians, Archivists, and the Changing Archival Landscape. *The American Archivist*, 74, 600–632. https://www.jstor.org/stable/23079052.

Correia, M. (2013). *Egas Moniz no seu labirinto*. Imprensa da Universidade de Coimbra. https://doi.org/10.14195/978-989-26-0636-1.

Correia, R. A. (2000). *Uns aos outros: O Monte Pio Caldense 1860-1890.* Património Histórico-Grupo de Estudos.

Cortada, J. W. (2019). Shaping Information History as an Intellectual Discipline. *Information & Culture*, *54*(1), 102–126. https://www.jstor.org/stable/43737424.

Costa, M. L. (2021). *Os Sousa Lobato. Uma família de Cortesãos na viragem para o século XIX*. By the book.

Costa, R. M. P. (2009). *O poder médico no Estado Novo (1945-1974): Afirmação, legitimação e ordenamento profissional*. Universidade do Porto.

Costa, R. M. P. (2012). Luta contra o cancro e oncologia em Portugal: Estruturação e normalização de uma área científica (1839-1974). Porto: CITCEM-Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória : Afrontamento. https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/68602.

Costa, R. M. P. (2018). *Ricardo Jorge: Ciência, humanismo e modernidade* (1.ª ed.). Imprensa da Universidade de Coimbra. https://doi.org/10.14195/978-989-26-1532-5.

Cowman, K. (2014). Touring behind the lines: British soldiers in French towns and cities during the Great War. *Urban History*, 41(1). https://doi.org/10.1017/S0963926813000254.

Cox, R. J. (2010). Yours ever (well, maybe): Studies and signposts in letter writing. *Archival Science*, 10(4), 373–388. https://doi.org/10.1007/s10502-010-9121-2.

Cox, R. J. (2019). Revisiting Archival History. *Information & Culture*, 54(1), 4–11. https://www.jstor.org/stable/26855103.

Craig, B. L. (1994). Memories and the Memorial: Developing and Managing Nursing Archives for Canada. *Canadian Bulletin of Medical History*, 11(1), 237–248. https://doi.org/10.3138/cbmh.11.1.237.

Craig, B. L. (1996). «Archives and Medicine» Revisited: Looking Out, Looking In, and Looking Ahead. *Archivaria*, 41, 41-44. https://archivaria.ca/index.php/archivaria/article/view/12124.

Craig, B. L., Eppard, P. B., & MacNeil, H. (2005). Exploring Perspectives and Themes for Histories of Records and Archives: The First International Conference on the History of Records and Archives (I-CHORA I). *Archivaria*, 60, 1–10. https://archivaria.ca/index.php/archivaria/article/view/12512.

Cruz, A. (2009). O Hospital-Colónia Rovisco Pais: A última leprosaria portuguesa e os universos contingentes da experiência e da memória. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 16(2), 407–431. https://doi.org/10.1590/S0104-59702009000200008

Cunningham, A. (2018). Archives. Em *Encyclopedia of Library and Information Sciences* (4.ª, Vol. 1, pp. 179–194). CRC Press. https://doi.org/10.1081/E-ELIS4.

Curto, D. R. (2013). *Para que serve a história?* (1ª edição). Tinta da China.

Darms, L. (2009). The Archival Object: A Memoir of Disintegration. *Archivaria*, 67, 143–155. https://archivaria.ca/index.php/archivaria/article/view/13212.

David-Ferreira, J. F., & Brandão, T. (2020). *Augusto P. Celestino da Costa (1884-1956): A cruzada pela ciência portuguesa*. Editora Cosmos.

Delicado, A. (2008). Microscópios, batas brancas e tubos de ensaio: Representações da ciência nas exposições científicas. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 83, 79–98. https://doi.org/10.4000/rccs.454.

Diniz, A. A. (2009). "Fernando da Silva Correia - Medicina, Protecção Social e Literatura". *Praça Velha*: revista cultural da cidade da Guarda. Ano XII, N.º 25, 1.ª Série, pp. 23-52.

Diogo, M. P., Luís, C., & Sousa, M. L. (Eds.). (2021). *Inovação e contestação séc. XX* (1a edição). Tinta da China.

Direcção Geral de Arquivos, Programa de Normalização da Descrição em Arquivo, & Grupo de Trabalho de Normalização da Descrição em Arquivo. (2007). *Orientações para a descrição arquivística* (DGARQ). https://antt.dglab.gov.pt/wp-content/uploads/sites/17/2008/09/oda1_2_3.pdf.

Douglas, J. (2015). The Archiving "I": A Closer Look in the Archives of Writers. *Archivaria*, 79, 53–89. https://archivaria.ca/index.php/archivaria/article/view/13527.

Douglas, J. (2018). A call to rethink archival creation: Exploring types of creation in personal archives. *Archival Science*, 18(1), 29–49. https://doi.org/10.1007/s10502-018-9285-8.

Douglas, J., & MacNeil, H. (2009). Arranging the Self: Literary and Archival Perspectives on Writers' Archives. *Archivaria*, 67, 25–39. https://archivaria.ca/index.php/archivaria/article/view/13206.

Douglas, J., & Mills, A. (2018). From the sidelines to the center: Reconsidering the potential of the personal in archives. *Archival Science*, 18(3), 257–277. https://doi.org/10.1007/s10502-018-9295-6

Duarte, Z. (2014). Prefácio. Em *Medicina e Informação: Olhares luso-brasileiro*. Edições Afrontamento, pp. 5–7.

Duarte, Z., & Farias, L. (2009). *A medicina na era da informação*. EDUFBA.

Duarte, Z., & Silva, A. M. da. (2014). «Metainformação sobre metainformação» em sistemas de informação pessoais: Os médicos e a cultura de Portugal e da Bahia. Em *Medicina e Informação: Olhares luso-brasileiros*. Edições Afrontamento, pp. 405–414.

Ducrot, A. (1998). A Classificação dos Arquivos Pessoais e Familiares. *Estudos Históricos (Rio de Janeiro)*, 21, 151–168.

Duffin, J. (2023). *História da Medicina: Uma introdução escandalosamente curta*. Edições 70.

Eastwood, T. (1982). Archives and Social History. *Archivaria*, 14, 3–3. https://archivaria.ca/index.php/archivaria/article/view/10936?articlesBySameAuthorPage=2.

Farias, L. (2017). O arquivo pessoal de Eurico Alves Boaventura: Primeiras escavações. *Revista Légua & Meia*, 5(1), 104. https://doi.org/10.13102/lm.v5i1.2022

Feliciati, P. (2021). Archives in a Graph. The Records in Contexts Ontology within the framework of standards and practices of Archival Description. *JLIS.It*, 12(1), Artigo 1. https://doi.org/10.4403/jlis.it-12675.

Fernandéz Granados, L. (2015). Organización de archivos personales de científicos: El caso del F-LTQ. *Jornadas Archivando: valor, sociedad y archivos*, 283–299. https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5314340.

Ferreira, M. E. (2014). Serviço Social e sociedade, cumplicidades interacções: Contributos para uma análise da produção académica no período de 1936 a 1972. *Intervenção Social*, 32/34, 139-173. https://revistas.lis.ulusiada.pt/index.php/is/article/view/1449.

Fidalgo, A. (2012). *Francisco Fernandes Lopes (1884-1969), historiador do Algarve: Contributo para a historiografia henriquina*. [Dissertação de Mestrado em

História do Algarve da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais] https://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/5965.

Fitas, A. J. S., Príncipe, J., Nunes, M. de F., & Bustamante, M. C. (2012). *A atividade da Junta da educação nacional*. Caleidoscópio.

Fitas, A. J. S., & Videira, A. A. P. (2004). *Cartas entre Guido Beck e Cientistas Portugueses*. Instituto Piaget. http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/3800.

Friedrich, M. (2015). Archival Practices. Producing Knowledge in early modern repositories of writing. Em *Praktiken der Frühen Neuzeit*. Böhläu Verlag Köln Weimar Wien, pp. 468–472.

Gago, A. (2019). *Arquivos e práticas arquivísticas de famílias de elite (Portugal, séculos XV-XVII)* [Doutoramento em História, especialidade de Arquivística Histórica, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa]. https://run.unl.pt/handle/10362/91290.

Gago, A. B. (2017). A importância dos registos de autoridade arquivística nos arquivos de família: O Arquivo Almada e Lencastre Bastos: um caso prático. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, 30, 451–493. https://doi.org/10.14195/2182-7974_30_7.

Gallego Dominguez, O. (1993). *Manual de archivos familiares*. ANABAD.

Garnel, M. R. L. (2003). O poder intelectual dos médicos: finais do século XIX-inícios do século XX. Revista da História das Ideias, vol. 24, 213-253. https://dl.uc.pt/handle/10316.2/93166.

Garnel, M. R. L. (2013). Os médicos, a saúde pública e o Estado improvidente (1890-1926). *Revista Estudos do Século XX*, 13, 281–308. http://dx.doi.org/10.14195/1647-8622_13_16.

Garnel, M. R. L. (2017). Dos médicos, da medicina e da doença na I República (1910-1920). Em *Médicos e Sociedade: Para uma História da Medicina em Portugal no século XX,* pp. 142–156. By the book.

Gavroglu, K. (2007). *O passado das Ciências como história*. Porto Editora.

Gilliland, A. J., McKemmish, S., & Lau, A. J. (Eds.). (2017). *Research in the Archival Multiverse*. Monash University Publishing. https://library.oapen.org/handle/20.500.12657/31429.

Godinho, V. M. (2011). *Problematizar a sociedade*. Quetzal Editores.

Gomes, J. V. (2019). *A importância da história custodial para a reconstrução e compreensão dos arquivos dos juízos dos órfãos da Madeira (séc. XV-1834)*. VI Encontro Internacional de jovens investigadores de História Moderna, Lisboa. https://run.unl.pt/bitstream/10362/97945/1/VI_EJIHM_Livro_de_Resumos.pdf

Gonçalves, M. S., Guimarães, P. M., & Peixoto, P. A. (1996). *Arquivos de Família. Organização e Descrição*. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Vila Real.

Gonçalves, R. R. (2021, dezembro 10). Madalena Garcia: «Os diários de Salazar são um instrumento fundamental para se entender este período da nossa história». *Semanário Novo*.

Graça, A. R. F. de M. (2011). *O arquivo de Luísa Ducla Soares: Uma construção de letras* [Dissertação de mestrado em Arquivística na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa]. https://run.unl.pt/handle/10362/7170.

Graça, L. (2015). História e memória da saúde pública. *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, 33(2), 125–127. https://doi.org/10.1016/j.rpsp.2015.11.001.

Graça, L. (2018). A Escola Nacional de Saúde Pública: Origens e história do ensino da saúde pública em Portugal. *Portuguese Journal of Public Health*, 36(3), 115–133. https://doi.org/10.1159/000496515.

Granger, D. (2015). Quand Clio rencontre Janus. Pour une histoire de l'archivistique. Em *Frontière d'archives: Recherches, mémoires, savoirs*. Editions des archives contemporaines, pp. 49-58.

Guedes, G. M. F. (2017). Fundos pessoais e familiares do Arquivo da Universidade de Coimbra: Ponto de partida para questões e reflexões. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, 30, 517–546. https://doi.org/10.14195/2182-7974_30_9.

Gutiérrez de Armas, J. (2019). *El fondo "conde de siete fuentes": La construcción de la memoria de linaje y la identidad aristocrática a través de un archivo de familia (siglos xvi-xx)* [Universidad de La Laguna]. https://dialnet.unirioja.es/servlet/tesis?codigo=263951.

Harper, P. (2005). *Preserving scientific archives: The work of the National Cataloguing Unit for the Archives of Contemporary Scientists*. Museu de Astronomia e Ciências Afins. https://www.gov.br/mast/pt-

br/imagens/publicacoes/2004/harper_peter_preserving_scientific_archives_the_work_of_the_national_cataloguing_unit_for_the_archives_of_contemporary_scientists.pdf.

Head, R. C., & Rosa, M. de L. (2015). *Rethinking the Archive in Pre-Modern Europe: Family Archives and their Inventories from the 15th to the 19th Century.* IEM-Colecção Estudos, Vol. 13. InPrintout.

Headrick, D. R. (2000). *When information came of age: Technologies of knowledge in the age of reason and revolution, 1700-1850*. Oxford University Press.

Hearne, B. (2018). Leaving a Trail: Personal Papers and Public Archives Part One – The Donor's Story. *Archivaria*, 86, 68–89. https://archivaria.ca/index.php/archivaria/article/view/13644.

Henrique, S. I. D. P. (2020). *Informar, administrar, conservar prova: Circuitos e significados da correspondência no Arquivo Colonial (Direção-Geral do Ultramar, 1835-1910)*. [Tese de doutoramento em Arquivística Histórica na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa]. https://run.unl.pt/handle/10362/95076.

Henriques, L. F., & Rosa, M. de L. (2016). O Arquivo da Casa da Lapa (1804-1832) e os seus inventários: Gestão dos bens e memória dos antepassados. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, 29, 89–132. https://doi.org/10.14195/2182-7974_29_2.

Hernández, C. F. (1998). Correspondencia del Archivo «Carmen Conde-Antonio Oliver». *Monteagudo: Revista de literatura española, hispanoamericana y teoría de la literatura*, 3, 85–102. https://revistas.um.es/monteagudo/article/view/77151.

Heymann, L. Q. (1997). Indivíduo, Memória e Resíduo Histórico: Uma Reflexão sobre Arquivos Pessoais e o Caso Filinto Müller. *Estudos Históricos (Rio de Janeiro)*, 19, 41–66. https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2041/1180.

Hiraux, Françoise (2015). La fabrique contemporaine des archives scientifiques. Em *Frontière d'archives: Recherches, mémoires, savoirs*. Editions des archives contemporaines, pp. 107-116. https://serval.unil.ch/resource/serval:BIB_A2CBA647BB07.P002/REF.pdf.

Hobbs, C. (2001). The Character of Personal Archives: Reflections on the Value of Records of Individuals. *Archivaria*, 52, 126–135. https://archivaria.ca/index.php/archivaria/article/view/12817.

Horsman, P., Ketelaar, E., & Thomassen, T. (2003). New Respect for the Old Order: The Context of the Dutch Manual. *The American Archivist*, 66(2), 249–270. https://www.jstor.org/stable/40294233.

Il futuro della memoria: Atti del Convegno internazionale di studi sugli archivi di famiglie e di persone, Capri, 9-13 settembre 1991. (1997). Convegno internazionale di studi sugli archivi di famiglie e di persone, Roma. Ministero per i beni culturali e ambientali, Ufficio centrale per i beni archivistici.

Iranzo Muñío, M. T. (2009). Arqueología del archivo: Inventarios de los condes de Aranda. Em *El Condado de Aranda y la nobleza española en el Antiguo Régimen.* Institución «Fernando el católico» (C.S.I.C), pp. 85–114. https://ifc.dpz.es/recursos/publicaciones/29/67/_ebook.pdf.

ISO 24083. Information and documentation—Internation archives statistics. (2021). ISO.

Iumatti, P. T., & Nicodemo, T. L. (2018). Arquivos pessoais e a escrita da história no Brasil: Um balanço crítico. *Revista Brasileira de História*, 38(78), 97–120. https://doi.org/10.1590/1806-93472018v38n78-05.

Jacyna, L. S. (2008). *Medicine and modernism: A biography of Sir Henry Head*. Pickering & Chatto. https://www.jstor.org/stable/j.ctt1djmj28.

Janeirinho, R., Venâncio, R., & Santos, S. (2019). Dr. Bonifácio, Peniche e a Grande Guerra. *Anais Leirienses: estudos & documentos*, 3, 53–56.

Ketelaar, E. (1996). Archival Theory and the Dutch Manual. *Archivaria*, 41, 31–40. https://archivaria.ca/index.php/archivaria/article/view/12123.

Ketelaar, E. (2004). Time future contained in time past. Archival science in the 21st century. *Journal of the Japan Society for Archival Science*, *1*, 20–35.

Ketelaar, E. (2014). Accountability portrayed: Documents on regents' group portraits in the Dutch Golden Age. *Archival Science*, 14(1), 69–93. https://doi.org/10.1007/s10502-013-9210-0.

Lacerda, S. (2012). Prefácio. O soldado Prático e o «Marechal» Afonso. Os arquivos resultam da actividade humana... Em *Arquivos de Família, séculos XII-XX: Que presente, que futuro?* (pp. 11–13). Caminhos Romanos.

Lage, M. O. P. (Org.). (2013). *Correspondência: Jorge de Sena e Mécia de Sena «Vita nuova» (Brasil, 1959-1965)*. CITCEM. https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/13740.pdf.

Lauvernier, Julie (2015). Historiographie, archives, artefact. L'archive de la recherche en situation limite. Em *Frontière d'archives: Recherches, mémoires, savoirs*. Editions des archives contemporaines, pp. 145-154. https://serval.unil.ch/resource/serval:BIB_A2CBA647BB07.P002/REF.pdf.

Leal, C. M. da S. (2016). *Edição digital anotada da correspondência dirigida a Camilo Castelo Branco: Problemas e desafios*. [Relatório de estágio de mestrado em Mediação Cultural e Literária]. https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/44303.

Lefebvre, Muriel, Jolivet, Anne-Claire & Dalle-Nazébi, Sophie (2015). Les écritures ordinaires des chercheurs Em *Frontière d'archives: Recherches, mémoires, savoirs*. Editions des archives contemporaines, pp. 3-16. https://serval.unil.ch/resource/serval:BIB_A2CBA647BB07.P002/REF.pdf.

Leme, M. M. de C. O. R. P. (2013). *Costas com Dom: Família e Arquivo (séculos XV e XVI)* [Doutoramento em História, especialidade de Arquivística Histórica, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa]. https://run.unl.pt/handle/10362/65519.

Lima, L. (2015). *Estratégias de classificação dos arquivos familiares e pesoais contemporâneos: O exemplo do arquivo da família Benito Maçãs.* [Mestrado em Ciências da Informação e da Documentação, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa]. https://run.unl.pt/handle/10362/17163.

Llanes-Padrón, D., & Moro-Cabero, M. (2017). Records in contexts: Un nuevo modelo para la representación de la información archivística en el entorno de la web semántica. *El Profesional de la Información*, *26*(3), 525–533. https://doi.org/10.3145/epi.2017.may.19.

Lopes, F. da S. (2023). *História(s) de uma Casa e de um arquivo: Os Viscondes de Vila Nova de Cerveira, da ascensão à consolidação institucional (séculos XIV-XVII)* [Doutoramento em História, especialidade em Arquivística Histórica,

Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas]. https://run.unl.pt/handle/10362/164643.

Lopes, Q. M. J. (2010). *Portugal – 1940 A Internacionalização dos Cientistas do VIII Congresso do Mundo Português* [Dissertação de Mestrado em Estudos Históricos Europeus, Universidade de Évora]. http://www.rdpc.uevora.pt/handle/10174/11873.

Lopes, Q. M. J. (2017). *A junta de educação nacional (1929/36): Traços de europeização na investigação científica em Portugal* [Doutoramento em História e Filosofia, Universidade de Évora]. https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/21298.

Macedo, L. A. de. (2020). Percursos custodiais dos arquivos de família através dos instrumentos de acesso à informação do arquivo regional e biblioteca pública da Madeira: Uma análise de conteúdo – aspetos sobre a proveniência e ordem original. Em *Herencia cultural y archivos de familia en los archipélagos de la Macaronesia* (Instituto de Estudios Canarios e Instituto de Estudos Medievais), pp. 365-398.

Marques, C. S. F. (2013). Coleção de cartas recebidas pelo Doutor Joaquim de Carvalho: Catálogo. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, 26, 81–107. http://dx.doi.org/10.14195/2182-7974_26_4.

Marques, P. C. (2013). *O Arquivo Castro/Nova Goa: Construção de catálogo. A aplicação do Modelo sistémico* [Dissertação de Mestrado em Ciências da Informação e Comunicação, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa]. https://run.unl.pt/handle/10362/12225.

Mattos, R. de, & Schimidt, C. M. dos S. (2017). Tipologia de documentos «discricionários»: A análise dos glossários de espécies e tipos documentais do Arquivo de História da Ciência do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) e da Fundação Fernando Henrique Cardoso. Em *A Ciência Aberta: O Contributo da Ciência da Informação: Atas do VIII Encontro Ibérico EDICIC* (pp. 1415–1424). http://sci.uc.pt/eventos/atas/edicic2017.pdf.

Mattoso, J. (1988). O arquivo e a construção social do passado. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, 2, 121–132. https://run.unl.pt/handle/10362/5375.

Mauad, A. M. (2015). Fotografia pública e poder. Em *Património de Influência portuguesa: Modos de olhar,* pp. 377–400. Imprensa da Universidade. http://hdl.handle.net/10316.2/37429,

Meehan, J. (2010). Rethinking Original Order and Personal Records. *Archivaria*, 70, 27–44. https://archivaria.ca/index.php/archivaria/article/view/13294.

Mendes, J. A. (1995). A biografia na história. Em *IX Encontro de Professores de História (Caldas da Rainha, 15, 16 e 17 de Maio de 1991): Comunicações* (1.ª edição, pp. 9–19). Gráfica da Ponte.

Moisão, C. (2012, novembro). "1.ª parte. Hospitais Medievais de Lisboa". Histórias da história. *Revista Ordem dos Médicos*, 68–72. https://ordemdosmedicos.pt/files/pdfs/zbVC-Hospitais_Medievais_de_Lisboa.pdf.

Molina Nortes, J. (2002). *La puesta en valor del patrimonio documental científico: Los archivos de los centros de investigación y su difusión a través de internet* (CSIC-Unidad de Recursos de Información Científica para la Investigación (URICI)). http://digital.csic.es/handle/10261/74830.

Mónica, M. F. (2001). *Eça de Queirós*. Círuclo de Leitores.

Moss, M., & Thomas, D. (2019). *Do archives have value?* (CILIP, The Library and Information Association).

Murphy, H. (2016). Common Places and Private Spaces: Libraries, Record-Keeping and Orders of Information in Sixteenth-Century Medicine. *Past & Present*, 230(suppl_11), 253–268. https://doi.org/10.1093/pastj/gtw027.

Namora, F. (sem data). *Retalhos da vida de um médico* (10ª). Editora Arcádia Limitada.

Neves, J., & Monteiro, B. (Eds.). (2016). *Quem faz a história: Ensaios sobre o Portugal contemporâneo* (1a edição). Tinta-da-China.

Nóvoa, A. (Ed.). (1993). *A Imprensa de Educação e Ensino: Repertório analítico (séculos XIX-XX)* (Instituto de Inovação Educacional).

Nóvoa, R. S. da. (2016a). *O Arquivo Gama Lobo Salema e a produção, gestão e usos dos arquivos de família nobre nos séculos XV-XVI* [Doutoramento em História, especialidade de Arquivística Histórica, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa]. https://run.unl.pt/handle/10362/19004.

Nóvoa, R. S. da. (2016b). O Arquivo Gama Lobo Salema (Sécs. XV-XX): Temas e problemas entre a história e a arquivística. Em *Actas do 3.º Congresso Internacional Casa Nobre—Um Património para o Futuro* (pp. 354–369).

Nóvoa, R. S. (2010). *A casa de São Lázaro de Lisboa: Contributos para uma história das atitudes face à doença (Séc. XIV e XV)* [Dissertação de Mestrado em História Medieval, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas]. https://run.unl.pt/handle/10362/4822.

Nóvoa, R. S. (2012). As atitudes face à doença no Portugal dos séculos XIV e XV: a lepra, os leprosos e as leprosarias. Em *Incipit 1: Workshop de Estudos Medievais da Universidade do Porto 2009-2010* (pp. 77–87). Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Biblioteca Digital. https://run.unl.pt/handle/10362/13319.

Nunes, F. (2002). O «público entendimento da Ciência» nos Congressos da Associação para o Progresso das Ciências: Portugal e Espanha. Estratégias e realidades institucionais. *População e Sociedade*, *8*, 231–243.

Nunes, M. de F. (2011). Construção de Identidades Europeias: Os Congressos Científicos, laboratórios de construção de identidades. Breves considerações. *Debater a Europa*, 5, 15–22. https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/7427/1/consrucaoEuroapa_congress.pdf.

Nunes, M. de F. (2012a). Cientistas em Acção: Congressos, Práticas Culturais e Científicas (1910-1940). Em *República, Universidade e Academia* (pp. 291–312). Almedina Editora. http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/7378.

Nunes, M. de F. (2012b). *Portugal – Brasil. 1808. Trânsito de saberes*. http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/7379.

Nunes, M. de F. (2014, outubro 15). *Sociedades, Congressos, Exposições* [bookPart]. Assembleia da República. http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/13354.

Nunes, M. de F. (2016). *Congressos Internacionais: Práticas científicas e culturais* (pp. 11–17). Universidade de Aveiro. http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/20082.

Nunes, M. de F., & Cunha, N. (2005). *Imagens da Ciência em Portugal, séc. XVIII-XX*. Ed. Caleidoscópio. http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/13339.

Nunes, M. de F., & Guelha, V. (2004). *Ideia Científica de Europa. Metrologia, memória e ciência em Évora*. Ed. Caleidoscópio. http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/13344.

Nunes, M. F., Salgueiro, Â., Rollo, M. F., & Lopes, Q. (2014). *Internacionalização da Ciência. Internacionalismo Científico*. Caleidoscópio. http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/13342.

Núñez Pestano, J. R., Rosa, M. de L. P., & Gutiérrez de Armas, J. (2020). *Herencia cultural y archivos de familia en los archipiélagos de la Macaronesia*. Instituto de estudios canarios: Instituto de estudos medievais: FSCH Universidade Nova de Lisboa.

Ó, J. R. do. (2003). *O governo de si mesmo*. Educa.

Ochôa, P., & Pinto, M. L. B. G. (2019). Debater a visão europeia sobre competências de informação - documentação: Perspetivas, estratégias e posicionamentos. *Ciência da Informação*, 48(2), 25–40. https://run.unl.pt/handle/10362/94469.

Oestreicher, C. (2013). Personal Papers and MPLP: Strategies and Techniques. *Archivaria*, 76, 93–110. https://archivaria.ca/index.php/archivaria/article/view/13460.

Oliveira, L. M. V. de, & Oliveira, I. C. B. de. (2017). Representação arquivística e a conceituação dos tipos documentais nos arquivos pessoais. Em *A Ciência Aberta: O Contributo da Ciência da Informação: Atas do VIII Encontro Ibérico EDICIC* (pp. 1573–1578). http://sci.uc.pt/eventos/atas/edicic2017.pdf.

Paiva, J. P., Jorge, A. M. C. M., Universidade Católica Portuguesa, & Centro de Estudos de História Religiosa. (2002). *Portugaliae Monumenta Misericordiarum*. União das Misericórdias Portuguesas, volume 1. http://hdl.handle.net/10400.14/8630.

Palá, M. R. (1988). Automatización de los instrumentos de descripción de un archivo personal: La correspondencia de Joaquín Costa conservada en el Archivo Histórico Provincial de Huesca. *Boletín de la ANABAD*, 38(4), 541–548. https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=798928.

Pearce-Moses, R. (2005). *A glossary of archival and records terminology*. Society of American Archivists. http://files.archivists.org/pubs/free/SAA-Glossary-2005.pdf.

Pereira, C. H. (2017). *«Isto é o meu país[...] as Caldas a minha terra». Refugiados da Segunda Guerra Mundial nas Caldas da Rainha (1940-1946)* [Dissertação de

Mestrado em História apresentada à Faculdade de Letras, FLUC]. https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/85328.

Pereira, E. de J. dos S. (2017). *Actores, colecções e objectos: Coleccionismo arqueológico e redes de circulação do conhecimento - Portugal, 1850-1930* [Doutoramento em História e Filosofia da Ciência, especialidade de Museologia, Universidade de Évora]. http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/21555.

Pereira, J. M. (2012). *O CAPI sobre uma perspectiva operacional e disciplinar durante a Grande Guerra* [Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada]. https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/6864.

Pereira, Z. M. C. (2018). *O universo dos arquvios pessoais em Portugal: Identificação e valorização* [Doutoramento em Ciências da Informação e Documentação, Universidade de Évora], Volume 1. http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/23260?mode=full.

Pestana, O., Ribeiro, F., & Silva, A. M. da. (2014). *Medicina e informação: Olhares luso-brasileiros*. Afrontamento.

Pilão, C. e Tacão, S. (2011). A profilaxia da sífilis em Portugal (1900-1940): suportes de propaganda. Em *Clínica, arte e sociedade: A sífilis no Hospital do Desterro e na saúde pública*. Imprensa de Ciências Sociais, pp. 175-196. https://repositorio.ul.pt/handle/10451/20068.

Pinheiro, S. (2016, novembro, 17). Centro Português de Fotografia acolhe obra de Joaquim Gomes Ferreira Alves. *Público*. Obtido 17 de janeiro de 2020, de https://www.publico.pt/2016/11/17/local/noticia/cpf-acolhe-obra-de-joaquim-gomes-ferreira-alves-1751371.

Pinho, J. C. S. (2023). *A Atividade do Médico e Cirurgião Bissaya-Barreto nos Hospitais da Universidade de Coimbra, 1911-1956: Contributos para a História da Medicina e Cirurgia em Portugal* [Tese de Doutoramento em Estudos Contemporâneos apresentada ao Instituto de Investigação Interdisciplinar, Universidade de Coimbra]. https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/114370.

Pires, L. A. (2024). "Combater a fome oculta: entendimentos médicos sobre consumos alimentares e bem-estar em Portugal no século XX". *Revista de História das Ideias.* Vol. 42, 2.ª Série: Neofascismo e direitas radicais no pós-II Guerra Mundial, pp. 229-253. https://doi.org/10.14195/2183-8925_42_10.

Pita, J., & Pereira, A. L. (2011, novembro). Saúde e doença na Beira Interior na obra Portugal Sanitário (1937) Fernando da Silva Correia. Medicina na Beira Interior da Pré-História ao Século XXI. *Cadernos de Cultura*, 25, 49–64. https://biblioteca.cm-castelobranco.pt/media/gh3nlkio/n25.pdf.

Poirier, J., Clapier-Valladon, S., & Raybaut, P. (1999). *Histórias de vida. Teoria e prática* (2.ª edição). Celta Editora.

Pousinho, N. (2019). Research on nineteenth-century caciquismo and the significante of family archives. Em *Recovered voices, newfound questions: Family and historical research.* Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 279–286. https://ucdigitalis.uc.pt/pombalina/item/67609.

Proceedings of the International Conference on Scientific Information: Two Volumes (1959). National Academies Press. https://doi.org/10.17226/10866.

Puentes-Cala, M. (2022). Archivística e historia: Un diálogo por el deber de recordar y el derecho a saber. *e-Ciencias de la Información,* 12(1). https://doi.org/10.15517/eci.v12i1.48172.

Ramos, R. (1994). *História de Portugal*. Círculo de leitores.

Reaume, G., & Craig, B. L. (1996). Medical Archives: An Update of the Spadoni Bibliography, 1986-1995. *Archivaria*, 41, 121–157. https://archivaria.ca/index.php/archivaria/article/view/12130.

Reis, C. V. (2021). Os Médicos. Em *O Exército e a Saúde Militar na Primeira Guerra Mundial: Memórias e progressos* (pp. 157–187). Biblioteca do Exército.

Reis, J. P. (1981). Fernando da Silva Correia. *Arquivos do Instituto Nacional de Saúde*, *VI*, 146–152.

Ribeiro, F. (1998). *O acesso à informação nos arquivos*. [Dissertação de doutoramento em Arquivística da Faculdade de Letras da Universidade do Porto] https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/7058.

Ribeiro, F. (2009). Medicina e Ciência da Informação: Uma abordagem integradora e interdisciplinar. Em *A Medicina na Era da Informação* (pp. 111–125).

Ribeiro, J. (2018). A «vida nova» de Fernando da Silva Correia na Grande Guerra. Em *Cadernos de Estudos Leirienses* (Vol. 16, pp. 55–76). Textiverso.

Ribeiro, J. B. (2023). Entre as «Casas de Bem-Fazer»: O Lactário-creche Rainha D. Leonor. *Anais Leirienses: estudos & documentos*, *15*, 205–220.

Ribeiro, J. B. (2024). «Mais cem, cem assuntos!»: A correspondência no Arquivo Pessoal e Familiar Fernando da Silva Correia. Em *Atas do 6º Congresso Casa Nobre: Um Património para o Futuro* (Município de Arcos de Valdevez). https://drive.google.com/drive/folders/1czg6d8Nj7LQDXkhqzUkqQw5C2q8ifMf1.

Ribeiro, J. C. B. (2018). *"Há correias que imprimem movimento": O espólio de Fernando da Silva Correia (1893-1966)* [Trabalho de Projecto em Património, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa]. https://run.unl.pt/handle/10362/56277.

Rodrigues, A. (2007). *Entre o público e o privado: A génese do Arquivo do Conde da Barca (1754-1817)* [Dissertação de Mestrado em História das Instituições e Cultura Moderna e Contemporânea, Universidade do Minho]. https://www.academia.edu/28942407/Entre_o_público_e_o_privado_a_génese_do_arquivo_do_Conde_da_Barca_1754_1817_Dissertação_de_Mestrado_em_História_Moderna_e_Contemporânea_2007_.

Rodrigues, A. (2017). Os arquivos pessoais e familiares em Portugal: Uma reflexão crítica dos últimos vinte anos. *Actas I Encontro Da Fundación Olga Gallego: Arquivos Privados de Persoas e Familias. Unha Ollada á Fundación Penzol. Galiza: FOG*. https://www.academia.edu/36202341/Os_arquivos_pessoais_e_familiares_em_Portugal_uma_reflex%C3%A3o_cr%C3%ADtica_dos_%C3%BAltimos_vinte_anos.

Rodrigues, A. C. (2011). Identificação: Uma nova função arquivística? *EDICIC*, 1(4), 109–129. https://www.researchgate.net/publication/379231213_Identificacao_uma_nova_funcao_ArquivisticaIdentification_a_new_Archival_Science_functionIdentificacion_una_nueva_funcion_Archivistica.

Rodrigues, A., & Munhoz, R. (2016). Brasil e Portugal no Antigo Regime: A correspondência pessoal como veículo da cultura iluminista (1808-1817) - uma abordagem a partir do arquivo pessoal do Conde da Barca. *LaborHistórico*, *2*(1), 91. https://doi.org/10.17074/lh.v2i1.319.

Rodrigues, A. P. G. R. P. (2013). *Da assistência aos pobres aos cuidados de saúde primários em Portugal: O papel da enfermagem: 1926-2002*. [Doutoramento em

Saúde Pública. Especialidade em Política, Gestão e Administração da Saúde da Escola Nacional de Saúde Pública. Universidade Nova de Lisboa]. https://run.unl.pt/handle/10362/10616.

Rodrigues, H. (2017). "Correspondência familiar. Uma fonte para a história da vida privada". *Actas do 4.º Congresso Internacional Casa Nobre – Um património para o futuro*. Município de Arcos de Valdevez, pp. 501-522. https://drive.google.com/drive/folders/18mzMZVlG0vT7yEyjwXZp_r0Sh4BC7afv.

Rodrigues, L., & Amorim, I. (2018). A importância do estudo, organização e disponibilização de arquivos de cientistas para a História do Ambiente: Rui Serpa Pinto do Museu de História Natural da Universidade do Porto. *CEM Cultura, Espaço & Memória*, *0*(7), Artigo 7. http://ojs.letras.up.pt/index.php/CITCEM/article/view/4720.

Rodrigues, L. P. N. (2015). *O Arquivo Serpa Pinto, da Universidade do Porto—Um seguro contra o esquecimento* [Relatório de estágio do Mestrado em História e Património, ramo de Arquivos Históricos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto]. https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/81990.

Rodrigues, Luís Nuno, Tavares, M., & Serra, J. B. (1993). *Terra de Águas: Caldas da Rainha, História e Cultura* (Câmara Municipal das Caldas da Rainha).

Rollo, M. F., Meireles, P., Ribeiro, M., & Brandão, T. (2012). História e Memória da Ciência e da Tecnologia em Portugal. O Arquivo de Ciência e Tecnologia da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, 25, 233–261. https://doi.org/10.14195/2182-7974_25_10.

Romano, T. M. (Author). (2002). *Making Medicine Scientific: John Burdon Sanderson and the Culture of Victorian Science*. The Johns Hopkins University Press.

Rosa, M. de L. (2012a). Apresentação. Arquivos de família: Para um roteiro de temas e problemas. Em *Arquivos de família, séculos XIII-XX: Que presente, que futuro?* (pp. 15–30). Caminhos Romanos.

Rosa, M. de L. (Ed.). (2012b). *Arquivos de família, séculos XIII-XX: Que presente, que futuro?* IEM : CHAM : Caminhos Romanos.

Rosa, M. de L. (2012c). Os espelhos e os seus outros lados. Inventários e gestão da informação documental do Viscondado de Vila Nova de Cerveira/ Marquesado

de Ponte de Lima e família Brito-Nogueira. Em *Arquivos de Família, séculos XIII-XX: Que presente, que futuro?* (pp. 571–596). Caminhos Romanos.

Rosa, M. de L. (2017). Reconstruindo a produção, documentalização e conservação da informação organizacional pré-moderna: Perspetivas teóricas e proposta de percurso de investigação. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, *30*, 547–586. https://doi.org/10.14195/2182-7974_30_10.

Rosa, M. de L. (2024). História, Ciências sociais e humanas, Ciência arquivística, Ciência da informação. Caminhos para a criação de espaços científicos comuns. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, Extra 1, 209–273. https://www.google.com/search?q=Caminhos+para+a+cria%C3%A7%C3%A3o+de+espa%C3%A7os+cient%C3%ADficos+comuns.&rlz=1C1FCXM_pt-PTPT952PT952&oq=Caminhos+para+a+cria%C3%A7%C3%A3o+de+espa%C3%A7os+cient%C3%ADficos+comuns.&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOdIBBzM5NWowajSoAgCwAgE&sourceid=chrome&ie=UTF-8.

Rosa, M. de L. (coord.), Nóvoa, R. S. da (coord.), Gago, A. B. (coord.), & Câmara, M. J. da (coord.). (2019). *Recovered voices, newfound questions: Family archives and historical research* (1.ª ed.). Imprensa da Universidade de Coimbra. https://doi.org/10.14195/978-989-26-1794-7.

Rosa, M. de L., & Nóvoa, R. S. da. (2014). *Arquivos de Família: Memórias Habitadas. Guia para a salvaguarda e estudo de um património em risco* (IEM). https://iem.fcsh.unl.pt/ebooks/instrumentos1/4/#zoom=z.

Rosa, M. L., & Nóvoa, R. S. (2018). Arquivística histórica e arquivos de família, entre história e ciência arquivística: Reflexões sobre um percurso científico e académico. *Revista Portuguesa de História*, *49*, 97–119. https://doi.org/10.14195/0870-4147_49_4.

Sá, I. dos G. (2013). *De princesa a rainha-velha. Leonor de Lancastre*. Círculo de Leitores.

Saldanha, A. R. de. (2012). O Arquivo Rio Maior. Em *Arquivos de Família, séculos XIII-XX: que presente, que futuro?* (pp. 89–98). Editora Caminhos Romanos.

Salgueiro, Â. (2018). *Ciência e Universidade na I República* (1ª). Caleidoscópio. https://doi.org/10.30618/978-989-658-493-1.

Sampaio, M. da L. B. (2015). *Da fábrica para o museu: Identificação, patrimonialização e difusão da cultura tecnico-industrial* [Doutoramento em História e Filosofia da

Ciência, especialidade de Museologia, Universidade de Évora]. https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/16426.

Sánchez, A., Costa, P. F. da, & Leitão, H. (Eds.). (2021). *Novos horizontes sécs. XV-XVII* (1a edição). Tinta da China.

Santos, C. A. da S. (2021). *Correspondência de intercâmbio científico no arquivo familiar de António de Barros Machado e Dora Lustig: Estudo de organização e representação de informação* [Dissertação de Mestrado em Ciências da Documentação e Informação]. https://repositorio.ul.pt/handle/10451/50012.

Santos, D. (2019). Fernando da Silva Correia e António Montês: Impressões sobre um museu para as Caldas. *Anais Leirienses: estudos & documentos*, 3, 185–206.

Santos, D., & Couto, M. T. do (Eds.). (2013). *Liga dos Amigos do Museu José Malhoa: Como nasce um museu* (Liga dos Amigos do Museu José Malhoa).

Santos, M. de L. C. L. dos. (1988). *Intelectuais portugueses na primeira metade de oitocentos*. Editorial Presença.

Santos, M. I. R. dos. (2022). *Marie-Thérèse Cécile Lévêque e o Instituto de Serviço Social (1935-1946): História e memória* [Doutoramento em Serviço Social, Universidade Católica Portuguesa]. https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/37776.

Saracevic, T. (2009). Information science. Em *Encyclopedia of Library and Information Science* (pp. 2570–2586). Taylor & Francis.

Saramago, J. (2014). *As intermitências da morte* (1. ed). Porto Ed.

Serra, J. B. (1991). *Arte e indústria na cerâmica caldense (1853-1977)* (1. ed). Património Histórico, Grupo de Estudos da Casa de Cultura das Caldas da Rainha.

Serra, J. B. (1995, fevereiro). *Dossier sobre a associação Património Histórico—Grupo de Estudos*. Arquivo da Associação Património Histórico - Grupo de Estudos.

Serra, J. B. (2003). *21 anos, pela História: Caldas da Rainha estudos, notas e documentos*. Grupo de Estudos.

Serra, J. B., & Cândido, P. (1995). Fernando da Silva Correia e Pergaminhos das Caldas. Em *Pergaminhos das Caldas* (Património Histórico-Grupo de Estudos, pp. ix–xxxi).

Shepherd, E. (2017). Archival Science. Em *Encyclopedia of Library and Information Sciences* (pp. 166–178). Taylor & Francis.

Shortt, S. (1980). The New Social History of Medicine: Some Implications for Research. *Archivaria*, 10, 5–22. https://archivaria.ca/index.php/archivaria/article/download/10807/11704/12409.

Sigrist, R., & Widmer, E. D. (2011). Vínculos de formación y transmisión del conocimiento en la botánica del siglo XVIII: Un análisis de redes sociales. *Redes. Revista hispana para el análisis de redes sociales*, *21*(2), Artigo 2. https://doi.org/10.5565/rev/redes.422.

Silva, A. M. D. (2017). De Vossa Excelência admirador e servo humilde: Catálogo da Correspondência recebida de Júlio Máximo de Oliveira Pimentel, 2º Visconde de Vila Maior (1851-1884). *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, *30*, 161–374. https://doi.org/10.14195/2182-7974_30_3.

Silva, A. M. D., Gonçalves, T., & Gouveia, A. C. (2014). Catálogo de correspondência recebida por Augusto Goltz de Carvalho (1878-1914): Reunião intelectual de documentos fisicamente dispersos. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, *27*, 77–257. http://dx.doi.org/10.14195/2182-7974_27_3.

Silva, A. M. da. (2004). Arquivos familiares e pessoais. Bases científicas para aplicação do modelo sistémico e interactivo. *Ciências e Técnicas do Património*, I(III), 55–84. https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/8111.

Silva, A. M. da. (2015). Information management as cross-sectional and interdisciplinary area: Different perspectives and strategic importance of "informational typology". Em *Information Management: Selected Papers from Coletânea Luso-Brasileira* (pp. 9–48). Universidade do Porto. https://sigarra.up.pt/ffup/en/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=103574.

Silva, A. M. D. da. (2022). *O sistema de informação Jardim Botânico da Universidade de Coimbra: Perspetiva sistémica e visão holística da informação* [Tese de Doutoramento em Ciência da Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra]. https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/100364.

Silva, A. M. da, Ribeiro, F., Ramos, J., & Real, Manuel. (1999). *Arquivística: Teoria e prática de uma ciência da informação: Vol. I*. Edições Afrontamento.

Silva, C. G. da. (2020). "O lugar dos 'Arquivos Pessoais' na Arquivística Internacional". *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra,* Vol. XXXIII, N.º 2, pp. 95-108. https://doi.org/10.14195/2182-7974_33-2_4.

Silva, M. M. P. da. (2016). Notícias da guerra na correspondência de Mário de Sá-Carneiro. *Anuário de Literatura*, *21*(2), Artigo 2. https://doi.org/10.5007/2175-7917.2016v21n2p12.

Silva, T. R. da (2017). *A primeira escola de Serviço Social em Portugal: O projeto educativo fundador e a configuração do campo de conhecimento (1935-1955)*. [Tese de doutoramento em Serviço Social, Universidade Lusíada de Lisboa]. http://repositorio.ulusiada.pt/handle/11067/2695.

Silva, T. R. da, & Machado, H. (2019). Fernando da Silva Correia e a primeira escola de Serviço Social em Portugal. *Anais Leirienses: estudos & documentos*, *3*, 207–225.

Silva, M. C. S. de M. e. (2007). *Visitando laboratórios: O cientista e a preservação de documentos* [Doutorado em História Social, Universidade de São Paulo]. https://doi.org/10.11606/T.8.2007.tde-18102007-141253.

Silva, M. C. S. de M. e, & Barboza, C. Helena da M. (Eds.). (2012). *Acervos de ciência e tecnologia no Brasil: Preservação, história e divulgação*. Museu de Astronomia e Ciências Afins. https://www.gov.br/mast/pt-br/imagens/publicacoes/2012/livro_acervos_de_ciencia_e_tecnologia.pdf.

Silva, M. C. S. de M. e, & Trancoso, M. C. D. (2015). Produção documental de cientistas e a história da ciência: Estudo tipológico em arquivos pessoais. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 22(3), 849–861. https://doi.org/10.1590/S0104-59702015000300011.

Silva, M. C. S. M. e (Ed.). (2018). *Da minha casa para todos: A institucionalização de acervos bibliográficos privados*. Museu de Astronomia e Ciências Afins. https://daminhacasaparatodos.icict.fiocruz.br/sites/daminhacasaparatodos.icict.fiocruz.br/files/LIVRO_Da%20minha%20casa%20para%20todos.pdf.

Silva, P. A. (2012). *O príncipe perfeito e a saúde do reino (Portugal século XV)* [Doutorado em História, Universidade Federal Fluminense]. http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2012_Priscila_Aquino_Silva.pdf.

Silva, S. C. (2014). Reynaldo dos Santos (1880-1970): Entre o internacionalismo científico e o «diletantismo» artístico. Em *Internacionalização da ciência. Internacionalismo científico* (pp. 151–162). Caleidoscópio.

Simões, A., Lourenço, M. C., & Silva, J. A. (Eds.). (2021). *Razão e progresso séc. XVIII* (1a edição). Tinta da China.

Soares, A. P. A., Pinto, A. L., & Silva, A. M. da. (2015). O paradigma pós-custodial na Arquivística. *Páginas a & b: Arquivos & Bibliotecas*, 3(4), 22–39. https://ojs.letras.up.pt/index.php/paginasaeb/article/view/996.

Sobral, J. M. (2019). Catástrofe e silêncio: A epidemia da Pneumónica em Portugal no seu tempo e no espaço e no espaço da recordação. Em *Centenário da Gripe Pneumónica: A Pandemia em Retrospetiva, Portugal 1918-1919*, 21–36. https://repositorio.ulisboa.pt/handle/10451/40612.

Sobral, J. M., Lima, M. L., Castro, P., & Sousa, P. S. e (Eds.). (2009). *A pandemia esquecida: Olhares comparados sobre a pneumónica 1918-1919* (1a ed.). Imprensa de Ciências Sociais.

Sousa, J. P. de. (2018). *Bissaya Barreto: Ordem e progresso*. Almedina.

Sousa, I. C. (2002). *A rainha D. Leonor (1458-1525): Poder, misericórdia, religiosidade e espiritualidade no Portugal do Renascimento* (Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia).

Sousa, M. J. (2017). *O Arquivo da casa de Belmonte séculos XV-XIX: Identidade, gestão e poder* [Doutoramento em História, especialidade de Arquivística Histórica, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa]. https://run.unl.pt/handle/10362/26855.

Souza, M. V. B. de, & Flores, D. (2020). Possíveis impactos do modelo Records in Contexts para os usuários de arquivos. *Acervo*, 33(3), Artigo 3. https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/1553.

Souza, L. V. (2011). "Preservar e divulgar. Uma resposta colectiva para o futuro: APAHP - Associação Portuguesa dos Arquivos Históricos Privados". *Actas do 3º Congresso Casa Nobre: um Património para o Futuro.* Município de Arcos de Valdevez, pp. 589-591. https://drive.google.com/drive/u/0/folders/0B7gTbanG6F6MTVNlTnJEZ3dUUWM?resourcekey=0-z3R4d07c9sb7RYfCqCgfUQ.

Sowemimo, A. (2023). *Divided: Racism, medicine and why we need to decolonise healthcare*. Profile Books: Wellcome Collection.

Steinke, H., & Stuber, M. (2004). Medical correspondence in early modern Europe. An introduction. *Gesnerus*, 61, 139–160. https://www.academia.edu/33663076/Medical_correspondence_in_early_modern_Europe_An_introduction.

Subtil, C. L., & Vieira, M. (2012, julho). História e Memória. Os Tratados de Polícia, fundadores da moderna saúde pública (1707-1956). *Revista de Enfermagem Referência*, III Série (7), 179–187. https://web.esenfc.pt/rr/index.php?module=rr&target=publicationDetails&pesquisa=&id_artigo=2314&id_revista=9&id_edicao=46.

Svicero, T. J. (2013). Os arquivos pessoais e sua importância como patrimônio documental e cultural. *História e Cultura*, *2*(1), 221. https://doi.org/10.18223/hiscult.v2i1.869.

Thomassen, T. (2015). "Archival Science". *Encyclopedia of Archival Science*. Rowman & Littlefield, pp. 84-86.

Tognoli, N. B., & Guimarães, J. A. C. (2011). A organização do conhecimento arquivístico: Perspectivas de renovação a partir das abordagens científicas canadenses. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 16(1), 21–44. https://doi.org/10.1590/S1413-99362011000100003.

Tornada, J., & Barroso, C. (2020). *Rostos da união* (Património Histórico-Grupo de Estudos; União de Freguesias das Caldas da Rainha, Santo Onofre e Serra do Bouro).

Trancoso, M. C. D., & Silva. (2013). Identificação de tipos documentais em arquivos pessoais: Estudo no Arquivo do físico Joaquim da Costa Ribeiro. *Revista Arquivo e Administração*, 12*(*2), 52–75. https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/50387.

Trancoso, V. (2009). *Grandela e a Foz do Arelho* (Património Histórico-Grupo de Estudos).

Troitiño, S., & da Fonseca, G. A. (2016). A aplicabilidade da identificação documental em arquivos pessoais: Uma reflexão. *Ibersid: revista de sistemas de información y*

documentación = journal of information and documentation systems, 10(1), 33–40. https://brapci.inf.br/v/167790.

Urbano, P. (2019). Women writing and family archives: The missing story. Em *Recovered voices, newfound questions: Family archives and historical research* (pp. 287–297). Imprensa da Universidade de Coimbra. https://ucdigitalis.uc.pt/pombalina/item/67609.

Varela, R., Rosa, E., Kennedy, P., Leys, C., Player, S., & Huws, U. (2019). *História do Serviço Nacional de Saúde em Portugal: A saúde e a força de trabalho, do estado novo aos nossos dias*. Âncora Editora. https://raquelcardeiravarela.wordpress.com/wp-content/uploads/2020/03/histc3b3ria_sns_portugal_raquelvarela.pdf.

Veloso, A. J. B. (2017). *Médicos e Sociedade.Para uma História da Medicina em Portugal no século XX* (1ª edição). By the book.

Veloso, A. J. de B. (2008). *Medicina e outras coisas*. Gradiva.

Vicente, F. L. (2015). Que imagens contam o que foi a Grande Guerra? Em *Portugal e a Grande Guerra: Contextos e protagonistas* (pp. 85–94). Pentaedro, Lda.

Vidal, A. M. da S. (2011). *O Arquivo Pessoal do Escritor Alberto Mário de Sousa Costa (1879-1961)* [Dissertação de Mestrado em Ciências da Informação e da Documentação da Universidade Fernando Pessoa]. https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/3822.

Vivas, D. (2012). *Mário Alberto Nunes Costa: A acção arquivística e bibliotecária. [*Dissertação de Mestrado em Ciências da Informação e da Documentação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa]. https://run.unl.pt/handle/10362/10173.

Walsham, A. (2016). The Social History of the Archive: Record-Keeping in Early Modern Europe. *Past & Present*, 230(suppl_11), 9–48. https://doi.org/10.1093/pastj/gtw033.

Woodham, A., King, L., Gloyn, L., Crewe, V., & Blair, F. (2017). We Are What We Keep: The “Family Archive”, Identity and Public/Private Heritage. *Heritage & Society*, *10*(3), 203–220. https://doi.org/10.1080/2159032X.2018.1554405.

Wulf, A. (2016). *A invenção da natureza: As aventuras de Alexander von Humboldt, o herói esquecido da ciência* (P. Vidal, Trad.; 1.a edição). Temas e Debates.

Xavier, I. (2012). Prefácio. Em *Memórias das Caldas da Rainha (1484-1884).* Textiverso, pp. vii-x.

Yakel, E. (2009). Archival representation. Em *Archives, documentation and institutions of social memory: essays from the Sawyer Seminars* (pp. 151–163). The University Michigan Press.

Yeo, G. (2009). Custodial History, Provenance, and the Description of Personal Records. *Libraries & the Cultural Record*, 44(1), 50–64. https://www.jstor.org/stable/25549536.